

UNESP - Biblioteca
Número: 02050
Título/Tema: 1084

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO.	Revista do Brasil.	1
PEDRO LESSA <small>da Academia Brasileira</small>	O preconceito das reformas constitucionaes	6
ADOLPHO PINTO	O Centenario da Independencia	12
L. P. BARRETO	O ultimo passo da cirurgia.	19
ALBERTO DE OLIVEIRA. <small>da Academia Brasileira</small>	A rima e o rythmo	24
AMARAL AMARAL	O elogio da mediocridade	31
VALDOMIRO SILVEIRA.	Desespero de Amor	36
JOSÉ VERISSIMO <small>da Academia Brasileira</small>	O modernismo.	43
VICTOR DA SILVA FREIRE	Factos e idéas	53
COLLABORADORES.	Resenha do mez.	64

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 1 - ANNO I

VOL. I

JANEIRO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



20284



RESENHA DO MEZ— O Codigo Civil Brasileiro, *P. B.*— **Movimento literario:** — Lendas e tradições — Machado de Assis — **Bellas Artes:** — Pintura e escultura, *P.* — **Revistas e Jornaes:** — As revistas no Brasil; a “Semana”; a nossa situação internacional. — As revistas nos Estados Unidos. — Solidariiedade Commercial e de instituições das republicas do hemispherio occidental. — A alimentação das crianças. — Guerra ao alcool — Os literatos italianos e a guerra — O organisador da “Triplice-entente” — As mulheres japonezas e a politica — Aphorismos—As mentiras da “réclame” — **Collaboradores da “Revista do Brasil”** — **Sciencias e Artes:** — O telephone sem fios — Automoveis amphibios = A acustica nas salas — As cidades-jardins, *X.* — **As caricaturas do mez.**

A “REVISTA DO BRASIL” só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANDNYMA

L. P. BARRETO
DIRECTORES: JULIO MESQUITA
ALFREDO PUJOL

REDACTOR CHEFE: PLINIO BARRETO

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
EXTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
CAIXA POSTAL, 1373 - TELEPHONE, 4210

S. PAULO



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



O MELHOR
REMEDIO
CONTRA
os
CALLOS
E' O

Esta verdade attestada

por innumeras pessoas, é corroborada pelo *exmo. sr. C.º Paulo Orozimbo de Azevedo*, ex-administrador dos Correios de S. Paulo

Declaro que desde que uso o Calçado Villaca tenho gozado de grande allivio no soffrimento proveniente dos callos, pelo que tenho aconselhado ás pessoas de minhas relações para que experlmentem essa exçellente calçado.

Paulo Orozimbo de Azevedo.

Deposito no triângulo

Companhia Calçados VILLAÇA

Rua Direita N 6-A = S. PAULO

TINOCO MACHADO & Co.

RUA LIBERO BADARÓ N. 52, 1.º ANDAR
TELEPHONE N. 3558

SÃO PAULO

UNICOS VENDEDORES, NESTE ESTADO, DAS SUPERIORES VELAS

BRASILEIRA, YPIRANGA,

PAULISTA, COLOMBO,

BICHO, PEQUENAS

E DEMAIS PRODUCTOS DA

“COMPANHIA LUZ STEARICA”

DO RIO DE JANEIRO

Henry Rogers Sons & Co. Ld.

SÃO PAULO

Rua da Quitanda N. 17^A = Caixa N. 220

Desnatadeiras “**Baltic**”

Moinhos para café e milho

Arados, Cultivadores “**Planet**”

Bombas de todos os typos,

Correias de Sola e Balata

EIXOS de Transmissões, Polias =====

===== Machinas para Serrarias,

Machinas para furar ferro, Tornos Mechanicos

MOTORES

a Gazolina, Kerozene e a Vapor

FOLES, FORJAS, BIGORNAS

OLEOS DE LUBRIFICAÇÃO

Companhia Mechanica e Importadora

de S. Paulo

IMPORTAÇÃO, COMMISSÕES,
CONSIGNAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Endereço Telegraphico "MECHANICA"

Caixa Postal, 51 **SÃO PAULO**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 36

SANTOS

Rua de Santo Antonio, 108 e 110

RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 25

IMPORTAÇÃO em geral e fabricação de artigos e machinismos para Industrias e Lavoura. Materiaes para Estradas de Ferro e Construcções. Fabrica de material de barro vidrado. **Agentes geraes para o Brasil dos afamados automoveis "FIAT"**. Agentes exclusivos para a venda dos productos das Companhias SILEX e PAULISTA de louça esmaltada. Representantes da afamada fabrica de vapores "ROBEY".

LONDRES: Broad Street House-New Broad Street, London E. C.

Officinas Mechanicas, Garage, Fundição e Depositos:
Ruas Mons. Andrade e Americo Brasiliense (Braz) :: S. PAULO

REVISTA DO BRASIL

Em qualquer outro paiz, onde a cultura intellectual estivesse mais disseminada e os laços moraes menos afrouxados, o programma de uma revista, como esta, poderia ser traçado em duas linhas rapidas, claras e ineisivas. Se o titulo não dissesse expressivamente o que ella ia ser, dil-o-iam, com bastante eloquencia, os nomes sob cujo patrocínio apparecesse.

No Brasil não é, nem póde ser assim. A complicação, o emaranhado das nossas florestas retrata-se, até certo ponto, na trama das nossas idéas e na organização da nossa vida. Nenhum de nós é o homem de uma só profissão e o cerebro de eada um de nós é um laboratorio, em actividade incessante, para onde se canalizam, em tumulto, em atropelo, as idéas mais descontraçadas, na ancia de uma fusão que nunca se opera ou, quando se opera, nunca logra ser perfeita. Em sciencia, em arte, em politica e no mais vivemos a pôr o pé em todas as veredas em que se estrella a encruzilhada de hesitações de onde raro nos afoitamos a partir, rasgando por uma dellas, e onde, frequentemente, nos deixamos tombar, certos de que fizemos trabalho fecundo, amortalhados na illusão doirada de uma gloria facil e passageira, quando toda a nossa agitação não foi mais do que a de uma folha solta que o vento ergueu na espiral do redemoinho, reluziu um instante aos beijos do sol e rolou de novo — e para sempre — no seio da poeira de onde saiu.

Por traz de um nome ou de um titulo póde pois, entre nós, haver tudo como póde não haver nada. Cumpre, para evitar surpresas, dizer o que ha.



O que ha por traz do titulo desta Revista e dos nomes que a patrocina é uma coisa simples e immensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de constituir um nucleo de propaganda nacionalista. Ainda não somos uma nação que se conheça, que se estime, que se baste, ou, com mais acerto, somos uma nação que ainda não teve o animo de romper sósinha para a frente numa projecção vigorosa e fulgurante da sua personalidade. Vivemos desde que existimos como nação, quer no Imperio quer na Republica, sob a tutela directa ou indirecta, senão politica ao menos moral do estrangeiro. Pensamos pela cabeça do estrangeiro, vestimo-nos pelo alfaiate estrangeiro, comemos pela cozinha estrangeira e, para coroar essa obra de servilismo colectivo, calamos, em nossa patria, muitas vezes, dentro dos nossos lares, a lingua materna para falar a lingua do estrangeiro!

A nossa vida é, no seu aspecto geral, e de um certo periodo para cá, a marcha, incerta e lenta, desgraciosa e constrangida, de um povo que a cada passo que avança, se volta, inquieto, para o estrado de onde o estrangeiro o está contemplando a procurar, na maseara fria dos espectadores indifferentes, o sorriso de approvação que lhe dê alento para seguir...

A nossa historia, com dois ou tres lances de epopéa dos quaes o maior e mais bello é talvez a arremettida dos bandeirantes para o sertão, é, no seu conjuncto, o romance incolor, monotono e fastidioso de uma nação obscura e canhestra que parece implorar perdão ás demais de ser independente e grande.

Desapego á vida, lume no espirito e generosidade no coração tudo isto nos sobra. Tudo isto, porém, de nada, ou de muito pouco nos vale porque, até hoje, ora mais, ora menos, nos tem faltado uma coisa que é a mola real de todos os triumphos assim dos individuos como das nações: a consciencia do nosso valor.

A nossa modestia, o nosso apagamento, como nação, a humildade atteneiosa e reconhecida com que acolhemos tudo, o bom e o mau, que de fóra nos vem, a soffreguidão com que vamos pedir ao estrangeiro o que elle nos não offerece, revelam, pela sua expressão,



um estado morbido que é necessario combater. As nações não hão de ser soberbas e jactanciosas, mas tambem não podem apartar-se dessa austera dignidade, desse nobre respeito pela própria personalidade que lhes permite, no commercio de idéas e de serviços com as outras nações, manterem-se no mesmo nivel que ellas.

O nosso povo precisa aprender, ou recordar, que ha, no seu sangue e na sua tradição, essa força imponderavel que nos leva naturalmente, insensivelmente para os eimos, que nos reserva ao pé dos nossos semelhantes, sem violencias, como um direito indisputado, um lugar especial e honroso, e que tem sido, em todos os tempos e em todos os pontos do mundo, a marca inconfundivel das raças adultas, emancipadas e sadias.

Nesse conhecimento, nessa consciencia está o segredo inteiro do nosso futuro.

Foi essa consciencia que deu a Roma o imperio do mundo e que ainda agora sustenta nas pernas bambas as grandes nações da Euorpa e lhes conserva, nos braços fatigados, o vigor bastante para moverem, umas contra as outras, as pesadas machinas de morte. Sem ella nunca seremos o que devemos, o que temos o direito de ser.

A "Revista do Brasil", desejando contribuir para que ella se accenda de novo, com uma luz mais viva e duradoira, na alma abatida do paiz, entendeu que podia realisar essa obra de patriotismo, provocando estudos do passado, que nos desvendarão, nas coisas e nos homens, uma larga fonte de inspiração, de amor e de orgulho, e estimulando todas as energias actuaes para um trabalho de observação e ereação scientifica e literaria, que nos patenteie a todos a profundez e a riqueza dos nossos thesouros intellectuaes.

Não será, nem quiz ser, uma revista exclusivamente de historia, exclusivamente de literatura ou exclusivamente de sciencia. Sel-o-á de tudo isso. Arvore verdejando no alto da montanha, ella receberá nas frondes as caricias de todos os ventos e abrigará nos ramos o gorgeio de todos os passaros.

O seu nacionalismo não é, porém, e não será nunca uma forma de hostilidade ao estrangeiro. Não queremos isolar o Brasil da hu-

manidade, o que seria um disparate, nem podemos negar a dívida de civilização que nos prende ao estrangeiro. Não é preciso lembrarmo-nos da verdade eterna do eterno conceito de Terencio para nos convencer de que tudo quanto é humano nos deve interessar: basta correr os olhos em torno de nós...

Não só pelo que nos faz, não só pela acção directa, continua e persistente, na vida das nossas idéas e no teôr dos nossos costumes, mas também, e sobretudo, pelas lições variadas e suggestivas da sua historia, o estrangeiro é, e ha de sempre ser, para nós, como para toda a gente, objecto de observação attenta e quotidiana.

O nacionalismo desta revista visa até, pelas suas tendencias e pelas raias do horizonte que se traçou, um fim mais humano que regional.

Não pretende — e se isso acontecesse teríamos a nossa obra completamente desvirtuada — incutir no povo a paixão estreita e safara, rasa e egoistica, do seu campanario, do seu valle, do seu regato e da sua rez. E' outra a aspiração que a acalenta. Ella quer trabalhar para o levantamento do povo, convidando-o a voltar os olhos para si em vez de os trazer presos nos outros, certo de que elle sairá desse exame introspectivo com a firmeza que communica a revelação da propria força e com a superioridade moral que a visão de um largo ideal a cumprir sempre inspira. E um povo que se ergue moralmente alarga, só com o seu movimento, e arca e perfuma o ambiente em que se debate, na luta angustiosa de todos os instantes, a humanidade inteira.

O seu nacionalismo não é um grito de guerra contra o estrangeiro: é um toque de reunir em torno da mesma bandeira, conclamando, para um pacto de amor e de gloria, os filhos da mesma terra nascidos sob a claridade do mesmo céu.

O milagre historico da persistencia da nossa integridade territorial, a despeito da ausencia de laços fortes que umas ás outras prendam as populações das differentes partes do paiz, precisa pelo futuro andante, perder o caracter phenomenal com que se apresenta e passar a ser a resultante, natural e logica, da fusão com

pleta e indissolúvel de todos os elementos ethnicos e sociaes que formam, de norte a sul, a nação brasileira.

Essa obra, que é urgente, tão cedo não se realizará, porém, se, desde já, não a iniciarmos pela palavra e pela escripta. Só a escripta e a palavra podem, neste momento, estabelecer entre as populações que a vastidão do territorio e as difficuldades de communições trazem afastadas e ignoradas umas das outras, a mesma corrente de idéas e de sentimentos que desgraçadamente ainda se não estabeleceu entre nós e sem a qual uma nação nunca chega a formar-se ou, quando se forma, nunca adquire esse espirito de solidariedade, essa cohesão perfeita que lhe dá aos olhos alheios a apparencia de um bloco macisso, e aos seus proprios a impressão de um poder invencivel.

A "Revista do Brasil" vem trabalhar para essa obra.



O PRECONCEITO DAS REFORMAS CONSTITUCIONAES

QUAL A FORMA DE GOVERNO RECLAMADA PELAS
TRADIÇÕES BRASILEIRAS?

Ameaça-nos uma nova crise de reformas constitucionaes. Para os grandes males que soffremos neste momento, e sobretudo para o maior de todos, que é inquestionavelmente a afflictiva situação financeira, innumerous therapeutas sociaes só vêm e só preconisam um remedio — a reforma da Constituição.

Entretanto, aos olhos dos que se habituaram a estudar pela observação historica e pela comparação os factos sociaes, não ha medicação mais falha, mais negativa.

As reformas constitucionaes são os recursos predilectos das nações fracas, incapazes—por sua falta de educação e de energia—de um bom governo pratico, e das nações decadentes e enervadas, que, umas e outras, appellam frequentemente, mas debalde, para tão desacreditada panacéa. No seculo passado, a Hespanha promulgou uma constituição muito liberal em 1812, e logo em seguida reformou o seu regimen constitucional em 1814, em 1820, em 1834, em 1837, em 1845, em 1856, em 1864, em 1869 e em 1876, para continuar sempre no mesmo atrazo economico e intellectual. De 1821 a 1874 teve o Chile nove constituições, o que o não livrou de uma tremenda revolução em 1891 por amor a principios constitucionaes, e cujo resultado foi ficar o paiz ainda mais pobre e estragado pela politicagem. A Argentina entre 1811 e 1860 promulgou sete reformas constitucionaes, e só começou a progredir e a enriquecer, quan-

do abandonou essa idéa pueril de se regenerar... por meio de reformas constitucionaes. A Bolivia fez e desfez dez no espaço de 45 annos, e não deixou de ser uma miseravel republiqueta da America Latina. Entre 1823 e 1860 o Perú realisou oito, e continuou a ser o... Perú. O Mexico teve onze de 1824 a 1877, para se lançar no degradante e horroroso estado em que o vemos presentemente.

Qual o principio de ordem constitucional, que hoje se julga necessario converter em lei? O unitarismo? A extincção do regimen federal? Mas, sob o imperio, a constante preocupação dos espiritos liberaes e progressistas era uma larga descentralisação administrativa, que no conceito dos mais adiantados quasi se confundia com o federalismo. Desde as eloquentes *Cartas do Solitario*, de Tavares Bastos, até o ultimo congresso do partido liberal, reunido pouco antes da quêda da monarchia, a autonomia provincial foi sempre reputada uma necessidade da nossa administração, dada a vasta extensão geographica do paiz, e a diversidade de climas e producções. O parlamentarismo? Será este o regimen que nos falta? Até ha poucos annos alimentavamos alguma esperança de que o parlamentarismo, que, em geral, applicado a nações de raças diversas, sob a monarchia ou com a republica, tem dado melhores resultados que o presidencialismo, garantindo mais effizadamente a liberdade politica e a moralidade administrativa, pudesse trazer-nos algum beneficio. Mas, dados os nossos gravissimos defeitos, a pessima composição dos nossos congressos, a influencia dos perniciosos elementos que prevaleecem na politica nacional, o parlamentarismo seria apenas uma nova e estranha modalidade da nossa incapacidade, ou da nossa decadencia politica. Vejam bem: os parlamentaristas o que se passa em Portugal, cuja constituição consagra expressamente o regimen parlamentar. Nunca se viu mais miseravel situação politica que a da infeliz nação irmã. A monarchia? Será esta a forma de governo que nos convém? Logo depois de 15 de Novembro de 1889, e enquanto existiam ainda um pequeno nucleo de notaveis estadistas, e um grande numero de adeptos que disciplinadamente os acompanhavam, a unica reforma constitueional imposta pelo patriotismo era a restauração. Cumpria restaurar o regimen, que nos havia dado um dos governos mais liberaes e moralisados que se têm visto na historia. Hoje, além dos evidentes perigos que nos traria a reacção fatalmente opposta a tal aventura politica, que se lograria com directores ou chefes politicos cancerados pelos vicios que todos conhecemos? Apagada a tradição monar-

chica, extinctos quasi completamente os estadistas de antigos moldes — teriamos de começar vida inteiramente nova, o que é mais facil, e menos arriscado, sob a actual constituição.

Mas, o que se deve fazer, o que é indispensavel, notam alguns, com ares de profundos pensadores, e de quem conhece profundamente o nosso passado, toda a nossa historia, é adaptar o nosso systema de governo *às tradições do paiz*. A falta de respeito *às tradições*, eis a causa primordial dos nossos males actuaes.

Nada mais curioso do que o poder da palavra, da expressão verbal, das phrases, em mcio de individuos desprovidos de instrucção, da capacidade e do habito de racioeinar. Precisemos nitidamente em que consistem *as nossas tradições* em materia de governo. Durante o longo periodo colonial, o que teve o Brasil, foi o governo absoluto da metropole, exercido na colonia pelo officio de funcionarios, que João Francisco Lisboa, no *Jornal de Timon*, com toda a justiça e exactidão qualificou deste modo: “subjugada pelo clamor unanime, levantado em todos os tempos, e de todos os lados, a historia imparcial e inexoravel não póde deixar de proferir a sua condemnação contra a maior parte desses mandões ignaros, corrompidos e perversos, que, obcecados pela cobiça, e encarniçados nas lutas civis, e na perseguição da raça desvalida dos indios, calcavam todos os seus deveres, e preteriam todos os outros meios, cujo emprego intelligente conduziria sem duvida e para logo aquella pobre colonia á prosperidade agricola e commercial de que se viu privada durante o largo periodo de mais de seculo e meio”. Para bem patentear a boçalidade com que Portugal tratava a sua vastissima colonia da America, basta lembrar o celebre alvará de 5 de Janeiro de 1785, que extinguiu e mandou fechar todas as fabricas existentes no Brasil. Nas instrucções expeditas para a execução desse alvará, dizia o governo da metropole: “O Brasil é o paiz mais fertil e abundante do mundo em fructos e produções da terra. Os seus habitantes têm, por meio da cultura, não só tudo quanto lhes é necessario para o sustento da vida, mas ainda muitos artigos importantissimos para fazerem, como fazem, um extenso commercio e navegação. Ora, se a estas incontestaveis vantagens reunirem as da industria e das artes para o vestuario, luxo e outras commodidades, ficarão os mesmos habitantes totalmente independentes da metropole. E’, por consequencia, de absoluta necessidade acabar com todas as fabricas e manufacturas do Brasil”. Ahi estão, em synthese, as nossas tradições politicas do longo periodo colonial.

Ao governo absoluto succedeu por um golpe revolucionario, com a mais completa e brusca interrupção das nossas tradições, a monarchia constitucional representativa parlamentar, engenhosa e fecunda combinação nascida do genio liberal e tradicionalista do povo inglez.

Perfilhada essa forma de governo exotica, tivemos a principio o pessimo reinado de um principe voluntarioso, inculto e inadapta-vel ao systema politico a que presidia.

Veu depois o governo de Pedro II, que ao cabo de algum tempo se tornou um modelo de liberdade politica e de moralidade administrativa, a mais estupenda maravilha que nos poderia sur-prehender na America Latina.

Para Joaquim Nabuco tão espantoso resultado foi devido principalmente á forma de governo: "Se tivemos a liberdade na monarchia, notou elle no opusculo — *Balmaceda*, foi só porque o poder se continha a si mesmo. Isto era devido á elevada consciencia nacional, que por herança, educação e selecção historica, os soberanos modernos quasi todos encarnam. O respeito á dignidade da nação, o desejo de vel-a altamente reputada no mundo, era natural na monarchia, que era o governo pela força moral sómente". Mas, a verdade é que o excepcional governo do Brasil sob Pedro II foi um producto de vivo, intenso e inamolgavel sentimento de justiça, da incomparavel honestidade e do entranhado amor á liberdade do imperante. Dotado de taes predicados, posto que de intelligencia despida de qualquer symetria, ou propôrção, com tão elevados attributos moraes, Pedro II conseguiu pelo exemplo, pelas perseverantes tendencias democraticas, pela instinctiva condemnação de todas as oppressões, de todas as injustiças e de todos os actos de improbidade, formar uma pleiade, muito reduzida, mas muito brilhante, de estadistas, que alliavam ás qualidades moraes, desabrochadas ao bafejo imperial, as suas proprias e superiores qualidades intellectuaes. Esses poucos estadistas de notavel relevo, que, com razão se disse, poderiam figurar dignamente no scenario politico das mais eultas nações da Europa, dirigiam por uma incoereivel força moral cada um dos dois grandes partidos em que se dividia o imperio.

Ahi temos o segredo dos governos honestos e liberaes que teve o Brasil sob a monarchia. Sob a mesma forma de governo uma nação da mesma raça, das mesmas tradições, da mesma lingua e religião, Portugal, nos ultimos annos da realeza, offerencia um espe-

ctaculo bem diverso, e que prova quanto é falso o conceito, ha pouco transcripto de Joaquim Nabuco.

O principal factor do periodo de rara moralidade administrativa, de justiça e de liberdade politica que fruimos sob o imperio, foi a grande envergadura moral do chefe da nação, envergadura moral muito differente da de seu progenitor.

Eis ahi uma razão decisiva para que a nação brasileira adopte como artigo fundamental do seu programma de regeneração politica, mais cuidadosa selecção ao constituir os seus mandatarios e ao prover os cargos publicos. Sigamos na republica, o que absolutamente não é impossivel, o exemplo da monarchia.

Não ha forma de governo, que tenha a efficacia de amparar uma nação e preserval-a dos males oriundos da incapacidade e da immoralidade dos homens que a governam, da ausencia de patriotismo e dos mais elementares predicados para o exercicio dos cargos publicos. Não ha systema, nem regimen politico que funcione bem por si, automaticamente, servido por maus funcionarios. A monarchia, o unitarismo, o parlamentarismo, não obstariam ás calamidades procedentes de tal origem. Já apontámos um exemplo bem eloquente numa velha nação da Europa, muito nossa irman; outros e não poucos facilmente apontariamos na Europa e na America.

Com as instituições de direito publico dá-se o mesmo que com as de direito privado. A sociedade anonyma é um excellente instrumento de bem-estar e de progresso. Mas, a quantos abusos pôde dar, e tem dado, ensejo? Vamos supprmil-a por isso? Fôra evidente absurdo. O patrio poder é indispensavel ao bem do filho, do pae e da sociedade. Mal exercido, por um pae desnaturado, pôde dar aso ás mais repellentes monstruosidades. Devemos, por isso, extinguil-o, ou reduzil-o? Certo que não. São factores essenciaes do bom exito das instituições de direito privado, como das de direito publico, as leis feitas convenientemente e certos predicados *intellectuaes e moraes dos que as praticam.*

O presidencialismo e o federalismo têm produzido os melhores fructos, que é licito esperar de aparelhos politicos, de organizações juridicas abstractas, em duas nações de raças inteiramente diversas, e de tradições e costumes muito differentes, os Estados da America do Norte, que começaram, sabem todos, como colonias rivaes, e a Argentina, colonia homogenea, e cujas condições geographicas exigiam muito menos do que as nossas o regimen federal. Foi depois que lançou ás urtigas as reformas constitucionaes com

as suas longas perturbações antecedentes e com as suas consequentes adaptações, ainda mais demoradas, umas e outras concorrentes para a suspensão do progresso economico e do desenvolvimento geral do paiz, que esta ultima nação iniciou a era de prosperidade, e attingiu o adiantamento que deve servir-nos de espelho e de escarmento.

Que contristador e deprimente espectáculo offerciamos ao mundo civilizado, se lhe dissessemos: fizemos uma constituição superior á nossa cultura intellectual e moral; sem capacidade para a comprehender e praticar, vamos ensaiar uma inferior; constituições como a nossa actual servem unicamente para nações como a America do Norte e a Republica Argentina!...

Rio, 10 de Dezembro de 1915.

PEDRO LESSA



O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

Já vem perto, á distancia apenas de seis annos, o primeiro centenario da independência do Brasil, proclamada junto ás portas da cidade de S. Paulo pelo príncipe D. Pedro, a 7 de Setembro de 1822.

O fausto acontecimento, primeiro glorioso marco da existencia nacional, ha de ser por certo festivamente commemorado, não podendo S. Paulo declinar as responsabilidades que naturalmente lhe advêm de ter sido o padrinho do memoravel baptismo celebrado no Ypiranga, novo Jordão cujas aguas lavaram o paiz do peccado colonial, fazendo alvorecer na Historia a grande e quêrida patria brasileira.

Infelizmente a intensa crise geral que vimos atravessando, com tão accentuados reflexos sobre as finanças da União, do Estado e do Municipio, não permite glorificar a memoria do grito do Ypiranga com a sumptuosa pompa digna de seu alto valor historico.

Quer isto dizer que havemos de nos contentar com o programma minimo de uma discreta festa em familia, sem as apparatusas solennidades que, em outra situação, seriam de rigor.

Mas, por mais modesto que seja esse programma, dado o caracter nacional do acontecimento e notorio como é o papel que S. Paulo teve a fortuna de representar, força é convir que ha umas tantas obras, uns tantos melhoramentos que os publicos poderes não podem deixar de ir desde logo promovendo, no interesse de preparar o scenario em que se deverá celebrar a parte mais interessante da solenne commemoração civica.

Pois que é um facto historico o objecto dessa commemoração, claro está que a nossa primeira homenagem se deverá coneretisar em symbolico monumento de arte que lhe perpetue a memoria e nas

obras de embelezamento e conforto reclamadas pelo local que mereceu a distincção de testemunhal-o e pelos meios que dão acesso a esse local.

Ora, providenciando sobre a erecção do monumento glorificador da Independencia, no Ypiranga, existe já a lei estadual de 31 de Outubro de 1912, a qual, não obstante ter habilitado o governo de S. Paulo com os recursos necessarios para a execução do patriotico projecto, o autorisou a entender-se com o Governo da União e os dos Estados, no intuito de dar a essa manifestação o solenne caracter nacional.

Erigido que seja esse monumento, e as circumstancias concorrem para fazer crêr que venha a ser um dos mais notaveis do Brasil, nada faltará para ficar concluida a obra de justiça e de patriotismo de que o Ypiranga é credor.

O que, porém, faltará, o complemento indispensavel da grandiosa obra de arte que vae coroar a collina sagrada, é uma avenida communicando a cidade com o pittoresco suburbio, em condições de largura, conforto e elegancia condignas de seu destino, ao menos no trecho ainda não edificado, do Cambucy ao Ypiranga, para o que é indispensavel prolongar o aterrado final em recta a transpôr o corrego e ir morrer na collina.

A belleza desse trecho do caminho tradicional ganharia extraordinario realce se, como já uma vez escrevi, a larga via publica, além de bem calçada, fosse ornamentada por um dupla fileira de palmeiras imperiaes.

Não ha na flora brasileira typo mais esbelto, mais elegante e decorativo; e uma avenida, quando extensa e perfeitamente rectilinea, enfeitada por dois renques de palmeiras imperiaes, é obra de offerecer perspectiva do mais delicioso effeito.

Realizadas estas differentes obras interessando tanto o 7 de Setembro como o respectivo scenario, teria ainda perfeito cabimento no programma commemorativo, por menos pretenciosa que seja a sua organização, uma completa mostra de todas as reliquias da Independencia, a ter logar no edificio monumental que alli possui o Estado, á qual poderia ser annexada uma exposição bibliographica da historia e geographia do Brasil, com todos os documentos e mappas conhecidos desde a época do descobrimento.

Mas a cidade de S. Paulo não póde ser o digno scenario das festivas solennidades do centenario da Independencia sem render a homenagem que merece um outro auspicioso acontecimento, gloriosa

nascente do emerito factor historico que o povo paulista vem representando na comunidade brasileira.

Refiro-me á fundação da sua bella cidade capital.

Se o Ypiranga outorgou ao paiz a carta da sua maioridade politica, Piratininga foi a cellula germinal da estirpe heroica que descobriu e fundou o Brasil colonial. Impossivel, pois. S. Paulo commemorar a Independencia deixando de cultuar a augusta memoria de seus bravos fundadores.

Ainda bem que, depois de mais de tres seculos de esquecimento, para não dizer de ingratição, vai enfim a cidade pagar-lhes a immensa divida, erigindo magnifico monumento publico em honra de Anchieta, de Nobrega e de Tibiriçá, as nobres figuras representativas do memoravel acontecimento.

Pois bem, esse monumento, soberbo trabalho modelado em Roma pelo distincto esculptor Zani, e alli fundido em bronze, achase ha muito em S. Paulo, com suas peças ainda eneaixotadas como vieram da Europa, não tendo podido até agora ser assentado no local que naturalmente lhe cabe, ao centro do antigo largo do Collegio, isto é, precisamente onde nasceu a cidade, porque de ha muito se acham suspensas as obras, apenas iniciadas, de demolição do velho palacio do governo e sua reconstrução no alinhamento da rua do Carmo, projecto de que resultaria ser consideravelmente alargada e aformoseada a antiga praça, pondo-se em condições compatíveis não só com a importancia do feito de que foi theatro, como da homenagem que se lhe vac prestar.

Ora, approximando-se o centenario do 7 de Setembro, o ensejo não póde vir mais a proposito para cuidar o governo de tomar qualquer resolução definitiva sobre o velho palaeio seja para reconstruil-o nas condições do plano assentado no tempo da presidencia Tibiriçá, seja para o demolir de vez, eedendo o terreno occupado pelo edificio novo, em proveito da ampliação do largo, que assim se extenderia sobre toda a explanada a cavalleiro da varzea.

Com esta providencia e a execução simultanea do viaducto pondo o largo em communicação com a rua da Boa Vista, para o que já foram feitas as desapropriações necessarias, não preciso comentar o beneficio que se prestaria á zona central da cidade, nem encarecer o relee que dahi adviria para o primeiro monumento historico de S. Paulo, plantado no meio de amplo e formoso jardim, eortado de largas ruas abertas á circulação geral, juntando-se ao



esthetismo do quadro os attractivos da esplendida vista panoramica formada pela vasta superficie que se desdobra na baixada, desde o velho leito do Tamanduatehy até ás encostas longinquas da Cantareira.

Mas entre a fundação de Piratininga, e o 7 de Setembro alguma coisa culmina no diagramma evolutivo da historia de S. Paulo, em circumstancias de não poder ficar em olvido, antes reclamando o relevo a que tem direito, quando a Nação e os Estados se dispõem a festejar o centenario do grito do Ypiranga: é a epopéa bandeirante.

S. Paulo deve esse tributo aos intrepidos argonautas deste incomparavel vellocino — a maior e mais bella região do Continente.

Filhos de Piratininga, era daqui que partiam os heroicos expedicionarios; era palmilhando o ehão de nossas velhas ruas, descendo a collina historica em demanda do Tieté e depois rio abaixo, que os legendarios mamelucos, tão pobres de recursos de qualquer natureza, como rios de audacia, de estoicismo e de esperanças, penetravam o intermino sertão ignoto, a plenitude do mysterio, inconscientes do fecundo sulco de civilisação que iam deixando pelo eaminho...

Original, unica, em suas épicas arrancadas, a extraordinaria odysseá! Pois seja assim tambem, original, unico, o monumento a erguer-se á sua glorificação.

Um bloco da nossa natureza selvatica, com todos os seus accidentes agrestes — eis o pedestal sobre que deve altear, bandeira á frente, a intrepida caravana errante...

Por sua intensa influencia suggestiva, o monumento aos bandeirantes representaria o traço de união da velha alma paulista em seus primeiros surtos de arrojada iniciativa com o culto espirito de energia, acção e progresso das gerações sobrevividas; havendo tudo a ganhar em manter essa bemdita communhão de sentimentos, pois a força de um povo reside menos na potencia de seus armamentos que na permanencia e estabilidade dos caracteres de sua alma ancestral.

As tres ordens de factos a que me tenho referido constituem por assim dizer a espinha dorsal da historia do Brasil, que, nas linhas matrizes de sua estrutura, quasi se póde dizer — é a projecção em maior escala da historia de S. Paulo.

Assim sendo, estou que a nossa participaçao nas festas nacionaes em honra do grito do Ypiranga será dignamente representada pelo que fizermos homenageando os tres acontecimentos predominantes do grande passado commum.

E' que tratando-se de perpetuar a lembrança de notavel acontecimento historico, nada mais a caracter, nada mais edificante do que organizar o programma das solennidades fazendo reviver no bronze, juntamente com o feito memorando, os seus benemeritos factores atavicos.

As solennidades do centenario assim talvez deixem de deslumbrar ás massas, sempre ávidas de espectaculosas exterioridades, mas com certeza hão de ganhar em espiritualidade historica e no valor aprimorado das joias de arte, remanescentes da festa.

Ao passar o quarto centenario do descobrimento da America quiz o povo dos Estados Unidos festejar o grande acontecimento com a magnificencia condigna dos incomparaveis recursos de seu genio e de sua civilisação.

A Exposição Colombiana de Chicago foi a magna apothose com que a nobre nação americana celebrou o glorioso gesto do heroico descobridor da America. Quem escreve estas linhas teve a felicidade de assistir a essa extraordinaria exhibição do que a humanidade, até ao fim do seculo passado, havia produzido de mais admiravel na sciencia, na arte e na industria.

Entretanto, de tudo quanto lhe foi dado vêr, observar e sentir, nada o commoveu tanto, nenhum espectaculo o sensibilizou tão profundamente como o das preciosas reliquias relacionadas com o nascimento historico do novo mundo.

Esta exhibição foi feita em edificio representando um typo de architectura religiosa da Hespanha medieval, o *fac-simile* exacto, em grandeza natural, do convento de Santa Maria da Rabida, ainda existente perto de Palos.

Foi alli, como se sabe, que Colombo quasi desesperando de levar avante a sua arrojada empresa, achou benevolo acolhimento e solicita recommendação para a côrte de Fernando e Isabel. Foi ainda na capella da Rabida que o grande genovez assistiu ao santo sacrificio na manhã da sua partida, e onde, de volta da feliz expedição, trazendo a noticia e os tropheus da victoria, em companhia daquelles mesmos com quem compartira as amarguras de tantas lutas e crueis decepções, gozou o ineffavel prazer de cantar solenne *Te-Deum* em acção de graças pelo fausto acontecimento.

A exhibição da Rabida, organizada com as reliquias colhidas nos principaes archivos e museus do mundo, era a mais completa e interessante possivel, representando os objectos expostos tudo o que se conhece sobre os precursores de Colombo, sobre os acontecimentos



geographicos e a sciencia da navegação em seu tempo, a vida do celebre navegante, os episodios de suas differentes viagens, suas cartas e outros documentos autographos, as publicações a proposito do descobrimento, da conquista e exploração das terras do novo mundo.

Como a exhibição da Rabida, despertou geralmente o mais vivo interesse a presença em Chicago das caravellas que formaram a legendaria flotilha — a *Santa Maria*, a *Nina* e a *Pinta* — mandadas reproduzir pelo governo hespanhol, as quaes, expedidas de Palos, como as que dali largaram em 1492, haviam surgido e ancoravam no lago Michigan, ao pé da Exposição, após uma viagem triumphal pelos lagos e canaes do interior do paiz.

A bordo da *Santa Maria*, o visitante não podia deixar de sentir-transportado ao seculo XV, em meio dos moveis e utensilios da época. Penetrando no camarim armado sobre o tombadilho, cópia fiel do que foi occupado por Colombo, recordo-me de ter visto, sobre sua mesa de trabalho, um astrolabio e uma balestilha, os instrumentos com que o descobridor do novo mundo tomava a altura dos astros, traçando a róta que devia conduzi-lo ao glorioso destino.

Em baixo do tombadilho da pôpa exhibiam-se todos os especimens dar armas usadas pela guarnição, sobresahindo as grandes peças amarradas com cordas aos reforçados cepos das carretas, vendo-se junto dellas saccoes cheios de balas de pedra, que eram os projecteis em uso naquelle tempo.

Ora, por mais rica e pomposa que tenha sido a Exposição de Chicago, em suas multiplas festas e attractivos, a exhibição da Rabida e da esquadriha de Colombo foi incontestavelmente o *clou* do imponente certamen mundial.

Esta digressão tem por fim mostrar que o primeiro centenario da independencia do Brasil pôde ser muito discretamente solennizado em S. Paulo dentro do modesto programma de character essencialmente historico que tenho procurado justificar.

Isto não quer dizer que, resolvendo o Governo do Estado apprehender a execução das obras que lhe competem, e são quasi todas as mencionadas, deixe a Camara Municipal de secundar a sua acção, traçando o plano de melhoramentos urbanos que está em sua alçada e na medida de suas forças levar a effeito, afim de que a cidade de S. Paulo se apresente em 1922 em *toilette* de rigor, consoante a importancia e solennidade da festa que ha de reunir aqui, pela primeira vez, a representação official da União e de todos os Estados.

Como ao Estado de S. Paulo e ao municipio de sua capital, tambem aos particulares deve caber o seu quinhão no porfiado esforço conjuncto para o melhor exito da patriotica empresa.

Sabe-se que a commissão executiva da nova cathedral está vivamente empenhada em dotar S. Paulo com o mais grandioso monumento de arte do Brasil e envida o maximo esforço para concluir e inaugurar o novo templo a 7 de Setembro de 1922.

Assim, poder-se-á contar com mais este magnifico numero a enriquecer o programma da festiva commemoração em projecto, ao mesmo tempo que a bellissima obra de desenvolvimento economico, de cultura e de civilisação, que realisou S. Paulo nesta primeira grande etapa da existencia nacional, terá a coroa-a uma justa e digna homenagem ao Rei dos seculos e Senhor ds nações.

ADOLPHO PINTO.



O ULTIMO PASSO DA CIRURGIA

TRATAMENTO ABORTIVO DA INFECÇÃO DAS FERIDAS

Para os amigos da civilização e da humanidade, que assistem acabrunhados ao espectáculo da medonha tormenta, que devasta actualmente a Europa, surge como um novo symbolo consolador a descoberta de um novo methodo em cirurgia, que vae servir de garantia e indemnisação ás gerações futuras.

Graças á philantropia do grande millionario norte-americano Rockefeller fundou-se perto de Paris, em Compiégne, um hospital provisorio destinado mais particularmente ao estudo scientifico e ao tratamento experimental dos ferimentos de guerra. Nos laboratorios da rica fundação trabalham Dakin, Daufresne, Dehelly e Dumas sob a direcção do eminente biologista Alexis Carrel, com quem já a cirurgia havia aprendido a transplantar os rins de um gato para outro e enxertar no homem fragmentos de veias e arterias tirados aos animaes e conservados longos mezes em camaras frigorificas.

Reinava entre os cirurgiões uma grande divergencia de opiniões quanto ao methodo a preferir no tratamento das feridas. No momento em que rebentou a guerra, a grande maioria adoptava quasi exclusivamente o methodo da asepsia. E, mesmo entre aquelles que se haviam conservado fiéis ao antigo methodo da antisepsia, reinava a creença que a tintura de iodo a dez por cento era o quanto bastava para garantir as feridas contra toda e qualquer especie de infecção.

Infelizmente, durante todo o primeiro anno da guerra amontoaram-se por tal fórma as decepções que forçoso foi submeter a uma sévera revisão todas as antigas creenças. Era impossivel negar



que os ferimentos produzidos por estilhaços de obuzes e granadas estavam fatalmente condemnados á infecção pela gangrena gazosa, pelo tetano, pelas septicemias, pelas suppurações interminaveis, etc. etc.

Com o coração amargurado o eminente professor Tuffier verificou que em cada mil amputações praticadas a operação havia sido imposta oitocentas vezes não pela gravidade dos ferimentos, mas simplesmente pelas complicações infecciosas. Milhares e milhares de soldados moços e robustos foram arrebatados á vida não por fortes traumatismos, mas tão sómente por infecções banaes. Não havia mais possibilidade de se distinguir entre ferimentos graves e ferimentos leves. Tudo era grave!

Deante das medonhas hecatombes os cirurgiões perdiam a cabeça e era cada dia maior a incoherencia, que reinava nas theorias e na pratica dos hospitacs de sangue.

Graças especialmente a Dakin e a Carrel a luz se fez afinal no meio das trevas geraes e a doutrina salvadora illuminou todos os horizontes. De hoje em deante um methodo unico reina em todo o vasto campo da cirurgia, quer em tempos de guerra, quer na vigencia da paz. Um unico ponto de vista domina toda a cirurgia: é o da necessidade urgente de evitar qualquer infecção nos ferimentos recentes e desinfectar a fundo as feridas, quando nellas já está installada a infecção. Uma longa pratica mostrou que é infinitamente mais facil fazer abortar a infecção, quando apenas em começo, do que combatel-a quando já profundamente installada e senhora do campo.

O exame bacteriologico, praticado cerca de seis horas depois do ferimento, mostra que o numero de microbios infectantes em geral ainda é mui pequeno e de facil remoção pelos liquidos antisepticos. Mas, esse mesmo exame, praticado vinte quatro horas depois, revela a presença de uma enorme quantidade de microbios espalhados por toda a superficie e pelos diverticulos mais profundos da ferida. E' tanto maior a pullulação dos microbios quanto mais tarde se faz o tratamento abortivo da ferida. O simples bom senso já fazia prever tal resultado. Já era sabido que uma appendicite operada cedo, dentro das doze horas a contar da invasão, sara sem o minimo embaraço, ao passo que, quando operada tarde, após trinta e seis ou quarenta e oito horas, apresenta uma mortalidade de 40 a 43 %.



Já sabíamos igualmente por Lucas-Championnaire que na operação da hernia estrangulada, quando praticada tarde, o methodo da asepsia era absolutamente incerto.

Depois da medonha experiencia da guerra actual, durante um anno inteiro, levantou-se o tremendo grito: a asepsia não basta! é de rigor a antisepsia!...

Mas, como re-introduzir na pratica um methodo cujos abusos estavam ainda na memoria de todos? De mais, estava patente que a tintura do iodo, mesmo a dez por cento, não garante contra a gangrena, nem contra o tetano, nem contra qualquer das outras complicações infecciosas.

Era urgente a necessidade da antisepsia; mas, era egualmente urgente a necessidade de se descobrir um agente antiseptico, que fosse ao mesmo tempo um microbicida seguro e de acção absolutamente innocente para os tecidos.

Depois de intenso pensar e de immenso trabalhar em experiencias de chimica, Dakin foi conduzindo ao preparo do seu hypochlorito de soda, que entregou para estudo a Alexis Carrel.

O eminente biologista não tardou em verificar que o novo desinfectante se distingue de todos os outros por seu poder baetericida sem rival e ao mesmo tempo por sua innocuidade absoluta sobre os tecidos. Uma ferida, tratada cedo, pelo hypochlorito de Dakin, permanece absolutamente garantida contra qualquer sorte de infecção. E, mesmo quando a infecção já está bem adeantada, pode o hypochlorito, quando bem applicado, fazer desaparecer todos os microbios ao cabo de dous ou tres dias. Graças á sua acção absolutamente não irritante, mesmo applicado em irrigação continua (em instillação, para melhor dizer) o hypochlorito não acarreta a minima demora na cicatrização da ferida.

Estamos, portanto, hoje, inteiramente senhores da situação na esphera cirurgica. Podemos obter a esterilisação chimica das feridas por meio de um antiseptico, cujo poder germicida nada deixa a desejar e cuja acção anodyna sobre os tecidos nos permite mantel-o em contacto com os micro-organismos todo o tempo necessario.

Além do seu valor bio-chimico o hypochlorito Dakin tem a vantagem de ser o que pode haver de mais barato: para os hospitaes foi uma dadiva inestimavel. E, de mais, a sua preparação está ao alcance de qualquer botieario do interior, que queira tão sómente ter o cuidado de empregar drogas de confiança.



MODO DE PREPARAR O HYPOCHLORITO

Agua commum	10	litros
Carbonato de soda crystalisado	400	grammas
Dissolva, ajunte chlorureto de calcio de boa qualidade	200	grammas

agite bem, insistentemente, e, ao cabo de tres quartos de hora, separe o liquido elaro por siphonagem e filtre-o através de uma boa camada de algodão. Ajunte, então, ao liquido filtrado 40 grammas de acido borico. A solução assim obtida está prompta para ser applicada sobre quaesquer feridas. Não deverá ella jámais ser aquecida. Não deverá jámais ser conservada por mais de oito dias. Nunca deverá ser empregada conjunctamente com o alcool.

E' muito importante que o acido borico seja ajuntado ao liquido depois de filtrado e não antes, e que o filtro seja de algodão e não de papel. Não tem importancia o ligeiro precipitado que se possa formar devido ao sal de cal.

Nos ferimentos pequenos é bastante lavar com a solução as feridas e ao depois manter nellas pachos de gaze molhados frequentemente.

Nos ferimentos profundos é indispensavel, além da desinfecção da praxe, applicar e manter a instillação continua á Murphy em todos os diverticulos e recessos da ferida, á menor suspeita de uma infecção já installada.

Encontra-se no mercado (casa Fretin) um pequeno aparelho conta-gottas, de vidro, de invenção argentina, muito commodo deverá, que se adapta ao tubo de borracha de qualquer irrigador e que serve tanto para as instillações rectaes, hoje tão em moda, como para qualquer ferimento profundo, cavitario. Por meio de uma rosea bem adaptada pôde-se graduar o numero de gottas á vontade, de modo a manter toda a superficie da ferida sempre humida, sem o risco de inundar toda a cama. Encontram-se igualmente no mercado tubos de drenagem de borracha, de cinco a seis millimetros de diametro, revestidos de tecido-esponja para maior garantia do contacto prolongado do liquido desinfectante com os tecidos traumatizados invadidos de microbios.

Todo o segredo da grande efficacia deste novo modo de tratamento está no desprendimento gradual, commedido do chloro em



dóse tal que jámais irrita os tecidos. Na solução do hypochlorito de Dakin o ehloro não se acha em estado "livre" e só se desprende quando em contacto com materias proteinosas. As aguas de Labarraque e de Javel, que contêm grande quantidade de ehloro livre e soda livre não servem absolutamente por queimarem demais os tecidos. A antiseptia é de rigor, mas com a condição de não ser traumatizante. Tudo depende do gráu de exactidão nas dosagens.

DR. L. P. BARRETTO



A RIMA E O RYTHMO

(LIÇÕES PROFESSADAS
NA ESCOLA DRAMATICA)

O' doce rima!

exclamava em um de seus tercetos o horaciano Ferreira. *Doce*, e não obstante, foi elle entre os poetas portuguezes do periodo classico o primeiro que a desprezou, exercitando em vez della o verso branco ou solto na *Castro*, na *Carta de congratulação a el-Rei D. João III* e ainda na *Ode aos príncipes D. João e D. Joanna*.

Reconhecia, porém, que o consoante

ata ainda e damna,
Inda do verso a liberdade estreita,
Emquanto com som leve o juizo engana,

conceito, que mais tarde e com rabugice, devia ser o de Filinto Elysio, quando allude ao "zam-zam dos consoantes" e lhes chama "colleira de guizos".

Não têm faltado á rima depreciadores nem apologistas. Um destes ultimos, o grande Sainte Beuve, teceu-lhe até uma ode celebre, em que a enaltece, dando-a como unica harmonia do verso, e em comparação feliz a assemelha ás ultimas syllabas do adeus, que já de longe dois amigos repetem. Th. de Banville encarece-lhe ainda mais o valor, achando que ella é todo o verso, e a "imaginação da rima a principal qualidade do poeta."

Até onde é falsa esta comprehensão do papel dos consoantes e os prejuizos dahi resultantes ao mister da poesia, veremos no correr da lição.

Chama-se rima a uniformidade de som na terminação de duas ou mais palavras, desde a vogal ou ditongo de accento predominante.

A primeira condição da rima *perfeita*, como a entende Becq de Fouquières, está na identidade de som da vogal; a segunda na identidade das articulações que se seguem á vogal, e a terceira na identidade das articulações que a precedem.

Acham-se nestes casos *mar* e *amar*, *cirio* e *assyrio*, *medo* e *arremedo*, *embira* e *tymbira*, *humido* e *tumido* e ainda as homonymas e homophonas *vaga* (substantivo), *vaga* (adjectivo) e *vaga* (verbo), *calice* (subst.) e *cale-se* (verbo) *ama* (subst.) e *ama* (verbo), *vime* (subst.) e *vi-me* (verbo), etc.

As rimas perfeitas, segundo a definição dada, não podem ser praticadas sempre, salvo em composições breves, convindo não as formar com palavras da mesma indole grammatical, a saber: substantivos com substantivos, adjectivos com adjectivos, verbos com verbos, e assim por diante.

Quando não é exacta a correspondencia de som e só se repetem as vogaes, as rimas chamam-se *imperfeitas ou toantes*; é a *assonancia* em vez da *consonancia*, — assonancia, que se encontra em todas as linguas modernas, e caracteriza principalmente a versificação hespanhola.

Exemplos de toantes: *pedestal* e *crepuscular*, *amada* e *varanda*, *azas* e *rama*, *cego* e *opulento*, *santissimo* e *beatifico*.

Entre nós, e portuguezes não se usa hoje a assonancia; praticaram-na, entretanto, á imitação do que ia nas demais literaturas, a maior parte dos classicos, principalmente seiscentistas. A consonancia é relativamente moderna, e modernismo o emprego racional da rima perfeita ou rica.

Dos exemplos adduzidos de consoantes e toantes, vê-se que estes podem ser (e a mesma denominação recebem os versos) agudos, graves e exdruxulos. Fosse[m] accitaveis e se praticassem versos como aquelle citado por A. F. de Castilho

A Ticio em geiras nove o corpo estira-se-lhe

ou ainda este

Róla de suas mãos a taça e parte-se-lhe,

e teriamos de crear a classe dos hyper-exdruxulos.

Ainda ao tempo de D. Francisco Manuel de Mello não influa a metrica franceza para a alternancia regular das rimas graves e agudas, conforme se deprehe[n]de da seguinte interlocução do *Hospital das letras*:

Bocalino: ... Os versos se quorem varonis e esforçados.

Quevedo: Isso parece que entenderam os francezes, quando sobre a sua vulgar poesia lançaram aquelle preeceito, a nós mais difficil de observar que a dura lei dos consoantes.

Auctor: Qual foi?

Quevedo: O costume, que têm, do fazerem versos machos e femeas, com infallivol regra, quo se un verso acabou em dieção masculina, lhe ha de succeder outra dieção feminina; e assim procedem os poemas universalmente.

Bocalino: Não venham cá as Palmas Iduméas, que não dá fructo a palma mulher sem que a palma homem seja plantada junto della."

A alternancia regular começou com alguns poetas no seculo XVIII, da segunda metade em deante.

De feliz combinação dos tres versos — exdruxulos, graves e agudos — dá exemplo o "*Hymno ao Somno*", de Castro Alves, e que assim começa:

O' Somno! O' noivo *pallido*
 Das noites *perfumosas*,
 Que um chão de *nebulosas*
 Trilhas pela *amplidão*,
 Em vez de verdes *pampanos*,
 Na branca fronte *enrolas*
 As languidas *popoulas*,
 Que agita a *viração*.

Do mesmo autor é a seguinte combinação de exdruxulos e agudos, na poesia *O nadador*:

Vagas, curvae-vos *timidas*,
 Abri fileiras *pavidas*
 A's mãos possantes, *avidas*
 Do nadador *audaz*;
 Bello de força *olympica*,
 — Soltos cabellos *humidos*,
 Braços hereuleos, *tumidos*...
 E' o rei dos *vendavacs*!

A ultima combinação attinge a gráu inexceldível de arte na conhecida anacreontica de Castilho, a qual por sua belleza não me furto ao prazer de repetir-vos:

Fez Niobe em pedra, e Philomela em *passaro*.
Assim
 Folgaria eu tambem me transformasse *Jupiter*
A mim.
 Quizera ser o espelho, em que teu rosto *placido*
Sorri;
 A tunica feliz, que sempre se está *proxima*

De ti;
 O banho de crystal, que esse teu corpo *candido*
Contém;
 O aroma de teu uso, e d'onde effluvios *magicos*
Provêm;
 Depois esse listão, que do teu seio *turgido*
Faz dois;
 Depois... de teu pescoço o rosieler de *perolas;*
Depois...
 Depois! ao vêr-te assim, unica, e tão *emulas,*
Qual és,
 Até quizera ser teu calçado, e *pisassem-me*
Teus pés!

As rimas graves podem alinhar-se umas após outras em composições longas ou breves, — salvante o caso de emparelhamento em poemas, sempre fastidioso, como se dá com o *Villa-Rica* de Claudio M. da Costa, e a *Assumpção* de S. Carlos — e o ouvido as receberá com agrado quando bem feitas e variadas; o mesmo não succederá com as agudas e as exdruxulas, que só com earaeter comico ou satyrico são aceitaveis. O mau gosto de Fernão A. do Oriente, ou o espirito de imitação o induziu ao enlaee inaturavel de alguns exdruxulos, como estes, na sua *Lusitania transformada*:

Nas ribeiras *selvaticas*
 Ferida a cerva *pavida*
 Da setta, que tingiu herva *mortifera,*
 Não flôres *aromaticas*
 Busea, mas fonte *avidas*
 Da vida, que acha na agua *salutifera.*

Os versos de dez syllabas, soltos ou braneos, seguidos, ou meados regular ou irregularmente de seus quebrados, têm servido no italiano, castelhano e portuguez não só á feitura de poemas de varios generos, como a composições theatraes e outras de menor follego; os modernos, entre nós, desde os poetas parnasianos aos da geração actual, os largaram de mão, havendo aqui alli apenas uma ou outra musa que os recorda e busea mostrar-lhes a antiga belleza.

O autor do *Tratado de metrificacão portugueza* aponta entre os assumptos, para os quaes os versos soltos são preferiveis, os de mais peso ou graves, como os de feição moral ou didactica; os em que se expressam paixões vehementes, como a tragedia, e os que, como a farça e a comedia ou o simples dialogo, têm o indielinavel dever de ser naturalissimos.

Dos trabalhos feitos com taes versos, grande é a copia dos que entram, como gemmas de alto preço no thesouro da nossa e das linguas italiana e hespanhola. Lembremos, para apenas citar o que é propriamente nosso, o *Uruguay* de José Basilio da Gama, o *Colombo*, de Porto-Alegre, copioso de narrativas e descrições magistraes, os *Tymbiras*, de Gonçalves Dias, de dicção e lances bellissimos, o *Anchieta*, de Fagundes Varella, e de menores dimensões, o *Cantico do Calvario*, do mesmo Varella. e *Waterloo*, de D. J. G. de Magalhães.

Vejamus num relance de olhos alguns trechos destes poemas. Aqui, no *Uruguay*, esta rapida descripção das terras ao longo do rio:

Todas estas vastissimas campinas
 Cobrem palustres tecidas cannas,
 E leves juncos do calor tostados,
 Prompta materia de voraz incendio.
 O indio habitador, de quando em quando,
 Com estranha cultura entrega ao fogo
 Muitas leguas de campo; o incendio dura
 Emquanto dura, e o favorece o vento.
 Da herva, que renasce, se apascenta
 O immenso gado, que dos montes desce
 E renovando incendios, desta sorte
 A Arte emenda a Natureza, o podem
 Ter sempre nodio o gado, o o campo verde.

Dos *Tymbiras* seja a parte final da *Introduccão*:

Como os sons do boré, sôa o meu canto
 Sagrado ao rudo povo americano.
 Quem quer quo a natureza estima e présa
 E gosta ouvir as empoladas vagas
 Bater gemendo as cavas penedias,
 E o negro bosque sussurrando ao longe,
 Escute-me. — Cantor modesto e humilde,
 A fronte não eingi de mirto e louro,
 Antes de verde rama engrinaldei-a,
 De agrestes flores enfeitando a lyra
 Não me assentei nos cimos do Parnaso,
 Nem vi correr a lympha da Castalia.
 Cantor das selvas, entre as bravas mattas
 Aspero tronco da palmeira escolho;
 Unido a elle soltarei meu canto,
 Emquanto o vento nos palmares zune,
 Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes;
 As lagrimas do orvalho por ventura
 Da minha lyra distendendo as cordas,
 Hão-de em parte ameigar e embrandecel-as.
 Talvez o lenhador quando acommette
 O tronco de alto cedro corpulento
 Vem-lhe tingido o fio da segure
 De puro mel, que abelhas fabricaram;
 Talvez tambem nas folhas que engrinaldo
 A acacia branca seu candor derrame
 E a flôr do sassafras se estrelle amiga.

Nem mais é preciso. Póde-se negar emoção, numero, belleza a estes versos? Dirá alguém ficariam melhores, sendo rimados? Não é, pois, a rima elemento essencial ao verso, ou todo o verso, como parece a Th. de Banville; não o é em nossa lingua, nas linguas de si formosas, as quaes pôdem ás vezes dispensal-a, como inutil adorno. Dispense-a, pois, o poeta onde quer que achar nada ella lhe adeanta á expressão; empregue-a onde vir que com ella accresce o realce ou valor de seus versos. E' questão de criterio artistico ou consciencia do escriptor. O poema epico, o lyrico, o satyrico ou o didactico, a ode, o hymno, a elegia, o idyllio, a epistola, dão-se bem com a rima, ou sem ella, e sobejos exemplos o comprovam. Composições, ha, entretanto, em que a rima é indispensavel; seria extravagante ou absurdo formar o soneto em verso solto, como solto praticar outro verso, que não o dccassylabo ou heroico, desde o alexandrino até o redondilho maior ou menor.

Mas o verso solto, ao menos entre nós, anda desterrado de todos os generos poeticos. Impera triumphal a rima. Tudo são rimas, e como algumas, pelas usarem demasiado, soam já desgraciosas e exaustas, recorre-se a desinencias inauditas, apostam-se muitos em vêr, qual assoalha maior riqueza de consoantes; desprezam-se os triviaes, os que por todos podem ser encontrados, para que o leitor se maravilhe a cada passo com os extraordinarios, imprevistos, os "achados felizes". O que dahi resulta é facil de vêr e temol-o de continuo deante dos olhos; resultam versos admiravelmente bem rimados; mas como rimar admiravelmente bem, rimar surprehendentemente, rimar como ninguem rima, servindo-se de rimas jámais usadas, foi o movel quasi exclusivo deste ou daquelle poeta, os versos feitos a este intento vêm frios, sem alma, sem vida e apenas... bem rimados.

Idéas ou sentimentos ninguem exprime apenas com boas rimas e estas, evadindo a vulgaridade, pôdem algumas vezes pela rebusca

ou extravagancia resvalar ao ridiculo. Lembremo-nos que os sonetos mais bellos de nossa lingua, desde aquelles já com seculos, que assim começam:

*Alma minha gentil, que te partiste,
Sete annos de pastor Jacob servia,
Formoso Tejo meu, quão differente,*

até aos dos nossos dias mais aceitos a todos, não galeam com requintes de consoantes, e se acaso um ou outro os possui, o afeito ocorreu naturalmente, sem sacrificio da emoção creadora.

(Continúa).

ALBERTO DE OLIVEIRA



O ELOGIO DA MEDIOCRIDADE

Meu amigo

Está V. a ensaiar os seus pendores para a critica, no que faz muito bem, porque é tempo de se ir criando por aqui essa coisa proveitosa; mas a ensaiá-los a custa de pobres poetas enfermiços e de prosadores claudicantes, no que faz muito mal. Permitta que lhe represente, em breves linhas, os equivoocos fundamentaes e as incongruencias desta sua attitude heroica.

O critico, meu caro, que ferozmente aggride as obras *mediocres*, ou olympicamente as despreza, pelo só factio de serem *mediocres*, procede como o sujeito que pretendesse deitar abaixo o pavimento inferior de uma casa de varios andares, para só conservar o resto. A mediocridade é necessaria, absolutamente necessaria — quer no sentido de coisa inevitavel, quer no sentido de coisa util. E', porque tem de ser; e, além disso, é benefiea.

A turba immensa dos *mediocres* constitue uma como nebulosa informe, sementeira protoplasmica de estrellas. A maioria dos grandes de lá saiu, e felizes daquelles que sahiram de vez, para não mais tornar ao rebanho depois de um esforço maximo e maravilhoso. Em regra, a obra total de um escriptor de fama é uma série de livros que vae da mediocridade ao esplendor de um pinaculo de ouro, e esse pinaculo, como o de uma pyramide, é justamente a porção que occupa o menor lugar no espaço. A gloria de Cervantes está inteira na eupola de um enorme edificio literario — “Dom Quixote”; o resto ficou para sempre mergulhado na sombra, como o corpo colossal de um casarão que só conserva illuminada, no seio da noite, a torre mais alta e mais esguia.

Certo, escriptores ha que em rigor nunca foram *mediocres*, cujas primeiras tentativas podem comparar-se aos primeiros vôos, mas aos primeiros vôos das aguias jovens. São poucos. Esses mesmos,



porém, não existiriam se não houvesse a vasta mediocridade que os cerca, que lhes serve de ponto de apoio, que lhes alimenta o espirito nos primeiros tempos, e que os impelle para cima com todos os estímulos contradictorios da rivalidade, do ataque e do applauso.

Toda literatura presuppõe uma multidão de mediocres, e não só de mediocres, senão também de inferiores, de rudimentares, de falhados e de decadentes. Tanto mais pujante e luminosa ella é, tanto mais numerosa a multidão rasteira. Esse mato baixo sustenta a indispensavel camada de humus, resguarda e entretém a vida incipiente das arvores destinadas á maxima expansão. Foi esse mato que permittiu, na Inglaterra, o crescimento fabuloso de Shakespeare, a cuja volta trabalhava e produzia uma pleiade de dramaturgos fortes e uma turba-multa obscura de escribas impotentes e miudos.

Não se restringe a isso a função biologica dos mediocres. Ha uma outra: a mediocridade é uma incomparavel força seleeccionadora. Ella desempenha um duplo papel, com a mais illogica e natural das regularidades: alimenta, entretém, esporeia, exalta os talentos, animando-os pela lisonja quando são meras promessas floridas, animando-os pelo ataque quando começam a dar fruto; incensa-os, imita-os, chupa-os, vulgarisa-os, impõe-os á admiração geral, quando os outros grandes os receberam no seu girão e lhes marcaram lugar na augusta assembléa. Assim, depois de pôr a prova as forças do candidato, e depois de as retemperar e multiplicar, glorifica-o e populariza-o.

Finalmente, como por uma determinação providencial, serve de mediadora entre a nata e a massa, livrando os grandes de se empequenitarem demasiado com a preoccupação de se fazerem comprehender pelo maior numero. Graças a ella, podem os que ficam de cima desencadear as torrentes das mais audaciosas idéas e dos sonhos mais atrevidos. Ella impede que essa agua viva caia de chofre eá em baixo, o que seria positivamente um desastre: interposta ás altas nascentes e ao valle fundo, como um flaneo de morro sulcado de fendas e degraus, reparte-a em filetes innumeraveis, adelgaça-a em espadanas e chuweiros, e leva-a aos lavradores da baixada em estado de servir humildemente á cultura das couves e das aboboras.

Porque, pois, essa furia sinistra de demolição, de que o meu joven amigo se mostra dominado, a exemplo de outros cavalheiros que conscienciosamente manejam o cacete correceional da critica impiedosa?



Reflecta um bocado, e verá que a raiva com que os criticastros atacam os literataços (*mediocre mediocris lupu*) provém de uns va-gos principios, absolutamente falsos, que compõem as fôrmas do seu pensamento — sem que elles proprios o percebam claramente. No fundo, está a idéa de que a arte vem a ser uma especie de revela-ção, com lineamentos geraes immutaveis, com grandes canones in-violaveis, estabelecidos para todo o sempre; a idéa de que poetas e escriptores houve, que, por uma como graça divina, ehegaram a apossar-se intciramente, ou quasi, dos areanos tremendos; e, visto haver uma unica verdade esthetica, anterior ao nosso conhecimento e independente de nós, a idéa de que a perfeição existe, paira ali adeante, pode ser alcançada em cheio, pode ser pegada pela rabadi-lha, e pode escapar-nos por dois dedos ou por uma legua de distan-cia. Elles não tem nem um pensamento nitido ácrea do que sejam os padrões da perfeição; basta-lhes, porém, a suspeita, a erença, a fé na perfeição, para que assumam ares de quem carrega o sublime e arduo encargo apostolico de salvar as almas transviadas, pela per-suasão ou pela violencia. Muito humano, e summamente idiota.

Outra idéa que elles acariciam, decorrente ainda desse fundo tenebroso de apriorismos recebidos sem revisão, é a de que todo es-creveador é um candidato á gloria, teimosamente determinado á con-quista dos louros immarcesciveis. Seria facil demonstrar que a pre-ocupação da gloria não constitue o verdadeiro motor da actividade literaria, e que os literatos de todos os tomos se satisfazem muito mais com o applauso immediato e a remuneração sonante do que com a perspectiva dos louros eternos, em que, no fundo, não acredi-tam muito. A escrevedura é uma das manifestações correntes da vida ordinaria das sociedades eivilisadas, e uma pessoa dá-lhe para ra-biscar papel sem grandes coisas preconcebidas, justamente como ao meu amigo lhe deu para ser um palestrador admiravel, mais in-teressante do que um livro de estampas, ou como ao nosso amigo Pereira para cantor de modinhas, ou ao Fagundes para charadista. São casualidades.

Vá lá, porém, metter esta noçãozinha razoavel e honesta na ca-beça de um desses criticos de miudezas. Nesta quadra da evolução das idéas, em que a philologia e a folkloristica surprehendem a gé-nese das literaturas e os germens dos generos nos cantares e eantos anonymos do povo, e apanham brotas de epopéas, frustres e de lyri-cas informes entre os productos da imaginação cafril ou boschi-

mana, elles persistem em julgar os pobres moços que timidamente se iniciam nas letras sob o falso presupposto de que todos intentam levar as lampas a Homero e a Virgilio, de caso pensado.

No seu entender, quem publica um livro está por força na attitude de quem constroee um pagode monumental, e nelle se remira, e lá dentro se installa, como um Budha, a espera da romaria dos pósteros. Ora, o livro, depois que se inventou a imprensa, deixou rapidamente de ser um luxo, uma alfaia, um segredo, um adorno, qualquer coisa que avaramente se guardava a um canto da casa, entre a arca pregueada e o oratorio esculpido, como uma reliquia ou um fetiche, para ser alguma coisa que já não corresponde a qualquer imagem antiga, alguma coisa de imprevisto e de original, uma característica flagrante de tempos renovados: um instrumento poderoso de commercio entre as almas, prolongamento da conversação adstricto á troca universal das idéas. Assim, o livro tem de ser considerado, não mais como um repositorio de coisas concebidas e filtradas "para a eternidade", mas assim como uma rêde de pesca a sair do seio immenso das aguas, trazendo de envolta com o peixe a alga, o marisco e a salsugem. Instrumento, utensil, aparelho, o livro tem a sua função naturalmente limitada: o seu fim não é durar, é prestar serviço. Cumprida a sua missão, embotado, enferrujado, substitue-se pelo mais novo e mais perfeito, e põe-se fóra. Nem por isso deixou de haver um momento em que foi bem vindo. Era, um êlo, passou; mas teve a virtude de arrastar um outro, que tambem passa, e a circulação continúa.

Deixe em paz, meu bom amigo, os *literatelhos* em que V. gosta de saciar o seu rancor ao pedantismo e á pretensão. Ou bem que faz moral, ou bem que faz critica. Como critico, o seu dever é respeitá-los: estão desempenhando a alta função de preparar o terreno para o surto das grandezas futuras. Lembre-se de que o nosso amigo Shakespeare não fez, nas suas grandes peças, senão apoderar-se tranquillamente de productos medioeres para os transformar ao seu geito, insuflando-lhes aquillo que os predecessores não haviam podido dar-lhes, apesar de toda a boa vontade: genio. Lembre-se de que a lenda dos gigantes que fazem linguas e literaturas por si sós está definitivamente morta. Dante não teria feito a *Divina Comédia*, nem Camões os *Lusiadas*, nem você estaria para ahi escrevendo criticas, se não fosse a enorme legião dos pygmeus, sem nome nem lustre, cujo trabalho surdo e tenaz augmenta pouco a pouco o



thesouro das linguas, lhes dá elasticidade e energia, e as conduz ao ponto de poderem ser manejadas com fragor por um punho poderoso.

Não se impressione com as pretensões da mediocridade, com a troca de louvores dithyrambicos em que ella se compraz. O louvor excessivo só perverte e inutiliza, em regra, os que nasceram talhados para coisa nenhuma. Ha, em compensação, muito cavalheiro de grande valor que a canalha deixa na sombra? A isso, meu amigo, nem Você nem ninguém dará remedio. Molière, numa época de florescencia litteraria, que V. não quererá comparar com a nossa, passava por um habil comediographo, em quem a critica justiceira do tempo não lobrigava grandes meritos. E Dellile foi aclamado genio pelos contemporaneos.

O caminho que V. deve tomar é outro. Deixe os medioeres em paz, e vá direito aos grandes. Com elles é que o meu amigo deve medir forças. Trate de ser alto e forte com elles, e renuncie a esse trabalho infructifero e triste de remexer missangas e alfinetes, acoorado numa esteira. Lá é que eu desejo vêr applicadas as excellentes disposições que V. revela para a critica, e que nos hão de dar o nosso Brandés, ou o nosso pequeno Faguet.

Ex-corde,

AMADEU AMARAL



DESESPERO DE AMOR

A's duas braças do sol, naquella manhã fria e secca de junho, já o Chico Só estava no piquete em lida com o macho esquentadão de Guarapuava: chamára dois campeiros, laçára-o como quem laça uma rez catuzada para o córte, e agora, torcendo-lhe uma das orelhas, chegára-o devagar ao palanque. O macho fungava e arregalava os olhos, tremia de furia, mas não se arredava mais do lugar: tinha no beigo de baixo um arrocho de couro de anta, e o Chico Só poz-lhe um forro de sacco velho no fio do lombo, assentou-lhe por cima o sirigóte, apertou rijamente a barrigueira, pegou a olhal-o:

— Como é isso, ruão de fogo? P'ra que tamanhos bufos e uma cara tão feia, ansim com dia craro, si a sua sina é aguentar barbicho e freio, sirigóte e selim? Bamo' fazer as paz': é melhor...

Mas um dos campeiros quiz pôr-lhe medo:

— Seo Chico, o burro é anhangá p'r'uma pulação! Veja bem como elle é escanelado e peitudo! Repare naquelle signal encostado e'o casco da mão esquerda: é traioeiro na certa!

O Chico Só fez chalaça daquellas observações:

— Ahi, domador e tanto! Quando você vai quebrantar um churo, antão apalpa as qualidades do limal, premeiro? Si o limal é bem assignalado, você cai-lhe em riba, e si é picaço ou é quatrólho, você foge delle? Antão só se amansa o que não é brabo? Ora, acóche a orelha do bicho, que o resto é commigo!

O outro campeiro falou mais compassado:

— Não é por desfazer na sua destreza, seo Chico, mas comtanto que este burro paranista vai dar trabalho. Antes é melhor que a gente quebre o macho, vancê depois repassa, ou nem isso: vancê por fim dá os galopes. O ruão é descangicado, seo Chico: veja só o bra-some que tá nos olhos delle!

Foi tudo tempo perdido. O Chico Só pegou num cabo de relho, amarrou na cabeça um lenção de ramagens, de um pulo atirou-se aos arreios, e mandou que soltassem o animal do palanque:

— Bamo' ver de que porte é o pulo deste macho!

E o macho saiu encapotado, roncando, de lombo teso e cóla encolhido, batendo as mãos na grama rala e no pedregulho do piquete, fazendo o rumor descompassado de ùa matraea sem governo. Saltou, a mãos juntas, para uma banda e para outra, abaixou o lombo e ergueu a cóla, rompeu á disparada para frente, avizinhou-se do palanque, relou-o para descarregar o cavalleiro, torceu á direita, e de repente estacou. Tinha o pello todo arripiado e os olhos escandecidos numa grande raiva. Mordia a tira de sola erua que sentia entre os dentes. Trocava as orelhas. Ia atirar-se para a lisura de uma restinga de pedra.

Mas o Chico Só deu-lhe um galeio violento ao barbieacho e uma pancada de cabo no alto da cabeça. O ruão tonteou, bambeava as curvas e ia afocinhar entre as hervas, quando um saccão das guias do barbieacho o reteve e o desviou para o lado. O peão gritou aos campeiros, quando elle fitou de novo as orelhas:

— Agora vai a ferrage': vejam que musga tão boa!

E riscou-lhe, da cara ás ancas, o corpo todo a ehilenas. O macho urrou desabaladamente, apavorando o silencio apalermado das coisas; depois, velhaqueando de roda e batendo as orelhas, arremetia para cima, para o ar, esperando que o cavalleiro se lhe despegasse do lombo: e o cavalleiro picava-o, ainda e sempre, com os estrellões das esporas, tirando-lhe já sangue do pescoço, do vasio e dos quadris...

Houve instante, afinal, em que o burro chucro estendeu mãos e pernas, gungunando como um negro mina, suando agua e sangue, no geito de quem se escóra para não ir adiante nem atraz: e o Chico Só remaniseou da sella para o ehão, tendo na mão esquerda as tiras do barbieacho, enquanto os campeiros se acercavam, para o desarreio e o descanso do ruão quebrantado e entregue.

A estrada, fóra do piquete, enchera-se de gente extranha. Como em todos os tempos, a gente extranha queria approximar-se do vencedor, no momento em que elle acabava de vencer. Ia um vozear desordenado entre os observadores, gritos de admiração, e quasi de susto ainda, erguiam-se para o socego do cercado, e certa mulher disse á nh'Anna do Lopes, que fitava os olhos escancarados no vulto do Chico Só:

— Aquelle um, minha camarada, é secco na passóca! E' um home de sola e vira! Faz o que quer de si e dos mais: a mo' que recebeu toda a bençãam de Deus!

Foi por via daquella domaçaõ de um burro de flor que a nh'Anna, filha mais velha do Candinho Lopes, se enthusiasmoou pelo Francisco das Neves, tão destro e vivo rapaz, que desde muito cedo lhe puzeram o appellido de Chico Só. Caia-lhe bem o appellido: era moço que não engeitava trabalho algum, gostava de se divertir nos adjutorios e nas funcões da vizinhança e, sem roncaria nem farofas, botava o peito a qualquer homem, por mais sacudido que fosse. Não tinha comparaçaõ com os outros, porque era o melhor de todos: por isso andava apartado...

Ella, a nh'Anna, desde menina fôra o vidro do pae: não havia vestido bonito que o Candinho lhe negasse, nem sapato de luxo que lhe não viesse parar aos pés. Mostrou, certa vez, vontade de ter um pente de ouro para o cóque do cabello: e o Candinho mandou-lhe vir, não só aquelle pente, como um punhado de outras joias — brincos, pulseiras e ganchos, coisa que até ninguem achou direito.

Porque o Candinho, a falar verdade, não era homem de muitas posses: tinha alguns selamins de terra bem aproveitados, herança já de pae e de avô, mas, tirante aquella terra e as bemfeitorias, e o sumo que ellas davam, só lhe restava o dia e a noite. Entretanto, si lhe notavam de desatinados similhantes exageros por nha moça, que no fim de contas, ia ser tão pobre como as outras, elle respondia com todo o gaz:

— Home', eu não tenho mesmo quaji nada. Mas porêem pissuo este meu sanguinho, a nh'Anna, que é a minha riqueza no mundo: já vê que hei de tratar com todo o carinho a riqueza unica que eu tenho, pois não é?

Fosse com fosse, a nh'Anna creceu á vontade: nunca sentiu falta de nada, nem que lhe sahisse contra. Agora, apaixonando-se pelo Chico Só e sabendo que elle era um rapaz opinioso, que não se deixava levar por teimas ou por mandos, mudou de geito na vida. Quando o encontrava, nalguma resa em casa dos arredores ou ualguma dansa de baile, não levantava o olhar com soberbia, nem falava alto e forte: conversava uma conversa moderada, virava-se para elle com modos de respeito, e chegou uma vez ao ponto de não querer dansar com um moço bem apessoado e bonito, porque o Chico Só tinha olhado para o tal moço com maneiras de quem o aborrecia.

A paixão lavrou depressa: não podia passar muitas horas longe delle, esperava-o á porta com flôres no eabello, no peito ou na cinta; e ficava a acompanhal-o com os olhos, tempo esquecido, até que o vulto desapparecesse no eaminho e sobre o caminho eaisse toda a poeira que aquelle vulto erguêra na passagem. Quantas vezes o sol a cobrira de ouro, vendo ella o Chico Só a sumir na lonjura de um morro, e a lua viera eobril-a de prata, sem que ella se afastasse ainda da porta, namorada e sonhadora!...

E o Chico Só ficou perdido de amores por ella. Fez-se folgazão de viola, para poder inventar-lhe versos cheios de ardor e esperança, no momento de encabeçar as modas de catira ou de cantar um samba novo. Deu em não perder a missa dos domingos, porque ella aos domingos ia sempre á missa. Mandou preparar uns arreios de prata para sua montaria, porque tinha de passar e queria passar por perto dellá todo santo dia, duas e tres vezes. Até pegou a usar gravata sobre a gola das camisas de bolso, um laço de borboleta, como a nh'Anna gostava. Perdeu o somno, varias noites, pensando nella, e foi ver, varias vezes, o romper do dia e a moça, em frente á casa della, que nem um pobre vagabundo das estradas...

Quando viu que já não aguentava mais aquella vida e estava em termos de perder o juizo, resolveu casar quanto antes. O Nico, seu companheiro de criação, intentou afastal-o:

— Chico, a moça não lhe serve: é moça de muito mîmo, eheia de vontades, gastadeira e amiga de luxar. Não lhe serve. Despois usa flôr na eintura, de vez em quando, e você bem sabe que mulher que bota flôr na cintura não presta.

Como o Chico Só levantasse uma hombreira, o Nico insistiu com toda a força:

— Quer saber o que mais? Alembre-se bem do que dizia o Firmino Gordo: mula estrella e mulher faceira, o diabo queira!

O Chico Só era um rapaz opinioso: quiz casar e casou. Não tinha que dar satisfações a ninguem. Cada qual sabe de si, e Deus de todos: elle é que havia de escolher o que lhe eonvinha, não os outros. A sorte é uma coisa baça, que ninguem sabe o que vai ser mais tarde — si muita claridade, si muita escuridão...

Fez-se-lhe a vida um céo aberto! Durante mezes e durante annos, correu-lhe tudo em mar de rosas: a nh'Anna, despachada e alegre, vivia pela casa cantando, e, com toda a sua graça e toda a sua belleza, parecia uma figura encantada de livro de historias. O Chico Só gastava horas e horas a contemplal-a commovido, com ares

de eterna maravilha, no fundo dos olhos e uma ternura constante no fundo do coração.

Foi assim que um dia, mal que o sol apontára e a casa não tinha ainda percebido o arraiar da manhã, elle se achou a miral-a demoradamente, como nos primeiros dias de casado, enquanto a nh'Anna dormia a somno solto sobre o travesseiro alto, vestido de fronha branca, as tranças castanhas de nh'Anna haviam fechado um ninho, dentro do qual uma das mãos parava meio cerrada. E o Chico Só pensou tanta coisa, tanta coisa, que uma lagrima e logo depois outra, e muitas mais, logo depois, começaram a descer-lhe pelo rosto:

— O que é isso, o que não é, seo Chico (falou-lhe a nh'Anna, acordando): você chorou neste sofragante? Si chorou, porque chorou? Alguma dor anda escondida no seu coração?

Elle abraçou-a como quem sai dum pesadelo:

— Nada, nada, nada: eu 'tava tão feliz, olhando o seu somno quieto, e pensando com tamanho amor em você, que num supetão fiquei desesperado, cuidando que um dia posso perder toda esta minha felicidade, que é você mesma...

A nh'Anna riu-se rindo-se. Viu que lhe tremia nos olhos uma lagrima; admirou-se; ficou um instante pensativa; e ia procurar a lembrança de algum sonho derradeiro, quando a lagrima emprestada, que era do Chico Só, lhe desceu de vereda pelas faces, até a bocca:

— Uiai, que choro amargo, Senhor Deus de misericordia!

Levantou-se, abriu a janella do quarto. O Chico olhou para a estrada, e uma sombra escura lhe passou por todo o rosto, no mesmo instante:

— A Balancia por estes mambembes! Que malvadeza estará fazendo semelhante creatura? Uma leva-e-traz, ver a Balancia, não é por boa coisa que passeia no bairro! Ai! onze letras do inferno, si alguem te pilha no olho duma enxada!

A sombra escura sumiu, quando a Balancia se derreteu atraz da contra-vertente. E o Chico Só suspirou desfogado. Encilhou o ruço cardão, disse até logo á nh'Anna, tomou o rumo da invernada. Ia sózinho e alheiado, e topou, na dobrada do espigão, com o Nico tambem sózinho e a cavallo, que parecia esperal-o:

— Ora viva, que ninguem agora cansa os olhos em lhe ver! O que foi que aconteceu? Você não dá copia do seu semblante? E' réiva? E' queixa? E' briga?

O Neco foi-lhe caminhando bem a par da montaria, com a testa franzida e muita amargura na bocca triste:

— Tenho fugido, Chico, tenho fugido: eu nunca não quiz que fosse eu o premeiro a dar-lhe uma noticia rúim. Esperei que você mesmo adivinhasse as coisas e fizesse o ensino perciso. Mas porêem você não percebeu nada, e o arraial anda-se rindo por sua conta.

— Por minha conta?

— Sim, por sua conta: o Berto remexe por estes ermos, quando você 'tá longe, porta na sua casa, entra na sua casa e fica na sua casa feito o dono, enquanto você 'tá p'r'o campo ou na invernada, innocente de tudo.

— Misericordia de meu Deus! Você imagina, só p'r'amor de ser meu malungo, que pôde levantar um falso na nh'Anna, sem mais nem menos, e que o marido da nh'Anna escuita o falso e não faz nada? Você não conhece mais o seu irmão de cria? Pois antão ha de conheeer o marido da nh'Anna!

Estavam á beira de uma barroca, longe da estrada real e já nas cercanias da invernada. Em baixo, quasi tão azul como a tabatinga da barra, brilhava ao sol a agua pequenina e socegada de um ribeirão. O Neco attentou por momentos na serenidade da agua escassa:

— Não fique çolerado, Chico! Eu sou do seu coração e você é do meu: não fique brabo! Eu só posso querer o seu bem, não quero o seu mal. Dês que a Balancia 'garrou a ser onze do Berto, a nh'Anna perdeu o socego, todo o mundo sabe, e depois perdeu tambem a vergonha. Você me perdoe, Chico, mas eu lhe falo é pr'a limpeza da sua cara!

Então, como um demente, o Chico Só despenhou-o pela barroca, rugindo e com os dentes a retremer entre os labios convulsos:

— E' deste feitio, seo desgraçado, que eu prego uma lição em quem tem a corage' de pôr uma nodea na honra da nh'Anna.

Os animaes ficaram soltos ao pé da barroca deserta. O Chico Só não se lembrou de que talvez estivesse a correr perigo de vida quem por elle, mundo afóra, mais de uma vez expuzera a sua. Veiu desandando a estrada a pé, com o cabo de relho na mão direita e o chapéu desabado na testa, distraido e afastado de si mesmo, na agonia da furia e na ancia do espanto.

Chegou ao terreiro de casa por um caminho de extravio, entrou no mangueiro pé ante pé, como quem não era esperado e vai fazer uma surpresa de muita satisfação. Só voltaria pelo fechar da tar-

de, e voltava antes do meio-dia, que nem um criminoso, que nem um namorado. Fez rumo para o quarto dos arreios, acocorou-se atraz da caixa de milho, e poz-se a banzar, a banzar...

Aquillo tudo era inveja: a nh'Anna, geitosa e bem falante, dava sota e basto ás mais bonitas do arraial. Vestia com gosto, calçava bem, e não trazia a cabellada secca e sem cheiro como as outras. Era desempennada, tanto dansava um baile como um fandango, puxava o terço com a voz mais macia de todo aquelle pedaço de mundo. Inveja tudo!

Como acordára antes do tempo e antes do tempo se levantára, vinha-lhe agora uma bambeza de corpo, um calor de aconchego brando, uma preguiça leve e suave. Ia recostar a cabeça a um monte de espigas e já descêra para a nuca chapéo de campeio, quando ouviu rumor de passos na estrada, junto á cerca, no mangueiro, perto de casa. Fitou o ouvido, ageitando-se melhor entre o milho, como quem receiava ser descoberto mais de pressa que o necessario. Só podia ser a nh'Anna, com aquelle vestido branco de pingos côr de rosa, alguma flor ainda fresca no cabelo e um bando de palavras boas na bocca apaixonada...

Mas o rumor de passos parou ao pé da porta. E a voz da Balancia falou cautelosamente para a sala de jantar, como uma voz que sabe bem a viagem que tem de fazer:

— Nh' Anna, você não quer que leve hoje algum recado p'r'o Berto?

VALDOMIRO SILVEIRA



O MODERNISMO ⁽¹⁾

O Movimento de idéas que antes de acabar a primeira metade do século XIX se começara a operar na Europa com o positivismo comtista, o transformismo darwinista, o evolucionismo spenceriano, o intellectualismo de Taine e Renan e quejandas correntes do pensamento, que influindo na literatura deviam pôr termo ao dominio exclusivo do Romantismo, só se entrou a sentir no Brasil pelo menos vinte annos depois. Successos de ordem politica e social, e ainda de ordem geral, determinaram-lhe ou facilitaram-lhe a manifestação aqui. Foram, entre outros, ou os principes: a guerra do Paraguay, acordando o sentimento nacional, meio adormecido desde o fim das agitações revolucionarias consequentes á independencia e das nossas lutas no Prata; a questão do elemento servil, commovendo toda a nação, e lhe despertando os brios contra a aviltante instituição consuetudinaria; a impropriamente chamada questão religiosa, que alvorçou o espirito liberal contra as velleidades do ultramontanismo e abriu a discussão da crença avoenga, provocando emancipações de consciencias e abalos da fé costumeira; e, finalmente, a guerra franco-alleman com as suas consequencias, despertando a nossa attenção para uma outra civilisação e cultura que a franceza, estimulando novas curiosidades intellectuaes. Certos effeitos inesperados da guerra do Paraguay, como o surdo conflicto que apenas acabada surgiu entre a tropa, demasiado presumida do seu papel e impor-

(1) — Este artigo é um capitulo da "Historia da Literatura Brasileira" do autor, que deve apparecer este anno editada por Francisco Alves & Cia., em cujos prelos se acha.

tancia, e os profundos instinctos eivilistas da monarchia, não foram sem effeito neste momento da mentalidade nacional. Tambem a revolução hespanhola de 1868 e consequente advento da Republica em Hespanha, a quêda do segundo imperio napoleonico e immediata proclamação da Republica em França, em 1870, fizeram resurgir aqui, com maior vigor do que nunca, a idéa republicana que desde justamente este anno de 70 se consubstanciára num partido com organ na imprensa da capital do Imperio. Esta propaganda republicana teve um pronunciado character intellectual e interessou grandemente os intellectuaes; pode dizer-se que toda a sua parte moça, ao menos. Outro character da agitação republicana foi o seu livre pensamento, se não o seu anti-catholicismo, por opposição á monarchia, officialmente catholica.

Actuando simultaneamente sobre o nosso entendimento e a nossa consciencia pela commoção causada nos espiritos aptos para lhes soffrer o abalo, estes differentes successos produziram um salutar alvoroço, do qual evidentemente se resentiram o nosso pensamento e a nossa expressão litteraria. A's idéas, nem sempre coherentes, ás vezes mesmo descontraçadas daquelle movimento, fautoras tambem nos acontecimentos sociaes e politicos apontados, chamámos aqui de modernas: expressamente de "pensamento moderno". A novidade que tinham, ou que lhes enxergavamos, foi principalissima parte no alvoroço com que as abraçavamos. Na ordem mental e, particularmente litteraria, os seus effeitos se fizeram sentir numa maior liberdade espiritual e num mais vivo espirito critico.

Foi um dos seus principaes agentes, mórmente no Norte do paiz, onde então a vida intellectual, com o seu centro em Pernambuco, tinha certa actividade, Tobias Barreto, já atrás estudado como poeta. Eis como o porventura mais intelligente dos seus alumnos, o sr. Graça Aranha, no estylo com que a nossa gente se excusa a clarificar as proprias idéas e se embriaga de palavras, lhe diz o feito insigne: "Em 1882 Tobias Barreto, que os seus condiscipulos não comprehenderam e de cuja immensa reputação ainda se espantam e sorriem, abalava como um ciclone a somnolenta Academia do Recife. Elle invade a sociedade espiritual do seu tempo como um verdadeiro homem da sua raça. E o segredo da sua força está na absoluta e constante fidelidade a esse temperamento, em cuja formidavel composição entram doses gigantescas de calor, de luz e de todas aquellas ondas de vida que o sol transfunde regiamente ao sangue

mestiço... Tinha a exuberancia, a seiva, a negligencia que o fazia extranho a todo o calculo mesmo o da sua reputação de além tumulo, o prodigioso dom de fantasiar, o "fabuhren" dos eriadores, e mais a impaciencia e a temivel explosão da revolta que permanecerá como o traço vivaz do seu caracter. Não houve vaso que o amoldasse; não conheceu senão os limites inabordaveis da liberdade e os da extrema irresponsabilidade. Poude como um sertanejo viver com o povo, foi descuidado, miseravel e infeliz. Creseu musico e poeta. E mais tarde quando lhe chegar a cultura, ella virá na barca fantastica da poesia. E foi pelo impulso dessa volatil essencia do seu temperamento que Tobias Barreto passou da arte para a philosophia. O pensador nelle é uma modelação do vate. Transportará para a metaphysica, para as sciencias biologicas, para o direito, a magia da advinhação, o improviso milagroso, a neecessidade de idealisar e de imaginar, que é a poesia. Quasi toda a sua sciencia, quando não vem da legislação ou da lingua, é feita prineipalmente de intuição e os seus vastos descortinamentos, os clarões que abre, a vida que dá ás idéas apenas entrevistas no prisma da sua visão é mais a criação do poeta que a logica do sabio. E nisto foi um homem do seu tempo e da nossa raça. E' preciso que o sangue corra longamente, durante seculos, numa infinita deseendeneia para que o precipitado das forças originaes do nosso espirito seja a idealisação scientifica. O maximo, o que por emquanto podemos attingir, foi o que nos deu Tobias Barreto, a philosophia através das cores solares da poesia." (1).

Esta pagina, aliás bella, é por mais de um titulo preciosa. Primeiro como documento do nosso gosto do verbo pelo verbo, quanto mais pomposo e rutilante mais amado, "immensa reputação", "abalava como um eiclone", "formidavel composição de um temperamento", "doses giganteseas", "prodigioso dom de fantasiar", "a magia da advinhação", "o improviso milagroso", "os vastos descortinamentos", e tudo o mais assim magnificado e exorbitante. Nunca os maximos pensadores dos grandes paizes de alta cultura, um Kant, um Spencer, um Comte lograram ser assim tão grandiloquamente celebrados pelos seus compatriotas.

Mas é sobretudo precioso este discurso por que o proprio vago e ambiguo desta representação de Tobias Barreto e sua obra revê o

(1) — "Discurso da Academia Brasileira" na "Revista" da mesma Academia, janeiro, p. 183.



incerto e equívoco dessa figura e dessa obra, ainda hoje ambas mal definidas, graças principalmente aos seus indiscretos panegyristas. Já vimos em que verdadeiramente lhe consistiu a acção, que, ainda reduzida a essas proporções, foi todavia consideravel, como estímulo e impulso. As nossas academias ou faculdades superiores foram desde o meio do seculo passado os principaes fôcos da nossa actividade litteraria. Dessa origem lhe virá a fraqueza dos resultados, a sua imperfeição e inconsistencia. A nossa litteratura desde o romantismo foi principalmente feita por estudantes ou moços apenas sahidos das faculdades, com pouca lição dos livros e nenhuma da vida. Nellas se geraram quasi todos os nossos movimentos litterarios, e todas as novidades de ordem mental, como era natural, acharam nellas terreno adequado, tanto para o joio como para o trigo. Foi sobretudo medinte os seus alumnos do Recife, litterariamente deslumbrados pela facundia do professor, deslumbramento augmentado da sympathia que lhes inspiravam os seus habitos bohémios e alguns dos seus mesmos defeitos, tudo levado á conta de poesia ou philosophia, que Tobias Barreto influiu na mente brasileira. Sem outra originalidade talvez que a do seu verbo, como elle desordenado e exuberante, sem nenhum saber scientifico realmente solido, agitou, entretanto, uma porção de idéas novas, prégou ou doutrinou concepções desconhecidas da maioria, citou, com emphaticos encomios nomes allemães e russos de quasi todos ignorados, e cujo valor rarissimos podiam verificar, e firme desassombradamente proclamou a necessidade de refazermos completamente a nossa cultura em outras fontes que aquellas onde até ahí principalmente bebiam, as portuguezas e francezas. A estas não conseguiu aliás que de todo as deixassemos, pois nella é que sobretudo bebemos ainda. Não foi, porém, inteiramente perdido o seu reclamo. Concorreu muito para entrar connosco a duvida salutar de que as nascentes tradicionaes da nossa cultura não seriam as unicas beneficas, e a curiosidade do nosso espirito se alargou consoantemente. Basta isso para lhe assegurar um posto proeminente na nossa evolução litteraria, ou antes cultural, sem necessidade de lhe exagerarmos o valor da obra.

Esta é fragmentaria e dispersiva, e não guarda outra unidade que a da inspiração acaso mais lyrica que philosophica, do seu genio e da sua fé na superioidade da cultura alleman e na legitimidade da sua hegemonia. Em estylo descomposto como lhe era a



vida, numa forma muito pessoal, e por isso mesmo viva e interessante, com propositada ou congenial carencia daquella urbanidade de que os latinos faziam uma virtude literaria, escreveu dezenas de opusculos, artigos e ensaios. Theoria literaria, critica, philosophia, sociologia, religião, direito, psychologia, literatura comparada, philosophia scientifica, biologia, historia, em summa de "omni re scibili", tudo versou nelles. Esta affectação de saber universal, sempre suspeito num puro autodidacta, realçado em verdade por um grande e sincero calor de exposição, em que superabundavam provas de talento, abalou a mocidade da escola onde professava e por ella boa parte da mentalidade moça do paiz. Livro não publicou em vida mais que os "Estudos allemães", colleção de artigos diversos e "Menores e Loucos", monographia de direito criminal. A maior parte da sua obra sahiu posthuma. A sua acção foi sobretudo, oral, a do seu ensino, dos seus discursos, das suas palestras, e reflexa, operada por intermedio dos seus discipulos. E de facto se não exerceu e tornou sensível com prioridade que lhe assegure a primazia de precursor do movimento modernista aqui. Sem falar dos seus annos de estudante no Recife (1862-1871) em que "cultivou preponderantemente a poesia" (1) a sua acção util só verdadeiramente começou com o seu professorado alli em 1882. Os dez annos anteriores (1871-1881) passara-os elle na pequena cidade pernambucana da Escada, obscuro e desconhecido. Nesse logarejo, que não era nenhuma Weimar, publicou opusculos em portuguez e allemão. Destes ultimos seria elle proprio um dos rarissimos leitores, porque, segundo nos exprobase como de uma infamia, não havia aqui então mais que umas escassas duzias de pessoas que lessem essa lingua. Esta excentrica actividade literaria da Escada não teve nenhuma publicidade e menos repercussão. Só foi lembrada quando Tobias Barreto se tinha feito conhecido como professor no Recife e começava a criar proselytos. Ninguem, que de todo não ignore as condições da nossa vida intellectual admittirá a influencia de um escriptor, por mais genial que o supponhamos, cuja actividade se exerça esporadica e fragmentariamente, em magros folhetos e ephemos periodicos, numa cidade sertaneja. Sómente em 1882 começou, pois, a acção de Tobias Barreto a se fazer sentir, e de primeiro exclusivamente no Recife.

(1) — "Discurso citado", 185.

Antes disso, porém, desde os primeiros annos do decennio de 70, e sob as influencias notadas, manifestava-se no Rio de Janeiro o movimento modernista. Foi nos proprios livros francezes de Littré, de Quinet, de Taine ou de Renan, influenciados pelo pensamento allemão e tambem pelo inglez, que começamos desde aquelle momento a instruir-nos das novas idéas. Influindo tambem em Portugal, criára alli a cultura alleman uma pleiade de escriptores pelo menos ruidosos, como Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Joaquim de Vasconcellos, Anthero de Quental, Lueiano Cordeiro, amotinados contra a situação mental do reino. Além destes, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, vulgarisavam nas "Farpas", com mais petulancia e espirito do que saber, as novas idéas. Todos estes, aqui muito mais lidos do que nunca o foi Tobias Barreto, actuaram poderosamente a nossa mentalidade. É o movimento coimbrão, como se chamou á briga literaria do "Bom senso e bom gosto", pelos annos de 60, teve certamente muito maior repercussão na mentalidade literaria brasileira do tempo do que a pseudo escola do Recife. Muito mais daquelle movimento do que da influencia de Tobias Barreto derivaram a "Literatura brasileira" e a "Critica moderna" (1880) do sr. Sylvio Romero, e bem assim os seus primeiros estudos da historia da literatura brasileira. O positivismo comtista inaugurava aqui em S. Paulo a sua propaganda, primeiro sómente do aspecto scientifico da doutrina. Essa pregação convenida, tenaz, teve desde logo a seu lado, a prestigial-a, alguns bons sabedores das sciencias positivas, particularmente das mathematicas. E em 1875, estranho a qualquer influencia do excentrico philosopho da Escada, um velho diplomata, Araujo Ribeiro, (viseconde do Rio Grande) publicava no Rio de Janeiro o seu volumoso livro "O Fim da Criação", o primeiro de doutrina darwinista, se não materialista, escripto no Brasil.

Na mesma decaada entrou a instrucção publica a occupar mais seriamente a attenção dos governos e do publico. A Typographia Nacional tirava em volume as traducções dos livros de Hippeau sobre o ensino publico nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Prussia. Reformava-se proeurendo-se desenvolvendo o Collegio de Pedro II, unico fóco de estudos classicos que possuimos, hoje quasi extinto. Criavam-se conferencias e cursos publicos, onde se começaram a agitar as novas idéas philosophicas, scientificas e literarias. Remodelava-se o antigo curso da Escola Central organisando-se a Escola Polytechnica, aacrescentando-se-lhe aos cursos profissionaes

as duas importantes secções de sciencias physicas e naturaes e sciencias physicas e mathematicas. Para reger as novas cadeiras vieram da Europa professores especiaes, como o physico Guignet, o physiologista Couty, o mineralogista e geologo Gorceix, logo depois incumbido da fundação e direcção da Escola de Minas de Ouro Preto, nesse tempo erizada. Tambem o ensino medieo foi reformado, accreseido de materias e cadeiras novas. A reforma que igualmente soffreram o Museu e a Bibliotheca Nacional determinou maior actividade e um mais util effeito destas velhas e paradas instituições. O Museu começou a publicar os seus interessantes "Archivos" em cujos tres primeiros volumes (1876-1878) se encontram trabalhos originaes de anthropologia, physiologia, archeologia e ethnographia e historia natural de sabedores brasileiros, Lacerda, Rodrigues Peixoto, Ladislau Netto, Ferreira Penna, e estrangeiros ao serviço do Brasil, Hartt, Orville Derby, Fritz Müller e outros. Simultaneamente com os "Archivos do Museu" vem a lume os "Annaes da Bibliotheca Nacional", ricos de informações bibliographicas, de eruditas memorias e de monographias interessantes para a nossa historia literaria e geral. Nos "Ensaio de Sciencia" (1873) Baptista Cactano de Almeida Nogueira funda o estudo das linguas indigenas brasileiras segundo os novos methodos da sciencia da linguagem, recriada pelos allemães, tirando-o do fantasioso empirismo em que até então andou. Os "Estudos da Historia do Brasil no seculo XVI" (1880), não obstante o seu exiguo tomo, revelavam no sr. Capistrano de Abreu raras capacidades, posteriormente confirmadas por outros trabalhos para essa ordem de estudo, aqui tambem depois da morte de Varnhagen quasi que entregues á pura improvisação. Pelo fim do mesmo decennio, Araripe Junior, um dos melhores espiritos deste momento, começara a publicar o seu perfil literario de "José de Alencar", uma das obras capitaes na critica brasileira, e no prefacio da primeira edição, em 1882, declarava que a reconstituição das suas idéas datava de 1873. No Ceará, donde era e onde residia Araripe Junior, formara-se por aquelle tempo um grupo literario composto delle, de Capistrano de Abreu, do mallogrado Rocha Lima, de Domingos Olympio, de Thomaz Pompeu e d'outros nomes menos conhecidos, grupo ledor de Spencer, Buckle, Taine e Comte e entusiasta das suas novas idéas. Esse grupo ficou extranho á influencia da Escola e precedeu de dez annos a do Recife. O "José de Alencar" de Araripe Junior inspirava-o manifestamente o criterio critico

de Taine, como o "Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no seculo XVI" (1883) de Capistrano de Abreu o evolucionismo spenceriano. Em 1874 um medico de São Paulo, o dr. Luiz Pereira Barreto publicava sob o titulo das "Tres Philosophias" a exposição e discussão, que ficou aliás incompleta, dos tres estados do espirito humano, confôrme a doutrina de Augusto Comte. E as questões historicas, philosophicas juridicas, politicas e ainda culturaes que se prendem ao grave thema do poder e autoridade do papa e das suas relações com o seculo eram, em 1877, larga e eruditamente discutidas pelo sr. Ruy Barbosa numa copiosissima introdução á sua versão para o portuguez da obra alleman do conego Doellinger, "O papa e o Concilio". Nessa prefacção o sr. Ruy Barbosa revelava, aca so excessivamente, a vastidão da sua literatura não só franceza ou alleman mas universal.

Destes factos não é licito se não concluir que a acção de Tobias Barreto, comquanto consideravel, não foi tal qual se tem presumido, e que effectivamente só entrou a exercer-se pelo anno de 1882. Então já no Ceará e em São Paulo pelo menos, e no Rio de Janeiro, desde o principio do seculo passado o nosso centro intellectual mais consideravel, manifestamente se desenhava o movimento a que tenho chamado de modernismo. Principalmente reflexa, a acção de Tobias Barreto nesse movimento operou-se mediante os seus discipulos immediatos, dos quaes um ao menos, o sr. Sylvio Romero teve consideravel influencia na juventude literaria dos ultimos vinte annos do seculo passado. No empenho, aliás sympathico na sua inspiração, de o exaltarem, inventaram uma "escola do Recife", do qual o fizeram instituidor. Não viram, como atiladamente nota o mesmo sr. Graça Aranha, que "a força singular desse homem estava na genialidade poetica por onde lhe veiu a intuição scientifica e a philosophica" e que "essa genialidade, essa imaginação faltaria aos seus discipulos por que ella era uma expressão puramente individual e que se não repete... Extrahiriam dos livros e das phrases do mestre apenas as formulas audazes, confundiriam a satyra com a serieidade do pensamento, tomariam os vagos delineamentos por conclusões definitivas e espalhariam numa lingua barbara a dogmatica doutrinas para as quaes não teriam nem a sciencia, nem a adivinhação prophetica". A "escola do Recife" não tem de facto existencia real. O que assim abusivamente chamaram é apenas um grupo constituido pelos discipulos directos de Tobias Barreto professor disertor e sobretudo, ultra-benevolo, eloquente orador literario e poe

ta fecundo, mais do que Tobias pensador e escriptor. Cumpre, aliás, repetir, que esse grupo, salvo immigrações individuaes posteriores, restringiu-se ao Norte, donde era a maxima parte de seus alumnos, e mais exactamente a Pernambuco.

Mas ainda reduzida a estas proporções, que me parecem as verdadeiras, a figura de Tobias Barreto e seu papel na nossa literatura, ou mais exactamente na nossa mentalidade, é relevante. Elle actuou duplamente, primeiro, e acaso principalmente, como demolidor dos nossos valores mentaes que pela sua propria immobildade se tornavam um impedimento ao nosso progresso espirital, depois como uma força de estímulo e reforma para essa mentalidade. Apon- tou, se não abriu, caminhos novos e novas direcções á nossa intelli- geneia, eriou discipulos em quem se lhe fructificaram os ensina- mentos e cuja acção foi consideravel, suscitou discussões e polemi- cas com que agitou o nosso meio intellectual, em summa, deu um forte e util abalo ao nosso pensamento, como quer que seja no mo- mento inerte. Não foi, porém, nem um sabio, nem um pensador ori- ginal ou profundo. O seu darwinismo não podia ser senão de méra predilecção sentimental. Carecendo da instrucção scientifica, e es- pecialmente biologica, para apreciar idoneamente as doutrinas de Darwin e seus discipulos ou emulos não podia, sem impertinencia, pronunciar-se sobre ellas e menos professal-as. Aliás quasi todos os nossos pseudo philosophos evolucionistas, transformistas ou darwi- nistas o foram, como elle, de palpito. Um principio, um conceito, uma idéa sua, não se lhes conhece naquelles dominios. Não fez de facto, se não expor, ao que parece com grande eloquencia profissio- nal em todo caso mesmo escrevendo com grande calor communicati- vo, e arrogancia propria para impor, o que em philosophia, em criti- ca, em literatura, em direito faziam os allemães, por cuja cultura se enrabiou com exclusivismo pouco abonatorio do seu espirito critico. Como a sua pregação endereçava-se a um publico para que a Allemanha sob o aspecto da cultura, era "terra incognita", e mais um publico principalmente constituido de rapazes tão ignorantes como facilmente impressionaveis, nada mais facil do que alcançar fóros de oraculo.

O modernismo de que, em todo o caso, foi elle aqui um dos principaes fautores, productos de forças heceterogeneas, teve tam- bem desenecontrados effeitos na ordem literaria: na ficção em prosa deu o naturalismo, ou melhor favoreceu o advento do naturalismo fran-



cez; na poesia simultaneamente o parnasianismo e a extravagancia da chamada poesia scientifica. Em outras ordens de actividade, na philosophia, na critica, em sociologia, em historia, influuiu com outros methodos e por ventura mais esclarecido entendimento. Mas tambem, e em maior numero talvez, produziu repetições descoradas ou desageitados arremedos do que nesses ramos de conhecimento se fazia lá fóra. Desvairando, porém, a nossa fraca sciencia deu logar ao que Herculano ehamou com porpriedade de "gongorismo scientifico". Acaso o seu mais util e notavel effeito foi, apesar destas maculas, o desenvolvimento do espirito critico. Effectivamente nesta phase da nossa literatura mais que em qualquer das que a precederam se nos depara esse espirito e ás vezes de boa qualidade. Fura, porém, da poesia e do romance, ou da oratoria parlamentar, justamente em plena e brilhante florescencia nos ultimos vinte annos do Imperio, não produziu um conjuncto de obras que se possam agrupar sob uma qualificação particular ou ligadas por qualquer pensamento ou idéa geral commum. A mais consideravel sahida desse movimento, menos aliás por virtudes intrinsecas, que pelos seus effeitos, e esse producto directo do estylo criado em Pernambuco por Tobias Barreto, mas concebida e realisada no Rio de Janeiro, é, talvez, a já citada "Historia da literatura brasileira" do sr. Sylvio Roméro (1888).

O romance romaneseo e nimiamente sentimental de Alencar, Macedo ou Bernardo Guimarães, quando já o naturalismo francez não era uma novidade, acabara por, ainda em antes deste movimento, ceder o passo ao de Taunay, Machado de Assis, e Franklin Tavora, unieos dos romancistas sucessores daquelles que fizeram uma obra equivalente á sua. Esta, porém, salvo no segundo, era ainda como a dos romantieos, intencionalmente nacionalista, e em Franklin Tavora até propositadamente regionalista. Sómemente continuando com o nacionalismo literario estes, e outros que os acompanharam o fizeram com attenuação da formula romantica dominante. Elles pertencem antes á ultima phase do romantismo. Os verdadeiros naturalistas segundo as receitas francezas já aviadas em Portugal por Eça de Queiroz e seus discipulos vieram depois, quando esses ultimos romantieos iam em meio da sua carreira literaria, e até quando o naturalismo entrava já a declinar em França.

JOSÉ VERISSIMO.



FACTOS E IDEAS

Duas palavras para começar.

No tempo de Molière mal se comprehendia o exercicio da medicina sem o uso do chapéu ponteagudo e sem falar latim. Esse discretar em linguagem mysteriosa e incompreheusivel — ás vezes mesmo por parte dos que a empregavam — tinha, ao que parece, uma influencia benefica e curativa nos enfermos da época.

Não mudaram, no fundo, as condições de então para cá. Affirmava, ha poucos annos, respeitavel professor da escola de Minas de Paris, em estudo que marcou data a respeito de organização de ensino, que muita gente, no seu paiz, associava ao titulo e profissão do engenheiro a significação derivada de vocabulo francez "génie" que esse idioma emprega indistinctamente para qualificar o conjunto de um dos ramos da arte — génie militaire, génie civil — como para designar o talento superior. E entretanto, recordava Pelletan, é no termo bem mais modesto e caracteristico de "engin" — engenho, aparelho, combinação de varias peças — que vamos encontrar a origem da parte da acção do homem sobre a natureza em que se celebrisaram os Leonardo da Vinci, os Stephenson e os Perronet.

Admira pouco por isso que os mesmos prejuizos tenham chegado até ao nosso meio. Sem falar nos ancis de formatura, nem nos medicos da "côrte" desfilando a alliviar a humanidade soffredôra sob o supplicio de banho tureco que lhes era infligido pela cartola e traje preto de rigor, ainda não é raro ouvir classificar de "sciencia mathematica" aquillo que as nossas polytechnicas se encarregam de ensinar aos seus alumnos. Vestigio patente da influencia da França na nossa formação intellectual e traço da evolução por que passou essa nação, quando, o despontar do seculo XIX, o estudo scientifico da construcção das pontes fez brotar enorme movimento na applicação dos conhecimentos scientificos, assignalado pela creação das grandes escolas a cuja influencia, deve o melhor de um dos mais gloriosos periodos da sua historia.

Nem porisso mudou o character da eugenharia. Foi-lhe, é certo, de precioso auxilio o emprego da mathematica. Mas o engenheiro permaneceu sempre, em ultima analyse, o creador do engenho — machina, construcção, ou systema — cujo rendimento, ou proveito a tirar, é o que mais lhe importa conhecer. D'onde, a concisa e pratica definição americana: "enge-

nharia é a arte de ganhar o mais dinheiro possível com um mesmo dollar."

Alargou-se-lhe, com a concorrência economica desenfreada do ultimo quartel, o campo de acção. Tornou-se essa acção, por necessidade, mais methodica com a applicação da sciencia, isto é, do "estudo das relações mutuas entre os phenomenos naturaes" a que esta ultima limita o seu dominio. Uma o outra combinaram-se e, por mutua reacção, á medida que se iam ambas tornando mais *indispensaveis* ás condições do existencia de todos, ficavam mais *accessiveis* á comprehensão de cada um. Passou a technica como ora se chama ao conjunto a ter sua applicação em todos os actos da vida corrente. Os que obedeceram aos seus dictames prosperaram e enriqueceram-se. Estão destinados a desapparecer os que a olharem com indifferença. Individuo ou nação, nação ou individuo, ninguem escapará ao dilemma.

As desprezenciosas chronicas que hoje encetamos vão tentar corresponder a essa realidade. Tornar patente a todos a necessidade a que acabamos de alludir. Mostrar que todos podem contribuir, na sua esphera de acção, para alcançar o exito almejado, que não é do forma alguma apanagico dos attributos excepcionaes de um só. Examinar sob o ponto de vista indicado, pela forma mais clara e comessinha que nos fôr possível, os problemas que mais de perto interessam o nosso caso, no Brasil.

Melhor exemplo se nos não podia offerecer para tal fim de que o que adiante se encontra. Mostra elle como a verdadeira orientação scientifica pôde ser posta ao alcance de qualquer. Vão os leitores achar-se em contacto com uma obra em cujo inicio ninguem suspeitava, frente a frente aos tornos da officina mecanica que lhe servia de berço, achar-se a genese de um systema destinado provavelmente a revolucionar toda a nossa existencia anterior.

I

FREDERIC WINSLOW TAYLOR

Morreu em Philadelphia, a 21 de Março ultimo, esse grande engonheiro norte-americano. A Havas, que acaba e muito justamente de consagrar ao passamento de Baccelli numerosos e extensos despachos, nem laconicamente se dignou transmittir a noticia. Tambem, quem aqui o conhecia? E' possível que nenhum dos que nos lêem. Certo, certissimo, muito poucos. O nome de Taylor está, entretanto, desde já destinado a figurar na galeria dos geniaes bemfeitores da humanidade, ao lado de Watt e Pasteur, de Franklin e Liébig.

Não ha que admirar. Fazia notar Hirsch, no seu prefacio á tradncção da historia da machina a vapor, de Thruston, ser mais facil encontrar minuciosidades a respeito das saias, das meias ou das ligas da Dubarry, do que informações sobre os pontos capitaes referentes ao maravilhoso engenho que transformou politica e socialmente o aspecto do mundo. Ainda recentemente, um espirituoso ex-diplomata portuguez que collabora na nossa imprensa diaria e que parece não ter perdoado ao novo regimen a sua demissão por indebita ausencia do posto que occupava, entoava lóas ao estado de coisas

dos passados seculos. "Tudo ia bem até certa altura... De repente, tudo muda e a sociedade procura novas formulas de equilibrio... Dahi, os trans tornos. E' preciso que se torne a entrar nos antigos eixos..." "Como se fôra possível dar contra-vapor á evolução industrial a que deu logar a entrada em movimento dos novos meios de producção... O papel destes é assim frequentemente deixado de lado pelos publicistas. Repete-se, pois, a historia por toda a parte o em todos os tempos.

Verdade seja, diga-se desde já, que ao proprio Taylor deve ser attribuida grande parte do silencio feito em torno das suas obras e invenções. Em 1900, na exposição internacional, corriam os engenheiros de toda a parte, estupefactos, a ver trabalhar um torno cuja face cortava peças de aço semiduro, destacando cavacos de millimetro o meio da largura por cinco millimetros de profundidade, a razão de 45 metros por minuto. Tres vezes mais do que se alcançara até então! A ferramenta commum perdia toda a rijeza entre 250 a 350 grãos — os novos aços empregados permittiam alcançar sem alteração sensivel 550 a 600. Julgou-se, durante muito tempo, que fôra isso enorme progresso, de que a nossa época começa — por assim dizer — apenas a recolher os immensos frutos, obra do puro acaso. Firmara-se até a lenda de que a negligencia de um operario o provocara accidentalmente. Só em 1904 é que os primeiros documentos publicados vieram demonstrar serem os novos metaes a resultante de estudos de natureza scientifica muito elevada, proseguídos durante annos, e tendo exigido experiencias sobre mais de 200 toneladas do aço de preço alto.

Cresceu a surpresa de ponto quando dois annos mais tarde, em 1906, o engenheiro se decide enfim a falar. Verificam então, e só então, os membros da sociedade americana dos engenheiros mecanicos, que o escolhera para seu presidente, ser a descoberta dos aços de corte rapido nada mais do que um capitulo de outra tarefa incomparavelmente mais ampla, levada a cabo durante vinte e cinco annos de esforços intelligentes, coordenados e perseverantes. Aos olhos do publico, o aço de corte rapido fêre profundamente a imaginação. Aos olhos do iniciado, porém, essa inovação que consagra Taylor definitivamente entre os grandes inventores, diminue de importancia perante a extensão e o valor da sua "art of cutting metals". Para dar idéa, em linhas geraes, do que semelhante trabalho representa, faremos notar que o objectivo das machinas — utensis consiste em destacar um determinado peso do metal mediante a menor despeza. Tal despeza, ou preço de custo do kilo de cavacos obtidos, dependo de grande numero de factores, susceptiveis de variação. Foram esses factores na sua serie de pesquisas enunciados um a um, com o maximo cuidado. De entre elles, desprezados os inteiramente secundarios, ficaram doze que indicaremos summariamente para pôr em fóco o intrincado da materia. De um lado, a velocidade, composição, chimica, tratamento thermico, modo de resfriamento, forma da ponta e disposição do corpo da ferramenta; do outro a largura e a espessura do cavaco, a flexibilidade do corpo da machina e a natureza do metal em obra. Obteve por fim o sagaz e paciente observador relações precisas entre esse tão grande numero de variaveis. Chega a partir desse dia o constructor, em presença de um serviço a executar, a poder escolher, sem duvidas nem tentativas, as condições mais vantajosas ao caso que se lhe defronta.

E' de ver quão complexas devem ser taes relações. Accessivel por esses motivos apenas a uma pequena parte do publico e, de outro lado, publicado com uma negligencia, talvez exagerada, de forma literaria, o methodo que de per si bastaria para perpetuar um nome, passa despercebido daquelles que, na eugrenagem da vida moderna, fabricam e desmancham reputações. Combine-se essa circumstancia com o silencio interessado das empresas quo aufe-

riam os melhores resultados pecuniarios da applicação dos seus esforços, juxtaponha-se-lhes a modestia absoluta do homem, e veja-se como fomos justos attribuindo a este ultimo grande quinhão na ignorancia do publico relativamente ao seu nome.

Grande, sim, mas não o mais consideravel. E' que não nos roferimos até este momento senão á parte da obra dessa privilegiada cerebração. A sua passagem pelo mundo estava destinada a deixar outro traço, imperecivel, nos annaes da humanidade. E é verdadeiramente inexplicavel, reflectindo no que vamos percorrer da sua vida o acção, que os meios de publicidade de que dispõe o nosso tempo tenham deixado passar em elaro uma existencia tão util, tão harmonica, tão perfeita. Industrialmente, revolucionou Taylor por completo a industria meecanica, proporcionando-lhe como mostrámos bases até então desconhecidas. Socialmente, estava-lhe reservada uma bem mais invejavel missão, cuja fecundidade teria talvez sido desde o inicio irremediavelmente compromottida se áquella crystallina intelligencia se não encontrasse associada a recta e inquebrantavel honradez de um character bom e affectuosissimo. Haviam-lhe grangeado essas excepcionaes virtudes immenso ascendente sobre os seus operarios; esse ascendente abriu caminho ao systema que o immortalisarâ.

Não menor era a san influencia que exercia sobre todos que d'elle se approximavam. "O exito do grande movimento de idéas provocado por Taylor é em maxima parte devido ao enthusiasmo que conseguia inspirar aos seus collaboradores. Possuia extraordinario cabedal de bondade, cabedal que se dilatara através os mares, que se estendia sobre o periodo inteiro da sua existencia, que alcançava até o mais humilde dos trabalhadores da turma." "Ensinava-nos o culto do ideal; cessara de trabalhar para enriquecer e consagrara-se com todas as forças aos unicos progressos capazes de tornar os homens mais felizes. Era esta a sua maxima favorita: faz ao proximo, o que queres que elle te faça. Com razão dizia o padre Sertillanges num dos seus sermões em Paris: o amor de Deus é o systema Taylor da nossa vida interior." "A todos os seus discipulos que hoje se distribuem pela superficie do globo, desde as miuas de Moçambique e do Japão aos campos de batalha da Europa, dirigimos este suprêmeo appello, convidamol-os a unirmo-nos para levar a cabo a obra de solidariedade inaugurada pelo nosso mestre, a trabalhar sem repouso para a melhoria das relações sociaes no commercio e na industria, empreza a que Taylor consagrou a sua existencia." As palavras que acabamos de reproduzir, proferidas por Cooke, director das obras publicas da municipalidade de Philadelphia, perante os rostos mortaes de que em vida fôra Frederico Winslow Taylor, é o mais acabado commentario do que acima escrevemos.

Que obra era essa, de solidariedade e perfeição social, a que se referia o orador, em tão commovidos termos? Seria necessaria a pena de Smiles para fazol-a couhecer e collocal-a no logar que de justiça lhe cabe. Tentaremos dar-lhe, em pallido escorço, o relevo que nos fôr possivel; folizes nos reputaremos se conseguirmos interessar o leitor e leval-o a procurar novos particulares e melhores fontes de informação.

Renunciamos, com bastante pezar, a dar aqui as linhas interessantissimas da biographia de Taylor. Destacaremos, do bello artigo que Baker lhe consagrou — *American Magazine*, março de 1911 — apenas um traço que vae servir-nos na marea que pretendemos seguir. Revela-nos esse seu fiel collaborador que os primeiros annos de aprendizagem exerceram influencia decisiva na carreira do mestre. O operario sob cujas ordons fôra collocado era extremamonte habil, de character clevadissimo e possuia aptidões de excellent professor; nunca mais perdou elle de vista uma das noções em que baseiou os seus esforços posteriores — a de que existem em todas as classes sociaes

homens e mulheres de intelligencia o moral verdadeiramente superiores. O contacto com os obreiros na officina e com os membros do partido reformista em casa de seus paes — é extremamente instructiva esta influencia da educação que mostra, nos Estados Unidos a preponderancia da capacidade mantendo-se em certas familias, em contraposição ao nosso typo social que os francezes tão frisante tornam com o qualificativo de “fils-à-papá” — assentou-lhe rapidamente as idéas para a suppressão das lutas, do antagonismo entre patrões e trabalhadores. Alcançado, por seu merito, depressa uma situação independente, iniciou, sob a influencia dessas preoccupações, os estudos que deviam definitivamente conduzi-lo á criação de uma nova sciencia. a da organização do trabalho.

Entre nós, é possível que uma intelligencia semelhante, talvez em nada inferior á de Taylor, tivesse degenerado em deputado socialista, prégando reformas de legislação e reclamando contra abusos... dos outros! Educado nas normas do trabalho, infiltrado na comprehensão do verdadeiro methodo scientifico, diversa foi a orientação do descendente dos primitivos “quakers” da Pensylvania. Um dos seus antepassados, de facto, fizera parte, dos imigrantes do historico “Mayflower”; outro acompanhara sempre de perto William Penn desde que este se installara em terras americanas.

Nas fundições da “Midvale Steel Co.” onde Taylor se engajára como simples auxiliar manual, na officina do machinas em 1875 — tão mal iam as coisas nesse tempo que fôra dispensado da conhecida fabrica de Sellers onde antes era aprendiz de moldes — para, galgando todos os postos, vir a ser engenheiro chefe de 1884 a 1890, davam-se frequentes interrupções de serviço, devidas ás limpezas e raspagens das caldeiras. Era elle, apenas. chefe dos serviços mecanicos quando intentou tornar mais breves essas operações. As instruções que fazia baixar para tal fim não surtiam resultado. Deliberou estudar pessoalmente o problema: foi elle mesmo extrahir sarro no meio dos seus operarios; de blusa e raspadeira, proeede na sua tarefa. Eneontrou logo a explicação das demoras. Os trabalhadores, mal accomodados, feriam-se nos joelhos e cotovellos; os ferros eram de dimensões improprias, compridos de mais em regra. Imaginou e mandou executar mangas e joelheiras de couro, distribui-lhes ferramenta de tamanho apropriado. Nada conseguiu a principio, tal a influencia dos habitos contrahidos. Tentou então e emprehendeu uma experiencia que ficou sendo decisiva para a série dos seus estudos. Redigiu instruções precisas e minuciosas para executar a operação; occupavam muitas paginas de machina de escrever. Acompanhavam-as os utensilios e vestuario necessarios, contidos numa caixa a ser entregue ao operario no começo de cada tarefa, de modo a não lhe deixar perder tempo. E foi exigido respeitar á risca tudo quanto estava prescripto, tanto na maneira de proceder, como no tempo a gastar com qualquer das phases do serviço. Foi uma revolução e uma revelação. Reduziram-se as despezas a dezoito por cento do custo primitivo!... As interrupções das officinas baixaram na mesma proporção.

Estava dado o primeiro passo. Lançou Taylor os olhos para outros factos analogos ou semelhantes. Foi-os resolvendo, com trabalho mais ou menos penoso, mas sempre com igual exito. E terminou por criar finalmente a repartição de preparo e distribuição de trabalho, que representa, em cada estabelecimento. administração ou empreitada, a cellula mais importante de todas as organizações que obedecem ás regras da nova sciencia, a qual corre hoje mundo sob a denominação de “Scientific Management.”

Para se ter idéa dos resultados a que se pode chegar na pratica, assignallemos um caso de trabalho commum, muito parecido com os que cada um de nós pode ver em Santos, no caes, embarcando num “ita” para o Rio ou para Paranaguá. Até á primavera de 1899, toda a materia prima ao ar livre da “Bethlehem Steel Co.” era manejada por turmas de trabalhadores braçaes,



pagos a jornal, sob as ordens de capatazes que dantes executavam o mesmo serviço. Essa organização era reputada normal, isto é, nem melhor, nem peor do que as suas similares. Percebia cada jornaleiro 3\$450 por dia (1); os únicos meios de estimular-os ou punil-os eram a persuasão ou a dispensa. Accidentalmente, um ou outro que se destacava entre os demais, era empregado em analogo serviço, mas melhor o um pouco mais remunerado, dentro das officinas. E nesse regimen viviam do ponta a ponta do anno, 400 a 600 homens. Incumbia-lhes principalmente a descarga dos vagonos e o empilhamento, á pá, dos materiaes; tornavam a carregal-os depois á medida das necessidades de tres altos-fornos e sete fornos Martin; tratava-se, portanto, do minerios do calibre differente, dos mais finos aos mais volumosos, e comprehendendo desde a gusa e o coko até a areia. Com o serviço do abastecimento das caldoiras, gazogencos e laminadores ainda mais se accentuava a diversidade do granel, mas não era raro ver-se que um dos homens ficasse constantemente affecto a uma mesma especie de carga. Dois annos mais tarde, a adopção de um systema adequado de preparo e distribuição do trabalho permittia redigir o seguinte quadro comparativo:

Toneladas metricas manojadas durante o exercicio encerrado a 30 do Abril		948.940 t.
Despesa total, comprehendendo todos os salarios pagos segundo os differentes ajustes, incluindo os de jornal		92:394\$000
Despesa anteriormente paga. em jornaes, pelas mesmas operações, egual tonelagem e identicos materiaes	201:648\$000	
Economia liquida annual proveniente da modificação introduzido no systema de trabalho		109:254\$000
<i>Custo medio, por tonelada, nos dois casos</i>	\$216	\$096
<i>Jornal medio operario</i>	3\$450	5\$640
Numero medio de toneladas manejadas por trabalhador empregado	16,25 t.	57,90 t.

A intervenção do methodo permittiu, pois, no exemplo que temos sob a vista, sem recorrer a qualquer outro agente ou utensilio, augmentar o salario primitivo do operario na proporção de *sessenta e tres por cento* (63 %) e, ao mesmo tempo, diminuir á empresa o custo da produção em *cincoenta e cinco por cento* (55 %). E, em resumo, a realisação do progresso industrial, todo elle contido na formula que foi adoptada como divisa pela escola de Taylor: *distribuir salarios elevados com o fim de alcançar preços de produção reduzidos.*

E' a formula, não ha negal-o, um tanto differente da preconizada pela nossa lavoura de café, em peso. Mas, tambem ninguem contestará que é a unica capaz de amparar e retribuir aquelles que não so querem deixar vencer no campo economico, em que o progresso dos meios de transporte faz hoje decidir da sorte das nações. Quando, ha annos, a crise do mais importante dos nossos productos chegara ao seu auge, e a imminencia do perigo obscurecia as nossas mais lucidas mentalidades que oscillavam em toda a escala dos expedientes, desde o abandono do trato da arvore á queima do fructo para finalmente calir na aventura de todos conhecida, o principal argumento era o de que, entre os factores do preço do café ao fazendeiro figurava um do natuerza irreductivel, a mão de obra. Temos ainda bem presentes certos artigos da imprensa diaria, em que um dos nossos collegas da Escola Polytechnica

(1) — ao cambio de 16, base que tomámos para todas as reduções.

sustentava a these da pretensa irreductibilidade sob o fundamento, que lhe parecia irrespondivel, do que não havia machinas que colhessem as rubras bagas que representam a melhor da nossa fortuna.

Raciocinio identico ao quo tinha sido feito por gerações e gerações successivas que assistiram, durante seculos e seculos, ao trabalho, que se diria não susceptivel de aperfeiçoamento, do alvener assentando tijolos para levantar os muros de uma casa. Um dos discipulos de Taylor choea-se som os absurdos dessa pratica immemorial. Baixa-se o pedreiro a cada instante para proeurar o tijolo de quo necessita; baixa-se outras tantas vezes para encher a colher de argamassa. Nem sempre o tijolo está a geito para a mão que o apprehende; as cêlhas de agua, de cal e areia obrigam-no a outras tantas perdas de tempo dispensaveis. Põe-so a estudar a operação, decompõe esta nas phases elementares, imagina uma disposição, outra e outra que eliminem os inconvenientes registados. Consegue por essa forma fazer crescer de 120 a 350, quasi tripliea portanto, o numero de tijolos assentes numa hora. Não foi outro o processo seguido nas fundições da "Midvale Steel Co.". Um trabalhador braçal, a quem ninguem dava attenção, carregava em um vagon, por dia, doze toneladas do ferro coado. Chronometram-se com rigor todas as phases do seu serviço, levantamento da barra, caminho de ida com ella ao hombro, descarga, volta, etc. Ensina-so-lhe como deve proceder para poder carregar muito mais ferro sem augmentar por isso a fadiga. Applicando a lição, consegue o mesmo homem alcançar sem difficuldade não o dobro, não o triplo, mas quarenta e sete toneladas. Leva-se-lhe em conta o esforço, meramente mental e de educação da vontade, da coordenação de movimentos preconizada, augmentado-lhe o salario em forte proporção.

Não podem os exemplos que rapidamente expuzemos deixar de impressionar profundamente a quem os encontra pela primeira vez. "O ovo de Colombo", dirão alguns, encolhendo os hombros... Não é para tão eminentes luminares que são impressas estas linhas, que se lhes abrirão francas, entretanto, no dia em que tiverem feito, de verdade, alguma coisa util e proveitosa. Para os outros vamos agora passar de relance, em revista, algumas apenas, das difficuldades de toda a especie que foi preciso resolver e veneer afim de chegar a tão maravilhosos resultados. E' nisso, afinal, que está todo o merito dos grandes bemfeitores da humanidade, e é nessa luta sem treguas que se lhes revela a capacidade e o genio.

Fornecem-nos a melhor prova do que affirmamos os insucessos sem numero obtidos por industriaes que se puzoram a empregar o methodo desde quo foram conhecidas as primeiras applicações. E' quo nem todas offerecem a mesma simplicidade que as quo aqui apresentámos. Mesmo para esses, o exito só foi alcançado á custa de estudo systematico, baseado em profundo conhecimento de principios que não se assimilam com a desejada facilidade. Tornou-se, apesar da sua recente existencia, o uso do methodo uma verdadeira especialidade como a de certos ramos particulares da metallurgia, ou da electricidade. O proprio Taylor não teve outra occupação durante annos consecutivos. E a historia da *Tabor Manufacturing Co.*, do Philadelphia, illustra com inilludivel clarezza a importancia e a complexidade do esforço exigido. Era uma fabrica de pequenas machinas industriaes, de moldar, de brunir e outros serviços equivalentes produzidas em resumidas séries ou unidades, comportando numerosos modelos onde se introduziam eonstantes modificações para satisfazer pedidos da clientela. Antes de ser reorganizada pelos methodos de que nos occupámos, empregava 150 operarios e 3 contramestres. Estava de fallencia á porta. A primeira medida tomada, e então julgada verdadeira extravagancia, foi a de despejar as machinas que enchiam um espaço importante para um estabelecimento dessa ordem; foi ali accomodado um escriptorio de preparo das minuciosas instrucções que são distribuidas aos operarios. Passou a situação a ser de franea prosperi-

dade. Não emprega hoje mais de noventa operarios. Ora, essa fabrica sustenta, e exige, um estado maior e pessoal dirigente de varias categorias, em quantidade tal que prefaz um quadro de nada menos de 28 pessoas. Faz lembrar, embora muito longe, e não pelos resultados, a nossa guarda nacional. Não tem conrarmestres. Para que serviria tel-os? Não se torna alli porventura o operario um homem completamente livre, que sabe ser possivel executar o servçio, que lhe é distribuido em certo o determinado espaço de tempo? Outros o fizeram. Está na sua mão fazel-o igualmente. E' o seu interesse; uma vez attingido, recebe a bonificação, que corresponde á sua parte na acceleração da produção e representa um accrescimo consideravel do salario. Isso é certo e tangivel; não depende de que outros trabalhem menos, nem da forma como é feita a escripturação do estabelecimento, como succede no systema de participação nos lucros; o patrão, por sua vez, não tem que fiscalisal-o; tem apenas de lhe distribuir o trabalho, conforme as suas aptidões especiaes; tem mais de lhe tirar todas as duvidas que possam surgir na applicação das regras formuladas; tem ainda de lhe manter todo o mecanismo e ferramentas nas condições as mais apropriadas; tem de filnalmente receber o serviço terminado. E' esse o seu interesse. Em vez, pois, do velho conrarmestre, fiscal indifferente, representando o papel do "sargentão que tem sempre razão", encontramos em substituição, ajudando o operario, quatro colaboradores interessados correspondendo a essas quatro funções; recebem elles igualmente a sua bonificação, duplicada no dia em que todos os da officina mostram produzir o mesmo que o excellente operario medio tomado como "typo" que serviu para o estudo experimental e redacção das instruções correspondentes. Será do admirar, depois do exposto, que se assignalem repercussões como esta, de um velho operario, que nunca soubera mudar os carrêtos da sua machina sem auxilio do conrarmestre, passar a fazer, desajudado, essa operação, uma semana depois da applicação do systema? Todas estas circumstancias e outras mais que o espaço não permite pôr em fôco, contribuem para um entendimento entre o pessoal operario, director e capitalista, que, só por si, explica a attenção e o acolhimento que, mau grado as discussões apaixonadas havidas, os novos methodos lograram nos meios industriaes, em especial o norte-americano. A' acuidade das lutas entre trusts e syndicatos não podiam ali passar despercebidos resultados de tal ordem.

Não era licito logicamente a estes ultimos deixar de combater com ardor a implantação dos novos methodos. Dirige-se a escola de organização scientifica ao operario individualmente e não á collectividade. Ora, pretendem os syndicatos que os interesses do proletariado não são susceptiveis de defesa effieaz a não ser por essas collectividades de que se suppõem legitimos representantes. E a respeito de semelhante aspecto da questão é difficil um accôrdo desde que o systema se esforça, e consegue, definir de modo exacto e preciso o objecto que se discute, no ajuste entre patrão e empregado, tornando por isso mesmo e pela sequencia natural das coisas dispensavel a intervenção de terceiro. So tivermos sempre em mente a consideração dessa causa primaria, nella iremos encontrar, em ultima analyse, a explicação de uma resistencia, que surprehende á primeira vista, por parte de quem justamente mais interessado deveria mostrar-se na diffusão das novas condições.

No fim de contas, os dois principaes adversarios que Taylor e seus colaboradores encontraram pela frente, adversarios cujo jogo esboçámos nas linhas anteriores—patrões que não estudaram devidamente o problema ou que receiam affrontar os sacrificios de uma tentativa, operarios insufficientemente esclarecidos e por tradição desconfiados — outra coisa não representavam do que a repetição do episodio historico que nos mostra os barqueiros de Weser destruindo a machadadas o primeiro barco a vapor. Do toda essa rotineira opposição em pleno seculo XX estavam chamados a triumphar o rigor dos principios postos em acção no estudo systematico do "factor humano".



O "factor humano"... Pela primeira vez acode essa expressão ao bico da penna. E entretanto é esse, realmente esse, o novo elemento introduzido por Taylor na solução das questões de toda a especie. E' o augmento do seu rendimento proprio, organico — para nos servir de nomenclatura technica, que o preoccupa, que o atráe e seduz. E' a applicação dos mesmos processos experimentaes que empregára no estudo das machinas-utensis que lhe desvenda as melhores condições de utilisção do homem, do braço humano.

E, de facto, por toda a parte onde se encontra um braço em movimento, o methodo que imaginou pode intervir e chegar a resultados proficuos. O braço, guiado pelo cerebro, augmenta a proporção de bem estar.

Dil-o-nos elle mesmo on seu segundo volume, que corresponde exactamento á "Art of cutting metals" da primeira parte da sua obra. Publico este, diz Taylor:

"1.º — Para mostrar, por meio de uma série de exemplos simpels, a grande perda causada ao paiz com o máu rendimento de quasi todas as nossas acções de dia a dia;

2.º — Para fazer o possivel em convencer o leitor quo o remedio a essa falta do rendimento se encontra numa organização scientifica e não em procurar um homem excepcional ou extrardinario;

3.º — Para mostrar que a melhor organização é uma verdadeira sciencia assentando em leis, em regras e principios fundamentaes claramente definidos. E, mais, mostrar que esses principios fundamentaes são applicaveis a todas as formas da actividade humana, desde os nossos actos individuaes mais simples, até aos trabalhos dos nossos maiores agrupamentos, exigindo a mais reflectida cooperação. E, fualmente, por meio de uma série de exemplos, convencer o leitor de que, sempre que esses principios são correctamente applicados, se obtêm resultados absolutamente surprehendentes."

Citámos tres desses exemplos. E, pela sua eloquencia, calculará facilmente o uosso leitor a impressão que esses, e os que lho faziam companhia, produziram no espirito eminentemente pratico do povo norto-americano. Tauto maior quanto essa organização, que o autor denomina de "funcional", em contraposição á antiga por elle appellada de "militar" — em que cada homem se acha na dependencia directa de um unico chefe, contramestre na officina — official inferior no exercito — é de facto a unica que de bom grado accita o typo social particularista, cioso da liberdade e dignidade humana, que apresenta a formação anglo-saxonica.

Mas o que arrastou positivamente o interesse do publico para os novos methodos foi um depoimento prestado diante da "Interstate Commerce Commission", om um processo de pedido de elevação de preços de frete de mercadorias por parte de algumas companhias. Um perito dos expedidores provou ser possivel, fazendo applicação dos novos principios ao trafego das estradas de ferro de paiz, realisar uma economia diaria que elle avaliava em um milhão de dollars, e ainda, que taes principios eram susceptivois de serem utilizados, com o mesmo exito, em todas as formas da actividade nacional.

Quem hoje desembarca nos Estados Unidos, ouve pronunciar a cada momento as palavras "scientific management" ou "efficiency". A "Society of Mechanical Engineers" fundou uma secção especial para o estudo das questões que se lhe referem. Não faltaram exemplos, pois que as applicações verificadas até 1912 comprehendiam mais de 60 industrias diversas, entre as quaes, além das classicas já citadas "Midvale" e "Tabor", se encontram as universalmente conhecidas de "Pulmann" para vagoes, de "Schenectady" para locomotivas, de "Hudson", "Stearns" e "Franklin" para automoveis, de "Yale and Towne" para serralheria e, até, o arsenal de Watertown. Duas sociedades distinctas foram fundadas com identico proposito. A Universidade de Harvard consagrou uma faculdade especial, com um decano e varios professores, ao ensino das mesmas



materias. O Congresso Internacional do Engenharia, reunido em Setembro ultimo em S. Francisco, dedicou-lhe uma das suas sessões.

Não sómente os arsenaes de Guerra e Marinha fizeram applicações do methodo, como o presidente da Republica julgou do seu dever nomear uma grande comissão parlamentar para tratar do assumpto. Tendo-se os syndicatos opposto á adopção nos arsenaes do Estado, teve que ser nomeada, para examinar-lhes as reclamações, outra comissão, de inquerito.

O municipio de Philadelphia, querendo reagir contra a gestão dos seus interesses feita por politicos de profissão, aproveitou um renovamento de mandato para pedir a Taylor que tomasse conta da direcção das obras, applicando a estas e ao pessoal os principios de seu methodo. Foi essa a razão da entrada do rris L. Cooke, o collaborador que anteriormente citámos, para o posto que hoje occupa. A administração da limpeza da via publica de Chicago obteve tambem excellentes resultados com medida analoga.

Não escaparam as senhoras americanas ás repercussões desse movimento. Tanto ouviram apreçoar os resultados extraordinarios provenientes da execução methodica de uma determinada tarefa, pela clasificação do documentos adequados, pela modificação de certas disposições materiaes, que foram levadas a concluir que, se alguém havia necessitado do ter seus esforços alliviados, esse alguém era a mulher. Grande numero de americanas esforçam-se de tempos a esta parte, apezar das condições especiaes quo localmente difficultam esse objectivo, em crear ao companheiro um lar attraente, vivendo economicamente, educando bem os filhos o reservando algumas horas á cultura intollectual. Christina Fredericks foi a primeira a explicar-lhes como deveriam proceder, inspirando-so na escola de Emerson, em um maneiro volume muito original: "New Housekeeping". Outras lhe seguiram as pégadas. E dois semanarios especiaes tomaram a si esse novo campo de acção.

Não será ocioso citar a esse respeito que Taylor era inexcedivel na arte do mostrar a utilidade da applicação a todos os actos da vida corrente, dos processos de methodo que, circumstancia que põe em relevo a sua extrema modestia, nunca quiz apresentar como exclusivamente seu. "Sem a sciencia metalurgica de White, sem a pratica do director de Gantt, sem os conhecimentos mathematicos de Barth, e sem a minha teimosia pessoal, tudo em collaboração tão intima que não é mais possivel saber a parte de cada um, a nada teriamos chegado durante os longos annos que juntos trabalhámos." Pois bem. Toda a sociedade de Philadelphia é testemunha de que adquirira uma reputação de mestre em grande numero de desportos; no "golf deixava pasmados os quo com elle jogavam, e devia-o exclusivamonto á observação e estudo methodico dos proprios movimentos. A sua ultima memoria dá a solução mais economica para a formação e conserva dos gramados de *golf*. Veiu a morte surprehendel-o no estudo do problema da arboricultura frutifera, a que se dedicara, como sabia dedicar-so a todos os problomas que aproveitam a humanidade, desde que a saude delicada de sua esposa o obrigára a residir permanentemente no campo.

Já proclamámos, o de novo insistimos, no caracter rigorosamente scientifico da obra de Taylor. Nas nossas primeiras linhas obrigámo-nos sob a definição que attribuo á sciencia o estudo systematico das "relações" mutuas de todos os phenomenos naturaes, som excepção. Como observa Le Chatelier, uma tal definição comprehende dois pontos de vista essenciaes: a "consciencia" do objectivo procurado e a "exactidão" das conclusões formuladas. Veja-se um exemplo. Um dos nossos ancestres apercebeu-se de que o attrito entre dois pedaços de madeira dava logar a um aquecimento. E' uma relação exacta, essa, entre dois phenomenos naturaes; a observação foi, porém, inconsciente e o observador não lhe comprehendeu o alcance. Observou essa correlação, como observava a successão regular dos dias e das noites; aproveitou-a mesmo mas sem reflexão alguma. Mais tarde, Rumford, trabalhando em Munich a broquear peças

de artilharia, reconheceu o desprendimento de calor que acompanha essa operação; tentou então estabelecer uma relação entre a quantidade de calor que acompanha essa operação e o peso dos eavácos destacados. Teve pois consciencia do seu trabalho intellectual, sem conseguir entretanto chogar a uma rolação certa, uma lei verdadeiramente scientifica. Conseguiu aponas achar uma relação empirica, exacta talvez para as condições das suas experiencias, mas não podendo mais sorvir para outra especie de ferramenta, ou com metal a ser trabalhado de rizeja differente. Nem o homem das cavernas, nem Rumford fizeram sciencia propriamente dita. Joule, pelo contrario e finalmente, conseguindo chogar por meio das suas experiencias a uma relação rigorosa entre o calor produzido e o trabalho dispendido, deu logar então a obra do verdadeira sciencia; ninguem mais a poudo contestar.

Ora, essa consciencia de objectivo procurado e a exactidão das relações formuladas dão á obra de Taylor um caracter sciencífico indiscutivel. O seu trabalho sobre o córte dos metaes é inteiramente comparavel ás experiencias de Joule. Era seu escopo descobrir relações muito mais complicadas que a do equivalente mecanico de calor, e conseguiu fazel-o; não fôra assim e as suas formulas sobre o trabalho dos metaes não teriam ontrado na pratica corrente das grandes officinas. Poz em execução o mesmo methodo nas suas pesquisas a respeito da orgauisação do trabalho. O estudo, de sua lavra, dos movimentos elomentares, os processos de *chronometragem* por elle empregados, são absolutamente identicos aos seguidos diariamente nos laboratorios dos mais reputados sabios, das faculdades de mais elevada autoridade.

Identicos mas inéditos. Quem lê a presumpçosa observação de Ostwald, só dosculpavol num sabio da sua envergadura pelo accendrado sentimento patriotico que a dictou, a respeito do segredo allemão da organização scientifica, após ter tido conhecimento da obra de Taylor e do tel-a comparado ao que, no mesmo campo, tem sido feito em outras partes, não pode deixar do sorrir. Sem ir mais longe, repare-se na *chronometragem* que tão grande papel representa em toda a sua obra. Foi Taylor quem a descobriu e lho comprehendeu a importancia a partir do seu estudo sobre o trabalho dos metaes. Nenhum processo semelhante se encontrava em uso na industria. Provam-n'o exuberantemente as criticas e os sarcasmos que a esse respeito lho choveram em cima. Veio mais tarde a evidencia. Desarmou tudo menos o eiumo e a inveja. Foram desenterradas as prioridades possiveis: homens de genio como Vauban, Belidor, Coulomb, Poncelet, já haviam cogitado do alto valor desse meio de investigação...

Coração humano, és sempre o mesmo!

Tambem tu repetes a historia. Já o dizia Pascal: "le coeur a des raisons, que la raison ne connait pas..."

VICTOR DA SILVA FREIRE

RESENHA DO MEZ

O CODIGO CIVIL BRASILEIRO

O facto culminante no paiz, este mez, foi a promulgação do Codigo Civil. A importancia social desse acontecimento obriga-nos a dedicar-lhe meia duzia de linhas.

Não nos compete indagar se o Codigo promulgado é, ou não é, um modelo de sabedoria juridica. Farão esse exame, com outra competencia e em logares mais apropriados, os especialistas em sciencias juridicas. O Codigo interessa-nos por outros aspectos: pelo que representa só por existir no desenvolvimento da nossa nacionalidade e pelo que encerra, no seu texto, de utilidade social.

A promulgação de um codigo, quando, denota, no povo que a consegue, uma forte e esclarecida consciencia juridica, e esta não pôde cristalisar-se onde a nacionalidade ainda não atingiu a um gráu elevado de desenvolvimento. De certo ponto de vista, pôde-se affirmar que, em regra, a promulgação de um Codigo Civil é para o paiz onde se verifica uma presumpção de progresso juridico e social.

Não quer isto dizer que, sem codigos

eivis, não possa haver consciencia juridica e esplendor social. Basta o exemplo da Inglaterra para demonstrar o contrario. Mas essa presumpção de progresso que traz a promulgação de um Codigo Civil deve ser acolhida sempre como simples presumpção, que é. O que revela progresso, o que traz elevação de consciencia juridica, o que indica força social é o que está escripto no Codigo. Codigos anti-liberaes ou codigos demasiado liberaes sem respeito ás tradições do povo a que se destinam tudo serão menos expoentes de progresso juridico ou de equilibrio social.

O Codigo brasileiro deve ter, naturalmente, defeitos graves. Afigura-se-nos, porém, tanto quanto a fraqueza da nossa vista nos permite enxergar neste assumpto, que é uma obra de progresso. Se de alguma feita caminhou um pouco de mais para a frente e se de outras não avançou como devia, prendendo-se na galharia morta da velha arvore do nosso direito, incontestavel é que, no seu aspecto geral, guardou uma tonalidade média — nem o afogueado vivo de quem correu muito nem o esmaecido doentio de quem se veiu arrastando pelo caminho.

As duas questões eminentemente sociais que mais nos interessam — as questões de família e de propriedade — reflectem perfeitamente esse espirito progressista, temperado de prudencia, que lhe formou o ambiente em que nasceu e cresceu.

Nellas, mais talvez do que em outras, salta logo aos olhos a preocupação que teve o legislador de se ater a um meio termo discreto — nem de todo tradicionalista, nem de todo modernista.

O direito antigo soffreu modificações, mas não foi substancialmente alterado. Passou por alguns melhoramentos, mas os melhoramentos não foram totaes. Foram apenas o que seriam mudanças de fachadas ou de paredes internas em um edificio cujos alicerces e cuja estrutura geral se respoitassem. E' assim, por exemplo, e nisto o Codigo cedeu ao influxo das idéas contemporaneas, que a mulher, cuja personalidade padecia, no direito antigo, restricções de toda a ordem, algumas das quaes verdadeiramente humilhantes, ganhou um pouco mais de consideração juridica e teve a sua capacidade desembaraçada do cipoal de limitações que a contorcía e abafava. Continúa, ainda, e não podia deixar de continuar, subordinada, no lar, á autoridade do marido. Mas não é mais aquella creatura inferior e secundaria a quem se desconhecía capacidade até para ser tutora. As unicas restricções que se lhe põem agora á capacidade são as que interessam muito de perto á vida da sociedade conjugal, que, como a vida de toda a sociedade, precisa de uniformidade na direcção e não pôde ser orientada, ao mesmo tempo, por duas cabeças e por duas vontades distinctas. Fóra da sociedade conjugal, a

mulher é hoje, juridicamente, tanto como o homem. Aliás, na sociedade conjugal não é ella a unica a soffrir limitações na capacidade. Em certos casos, o homem soffre-as tambem. O equilibrio entre ambos é quasi perfeito.

Essa melhoria do situação juridica que se conferiu á mulher e nada, porém, repercutirá na organização da familia. Esta continúa a repousar nas mesmas bases antigas: autoridade exclusiva do marido e indissolubilidade do vinculo conjugal. Na luta que se travou entre o espirito tradicionalista do nosso povo e as tendencias modernas dos reformadores sociais, sahi vencedor aquelle: o divorcio com ruptura do vinculo não foi acolhido pelo Codigo.

Pareco-nos que foi um bem. A nossa vida de familia ainda não adquiriu estabilidade tal que lhe permitta resistir com efficacia á acção dissolvente que o divorcio absoluto, ora com maior, ora com menos intensidade, conforme a indole e a moralidade do povo, nunca deixa de produzir.

Ainda não temos educação leiga que nos dê uma percepção exacta e indelevel dos nossos deveres domesticos, e a educação religiosa, quasi sempre imperfeita, nem é esposada por todos, nem é ministrada, pelo geral, com a intelligencia e o tacto com que devera sel-o.

A nossa vida de familia está longe de ser uma construcção macissa que possa desafiar a furia de todos os ventos e o embate de todos os assaltos. E' uma cidade aberta, lançada em campo raso. Sem o abrigo de fortes muralhas protectoras não se lhe pôde responder pela segurança.

A sua fragilidade, que tem sido talvez a causa primordial dos maiores

desconcertos dos nossos costumes politicos o a fonte deses egoismo collectivo e pernicioso que ataca, como um virus mortal, os tecidos mais intimos e mais delicados da nossa nacionalidade, impressionou tanto o legislador que elle não teve a coragem de admittir a plena liberdade de testar e achou que devia ainda trazer de legislações peregrinas um instituto novo, o "homestead" para fortalecer a nossa organização domestica.

Revela-se bem, nesse complexo de providencias, aquillo que atraz notamos: a alliança entre o tradicionalismo e o modernismo, entre o respeito ao que se possui em casa e a seducção pelo que se vê na casa alheia.

Devemos confessar que essa alliança não nos desagrada. Não vemos mesmo como possa haver progresso, real e fecundo, sem ella.

Essas e outras modidas relativas assim ás questões de propriedade como ás questões de successão e regimen de bens, são medidas sabias. Dão-nos o direito do esperar que o Codigo venha a ser para a nossa vida social um elemento de saude e vigor.

P. B.

MOVIMENTO LITERARIO

LENDAS E TRADIÇÕES

O sr. Affonso Arinos, concluiu, ha dias, o curso que, ha tempos, iniciou na Sociedade de Cultura Artistica sobre tradições e lendas do Brasil.

Embora não obedecesse a um programma previo e cuidadosamente traçado, sendo antes brilhantes *causeries* sobre coisas da nossa terra do que uma exposição systematisada das nossas lendas o das nossas tradições populares, o trabalho do illustre escri-

ptor é digno da maior estima. Além de algumas paginas literarias das mais bellas que lhe sahiram da penna, e a sua penna tem produzido paginas de um fulgor que não empallidece ao lado das mais rutilantes da nossa literatura, as suas conferencias tiveram a virtude de ensinar ao auditorio elegante, quo as acompanhou com vivo interesse, a comprehender o apreciar a poesia das nossas tradições o das nossas lendas.

Foram de certo modo uma obra de patriotismo porque de certo modo incutiram no animo dos que as ouviram, gente pelo geral seduzida, ombriagada e onvenenada pelas novidades peregrinas, senão, o amor, a curiosidade das coisas nacionaes. Desfizeram, quando menos, o preconceito, irrisorio o humilhante, de que não era distincto de corar uma modinha popular ou narrar uma superstição sertaneja. O fino da distincção era trautear cançonetas do Montmartre ou descrever festividades de Lourdes.

Foram, numa palavra, uma esplendida e vigorosa lição de nacionalismo tanto mais suggestiva o fecunda quanto partira do mais viajado o do mais elegante talvez dos nossos homens de sociedade que se dedicam ás letras.

MACHADO DE ASSIS

O curso sobre Machado de Assis que o sr. Alfredo Pujol está fazendo na Sociedade de Cultura Artistica ainda não trahi a expectativa sympathica, que, ao ser annuciado, despertou em todos que conhecem a cultura e o espirito daquelle distincto advogado e homem de letras.

O sr. Alfredo Pujol tom o seu nome ligado a esta casa. Não seria isso motivo para silenciarmos o exito que vac alcançando o seu trabalho.

Ninguem pôde negar quo as suas conferencias têm revelado, ao par de uma extensa leitura de escriptores estrangeiros, um conhecimento notavel da epoca em que viveu Machado de Assis e dos grandes escriptores que o cercaram. Não se pôde negar tambem

que sobre Machado de Assis e sua obra elle tem revelado um estudo vasto e intelligente. E é isto só o que, por ora, queremos salientar.

Mais de espaço, quando o curso estiver concluído, daremos sobre elle opinião longa e meditada.

BELLAS ARTE.

PINTURA E ESCULPTURA

O anno de 1915 não trouxe contribuição notavel para a historia da pintura no Brasil. Anno do crise politica e financeira, coincidindo com a successão do mais nefasto e ridiculo governo que jamais teve o paiz, aggravada ainda pelos effeitos da guerra europea, não offerencia por certo o ambiente favoravel ao florescimento das bellas artes, producto delicado das epochas do paz e opulencia e que exige condições especiaes de cultura. Nessa atmosphera só poderia viver e prosperar a caricatura... E essa tove com J. Carlos alguns dias de gloria nas paginas da "Caretta".

Um facto de grandes consequencias para a pintura no Brasil deve ser assinalado nesta rapida resenha: a mudança de direcção da Escola Nacional de Bellas Artes. Como é sabido, retirou-se do logar de director o escultor Rodolpho Bernardelli, tendo sido oleito em sua substituição o pintor João Baptista da Costa.

Não é sem pesar que os amigos da arte vêm o illustre autor do "Christo e a aduitera" deixar o posto occupado por tantos annos. Muitos foram os serviços por elle prestados á Escola e á Arte; mas as desillusões, o cansaço ou outras causas que desconhecemos, con-

duziram-no a um scepticismo que estava (força é confessar) chegando ao abandono. Bernardelli a principio zeloso e ciumento da "sua" Escola, como cortos pais extremosos em demasia, afastou daquella instituição dedicações preciosas; por fim, isolado e fatigado, já não podia attender, com a necessaria solitudine, ás exigencias do seu cargo. A consequencia desta situação foi o afrouxamento da disciplina, a desobediencia aos regulamentos o até o abandono material do edificio e das ricas colleções que a Escola possui.

Dahi nasceu a incompatibilidade com a Congregação e a renuncia do cargo de director.

A Congregação, felizmente inspirada, indicou para substituil-o João Baptista da Costa, o provocto pintor da nossa paisagom, typo do probidade como artista e como homem, character em que a firmeza está perfeitamente alliada á doçura. Essa escolha, restabelecendo a harmonia no corpo docente, criou um espirito novo, infundiu nova fé o determinou uma benefica agitação introduzindo reformas na parte material do ensino, ao par de uma orientação mais moderna e livre, nos processos didacticos.

Foi sob a nova direcção que se installou a Exposição Geral de Bellas Artes. Dos mostres consagrados só Baptista da Costa onviu trabalhos. Seis ou oito telas de paisagens da Serra do Mar, seu assumpto predilecto e nunca osgotado. Sempre a mesma correção de desenho e o mesmo cuidado de acabamento. Nenhuma, porém, accrescentou maior gloria ao nosso laureado paisagista, tão digno da nossa admiração pelo seu talento como da nossa sympathia pela sua fidelidade

no amor á natureza do Brazil, que cada vez o apaixona mais.

Em compensação, o Salon de 1915 revelou ou confirmou alguns novos. Nesses podemos incluir Eugenio Latour e os irmãos Chambelland. Nenhum delles apresentou obra superior ás que mandaram ao Salon anterior, mas tambem não demonstraram perda ou enfraquecimento visivel das suas qualidades technicas.

Levino Fanzeres justificou cabalmente o jury de 1914, quo lhe concedeu o promio de viagem. Seus progressos são evidentes. A sua technica adquiriu maior malleabilidade e finura, ampliando consideravelmente os meios de expressão.

Uma nobre e interessante organização artistica conquistou rapidamente a attenção dos visitantes deste Salon: Carlos Oswald. O seu retrato de senhora, com um ligeiro deslize na pose do modelo, mal reclinado no divan, é um excellente e original exemplar de moderna pintura, arrojada na tonalidade verde do vestido, admiravelmente tratado. E' um colorista do fina sensibilidade.

Dona Georgina de Albuquerque, a distincta pintora paulista, teve neste Salon tres quadros que attestam uma importante modificação na sua factura, agora mais dextra e harmonica.

Outro artista que se impoz com garhardia foi C. Gottuzzo, natural do Rio Grande o residente em Madrid. Algumas esplendidas cabeças e um auto retrato bem estudado asseguram lhe um logar de destaque.

Mas as duas verdadeiras revelações deste Salon são: Henrique Cavalleiro e Dias Junior, ambos bem brasileiros, ambos alumnos da Escola, formados no meio carioca. São dois temperamentos com

admiraveis disposições para a pintura, que a sabia direcção de Eliseu Visconti vae affeiçãoando superiormente. Dias Junior expoz um auto retrato e um estudo de nú masculino, com qualidades notaveis de desenho e de côr, relativamente ao seu tempo de estudo, e Honrique Cavalleiro algumas paisagens manchadas com sentimento de verdadeiro artista.

Deixamos de incluir nesta noticia o pintor paulista Wash Rodrigues de que nos occupamos mais abaixo.

O jury concedeu o premio de viagem a Baptista Bordon, paisagista de talento, bem representado neste Salon e melhor ainda em outros, cujo tempo de concurso estava a esgotar-se.

A medalha de honra coube a João Baptista da Costa.

Na secção de esculptura, Corrêa Lima dominou completamente.

"Menina o moça" é um primor de estatuaria em que a gracilidade das formas quasi indecisas bem define esse estado de adolescencia feminina, que inspirou Machado de Assis e, através dos seus lindos versos, o nosso talentoso esculptor.

Dois mestres, Rodolpho Amêdo e Eliseu Visconti, justificaram a ausencia no Salon com a execução dos panneaux decorativos do Theatro Municipal do Rio. Esses trabalhos ainda não foram entregues; mas ha delles noticias fidedignas que affirmam o seu incontestavel valor, á altura da reputação dos dois illustres artistas.

Lucilio de Albuquerque, actualmente professor da Escola Nacional de Bellas Artes, executa algumas telas historicas, encommenda do governo riograndense, sobre episodios da Revolução de Piratinim.

São Paulo, que já se tornára, pelo gosto e pelo numero de seus amadores, um importante centro artistico, atravessou o anno de 1915 quasi sem uma nota artistica relativa á pintura ou á esculptura.

Amadeu Zani entregou o seu monumento da fundação de São Paulo, que até hoje espera collocação. O distincto esculptor, cuja permanencia em Roma foi utilissima ao aperfeiçoamento da sua technica, abriu ao publico, no Salão do Lyceu, uma bella exposição dos estudos quo fez para as figuras do monumento. Se por ellas podemos julgar o que vae ser essa obra, é caso para folicitarmos São Paulo pela aquisição que tanto vae enriquecer o seu patrimonio artistico.

Na esculptura a citar ainda o magnifico busto do dr. L. P. Barroto, executado por W. Zadig.

A conflagração européa repatriando alguns dos nossos pintores, impossibilitados do continuar os seus estudos, deu-nos opportunidade de verificar os progressos que fizeram no estrangeiro. Foi assim que conhecemos a obra de dois moços paulistas destinados a occupar lugar de evidencia entre os nossos artistas: José Wasth Rodrigues e J. Marques Campão.

Wasth Rodrigues é uma notavel organização artistica, com um tão raro poder de intuição, que em quatro annos de estudo conseguiu possuir uma soberba technica e abordar varios generos com exito. Interpreta a paisagem com intenso sentimento poetico e sabe tratar a figura com vigor e com expressão. A sua exposição, composta de cento e sete trabalhos, foi um triumpho.

J. Marques Campão trouxe poucos quadros. Mas os que apresentou bastam para assegurar-lhe a reputação. Trabalhador consciencioso e de talento, soube aproveitar criteriosamente o seu tempo de aprendizagem, apurando-se no desenho e na pintura, sob a direcção de J. P. Laurens, tambem professor do Wasth Rodrigues. Um só dos seus quadros, "Recordando o passado" demonstra o valor deste joven artista. E' um retrato, artisticamente composto, de concepção muito feliz e oxeutado a primor. Pode assignal-o som desdouro um pintor de nome feito.

Devemos assignalar ainda a passagem do dois sympathicos artistas estrangeiros, os srs. J. Serra e R. Palmarola.

O primeiro, argentino de nascimento, hespanhol de escola, expoz uma linda colleção do aspectos do Rio, muito interossantes pela riqueza de côr e pela sinceridade da factura.

O segundo, hespanhol, residente em Paris, exhibiu alguns valiosos trabalhos de pintura e uma formosa colleção do retratos á sanguinea e a crayon, em cuja execução se mostrou muito habil.

P.

REVISTAS E JORNAES

AS REVISTAS NO BRASIL— A "SEMANA"—A NOSSA SITUAÇÃO INTERNACIONAL

E' doloroso, quando nas grandes capitães estrangeiras perguntam quaes são as nossas principaes revistas, ter de balbuciar, indeciso entre a vergonha de confessar a vordade e a de mentir, e por fim recorrer desesperado a um

meio termo assás sophístico, citando de enfiada todas as que aqui existiram... *in illo tempore*.

Uma dessas revistas de antanho que honraram a cultura brasileira foi a *Semana*.

Passaram por ella, numa farandula fulgurante do espirito, os maiores escriptores do tempo: Machado de Assis, o pensador, eruditor e estylista que honraria quaosquer das grandes literaturas do mundo, aristocratico, apesar do humilde nascimento, contemptor do vulgo e de toda vulgaridade, mas manso e suave no trato, pessimista desesperado na sua visão das coisas, e todavia tão bondosamente alegre na companhia dos que o amavam, alma rica de genuina ternura, de sincera piedadé, que ainda não foi comprehendida pela critica; Valontim Magalhães o moço perpetuo, expansivo, jovial, avido de movimento e de acção, talento rico, abundante, versatil, multiplo, ao qual causou damno precisamente a multiplicidade das aptidões nativas, das attrações que o disputavam a cada momento e para cada thema literario, impedindo-o sempre de concentrar-se numa obra capital, capaz de resistir ao tempo; Lucio de Mendonça, com aquelles grandes olhos que eram o traço predominantemente do rosto moreno, e que foram, antes do corpo e do espirito, feridos de morte, estranha mescla de humanista e jacobino, com uma cultura tão ampla e certos pontos de vista tão estreitos (porventura, ás vezes, mais que tudo, por gosto do polemica), mas tão cordial, tão generoso, tão dedicado, tão alheio a quaesquer impulsos baixos ou calculos mesquinhos; Raymundo Corrêa, magro, todo nervos, todo riso convulsos e tiques incoerciveis, os dedos, os hombros, os musculos da face em continua agitação, poota até a medulla dos ossos, senhor consumado da palavra e do rythmo, ingenuo como uma criança, illibado como um cysne, affectuoso, imune de egoismo como de vaidade; Xavier da Silveira, robusto, onergico e meigo a um tempo; Martins Junior, sonhador e algo esquivo, mas tão attencioso e gentil quando se lhe falava; Aluizio de Azevedo, ora loquaz, ora taciturno,

solitario no fundo do seu temperamento, muito interessante por isso mesmo, quando se exteriorisava, já então no auge de sua nomeada, e quasi no termo da sua obra opulenta e solida, de que se despediu em plena madureza, por um estranho phonomeno de arrefecimento espirital; o suavissimo Luiz Rosa, que, como o pobre Gilbertó, — *au banquet de la vie infortuné convité* — teve apenas alento e tempo de cantar nos primeiros versos o primeiro amor; o bello e radiante Pardal Mallet, o mosqueteiro brioso, o d'Artagnan da nossa juventude doumada, tão rico de talento e de promessas, que a morte brutal desmentiu de improvisó; Raul Pompéa, Araripe, Urbano Duarte e tantos outros.

Foi-se a *Semana*, appareceram e foram-se outras revistas. No Brasil é sempre assim... Em arte, como no mais, falta-nos orientação, firmeza e continuidade.

Veja-se o que se desenrola no mundo, neste momento, e observe-se a attitude do Brasil:

“Hoje a Europa inteira está em chammas, e o mundo todo, que a Europa ainda dirige, em inexprimeis angustias. Vemos uma guerra como nunca houve talvez outra; nem na epopeia napoleonica, nem mesmo quando Roma se mediou com os barbaros, que acabaram por subjugal-a; uma guerra, que põe em discussão, para uma solução immediata ou violenta, todos os problemas nacionaes, sociaes, espirituaes que trabalham a humanidade; uma guerra, que subverte innumerables valores, e abre incontestavelmente uma era nova... cujo caracter pôde ser sublime e pôde ser terrivel; uma guerra, que traz porventura em germen um desses longos periodos bellicosos, que todos reputamos impossiveis na historia contemporanea e com que effeitos deleterios para a economia universal, á mais audaz imaginação não é dado imaginar; uma guerra, que toca ao vivo e no mais essencial dos seus interesses não só os povos que nella tomam parte, mas todos os povos e todos os homens individualmente.

Ora, com que idéas, com que criterios nos apparelhemos nós, brasileiros, para a neva phase da evelução humana, a cujas exigencias não escaparemos, como não escapará ninguém? Continuaremos a nutrir-nos das candidas e obsoletas ideologias, que os primeiros titulos de canhão na fronteira da Belgica atiraram ao ar como um grande castello de cartas? Continuaremos a praticar a psychologia do avestruz, que esconde a cabeça debaixo da aza, cuidando que não vêr é não ser visto? a acreditar piamente que a nessa torra, Eden maravilhosos, colleiro do mundo, ficará sempre ao abrigo de certos appetites formidaveis e escondida por uma dessas nuvens mythologicas, em que Jupiter se envolvia nos cimos do Olympo eu de Ida — o que conservaremos em paz esse dem esplendido e gratuito da sorte, se não soubermos tornal-o verdadeiramente nosse, iste é, exploral-o, administral-o e validamente dofendel-o? Ou já se percebeu ahi que vamos ontrar numá edade, como quer que seja, heroica, na qual só vingará, só triumphará quem fornecer em tudo o seu maxime esforço, e que, portanto, nos tumpre transformar desde as raizes, crear de nove sobre outras bases a educação nacional?" — (C. Magalhães de Azerede — *Jernal de Commercio*, Rio).

AS REVISTAS NOS ESTADOS UNIDOS

A imprensa dos Estados Unidos, podendo ser dividida em duas grandes classes, como em toda a parte — o jornalismo diário e a revista, — apresenta contudo a particularidade de ser a segunda a que mais nitidamente reflecte a vida de paz, a quo maior influencia exerce e a quo mais merece por isse o titulo de "nacional". Basta considerar o enorme numero de revistas que lá se publicam e a sua colossal tiragem: mais de oito mil publicações, sendo cerca de quatro mil commerciaes, com a bagatella total de uns noventa milhões de exemplares. E' de notar que estes algarismos só se referem ás revistas que circulam entre

assignantes e compradores, estando excluidas as de distribuição gratuita.

As revistas nerte-americanas são geralmente semanaes ou mensaes. Podem classificar-se em sete categorias:

1.^a — Revistas o *magazines* em geral. Podem subdividir-se em — publicações nitidamente *editeriaes* o infermativas; publicações nitidamente literarias, e publicações mixtas, iste é, que contém artigos sobre differentes assumptos e materia puramente literaria, centes, novellas, peesias.

2.^a — Publicações *de classe* (assim chamadas no paiz), iste é, especialmente destinadas a certos grupos de leitores: ás mulheres em geral, ás mãos, ás negociantes, ás empregadas; as de assumptos de vida social; as consagradas ás crianças.

3.^a — Revistas *profissionaes e technicas*.

4.^a — Revistas *agricelas*, grande numero das quaes se especializam em certos rames da agricultura.

5.^a — Publicações *commerciaes*.

6.^a — Revistas *instructivas e religiosas*, dostinadas á propaganda de doutrinas politicas, sociaes etc.

7.^a — Publicações *especiaes* não incluidas nas categorias anteriores, como as *humeristicas*, as *desportivas*, etc.

Entre as revistas que exercem maior influencia na opinião publica destacam-se a *North American Review*, *World's Work*, *Atlantic Monthly*, *Review of Reviews*, *Current Opinion*, tedas mensaes, e os seguintes semanaries: *Outlook*, *Literary Digest*, *Harper's Weekly*, *Collier's Weekly*, *Leslie's Weekly*.

Entre as mensaes, adquiriram fama mundial por suas campanhas contra os *trusts*, a politica e outros focos de abusos, a *Everybody's*, *The American Magazine*, *Pearson's* e *Metropolitan* (as duas ultimas, *socialistas*).

O semanario do maior circulação é o *Saturday Evening Post*, cuja tiragem passa de dois milhões de exemplares. Vende-se a cinco cents. o exemplar. A materia que predomina é a literaria, mas dá sempre artigos sobre politica, finanças, commercio, etc. A mesma empresa da precedendo publica e mais popular dos periodicos feminis, cuja ti-



ragem tambem excede de dois milhões de exemplares — *Ladie's Home Journal*.

Phenomeno interessantissimo, é o desenvolvimento sempre crescente que as revistas em geral têm dado á collaboração puramente literaria. O grupo mais numeroso dessas publicações é constituído pelas "nitidamente literarias" e pelas "mixtas". Essa collaboração produz principalmente contos de differente feitio, mas por via de regra moraes e optimistas, com tinturas de sentimento poctico e de idéas praticas. De tal extensão é o phenomeno a quo nos referimos, que até revistas delicadas a assumptos aridos, como as commerciaes, vão abrindo espaço a esse genero de escriptos.

Outro facto curioso: o numero de revistas humoristicas é muito pequeno. Não, porém, porque o humorismo esteja om decadencia no paiz, mas pela razão opposta. O humorismo floresce tanto, que os jornaes diarios lhe consagram paginas inteiras das suas edições dominicaes, e assim fazem concorrência victoriosa á imprensa especial. (E. T. Simondetti — *The World's Work*).

SOLIDARIEDADE COMMERCIAL E DE INSTITUIÇÕES DAS REPUBLICAS DO HEMISPHERIO OCCIDENTAL

A situação produzida pela guerra européa veio demonstrar de maneira positiva a conveniencia de estabelecer relações mais estreitas entre as republicas Pan-americanas.

Comunicações maritimas, regulares e directas, simplificação e modificação dos regulamentos aduaneiros, um systema de relações bancarias, credits mais liboraes por parte dos commerciantes americanos e outros assumptos dos quaes se fala tanto com referencia ás relações entre as republicas deste continente, tudo isso precisa ser estudado para o bem das republicas americanas.

Os maiores estadistas nas finanças e na industria mundiaes se empenham em prever a situação que resultará da

guerra e não poupam esforços em remodelar os apparatus industriaes e financeiros para fazer frente ás novas condições economicas do commercio mundial. Os maiores pensadores das nações deste continente se occupam em analysar estas condições e cada uma das nações procura com afinco favorecer os interesses de seu povo neste novo *modus vivendi* economico.

As relações commerciaes e internacionaes dos paizes americanos atravessam um periodo de readaptação e remodelação.

O centro financeiro do mundo passou do Londres para Nova York, achando-se hoje nos Estados Unidos aproximadamente a quarta parte da existencia total de ouro do mundo. Os velhos caminhos commerciaes se interromperam e abriram-se novas estradas entre os paizes do Norte e do Sul da America. Formaram-se novas fontes de capital, novas oportunidades para applicações.

Assim os desastres da guerra revelaram as relações logicas e naturaes da industria e do commercio deste continente, cumprindo que a mais alta intelligencia e a maior capacidade dos estadistas das ropublicas americanas se applicuem ao estudo scientifico e pratico dos interesses do momento.

O Congresso Financeiro reunido nos Estados Unidos já produziu a organização da Alta Commissão Internacional, para estudo dos meios do desenvolver o commercio entre os paizes americanos. A proxima reunião desta Commissão se realizará em Buenos Aires, em 3 de Abril de 1916. Esta Commissão de accordo com varias outras instituições, se occupa em recolher e reunir dados acerca dos meios de transporte, regulamentos e tarifas aduanoiras e outros materiaes que servem de obstaculo ao commercio e que se poderiam remover por meio da acção intelligente e conjuncta de todos os paizes interessados, tornando possivel a troca de vantagens mutuamente proveitosas. Em materia do commercio internacional ha muitos obstaculos que podem ser eliminados por meio de uma cooperação intelligente.

A Conferencia Scientifica Pan-americana que se celebrou em Washington, a Alta Commissão Internacional, o Congresso Financeiro Pan-americano, a União Pan-americana e o serviço diplomatico e consular dos diversos paizes, são outros tantos meios para a verificação do estado actual das relações commerciaes do Continente e dos obstaculos que as restringem. (Joseph E. Davies — "World's Work").

A ALIMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS ESCOLAS

Um exame medico feito nas escolas primarias de quinze cidades norte-americanas mostrou que nada menos de 29.019 crianças, num total de 547.909, isto é, de 5 a 6 %, são mal alimentadas. Os resultados desse inquerito foram publicados pela Repartição de Hygiêno de Nova York.

As mães que trabalham fóra de suas casas, geralmente deixam aos filhos algumas moedas para o almoço. E os pequenos, em vez de comprarem um alimento são e nutritivo, despendem aquelle dinheiro em doces — dos que, ha muito tempo os vendedores ambulantes offerecem á venda nas vizinhanças das escolas, e que ás vezes não são limpos.

As más condições hygienicas dos escolares provêm principalmente de causas sociaes e de causas individuaes. As causas sociaes são: a) pouco ar e falta de soalho nas habitações; b) falta de commodidades para os banhos; c) trabalho fóra da escola; d) condições anti-hygienicas da propria escola; e) debilidade congenita. Causas individuaes: a) insufficiencia e má escolha da alimentação; b) somno insufficiente; c) falta de limpeza; d) doenças da bocca, dos dentes, dos bronchios; e) tuberculoses, doenças cardiacas, rheumatismos; f) falta de cuidado na primeira infancia.

Cada uma dessas causas se liga a outra: miseria, ignorancia ou relaxamento dos progenitores, doenças ou defeitos hereditarios ou congenitos. Quando as condições normaes de uma fami-

lia são bruscamente attingidas pela morte do chefe, ou pela incapacidade desto para trabalhar, succedo frequentemente que as primeiras e mais rigorosas modidas de economia são as da mesa; e isso occasiona um grande prejuizo ao desenvolvimento da criança.

A má alimentação diminue a força vital da criança, o torna-a mais susceptivel ás molestias.

Na escola, um alumno que se encontre em taes condições physicas, representa um pessimo elemento, porque é geralmente indolente, irritavel, e, se não completamente refractario ao ensino, pelo menos tardonho em aprender, o que entrava muito o progresso da classe.

Sob todos os aspectos a questão é interessante, e mostra a necessidade de providencias. Quando os progenitores não possam dar aos filhos a alimentação necessaria, a escola deve fornecer-lhes á custa do governo. E, nesse caso, a refeição não sor apenas uma, como tem sido, nas poucas escolas em que já se faz.

Muita gente objecta que essa alimentação gratuita pôde fazer com que os progenitores pouco escrupulosos acabem por não dar nenhuma aos filhos, em suas casas. Mas a experiencia demonstra que, em contacto com os carregados das refeições na escola, os paes dos alumnos muitas vezes lhes pedem conselhos sobre a alimentação a dar aos filhos, em casa. (E. F. Brown — *Literary Digest*).

GUERRA AO ALCOOL

Mais que todos os outros factores de enfraquecimento, o alcool destroe tanto a energia physica como a energia moral. Transigir com o alcool e pactuar com os seus grandes pontifices e todos os que o exploram, é pactuar com o inimigo, é trahir o paiz.

Não ha flagello mais temivel que o perigo alcoolico. E' a opinião de Lloyd George que dizia: "Nós combateremos contra tres inimigos: a Alemanha, a Austria e a Bebida".

Ha tres formas de alcoolismo: o "oenolismo", devido ao abuso do vinho, o "ethylismo", devido ao abuso dos alcooes, e o "absinthismo", devido ao abuso das bebidas alcoolicas contendo essencias (absintho, aperitivos, licores).

O consumo annual do alcool na Franca, por cabeça de habitante, é de perto de cinco litros, superior do um litro á quota média da Inglaterra. da Allemanha, dos Estados Unidos, de dous litros á da Noruega, da Suissa e da Russia.

O desenvolvimento do alcoolismo se explica: pela fabricaçao industrial, que o põe ao alcance de todos os bolsos; pelos preconceitos, que fazem crer aos operarios que o alcool dá força e permite resistir melhor ás grandes fadigas; pela miseria, que leva suas victimas a procurar na embriaguez o esquecimento; pela plutocracia que, com a sua influencia evidente, impede o Parlamento de votar medidas para cohibir o abuso; emfim, a hereditariedade, que é provavelmente a causa mais activa, pois fica-se alcoolico principalmente quando já se é um degenerado.

O alcool debilita e degrada o individuo. Pela falta de atençaõ e pela inhabilidade que produz, multiplica os accidentes do trabalho; a metade dos accidentes nas fabricas é devida á embriaguez. Enfraquecendo os organismos mais sãos, elle agrava a maior parte das infeções, em particular a pneumonia, a febre typhoide e a grippe. Elle prepara a cama para a tuberculose. Em 150.000 tuberculosos que morrem todos os annos na Franca, mais de 100.000 são victimas do alcoolismo.

Degradando o individuo, a embriaguez desorganiza a familia. Desorganiza-a pelo máu exemplo dado á mulher e aos filhos e pela miseria. A embriaguez do pae acarreta a embriaguez nos filhos.

Além de factor de desmoralisaçaõ, o alcool tambem é causa de pauperismo e, segundo as estatisticas, é a determinante mais frequente da loucura, do suicidio, da criminalidade e da mortalidade.

Na mortalidade da Franca, 10 por cento é devida ao alcool, quer dizer em

1.000.000 de mortes ha 100.000 que são devidas á embriaguez.

Para acabar com o alcool é preciso organizar associações que o combatam sem treguas, é preciso que a grande imprensa se empenhe nessa campanha. (A. Derner — "*Je Sais Tout*").

OS LITERATOS ITALIANOS E A GUERRA

Os literatos italianos são pela guerra. São poucas as excepções. Taes, por exemplo, na Italia, os senadores Benedetto Croce e Barzellotti, um por principios philosophicos, outro por imbuído de germanismo. Mas a grande massa dos literatos é pela guerra. Não são poucos os que se acham no campo de batalha, de onde escrevem impressões ardorosamente patrioticas. Os que, pela idade, não podem combater falam e escrevem em prol da causa commum. É uma maneira de combater, tambem. Não ha nenhuma rethorica no que escrevem porque a verdade dos seus escriptos é agora directamente tragica o heroica, e formidavelmente colorida e dramatica.

Ha muito vinha desaparecendo o dissidio entre a literatura e a vida publica. A torre de marfim já se desmoronou, o a arte pela arte já começava a ser considerada uma formula avehuentada e vasia de toda significação. O esthetismo enlanguescia. A geraçao nova, graças ao movimento nacionalista, já não era ociosa, inactiva e indifferente. O movimento nacionalista provinha da literatura, e nella despertava uma phalange de estudiosos e de profissionais da penna. A literatura de alguns annos atraz, não tinha patria, era cosmopolita, aberta aos arrivistas e aos charlatães. Mas veiu a idéa de patria, despertada pela campanha da Libia. E logo os literatos comprehendiram a poesia da acção, confundiram-se com o povo que combatia, falaram nos comicios, transformaram-se em polemistas, adquiriram uma prosa mais sorrada, mais clara o mascula. A literatura era antes pessimista e nihilista. Por

uma concepção negativa da existencia humana? Não. Por uma concepção diametralmente opposta. A vida era considerada como muito digna de ser vivida e gozada, mas os escriptores não podiam ir ver e gozar a vida como teriam desejado, e essa desproporção entre o desejo e a realidade fazia nascer o pessimismo. Mas depois as opiniões mudaram e a vida ficou sendo um sacrificio necessario e uma disciplina rigida. Da idéa de Patria surgiu a do "Doyer", alluindo o officio egoistico em que se enthronisava a literatura. Dahi a dor francamente e estoicamente aceita, dahi o desprezo pelos bens mundanos e pela propria existencia individual quo é quasi nada perante a existencia collectiva da grande familia humana. Nós passamos. A Patria fica. (Domenico Oliva — *Minerva*).

O ORGANISADOR DA TRIPLICE ENTENTE

Quando se escrever a historia da época presente, a pagina consagrada a Delcassé será das mais curiosas.

Na politica, como nas letras, nas sciencias e nas artes, ha protagonistas cuja influencia immediata é singularmente exagerada pela atmospherá que souberam eriar em torno de si, pela habilidade em tirar partido das paixões desencadeadas e dos interesses em jogo, pela flexibilidade em adaptar-se ás circumstancias.

Mas á medida que os factos recuam para o passado, os elementos secundarios vão desaparecendo. Perante a posteridade o homem não valo senão pela idéa que o inspirou.

Delcassé nada tem quo temer do decurso do tempo, o qual destacará melhor os traços de sua personalidade. Elle tem direito ao respeito da historia e á lembrança das gerações futuras, pois, modificando profundamente a orientação da politica externa da republica Franceza, foi dos que traçaram a directriz em que esse paiz se lançou resolutamente no inicio do seculo XX.

Delcassé é um typo de lutador digno do papel que desempenhou, ser-

vido por uma intelligencia de oscol. Desde o inicio do sua carreira como redactor da "Republique Francaise" até o momento em quo assumiu a direcção da politica exterior da França, Delcassé demonstrou sempre uma capacidade extraordinaria de trabalho, que se explica pela facilidade que têm os espiritos superiormente dotados de se absorverem, de se isolarem, por um simples effeito da vontade, do mundo exterior.

Delcassé tem o culto da coragem moral, da attitúde firme e resoluta, ostrictamente conforme ao dever do momento por mais penoso que seja. Como orador, sua eloquencia é caracteristica, manifestando na tribuna todo o ardor do seu temperamento. Sua palavra é, porém, sobria e precisa, nada lembrando nello o profissional de phrase grandiloquente, de periodo inflado. Quando elle se levanta na Camara, sabe-se que tem realmente qualquer coisa que precisa ser dita e, dosde as primeiras palavras, o seu discurso é perfeitamente claro e nitido.

De 1898 a 1905, Delcassé foi ministro dos Negocios Estrangeiros, nos gabinetes successivamente organizados por Brisson, Charles Dupuy, Waldoek Rousseau, Combes e Rouvier. Um incidente esteve a pique de destruir-lhe a obra, — quando a esquadra do almirante Rodjesvensky bombardeou umas chalupas inglozas. A forma por que foi liquidado esse incidente, por meio de uma commissão internacional de inquerito em Paris, foi por ventura o acto capital da carreira de Delcassé, tendo o resultado inesperado de uma melhora nas relações anglo-russas. Foi nesse momento que elle preparou o novo agrupamento da Triplice Entente, suprema garantia da manutenção do equilibrio na Europa.

Delcassé mais quo ninguom comprehendeu que a França não podia decahir de sua qualidade de primeira potencia, nem renunciar ao seu papel tradicional na Europa. Para elle a estreita ligação dos interesses francezes e inglezes constituiria a força politica com quo se dominariam todas as tentativas de qualquer grupo de potencias quo visasse o dominio universal. A "entente

cordiale" foi o primeiro passo; veio depois a aproximação com a Italia; por ultimo o accôrdo entre a Russia e a Inglaterra, graças aos bons officios da França.

Em 1913, na presidencia Poincaré, Delcassé aceitou a ombarxada de Petersburgo, sabendo bem qual o papel que podia desempenhar e que serviços elle podia prestar ao seu paiz. Os Alemães não se illudiram e a imprensa germanica commentou a sua nomeação com tanto azedume como si ollo houvesse sido nomeado para o caes d'Orsay. Elles que quizeram a guerra e a prepararam, sabiam perfeitamente que ia soar a hora justificando plenamente a politica levada a effeito por Delcassé do 1898 a 1905. (Roland de Marés — "*Je Sais Tout*").

AS MULHERES JAPONEZAS E A POLITICA

As recentes eleições geraes realisadas no Japão distinguiram-se de todas as precedentes por singulares innovações. Os homens politicos costumavam mostrar-se muito raramente em publico, e quando o faziam pronunciavam poucas phrases laconicas. Agora, porém, Okuma mandou ás urtigas a tradição, e, imitando o uso occidental, fez excursões pelo paiz, apertando a mão aos camponeses, e arengando ás multidões do seu automovel. Não contente com isso, elle falou deante de phonographos, fazendo por esses apparatus repetir os seus discursos nos theatros e outros logares de divertimentos. Por fim, na vespera da eleição expediu milhares de telegrammas aos mais influentes eleitores, pedindo-lhes o apoio.

Mais interessante e mais significativa, porém, foi a interferencia das mulheres na luta eleitoral. Em Tokio, especialmente, as esposas, mães e irmãs de alguns candidatos tomaram parte activa na campanha, obtendo resultados que não foram insignificantes. "O novo factor que assim entrou na politica do Japão assignala o alvorecer de uma nova era na vida social

do paiz. O conceito antigo, segundo o qual a mulher não é e não deve ser senão a guardian do lar, é completamente erroneo. Outra coisa, e muito mais elevada, a mulher pode e deve fazer, porque não existe uma linha de separação muito nitida entre a vida publica e a vida privada. Quando existisse mesmo essa linha do separação, não haveria razão para conservar as mulheres isoladas, de um lado, com prohibição absoluta de passarem para o outro. Os preconceitos antigos já fizeram o seu tempo. A entrada das mulheres no scenario da politica, é, pois, um signal salutar. Indica que as classes femininas estão despertando da longa apathia o passam da indolencia á actividade intellectual, da obscuridade da ignorancia para a luz".

Merecem censuras asperas os mestres japonezes de tendencias conseradoras e ignorantes da verdadeira significação da instrucção.

Uma era nova se abre para a mulher. Os que a não comprehendem são dignos de desprezo. A historia do Japão regista não poucos actos memoraveis de mulheres. Nos tempos antigos houve imperatrizes que gloriosamente empunharam o sceptro nas Ilhas do Sol Levante. Mulheres de Estado, mulheres patriotas, até mulheres conductoras de exercitos, tem-n'as tido o Japão. As obras das escriptoras antigas tornaram-se classicas. Entrando na politica e nos negocios publicos, a mulher japoneza não vae, pois, contra uma tradição, antes revive uma tradição cahida em esquecimento. (Sra. Aki Yosano — *Taiyo*).

APHORISMOS

John Morley definia assim o aphorismo: "Uma massa de pensamento e de observação comprimida numa phrase unica." A differença entre o aphorismo e o proverbio é que, enquanto o proverbio tende ao logar commum, o aphorismo tendo ao enigma. O primeiro é logo perceptivel a todos, o outro occulta um significado mais profundo a que se chega sómente com a reflexão.

O proverbio não tem auctor: nasce no povo, por geração espontanea. A maxima, ao contrario, é individual e indica assim a raça, a lingua, e até o tempo em quo vivou o seu autor. Alguns dos aphorismos de Confucio pôdem ter character universal. Outros, porém, são essencialmente chinezes. Assim tambem com as maximas de Marco Aurelio. Quando elle diz, por exemplo, que "a melhor vingança que podemos alcançar sobre um homem que nos offenda é evitarmos de sor como ello", percebe-se nisso qualquer coisa de romano e imperial. Semelhantemente, certas maximas de La Rochefoucauld trazem o signal do tempo e do logar. Nesta maxima de Molière: "ninguem se engana mais facilmente do quo quando procura enganar a outrem", pouco ha do grande escriptor francez, mas em outras se percebe claramente o espirito francez do seculo XVII. E' bem do Nietzcho igualmente, e bem do seu tempo e da sua raça esta maxima: "Duas coisas seduzem o homem forte: o perigo e o jogo; e a mulher o seduz porque é o mais perigoso dos jogos". E esta outra: "Atravez da sua vaidade pessoal, todas as mulheres nutrem um desprezo impessoal pola mulher."

Os francezes são mostres na arte do aphorismo. Os dos inglezes e dos americanos não trazem quasi nenhum traço de dissemelhança. Lincoln, e antes delle Emerson, e ainda antes Franklin, deixaram numerosos exomplos de phrases concisas o profundas. Em Emerson não se encontram, porém, as maximas precisas que a cada instante se lêem nas obras de Bacon, de La Rochefoucauld ou de Vauvenargues. Os seus pensamentos são elevados e subtis, mas não têm, bem claramente, as formas do aphorismos. A explicação estará no facto do não ter Emerson a dose de malicia com que La Rochefoucauld aguçava as pontas das suas maximas. Emerson não é verdadeiramente pessimista: não ten. illusões, vê claro nas coisas da vida, mas isso não o impede de considerar o mundo sem malevolencia, sem desprezo, sem hostilidade.

O benevolo optimismo "yankee" se manifesta melhor na literatura humo-

ristica. As satyras não são ferinas, e os proprios epigrammas não têm as pontas envenenadas. Entretanto, o maior e o mais fecundo dos modernos humoristas norto-americanos, Mark Twain, escreveu maximas tão amargas como as de Marco Aurelio. Foi no fim da sua vida, quando já era colobre, que a sua melancolia se exteriorizou em phrases acidas. "Quem quer que tenha vivido bastante para conhecer o que seja a vida — escreve elle — conhece a dívida de gratidão que nos liga a Acção, primeiro bemfeitor da nossa raça, porque foi quem trouxe a morte ao mundo". Outra phrase: "Porque nos alegamos com um nascimento e nos tristecemos com um onterro? Pela simples razão que não somos nós a pessoa em causa." Ainda outra: "Todos dizem: como é triste ter do morrer! — Lamentação estranha na bocca de quem precisa viver." São delle ainda: "O homem que é pessimista antes dos quarenta e oito annos, sabe muito; o homem que continua optimista depois dos quarenta e oito annos, sabo pouco." — "Se recolherdes um cão esfaimado e o alimentardes, o cão não vos morderá. E' a grande differença entre o cão e o homem." (Brander Mattheros — *Harper's Monthly Magazine*).

AS MENTIRAS DA RÉCLAME

No paiz da "réclame" faz-se agora um movimento... contra a "réclame". Ha alguns annos se vem formando nos Estados Unidos uma vasta organização com o fim de combater as fraudes que a publicidade possa trazer para a Republica. Em muitas cidades surgiram os "Advertising Clubs", que ha pouco se reuniram em federação, com séde em Indianopolis.

O movimento dos "Advertising Clubs" representa um sincero esforço no sentido de moralisar a publicidade. O emblema da associação é formado pela palavra "Verdade" (Truth) sobre um mappa-mundi. E, com effeito, a associação faz tudo para que a pratica commercial se conforme com o emblema. Quo pretende a associação dos "Ad-

vertising Clubs"? Que os directores de jornaes e revistas e em geral todos quantos fazem "réclame", não dêem circulação a annuncios que não correspondam á verdade. No recente congresso da associação, realiado em Chicago, tomaram parte nada menos de 5.000 pessoas, entre as quaes muitas mulheres. A secção dos jornaes diarios approvou as seguintes regras: 1.ª) As administrações dos periodicos devem abster-se de fazer affirmações mentirosas ácerca do numero de exemplares que põem em circulação; 2.ª) Devem executar a tabella de preços que publicam; 3.ª) Devem recusar os annuncios fraudulentos; 4.ª) Devem combater a publicidade immoral. A associação, já nesse congresso apresentou um balanço pelo qual se vê que a sua renda annual orça por cento e oitenta contos, mais ou menos, da nossa moeda. Um dos serviços mais importantes por ella prestados, é a formação de uma lista de individuos que nos Estados Unidos se servem da publicidade para fins deshonestos. Os jornaes que adheriram á associação, antes de publicar qualquer annuncio, se não conhecem o annunciante, é á Associação que pedem informações sobre elle. Mas a moralisação da publicidade não representa a unica forma da actividade dos "Advertising Clubs of the World". Estes realisam uma obra educativa de grande alcance, que é tornar mais eficaz a publicidade. Formou-se a "National Educational Committee", por iniciativa da qual, em todos os "Advertising Clubs" dos Estados Unidos se realisam cursos sobre a arte de fazer "réclames". E não é tudo. A Associação tem ainda uma preocupação: diffundir entre os pequenos commerciantes do paiz os methodos mais racionais no exercicio do commercio. E é assim que a criação de um "Advertising Club" num pequeno centro, dá forte impulso ao commercio local. Ao mesmo tempo, a associação procura agir sobre a grande massa do publico, mostrando-lhe os grandes beneficios que uma publicidade honesta pôde trazer á prosperidade geral da população. Os commerciantes sabem muito bem que o meio mais economico para desenvolver os seus ne-

gocios é uma publicidade judiciosamente feita. Mas no publico correm ainda muitas idéas erroneas a tal respeito. Muitos crêm que a publicidade contribua para elevar o custo da vida. Os "Advertising Clubs of the World" estão, por isso, emprehendendo uma vasta campanha de propaganda, destinada a destruir este preconceito e outros semelhantes, e a demonstrar ao publico que a publicidade presta grandes serviços mesmo aos consumidores e é, assim, um factor de prosperidade nacional. (Herbert S. Houston — *World's Work*).

SCIENCIAS E ARTES

O TELEPHONE SEM FIOS

Volta a falar-se novamente, nos Estados Unidos, do telephone sem fios, desde que a 29 de Setembro passado o sr. Theodoro N. Vail, presidente da Companhia Telegraphica e Telefonica Americana, pôde falar a milhares de milhas de distancia sem nenhum meio visível de transmissão. Já ha tempo, Guilherme Marconi previu o prodigio. As descobertas do dr. Peter Cooper Hewitt e do prof. Michael J. Pupin, da Universidade de Colombia, apressaram a sua realisação. Na ultima primavera, a primeira conversação aerea foi entretida entre duas cidades da America, a uma distancia de 250 milhas, e depois disso, outra experiencia, realisada no mar, acabou por convencer os engenheiros da possibilidade pratica de transmittir mensagens oraes a longa distancia, sem fios. Houve depois varias experiencias mais decisivas. E o primeiro exito de que o publico teve noticia foi a communicação lançada pelo presidente Vail, do seu escriptorio de Nova York, levada a Washington por um fio telephonico, e depois reenviada dahi, sem fios, até os estaleiros navaes de Marc Island, na Bahía de S. Francisco. Mas, enquanto os jornaes falavam desse voo da palavra no ar, através de 5.200 milhas, um solitario experimentador, es-

condido numa cabana, entre Pearl Harbor o Hawaii, sabia que era possível obter muito mais, visto como palavras ditas em Washington tinham chegado até elle, a 4.600 milhas de distancia. Era Llloyd Espenchied, outro engenheiro da Companhia, enviado á remota ilha do Pacifico para esperar a grande experienciã. Espenchied não tinha consigo senão um apparelho receptor, não podendo, pois, responder á mensagem. Foram assim precisas algumas horas até que se puzesse em communicação com o continente e annunciasse o milagre que acabava de se realizar.

A distancia entre Washington e a ilha de Hawaii é maior do que a que separa Nova York de Londres, de Paris ou de muitas outras das principaes cidades europeas, como Roma, Vienna ou Berlim. A telephonia sem fios poderá, pois, funcionar através do Atlantico, assim que as condições politicas da Europa permittam as experiencias. E' preciso notar que as communicações sobre o oceano dão sempre melhor exito do que as de terra.

Os detalhes dos apparelhos ainda não são publicos. Sabê-se, porém, que não se trata de uma invenção completamente nova, mas somente do aperfeiçoamento dos apparelhos transmissores e receptores. O som propaga-se por meio das ondas ethereas, mas a corrente electrica não passa através dellas, como succede na radiotelegraphia.

Á transmissão sem fios se faz do mesmo modo que a feita com auxilio dos fios. Mas uma corrente elevadissima reforça muito as vibrações na estação de partida; ellas chegam tão debéis, que somente os delicadissimos apparelhos receptores são capazes de recebê-las, reforçando-as de novo e assim as tornando perceptíveis pelo ouvido. A prova de que a transmissão se faz da mesma maneira — ou seja com fios ou sem fios — deu-a a experiencia Nova York-S. Francisco, na qual a mensagem expedida percorreu o trajecto Nova York-S. Francisco, de um modo, e o seguinte do outro.

Não se espera que o systema venha a ter largã applicação. Em certos períodos do anno, sobretudo no verão, as communicações seriam muito perturbadas. Além disso, o funcionamento dos apparelhos é muito delicado, sujeito a desarranjos frequentes. Isso não impedirá, porém, que a telephonia sem fios possa prestar utilissimos serviços, em todos os casos em que não se possa dispor das installações telephonicas communs, como succede, por exemplo, nos navios e nas elevadas montanhas.

UM AUTOMOVEL AMPHIBIO

Ha annos se vem pensando em construir um vehiculo capaz de viajar na terra e na agua. Alguns inventores já conseguiram alguma coisa nesse particular. Mas, segundo nos refere uma revista scientifica, a melhor descoberta entre todas é a machina do engenheiro viennense L. Zeincr.

Esse "carro-automovel de agua", ou esse "barco-automovel da terra", assemelha-se, no aspecto, a um automovel commum de viagem, apenas com a caixa um pouco mais alta. Além das rodas, possui uma helice. E a força do motor pode ser rapidamente transportada das rodas á helice.

A machina é construida de maneira a vencer rapidas descidas e subidas, com a maxima facilidade: assim, pode descer rapidamente pela margem de um rio, entrar na agua, parando as rodas e dando movimento á helice, e atravessar a corrente tal qual se fosse um barco, e assim attingir a margem opposta e continuar a viagem.

Segundo affirma o autor, o vehiculo já tem sido submettido a experiencias, promettendo prestar bons serviços de ordem militar. Póde viajar mesmo em terrenos pantanosos. Nas aguas pouco profundas, póde fazer uso ao mesmo tempo das rodas e da helice, o que offerece a vantagem de evitar o encalhe quando se encontra por acaso um banco de areia no meio de um rio.

A força é dada por um motor de quatro cylindros de 16 HP., por meio



do qual se obtém uma velocidade de 45 milhas por hora em terra, e cerca de dozo milhas na agua.

A invenção é, como ficou dito acima, de origem austriaca. Mas não consta até agora que tenha sido utilizada no serviço militar.

A ACUSTICA DAS SALAS

Está aqui um problema importante que, embora tenha sido muito estudado, até agora não teve solução. São raras as salas de concerto, conferencia ou representação, que possuam boa acustica. A maioria tem, ou deficiencia, ou excesso de sonoridade. Ha, além disso, as salas que possuem boa acustica para um instrumente e não para outros. E numa sala acontece que o effeito acustico não é o mesmo em todos os dias.

As difficuldades com que deve lutar o architecto, diz-nos um artigo da "Revue Scientifique" são tres: resonancia, surdez e éco. Uma sala isenta destes tres defeitos seria, no que respeita á acustica, perfeita. A resonancia amplifica demais o som, a surdez absorvo-o ou o abafa. Frequentemente, uma o outra dependem do material com que as paredes são formadas o revestidas: o marmore é menos sonoro do que a madeira, a madeira menos do que o vidro. Os tecidos representam o mais alto coefficiente de absorção ou de surdez. Por sua vez, o publico influe na acustica como uma tapeçaria absorvente. E ha ainda a pedra e o cimento que pouco influem.

Para temperar a resonancia excessiva, o systema mais conhecido é o de estender fios de algodão sobre a superficie da qual o som é reflectido. Cita-se, entre outros, o caso do um theatro da Inglaterra, que possuia optimas qualidades acusticas. Um dia o proprietario tove a infeliz idéa de reformalo completamente. A sala perdeu a acustica, o não houve nada que lh'a restituísse até o dia em que as aranhas aca-

baram de tecer, como antes, longas teias nas parodes.

Independentemente da sua substancia, os materiaes de construcção exorcem um offeito diverso, segundo o modo como são collocados. Assim, uma taboa de madeira, collocada a cinco contimetros do distancia da parede, accresce a resonancia muito mais do que se fosse applicada sobre a parede.

A humidade é outra condição desfavoravel ao som. Acontece, por isso, que as condições acusticas de certas salas molhoram com o tempo, isto é, com o progressivo enxugar das paredes.

Para diminuir o echo das salas é preciso dispor cordas ou fios do ferro em certos pontos. Melhor, porém, será construir a sala com dimensões e curvas que não permitam o echo.

Dos thoatros, o mais famoso pela sua acustica é o de Orange, que Luis XIV chamava "a mais bella muralha do meu reino". E' o unico que resta, em França, da época romana. Tom 103 metros de largura, 77 de comprimento, 36 de altura. E' um hemicyclo perfeito.

Nos theatros modernos a forma da sala deve ser oblonga, sem cupola nem camarotos fundos, sobria do ornamentos para apresentar superficies quanto possiveis regulares.

Garnier conseguiu uma boa acustica na "Opéra" de Paris, ninguem sabe como, nem ello proprio sabia. Mais pequena, mas famosa tambem pela sua acustica, é a sala do Conservatorio de Paris.

"Deu-mo a pura revolação das symphonias de Beethoven", oscrevou Wagner. E Foucaud comparou-a a um violino stradivario que vibra do cima a baixo, ao menor toque do arco. Pois, construiu-se nos Estados Unidos uma sala igual á do Conservatorio de Paris: as condições acusticas foram as mais deploraveis.

Para os espectadores, os logares a que os sons chegam mais distinctos são os mais altos. Nas galerias se ouve sempre melhor do que na platéa. Sempre é um consolo para os que não podem ir ao theatro soãõ de galeria...

AS CIDADES-JARDINS

A cidade ideal, segundo um inguez, Ebenezer Howard, quo muito se occupou do assumpto, dove tor uma população maxima do trinta o dois mil habitantes, mais ou menos. E, quando a população augmenta além desse limite, deve logo tratar-se da construcção de outra cidade. As idéas do Howard já acharam applicação pratica, pois organisou-se na Inglaterra uma "Sociedade das Cidades-jardins", tendo iniciado uma cidade que já serve de modelo. Em novo annos, de 1904 a 1913, cerca de trinta fabricas se transferiram para a nova cidade, que acolhe oito mil pessoas, e ostá em rapido augmento. Os estatutos da sociedade fundadora, que comprou o terreno o agora o arrenda ou vende aos habitantes, estabeleco que os accionistas não podem perceber mais do cinco por cento sobre o seu capital. So os lucros excedorem esse limite, devem ser empregados em obras de utilidade publica e na diminuição dos impostos.

Os habitantes mostram-se satisfotissimos com a sua cidade. E não só os artistas e os pootas, os homens envolhedidos nos negocios, os capitalistas que vivem das suas rendas, os commerciantes que vendem a sua mercadoria no logar, os operarios que accorrem sempre aonde encontram trabalho — não é só essa parte que se declara contento com

a sua cidade-jardim, mas os proprios industriaes, os mais praticos o menos altruisticos industriaes, que do muito boa vontade ahi apparecem para fundar as suas empresas. E' quo encontram locaes mais bellos e mais commodos do que os de Londres, onde lhes faltavam o ar e a luz e era ás vezes preciso conservar a luz accosa durante todo o dia.

A "Cidade-jardim" é proxima de Londres, e chama-se Letchworth. E' o mais risonho centro industrial quo se pode imaginar. Cada casa é rodeada de jardim, e todas ellas têm uma pequena horta.

E tudo isso foi feito, e pôdo ser imitado, applicando-so systemas já usados, leis já existentes, sciencia já vorificada. Muitas tentativas do reforma social são condemnadas a esperar a conversão da maioria dos homens a novas idéas. Se o sonho dos socialistas, por exemplo, puder realisar-se um dia, sorá preciso encontrar e applicar um methodo completamente novo do administração dos negocios. Entretanto, uma cidade como Letchworth pôdo ser construida do reponto, em qualquer logar, por um grupo do capitalistas que tenha a seu serviço alguns habeis architectos.

O custo da vida é com certeza menor nossas cidades, e maiores são as possibilidades do distracção o de agradaveis relações sociaos.

X.

REVISTA DO BRASIL

A "Revista do Brasil" é lançada por uma sociedade anonyma, constituida om S. Paulo, com a seguinte directoria: dr. Ricardo Severo, presidente; dr. J. M. Pinheiro Junior, thesourceiro; dr. Mario Pinto Sorva, secretario; conselho fiscal: dr. Oscar Thompson, dr. Ruy do Paula Souza, dr. Armando Prado; o os seguintes accionistas: dr. Alfredo Pujol, dr. Arnaldo V. de Carvalho, dr. Adolpho Augusto Pinto, dr. Armando de Salles Oliveira, Amadeu Ama-

ral, dr. Alarico Silveira, dr. Anthero Bloem, dr. Abrahão Ribeiro, dr. Armando Prado, Arnaldo Simões Pinto, dr. Augusto de Toledo, Arthur de Corqueira Mendes, dr. Antonor Liberato de Macedo, dr. Alberto Seabra, Adalgiso Pereira da Silva, dr. Antonio Piccarolo, dr. J. Ayres Netto, Benjamin Victor de Mendonça, Carlos de Carvalho, dr. Florivaldo Linhares, Gelasio Pimonta, Heraclito Viotti, dr. Hoitor de Moraes, dr. Julio C. F. de Mesquita, Julio

de Mesquita Filho, dr. José Martins Pinheiro Junior, dr. José Gonçalves, dr. J. P. da Veiga Miranda, dr. Jeronymo Rangel Moreira, dr. Jacomo Define, dr. Leonidas Barroto, Luiz Fonceca, Luiz do S. Gomes Carneiro, dr. Luiz de Toledo Piza Sobrinho, dr. Luiz Pinto Serva, dr. Luiz Wanderley, dr. Mario Pinto Serva, dr. Mario de Barros, dr. Manoel de Azevedo, Moysés de Oliveira Horta, dr. Mario Cardim, Manoel Rodrigues de Loiroz, dr. Manoel Carlos de F. Ferraz, Nestor Rangel Pestana, Numa de Oliveira, dr. Olympio Portugal,

dr. Oscar Thompson, dr. Octavio Inglez de Souza, dr. Octavio Mendes, dr. Pedro Lessa, dr. Plinio Barreto, dr. P. A. Gomes Cardim, dr. Ricardo Severo, dr. Ricardo Gonçalves, dr. Ruy de Paula Souza, Ricardo Figueiredo, dr. Rogerio Fajardo, dr. Roberto Moreira, dr. Raul de Sá Pinto, dr. Sebastião Soares de Faria, dr. Sylvio de Andrade Maia, dr. Synesio Rangel Pestana, dr. Thomas Catunda, dr. Victor da Silva Freire, dr. Valdomiro Silveira, dr. Virgilio do Nascimento.



AS CARICATURAS DO MEZ

O MONUMENTO



— Cá está elle, novo em folha. A velha carunchosa recolhe-se ao museu e os rabulas fêm doze mezes para o estudo de novas chicanas...
("Jornal de Brasil" — Raul)

O ANALPHABETO



ZE' — Sim senhor. Codigo já tenho. Preciso agora que me ensinem a ler.
("Caretá" — J. Carlos)



"Grand Prix Nacional" — Os primeiros cotejos
("Caretá" — J. Carlos)



ENTERRANDO OS MORTOS — Quando o canhão calla... ha pás na ferra
("Cigarra" — J. Carlos)



SERVIÇO DA CONFEITARIA KRUPP — Um "kolossal" Bolo de Reis
("Carefa" — J. Carlos)



A moda masculina si o "avacalhamento" do jury continuar.
("O Queixoso" — Lulú)

MAPPIN STORES

SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

Ultimas Modas para Senhoras
e Creanças

Roupas Brancas

Camisaria e Alfaiataria
Ingleza

Moveis de Estylo Inglez

Fazendas e Sedas

Blusas e Rendas

Armarinho, Filas etc.



PEÇAM Nossos Catalogos

Vista da Casa MAPPIN STORES rua 15 de Novembro, 26

MAPPIN STORES é uma Sociedade Ingleza estabelecida para importar os melhores productos das industrias Ingleza e Francaza. :: Nossas compras na Europa e nossas vendas aqui são feitas sómente a Dinheiro. - Com este systema podemos garantir que os nossos preços são os mais baixos possiveis.

Encomendas do interior de valor superior a Cem mil réis são remetidas com porte pago; os pedidos inferiores a esta quantia devem ter um mil réis extra para o porte

Mappin Stores

Rua 15 de Novembro, 26

Caixa Postal N. 1391

SÃO PAULO

Chama-se a atenção dos Ex.^{mos} Cavalheiros sobre o esplendido e barato producto **STROBINA** para limpar chapéus de palha, panamás, chile, etc., etc. — Efeito surprehendente.

Como o preparado é garantidamente livre de acidos, não abre a fibra da palha, não dilacera a linha da costura, nem dissolve a colla empregada para dar formato e resistencia ao chapéo.

Uso: Com uma escovinha de dentes, depois de agifar bem o liquido, lava-se o chapéo. Depois passa-se um pouco d'agua para abrir o brilho e deixa-se seccar á sombra. **Frasco 1\$000**

Vende-se nas casas seguintes: **D. Roque da Silva, Luiz de Souza, Teixeira & Martins, Casa Lebre e Januarío Loureiro.**

CERA PAULISTA

PARA MOVEIS E ASSOALHOS

Processo especial de fabricação - Economica - Unica no genero

A. L. CAMPOS

RUA S. BENTO, 39-A TELEPHONE, 2624

Vende-se nas casas:

Edison, Mauro Muniz de Souza, Manoel Ferreira da Silva
e no depositarlo por atacado e a varejo

Acceptam-se encommendas para cera de todas as cores: liquida ou em pasta

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — **Dr. FRANCO DA ROCHA,**
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — **Dr. Th. de Alvarenga,**
Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — **Dr. C. Homem de Mello.**

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o **Dr. HOMEM DE MELLO** que reside á rua *Dr. Homem de Mello*, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Calxa do Corroio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

Prefiram a Casa Dodsworth

RUA BOA VISTA, 44

para aquisição do MATERIAL ELECTRICO que precisar

COSTA, CAMPOS & MALTA

Caixa, 962

S. PAULO

Telephone 4305

A TRANSOCEANICA

EMPRESA DE VIAGENS E EXCURSÕES DE RECREIO

SOCIEDADE ANONYMA Capital inicial: 200:000\$000

Caixa postal, 1755 - Telephone, 5892-central - Codigo Ribeiro - End. teleg. "Transoceanica"

Séde Social: Avenida Rio Branco, 149 - RIO DE JANEIRO

Succursal em S. Paulo: Rua Direita, 42

Representantes no Brasil dos principaes hotéis do Rio da Prata - Agente do SAVOY HOTEL e da Casa GATHY CHAVES de Buenos Aires

Excursões de recreio, individuais ou collectivas, a Buenos Aires, Montevideo, Porto Alegre. São Paulo, Santos, Guarujá, Poços de Caldas, Caxambú, Lambary, São Lourenço, Mendes, Petropolis, Nova Friburgo, Therezopolis, Bello Horizonte, Campos, etc. — Fornece passagens, hotéis, automoveis, carros, theatros, cinemas, transporte de bagagens, passeios, etc.

Cadernetas de Coupons para estadia de 3, 7, 15 e 30 dias no Rio de Janeiro. A venda em todas as estações da « The Leopoldina Railway Company Limited ».

“A Transoceanica” é, enfim, a unica empresa brasileira que explora o commercio do turismo, legalmente organisada e autorisada a funcionar no territorio da Republica, que tem a sua carteira de excursões amoldada em suas congeneres europeas Cook e Lubin.

Já distribuiu cerca de 20.000-0-0 de passagens e camblaes aos seus prestamistas

Secção de Obras

de

“O Estado de S. Paulo”

Jornaes, Revistas e trabalhos commerciaes em geral

Rua 25 de Março, 145

Secção Archivo S. PAULO Telephone 725

INDICADOR

DA

“REVISTA DO BRASIL”

ADVOGADOS — DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA E JOAO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

ADVOGADO — O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de São Bento n. 57, sala n. 3.

ESCRITORIO DO CORRETOR OFFICIAL — JAYME PINTO NOVAES—Rua S. Bento, 57. Caixa, 783—Telephone 2738 — Compra e venda de apolices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc., etc.

Rua S. Bento, 57 (baixos) — JAYME PINTO NOVAES.

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. Ex-chefe de clinica cirurgica, na Universidade de Genebra, assistente dos Hospitaes de Berne e Genebra, medico do Sanatorio de Tuberculose de Leysin. Alta e pequena cirurgia. Cons. e res.: Rua Libero Badaró, 181. Telep. 3.492, das 13:30 ás 16 horas.

CLINICA DAS MOLESTIAS DAS VIAS URINARIAS, DO DR. SALVADOR PEPE — Especialista de Pariz — Tratamento das urethrites chronicas pelos methodos mais aperfeiçoados. Urethrocopia, interior e posterior. Cystocopia, catheecism dos ureterios, electrolyse. Applicação do 606 e 914. Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga n. 9, sobrado, em frente ao Theatro Municipal. Telephone, 2.296.

As machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua,
Turbinas e accessorios para a lavoura.

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado
e pertences

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

IMPORTAÇÃO directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua Alvares Penteado N. 14

SÃO PAULO



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

MARIO DE ALENCAR <i>da Academia Brasileira</i>	José Verissimo	87
CARLOS DE CARVALHO	Economia e finança de S. Paulo	95
PAULO R. PESTANA	A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo . .	110
AMADEU AMARAL	O Brasil, terra de poetas	116
VEIGA MIRANDA	O Margarida (novella) . .	122
ARMANDO PRADO	Francisco Adolpho de Varnhagen	137
E. ROQUETTE PINTO <i>do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro</i>	Uma informante do Im- perador Pedro II	160
FLORIVALDO LINHARES	O "apriori" na theoria criticista	167
PLINIO BARRETO	Eduardo Prado e seus amigos (cartas ineditas)	173
COLLABORADORES	Resenha do mez.	198

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 2 - ANNO I

VOL. I

FEVEREIRO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Monologo, *Yorick* — José Verissimo — A “Atlantida”, *R. S.* — Nacionalisação da arte, *R.* — Pintura, *N.* — Musica *F.* — *Bibliographia.* — O Barão de Paranapiacaba — Victoriano dos Anjos — Questão orthographica — A embaixada brasileira em Portugal — As origens e o principio da carreira de Lloyd George — Guerrini Stecchetti — Recordações de Verlaine — Rémy de Gourmont — Orientação social dos estudos universitarios — O direito e a psychologia — Os progressos da electrificação dos caminhos de ferro, *L.* — As propriedades therapeuticas do sapo. — Como se deve estudar — A reconstituição das florestas — Odores humanos — **As caricaturas do mez** (seis caricaturas reproduzidas).

A “REVISTA DO BRASIL” só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO
DIRECTORES: JULIO MESQUITA
ALFREDO PUJOL

REDACTOR CHEFE: PLINIO BARRETO

ASSIGNATURAS:

ANNO.	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500

REGAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
CAIXA POSTAL, 1373 · TELEPHONE, 4210

S. PAULO



INDICADOR

DA

“REVISTA DO BRASIL”

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOAO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tom o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escripatorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRÉ, ALFREDO BAUER e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6. Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE. — Escripatorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escripatorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correo 808. End. Telegraph. *Condes.*

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escripatorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR. — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. Ex-chefe de clinica cirurgica na Universidade do Genebra, assistente dos Hospitaos de Berna e Genebra. Medico do Sanatorio do Tuberculosos de Leysin. Alta e pequena cirurgia. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.492, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Consult.: Rua Quintino Bocayuva, 4 (esq. R. Direita). Resid.: Rua Albuquerque Lins, 92. Telephone 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA. — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica *especialmente das crianças*. Resid.: Rua da Consolação, 62. Consultorio Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinaarias, com pratica em Paris. Tratamento das urethrites chronicas, pelos methodos mais aperfeçoados. Urethroscopia interior e posterior. Cystecopia, cathecise dos ureterios. electrolyse. Applicação do 606 e 914. Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetinga, 9. Telephone 2.296.

O SEGUNDO TABELLIIO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

Companhia Mechanica e Importadora

de S. Paulo

IMPORTAÇÃO, COMMISSÕES,
CONSIGNAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Endereço Telegraphico "MECHANICA"

Caixa Postal, 51

SÃO PAULO

RUA 15 DE NOVEMBRO, 36

SANTOS

Rua de Santo Antonio, 108 e 110

RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 25

IMPORTAÇÃO em geral e fabricação de artigos e machinismos para Industrias e Lavoura. Materiaes para Estradas de Ferro e Construcções. Fabrica de material de barro vidrado. **Agentes geraes para o Brasil dos afamados automoveis "FIAT"**. Agentes exclusivos para a venda dos productos das Companhias SILEX e PAULISTA de louça esmaltada. Representantes da afamada fabrica de vapores "ROBEY".

LONDRES: Broad Street House-New Broad Street, London E. C.

Officinas Mechanicas, Garage, Fundição e Depositos:
Ruas Mons. Andrade e Americo Brasiliense (Braz) :: S. PAULO



Tinoco Machado & C.

Unicos vendedores, neste Estado, das superiores velas:

**Brasileira,
Ypiranga,
Paulista,
Colombo,
Bicho, Pequenas**

e demais productos da

"Companhia Luz

Stearica"

DO RIO DE JANEIRO



R. Libero Badaró

N. 52

(1.º Andar)



TELEPHONE

N. 3558



São Paulo

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000
Para os Julzes, promotores e delegados do policia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,
Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Calxa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

Secção de Obras

de

“O Estado de S. Paulo”

Jornaes, Revistas e trabalhos commerciaes em geral

Rua 25 de Março, 45

Secção Archivo. S. PAULO Telephone 725

JOSÉ VERISSIMO

Só a morte podia dar a occasião de fazer-se plena justiça ao merecimento de José Verissimo. Conheciam-no bem alguns amigos; mas elle tinha poucos amigos como homem direito que era; e a voz da amizade, medida e discreta, mais ponderosa que louva-minheira, mais propensa á conversa intima do que á publicidade, não bastava, emquanto elle viveu, a desvanecer a palavra do despeito, da inveja ou do mero gosto de maldizer de duas gerações de escriptores e escrevedores. E' facil cousa o maldizer; ha sempre ouvidos contentes da maledicencia, e o desdem é um meio vulgarmente usado pela ignorancia e pela presumpção para simularem superioridade. Devido á sua tempera moral e ao genero literario a que principalmente e probamente se applicou o pela continuidade com que o fez, tornara-se José Verissimo a pessoa mais alvejada pelos doestos da gente a mais vaidosa e melindrosa, que são os homens de letras. Por influencia destes não o poupava a leviandade dos eonceitos jornalisticos, que acabam formando a opinião de quasi todo o mundo no Brasil. Agora porém que elle é morto, já não aproveita a maldade, já não tem razão de ser a inveja, e os despeitos e resentimentos descabidos, se não terminam, calam-se em publico. E é a vez da amizade desinteressada falar alto, sem receio de parecer lisonjeira. Com as mesmas lembranças, avivadas pelo grande desgosto recente, pôde-se illudir a dolorosa realidade do desaparecimento do escriptor amigo, prolongando na evocação de dias passados a imagem de uma existencia querida que não devia acabar.

Conheci José Verissimo em 1894 approximadamente. Havia dois annos que elle estava no Rio de Janeiro e era já um escriptor reputado. Fizera parte da redacção do *Jornal do Brasil* na phase



em que esse jornal era escripto pelas pennas de Joaquim Nabuco, Rodolpho Dantas, Sancho Pimentel, Constancio Alves e Caldas Vianna. Alli havia iniciado em folhetins os seus *Estudos brasileiros* que lhe grangeavam, com a fama crescente de critico, as lisonjas e os gabos dos autores novos. Acheio-o entretanto simples e affavel e despido de vaidade; e assim sempre vi-o depois.

Já então chefe de familia não pequena, diligente cumpridor dos deveres do emprego de que vivia, a impressãõ que dava, após algum tempo de relações mais chegadas, era a de um homem genuinamente serio, que pautava os seus actos por uma norma superior, sem outra sancção que a do seu proprio conceito moral, e capaz de por ella deixar o emprego de onde tirava a subsistencia. Sem mostras de austeridade, antes prazenteiro, lhano, familiar e risonho, nunca teve palavra ou maneira que insinuasse a outrem, a um mesmo amigo, a idéa de que fosse possivel a sua condescendencia a um deslize de obrigação ou da sua regra íntima.

Descerimonioso como era no trato, possuia compostura natural de pessoa fina e criada em meio europeu. Não lhe haviam ficado da origem e formação provinciana senão as qualidades e habitos bons. Aborrecia as desenvolturas, as arestas e o relaxamento de modos com que os provincianos em geral dissimulam o acanho e procuram assumir attitude desembaraçada em sociedade mais culta do que a do seu meio inicial. Era observador e já tinha feito uma viagem á Europa. Isso contribuiria para a sua immediata accomodação aos costumes da nossa capital; mas elle tinha tambem uma distincção nativa de bom gosto. Este instinetto moral levava-o para o commercio das pessoas de alma elegante, e foi um dos fortes motivos do seu apego a Machado de Assis.

Não era porém um reservado, tinha prazer em formar amigos, não escondia desconfiadamente a sua casa aos conhecidos que a buscavam, e acolhia-os habitualmente com o coração no rosto. Mas como era sincero e impulsivo, atalhava sem transição as amizades que vinham a parecer-lhe desmerecidas, e perdeu outras, que se apartavam d'elle chocadas pelos toques de sua sinceridade. Tal é o fado dos homens sinceros. Elle soffria dessas vicissitudes do sentimento, porque tinha a natureza affectiva. Fui testemunha da amizade carinhosa, quasi paternal, que votou a Graça Aranha, e da affeição dedicada que sentia por Machado de Assis.

Dava prazer o gosto que mostrava em reunir em torno de si amigos e camaradas que julgava aptos a virem ser seus amigos. Foi elle que teve a idéa dos jantares mensaes dos collaboradores da *Revista Brasileira*, e ainda depois de suspenso este periodico, os seus camaradas e amigos iam por lembrança e insistencia delle almoçar um domingo de cada mez no Alto da Boa Vista e em outros sitios amenos ou naquelle restaurante do Minho que se tornou depois conhecido pela frequencia do Barão do Rio Branco. De todos era elle o mais contente, como principal realisador desses encontros fraternaes, mas não queria nem acceitava alli posição destacada. Em sua vivenda num sitio do Meyer fui a um almoço campestre que elle offereceu aos amigos e no qual todos os pratos á brasileira na fartura e no preparo eram feitos exclusivamente de productos da sua chacara ou animaes alli criados. Almoçamos á sombra de arvores em longa mesa a que, além de outros de que me esqueço, sentaram Capistrano de Abreu, Bulhões, Calogeras, João Ribeiro e Sylvio Romero.

O gosto de hospitalidade do amphytrião patenteava-se no sorriso alegre, na incessante gentileza, na irradiante satisfação com que elle nos encheu longas horas de excellente convivio.

Com tamanha capacidade de affeição expansiva, acima delle punha o respeito ao seu criterio moral. Assentada a sua convicção no sentido que lhe parecia recto, não havia consideração de amizade que o demovesse; preferia sacrificar a amizade. Esse feitiço de character criou-lhe uma distincção, e na Academia Brasileira valeu-lhe uma proeminencia que o equiparava a alguns de maior brilho intellectual. Determinava tambem em outros antipathia por elle e o receio de vel-o assumir a direcção, para a qual possuia todos os titulos: talento, cultura, laboriosidade, reputação e energia. E' verdade que elle carecia da tolerancia, o dom amavel e sagaz com que a autoridade actúa melhor no dominio moral. A sua rectidão era inflexivel na conformidade do seu ponto de vista pessoal, e predispunha-o ao autoritarismo. Quantas qualidades porém tinha elle largamente compensadoras desse excesso! Não se tratando de objecto que lhe affectasse a consciencia, a sua autoridade era um exercicio de camaradagem; praticava-a sem formálismo, condescendente, delicado, mais consultivo que imperativo.

Dissentimos elle e eu alguma vez — creio que uma só vez; mas nunca deixei de querer-lhe bem e admirar-lhe a pessoa mo-



ral. Impressionava-me sobretudo o que é rarissimo em gente de qualquer profissão, maxime a literaria, a sua completa isenção de inveja. Não tinha orgulho, nem tal convicção do seu proprio merecimento que o tornasse indifferente ao alheio; era ao contrario desconfiado de si. Esta condição mais realçava, mais valorizava o prazer com que elle notava, assistia, apontava e celebrava um novo talento, sem para isso influir a *sympathia* pessoal. O merito verdadeiro conquistava logo a sua admiração. Sem duvida procurando sempre e em primeiro logar discernir as feições de character dos homens, admirava-lhes as obras em grau e expressão proporcioneaes ao valor moral por elles manifestado. Só era francamente admirador, quando via harmonizados o talento e o character.

Era curioso e extranho o concerto que nelle havia entre a confiança na vontade e no poder moral dos homens e o scepticismo absoluto, que não escondia, que não lhe pesava e de que fazia garbo em materia de crença religiosa. Como é que o seu ideal humano, a fixação de uma regra de procedimento, a que julgava deviam tambem os outros subordinar-se, a responsabilidade que imputava ao homem pelos actos praticados, a crença na força da vontade, podiam conciliar-se com a desesperança, certa e tranquillã, de uma vida posterior, com a segurança de não haver nenhuma sanção além da terra, com a redução das faculdades humanas ao mero desenvolvimento de forças materiaes? Conciliavam-se entretanto, e numas e noutras elle era sincero.

Se dahi resulta motivo para maior admiração do homem, que entendia ser honesto e integro por um dever imposto a si mesmo, ha que notar a deficiencia do seu espirito, satisfeito de não ter duvida, de não crêr, de não admittir a crença e as duvidas dos outros, e descurioso da investigação metaphysica, insensivel, dentro do seu horizonte terrestre, ás incoherencias que o seu pensamento atilado apontaria entre a sua concepção ontologica e os mythos da vontade e da razão humanas, responsaveis aos seus olhos severos.

Essa composita architectura moral revela que ao seu espirito faltava philosophia e imaginação. E foi o que lhe orientou a obra escripta e explica as suas falhas.

O escriptor foi a continuação do homem. Foi escriptor sinceramente, por uma vocação, que estaria demonstrada pela só perseverança com que se applicou activamente ás letras durante

trinta e sete annos, sem vaidade, sem maior lucro do que teria em outro officio mais facil, e arrastando a animosidade de tanta gente e sacrificando a saúde.

Começou a escrever na provincia natal ainda adolescente. Ao contrario de todos, não versejou, nem tentou nunca fazer versos. Dizia-o mais tarde, contente de ser uma excepção talvez unica no mundo das letras. Confessava assim implicitamente a sua carencia de lyrismo, de emoção criadora, que logo nos primeiros tentamens se articula no rythmo da poesia. As paginas de ficção que a esse tempo escreveu eram descripções do scenario amazonense ou narrativas singelas da estreita vida das nossas cidades pequenas. Sobre a segunda edição d'*As scenas do Amazonas* escreveu Machado de Assis uma noticia justamente elogiosa e lamentou que o autor não tivesse cultivado o genero literario da novella. O autor, ahi melhor critico de si mesmo, sentira por ventura que a sua ficção, menos imaginosa e phantasista do que elle a quizera, estava forçada a reproduzir a realidade, e presentia ou observava na nossa realidade escassez de themas artisticos. O meio interior da provincia, muito familiar a elle, repugnava-lhe pela monotonia, vulgaridade, e atrazo entre selvagem e astuto, grosseiro e mercantil.

A vida das capitaes era, como elle tambem vira, sem typo definido ou interessante, de sociedade incolor da estrangeirada. Preferiu a critica e fez bem.

A sua obra critica é notabilissima e assegura-lhe ao nome uma perpetuidade que os annos irão reforçando até a gloria.

Escreveu-a com seriedade como obra em que assumisse uma obrigação de character e de coração. Amava e respeitava a profissão de escriptor e parecia ter tomado a si a tarefa de commu- nicar esse amor e respeito, interpretando e prestigiando os autores dignos e combatendo os intrujões, os falseadores da nobreza do officio que representa a mais alta distincção da creatura humana.

Não tinha ahi indulgencias, como não as tinha no seu trato social, mas não abusava da penna para zombar dos autores bisonhos.

Aos que não lhe agradavam, dizia a razão do seu desagrado, ou calava-se. Tomal-os por objecto de escarneo, fôra uma desca- ridade e uma indecencia, que não só ferira o autor criticado, mais do que convinha a uma innocente presumpção, como ainda des-

moralisára a funcção serena e imparcial que deve ser a do critico.

Eximindo-se, por sensatez e amor proprio, dessa deshonestidade de julgador, tambem não se dava ares de juiz inappellavel. O tom geral das suas opiniões nada tem de dogmatico; traduz um espirito dubitativo, que se enleia no receio de affirmar precipitadamente, e ás vezes não sabe como sahir-se do embaraço.

E' a expressão de um escriptor consciencioso, que não se esquece de que á materia do seu estudo não quadra nem o devaneio nem a sentença, e exige de si mesmo a sinceridade.

Estudioso e perspicaz, conhecendo a cada passo quanto lhe ficava ainda por conhecer, nunca se atreveu a decidir em definitiva, e temia os erros do seu gosto pessoal em divergencia com o alheio. Não se pejava em alguns casos de ouvir amigos de letras antes de expôr em publico uma opinião differente da que via divulgada. Nem se pejaria de emendar-se em publico quando lh'o pedisse a necessidade da sua critica sincera.

Nessa feição, em que influia o caracter do homem, a sua obra se manteve inalteravel. Modificou-se no que dependia do progresso da sua intelligencia ou da corrente dos seus estudos. Assim o seu criterio literario parece-me haver apresentado tres modalidades, correspondentes a tres phases da sua carreira de critica. (E' uma affirmação esta minha feita sobre impressões apenas rememoradas. Faltam-me aqui os livros d'elle para corrigir as falhas da lembrança de uma leitura antiga).

Na primeira phase do critico, recentemente chegado da provincia, era o nacionalismo que o orientava no estudo dos autores brasileiros. Entendia, e muito bem, que um escriptor só tem alma para escrever da terra em que nasceu, das cousas e gentes com que conviveu, e que pôde observar e sentir. Aos principiantes não se cansava de aconselhar a escolha de themes brasileiros, o que era em summa um conselho para serem sinceros. A *Revista Brasileira* que elle fundou a esse tempo, destinava-se á actividade do seu pensamento nacionalistico.

Como evolução desse criterio, a segunda phase distingue-se pela idéa de que a literatura tem e deve ter uma funcção social.

Não é senão uma face nova no seu antigo ponto de vista; sem contrariar-o, amplia-o, e sente-se que ainda ahi influiram no seu espirito, com as novas leituras, a sinceridade e a seriedade nativas.



Na terceira phase a evolução do seu pensamento critico se completa, libertando da restricção nacionalistea e socialistea o seu criterio que é então o criterio puramente esthetico. A obra literaria ou artistea é e deve ser um producto de emoção sinecra. Manifestava-se assim o pleno amadurecimento do espirito critico, aparelhado de eultura universal, com que suppria emfim as incertezas e falhas do seu gosto.

Se não me enganam as lembranças da leitura de tantos volumes, deixo aqui um schema da sua obra principal, eujas feições definitivas devem ter sido fixadas no seu volume, em via de publicação, *Historia da literatura brasileira*. Será este o fecho de uma admiravel, esforçada, virtuosa e esclarecida carreira do escriptor, que do talento que possuira e da cultura que formou só se utilisava no pensamento de servir á literatura brasileira, ensinando e estimulando a criação séria, e por seu lado erinando, com a sua mesma critica, paginas que vivem de emoção intellectual.

Como critico elle terá entre nós a distincção de que o foi, não a esmo, nem por vaidade, nem por gosto de polemica, mas por vocação deliberadamente cultivada e presidida por um criterio sempre justo e de um ideal sempre nobre.

Creio que com a *Historia da literatura brasileira* elle se sentiria recompensado do seu longo esforço e se aposentaria da critica de livros para proseguir com todo o seu engenho na sua nova e brilhantissima obra de eritica de factos, de homens e de idéas. As paginas que ultimamente esereveu são das suas melhores; e já no estylo exprimem a valia do novo factor que foi a emoção communicada directamente pela vida, não mais através da analyse de autores. Vibra-lhe o espirito e a sua phrase não tem o antigo torncio parenthetico; encurta-se ou alarga-se desassombrada, eloquente, espontanea e perfeita como uma flôr viva.

Um artigo d'elle, publicado no numero do *Imparcial* de 1 de Janeiro ultimo sobre *Educação nova*, revelou uma qualidade que parecia extranha ao seu espirito ou pelo menos nunca fôra usada por elle, a ironia. Essa pagina é um modelo da verdadeira ironia, velada e aguda, como um estylete disfarçado sob uma luva de pellica. E' um artigo alegre e amargo, leve e profundo a um tempo, e annuncia a eapacidade de um grande escriptor.

Se no total da sua obra não são frequentes as paginas eguaes a essa, na inspiração e execução, é porque a leitura analysada e

fria interceptava-lhe á alma a comunicação palpitante da vida exterior. Nenhuma porém é mediocre, e todas exprimem a elaboração de um espirito forte, insigne, admiravel, erguido muito acima das cogitações vulgares do mundo.

O Brasil intellectual e moral perdeu muito com a morte de José Verissimo

Lorena, 8 de Fevereiro de 1916.

MARIO DE ALENCAR



ECONOMIA E FINANÇA DE S. PAULO

Tem-se falado muito, ultimamente, da economia e das finanças do Estado de São Paulo — mas nenhuma synthese, que eu saiba, foi feita, até hoje, da nossa verdadeira situação.

Tentarei pôr em algarismos claros, em breves paginas, qual era essa situação ao começar o exercício de 1915 — servindo-me para isso dos varios documentos publicados pelo governo, os quaes pertencem, hoje, ao publico e, portanto, podem ser estudados e analysados por quem tenha tempo e paciencia para fazel-o.

I

SITUAÇÃO ECONOMICA

O mais antigo dos empréstimos externos que figuram no passivo do Estado é o de 1888 — o qual foi contratado em 12 de Setembro desse anno, de accôrdo com a lei n.º 55 de 22 de Março. Foram tomadores deste empréstimo na praça de Londres os banqueiros Louis Cohen & Sons — que o pagaram ao typo de 92 %.

O valor nominal deste empréstimo foi de 787.500 libras esterlinas, juro de 5 % ao anno pago semestralmente, em 1.º de Abril e 1.º de Outubro de cada anno.

A primeira amortização devia ser feita em 1.º de Outubro de 1889 e a sua extincção deve dar-se em 1.º de Outubro de 1926. O prazo de amortização vem a ser, portanto, 37 annos. Estipula o contrato que o serviço de juros e amortização deste empréstimo será feito na base de 5 % para juros e 1 % para quota de amortização — o que dá uma annuidade correspondente a 6 % sobre o valor nominal do empréstimo. Como, porém, a amortização se faz



semestralmente, a annuidade para os juros e amortização fica reduzida a libras 46.260. O producto desta operação de credito foi applicado no serviço de immigração — tendo sido o respectivo contrato firmado pelo dr. Pedro Vicente, então presidente da Provincia de São Paulo. Tendo-se feito a primeira amortização em 1.º de Outubro de 1889, é evidente que o Estado recebeu a vida quasi inteira por amortizar — tendo, desde então, feito com a maxima regularidade o serviço de juros e amortização por intermedio dos banqueiros J. Henry Schroder & C.º — de Londres. Ao encerrar-se o exercicio de 1914 estava o saldo deste emprestimo reduzido a libras 385.000 e, segundo a tabella de amortização, o resgate de 1915 será de libras 28.000, o que dá para o fim do exercicio corrente o saldo de libras 357.000.

O segundo emprestimo, em ordem de data, é o que foi contratado pela Companhia Cantareira de Exgottos, em 4 de Agosto de 1888, na importancia de libras 350.000, por intermedio do British Bank of South America — e cujo saldo, em 1892, foi transferido para o passivo do Estado, na importancia de 3.982:222\$215, ao cambio de 27, o que em moeda ingleza dá a somma de £ 147.489-17-1.

O serviço de juros deste emprestimo é feito semestralmente, em 1.º de Abril e 1.º de Outubro de cada anno, á razão de 5 % — fazendo-se a amortização annualmente. Por este modo exige o emprestimo, para o seu serviço, a somma de libras 29.730 eada anno. Quando findou o exercicio de 1914, o saldo deste emprestimo, segundo o balanço do Thesouro, era de libras 138.600. De accôrdo com a tabella ou plano de amortização, o resgate correspondente ao exercicio de 1915 é de libras 22.800 — o que dá para o fim do exercicio o saldo de libras 115.800.

O primeiro emprestimo contratado directamente pelo Estado em Londres data de 27 de Abril de 1899, tendo sido elle tomado pelos banqueiros J. Henry Schroder & C.º nas seguintes condições:

O Estado recebeu daquelles banqueiros o liquido da operação na base de 76 1/2 % — isto é, para o Estado o typo liquido da operação foi de 76 1/2 % — fazendo-se, porém, a emissão na praça de Londres ao typo de 90 % — o que significa uma compensação para os banqueiros tomadores dos titulos de 13 1/2 %. O prazo deste emprestimo, — do valor nominal de libras ... 1.000.000, — e cujo liquido para o Estado foi de libras 765.000,

— foi apenas de 15 annos, juro de 5 %°. A annuidade empregada para o serviço de juros e amortização foi de libras 96.342. Em Junho de 1914 desapareceu este emprestimo do passivo do Estado — tendo-se feito, então, o resgate dos ultimos titulos que se achavam em circulação. Teve por fim esta operação de credito a consolidação da divida fluctuante que vinha do exercicio de 1898, a qual attingia á somma de 15.858:581\$216.

Algum tempo depois, em 3 de Dezembro de 1904, contratava o Estado um novo emprestimo de libras 1.000.000, sendo desta vez tomador dos titulos o London and Brazilian Bank Ltd., da praça de Londres, — tendo sido a operação autorisada por lei n.º 936 de 17 de Agosto desse mesmo anno — devendo o liquido producto da mesma ser applicado no saneamento da cidade de Santos, no serviço de abastecimento de agua da Capital e no de immigração e colonisação. E' a seguinte a série dos titulos em que se dividiu este emprestimo, o qual foi coberto tres vezes — tendo sido necessario se proceder na praça da emissão a um rateio entre os subscriptores:

400 titulos de £ 500 =	200.000
5.000 titulos de £ 100 =	500.000
15.000 titulos de £ 20 =	300.000
<hr/>	
Total	£ 1.000.000

Foi a operação contratada em excellentes condições para o Estado: typo liquido de 94 %° — o que significa um producto liquido de libras 940.000, — juro de 5 %°, pago semestralmente em 1.º de Abril e 1.º de Outubro de cada anno. A completa amortização da divida deve ser feita até 1.º de Abril de 1935, exigindo o serviço de juros e amortização a somma annual de libras 65.100. O serviço de juros e amortização tem sido feito com toda a regularidade, de modo que ao findar o exercicio de 1914 já o saldo da divida originada deste ultimo emprestimo era de libras 822.740. Segundo o plano de amortização, o resgate de 1915 foi de libras 24.500, de modo que o saldo será agora de libras 798.240.

Em 1905, tendo o Estado de adquirir a Estrada de Ferro Sorocabana, contratou com o Dresdner Bank, de Berlim, uma nova operação de credito. O contrato foi firmado em 6 de Fevereiro de 1905 e, mais tarde, aaceito definitivamente pelas partes,

em 16 de Março do mesmo anno. De accôrdo com este contrato o Dresdner Bank emittiu em Londres, Paris e Berlim, ao mesmo tempo, titulos de divida do Estado de São Paulo representativos de um emprestimo de libras 3.800.000-12-6, ao typo liquido de 91 1/2 % — o que produziu para São Paulo a somma liquida de libras 3.477.000-0-0. Esta operação, coberta muitas vezes pelos subscriptores, foi garantida pela estrada com primeira e unica hypotheca. Foi tal a aceitação dos titulos que os banqueiros encarregados da emissão tiveram de encerrar a subscrição momentos depois de a terem aberto. Dos emprestimos externos que constituem a divida fundada do Estado é este o maior. Os seus titulos se dividem em quatro séries, a saber:

Série A — 535 obrigações de ns. 1 a 535 de £ 496-17-6 cada uma =	£ 265.828-2-6
Série B — 1338 obrigações de ns. 536 a 1873 de £ 198-15-0 cada uma =	£ 265.927-10-0
Série C — 7650 obrigações de ns. 1874 a 9523 de £ 99-7-6 =	£ 760.218-15-0
Série D — 126.190 obrigações de ns. 9524 a 135.713 de £ 19-17-6 cada uma =	£ 2.508.026-5-0
Total	£ 3.800.000-12-6

O liquido producto deste emprestimo teve a seguinte applicação:

Preço de compra da Estrada de Ferro Sorocabana	£ 3.250.000
Despezas pagas em Berlim	£ 2.000
Saldo empregado nas obras de melhoramentos da estrada	£ 225.000
Total	£ 3.477.000

A operação foi contratada pelo prazo de 40 annos a contar de 1.º de Janeiro de 1905 e a findar em 1.º de Janeiro de 1944. A taxa do juro é de 5 % e a amortização começou a ser feita, em virtude do mesmo contrato, a partir do quinto anno, isto é, a partir de 1.º de Janeiro de 1910. A annuidade deste emprestimo, para o serviço de juros e amortização, é de libras 232.100. Ao findar o exercicio de 1914 o saldo deste emprestimo era de

libras 3.513.800-12-6. A amortização correspondente a 1.º de Janeiro de 1915 foi de libras 53.700, de modo que o saldo será hoje de libras 3.460.100.

Em 1907, com o fim de consolidar a sua divida fluctuante, contratou o Estado um novo emprestimo, nos termos da lei n. 1.059 de 28 de Outubro de 1906, na importancia de libras 2.000.000 ou francos 50.400.000 — tendo-se estabelecido no contrato o cambio de francos 25,20 por libra esterlina.

Deste ultimo emprestimo são agentes do Estado na Europa em virtude da lei n. 1.071 de 19 de Agosto de 1907, a Sociéte Générale de Paris e o Banque de Paris et de Pays Bas. O seu typo foram 90 % liquidos, juro de 5 %, prazo de 50 annos, pagando-se nos primeiros cinco annos sómente os juros e nos quarenta e cinco annos restantes juros e amortização — de modo que a divida se extinguirá em 1956. A annuidade exigida por este emprestimo são francos 2.854.500 ou libras 113.274. Quando terminou o exercicio de 1914 o saldo deste emprestimo era de libras 1.961.210-9-5. Segundo a tabella ou plano de amortização, o resgate de 1915 foi de francos 359.583, ou, pelo cambio do contrato, libras 14.273 — de modo que a divida está reduzida a libras 1.946.937-9-5.

Ahi ficam mencionados todos os emprestimos externos contratados até hoje por São Paulo — registradas as causas que deram origem a cada operação, e, o que mais é, o estado actual de cada uma dessas operações que no balanço figuram com a denominação de emprestimos constitutivos da divida externa fundada. Traçarei agora, rapidamente, o historico da nossa divida interna fundada, representada por apolices de juros de 6 % ao anno.

A primeira emissão de apolices se fez em São Paulo em virtude da lei n. 10 de 7 de Julho de 1875, realisando-se, por esta fórma, o primeiro emprestimo, em 1877, por meio de 1.000 titulos de 1:000\$000 cada um. Quer dizer — uma operação do valor de 1.000:000\$000. Esta operação é ainda hoje conhecida pelo nome de emprestimo da Companhia Ituana. Mais tarde, em 1883, é de acêrdo com a lei de 26 de Março de 1879, foram emitidas mais 200 apolices do valor de 1:000\$000 cada uma, — ou sejam 200:000\$000, — do emprestimo denominado da Companhia de Navegação Fluvial Paulista. Posteriormente, em 1888, por força



da lei n. 55 de 22 de Março desse mesmo anno, foram emittidas mais 300 apolices de 1:000\$000 cada uma —ou sejam ao todo 300:000\$000 — as quaes tomaram a denominação de emprestimo á Commissão das Obras do Ipiranga. Estas tres emissões, no total de 1.500:000\$000, formam uma primeira série de apolices — e ha muito foram inteiramente resgatadas.

Em 1889 foram lançadas as apolices da segunda série para um emprestimo á Camara Municipal de Campinas. Esta emissão foi autorisada pela lei n. 184 de 5 de Junho de 1887. No entanto os titulos foram sendo tomados parcelladamente desde 1889 até 1892. Como as da primeira série, as apolices desta segunda já foram inteiramente resgatadas e desde 1912 que não figuram no balanço do Estado.

Em 1905, a lei n. 940 autorisou uma grande emissão, no valor total de 13.000:000\$000, em apolices da 3.^a, 4.^a e 5.^a série, cujo producto se destinava ás obras de reparos, melhoramentos e prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana. As séries dessa emissão são estas:

3.^A SÉRIE

2.000 apolices de 1:000\$000	=	2.000:000\$000
6.000 apolices de 500\$000	=	3.000:000\$000
		<hr/>
Total da série	5.000:000\$000

4.^A SÉRIE

2.000 apolices de 1:000\$000	=	2.000:000\$000
4.000 apolices de 500\$000	=	2.000:000\$000
		<hr/>
Total da série	4.000:000\$000

5.^A SÉRIE

2.000 apolices de 1:000\$000	=	2.000:000\$000
4.000 apolices de 500\$000	=	2.000:000\$000
		<hr/>
Total da série	4.000:000\$000

Como as obras da estradas necessitavam de maiores fundos,



em 1907, por lei n. 1.076 de 23 de Agosto, se fez, para o mesmo fim, uma nova emissão constitutiva da

6.ª SÉRIE

Valor total desta série 8.000:000\$000

Ainda neste mesmo anno de 1907, a lei n. 1.117-A, de 27 de Dezembro, autorisou uma nova emissão no valor de 10.000:000\$000, a qual constituiria a 7.ª SÉRIE, destinando-se o seu producto á construcção de varios edificios publicos. O prazo de amortização deste emprestimo é de 30 annos a contar de 1914.

Em 1909, a lei n. 1.197, de 29 de Dezembro, autorisou uma nova emissão, no valor total de 10.000:000\$000, dividida em 10.000 apolices de 500\$000 cada uma e 5.000 de 1:000\$000, e cujo producto seria applicado na consolidação da divida fluctuante do Estado. Estas apolices constituem a 8.ª SÉRIE.

Em 1910, a lei n. 1.214, de 24 de Outubro, autorisou outra emissão, na importancia de 10.500:000\$000, para construcção de edificios escolares. Esta emissão é representada por 10.500 apolices de 1:000\$000 cada uma — o seu prazo de amortização é de 50 annos a contar de Setembro de 1920. E aqui temos a 9.ª SÉRIE.

Finalmente, em 1912, a lei n. 1.362 autorisou uma nova emissão de 25.000:000\$000 para consolidação da divida fluctuante. O prazo de amortização deste ultimo emprestimo interno é de 20 annos, a contar de Setembro de 1918. Os titulos que constituem esta 10.ª SÉRIE são os seguintes:

15.000 apolices de 1:000\$000	=	15.000:000\$000
20.000 apolices de 500\$000	=	10.000:000\$000

Total	25.000:000\$000
--------------	-----------------

Além da divida externa fundada, e da interna, tambem fundada, deve-se ter em conta a divida fluctuante representada pelos emprestimos ao cofre de orphams, dinheiros de ausentes e depositos de diversas origens.

Póde-se resumir o passivo do Estado, segundo o ultimo balanço publicado, que é o do exercicio de 1914, da seguinte maneira:

EMPRESTIMOS EXTERNOS

Saldo do de 1888 = £	385.000-0-0	
Saldo do de 1888 = £	138.600-0-0	
Saldo do de 1904 = £	822.740-0-0	
Saldo do de 1905 = £	3.513.800-12-6	
Saldo do de 1907 = £	1.961.210-9-5	
	<hr/>	
Total	£	6.821.351-1-11
Ao cambio de 27, segundo o referido balanço		60.634:141\$075
Mais a differença de cambio entre a taxa de 27 e a de 15, que se toma aqui como taxa provavel de liquidação....		48.507:475\$000
		<hr/>
		109.141:616\$075

EMPRESTIMOS INTERNOS

Apolices da 3. ^a série =	4.829:000\$000	
Apolices da 4. ^a série =	3.884:500\$000	
Apolices da 5. ^a série =	3.884:500\$000	
Apolices da 6. ^a série =	7.879:000\$000	
Apolices da 7. ^a série =	10.000:000\$000	
Apolices da 8. ^a série =	10.000:000\$000	
Apolices da 9. ^a série =	10.500:000\$000	
Apolices da 10. ^a série =	9.879:500\$000	60.856:500\$000

Desta ultima série ha o saldo de 15.120:500\$000 por emittir.

DIVIDA FLUCTUANTE

Dinheiro de orphams =	10.664:265\$701	
Dinheiro de ausentes =	407:689\$862	
Depositos diversos.... =	3.529:112\$363	14.601:067\$926
	<hr/>	
Letras do Thesouro		27.176:029\$492
Diversos saldos		6.760:514\$526
		<hr/>
Total		318.535:728\$019

E' preciso ponderar que ha uma somma consideravel no passivo do Estado pela qual respondem os arrendatarios da Estrada de Ferro Sorocabana. E' o saldo do emprestimo externo de 1905, o qual é de libras 3.513.800-12-6, e convertido a dinheiro do paiz, pela taxa de 15, dá a somma de 56.220:800\$000. Em rigor deve esta somma ser deduzida do passivo acima demonstrado — passando a situação a ser a seguinte:

Passivo geral do Estado	318.535:728\$019
Menos a parte que se acha a cargo dos arrendatarios da Estrada de Ferro Sorocabana	56.220:800\$000
	<hr/>
Passivo a cargo do Estado	262.314:928\$019

E' evidente que estes algarismos representam os encargos do Thesouro a ser amortizados com o producto da arrecadação geral dos impostos e taxas — isto é, com o producto da renda ordinaria e extraordinaria prevista nos orçamentos. Os emprestimos contratados para a defesa do café devem ser considerados em outro logar — sendo certo que para a sua amortização dispõe o Estado do valor considerabilissimo de um grande stock das suas antigas compras. Examinarei logo o chamado balanço da valorisação.

II

SITUAÇÃO FINANCEIRA

O quadro que segue põe em destaque qual tem sido a renda e a despesa de São Paulo desde 1888 até o ultimo exercicio encerrado:

RÉNDIA E DESPESA DE SÃO PAULO

(NOS EXERCÍCIOS DE 1888 A 1914)

EXERCÍCIOS	RENDA	DESPESA	SALDO	DEFICIT
1888—1889	6.869:159\$213	9.258:590\$780		2.889:431\$567
1889—1890	6.013:424\$591	6.015:086\$796		1:662\$205
1890—1891	9.178:533\$034	7.250:803\$997	1.927:729\$037	
1891	9.698:584\$010	6.060:265\$946	3.637:948\$064	
1892	38.105:288\$542	24.019:752\$076	4.085:536\$466	
1893	34.534:020\$592	43.313:010\$412		8.778:989\$820
1894	37.382:226\$360	42.367:728\$823		5.085:502\$463
1895	50.172:167\$479	49.689:523\$777	482:643\$702	
1896	50.807:320\$867	51.568:072\$033		760:251\$166
1897	48.571:163\$491	58.711:992\$318		10.140:826\$827
1898	42.279:559\$926	54.787:497\$922		12.507:937\$996
1899	57.341:105\$916	36.749:274\$190	20.591:831\$726	
1900	42.651:253\$690	36.297:974\$562	6.353:279\$128	
1901	45.684:952\$197	45.692:059\$610		7:107\$413
1902	37.648:582\$098	40.912:696\$419		3.264:114\$321
1903	84.127:184\$992	40.742:990\$452		6.615:805\$460
1904	42.603:324\$052	35.872:905\$655	6.730:828\$397	
1905	67.346:641\$040	111.830:684\$473		44.514:043\$433
1906	58.993:213\$827	61.614:855\$592		2.621:641\$765
1907	66.400:439\$171	68.569:960\$004		2.169:520\$833
1908	42.693:413\$262	67.988:640\$851		25.295:225\$589
1909	56.659:990\$204	67.757:577\$102		11.097:586\$898
1910	43.280:869\$074	85.851:701\$310		22.570:832\$236
1911	63.946:167\$691	83.859:847\$924		19.913:680\$233
1912	75.640:562\$561	96.643:449\$415		21.002:886\$354
1913	76.007:986\$967	107.738:246\$256		31.730:259\$889
1914	65.711:403\$534	100.159:860\$773		34.448:457\$239
	1.210.249:541\$781	1.431.355:509\$468	43.809:796\$520	264.915:764\$207

De 1888 até 1891 eram os exercícios contados de 1.º de Junho a 30 de Junho do anno seguinte. Por este modo o exercício de 1890—1891 foi encerrado em 30 de Junho deste ultimo anno — e em seguida passou o Estado a contar o seu exercício financeiro de 1.º de Janeiro a 31 de Dezembro — e para isto levantou um balanço comprehendendo a receita e a despesa do ultimo semestre de 1891. A partir de 1892 o exercício comprehende os mezes que vão de Janeiro a Dezembro de cada anno.

Como se vê dos algarismos que acabam de ser expostos, a renda geral de 1888 a 1914 é de 1.210.249:541\$781, ao passo que a despesa é de 1.431.355:509\$468 — o que dá no tempo considerado o deficit de 221.105:967\$687 — o qual pôde ser demonstrado da seguinte maneira:

Exercícios em que houve deficit =	264.915:764\$207
Menos os exercícios em que houve saldo	43.809:796\$520
	<hr/>
Deficit	221.105:967\$687

E' grande o deficit, não ha duvida, mas é preciso pôr em conta os enormes melhoramentos realizados em São Paulo, as immobilisações avultadissimas de capital — entre as quaes se pôde mencionar a compra da Estrada de Ferro Sorocabana — cujo prolongamento está sendo ultimado — e cujas obras chamadas de capital custaram milhares de contos de réis.

Quando se fala em deficit, — tratando-se de administração publica, — tem-se o dever, para não se faltar á justiça, de pôr em confronto com esse deficit a somma de bens materiaes que occasionaram o excesso da despeza sobre a renda — bens esses que passaram para o dominio do balanço economico. Ha, é exacto, maior sahida do que entrada, na balança financeira — no balanço que tem por base o orçamento, — mas, em compensação, ha, quasi sempre, augmento no balanço economico, no balanço patrimonial — e esse augmento deve ser considerado para se poder ajuizar da administração, para se poder falar, com verdade, dos actos daquelles que se encarregaram dos negocios publicos. No caso particular de S. Paulo pôde-se oppôr ao deficit demonstrado no balanço financeiro esta formidavel riqueza entrada para o seu balanço patrimonial:

Custo da Estrada de Ferro Sorocabana, melhoramentos e prolongamento da mesma	93.943:621\$710
Custo da Estrada de Ferro Funilense	3.729:315\$870
Custo do Tramway da Cantareira	2.307:336\$480
Abastecimento de agua e exgottos	67.400:000\$000
Custo de immoveis na Capital	49.915:000\$000
Custo de immoveis situados na cidade de Santos	12.099:613\$440
Custo de immoveis situados em Campinas..	825:000\$000
Custo de immoveis situados no interior do Estado	25.043:320\$500
<hr/>	
Somma dos bens inventariados e que fazem pârte do patrimonio do Estado	255.263:208\$000

A somma nos mostra que os bens materiaes adquiridos, e com os quaes o patrimonio do Estado cresceu espantosamente, é muitissimo superior ao deficit adduzido. E' quanto basta para



se ajuizar, em conjuncto, do que se tem feito em nosso Estado em materia de administração.

E' claro que já agora é tempo de se tratar de cobrir o deficit, cuja causa está perfeitamente demonstrada, e não mais iniciar melhoramentos de grande custo que obriguem São Paulo a novas operações de credito — e isto porque:

..... *Les emprunts sont charmants,
N'étaient les intérêts et les remboursements.*

III

BALANÇO DA VALORISAÇÃO

Posto que nas publicações officiaes appareça o balanço chamado da valorisação no mesmo quadro em que se faz a demonstração do activo e passivo ordinario do Estado e da sua receita e despeza — é facilimo separar os algarismos que dizem respeito ás operações concernentes á defeza do café. Podemos dividir o estudo desta parte do balanço do Thesouro em duas categorias, a saber:

A) PARTE ECONOMICA

Pelo ultimo balanço publicado se vê que os saldos dos empréstimos levantados para as operações da valorisação são estes:

Saldo do empréstimo de £ 3.000.000-0-0 contratado por intermedio do Governo Federal	£	2.157.359-0-0
Saldo do empréstimo de £ 7.500.000-0-0 contratado por intermedio dos banqueiros J. Henry Schroder & C. ^a , de Londres, e da Société Générale, de Paris, e do Banque de Paris et des Pays Bas	£	7.150.000-0-0
Empréstimo de 1914 contratado por intermedio dos banqueiros J. Henry Schroder & C. ^a , da praça de Londres :... ..	£	4.200.000-0-0
Somma	£	<u>13.507.359-0-0</u>

Para amortizar o passivo acima transcripto tinha o Estado, na mesma ocasião, o seguinte activo:

Venda do stock, já realizada, dos cafés armazenados em Hamburgo, Antuerpia, Trieste e Bremen, no total de 1.832.530 saccas ...	£	6.500.000
Valor de venda do restante dos cafés armazenados em Marselha, Havre e Rotterdam, no total de 1.300.000 saccas	£	4.000.000
Saldo em poder da Societé Générale, de Paris, e do Banque de Paris et des Pays Bas, francos 3.136.201,01 =	£	124.400
Saldo em poder dos banqueiros J. Henry Schrodler & C. ^a , da praça de Londres	£	811.416
		<hr/>
Total do activo	£	11.435.816

Havia, no momento em que foi encerrado o balanço de 1914, o passivo descoberto de £ 2.100.000, em algarismos redondos. Mas é preciso notar que a exportação de 1915, como é sabido, excedeu de 11.000.000 de saccas de café — o que significa uma remessa aos banqueiros de mais de 55.000.000 de francos-ouro, — somma esta mais do que necessaria para amortizar aquelle passivo descoberto.

E' evidente, pois, que o passivo originado dos negocios da valorização está inteiramente coberto neste momento.

b) — PARTE FINANCEIRA

As despesas realizadas pelo Estado, desde 1906 até 1914, com este serviço, somam em	231.606:048\$822
Estas despesas têm sido cobertas pela cobrança da sobretaxa-ouro na importancia de 345.764.664,09 francos, ou sejam	211.035:696\$413
	<hr/>
Ha, portanto, um excesso de despesa a ser coberto com o producto da sobretaxa e com o luero das vendas dos cafés na importancia de	20.570:352\$409

E' colossal o movimento de fundos que este serviço tem exigido. Tal movimento pôde ser resumido assim:

RECEITA GERAL

Productos dos empréstimos externos levantados de 1906 a 1914	525.432:000\$000
Importancias levantadas em conta corrente por meio de saques contra embarques de cafés	189.329:279\$927
Productos da sobretaxa-ouro cobrada em Santos	211.035:696\$413
Productos de vendas de café	173.799:119\$905
	<hr/>
Somma	1.099.596:096\$245

DESPEZA GERAL

Amortização dos empréstimos externos	322.821:615\$000
Pagamento dos adiantamentos recebidos em conta corrente	189.329:279\$927
Custeio do serviço	231.606:048\$822
Cafés comprados	279.822:897\$489
	<hr/>
Somma	1.023.579:841\$238

Estes algarismos estão registrados nos balanços da receita e despesa do Estado dos exercicios de 1906 a 1914 — o que quer dizer que do movimento geral demonstrado ha o saldo de 76.016:255\$007 que foi incorporado na receita do Thesouro — a saber:

Entrada geral de fundos do serviço da valorização	1.099.596:096\$245
Sahida geral de fundos do mesmo serviço..	1.023.579:841\$238
	<hr/>
Saldo a favor das entradas	76.016:255\$007

O saldo a favor das entradas pertencentes a este serviço está incorporado, como já se disse, nas entradas ou receita geral do Thesouro — e será amortizado quando, ultimados todos os negocios, se levantar a conta definitiva da valorisação com a caixa commum do Thesouro.

Este entrelaçamento de contas de um serviço todo espeeial, — que tem a sua economia inteiramente independente da economia ordinaria do Estado, — com as contas communs do Thesouro, torna bastante complexos os seus balanços geraes. No entanto eu proeurei tornar perfeitamente comprehensivel toda essa massa enorme de algarismos que se eneontram nos relatorios officiaes desde 1888 até 1914 — data em que foi publicado o ultimo balanço do Estado.

CARLOS DE CARVALHO.



A EXPANSÃO DA LAVOURA CAFEIEIRA EM S. PAULO

O INICIO DA CULTURA DO CAFÉ NA
TERRA PAULISTA — PREPONDERANCIA
DA ZONA DO NORTE NOS PRIMEIROS
TEMPOS — COMO A REGIÃO DO OESTE
CONQUISTOU A SUPREMACIA — ALGA-
RISMOS RETROSPECTIVOS DA PRODUC-
ÇÃO E EXPORTAÇÃO.

Introduzida no Pará em 1723, a planta do café passou a ser cultivada na cidade do Rio de Janeiro em 1774, pelos frades Barbadinhos e outras pessoas, que fizeram experiencias. Depois desse anno, as culturas foram-se extendendo pelos arredores e adquirindo certa importancia economica. Em 1792 o bispo Dom José Justiniano já colhia 160 arrobas de café em sua fazenda de Inhaúma. Mas até 1808 a produção era principalmente para consumo interno, pois do porto do Rio não se exportaram mais de 160 arrobas nesse anno.

Nos principios do seculo decimo-nono, as plantações se propagaram pelos municipios de Rezende, Areias e outros do territorio paulista. A preciosa rubiacea penetrava assim nas terras em que devia fundar seu mais extenso e formoso reino. Sem demora, avassalou toda a região chamada “Norte de S. Paulo”, ehgando até Taubaté, onde se colhiam algumas dezenas de milhares de arrobas em 1830.

Proseguindo em sua marcha victoriosa para as fertilissimas regiões da terra roxa, o café attingia Jundiáhy no governo do capitão-general Castro Mendonça, entre 1797 e 1802. Um pé dessa planta africana foi então plantado na chacara do sargento-mór Raymundo Alvares dos Santos Prado, com sementes offerecidas



pelo eitado governador da capitania. Dessa arvore, objecto de curiosidade para os habitantes do lugar, provieram os fructos e mudas, de que se originaram os primeiros cafezaes do municipio de Campinas — porta de entrada do famoso “Oeste Paulista”.

Ao que escreveu o botanico brasileiro Corrêa de Mello, quem primeiro fez uma plantação de cafeeiros em Campinas foi o tenente Antonio Francisco de Andrade, lá para 1809. Em 1817 o capitão Francisco de Paula Camargo, de volta do Rio de Janeiro, formou o segundo cafezal com sementes que trouxe da capital do paiz, a conselho do ministro conde dos Arcos, seu amigo. Um parente do mesmo capitão, de nome Joaquim Aranha Barreto de Camargo, plantou o terceiro; mas abandonou-o, porque a arroba de café deixava de alcançar no Rio o preço de 8 a 9\$000. Um genro do precedente, o benemerito cidadão Francisco Egydio de Souza Aranha, tornando-se proprietario dessa plantação, renovou-a e ampliou-a, começando a colher, preparar e exportar o café, com lucros que o assucar já não proporcionava.

Vencidos os primeiros passos, a cultura cafeeira progrediu com rapidez, de 1835 em diante, substituindo a da canna de assucar, até então a principal do municipio, como aliás succedia na antiga provincia inteira. No eitado anno Campinas possuia 9 fazendas de café, cuja producção ainda era de 808 arrobas; o que faz suppôr que o total de pés não ia além de 10.000. As colheitas de 1842 e 1843 já foram importantes. A de 1852 montou a 200.000 arrobas, produzidas em 89 fazendas, segundo dados estatisticos reunidos durante a presidencia do senador Nabuco de Araujo.

Tanto se desenvolvia a riqueza cafeeira na provincia, que o presidente Nabuco dizia, em seu discurso á Assembléa Legislativa, a 1.º de Maio de 1852: “A cultura do café prospera cada vez mais e promette a esta provincia um grande futuro”. Contavam-se então 395 engenhos de beneficiar café em todo o territorio paulista, ficando 68 em Campinas, conforme annunciava o mesmo presidente, um dos mais operosos e illustres que tiveram os paulistas.

Uma estatistica agricola, organizada em 1854 sob a direcção do brigadeiro Machado de Oliveira, permite ajuizar-se da situação da lavoura cafeeira em tal época, certamente uma das mais interessantes na historia economica do povo paulista. As fazendas de café eram 2.618, com uma colheita total de 4.338.756 arro-

bas, valendo 10.461:173\$000. Os principaes municipios productores repartiam-se deste modo pelas zonas:

Do Norte:

Bananal	554.600	arobas
Taubaté	354.730	”
Pindamonhangaba	300.000	”
Jacarehy	204.010	”
Queluz	200.000	”
Lorena	125.000	”
Parahybuna	118.320	”
Guaratinguetá	100.885	”
Mogy das Cruzes	100.000	”
Cunha	100.000	”
Silveiras	90.000	”

Do Oeste:

Campinas	335.550	arobas
Limeira	121.800	”
Rio Claro	99.670	”
Mogy Mirim	80.000	”
Jundiahy	60.000	”
Santa Isabel	45.000	”
Bragança	36.755	”
Piracicaba	30.600	”
Itu'	16.702	”
Atibaia	6.100	”

Do litoral:

Villa Bella	112.500	arobas
Ubatuba	99.500	”

Em 1854 a cultura se adensava ainda na zona do Norte,



que hoje não produz nem a decima parte das quantidades acima indicadas. No Oeste apenas principiavam a constituir-se ao redôr de Campinas alguns dos centros productores de agora.

No anno economico de 1853-54 a exportação total de café da antiga provincia não excedeu de 1.671.987 arrobas, ou cerca da metade da produção. A maior parte dessa quantidade exportada sahia em procura dos portos do Rio, Ubatuba e Caraguatuba: era transportada em tropas que passavam pelas barreiras de Cunha e do Ariró, descendo a serra do Mar. Para Santos seguia o café de Taubaté, Campinas e arredores, em menores porções, como se verifica pelos algarismos da exportação do ultimo anno de cada decennio:

Em 1839-40	135.525	arrobas
Em 1849-50	147.450	”
Em 1859-60	1.484.955	”

Assim, a exportação por Santos decuplicou entre 1850 e 1860. E' a fertilissima região do Oeste que adquire a predominancia, procurando a sahida mais proxima para suas safras. E' a famosa terra roxa que vae conquistando para a cidade de Braz Cubas a posição de primeiro porto exportador do Brasil.

Inauguradas as principaes estradas de ferro do territorio paulista, no decennio de 1870 a 1880 inicia-se o alargamento das plantações de café para a região de Ribeirão Preto. A mancha verde-escuro dos cafezaes se estende pelos ricos trechos de terra roxa, subindo de S. Carlos, Rio Claro, Limeira, etc. Devido aos esforços de Pereira Barretto, Martinho Prado e outros, vai-se formando o centro do poderoso “Imperio do Café”, que attinge á maxima prosperidade, de 1890 a 1900.

Ao iniciar-se esse periodo, o Oeste já deslocava do Norte a produção cafeeira. A força já adquirida pelos seus municipios é demonstrada pelos seguintes algarismos da passagem de café pela barreira de Jundiahy, de 1.º de Julho de 1870 a 31 de outubro de 1871:

<i>Localidades:</i>	<i>Arrobas:</i>
Campinas	978.430
Rio Claro	241.787
Limeira	240.650
Itatiba	159.475
Amparo	154.211
Piracicaba	124.559
Araras	90.428
Mogy-Mirim	88.185
Pirassununga	65.985
Descalvado	64.196
Jundiahy	52.743
S. Carlos do Pinhal.....	49.179
Diversos	309.549
Total	2.619.377

Nas diversas localidades da procedencia do café figuram Araraquara, Jahu', Botucatu', Batataes, etc., que mandaram menos de 50.000 arrobas.

Embora em taes quantidades se ineluum as passagens durante quatro mezes — Julho a Outubro — que excedem ao periodo da safra de 1870-71, pode-se acceital-as como approximada indicação da produção em cada municipio, no anno mencionado. E' que, por esse tempo, o transporte das safras se fazia mais lentamente no dorso de animaes e as colheitas chegavam a Santos com maior demora.

A exportação total de café da provincia nesse anno de 1870-71 dividiu-se assim pelos portos de embarque:

Santos	2.270.940	arrobas
Ubatuba	355.582	"
Caraguatatuba	143.163	"
S. Sebastião	34.391	"

Com o café sahido por outros pontos, o total se elevou a 3.270.608 arrobas em 1870-71, contra 3.342.251 em 1869-70.

Dez annos depois, em 1879-80, a provincia exportou 5.483.251 arrobas, das quaes 4.220.773 sahiram por Santos. A zona do



Norte, já em decadência, não exportou senão as 1.262.478 arrobas restantes.

Volvido ainda um decennio, em 1889-90, a exportação da provincia montava a 9.193.204 arrobas de café. Santos entrava nesse total com 8.166.012 arrobas. A parcella do Norte permanecia quasi inalteravel: 1.027.192 arrobas, que se dirigiam para o porto do Rio pela Estrada de Ferro Pedro II, hoje Central do Brasil.

Entre 1881 e 1884, o café lutou com uma crise muito séria, que desanimou os cultivadores. O preço do café superior em Santos chegou a baixar a 2\$800 a 3\$000 por dez kilos. A causa foi indubitavelmente o volume adquirido pelas safras de 1883-84 e 1884-85 — as maiores notadas até essa época.

A safra de 1885-86 mostrou-se bem menor do que as antecedentes e disso tiraram bom partido os agricultores, retardando as remessas. Tambem a de 1887-88 foi pequena, por motivo das perturbações causadas pela abolição da escravidão.

Tal a rapida evolução da lavoura de café na terra dos bandeirantes, do inicio até á proclamação da Republica. O que se passou em seguida está mais vivo na memoria de todos. Dispensamo-nos de recordal-o agora, para não alongar em demasia estas notas sobre a historia economica do povo paulista.

PAULO R. PESTANA



SEARA DE ARISTARCHO

O BRASIL, TERRA DE POETAS

Meu amigo,

Você parece fadado a soffrer de todos os achaques da critica nacional. O artigo que a sua penna demolidora acaba de despejar em cima do poeta F. . . . começa pelas affirmações, que leio pela millesima vez, — de que o Brasil é uma terra de poetas, de que os poetas constituem por aqui uma praga semelhante á dos gafanhotos, de que o numero delles excede positivamente ao razoavel, e de que é preciso dar-lhes para baixo, sem dó nem piedade. E Você dá-lhe para baixo, ao pobre vate, seriamente convencido de que presta um serviço ao paiz e ás letras indigenas, porque convencido de que com semelhante processo se conseguirá oppôr barreiras á *onda*. . . E' sobre inexactidões e illusões como isso que V. e a Critica nacional pretendem fazer obra!

Tudo errado e torto, meu amigo; permitta-me que lh'o diga, abusando talvez da sua larga e affectuosa tolerancia, a derradeira virtude que ainda o extrema da generalidade dos seus illustres collegas de officio.

Todas aquellas affirmações que acima enumerei, extrahindo-as do seu artigo, umas por mera transcripção, outras por uma facil interpretação dos seus conceitos, tenho-as encontrado formuladas ou subentendidas em cem artigos de critica, em duzentas chronicas, em mil relanços de simples noticiario, e ha muito que passaram a constituir o troco miudo de toda a gente, no commercio quotidiano das idéas. Isto não tira que sejam completamente falsas. São falsas como pratas de chumbo, e só entram na circulação porque metade dos individuos não se lembra

de fazer-lhes o exame comparativo dos cunhos nem de verificar-lhes o sóido, e a outra metade aceita-as e passa-as adiante por natural inclinação para se accommodar a tudo que é tortuoso e fraudulento.

Terra de poetas, o Brasil! repete-o V. com ar de convicção. Entanto, V., que o repete, ficaria absolutamente embatocado, se eu lhe perguntasse apenas em que se baseia para dar semelhante primazia ao nosso povo no que toca ao numero de versificadores. Quando foi, e como foi que o meu amigo averiguou isso? Onde achou os dados positivos que o habilitassem a affirmar com tanta segurança que o Brasil possui mais poetas do que qualquer outro paiz? Você nunca averiguou nada. A Critica não precisa de factos, de numeros, de solidos elementos de prova, de documentação depurada: basta-lhe o fogo sagrado.

Poderá V. retorquir-me, perguntando em que me baseio para affirmar o contrario. Eu ainda não affirmi coisa alguma. Se V. quer, porém, não hesitarei em affirmar-lhe, tranquillamente, aqui á puridade, que o contrario é que é a verdade provavel: — se ha no planeta uma terra que pela inequalavel superabundancia de versejadores se possa denominar “terra de poetas”, essa não é, com certeza, a nossa terra. Não se faz precisa uma grande perspicacia para se architectar este singelo raciocinio: — o numero de poetas em cada paiz não pode ser conhecido exactamente, mas deve ser maior onde maior seja o numero dos pintores, dos estatuarios, dos musicos, dos oradores e dos romancistas, onde haja maior actividade artistica e maior actividade intellectual, e onde haja menor numero de analphabetos. Porque razão este paiz, onde oitenta por cento da população não sabe lêr, onde não ha senão uma literatura incipiente e uma arte andrajosa, onde a caça ao dinheiro predomina desenfreadamente a todas as outras manifestações da vida moral, onde não ha opinião, não ha tradições, não ha cultura, não ha ideaes nacionaes, não ha correntes nem embates fecundantes de crenças e de illusões collectivas, onde falta portanto tudo quando constitue o ambiente propicio á eclosão das sensibilidades hyperesthesiadas e das almas sonhadoras, — porque diabo ha de um paiz nestas condições contar maior numero de poetas do que a Allemanha, ou do que a China? Poetas em quantidade maxima ha na França, por exemplo, onde numa semana se publicam mais livros de versos do que no Brasil durante um anno; ou na Allemanha,

onde não ha familia que não tenha a sua pequena livraria, e não ha livraria onde não se encontre um exemplar da centesima edição de algum dos grandes poetas nacionaes. Mais poetas do que o Brasil possui Portugal com os seus seis milhões de habitantes; possui a Italia, onde ha vinte universidades regorgitantes de uma juventude que se satura de letras, de poesia e de arte, e vibra nas fortes emoções da tumultuosa vida nacional, entre multidões de pintores, de esculptores e de musicos; possuem os proprios Estados Unidos da America do Norte, onde não haverá uma literatura rica mas ha uma literatura numerosa, que em qualquer dos seus capitulos deixaria a perder de vista as cifras estatisticas da nossa.

Você e a Critica são victimas de um engano que eu me permittirei qualificar de pueril: como ha, na realidade, muitos poetas no nosso paiz, relativamente ao numero dos prosadores, e mesmo relativamente ao numero dos individuos que sabem ler por cima, concluiu-se dahi que o Brasil abriga maior quantidade de poetas do que qualquer outro paiz do mundo. Inferencia disparatada e grosseira, mas de um typo perfeitamente natural e vulgarissimo, de que se encontram exemplares todos os dias. Caso commum de logica affectiva, de que a linguagem familiar e mesmo a literaria abundam em amostras. Aqui o nosso amigo Pereira, que V. bem conhece, já me declarou de uma feita, após um serio dissabor de ordem politica, experimentado numas eleições do seu bairro, que "o Brasil é a terra onde só os estupidos triumpham e mandam"... Não lhes occorreu verificar se a mesma superabundancia de poetas não existiria em outros povos. Nem lhes occorreu que mais simples seria explicar desde logo o facto brasileiro como um phenomeno commum a todos os paizes, pelo menos a todos os paizes que têm com o nosso maiores affinidades, do que pretender a fina força revestil-o de uma natureza excepcional, cujas causas tenebrosas dariam agua pela barba a vinte gerações de criticos, desdobrados em ethnologistas e sociologistas.

Mas o peor é que Você, meu amigo, consoante ao que fazem os outros criticos, se prevalece dessa affirmação improvada e improvavel para assentar que é preciso reprimir a todo custo a *onda* avassalladora. E como para reprimir a onda é indispensavel usar de uma rude energia, Você levanta a sua tenda no meio da literatura nacional, imprime uma orientação ao seu espirito,



assume uma attitude intellectual que corresponde a um grave passo dado na sua vida de escriptor e de cidadão, distribue pancadaria, infunde terrores, provoca represalias, pretende intervir no curso natural das coizas, — tudo isso em nome de uma triste caraminhola inicial que não mereceria sequer as honras de uma discussão, se não estivesse convertida em moeda de curso forçado!

Ora, meu amigo, ha de convir que isso não é serio. A prohibidade mais elementar manda a todo escriptor, seja embora um critico, que não contrafaça com tanto desembaraço os elementos positivos e as razões de facto sobre que se hão de erguer programmas e acastellar theorias, prenhes de consequencias, de reacções e de resultados proximos e remotos. Não é digno de espiritos que se estimam aceitar como provados os falsos truismos que a boçalidade numerosa repisa infatigavelmente, para com isso lisonjear a mentalidade ambiente e ganhar o applauso facil do galinheiro. E' trabalhar por manter a atmospheria de obtusidade e de velhacaria congenita em que respira a vida intellectual de tantissimas criaturas, sempre secretamente animadas do desejo de vêr todas as coizas que não attingem destruidas, amesquinhas e sepultas sob a risota e o desdem do vulgacho.

Bastaria a vulgaridade das affirmações, de que se trata, para que um escriptor mais generoso sentisse por ellas uma invencivel repugnancia preliminar, e logo vibrasse em impetos de contradital-as sem mais reflexão. A malevolencia que ellas contêm se lhe patentearia como um perfume violento. Descobrir-lhesia talvez como origem unica a hostilidade de um meio social abeberado de sordido materialismo contra vocações que elle não comprehende, contra necessidades que elle não experimenta, contra uma casta avidez de belleza e de sonho que elle não concebe, contra organizações psychologicas delicadas, aberrantes, enigmaticas, que elle vagamente receia como o rebanho que se espanta e estremece deante das duas azas inquietas e fragilimas de um insecto desconhecido. Sentindo estas coizas, o escriptor generoso talvez tomasse um partido bem diverso daquelle que V. tomou: o de proteger com o seu manto esses pobres seres, dos quaes se consideraria irmão pelo espirito, um alliado natural e um companheiro da mesma travessia — a tragica travessia de todas as almas de artista e de todos os enfermos de sonho através de uma multidão indifferente ou brutal, que os esmaga com o seu desprezo, os insulta com as suas suspeitas, os flagella com os seus



apodos e só falta declamar-os fóra de lei, açulando-lhes na piugada o chanfalho repressor da policia.

Nada mais natural do que a má vontade galhofeira ou irritadiça com que o vulgo os trata, mettendo-lhes á bulha as vaidades e as fraquezas. A massa, em todos os tempos e latitudes, só comprehende, só desculpa, só exalta e ama os vencedores, os que chegaram, os que se impuzeram, os que emergiram. São-lhe indifferentes os estados anteriores ao triumphal, as lutas sangrentas em que se revolvem na sombra as ambições concorrentes, os infernos que calcinam a alma dos que renuneiam e dos que teimam, as vocações admiraveis que a fatalidade estragou e abateu, as bellezas que morreram em germen, as irradiações informes para cuja revelação definitiva faltou ás vezes a simples materialidade de um factor physiologico ou a simples casualidade de uma circumstancia exterior. E' lhe indifferente saber como venceram os vencedores, e verificar se mereceriam vencer. O que lhe importa é que vençam. O que lhe interessa e agrada é essencialmente o facto de vencer, em si, independente de causas, modos e pessoas. E' estúpido e terrivel: a mesma attitude innocente e cruel da população antiga no circo de feras. Tudo muito natural — e talvez justo, ao cabo de contas, de accordo com designios providenciaes que nos escapem. Mas que nós, os que bem, ou mal manejamos uma penna, nós os semelhantes, os collegas, os comparsas, os cumplices desses perseguidos, nos prestemos a ser na literatura o órgão dessa mentalidade collectiva, inintellectual e feroz, é que se me affigura, antes de mais nada, uma profissão de pusillanimidade e de hypocrisia.

Mas ponha V. de lado todas estas considerações sentimentaes. Resta o lado logico. Está V. convenido de que as funções correccionaes da critica, exercidas com superior desassombro na trituração escrupulosa das bagaceiras, servem de contrapôr um dique á torrente da literatura de fancaria. Aqui está uma das illusões de que lhe fiz menção. Para que um critico exerça séria influencia sobre os espiritos, é indispensavel que elle se não estribe em nenhum *parti pris*, seja embora producto de solidas razões. Desde que lhe percebam a rigidez de uma attitude preconcebida, logo lh'a interpretam de todos os lados como uma parcialidade, que o torna irremediavelmente suspeito aos olhos das victimas e dos espectadores. Outro requisito necessario é que elle disponha de uma larga somma de autoridade intellectual, que só se adquire



com trabalhos um pouco mais serios do que simples e fluentes descomposturas em poetas de terceira classe. E quando, preenchidos esses e todos os mais requisitos cujo concurso desfecha na capacidade de influenciar as massas e as letras — o que resulta é que o critico eminente, em vez de dispersar a nuvem dos saltões versejadores, lhes imprime o cunho das suas idéas, os vai subordinando ás suas preferencias e cacoethes, e tendendo a reproduzir-se numa prole innumeravel de filhotes. Eis ahi.

Muito seu,

AMADEU AMARAL.



O MARGARIDA

A FELIX PACHECO

O verdadeiro sentido da tragedia é essa observação profunda, que as faltas expiadas pelo heroe não são as delle, mas as faltas hereditarias, isto é, o proprio crime de existir.

SCHOPENHAUER

A noite era de luar, tão clara e rescendente de poesia que não parecia de uma sexta-feira santa. Verdade é que alli, áquelle trecho de invernadas comprimido entre duas espessas florestas virgens, não chegava o minimo vestigio do lucto que envolve, por essa época do anno, o mundo christão. De dia, ainda as flores amarellas dos ipês e as flôres rôxas da "quaresma", com a immobibilidade funerea das ultimas nuvens de Março, suspensas, como frócos encardidos, entre o Mogy e o Rio Pardo, poderiam suggerir lembranças da Paixão. A' noite, porém, clareara de todo o céu, e o luar transfundira á natureza um sentido carinhoso e nupcial, disperso pelo ar morno e abafado de um fim de estio. Os curiangos, aos saltos pela estrada, alternavam os seus pios sonoros, e vinha do seio da matta o bate-bocea dos urús estridentes, profanando, com a emplumada luxuria, a selva dolorosa.

A faixa de pastagens, lado a lado do córrego, mostrava-se salpicada de clarões, fixos ou intermitentes como fogos fatuos. Eram as palhoças dos carreiros, cobertas de sapé, paredes de "paus a pique", roliços, dançando uns contra os outros, pelo vão dos quaes barafustavam os cães, genios domiciliarios que o miar das jaguatiricas trazia em alarme, latindo de longe, esqueléticos e medrosos.

O curral era o complemento de cada habitação, ás vezes em um só recinto, de arame farpado ou travéssas horizontaes de

taboas, ás vezes subdividido em compartimentos, o primeiro destinado aos bois carreiros, com uma larga entrada por onde passassem as juntas cangadas, o segundo aos animaes de sella, o terceiro aos bezeros e vacas leiteiras...

Fóra, como exquisitos monstros que velassem pelos eochichólos, quedavam as carretas e os carretões, mirando-se uns aos outros, mudamente, fatigados, pendentos dos argolões as grossas correntes de ferro, as rodas chapeadas comprimindo o solo fôfo, com os cabeçalhos estirados para a frente como um pescoço esguio.

Nas casinholas provisórias, ephemerias, destinadas a durar o que duraria a exploração de uma nesga de matta virgem, embiocavam-se familias inteiras, metralhadas ao verão pelas chuvas desabridas, agoitadas ao inverno pelo frio vento que varejava entre as frinehas, assobiando.

Não eram, Deus louvado, relativamente longas essas phases de hostilidade dos elementos, e as outras quadras do anno, de uma dogura embaladora, permittiriam dormir-se ao ar livre, em rédes pelos alpendres, não fosse o temor dos bichos maus e em especial da "onça maneta", a celebre, que ha tanto tempo, por todo aquelle sertão, vinha commettendo depredações e morticínios no gado e nas pessoas. Até certa hora, porém, a prosa transcorria sempre ao sereno, reunidos os moradores ora neste, ora naquelle rancho; e ás vespervas de domingo ou dias santos o serão se afundava pela noite a dentro, numa toada de violas e sanfonas, intercalada de cantigas e desafios.

A' noite de sexta-feira santa exeluiam-se naturalmente as expansões musicaes; mas o prazo dado habitual se realisava e á porta da morada mais confortavel e importante do lugar, a morada do pardo Chico Aureliano, dono de tres boiadas que eram o seu orgulho e marido de uma cabocla tão melindrosa e tão alva que inspirava áquella gente toda uma devoção singular, de imagem de Nossa Senhora.

A roda formara-se aos poucos, á medida que chegavam os visinhos, cujos vultos se destaeavam de longe, ao luar. As mulheres "iam lá para dentro", e os homens, á porta, alguns assentados em tamboretos ou tócos de paus, outros acocorados sobre os caleanhares, os mais indolentes espapaçados na rélva a mirar suavemente o céu estrellado, cahiam na modorra da prosa, inalteravel e monótona, versando sempre sobre os trabalhos da semana, alguma rez que apparecera doente e cujos remedios se

discutiam, ou noticias de proezas novas, felizmente longinquas, da “onça maneta”...

— “Eu, não”, dizia o Margarida, “eu não tinha medo de metter o carro nesses socavões de Deus em qualquer outro dia santo do anno. Mas na sexta-feira maior... isso capaz!... Guardo esse dia, ainda que não tenha o que comer nem beber, e é porque sei de muitos casos acontecidos como castigo a teimosias dessas... Por exemplo, o que succedeu ao Capitão Felicissimo, vancês não se alembra?...”

A palestra caminhara naturalmente para alli, e as superstições de uns, os receios e as duvidas de outros, haviam sido expostos como as variantes do mesmo thema lugubre da Paixão.

Quando o Margarida se referiu ao Capitão Felicissimo, a teada da conversação já se vinha esmorecendo, partindo de alguns pontos bocejos largos, ruidosos, como uivos selvagens; mas a voz do narrador, arrastada e sonora, espevitara as atenções e a expectativa á sua historia foi favoravel e honrosa.

E’ que o aureolava a fama de sujeito muito viajado e sabido, e disso elle se desvanecia, pondo cada vez mais nas suas aventuras pormenores sensacionaes e maravilhosos, protagonista nas acções mais nobres, simples comparsa nas secundarias, e alheio de todo, ausente pela força de mil coincidencias, nos transes de maus effeitos. A credulidade sertaneja emprestara-lhe assim, á sua vida, uma feição de prodigio e de romance, escutando-lhe as narrativas de bravuras e soffrimentos com enterneceida emoção.

Era um caboclo de Minas, alto, bem feito, de olhos claros e cabellos anelados. “Zeca da Margarida”... Assim lhe chamavam os rapazelhos coévos, na cidadezinha onde nascera. Zeca da Margarida... Margarida era a mãe, uma creatura esbelta e feliz, lavadeira nos pontos mais frequentados do córrego que banhava a povoação, tão formosa e desejada que, quando mettia nagua as pernas alvas e bem feitas, arrepanhando as saias para os joelhos, e se curvava sobre o batedor, estendendo os braços roliços e ondulando o collo macio e cheio, das moitas ribeirinhas explodiam suspiros e delirava a inspiração de um poeta local, esgrouviado e cheio de callos, professor das letras primarias.

Margarida, cantando risonha, banhada de sol, batia a roupa, envaidecida pela adoração de que se sabia objecto. E o que

alvorocava as suas camaradas, indignando os pretendentes leaes á sua mão de esposa, era ser o professor casado e vir postar-se alli, á ponte, babando-se pela rapariga, escandalosamente.

A mãe de Margarida obrigava-a com frequencia a mudar de logar no córrego; ia de um extremo a outro da cidade. Mas aqui ou alli, entré duas ensaboadelas, Margarida erguia os olhos compassivos e meigos, e meiga e compassivamente descobria o vulto do seu poeta. Respeitoso, tremulo, elle atirava-lhe versos, lembrava-lhe toadas para cantal-os. E as outras lavadeiras já se divertiam afinal, achando naquillo tudo um quê de inoffensivo, lisonjeadas até, pela classe, com tamanha deferencia das letras primarias. Tanto assim que, quando Margarida deu para des- apertar os vestidos e sentir á beira dagua tonturas exquisitas, attribuiram o caso a um ou outro dos cubicadores illetrados, havendo até no ról analfabetos. E foi ella propria quem, aos gracejos e insinuações em tal sentido, altivamente protestara, orgulhosa da sua fidelidade ao vate ribeirinho, rematada por aquella maternidade desinteressada como por uma auréola de gloria.

O poeta, deante da franqueza de Margarida e temendo o escandalo no logarejo, escamoteara-se logo com a esposa, que era beata e o enganava com os sacristães, para a capital.

Margarida, porém, outra vez esbelta e formosa, continuou a atravessar as ruas, cantarolando feliz, mais feliz ainda quando além da trouxa á eabega levava ao collo um bebê gorducho e lindo que era o seu enlevo. Não se lamentara, não fingira vexames, não entristecera. Parecia que se déra para aquelle resultado apenas, de um filhinho lindo... E assim o foi criando, á beira dagua, desdenhosa aos suspiros que lhe vinham das moitas, inflexivel ás insinuações da propria mãe a quem sorria agora a idéa de uma velhice tranquilla, amparada á belleza da filha.

... Zeea da Margarida... Foi-se deixando chamar assim, pelos colleguinhas de escola, pelos companheiros da rua. E quando a mãe morrera e elle, já crescido, abalara para terras novas, vira, sem contrariedade, o nome materno masculinizado, adherente ao seu. O Margarida... Era extravagante mas era assim mesmo. O nome feminino contrastava com o seu aspecto masculino, com a sua desenvoltura de linguagem, gabarolás quanto a valentias e casos de amor, exaggerado e imaginoso, tecendo sempre em volta da sua existencia uma teia brilhante de proezas

e aventuras. Era a phantasia paterna, do poeta dos lavadoiros, que explodia em florações do sertão, inconscientemente...

Ao chegar alli, ás Macahubas, algum tempo depois da abertura da estação e quando a beira da linha já começava a ficar juncada, por muitos alqueires de terra, de tóros e tóros de peroba, á espera dos embarques, aggregara-se como carreiro ás turmas do Chico Aureliano. Nesse tempo o Aureliano ainda estava sózinho, sem a familia. Tinha vindo primeiro á tôa, de visita a um genro, mas agradara-se do logar, dos tratos da madeira, e resolvera ficar tambem: — o seu sitio em Taubaté andava exausto, elle não dava para aquella historia de plantar arroz com irrigação, queria tentar vida nova!

Homem decidido, de poucas conversas, voltara lá, vendera a sitioca, para vir logo, com um filho buçando, a começar a labuta. Comprara tres carros arciados, sessenta bois, e empreitara a puxada de mil vigas para a estação, impertinente com os carreiros, querendo tudo a tempo e a hora, não admittindo que o sol sahisse sem achar as boiadas cangadas. E, de longe, nos depositos da linha, conheciam-se as tóradas que elle puxava, cada monstro de quatro a cinco metros cubicos que os outros refugavam no matto com medo de estrondarem-se os carros ou esmigalharem os bois do cabeçalho quando alguma era mal collocada e rolava num baque, por cima da róda, para o chão...

A principio os antigos carreiros estranharam a sua "suerberbia", que não pegava numa "vara de ferrão", e era só ir atraz dos carros, "muito sim senhor", no seu cavallo alazão, de cigarro na bocca... E escandalizara-os tambem a sua idéa de erguer uma casa de telhas, bem feita, de soalho e forro, as paredes de taboas rejuntadas, "obra para mais de conto e quinhentos", affrontando os casebres toscos, esparsos beira-córrego, ao longo da invernada.

E só depois da casa prompta é que Chico Aureliano embarcou para buscar a familia.

A presença daquella filha casada e daquelle filho moço fazia presumir-lhe para mulher uma maduraça qualquer, parda-vasca como elle, que os filhos mostravam a mesma dóse de mestiçagem, na pelle, e nos cabellos semicarapinhentos. Ninguem sabia que elle era viuvo e casado segunda vez, e só então é que se



compreenderam aquelles luxos de casa assoalhada e de um bello cavallo baio para silhão que elle trazia muito tratado, e fôra para a estação no dia da chegada, com uns arreios enfeitados, freio de prata, peitoral, redeas, manta, tudo novo e reluzente. E logo a noticia da mocidade alvura e belleza da esposa do carroeiro se espalhou, como uma surpresa, por toda a parte.

— “Era mesmo uma senhora morgada”, disseram os portuguezes da turma, lavradores de tóros, que quando sahiam dos mattos, á tardinha, com as cabaças d’agua ás costas, picados dos moscões, lhe passavam defronte á casa atirando olhares sonhadores de desejo e melancolia.

Toda a sociedade rustica das Macahubas se encantara por aquella creatura tão branca e tão melindrosa, esbelta como uma novilha virgem, de cabellos negros de azeviche que ella repuxava com simplicidade sobre a fronte e as orelhas, recobrando-as num recôrte de azas deseahidas, de passaro preto. Até as creanças pasmavam para ella, e eram ardentes caricias, desabafo da sua ancia de maternidade, de que se evolava qualquer coisa de revoltado e sensual.

O marido a trazia num recato extremo; jámais lhe consentira descer ao córrego a bater roupa, dera-lhe uma creada para servir comida aos camaradas, para tratar da criação, como se arreecasse crestar-se ao sol aquella pelle delicada e mimosa.

E a todos “Don’Anna” conquistava pela sua modestia, um pouco pelo seu ar arredio de enfado e tristeza. E se lhe davam “dona”, tanto os homens como as mulheres, faziam-n’o menos por cerimonia do que por uma particularidade do nome, a que o proprio marido não se esquivava.

Pois Don’Anna, naquella sexta-feira santa, lá estava, “lá dentro”, meio deitada na sua rêde, mais branca do que de costume pelo contraste com o vestido preto, ouvindo antes a conversa das vizinhas do que falando ella mesma. Em certo ponto até a conversação parara de todo e só se ouvia o guincho dos ganchos da rêde, a que ella dera um pequenino impulso e balançava mollemente, ondulando as franjas de renda. Fôra exactamente quando a voz sonora, meio cantarolada, do Margarida se erguera lá fóra:

— “Eu, não... Eu não tinha medo de metter o carro nesses socavões de Deus em qualquer outro dia santo do anno. Mas na sexta-feira santa... capaz!...”

No grupo de mulheres parece que o prestigio do Margarida era tambem grande, pois o silencio continuou como se todas se empenhassem por não perder uma palavra do que elle iria narrar.

II

“— O Capitão Felicissimo era homem de muita consideração em São Gonçalo do Sapucahy, tinha sido juiz de paz, provedor da santa casa e vereador da Camara... Mas a politica foi-lhe acabando com a fortuna e por fim a lida delle era a conducção de cargas de São Gonçalo até a Campanha, para despachar na estrada de ferro. Começou com uma tropa de burros que o que mais se conduzia eram jacás de queijos e de toucinho; mas, logo a lavoura de café deu de produzir, achou que o melhor eram carros de bois, cada carro levando sessenta saccas... Aquillo era uma comitiva importante quando as boiadas do Capitão Felicissimo se estendiam pela estrada! Quê, homem de capricho para boi estava alli!... Tinha uma boiada só de jaguanés, outra só de barrozos, outra só de fumaças. Até no geito dos chifres elle fazia questão de apparelhar as juntas

Quanto a gente topava com os carros delle era o mesmo que passar uma nuvem de cassunungas. Ficava aquelle zunido horas e horas, afinadinho, que lá desses carros mudos, feito carroção de burros, elle não queria saber, nem de graça.

... Pois esse homem se desgraçou por causa de uma teimosia em trabalhar na sexta-feira santa...”

Observando a solicitude do auditorio, o Margarida retardava a narrativa, mettendo-se em digressões, pigarreando. A lua approximava-se de um grupo de nuvens escuras, que se formara ao poente, prenuncio seguro de chuvas pela manhã. Nos brejos, á beira da córrego, os sapos ferreiros começavam uma martelada infernal.

— “Que succedeu afinal, a esse Felicissimo?” interpellou Chico Aureliano, cansado dos rodeios do Margarida.

— “Eu já conto... E conto porque vi com estes olhos que a terra ha de comer. Se não, se tivesse *visto contado* por outros, nem acreditava. Mas fui testemunha do facto, que eu **tinha** ido

a São Gonçalo levar quatro animaes de estimação do Major Chico de Lemos e na volta alcancei os carros do Capitão, carregadinhos de café. Era em fins de Março, mas ainda chovia muito por aquellas paragens. O Palmella estava cobrindo a ponte e os caminhos todos numa tejuqueira que nem mingão... Aquillo, umas duas leguas para cá de São Gonçalo pegou uma chuvarada de afogar cachorro na enxorrada. Os carreiros dobraram os toldos dos carros e soltaram os bois. Felizmente tinha um rancho perto e o povo pôde esconder da aguaceira que estava cada vez peor.

Alli estivemos tres dias, jogando o búzio a vintem e acabando a pinga dos garrafões. O Capitão não jogava nem bebia; ficava á beira do fogo, accendendo cigarros na brasa e praguejando contra a chuva.

— Porqueira de tempo!... Marcara o despacho do café para quarta-feira e eram tres ou quatro dias de atrazo...

E andava de lá para cá, no rancho, dando ponta-pés nos cachorros, arrastando as rosêtas das esporas, para vir outra vez sentar perto do fogo

Felizmente na quinta-feira o tempo estiou. A rapaziada, no emtanto, não se dava por achada: firme no quentão e no búzio, quando o Capitão estrillou:

— “Eh! canalhada!... Não estão vendo o sol de fóra?... E’ juntar bois que amanhã de madrugada seguimos.”

Elles todos ergueram a cabeça, espantados:

— “Uai!... seu Capitão! Então vancê não sabe que estamos nas endoenças? Hoje é quinta-feira santa e amanhã é sexta...”

— “Qual endoenças, qual nada, seus vagabundos! Não chegam os dias perdidos com essa chuva maldicta? Amanhã cedo quero os bois cangados, e — róda na estrada. E ha de dormir tudo fechado, esta noite.”

Os carreiros não tretaram, porque sabiam que com aquelle homem não era bom tretar. Foram sahindo para o pasto, uns para aqui, outros para alli, a campear as boiadas

De noite ainda alguns resmungaram, á beira do fogo, contra a idéa de pegar boi num dia santo tamanho. Mas o patrão esbravejou com elles, furioso:

— “O’ raça do demo, quem manda aqui sou eu! Os bois são meus, os carros são meus. Carreiro meu é para carrear á hora que eu quizer, no dia que eu mandar. Quem não quizer botar a mão na vara amanhã pôde ir embora. E já!... Dinheiro está

aqui para pagar. Estão com vontade de rezar, vão rezar na igreja!... Cambada do diabo!"

E andava de um lado para outro, de botas e esporas, as rosêtas riscando o chão do rancho.

No dia seguinte, cedo, as boiadas estavam cangadas, quatro boiadas de sete juntas cada uma. Os carreiros enguliram o café e falaram o gado. Saiu tudo bem. Só o que tinha é que os carros não queriam cantar. Aquillo a modos que deu um nervoso no capitão...

— "Vocês engraxaram os eixos dos carros?"

— "Não engraxámos, Capitão."

— "Então ainda deve ser da humidade."

Mas o sol nasceu, esquentou, e os quatro carros na mesma, caladinhos, que nem os bois puxavam direito. O Capitão galopava o cavallo para a frente, escutava o primeiro carro, olhava os cocões, mandava parar, apalpava o eixo. As cantadeiras estavam quentes, apertadas, e nada! Chegava para outro carro, e outro, até o ultimo... Tudo na mesma.

— "Vocês fizeram alguma mandinga, seus canalhas..." dizia elle.

— "Nós, não, patrão! Ninguem poz a mão nesses eixos, palavra de Deus!"

Mas aquillo não era nada. Era de certo um aviso para o Capitão, mas o homem teimou em seguir, e seguia. Aquelles carros até parecia que carregavam defunto. Até o meio-dia ficou nisso a coisa. Mas o meio-dia é a hora de morrer Nosso Senhor, como vancês sabem. Os carros nessa hora atravessavam uma chapada que vae dar no Palmella e o caminho alli estava enxuto de uma vez. De repente o carro de deante empacou. O carreiro e o candieiro gritaram os bois de todo o geito. Ferrão daqui, ferrão dalli, nada! A comitiva inteira parou, o Capitão foi vêr o que era.

— "Que diabo é isso, Romualdo?"

— "Não sei, patrão. A modos que a boiada afrouxou..."

— "Qual afrouxou o quê... Boi está vadio, apanhou agua tres dias, isso amollece o casco. Aperta esses diabos."

— "Vamos, eia!..."

— "Eia! Rochedo, Castello, Lavrado!..."

E a voz esganiçada do candicirinho cortava o vozeirão do Romualdo, como guinchos de seriema

Outros carreiros se aproximaram e berravam também. Mas qual! O carro parecia grudado no chão. A boiada arcava nos canzís, punha a língua de fóra, enterrava os cascos no chão... Alguns bois, com o lombo picado de ferrão, escorriam sangue, mas nenhum tinha largado um urro

O Capitão examinou o terreno, examinou o carro. Não tinha um barranco, não tinha um atoleiro, as rodas estavam com a chapa mesmo por cima da terra.

— “Emendem mais seis juntas”, gritou elle, com as mãos tremendo nas rédeas, revirando o cavallo p'r'a direita e p'r'a esquerda, como se campeasse alguma coisa.

Tiraram do carro de traz mais seis juntas de bois, só ficando a do cabeçalho, e emendaram no da frente.

— “Vamos, toquem agora.”

As duas boiadas esticaram as tiradeiras, mas foi a mesma historia: o carro não alluiu. O Capitão desapeiou do cavallo, tomou a vara de um carreiro e cahiu elle mesmo nos bois de couce, de ferroadas.

— “Cabraia, Arvaristo!... Eia, vamos!...”

— “Eia! Castello, Moreno, Sargento!...”

E era uma gritaria, a carreirada toda chuçando os bois, as varas de ferrão com as argolinhas tinindo, alumando no ar...

O Capitão olhava para aquillo esgazeado, com os bigodes num eriçamento de onça, que até dava medo. O Lucas Tapéra, que era o carreiro mais velho, chegou para elle e falou:

— “Olhe, seu Capitão, o melhor é soltar os bois. Isso aqui, anda tentação do maligno...”

— “Qual tentação, seu besta! Atréle mais bois. Tire seis juntas do outro carro, tirem logo dos dois carros, ponham mais doze juntas. Quero vêr cincoenta bois estirados nessa estrada. Ou elles arrastam o carro ou eu os mato, mato-os, ainda que seja a tiro!...”

Os homens já o olhavam com terror. Parecia com o demo no corpo, os olhos vermelhos reluziam. As botas pretas pareciam mais compridas, as pernas finas, esticadas nos lóros, quasi tocavam o chão...

Uniram-se as boiadas todas. Aquillo ficou um rosario de bois que até se perdia de vista. O Capitão marcou os logares para todos os carreiros e candieiros. Até eu tive de ficar de vara na mão, bem perto delle.



— “Quando eu avisar, todos falem ao mesmo tempo. Olhem: um, dois e tres!”

— “Eia! eia! vamos! Lavrado!...”

— “Rochedo! Cambraia! Sargento!”

— “Brinquinho! Marquez!... Estrello!...”

Era um alarido que até parecia um bando de maitacas, passando no ar...

De repente eu reparei que a junta do pé do couce se tinha descangado. Avisei ao Capitão.

— “O...ô...a! ooô...a! Pára tudo! Descangou uma junta aqui.”

Os dois bois se tinham mettido entre os da junta seguinte e a canga oscillava, suspensa ao meio, pelo tamoeiro. O Capitão e eu fomos arranjar os bois e então vimos uma coisa incrível: os canzis estavam abrochados, direitinho! Como é que teriam sahido os bois?

O Capitão olhou, pasmo! Ficou pensando um pouco, depois ergueu a cabeça e gritou para os carreiros.

— “Está bom, rapaziada!... Vamos largar disso hoje. Soltem essas boiadas e vão todos p'r'os quintos dos infernos!...”

E desabotoou depressa as bróchas para os outros não perceberem nada.”

Todos haviam escutado, constrictos, a prodigiosa historia. ▲ noite escureeera, occulta momentaneamente a lua pelas nuvens negras que se estendiam do poente. Da porta da casa projectava-se uma fraea réstea de luz e lá de dentro só chegavam os rangidos da rêde, rythmicos, guinchados, como pios estridulos de grillos. O rosto do narrador, na sombra, parecia uma mascara negra, immovel, e o sentido das phrases perdia com a falta da sua collaboração physionomica, sempre vivaz, expressiva e exuberante.

— “E depois?... Você disse que o Capitão se tinha desgraçado...”

— “E se desgraçou mesmo. No outro dia, só depois da alleluia romper é que 'garraram a campear os bois. Era um pasto pequeno, só com uma moitinha de matto na gróta. Pois não houve



meio de juntar a boiada inteira. Nem no sabbado, nem no domingo, nem na segunda... Quando achavam oito, dez bois, sumiam seis ou oito dos que já tinham achado. O Capitão não parava, sem comer nem dormir, ora a pé, ora a cavallo.

Alli havia artes do capêta ou então castigo de Deus. Eu, de mim, penso que era castigo de Deus...

Na manhã de terça-feira, o Capitão sahiu do pouso a pé, para bater a internada. Alguns carreiros já tinham ido embora, dizendo que não trabalhavam mais com aquelle homem, que elle estava amaldiçoado.

O Capitão andou, andou, e até a hora do almoço não estava de volta. Ninguem se importou, porque elle, desde o encravo do carro, não tinha hora de comer nem beber. Por perto das duas da tarde, eu e o Romualdo descemos até o córrego para tocar dois bois que tinhamos avistado, e démos eom um vulto cahido á beira da corrente, com os pés nagua. Era o Capitão. As botas e o chapéo estavam de uma banda, as calças meio arregaçadas. De certo elle chegara alli e resolvera banhar os pés. Tirou as botas, entrou nagua e deu-lhe qualquer coisa. Estava morto.

Gritámos para os companheiros, carregámos o corpo até o carro da frente, deitando-o por baixo da tolda, entre duas pilhas de saecos de café. Seis bois foi o sufficiente para puxar o carro até a Campanha e no dia seguinte o homem era enterrado..."

— "Você não esteve queimando campo, não, Margarida?" perguntou Chico Aureliano, após um longo silencio, com uma voz grossa e intimidativa.

— "Juro que é a pura verdade, seu Aureliano", protestou o narrador. "Vancê não acredita?"

— "Póde ser... Commigo nunca succedeu nada assim, nem nunca soube de boi sahir da canga com os canzis abrochados."

— "Foi castigo..." obtemperou Ignacio Felix, patriarcha dos carreiros "Foi castigo... Com as leis de Deus não se brinca."

— "Por isso é que eu digo", insistiu o Margarida na sua voz flexuosa e branda, "em qualquer outro dia santo do anno não ponho duvida de andar com o carro por esses socavões do mundo. Mas na sexta-feira da Paixão... capaz! Nem que me tórrem de rêlho. Quem viu o que eu vi, não se mette em temeridades dessas, nunca mais!..."

III

A noite avançava e, como a historia do Margarida tinha lançado uma impressão de mysterio ás almas daquelles homens, recolhiam-se todos a uma pensativa mudez. Veiu o café, trazido pela mucama de Don'Anna, uma pretinha baixa, coxeando de um quadril, cuja dentuça forte alvejava, batida pela réstea de luz.

O signal de retirada foi dado em seguida, apparecendo á porta o rancho de mulheres, distribuidas alli mesmo cada qual a seu dono, e partindo com elle, cabisbaixas. Don'Anna ficou algum tempo de pé, á porta, destacando-se a sua silhueta appetitosa contra a frouxa claridade. O Margarida se demorara, empregado que era do Chico Aureliano, a receber as determinações para o serviço do dia seguinte, declarando, porém, terminantemente, que — só trabalharia do meio-dia em deante, após a passagem da Paixão.

— “Não, que com essa experiencia que já contei não facilito...”

— “Não ha duvida, rapaz”, acquiesceu o Aureliano. “Mais meio-dia, menos meio-dia... Eu tambem não quero serviço antes da Alleluia. Até o melhor é nem se trabalhar amanhã. E'... Você avise os outros. Só péguem os bois na segunda-feira. Até o melhor era irmos amanhã, no trem, para Barretos, ouvir missa, não acha, Don'Anna?”

Don'Anna respondeu que sim, que desde que alli estava nunca fôra á missa.

— “Pois vamos embarcar na Collina. Você, seu Zéca, me toque os cavallos cedo, o meu alazão e o baio da Don'Anna.

E o Margarida, sobre essas determinações, despediu-se, emquanto o easal se recolhia á habitação.

Chico Aureliano, contra o costume, sentia insomnia nessa noite. Estirado ao lado d'elle, todo em contornos delicados, o corpo adormecido da esposa se desenhava vagamente, erguendo e baixando a coleha de rendas como num vac-vem de oceano. E, contemplando-o, esteve o pardo a scismar longo tempo nas penas da sua vida de trabalhos, tão arduos e constantes que se atirava cada noite para o leito moido de cansaço, mal tendo forças de benzer-se e virar para o outro lado, com um somno de pedra.

A mulhr, coitada, se demorava sempre recostada aos pés de eama, rezando, e era aquella a primeira noite em que elle a

via adormecer primeiro, sentindo-lhe o corpo a arfar ao seu lado, num rythmo suave.

Pensamentos subversivos assaltavam-lhe o espirito entre imagens insolitas, mas occorria-lhe a lembrança do dia que era, e elle recapitulava a historia do Margarida, generalizando para si prescripções de abstinencias, por analogias, num intimo terror de peccados e de castigos.

Esforçava-se por dormir e, como meio de conseguil-o, poz-se a resomnar alto, de olhos fechados. Ouvira aconselhar isso como um estratagema infallivel e já o applicara certa vez, em viagem, com pleno successo. Desta vez, porém, quando talvez, estivesse para adormecer, sentiu que a esposa se erguia, olhava-o e escorregava do leito, timida, a passos commedidos, como uma criminosa. A immobilidade do carreiro foi então forçada, galvanizados todos os membros pela infinita surpresa; e, como parasse de resomnar, a mulher se deteve á porta, hesitante, apprehensiva.

Permaneceu alli, alguns momentos, estatica, mas o marido pôz-se a resomnar de novo, observando-a. Pela porta, agora entreaberta, entrou um jacto de claridade e elle viu-a então, em camisa, descalça, só com um chale ás costas, esgueirando-se cauta, felina, sem rumor algum.

Chico Aureliano deixou passar algum tempo e ergueu-se tambem; ouvira o pequeno ruido da "porta da rua", aberta e fechada logo, e então sahiu do quarto, passou á sala, olhando para fóra por uma fresta da janella. A noite clareara de novo, desembaraçada a lua das nuvens que a encobriam. No campo, em frente, pastavam os grandes bois de carro, taciturnos alongando-se na relva as enormes sombras negras... Outros, deitados, aos pares, flanco a flanco como no trabalho, ruminavam soltando suspiros fartos.

Custou-lhe a distinguir o vulto da mulher que se dirigia ligeira, quasi occulta entre o jaraguá, para uma moita de tabocas, mesmo defronte á casa. Firmando o olhar, pareceu a Aureliano que um homem estava parado junto á entrada da moita e tanto estava que veio descendo de vagar ao encontro da mulher e subiram ambos, confundidos num abraço, elle curvado para ella, naturalmente beijando-a.

Gelado, tremulo, receiando cahir morto com tamanhos arrancos do coração, o mulato apanhou a um canto da casa uma

vara de carreiro, grossa e ferrada nas pontas, abriu com violência a porta, e sahiu.

Os dois vultos já se haviam embrenhado nas taboas. Elle conhecia bem a moita, um ponto de "batida" do gado, com uma clareira ao meio, toda forrada de folhas seccas. — "Estariam muito bem alli, sim senhor!..." E, num ápiee, em pleno delirio, uma visão torturante o desvairou, num transbordamento de odio, no despeito do seu amor illudido, na decepção do seu desejo sopitado havia pouco, pelo escrupulo da noite religiosa...

E elle correu para a moita, enredando-se nos ramos, ferindo-se aos espinhos dos arranha-gatos, sem saber o que iria fazer. A' orla do bosque deteve-se, offegante, com o coração ás marradas, a fronte em suores frios. Pensou que iria morrer alli, deixando-os lá dentro, felizes, nos braços um do outro. Chegavam-lhe rumores de vozes abafadas, chuehurrear de beijos, risos... Foi-se arrastando como um tigre, lentamente, sem o estalido de um galho. Olhava em torno, rilhando os dentes, mas nada via. Entretanto ouvia sempre os mesmos rumores terriveis, os mesmos risos, os mesmo beijos...

Foi-se approximando mais, ergueu-se atraz de um tufo espesso... E reconheceu o Margarida!

Então um rancor supremo affluio ao coração do carreiro e, erguendo a manguera ferrada, elle a edseu uma vez e duas vezes e vinte vezes sobre a cabeça do Margarida, gritando:

— "Então, seu diabo, é assim que ocê respeita a sexta-feira santa! E' assim, hein?... E' assim que ocê respeita a sexta-feira santa!..."

E só acabou de malhar, cessando o tripudio phantastico, quando viu que uma bordoadada tinha apanhado tambem a cabeça de Don'Anna, que ficou para alli estatelada, com os olhos fóra das órbitas, horrivel.

VEIGA MIRANDA



FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN

Comemorou-se no dia 17 de Fevereiro o centenario do nascimento de Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, que viu a luz na então Provincia de São Paulo, no Municipio de Sorocaba, em São João do Ipanema.

Era elle filho de Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, Coronel de Engenheiros e natural da Allemanha. Tinha este homem vinte annos de idade e achava-se em Portugal, interinamente empregado na fabrica de Foz d'Alge, quando occorreu a invasão do reino pelas cohortes de Napoleão I.

O joven Frederico Luiz, com as divisas de primeiro tenente de artilharia, envolveu-se com muita distincção na terrivel batalha do Vimeiro, em 21 de Agosto de 1808.

No Brasil, por esse tempo, cogitava-se de restaurar a exploração do ferro no morro de Araçoiaba. O Conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho, escreveu para Portugal, recomendando viessem de lá tres officiaes que, entre os mais distinctos discipulos das escolas theoricas e praticas de Freiberg, haviam sido engajados por dez annos afim de se empregarem em trabalhos montanisticos no Brasil. Desses officiaes o primeiro que partiu foi Frederico Varnhagen, a quem a Carta Regia de 27 de Setembro de 1814 confiou a direcção do estabelecimento metallurgico já então denominado — Real Fabrica de São João do Ipanema.

Estas circumstancias deram ao Brasil a gloria de ser a patria de Francisco Adolpho de Varnhagen.

O futuro historiador patricio correu suas primeiras letras no Rio de Janeiro. Passou depois a estudar em Portugal.



O velho reino, exgottado pelas barbaras e incriveis depredações dos francezes e pela succção brutal e insaciavel do inglez libertador, sahia da revolução liberal de 1820 e da contra-revolução absolutista. Morto D. João VI, o infante D. Miguel voltava ao reino e, quebrando os juramentos feitos, dissolvia as Côrtes, apoderava-se do throno, rejeitava a Constituição de 1826. Rebutou a tempestade com o seu sequito de vinganças, de perseguições, de exilios, á sombra das forcas, em meio de uma anarchia sangrenta. A reacção liberal delineou-se e acabou enfrentando o absolutismo numa guerra de quatro annos, cujos fastos, diz Oliveira Martins (1), presentes a todos, ainda não foram historiados condignamente.

Esses successos, accrescentando-se aos que se passavam no Brasil, levaram D. Pedro I á Abdicação de 7 de Abril de 31 e o atiraram no caminho de Portugal, onde ia defender a corôa que renunciára em favor de sua filha. Abriu-se então a campanha que começou com a Expedição da Ilha Terceira e terminou em 1834, na Convenção de Evora Monte, que coagiu D. Miguel a sahir do reino.

Francisco Adolpho era ainda menor. Não obstante isso, alistou-se como voluntario nas fileiras do exercito constitucio-nal, recebendo de D. Pedro IV, com galardão, quando a luta terminou, o posto de 2.º Tenente de Artilharia.

Si seu pae combatera pela libertação de Portugal do jugo estrangeiro, elle batalhara contra a tyrannia desordenada, fanatica e criminosas.

Os destinos dos dois Varnhagen approximavam-se assim, bellamente.

Serenados os animos, poude Francisco Adolpho proseguir em seus estudos, vindo a concluil-os na Real Academia de Fortificação, em 1839. Já então éra notavel o seu pendor para os estudos historicos.

Nesse mesmo anno de 1839 publicou em Lisboa seus dois primeiros ensaios, a saber: *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo 16.º, impresso com o titulo de Noticias do Brasil de Gabriel Soares de Souza* e, em primeira edição, *Diario da Navegação da Armada, que foi á terra do Brasil em 1530 sob a*

(1) Historia de Portugal, 1.ª ed. vol. 2.º, pag. 280.

capitania-mór de Martim Affonso de Souza, escripto por seu irmão Pero Lopes de Souza.

O primeiro destes trabalhos bastou a conquistar para o joven Varnhagen o titulo de membro da *Real Academia das Sciencias de Lisboa*; os dois abriram-lhe logar no *Instituto Historico e Geographico do Brasil*, fundado pouco tempo havia.

Operava-se agora em Portugal a reação romantica.

O gesto rebellado contra o classicismo fôra erguido pela Allemanha. A Inglaterra, a Italia, a França imitaram-no. Almeida Garrett introduziu o novo credo em Portugal.

Entre as caracateristicas do novo programma literario estava o culto ás tradições patrias, o nacionalismo, o estudo e aproveitamento das inspirações populares, a feição historica, que Alexandre Hereulano viria desenvolver.

Este egregio mestre da historiographia na peninsula iberica dirigiu *O Panorama*, fundado em 1837 e constituido organ da propaganda romantica, porta-voz de uma geração de intelligencias sequiosas do passado nacional.

Criou-se Varnhagen nesse meio; sentiu que ahi despertava e se fortalecia a curiosidade historica que era nelle um instincto mysterioso a espera de uma opportunidade para definir-se e fructificar.

Em 1840 dava elle ao *Panorama* a *Chronica do descobrimento do Brasil*, de que fez depois segunda edição correcta e augmentada, com o seguinte titulo: *O Descobrimto do Brasil, chronica do fim do 15 seculo.*

Esta valiosa contribuição fôra vasada em forma de romance affim de, affirma o autor, melhor adaptar-se ao gosto do paiz. A *Chronica* vulgarizava a inestimavel carta de Pero Vaz Caminha, onde palpitam as innocentes commoções do primeiro artista que se deslumbrou diante da natureza brasileira.

Nesta altura da vida de Francisco Adolpho ha um ponto que mereee ser destacado: é o que se refere ás duvidas levantadas sobre a sua nacionalidade. Filho de allemão, era ainda criança quando o levaram da terra de seu berço. Educou-se em ambiente extranho. Tudo contribuia para tornar-lhe indifferente o solo sobre o qual nascera. Seria elle, em taes condições, um brasileiro?

Ao saber dessas interrogações partiu para cá e o seu primeiro empenho foi derrubar as difficuldades que se oppunham á sua nacionalidade. Mas, no momento em que chegou, o espirito

publico andava commovido pelas luctas da Maioridade. O instante não era, pois opportuno para debater-se o assumpto que interessava a Varnhagen. Retirou-se elle para o interior e ahi se achava quando, em 1841, chegando-lhe noticias de que seu pae adoeecera gravemente na Europa, embarcou para lá. Afinal de contas, a qualidade de cidadão brasileiro foi-lhe reconhecida por decreto datado de 24 de Setembro de 1841.

“Parecia, diz Oliveira Lima, (1) que a patria de nascimento lhe devera ser indifferente. Não assim — reivindicou-a pela intelligencia e pelo coração, offertou-lhe as primicias do seu talento, e a custo de muito esforço pessoal logrou, aos 25 annos, fazer-se reconhecer como brasileiro. O que para tantos outros fôra puro presente do acaso, para elle foi uma ardua conquista, que mais lhe fazia querer os despojos da victoria, a saber, a sua carta de naturalização e o lugar diplomatico que immediatamente deveu á generosa protecção do Imperador D. Pedro II, sempre prompto em animar o culto das letras.”

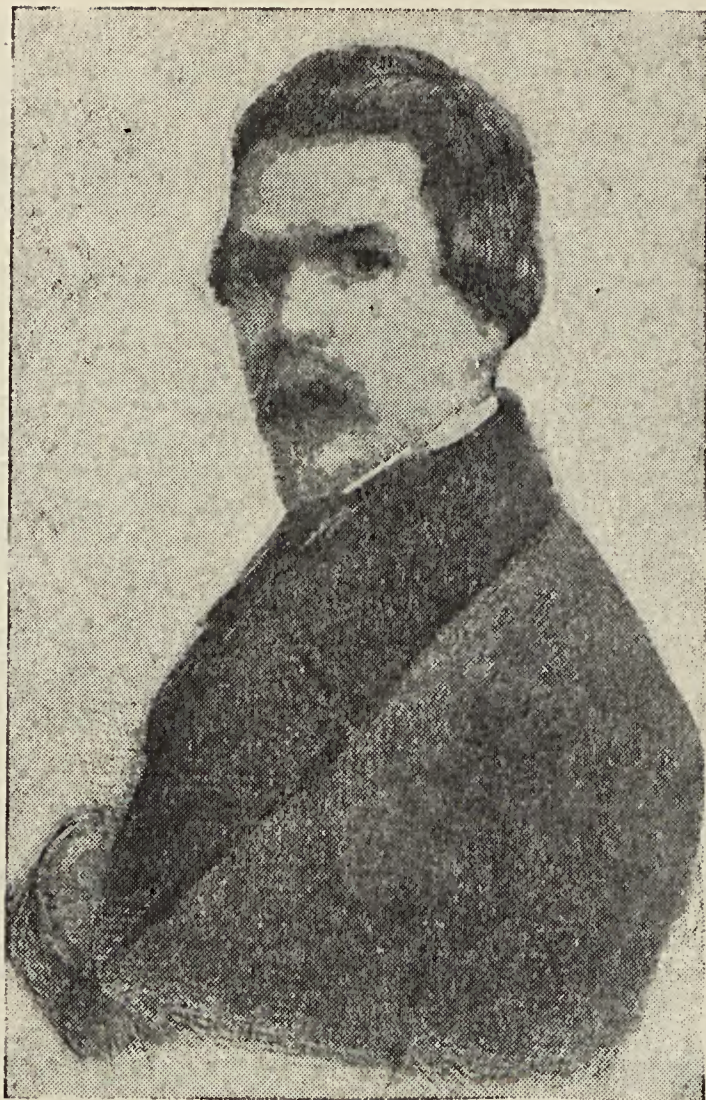
Por sem duvida que não foi a ambição do cargo que o levou a desejar ser brasileiro.

Estremecendo o torrão natal, Varnhagen via para além do cargo a gloria de ser o historiador de sua patria de nascimento e de opção. Ser brasileiro para alcançar a gloria... Mas então o ser brasileiro já serviu para alguma coisa digna e levantada!

Francisco Adolpho entrou na carreira diplomatiea em 1842. Neste mesmo anno foi admittido como official regular do corpo de engenheiros, posto do qual se demittiu nove annos depois. Começou sendo Addido da Legação do Brasil em Lisboa, de onde e com o mesmo posto sahiu para Madrid, em 1847 sendo neste mesmo anno promovido a secretario.

Eil-o, portanto, no posto que lhe havia de offereeer estupendas ensanchas para a sua vocação literaria. Logo, logo se atirou á pesquisa de documento por livrarias e archivos, não só para satisfazer a incumbencia que o governo lhe dera de colher dados relativos aos limites do Brasil, mas tambem para augmentar o cabedal de conhecimentos que depois espalhou pelas obras que compoz.

(1) Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras. Rev. da Academia, vol. 2, pag. 459.



FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN

ESTE RETRATO DO HISTORIADOR BRASILEIRO É TRABALHO DO
CELEBRE PINTOR HESPAÑHOL MADRAZO. OUTROS RETRATOS
EXISTEM, FEITOS EM EPOCAS DIFFERENTES, MAS NENHUM DÁ
UMA IDÉA TÃO EXACTA DO ILLUSTRE BRASILEIRO COMO ESTE.
É UMA OBRA PRIMA DE PINTURA.

Da bibliotheca publica eborense sacou elle, corrigiu e publicou em 1847 a *Narrativa Epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Pernambuco, etc.*, escripta pelo P. Fernão Cardim. Ainda em 1847 expunha á publicidade um drama historico americano — *Amador Bueno*, em quatro actos e tres mutações, drama esse de que arranjou uma segunda edição em Madrid, em 1858.

Em Madrid, em 1849, publicou *Trovas e Cantares de um codice do 14.º seculo, ou antes mui provavelmente o "Livro das Cantigas" do Conde de Barcellos*. Mais tarde, em 1868, acrescentava elle ás *Trovas e Cantares* as *Novas Paginas de Notas*, nas quaes, em vista de estudos posteriores e da confrontação com o Codice do Vaticano, reformou o juizo que anteriormente fazia de ser o Cancioneiro do Collegio dos Nobres trabalho de uma só pena. Apesar disto, ainda ha escriptores, como Mendes dos Remedios (1) que alludem ao engano de Varnhagen attribuir todo o Cancioneiro ao Conde D. Pedro. Bem razão tinham Sylvio Romero e João Ribeiro (2) quando, alludindo ás *Trovas e Cantares*, escreveram que "de toda a obra de Varnhagen é esta parte relativa á velha poesia trovadoresca portugueza que tem sido mais levemente maltratada da parte da critica portugueza ; mas sem a menor sombra de razão."

Esses venerandos cadernos de pergaminhos, vestigios da idade proto-historica do nosso idioma, cuja infancia rude deixou alli, em versos, o sentimento da gloria, da independencia, do amor e o culto da mulher, que os trovadores, os segreis e os jograes andaram espalhando — arrancal-os do esquecimento, ordenar-lhes as canções, metter-lhes esclarecimentos sobre a linguagem archaica, dar-lhes interpretação intelligente, eis um trabalho que, realmente, merece o qualificativo de insigne.

Não parou aqui a pasmosa actividade de Varnhagen. Além dos *Epicos Brasileiros*, de que houve duas edições, (1843-1845), contendo a segunda os poemas — *O Uruguay*, por José Basilio da Gama, e *O Caramurú*, por Fr. José de S. Rita Durão, seguidos de notas biographicas e interpretativas do texto; além da disser-

(1) Historia da Literatura Portugueza — 3.ª edição — pag. 28.

(2) Compendio de Historia da Literatura Brasileira — 2.ª edição — pag. 372.

tação, o *Caramurú perante a Historia*, que é de 1846 e foi apresentada ao Instituto Historico, que premiou o autor com uma medalha de ouro; além da "*Réplica apologetica de um escriptor calumniado e juízo final de um plagiario diffamador que se intitula general*, publicada em Madrid em 1846, e relativa a José Ignacio de Abreu Lima — dava-nos Varnhagen, em 1850-1853, os tres volumes do *Florilegio da poesia brasileira* ou *collecção das mais notaveis composições de poetas brasileiros fallecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um ensaio historico sobre as letras no Brasil*.

Este prefacio deu lugar a uma birra entre José Verissimo, Oliveira Lima e Sylvio Romero. O primeiro destes escriptores considerava a introdução do *Florilegio* como "a fonte da nossa historia literaria á qual teria Varnhagen ahi assentado o eriterio geral." Secundando esta opinião, Oliveira Lima (1) exclamava: "E' verdade que sobre aquellas paginas reveladoras repousam os trabalhos criticos posteriores, mais avultados e mais acabados, que retomavam o fio abandonado pelo grande trabalhador no seu prurido de descobrir novas informações, nelle mais forte do que o deleite de enfeixal-os com garbo." Além do que acima vai dito, J. Verissimo descobrira em Martius noticia da opinião que attribue ao cruzamento das raças uma forte influencia no Brasil. Sylvio Romero, sentindo o sal na molleira, achou *mingado, insignificante* e destituído de idéas theoricas o *Ensaio sobre as letras no Brasil*, cujo valor, escreve elle (1) "tem sido sem o minimo criterio exaggerado, com o fim especial de ferir a determinado historiador da patria literatura. E', accrescentou Romero, uma pequena campanha do genero da que attribue irracionalmente a Martius a doutrina da influencia do mestiçamento das gentes brasileiras em nossa historia e vida social, ou da que a dá graciosamente de presente a Fernando Wolf..."

Varnhagen não se circumscrevia ás investigações historicas; interessava-se, como bom polygrapho que era, pelo governo, pela administração, pelo progresso de sua patria. Uma nova divisão das provincias, a mudança da capital do paiz para o interior, o trafico

(1) Discurso de Recepção — citado.

(1) Compendio de Hist. da Lit. Brasileira, já citado.

dos negros, o captiveiro, eis ahi problemas que elle estudou em dois folhetos sahidos a lume em Madrid, em 1849-1850 — *Memo-rial Organico* que á consideração das assembléa. geral e provin-ciaes do imperio do Brasil apresenta um brasileiro; *O Trafico dos Africanos e a escravidão*.

Varnhagen entendia que a capital do Brasil devia localisar-se longe do litoral, para evitar vexames e humilhações e não se desnacionalisar ao contacto com os estrangeiros; entendia que a cada provincia devia outorgar-se não só extensão territorial proporcional á das outras sinão tambem população e riqueza sufficientes afim de que todas gosassem de importancia o mais possivel igual; entendia que era urgente viesse uma lei dizer quando ficariam livres todos os filhos de escravos.

Em 1851, o nosso historiador veiu visitar o Brasil. Aqui não se conservou inerte. Eleito primeiro secretario do *Instituto Historico e Geographico*, reorganisava-lhe a bibliotheca, o museu e o archivo quando foi despachado Encarregado de Negocios em Madrid. Nessa cidade publicou, em 1853, o terceiro volume do *Florilegio*. No anno seguinte, tirou dos prelos o primeiro tomo da *Historia geral do Brasil*, isto é, *do descobrimento, colonisação, legislação e desenvolvimento deste Estado, hoje imperio independente, escripta em presença de muitos documentos authenticos, recolhidos nos archivos do Brasil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda*.

O segundo tomo desta obra sahiu em 1857.

A *Historia Geral* fôra objecto incessante das vigalias de seu autor e consumira-lhe os melhores annos da vida.

Em compensação mereceu approvada pelo competentes e franqueou a Varnhagen o ficar pertencendo a varias corporações scientificas e literarias, como a Academia das Sciencias do Munich e a Sociedade Geographica de Pariz.

Alguns assertos da *Historia Geral* suscitaram criticas que encontraram resposta em dois opusculos, um estampado em Pariz em 1858, sob o titulo *Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil, comprenant des éclaircissements nouveaux sur le second voyage de Vespucci, sur les explorations des cotes septentrionales du Brésil par Hojeda et par Pinzon, sur l'ouvrage de Navarrete, sur la véritable ligne de demarcation de Tordezillas, sur l'Oyapok de Vincent Pinzon, sur le véritable point de vue où doit se placer toute l'histoire du Brésil, ou Analy-*

se *Critique du Rapport de M. d'Avezac sur la recente Histoire générale du Brésil*, outro impresso em Madrid, em 1867, sob o título — *Os Indios bravios e o sr. Lisboa, Timon 3.º*, em resposta a umas observações de J. F. Lisboa.

Voltando á America em 1859, foi Varnhagen nomeado Ministro Residente na Republica do Paraguay. O despotismo de Lopes a tal ponto o revoltou que, em 1860, abandonou o posto sem licença do governo. Em Janeiro de 1861 era transferido para Venezuela, Nova Granada e Equador, com instrueções para visitar o norte brasileiro e as Antilhas.

Isto lhe deu margem para eserever para o Ministerio da Agricultura varias cartas em que se occupava de assumptos relativos ao café, ao tabaco e ao assuear.

Ainda no caracter de ministro, passou, em 1864, a servir no Equador, Perú e Chile. No Perú protestou contra a maneira pela qual o Presidente Prado, faltando com a cortezia devida ao Brasil, defendia o governo paraguayo.

No Chile manifestou-se contra a brutalidade hespanhola no conflito hispano-chileno.

Foi nesta phase de sua existencia que Varnhagen começou a divulgar a respeito de Americo Vespucci, uma serie de trabalhos que só rematou em Vienna d'Austria. José Carlos Rodrigues (1) synthetisa pela maneira seguinte essas apaixonadas investigações:

“Em uma de suas cartas o navegante florentino falla de sua viagem á America em 1497 e 1498: ora esta viagem tem sido considerada com uma mera ficção, e Humboldt, que já tão favoravel foi a Vespucci, a erê muito problematica. O sr. Varnhagen fez uma analyse eserupulosa dessa carta, e está hoje convencido que Americo Vespucci com effeito esteve na America naquelles annos, nas costas de Honduras, Yucatão, do golfo do Mexico e da Florida; que a sua expedição demorou-se no cabo Cañaveral, aos 28 1/2 gr. de lat. n.; que pela circumnavegação da península de Florida e pela rota que seguiu para continuar sua viagem para a Europa, aportou nas Bermudas, então habitadas por antropophagos, com quem teve de lutar; e finalmente que o acompanharam nesta expedição Vicente Yañez Pinzon e Juan Dias de Solis, que eram elles mesmos os chefes da expedição.

(1) Rev. do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, vol. XIII — 1908 — pag. 100 e *Jornal do Commercio*, edição do dia 6 de Janeiro de 1907.

Além disto, prova o sr. Varnhagen que Vespucci fez mais quatro viagens á America.

Na primeira destas, ou na sua segunda viagem em 1499-1500, elle teve por companheiro Alonzo de Hojeda; então tocaram no Brasil, no moderno Rio Grande do Norte, donde vieram até a foz do Maracaibo.

A sua terceira viagem occorreu em 1501-1502. Então visitou elle os cabos de S. Roque e Santo Agostinho, a Bahia, Rio de Janeiro e entrada do Prata. Nesta viagem, Vespucci ficou convencido que todas essas terras eram parte de um continente diverso dos da Europa, Asia e Africa. A sua quarta viagem foi em 1503, sob o commando de Gonçalo Coelho, que perdeu dois de seus seis navios na ilha de Fernando de Noronha e Vespucci então foi parar ao Cabo Frio e dahi passou-se a Lisboa, onde chegou em Maio de 1504.

Finalmente, a sua ultima viagem foi em 1505 quando explorou a costa americana desde o dito cabo Cañaveral até além do Dariano e do Atrato. Além destas, o sr. Varnhagen ainda admite a hypothese de uma sexta viagem, acompanhado de um Cosa.

Quasi todos os criticos, como dissemos, não têm acreditado na primeira viagem, cuja historia por Vespucci o sabio Humboldt considerava como uma cópia pervertida da ulterior e verdadeira narrativa de 1499 com Hojeda. O sr. Varnhagen não só prova a veracidade intrinseca dessa narração da primeira viagem, como tambem prova que tres annos depois da sua publicação, appareceram traducções successivas em italiano, francez e latim; que, por perto de um seculo, não se duvidava de sua authenticidade, até que o historiador do Rei de Hespanha, Herrera, lembrou-se de aeimal-a de impostura. Além disto, o proprio Colombo julgára Americo como digno de toda a confiança; as honras que Portugal e a Hespanha lhe conferiram em vida eram demasiadas para um mero subordinado de expedições como se pretende que foi; e Pedro Martyr, escrevendo a Colombo sobre a bahia de Honduras, admite que já havia sido visitada por outros, o que é tambem confirmado por Oviedo na sua "Historia das Indias".

Varnhagen era, pois, pela realidade da viagem de Vespucci, em 1497. O Florentino, quatorze mezes antes de Colombo, tocou a terra firme americana no cabo *Gracias a Dios*, em Honduras.

Não obstante o empenho que o nosso investigador fez na solução dessa these historica, o problema permanece obscuro.

Oliveira Lima (1) pensa que ahi existe uma dessas questões aventadas para nunca serem decididas, questão que, pela sua perplexidade, é uma das muitas que nos fazem duvidar da veracidade das primeiras de que a historia costuma tão solennemente tirar suas conclusões.

Seria por demais longo apontar as contribuições de Varnhagen para a historia das expedições de Vespucci e de Colombo. Preferimos remetter o leitor para o resumo que dellas ordenou Oliveira Lima e vem no volume 2 da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, pags. 474 e seguintes.

Em 1867 Varnhagen recebeu o titulo de Visconde de Porto Seguro. No anno seguinte foi transferido para Vienna d'Austria como Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario.

Foi fecunda a ultima phase de sua existencia. Elle continuou a trabalhar o problema de Vespucci; reeditou suas pesquisas sobre a verdadeira *Guanahaini* de Colombo, que era a *Mayaguana* e não qualquer outra das Lucayas; deu a segunda edição melhorada da *Historia Geral* e a *Historia Completa das luctas hollandezas no Brasil*, que lhe valeu uma polemica com P. M. Netscher; divulgou contribuições elucidativas da cartographia da **E**dade-Media, da Renascença e concernente aos primeiros descobrimentos no Novo Mundo; analysou codices literarios e trouxe a lume, em primeira edição, o *Cancioneirinho de trovas antigas, colligidas de um grande cancionero da bibliotheca do Vaticano, precedido de uma noticia critica do mesmo grande cancionero com a lista de todos os trovadores que comprehende, pela maior parte, portuguezes e gallegos*; espalhou opusculos sobre a literatura dos livros de cavallaria, occupando-se das proezas da Segunda Tavola Redonda, do Triumpho de Sagramor, dos romances de Amadis de Gaula, Palmeirim de Inglaterra e outros; dirigiu a reprodução da preciosissima *Arte, Vocabulario y tesoro de la lengua guarani, ó mas éien, tupi*, do jesuita Antonio Ruiz de Montoya; lançou folhetos como *Os Dous Velloso*s, botanicos brasileiros; publicou outro trabalhos de ethnographia e linguistica americana, como sejam:— *L'origine touranienne des Américains — Tupis-caribes et des*

(1) Discurso de Recepção — já citado.

anciens Egyptiens — indiquée principalement par la philologie comparée e Historia da Paixão de Christo e taboas dos parentes-cos, em língua Tupi, por Nicolás Japuguay.

Além do que fica summariado, muita cousa existe que veiu a publico em varias épocas, porque Varnhagen, no empenho de divulgar logo tudo quanto entendia util, não era homem que ficasse de lima em punho, a polir a phrase. Assim é que produziu mais o seguinte: *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belém* seguida de um glosario de alguns termos relativos á architectura; *Chorographia cabo-verdiana ou descrição geographico-historica da provincia das Ilhas de Cabo-Verde e Guiné*, publicada em companhia de José Conrado Carlos de Chelmieki; *As Principras Negociações diplomaticas relativas ao Brasil; Qual o gráo de veracidade em que se deve ter o faeto maravilhoso de Diogo Alvares Corrêa e da celebre Paraguassú, conforme refere Rocha Pitta na sua America portugueza; Memoria sobre os trabalhos que se podem consultar nas negociações de limites do imperio, com algumas lembranças para a demarcação destas; Succinta indicação de alguns manuscriptos importantes, relativos ao Brasil e a Portugal, existentes no museu britannico de Londres e não comprehendidos no Catalogo Figanieri, publicado em Lisboa em 1853; Aun las questionones de limites del Eeuador ó sea Pedro Moncayo y su nuevo folheto, sus absurdos y su mala fé, em que a penna de Varnhagen muito trabalhou sendo sua toda a parte relativa á diplomacia; A caça no Brasil ou manual do caçador em toda America tropical, aeompanhada de um glossario dos termos usuaes da caça, por um brasileiro devoto de Santo Huberto; Carta ao sr. dr. L. F. da Veiga aeerea do autor das Cartas Chilenas, que Varnhagen attribue a Claudio Manuel da Costa e não a Alvarenga Peixoto, como se suppunha; A questão da capital: maritima ou interior? — Projecto de uma lei adicional á das terras publicas, com a imposição do censo por maior, e favores aos que promovem a colonisação agricola no Brasil; Relatorio do Congresso Estatístico de S. Petersburgo em Agosto de 1862; Carta ao exmo. ministro da Agricultura a respeito principalmente de varios melhoramentos nos engenhos de assucar nas Antilhas, applicaveis ao Brasil; O tabaco na Bahia; O Café da Bahia; A cultura do trigo no Brasil; Memoria sobre a necessidade do ensino e estudo das quinze linguas indigenas no Brasil; Excerptos de varias listas de condemnados pela inquisição de Lisboa desde o*



anno de 1711 ao de 1767, comprehendendo só brasileiros e colonos estabelecidos no Brasil; Ethnographia indigena. Linguas, emigrações e archeologia. Padrões de marmores dos primeiros descobridores; Gabriel Soares de Souza: memoria; Naturalidade de Felippe Antonio Camarão; Sumé: lenda mitho-religiosa americana, recolhida em outras éras por um indio Moranduçara; Relatorio e parecer apresentado ao Conservatorio Real da arte dramatica por uma commissão especial acerca das peças submettidas ás provas publicas em 1841, trabalho assignado tambem por F. S. Margiochi; Elogio historico do vice-almirante Ignacio da Costa Quintella; biographias de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Salvador Corrêa de Sá e Benevides, João Fernandes Vieira, Martim Affonso de Souza, Pero Lopes de Souza, Euzebio de Mattos, Fr. José de Santa Rita Durão, Antonio José da Silva, Manuel Botelho de Oliveira, Vicente Coelho de Seabra, João de Brito Lima, Fr. Manuel de Santa Rita Itaparica, Thomaz Antonio Gonzaga, Domingos Caldas Barbosa, Antonio de Moraes e Silva, Jorge de Albuquerque Maranhão, Francisco José de Lacerda e Almeida, Antonio Pires da Silva Pontes Leme, todas publicadas pela Revista do Instituto Historico e, ainda inédita, uma Relação em 25 classes de documentos existentes no archivo real de Simancas, relativos aos limites meridionaes do Brasil para delles se tirar copia, acompanhada de observações feitas pelo Barão de Ponte Ribeiro.

Não contente com esta formidavel producção, delineou a *Historia da Independencia*, que ainda se conserva inedita e da qual o Barão do Rio Branco publicou em Pariz alguns trechos. (1)

Varnhagen falleceu em Vienna d'Austria, no dia 29 de Junho de 1878.

* * *

Actualmente, ninguem mais discute o valor de Varnhagen. A personalidade do historiador, considerada sobretudo pelo lado intellectual fixou-se graças ao tempo e á acção dos criticos.

Para Oliveira Lima, Varnhagen é o mais notavel dos nossos historiadores. Elle foi o criador da historia patria, sob o aspecto

(1) Para melhor conhecimento da bibliographia de Varnhagen — V. Sacramento Blake — *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, vol. 2.

da comprovação dos factos, da rectificação de erros teimosos, da separação entre a lenda e a verdade, da analyse dos documentos, da investigação euidadosa e paciente dos archivos, operando-se tudo isso longe da preocupação das perspectivas de conjuncto, sem concepções estheticas e sem fórma artistica, numa visível incapacidade para retratar uma personalidade, traçar um character, descrever os scenarios dos grandes successos historicos, dramatizar as lutas das multidões e o formidavel combate do homem contra a natureza.

(E' certo que Varnhagen não podia emprestar aos seus trabalhos uma feição philosophica: faltava-lhe para tanto preparação scientifica e, mais do que isso, faltava-lhe obra critica anteriormente feita por outros, sobre a qual elle pudesse assentar as generalisações a que fosse chegando no estudo e descoberta das causas mais remotas e dos effeitos mais distantes dos phenomenos historicos.

(Sem documentos não ha historia. Ora bem, si no Brazil ao tempo de Varnhagen ainda não se conheciam documentos sinão em numero diminuto, como pretender sahir dos dominios da simples narrativa parcellada e lacunosa de um ou outro eapitulo dos nossos fastos para a analyse das causas, para o encadeamento dos successos e para o estabelecimento das leis que presidiram ao evoluer da nossa civilisação?

Apesar dos esforços de investigadores de livrarias e archivos, dos quaes Varnhagen foi certamente o mais destemido, qual é hoje, em materia de documentos, o nosso material historico em condições de ser aproveitado? E' escasso; não obedece a uma catalogação segura; anda espalhado por jornaes, revistas e folhetos; é de accesso difficil; apodrece nos archivos; o caruncho devora-o tranquillamente, impunemente, ao abrigo não só da nossa falta de recursos para a publicação desses papeis preciosos e ameaçados de completa ruina mas tambem da criminosa indiferença que mostrames pelas nossas tradições, pelo nosso passado, pelas nossas glorias, trabalhos e miserias de outr'óra, em cuja contemplação poderiamos achar o pensamento commum, a aspiração collectiva, eapaz de dar-nos a feição de um verdadeiro povo dentro de uma verdadeira patria.

Em todo historiador, para ser completo, temos que achar um critico, um erudito e um artista; isto é, uma natureza impressio-

navel, maliciosa e sagaz; um talento versado no apurar factos e delles deduzir idéas, imagens e emoções.

Varnhagen não é um artista. O seu geito de narrar é perfeitamente banal. Os typos, de que se occupou; as paisagens, que teve que descrever; os dramas, cujo enredo traçou não tem relevo e não commovem. O estylo de Varnhagen não conhece elegancia; é uma coisa desgraçosa e opaca. Na obra do historiador ha trechos de uma trivialidade lamentavel.

Estudando a Capitania de Itamaracá e mostrando o destino do seu donatario, morto quando voltava da Asia, escreve elle:

“Faltou pois Pero Lopes do mundo no momento em que a sua perda era a todos mais sensivel. Depois de haver elle lobbri-gado a trilha que o devia conduzir ao templo da gloria, depois que a esposa cedendo o seu carinho, havia nelle, e, só nelle, posto toda a esperança de gosa felicidade, e o de um bello renome para seus filhos, depois que as esperanças da patria começavam a desabrochar em favor deste joven pundonoroso... tudo perdido! Em verdade nada pôde haver de mais triste, de mais cruel do que uma prematura morte!”

E’ um final pathetico, polvilhado de frases feitas, levando na cauda uma consideração positivamente *accaciana*.

Vejamos outro exemplo:

“Parece que a penna se nos resiste a tratar do donatario da Bahia, nem que movida pela dôr que nos punge o coração, ao considerar seu triste fim. Não ha duvida que é assumpto de que não nos podemos occupar, sem que se nos repasse a alma de magoa, que desejaríamos poupar de repetir, se, pela importancia do assumpto, não fomos a isso obrigados pela severa tarefa que nos impuzemos, desde que ousamos levantar o pensamento a ser fiel, bem que humilde, historiador da patria.”

Depois de referir o desastre em que Francisco Pereira Coutinho, foi devorado pelos antropophagos de Itaparica, Varnhagen exclama:

“Primeiros martyres da civilização da terra bahiana! A grande obra que emprehendestes, e por que vos sacrificastes, veiu a realisar-se! O solo que regastes de vosso sangue é um dos mais populosos e mais productivos do Imperio de Santa Cruz; e os seus habitantes mais piedosos ainda se lembram de vós em suas orações ao Senhor dos justos, que distribue a quem os mereceu galardões sempiternos!”



E' assim a arte de narrar em Varnhagen!

Em materia de descripção, sahiam-lhe espeeimens como o seguinte, em que elle exalta o clima de S. Paulo de Piratininga:

"Ahi nunca são excessivos nem o frio nem o calor; e o ananaz sazona á sombra da pereira, e os sarmentos dos vidonhos se entresacham nos carramanchéis com as hastes trepadoras dos maracujazeiros — de modo que ao lado do cacho d'uvas recende muitas vezes dependurado o aromatico maracujá." (1)

Surgiram a Varnhagen algumas polemicas. Pois bem, ainda aqui, apesar de esporeado pela discussão, elle manifesta a sua inaptidão artistica. Oliveira Lima compara essas polemicas a monotonos arrazoados de praxistas, insipidos, desenxabidos.

Portanto, Varnhagen, não será pelo cunho artistico de suas obras que merecerá a nossa veneração. Elle foi simplesmente um erudito historiographo, bem fornido de probidade literaria, dotado de um excellente faro, cheio de uma paciencia germanica na investigação e de um cuidado minucioso no aproveitamento dos resultados de suas pesquisas. Escrevia em mau estylo, mas catava nos outros defeitos de linguagem e odiava os francezismos. Aqui vai, para prova, um trecho de carta que escreveu, em 9 de Abril de 1874, ao dr. J. C. Rodrigues: "Tenho continuado a lêr com interesse o *Novo Mundo*, em prova de interesse, vou expor-me ao desagrado dando-lhe um conselho amigavel. Evite v. s. no seu aliás claro e bello estylo, tanto quanto puder, o demasiado emprego dos pronomes pessoaes e possessivos, riscando na minuta todos os que se poderem dispensar; e ainda mais a repetição frequentissima (á franceza) do pronome *um*, p. ex.: Fulano de tal, *um* homem de raro talento, etc. Porque não simplesmente — homem de raro, etc.?" (2)

Si a Varnhagen escasseava a tendencia philosophica, sobrava o dom de duvidar, não em materia religiosa, mas em assumptos de historiographia. Foi elle quem poz na categoria das lendas os episodios do Caramurú e da aclamação de Amador Bueno.

A ausencia de estylo artistico e commovedor nas obras de Varnhagen não quer dizer que ellas sejam monotonas, porque o polygrapho era rico de idéas, já não digo originaes, mas interessan-

(1) *Historia Geral* — 2.^a ed., pags. 171, 196, 201, 263 do 1.^o volume.

(2) Rev. do Instituto Historico de S. Paulo, vol. 13, pag. 104.

tes. E as idéas são o principal. Porque teve idéas, Varnhagen deve ser considerado mais do que um mero chronista, mais do que um singelo expositor de factos.

Diz Oliveira Lima que elle entra de direito na categoria dos escriptores da variedade a que os allemães dão o nome de historia pragmatica, a saber a historia que não é propriamente a philosophica, ou que dos acontecimentos deduz as leis que governam na sua marcha as sociedades humanas, mas que vai além da simples exposição dos factos, acompanhando-os de reflexões e considerações sociologicas.

Varnhagen foi muito do seu seculo, cujos inicios assistiram a uma estupenda resurreição da curiosidade historica. Tratava-se sériamente da rehabilitação do passado e a tarefa operava-se dentro de um programma novo e reaccionario. O romantismo invadiu a historiographia, infundindo-lhe uma tendencia anteriormente desprezada — a tendencia nacionalista. Varnhagen foi sempre um nacionalista ferrenho. A Revolução Franceza, destruindo montanhas de privilegios seculares, tirou aos documentos dos archivos o seu valor juridico e politico, libertou colossaes acervos de papeis pertencentes ao Estado, tirou os fechos ás portas dos archivos e os tornou accessiveis a todos. O exemplo da França, seguiram-n'o as demais nações, até mesmo a Inglaterra, si bem que mais demoradamente. Desde então, o documento historico absorveu todas as actividades, empolgou todas as atenções, constituiu-se em idéa fixa, transformou-se numa terrivel obscessão. Achar documentos, restaural-os, esclarecel-os, copial-os, fornecei-os á voracidade do publico, eis o ideal da historiographia romantica.

Tão largo e profundo movimento era uma reacção frenetica, vibrante, vertiginosa contra a idade passada, que abusara da literatura e da philosophia.

O nacionalismo, caracteristico da revolução romantica nos estudos historicos, levou muito naturalmente os governos a proteger entusiasticamente e por interesse proprio as investigações historiographicas. Pois não se tratava de levantar e robustecer o sentimento nacional?

Em França, Guizot, quando occupava o ministerio da Instrucção Publica, mandou um relatorio ao rei e nelle se liam as seguintes palavras: "Só ao Governo pertence poder realizar a grande tarefa de uma publicação geral de todos os materiaes im-

portantes e ainda ineditos sobre a historia de nossa patria. Só o Governo possui recursos na medida das exigencias de tamanha empresa. Não falo dos meios de occorrer ás despesas que tal empresa importará; mas, como guarda e depositario desse legado precioso dos seculos passados, póde o Governo enriquecer a referida publicação com uma porção de esclarecimentos que os simples particulares tentariam em vão obter." (1)

A orientação de Guizot transmittiu-se a um exercito de curiosos. Dentro em breve partiram de todos os cantos do paiz projectos, questionarios, relatorios, memorias, cartas, communicações, circulares, instrucções sobre documentos historicos, pontos onde se achavam colleccionados, modo de catalogal-os, de entendel-os e processos para restaural-os. Solicitava-se devéras a collaboração de todos junto das muitas commissões reunidas em Pariz e por todo o territorio francez. A poeira dos archivos revolidos enchia os ares.

De todos os lados partiam as respostas dos pesquisadores. Estes rectificavam uma data, aquelles conseguiam dar a um acontecimento remoto a sua real physionomia, até então deturpada pela ignorancia. Centenas e centenas de volumes ponderosos, atochados de copias de documentos, de inventarios de documentos, de interpretação de documentos abarrotavam as bibliothecas e o mercado de livros. A mania chegou a tal furor que produziu um typo estranho e imperterrito — o abbade Migne. Este homem concebeu o temeroso plano de compor uma patrologia em que se encontrassem todos os elementos relativos á historia da egreja. Para ordenar mais rapidamente a gigantesca obra, montou uma typographia onde, durante mais de vinte annos (1844-1866) imprimiu perto de quatrocentos volumes respeitaveis pelo corpo, contendo textos latinos e gregos. Este allucinado já se preparava para mettêr nos prelos mais algumas centenas de volumes analogos quando veio um incendio e lhe destruiu a fabrica. Esta paixão do documento teve-a Varnhagen e, ainda por este lado, elle é um bom producto da primeira metade do seculo 19.

Para Varnhagen, a historia devia ser um ensinamento. Ajusta-se-lhe o conceito de Oliveira Martins: — A historia é sobre-

(1) *Louis Halphen*—L'Histoire en France depuis cent ans, pag. 58.

tudo uma lição moral. (1) “Formar e melhorar o espirito publico nacional”, eis como Varnhagen definia os fins da historia.

Quando escreveu a *Historia completa das lutas hollandezas no Brasil*, sua intenção foi varrer o acabrunhamento em que se achava o espirito da nação, assoberbado pela guerra do Paraguay. Esta intenção, accrescentando-se ao nacionalismo de Varnhagen, levou-o a preferir, entre as grandes figuras da guerra contra a invasão dos batavos, o brasileiro Vidal de Negreiros ao portuguez João Fernandes Vieira, ao contrario do que fizera Southey.

Mas, releiamos alguns periodos do prefacio posto á *Historia das lutas com os hollandezes*. São trechos onde Varnhagen revela sua probidade literaria em nada escrever sem antes documentar e visitar o theatro dos acontecimentos.

“Se algum dia a sorte nos guiar os passos ás provincias de Pernambuco e Alagoas, de modo que as possamos por algum tempo percorrer em todos os sentidos, e vêr por nossos proprios olhos o theatro desta prolongada guerra (dos hollandezes), e estudar os antigos campos de batalha e compulsar os archivos ou escriptorios publicos e particulares das duas provincias, talvez que emprehendamos tratar o assumpto com mais extensão em uma historia especial.

Se bem que haviamos curiosamente estudado os arredores do Recife até Itamaracá e Igarassú, de um lado, e até os Guararapes e o Monte das Tabocas, de outro, e que tenhamos visitado, com a devida curiosidade, as capitaes do Maranhão, do Ceará, do Rio Grande, da Parahyba, da Alagoas e da Bahia, e suas immediações, não pensavamos começar a redigir o livro projectado, sem examinar antes todos os postos e percorrer todos os caminhos, onde, por seus patrioticos feitos, se immortalisaram os quatro herões brasileiros, anti-hollandezes, Vidal, Barbalho, Camarão e Dias.

Porém o homem põe e Deus dispõe. Achavamo-nos, por motivos do serviço publico, no Rio de Janeiro, e accidentalmente em Petropolis, e ainda estava por decidir a titanica luta que o Brazil susteve no Paraguay, e nem se quer as armas alliadas haviam vencido o Humaytá, e eramos testemunhas dos desfalle-

(1) Historia de Portugal — Advertencia, 7.^a edição.

eimentos de alguns, quando, com o assentimento de varios amigos, nos pareceu que não deixaria de concorrer a acoroçar os que já se queixavam de uma guerra de mais de dois annos, o avivar-lhes a lembrança, apresentando-lhes, de uma fôrma conveniente, o exemplo de outra mais antiga, em que o proprio Brasil, ainda então insignificante colonia, havia lutado, durante vinte e quatro annos, sem descanso, e por fim vencido, contra uma das nações naquelle tempo mais guerreiras da Europa.”

Compreende-se que, ás voltas com a demonstração dessa these, Varnhagen entrasse a votar antipathia a João Fernandes Vieira, que era natural da ilha da Madeira. Erguer o animo brasileiro pondo-lhe deante um quadro em cujo primeiro plano avultava a figura de um portuguez seria demasiada falta de logica!

Varnhagen revelou constante interesse pelo estado das letras, da legislação, da situação economica do paiz. Era centralista. “Ao provincialismo affirmava elle (1) associam-se apenas idéas de *interesses* provinciaes, quando principalmente as de *gloria* andam annexas ao patriotismo, sentimento tão sublime que faz até desapparecer no homem o egoismo, levando-o a expor a propria vida pela patria, ou pelo soberano que personifica o seu lustre e a sua gloria.”

Não ha nessas palavras uma profissão de fé politica?

Varnhagen era hostil aos indios; desprezava as raças inferiores. Na opinião d'elle, a politica dos jesuitas sustentada pelos reis e favoravel á catechese á sombra da liberdade era resultado de mal entendida philantropia. Que contradicção a de Las Casas, que elle qualifica de monomaniaco e pseudo-philantropico, em querer aos americanos no mesmo estado em que se achavam e em prégar a conveniencia da escravidão africana! O systema a adoptar-se devia ser o da força. Teria sido melhor que a cobiça dos colonos bem encaminhada arrebanhasse os selvagens, em vez de ir além dos mares encher porões de navios com infelizes negros, cuja presença, além de outros graves inconvenientes “estropeavam a lingua, em detrimento até da educação da mocidade, que, havendo começado por aprender com elles a falar erradamente, tinha depois mais trabalho para se desavezar de muitas locuções viciosas.”

(1) Oliveira Lima — Discurso de Recepção.



Na defesa de suas opiniões, Varnhagen não recuava diante de nenhum argumento. A ogerisa ao indio não impediu que Varnhagen fosse um grande conhecedor dos idiomas brasílicos, cujo ensino aconselhava. Foi elle quem no *Instituto Historico* fundou a secção ethnographica. Além disso, fez edições criticas das obras de Montoya e compoz uma doutrina sobre a origem dos Tupis e Carahybas, muito crudita mas que, no entender dos competentes, não ficou provada.

Com relação aos negros, era francamente pela libertação do ventre escravo.

* * *

O visconde de Porto Seguro era um "gourmet". Um dos secretarios que com elle serviram na Legação de Vienna contou a Oliveira Lima que Varnhagen, quando caçado, recreava-se fazendo pastelões e batendo pudins. Era um cozinheiro de *primo cartello*. Mas entre as suas habilidades não estava apenas a de empunhar gravemente a penna de historiador e a de amarrar o avental de doceiro, sinão tambem a de ser um homem de salão completo, fino e capaz de, sob esse aspecto mundano, conquistar nomeada entre aristocracias exigentes como a madrilena.

Os que lhe estudaram o caracter descobriram-lhe uma indole combativa. Disseram que elle era um impulsivo e tinha rompantes colericos. Em materia de pundonor, escrupulisava. Não se envolveu em lutas politicas. A consciencia que tinha do proprio valor transformou-se-lhe, no fim da vida, num orgulho intolerante e irritavel que não admittia opposição, conforme attestou Joaquim Manuel de Macedo ao fazer-lhe o necrologio (1). Tinha o animo independente e aborrecia o despotismo. A tyrannia de Lopes levou-o a desertar Assumpção.

A morte de Almeida Garrett (1854) e a retirada de Alexandre Herculano para a Quinta de Valle de Lobos, em Santarem, deixaram Castilho á frente da legião romantica, de ferula em punho, distribuindo rações de gloria aos seus fiéis, apontando á aversão das padarias literarias os que de qualquer modo fugiam aos canones já gastos da famosa doutrina. Contra este absolutismo se levantaram ahí por 1865 os chamados Dissidentes de Coim-

(1) Oliveira Lima — Discurso de recepção.

bra, com Anthero do Quental á frente. A pendencia animou-se de tal maneira que deu de si um duello entre Anthero e Ramalho Ortigão. O nosso Varnhagen metteu-se na questão, jurando fidelidade a Castilho e prevenindo os amigos contra os juizos que do mestre andavam espalhando Adolpho Coelho e Theophilo Braga, "dois sujeitos" como escrevia elle, que "na litteratura portugueza quasi não têm por si mais que a si mesmos, elogiando o sr. Coelho as obras do sr. Braga e o sr. Braga as do sr. Coelho" (1)

Os extremos de amor filial fizeram que Varnhagen inscriisse em sua *Historia Geral*, um capitulo relativo á historia dos grandes progressos da mineração de ferro no Brazil. Ahi se compraz em explicar as attitudes e os esforços de seu pae, que elle mostra á posteridade como tendo sido um homem pertinaz na luta e modesto no instante da victoria. Mas, Varnhagen logo se desculpa com estas linhas: "se nos alargámos demasiado; se a penna não poudé conter-se a seguir os impulsos do coração; se dissemos mais do Ipanema e do seu benemerito engenheiro do que desejavam saber os leitores, desculpa mercede quem crê em consciencia que commetteria uma grande injustiça e quasi uma impiedade, se tivesse tratado de ser menos extenso neste assumpto, que diz respeito ao seu progenitor, e até ao logar do seu nascimento."

O que houve de mais pathetico na fecundissima existencia de Porto Seguro foi o amor que consagrou á patria. Não se limitou a nascer no Brazil; conquistou com ardor a qualidade de brasileiro. O seu esclarecido patriotismo alargava-se a toda a America, conforme bellamente demonstrou por occasião do conflicto hispano-chileno, remota e extranha consequencia da independencia do Perú.

Negaram-se os portos do Chile a fornecer carvão á esquadra hespanhola do Pacifico. A uma insolente intimativa do almirante Pareja, o Chile respondeu com a declaração de guerra, saudada pelo enthusiasmo do povo. Interveio baldadamente o corpo diplomatico. Varnhagen associou-se aos seus collegas, declarando que o fazia em favor da paz e em defesa dos direitos da civilização moderna, apesar dos sentimentos que nutria pela Hes-

(1) V. Cartas de Varnhagen a J. C. Rodrigues — Rev. Inst. Hist. de S. Paulo, vol. XIII.

panha, onde residira durante onze annos. O que se discutia era o caso novo em lei internacional de ser apresentado um *ultimatum* antes de entabladas quaesquer negociações. A nota em questão foi desapprovada pelo nosso governo. Na opinião de Oliveira Lima, esta attitude de Varnhagen honra o seu espirito de justiça, confirma a sua independencia de character e lança viva luz sobre o seu americanismo.

ARMANDO PRADO.



UM INFORMANTE DO IMPERADOR PEDRO II

Pouco tempo depois da quêda da monarchia brasileira, o governo republicano resolveu installar o Museu Nacional na velha Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro.

Muita coisa que D. Pedro em 89 deixára no antigo solar, sua morada predilecta ao que supponho, desapareceu nas primeiras horas da republica; seja por culpa de alguns furtos irremediáveis em momentos incertos e tumultuosos, seja por destruição voluntaria e provada, tambem insustavel nos lances paroxísticos de paixão politica.

Outros restos do imperio, que a relha dos historiadores ainda não trouxe á superficie, alguns com fragrancia de reliquia tradicional, existem hoje no Museu. Na sua maior parte são peças que a gente solarenga não pôde incluir nas bagagens do velho imperador, nos apertos da occasião.

Retratos de familia, livros de horas da imperatriz, cartas e outros papeis, alguns apparatus de physica, vasos, peças de um jogo de xadrez, que vem de Pedro I, e a propria cadeira do throno, foram reunidos em 1912 numa sala onde fiz dispor todo o material existente relativo á historia do Brasil.

Não um só, senão muitos desses restos merecem uma noticia; esse de que vou tratar me pareceu digno de ser divulgado. Mesmo porque é uma obra d'arte ainda não publicada, ao que penso. E deve ter sido uma utilissima informante, muda e segura, do ultimo imperador.

* * *

Em 12 de Dezembro de 1853 Luiz Aleixo Boulanger offereceu a D. Pedro um "*Mappa Sinoptico de Notabilidades do Brasil*,

com a Constituição e Ephemerides Nacionaes". Trata-se aqui deste mappa.

Elle evoca os trabalhos de calligraphia microscopica que se tornaram celebres em todos os tempos, a partir da codice da Iliada que segundo Plinio fôra escripto num pergaminho capaz de ser fechado numa casca de noz; lembra os pacientissimos trabalhos dos illuminadores beneditinos da idade media.

O mappa era protegido por um disco de vidro; formava uma pequena mesa informadora que o imperador podia fazer girar a seu gosto, pondo debaixo dos olhos o sector onde se encontrasse a informação necessaria em um momento dado. Toda a vida politica e administrativa do imperio, de 1822 a 1853, alli está, expressa nos differentes nomes e nas diversas datas.

Si era preciso saber qual fôra o ministro da justiça em 1826, bastava ao chefe do estado correr o dedo sobre a superficie da sua fiel informante.

No sector dos ministros da Justiça, desde 3 de Julho de 1822, encontrava o que queria:

— 21 de Janeiro de 1826... Visconde de Caravellas.

Si desejava saber a data da nomeação dos ministros do Supremo Tribunal a pequena mesa logo o satisfazia, rezando nas suas letras minusculas do nome de todos elles, desde José Albano Fragoso, nomeado a 18 de Setembro de 1828.

— Qual foi o nosso primeiro representante diplomatico nos Estados Unidos da America?

— José Silvestre Rabello, nomeado a 21 de Janeiro de 1824, diz o mappa sem delongas.

* * *

O trabalho de Boulanger foi escripto em letras tão pequenas que, mesmo augmentadas seis vezes, ainda são lidas com difficuldade. O mappa tem a fórma de um disco de 0,556 millim. de diametro. Hoje está amarellecido e manchado. A calligraphia é admiravel, ainda assim pequenina. As suas informações, Boulanger as traçou com segurança. Todos os pontos que conferi foram encontrados exactos.

No centro do mappa vê-se a corôa imperial e as insignias das ordens honorificas com que a monarchia alegrava seus servidores. Os nomes dos imperantes e as datas dos nascimentos e casamentos de seus cognatos, lá estão na integra. Assim, a princeza

Izabel, a redemptora immortal da gente escrava, que infelizmente não tem recebido dos brasileiros o culto que a patria republicana lhe deve, nasceu a 29 de Julho de 1846.

A Pedro I foi reservado um logar especial, como "Fundador do Imperio".

Ao redor do nucleo central onde se acha grupada toda a familia imperial, ha tres zonas circulares concentricas.

A primeira é occupada pela Constituição do Imperio, datada de 1823.

E, a despeito de estar escripta em letras miudinhas, o imperador tinha sempre sobre a sua mesa, e diante de seus olhos, dest'arte, a pauta do seu governo e garantia de seus subditos. A microscopica edição, ao que affirmam, nem por ser humilde, era menos respeitada; de outras constituições ha noticias que, nunca reduzidas a tal limite, nem por isso se cumpriram com rigor...

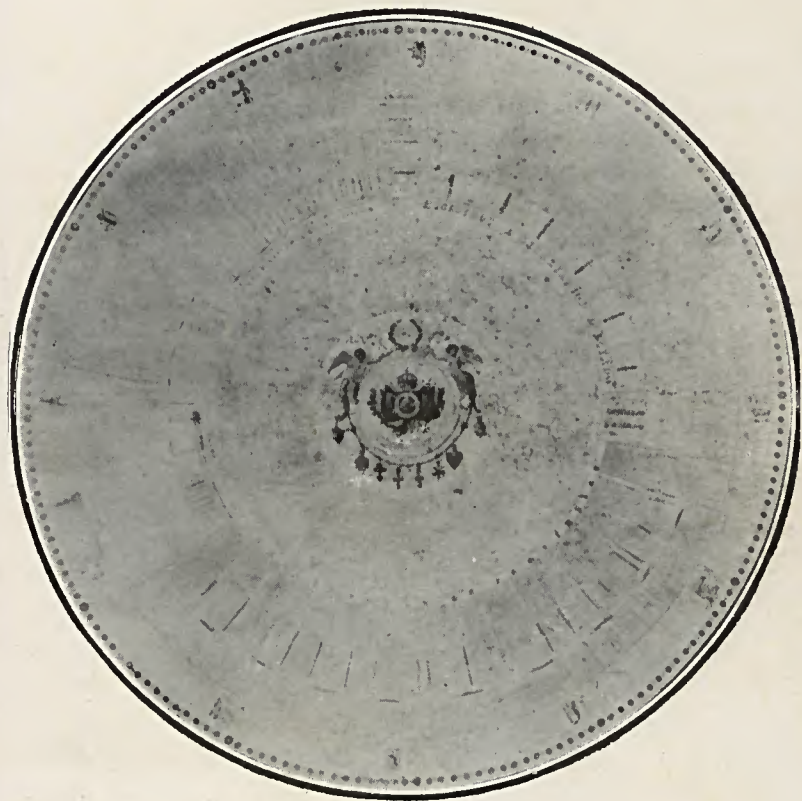
A segunda zona está dividida em sectores onde se encontram dados historicos sobre as Regencias, os Ministros, o Conselho de Estado, os Presidentes de Provincia, os Senadores do Imperio, os Officiaes Generaes, os Arcebispos e Bispos, o Supremo Tribunal de Justiça, o Corpo Diplomatico, de 1822 á 53.

A ultima zona é ainda mais interessante. Comprehende um calendario de ephemerides, composto com euperior criterio. Acharam agasalho nelle, factos de fundamental importancia para a historia da nossa cultura.

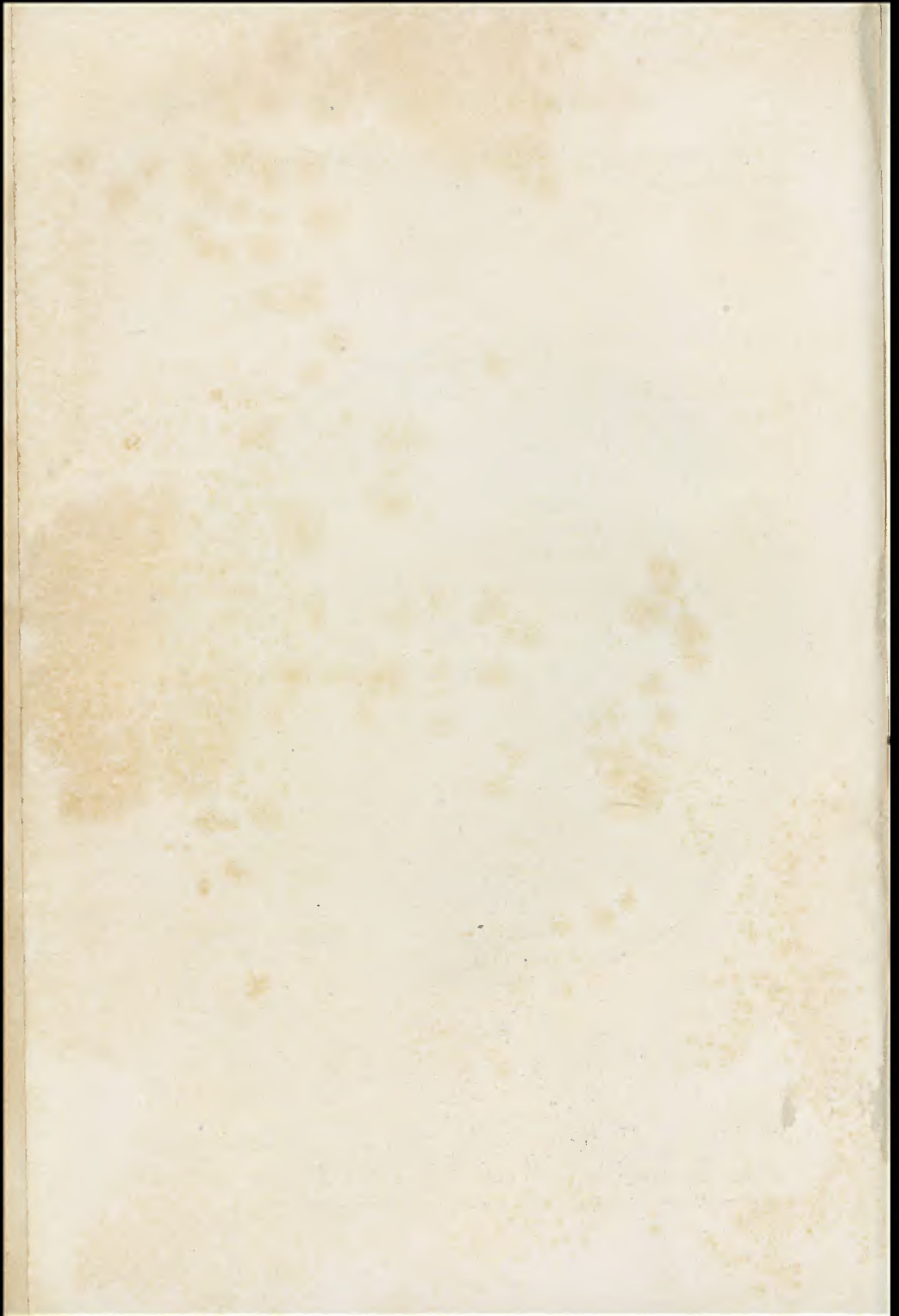
Assim, para exemplo sómente:

- 20 de Janeiro de 1699 — Creação dos Capitães-móres no Sertão do Brasil.
- 25 de Janeiro de 1663 — Principia no Brasil o estabelecimento do correio, decretado ha muitos annos.
- 28 de Janeiro de 1808 — Decreto franqueando os portos do Brasil ás nações estrangeiras. (Sic).
- 21 de Fevereiro de 1720 — He destacado da Capitania de S. Paulo o districto de Minas que no dia 2 de Dezembro é elevado á categoria de Capitania de Minas Geraes.
- 25 de Fevereiro de 1727 — Creação da Provincia do Rio Grande do Sul.
- 1 de Março de 1820 — Decreto concedendo a liberdade de imprensa.
- 6 de Junho de 1818 — Crêa-se um Museu Nacional no Rio de Janeiro.

MAPPA SINOPTICO DE NOTABILIDADES
DO BRASIL



(REPRODUÇÃO DO MAPPA, FEITO POR LUIZ BOULANGER E
OFFERECIDO A D. PEDRO II, COM TODAS
AS INFORMAÇÕES NECESSARIAS SOBRE A
VIDA POLITICA DO IMPERIO DE 1822 A 1853)



E, para não transcrever aqui as mais indicações desse curioso e utilissimo trabalho, é só bastante dizer que o artista insigne foi espalhando, pelos mezes a fora, os mais interessantes factos da nossa vida nacional.

* * *

Luiz Aleixo Boulanger era francez. Chegou aqui em 1829.

Em 1832 José Bonifacio de Andrada e Silva, José Bonifacio — o grande, o escolheu para mestre de seus pupillos reaes; e, sem duvida, essa escolha honrou mais ao professor do que a propria condição dos seus alumnos.

Porque, ter merecido que a preferencia de um sabio de tal póрте o distinguisse foi para Boulanger uma consagração.

Aos principes ensinou geographia e mostrou como se póde domar os dedos, para adaptal-os aos rigores da calligraphia. Nem se póde dizer que lhes ensinou essa arte primorosa, difficil e inutil; os manuscriptos de Pedro II demonstram que o esforço de Boulanger, nesse capitulo, foi perdido todo inteiro.

Depois, o imperador prestigiou seu mestre como elle o merecia.

Boulanger foi Escrivão da Nobreza do Imperio, e morreu socio do Instituto.

Traçava as cartas de nobreza e desenhava os brasões novos.

Entre outros escriptos, deixou um opusculo em que vulgarizou a concepção admiravel de Gall, sobre as funcções do encephalo. E, só por isso, já se póde vêr que intelligencia lucida era a de Luiz Aleixo.

Gastou a mancheias a sua vista, executando trabalhos a bico de penna, retratos e motivos heraldicos, de que o Instituto Historico possui uma grande collecção. Morreu cégo, em 24 de Julho de 1874.

* * *

Neshuma referencia existe a esta mesa historica, nem nos jornaes da época, nem nos autores que falam da obra de Boulanger.

Encommenda realisada a pedido de um rei que desejava andar sempre ao par da vida progressiva do seu estado, ou antes,

presente feito a um antigo discípulo estimado, o trabalho de Boulanger é uma maravilha de exactidão e harmonia.

Não é demais acreditar que a luz dos olhos do artista paciente foi em grande parte esfumada por tantas letras microscópicas, pequenas pedrinhas do edificio util e original que elle compoz com a historia do Brasil, para guia do seu rei...

E. ROQUETTE PINTO



A PROPOSITO DO “APRIORI” NA THEORIA CRITICISTA ⁽¹⁾

Em philosophia, pensar é um acto de criação. As sciencias levantam-se e se desenvolvem em torno de um certo numero de conceitos que ellas não formularam nem discutem: presuppõem-nos. Assim, os conceitos de phenomeno, de corpo e outros, muito embora através das sciencias se satisfaça, por economia, a clausula da “experiencia possivel”. A Philosophia nada recebe acabado, feito; tem que examinar os seus conceitos fundamentaes, discutir-os, formulal-os. A Sciencia nada indaga quanto ao seu objecto, amplitude, methodo; sente-se tolhida, predeterminada. A Philosophia começa por uma volta sobre si mesma. Ella propria é a sua primeira pergunta.

Sua solução não se busca, nem se realiza isoladamente, porém em concatenação intima com a que se der ao problema do pensamento.

Pensar e pensar fóra, livre de prenoções, eis a Philosophia.

Dahi, a necessidade primordial da critica do conhecimento. Os restantes problemas, comquanto offereçam, por certa face, perspectiva nova, são por aquelle dominados. “Resolver a situação do objecto e do sujeito equivale a antecipar sobre elles um juizo.” E’ a dose inevitavel de Metaphysica. Além disso, na Theoria do Conhecimento se estabelecem as bases do methodo, que leva fatalmente ao systema, já significando, por si só, uma tendencia do espirito.

(1) Literatura: Külpe, Messer, Natorp, Cohen, Stammler e Radbruch.

Razões são essas por que toda philosophia esbarrará em absurdos, si lhe não penetramos o espirito, isto é, aquella indicada concepção fundamental. Exemplo, a philosophia de Kant. Censores não faltam que lhe propalem o absurdo das idéas. Recuam ante as entidades que se enfileiram a tres de fundo, vãs, sem significação para a vida...

O calcanhar de Achilles é a lenda do *apriorismo*. E todo o merito do eminente pensador fica, a este geito, reduzido ao "forte de dar nomes novos" a velharias estereis. Contra malquerença tão grande, porfiam outros em dar á philosophia de Kant as côres fortes do Naturalismo e escolas mais ou menos positivas, pelo entender, neste sentido, a noção e o valôr da experiencia. Não é menor a injustiça.

Bacon disse dos philosophos que uns são como as formigas; outros se assemelham á aranha, no intermino trabalho de tecer; e o verdadeiro philosopho tem, na sua actividade, alguma cousa da formiga e alguma cousa da aranha. E' como a abelha: reúne, digere, transforma. Kant é assim. Approximemo-nos do mestre.

I

O sol aquece a pedra. Primeiramente, uma intuição empirica: fóra de mim existe alguma cousa, um multiplo, um x , que affecta a minha sensibilidade. Neste momento o x equivale a mero phenomeno (*Erscheinung*). Este é, porém, colhido pela "unidade synthetica" (unidade synthetica da consciencia) e recebe através das categorias seu significado, torna-se preciso. Conheço a relação entre a pedra e o sol, isto é, sei que o sol aquece a pedra. Tenho, mercê da categoria de causalidade, formulado um conceito. No primeiro momento, realisa-se a ordenação do x no espaço e no tempo; no segundo, o meu conhecimento se realisa, pelo estabelecer-se da relação, verifica-se o ordenamento dos dados da sensibilidade, segundo as categorias.

"A intuição sem o conceito é cega; o conceito sem a intuição, vasio". Espaço, tempo, categorias, não são, em summa, entidades, mas formas, "condições de experiencia possível". "Que com esta começa todo conhecimento, não pode haver duvida" (*Kritik d. r. Vernunft*, 47). Mas, si a materia do conhecimento nos é dada pela experiencia, através dos sentidos, a firma existe *a priori*.

Surge assim o problema, impertinente, ameaçando o rigor geometrico da construcção.

* * *

Segundo propalada noção de Kant, *apriori* é tudo o que no conhecimento independe da experiencia. Em vista de tal ensinamento, repetido, vezes sem conta, na "Critica", não se tem vacillado em attribuir o *apriori* ao sujeito, em ligar-lhe, por esta attribuição, caracter de subjectividade. Entre nós, no Brasil, esta interpretação constitúe o ponto fundamental da critica contra Kant. Para os nossos philosophos (assim para os muito illustres como para os que lêm mal e soletrado), esse *apriori* é synonymo de innato, de idéa innata. Sendo isso, applicam-lhe a famosa diatribe de Locke. Por milagre de semelhante critica, passa o sistema de Kant ao imprestavel ponto de vista do Racionalismo, que elle suppoz haver sobrepujado. Mas entre o principio de identidade de Leibniz, de resto em si mesmo contradictorio, e o *apriori* de Kant, não ha vislumbração ponto de contacto. Mesmo anteriormente a Kant, a subjectividade das "formas" já não correspondia inteiramente a conceito ingenito. As *ideae innatae* de Descartes significam apenas, nos termos de sua expressa declaração — simples, mera capacidade do espirito á mercê de posterior desenvolvimento.

De que *apriori* independe de experiencia, não se segue, tambem para Kant, seja elle innato, preexistente, uma fôrma encravada no intellecto. Contra, falam espirito e letra de sua philosophia. Sua attitude é inequivoca:

"De maneira nenhuma admite a "Critica" representações preformadas ou innatas; todas, em conjuncto, pertençam á Intuição ou aos conceitos do Entendimento, ella (a "Critica") as tem como adquiridas" (Kleinere Schriften zur Logik und Metaphysik, 3e. Abt., pag. 43).

Claro como o sol ao pino do meio dia! Mas o erro é logicamente continuo, sob os multiplos disfarces de suas transformações. O absurdo revive na interpretação do Phenomenalismo.

* * *

As formas aprioristicas existem em nós, explicam taes interpretes, em estado potencial, como funcção do espirito, uma organização espirital, segundo a qual o sujeito reage ás im-



pressões do mundo externo. O forte de Kant não era dar nomes novos a idéas de uso commum. Não é, por este motivo difficil ao Phenomenalismo, o harmonisar-se com a letra da philosophia de Kant. Prova. "E' indispensavel, em todo caso, disse o philosopho, exista, no sujeito, uma base que determine o modo de se realisarem as representações, excluindo sempre possibilidade contraria... e esta base, ao menos, é innata". Outras vezes, repete-se, por entre a deducção das formas, a opinião de que ellas são a maneira por que o espirito reage á impressão do mundo exterior. Desta altura, a philosophia de Kant é uma contradicção. O sujeito eleva-se ao primado, condiciona o dado da experiencia, condiciona o objecto. Desfaz-se, como as sabidas bôlhas de sabão, a correlação entre ambos. Metaphysica de sabor antigo. Outro argumento. Para os que interpretam Kant em sentido phenomenalista, só a presente noção de *apriori* se concilia com o pensamento da "cousa em si". Mais um enxerto na interpretação de Kant. Com a significação de um substracto inacessivel ao conhecimento, suporte do que se pode conhecer, a "cousa em si" é uma criação dos interpretes. Quando ella não tem, na Critica, um mero significado didactico, deve ser entendida apenas como alvo do conhecimento, instavel, impossivel de fixar-se.

Tanto resulta da minuciosa analyse de Cohen. Ademais, não me é permittido affirmar aquelle *substractum*, si o declaro, preliminarmente, inacessivel ao meu conhecimento...

O Phenomenalismo, na philosophia de Kant, é uma tormenta a vencer. Não vencida, poderíamos dizer do Kantismo o que seu fundador disse da escola de Wolf: almofada de dormir.

II

O Criticismo precisa partir do pensamento e desmontal-o, peça por peça. Está no seu methodo. Pensar e conhecer são, em toda linha, synonymos. Não está na letra, mas no espirito do Kantismo. Conhecimento com exclusão do *pensar* devia, antes de tudo, ser expresso sem sentido, si quizesse escapar ao perigo de ser pensado. Tambem o dado da percepção, si é conhecimento, não o é senão através do *pensar*. Conhecer é, pois, pensar. Mas conhecer tem mais extensão. Pensar é a miniatura delle: trechos para a totalidade do caminho, disse-o Natorp. Neste caso, as leis fundamentaes do pensamento são, por igual, as normas, se-

gundo as quaes nos é dado conhecer alguma cousa. Pensar é, inquestionavelmente, uma forma de consciencia. Analysando-a, temos: o *x*, o *Eu* e a *determinação*, que é o significado da relação de um para outro. Em torno do schema, a velha e sempre renovada questão do sujeito e do objecto. Neste ponto, a philosophia de Kant deixa passagem a qualquer das duas hypotheses, si não fôr entendida no sentido estrictamente transcendental. Dois nomes apenas (que nomes sem conta poderia eitar) provam o aserto: Hegel e Goering...

Conhecimento é um processo, *procedere*; sujeito e objecto, duas faces d'elle. Nesta determinação é inutil procurar o elemento anterior, porque ella presuppõe a existencia correlata de ambos.

Si eu affirmo a existencia de um delles, conheço-o, e, no meu conhecimento, os dois elementos são eorrelatos. Si assim não é, conheço antes de pensar, isto é, de conhecer. Um absurdo. O pensamento é a condição do objecto e é por este reciprocamente condicionado. Igualmente, a *materia* e a *forma*. "Forma é a forma da materia; a materia, materia da forma". A correlação kantiana permanece. Não ha precedencia, os dois elementos coexistem: o *apriori* é um presupposto fundamental. Quero dizer: o conceito *a priori* é eoncomitantemente pensado com o conceito que aeaba de formar-se. Conceito *a priori* não se refere ou applica senão a conceitos.

Exemplo: o conceito corpo presuppõe os conceitos espaço e substancia; o conceito occorrenca, o de eausalidade. São eoncomitantemente pensados. Assim tambem no mundo juridico: sujeito e objecto de direito presuppõem o conceito de *querer*, de vontade; o conceito de inviolabilidade é o *a priori* de injuridico. O dilemma estabelecido para a *Idéa*, vale sem a minima discrepancia de uma linha, quanto ao *apriori*, em geral: si elle não é innato, só pelo proprio acto do conhecimento pode ser explicado (Kant, Prolegomena, § 43).

Talvez unicamente esta seja a solução possivel. O methodo predeterminou-a. Porque, para o methodo critico, importa exclusivamente considerar, decompor o *pensar* em seus pontos, definir as direcções no *processus de determinação*. Emquanto o methodo genetico se entrega ás fadigas da pesquisa historica, buscando, de taba em taba, não raro na psyche dos animaes inferiores, a trama de conhecer humano, o methodo critico se apegá, sem phan-

tasia nem embuste, ao que no pensar é relevante: a estrutura e a estrutura do pensamento actual, em direcção para o futuro.

Ao methodo deve Kant a aureola de Copernico da Philosophia. Por elle se renova o transcendentalismo e se renova para melhor. Perdeu a symetria e certas subtilezas arbitrarías. Está na sua essencia, porque o conhecimento é um *procedere*, um *fieri*, no seu eterno perguntar. E as philosophias valem, sobretudo, pelas perguntas que levantam.

FLORIVALDO LINHARES



EDUARDO PRADO E SEUS AMIGOS

(CARTAS INÉDITAS)

I

É sempre instructiva a correspondencia dos grandes homens — como a de toda a gente. Expansão intima e natural de almas que se abrem para outras, como jardins secretos, na ternura das confidencias, ella vale por um precioso documento psychologico; exercicio literario de informações, com rendilhados de phrase e rebusca de effeitos, mais ou menos endereçada a todo o mundo, ella tem, ainda assim, a frescura, a vivacidade e o pitoresco de um depoimento pessoal, apanhado em flagrante, sobre os individuos e as coisas da época. Insignificante ou valiosa, ella retrata sempre, ora bem, ora mal, no coração e no espirito ou em ambos, a pessoa que a escreveu e, não raro tambem, as pessoas de que trata.

Se, ás vezes, não se lhe percebem nas phrases as pulsações de um coração, o espirito, entretanto, nunca deixa de lhe imprimir aos períodos a sua marca inconfundivel. Póde não ser uma fresta por onde o olhar surprehenda o segredo de uma alma, mas é, quasi sempre, uma janella por onde se pode admirar a chamma de um espirito e calcular a força de um character.

Onde quadro mais vivo de uma sociedade brilhante e espelho mais fiel de um espirito encantador do que na correspondencia de Mme. Sevigné, tão movimentada e tão colorida?



A correspondência de Mlle. Lespinasse, ardente como uma lava, rasga, em fulgurações de dôr, o mysterio de uma grande alma como o não faria nunca uma academia inteira de psychologos profissionaes. Voltaire e Frederico o Grande, na correspondência que trocaram e que é um gigantesco prelio de bajulação mutua em que o principe real dominou talvez o poeta cortezão — deixaram eternamente impressos, o primeiro, o deslumbramento infantil de um collegial que se acamarada com um filho de rei e o segundo, a alegria transbordante de um plumitivo bisonho que apanha de escriptor glorioso uma rajada de elogios.

Historia nenhuma dá impressão tão nitida do que era, por exemplo, o Senado romano na época de Cicero como dão as cartas do celebre orador. O resumo de uma sessão feito em uma dellas é um desenho de tal precisão de traços e de tal intensidade de eôres que raros historiadores logriariam fazer igual. Impressiona e instrue.

Sente-se, vê-se, através das phrases rapidas do orador ainda a offegar da batalha, o movimento tumultuoso, a agitação tempestuosa da multidão excitada pelas manobras das fações em lucta, ouvem-se, eruzando-se no ar, as inveativas tremendas dos senadores, uns contra os outros, os apartes, as allusões ferinas, as ameaças, os insultos, a explosão escandalosa de interesses pequeninos e de odiosinhos sopitados e verifica-se, maravilhado, que essa enehente de insolencias, de grosserias e de baixezas que inunda e enxovalha a vida de quasi todos os parlamentos modernos é apenas a sobrevivencia de uma tradição que os romanos nos legaram...

Mais instruetiva é ainda a correspondencia do terrivel inimigo de Verres e de Antonio não que toea á sua propria individualidade. Conhecemos todos o orador e o politico aureolado pelo fulgor das maiores victorias tribunicias de que ha registro na historia dos povos civilizados. Poucos saberão, entretanto, que aquella grandeza toda mergulhava as raizes na terra fôfa de uma vaidade immensa e que os destinos de Roma estiveram, muitas vezes, na dependencia de um elogio ao consul que domou Catilina... Sabem-no, porém, os que já leram a sua correspondencia. Vê-se nas suas cartas o grande homem descer do pedestal depôr a aureola a um canto, sobre um tamborete, despir a purpura consular, pendural-a a um cabide, e, reduzido ao tamanho e ao feitio de outros homens, apparecer na



CARTA DE EÇA DE QUEIROZ A EDUARDO PRADO

Consulado
de
Portugal

Particular

Paris 4 Julho
1898

Meu caro Prado

É provável que N
hoje não vá a Vandy.
e é provável que eu
continue a esquecer-me
cum me tendo esquecido
todo este dia de lhe
fazer um pedido.

Vr. muito português,
que passa por ser muito

brilhante (nunca se
 da sua arte) vai para
 S. Paulo, no dia 28 de
 Julho, e quer fazer
 o seu reconhecimento
 para que N.º patris.
 que sim pouco, grand
 culiva em seu domínio
 Se vai para sair
 a sua artista que
 se chama Ribeiro com

singeleza prosaica dos trajos caseiros, o corpo e a alma á fres-
 ca. E não é com pequena surpresa e pouca lastima que se
 apanha, de repente, ao dobrar uma pagina, aquelle genio do ver-
 bo, ajoelhado aos pés de um historiadorzinho qualquer da época
 a implorar-lhe que escreva a historia do seu consulado e da conju-
 ração de Catilina e a supplicar-lhe que o elogie, que o elogie muito,
 que o elogie sem reservas, ainda mesmo que tenha para isso
 de embellezar os acontecimentos, de violar as leis da histo-

carta d'apresentação
 que elle lhe levará
 a Nhe de Rivoli &
 escrevo. Me esta para
 o presente, e para que
 V. lhe faça um
 bom agasalho.

De C
 Jurey

ria e de afastar-se das fronteiras da Verdade... Cuidasse logo da sua gloria se não elle, que alli estava aos seus pés, seria obrigado a fazel-o com a sua propria penna e isso havia de ser desagradavel porque, se a censura é difficil contra si mesmo, a modestia não permite que a gente a si propria se elogie... Não! A historia dos seus actos precisava ser escripta. O seu consulado não havia de ficar sem elogio e o seu nome não havia de morrer sem um clarão de gloria...

Sou por isso um ledor soffrego de correspondencias de toda

a ordem, inclusive de *Memórias*. A *Memoria* é uma especie de correspondencia seereta destinada á posteridade e ou porque é seereta ou porque tem um destinatario desconhecido, conserva um sabor picante que na correspondencia commum, com raras excepções e entre estas podem contar-se a correspondencia de Mirabeau e parte da de Voltaire, não é facil encontrar-se.

Uma das minhas queixas intimas é a pobreza, em nossa literatura, de produções dessa natureza. *Memorias* por assim dizer não existem e cartas, a não ser as do padre Vicira e do cavalheiro d'Oliveira, que formam as duas colleções mais ricas que até hoje se reuniram, ou andam esquecidas nos archivos publicos e nas gavetas particulares ou correm mundo aos fragmentos, sem ordem e sem revisão.

II

Dito isto não preciso explicar a minha satisfação quando, ha poucos dias, um velho amigo, Edmundo Navarro de Andrade, pôde eumprir antiga promessa de me franquear a sua colleção de cartas autographas. Edmundo conviveu intimamente com Eduardo Prado e eu sabia que da vasta correspondencia que Eduardo manteve com meio mundo uma fracção importante estava com elle. Lá encontrei, de facto, cartas de Eça de Queiroz, de Guerra Junqueiro, de Maria Amalia, do conde d'Eu e até de Ed. Pailleron. Mas o que havia de mais precioso era uma série de cartas que Eduardo endereçou a uma senhora durante as suas viagens da mocidade. São annotações rapidas e concisas das impressões que lhe causavam as coisas e os homens que ia encontrando. Traçadas ás carreiras a bordo dos navios em que viajára ou nos quartos dos hotéis em que se deteve um minuto na sua marcha pelo mundo, essas cartas podem ainda hoje, trinta annos após á data que trazem, ser lidas com prazer.

Vou prevenindo, porém, que pouco adcantam para o conhecimento dos logares que o viajante percorreu. Não são nem um escriinio de reflexões, nem uma galeria de paisagens, nem um album de figuras. Valem pelos dados que offerecem para o estudo do escriptor e do homem. Deste ponto de vista, valem muito. Já se denuncia nellas o escriptor que mais tarde se havia de firmar pela simplicidade sempre elegante do seu estylo tão natural, e tão incisivo em que uma rara vivacidade de espirito



realçada pelo esmalte de uma malícia risonha e travessa, punha scintillações inesperadas.

Algumas dellas parecem, por assim dizer, o rascunho de paginas que hoje figuram nos volumes das *Viagens*. Confrontadas com o que está impresso attestam a fidelidade das narrações do volume e a facilidade com que Eduardo compunha os seus trabalhos. Foram escriptas visivelmente a correr e a expressão é nellas tão precisa como é no livro. Mostram que ao escriptor lhe saia quasi tudo de improviso, de um jacto, sem esforço apparente e que elle não era desses que perdem horas a enfeitar periodos, a limar phrases e a ensaiar vocabulos... Homem da ultima hora, como diz em uma das cartas, tem-se a impressão de que só escrevia tambem á ultima hora, quando o vapor se apparelhava para sahir, quando o criado chamava para o jantar ou quando o impressor reclamava originaes para a machina prestes a mover-se...

Isto explica a feição mais jornalística e pamphletaria do que artistica que a sua obra guardou a despeito do seu gosto, da sua cultura e da sua indole literaria.

A primeira das cartas, pela data, foi escripta de Roma. Não só pelo logar de origem como pelo tom zombeteiro e pela ironia maliciosa lembra um pouco as cartas do President des Brosses. Mas só por isso. No mais é enorme a differença que as separa.

Eis uma ligeira amostra: E' o delicioso perfil de um padre romano que negociava em medalhas:

“Minha senhora:

As minhas excursões em Roma que duram da manhan até á noite, não me têm impedido de consagrar alguns momentos ás diligencias numismaticas, ordenadas por V. Exa. e promettidas por mim.

Arranji o conhecimento de um prelado romano, monsignore C. T. Este senhor é um alegre e rotundo sujeito, rico, e que vive num palacio atopeitado de curiosidades e objectos de arte. Entre uns e outros está, como deve ser, comprehendida a numismatica. Por uma anomalia que parece ser natural, nos costumes italianos, o referido monsignore tambem vende exemplares das suas colleções depois de haver procurado convencer bem ao cliente do que não é negociante o do que entrega-se a este divertido passatempo como o pae do *Bourgeois Gentilhomme* que trocava panno por dinheiro para servir aos amigos. O monsignore mostrou-me toda a sua casa, inclusive o quarto de dormir onde notei duas depressões redondas no travessero.”

FRAGMENTOS DE UMA CARTA DE EDUARDO PRADO

Hôtel de Londres

15 Place d'Espagne

Rome

esta medalha entre as Malto-Portu-
-guesas. Monignon Taggiarco
em numero ~~sete~~ 8, sendo 4 de
Vilheva e 4 de Manoel Pinto.

Das 1.^{as} da', no seu catalogo os
seguintes preços — 1 de 50 francos —
1 de 300 francos e 2 de 150 francos.
Uma destas é a descrita por Lopes
Fernandes e a q^{ta} Monignon tem
actualmente como atraz referen.

Os preços que attribue ai de
Manoel Pinto são estes: 1 de 80
francos; duas de 85 e 1 de 25 francos.
Mandarei a V. S. o catalogo acima
como o endereço do Monenhon a

quem V. S. ... poderá dirigir-se
em qualquer tempo.

Esperando respeito de V. S.
tenho a honra de cumprimentar
com muitas saudades, de
agradabilíssima companhia
sua e dos seus. Parece
não augmentar esta minha
exclusivamente numismatici-
na dos outros notáveis do
que aqui tenho visto

De V. S.

C^{do} mto humilde

Eduardo Prado

Depois de prestar contas das diligencias que fizera para obter certa medalha pela qual muito se empenhava a senhora a quem se dirigia, Eduardo prosegue, com estas informações interessantes:

“Indaguei em seguida das medalhas cunhadas em commemoração da extincção da Companhia de Jesus. Monsignore e outro negociante a quem falei vão entrar em pesquisas. Monsignore T. falou-me de uma medalha do Padro Malagrida, que deve ser muito curiosa. E’ muito grande, tem o busto do celebre jesuita e de outros padres portuguezes, tambem jesuitas, com uma inscripção contumeliosa.

Esta medalha é desconhecida em Portugal, pelo menos do Lopes Fernandes. Monsignore disse-me que havia poucos dias vendera-a a um negociante de Milão por 200 francos e perguntou-me se eu queria que elle desfizesse o negocio em meu favor. Disse-lhe que ia sujeitar o caso á apreciação de V. Exa.”

Vem logo a seguir um trecho que revela a tenacidade com que Eduardo estudava e debatia as questões historicas por que se apaixonava e a familiaridade com que tratava certos assumptos de uma aridez patente :

“Está resolvida a celebre questão dos *Pintos*, prevalecendo a minha hypothese. Monsignore T. é autor de um livro de que offereceu-me um exemplar: *Le Monete e Medaglie della S. Ordine Gerosolimitano nella età moderna* (1530-1798). A Ordem de Malta teve como grão-mestres tres portuguezes, Luiz Mendes de Vasconcellos; D. Antonio de Vilhena e Manuel Pinto da Fonseca. Os grão-mestres como soberanos nos estados da Ordem tinham o privilegio de cunhar moeda e usavam delle. Vi no medalheiro T. ... moedas de ouro, prata e cobre desses grão-mestres, tendo as de Manuel Pinto da Fonseca, além da effigie deste, o seu cscudo com as tres meias luas. Estas moedas preciosas por si mesmas, estão comtudo fóra do quadro da collecção de V. Exa., pois não são moedas de Portugal. Não acontece o mesmo em relação ás medalhas. Lopes Fernandes descreve e comprehende como medalha referento a Portugal o admiravel medalhão do grão-mestre Vilhena, mandado cunhar em Malta para commemorar a erecção do forte Manuel, levantado em La Valleta pelo referido grão-mestre.”

Daqui por deante, até o final, a carta perde o seu interesse. De outra carta, escripta da Austria, destaco ainda um pequenino trecho para mostrar o devorador de livros que foi Eduardo :

“Por falar em mau tempo devo dizer-lhe quo, ha dous dias, o tempo é simplesmente horrivel aqui. Nem posso ao menos sahir ao ar livre. Fe-



lizmente recebi hontem dous grossos volumes, a correspondencia de Darwin, que me fornecerão leitura com certeza para uns quatro dias, isto é, metade do tempo que tenho ainda de passar aqui.”

Ler em quatro dias toda a correspondencia de Darwin não é proeza para qualquer.

Como a do President de Brosses, esta série de cartas de Eduardo sobre a sua excursão na Italia, série evidentemente truncada e incompleta, revela através da forma leve, na linguagem desataviada e concisa, que a caracteriza, o equilibrio de um espirito solido ao qual a aspereza de certos estudos não amedronta nem consegue alterar o fio á lamina de uma ironia mais brejeira que maldosa.

O que me parece extremamente curioso, nessas cartas, é o silencio absoluto que ellas guardam a respeito das ruinas e da arte do paiz. Eduardo é um apaixonado de coisas antigas e não tem, entretanto, uma só palavra para o passado de Roma. Dir-se-hia que elle percorreu aquella pagina viva da historia sem abrir os olhos.

A unica referencia que nellas se encontra á arte italiana é a seguinte:

“Veja só o que é viajar: eu estava crente de que a ceia de Leonardo da Vinci era um fresco num convento de Florença!”

Este sileneio foi talvez inteneional. Quem sabe Eduardo quiz discretamente poupar á pessoa a quem se dirigia o flagello de uma dissertação tantas vezes e por tanta gente renovada?... Mas ainda assim não posso comprehender como, uma vez ou outra, não lhe escapou um grito, uma exclamação que trahisse o historiador e o artista.

III

A parte mais pittoresca e mais agradavel da correspondencia que tenho em mãos é a que descreve a segunda viagem de Eduar-



do Prado aos Estados Unidos. Principia por uma narrativa escripta logo ao partir da Europa, ao tocar em um dos pontos da Irlanda. Desenham-se nella alguns aspectos da vida de bordo:

“O vapor em que venho é o maior que tenho visto, as accomodações são magnificas e apezar de sermos 1.200 passageiros, não me parece máo o serviço. Luz electrica por toda a parte, graduavel durante toda a noite nos camarotes, campainhas, banhos, barbeiro, lojas de novidades, imprensa, etc., etc., tudo existe aqui nesta verdadeira cidade fluctuante. A quasi unanimidade dos passageiros é de norte-americanos voltando para a terra depois de um passeio na Europa; a inspecção rapida que tenho feito em menos de 24 horas me tem convencido de que não ha mais de meia duzia de gente de primeira ordem, embora todos sejam de 1.^a classe. O tempo hontem estava magnifico o o céu de Liverpool de uma limpidez clara que me fez lembrar o céu do Egypto; de bordo apenas via-se, sobre a cidade, uma banda pardacenta atravessada no horizonte; era a athmosphera encarvoada pelas innumeradas chaminés das fabricas.

Agora (10 horas da manhan) está choviscando e ha nevoeiro; o barometro do salão tem a ironia de marcar *Set fair!* Começo a ter mais uma prova de quanto é verdadeira a theoria do barão de Hubner: o frio é o inimigo que se deve combater em viagem.

Escrevo-lhe da bibliotheca do *City of Rome*; já corri os olhos pela estante. Romances inglezes e para variar romances americanos! Felizmente trago livros possiveis de ler e espero com elles effectuar toda a travessia. Ha aqui muita gente lendo grandes jornaes inglozes desdobrados, romances de capas de figuras e algumas moças em trajos quasi masculinos escrevendo cartas ou notas. Não imagina a quantidade o a variedade de ulsters e de bonets de viagem que ha aqui reunidos; ha uns amplos, outros apertados e pequenos, de xadrezes, miudos, de grandes listras multicores, claros, escuros, vermelhos, azues ou de um verde-amarello que sem lembrar o auriverde pendão, lembram Zola ou a palavra celebre de Waterloo. Por minha parte arvorei já um dos barretes da minha collecção. O meu arsenal de viagem vae funcionando assim, assim; ainda não estou bem acostumado aos aperfeiçoamentos das minhas malas, as molas resistem, as correas desatam-se e os cordeis enredam-se; felizmente tenho oito dias deante de mim (pois chego a Nova York no dia 12 de manhan) para, na confortavel largueza de um camarote de que sou o occupante unico, occupar-mo seriamente de um estudo que é indispensavel, para a boa ordem da minha longa viagem.

A estas horas está já V. Exa. installada no seu Schevening. Que inveja tenho eu de quem só tem do fazer estes curtos passeios que apenas são deslocções comparadas á monumental tolice que estou emprehendendo; desta vez não é um dente que arranco — vae toda a queixada.”

CARTA DE GUERRA JUNQUEIRO A EDUARDO PRADO

Caro amigo.

Depois de receber tua carta, uma carta em que
me tuas palavras que me inspiram mais coragem e
que me remetem novamente de volta aos meus estudos.

Dinheiro, porque não tenho dinheiro.

Os estudos finalmente desistirei, porque vou
melhor. Cheguei-me apenas o trabalho.
Por mais que a vida me dê a vontade de
deixar

Sobre tudo que me esqueci de um
apudalçado em Cristo Senhor Nosso? Invenção

Deixar tuas cartas ao Príncipe Louis a submissão.
Além de a respeito. Não foi ela que pode
deixar já os preparativos e trabalhos redondos
e o trabalho de sangue de Redemptor, com o
deixar de remanjar mais com a minha situação.

Deixar após tuas cartas, trabalho
de minha vida melhor e o trabalho me dá
até de 15 dias para a minha habitação
de Tenebris do Paris

Trabalhar a Paris d'Almeida, idem
de trabalho e trabalho.

Paris, Hotel de Paris 31

ant
ffunfunda

Pouco antes de chegar a Nova York, elle escreve de bordo, á mesma pessoa, outra carta ainda. Encontram-se nella scenas e episodios que, mais tarde, foram aproveitados no volume das *Viagens*. Vale a pena lê-la com o volume das *Viagens* aberto no ponto correspondente.

“Estam dizendo a bordo que chegamos amanha ás 5 horas da tarde a Nova York mas eu ponho a cousa lá pelas 8 horas e ainda me darei por muito feliz.

A viagem tem sido muito confortavel, com bom tempo e por isso ainda não funcionou a seringal de Pravaz.

Tenho passado todo o tempo a ler; é incrível a quantidade de cousas que tenho lido nestes oito dias em que não tenho talvez trocado cem palavras. Uma destas noites houve uma *lecture* por uma gordissima *Miss* ingleza a respeito da Terra Santa; contra a minha expectativa a oradora deitou o verbo falando com facundia, espirito e elegancia apesar de não dizer cousa alguma de novo. Houve tambem serviço religioso acompanhado de orgão; infelizmente as vozes dos cantores impediram-me de ouvir o orgão. No dia seguinte um conego (*canon*) protestante annunciou uma conferencia sobre as industrias da Irlanda. O orador era um typo muito ridiculo; pelo que disse viu-se que era proprietario de uma fabrica de manteiga no Tipperary e terminou a conferencia distribuindo prospectos da sua fabrica. E' um sujeito obeso e de um ridiculo acabado. Na manha seguinte appareceu no *saloon* uma engraçadissima caricatura do conferencista e feita pelo lapis de um artista incognito. Houve depois, julgue do meu desespero, um concerto de amadores. Imagine; mando-lhe o programma para memoria; o *chairman* deitou discurso e os artistas... não faz idéa dos sons ineditos e surprehendentes que emittiram.

Mando-lhe tambem um numero do *City of Rome Express*, jornal que se publica a bordo e que é tão som-graça como os leitores. Vae tambem o *Track Chart* com a marcha do vapor marcada dia por dia, o que é a unica distração de bordo. Ia-me esquecendo de que ha mais de 30 creanças!!!!

Hoje de manha estavamos ainda a 500 milhas de Nova York e appareceu-nos o barco do piloto; os pilotos de Nova York sahem a tres ou quatro dias da costa ao encontro dos vapores. Pareco que houve muitas apostas entre os americanos sobre o numero do piloto — quando o barco chegou perto viu-se — 16 — em grandes letras pretas na vela grande. Havia tres dias que estava no alto mar e trouxe jornaes até o dia 3 ou 4 de Agosto; jornaes de Nova York que nada adeantaram.”

Alguns dias depois, seguia outra carta, agora já de Chicago, com as suas impressões da terra. O tom alegre, communicativo e

ligeiro accentua-se ainda mais e attenúa, dando-lhe uma feição interessante, a superficialidade das observações.

“Escrevo-lhe, minha senhora, com o fim de dar-lhe algumas noticias minhas. Interrompi hoje aqui a viagem transeontinental para ter uma noite de descanso. Não pode imaginar nem de longe o calor que soffri em New-York durante a viagem. Não lhe falo de New York; todo o tempo que não consagrei a diligencias relativas á viagem passei bebendo agua gelada ou tomando banhos quentes. Raspei toda a barba e cortei o cabello rentissimo; fiquei um melão, mas apezar disso soffro muito com o calor horrivel que ainda continúa. Para mal de peccados o expresso do Eric Lake & West que tomei hontem á tarde, é um trem endiabrado de 50 milhas por hora, cousa que nas pessimas estradas americanas produz um abalo e uma trepidação terriveis — bref — depois de ter escapado do Atlantico enjoei no trem com todos os *ff* e *rr*! Quanto á poeira só lhe digo que tive saudades de Pedro 2.º!

Eu não conhecia a Europa quando estive nos Estados Unidos pela primeira vez. A impressão que tive agora foi muito peor. Quasi que dou razão á Baroneza de Itajubá!

A minha viagem, ou antes a direcção da minha viagem, está muito comprometida. Em New York tive muito más noticias do cholera no Japão e isto confesso-lhe que esfriou-me muito. Em todo o caso disse-me o consul japonéz em New York que eu devia tomar informações com o seu collega de San Francisco. Estou resolvido, caso confirme-se a noticia da continuação do flagello, a embarcar para a Nova Zelandia, visitando em seguida a Australia, Java e a India, ficando de nenhum effeito a China e o Japão.

Chicago, como sabe, é a cidade mais brutal do mundo. Vim da estação para o hotel hontem á noite e agora pela manhan parto para outra estação; espero, graças ao fresco que trouxe a grande chuva que agora cahiu, poder continuar sem interrupção ao menos até Ogden, donde irci, em uma hora, dormir em Salt Lake City, na terra dos Mormons.

Estou na realidade extenuado com a viagem e ancioso para ver-me livre deste paiz que é uma fornalha e onde para abrir-se a bocca paga-se um dollar e outro para fechar-se. Decididamente o mundo é Paris.”

Eis as suas impressões de Salt Lake City:

“Emfim aqui estou hoje na capital dos Mormons. Muita mosca e muita breança é o que vejo — resultados do clima e da religião.

Quanto aos costumes aqui destas regiões do Far-West julguei não po-

der dar-lhe melhor informação senão a constante de um jornal que tive a honra de remetter-lhe de Deuver... Verá que toda a primeira pagina é de assassinatos, violencias, lynchamentos e outras bellezas. A viagem é muito fatigante, sobretudo no verão; é debalde: não ha beliche nem *sleeping-car* que substitua uma boa cama. Salt-Lake é uma cidadezinha bonita. Toda arborizada e irrigada no meio de um deserto, o seu aspecto é muito agradável. Somente, o elemento yankee invade-a cada vez mais e desaparece a antiga tranquillidade patriarchal dos Mormons. Coitados destes! O governo de Washington persegue-os agora sem piedade e em breve a polygamia não será mais do que uma legenda.

Estive em casa de um velho mormon, um dos doze apóstolos, que me offereceu gentilmente uma photographia do seu jardimzinho que elle cultivava com uma paz d'alma e uma tranquillidade invejáveis mesmo em Salerno. Para fazer contraste com essa photographia que envio-lhe vae uma outra representando o reverso da medalha.

Parto hoje á noite para San Francisco, onde estarei só depois de amanhã. Está um calor abrasador e o salão donde escrevo está opaco das horribes fumaradas dos cachimbos americanos. O melhor é deixar aqui este ruido e ir dar um passeio de carro. Sempre que ler a palavra *carro* pense logo num horror de dollars."

S. Francisco não o attráe:

"San Francisco é uma grande cidade muito aborrecida; não conheço pessoa alguma, já vi o que ha para ver-se e tenho passado horas da solidão a mais completa. Quasi que não saio do meu quarto de medo de pagar logo um dollar."

Uma das curiosidades do logar é a casa da Moeda. Foi vel-a:

"Visitei hontem a Casa da Moeda que passa por uma das melhores e maiores do mundo; vi muitos milhões de dollares em ouro e prata e a collecção numismatica, bem pobre e cheia de uma porção de moedas antigas, a maioria das quaes me pareceu falsa."

Aliás não é só S. Francisco; é o paiz inteiro que lhe não agrada.

“Não imagina como estou aborrecido dos Estados Unidos. Decididamente do mundo a Europa, da Europa a França, da França Paris, de Paris todo o perimetro do *pavé du bois!* Isto pensava eu hontem quando era horriavelmente sacudido num pessimo carro sobre a detestavel calçada de San Francisco ”

A sua viagem teve, por causa do cholera, de soffrer uma alteração no traçado. Em vez de ir á China e Japão, elle irá ás ilhas Sandwich ou Hawaii, á Nova Zelandia, á Australia, Java e India.

“Sinto muito não ver o Japão e a China, que provavelmente nunca terei occasião de visitar.”

Mas esse sentimento é compensado logo, no seu espirito, pela perspectiva de certos estudos que desvendam no viajante um fundo serio e utilitario que as apparencias da forma brincalhona não deixaram até então perceber.

“Pelo lado artistico, prosegue a carta, são dois paizes muito mais interessantes do que as prosperas colonias inglezas de Oceania, mas pelo lado pratico, economico e social ha nestas muito mais que aprender. Em Java o elemento pittoresco e archeologico, que é o da minha predilecção, offerece-se em grande escala á admiração ao lado da cultura do café que pretendo estudar comparativamente a do nosso café. Nenhum brasileiro percorreu ainda as plantações de café da grande colonia hollandeza.”

Os volumes das *Viagens* attestam a sinceridade do proposito. E é bom que o attestem porque, logo em seguida, o tom da carta nos põe novamente deante do *globe-trotter* espirituoso a quem os travesseiros de um leito ou a poeira de uma estrada parecem interessar mais que os aspectos de uma civilização e que o caracter de um povo.

“Confesso-lhe que estou resolvido a não emprehender só nenhuma outra viagem. Nem que para isso seja preciso um grande sacrificio. Irei talvez até ao ponto de casar-me.”

TRECHO DE UMA CARTA DO CONDE D'EU

Versailles, 20 de novembro
de 1891

S^{ra} Eduardo Prado

Aceuso o recebimento da
carta que me escreveu a
16 de corrente, e agradeço-
lhe a expressão das esperanças
que nutro em relação ao
futuro do Brasil.

As notícias continuam
com effecto muito confusas.

A estada em S. Francisco proporcionou a Eduardo Prado uma curiosa aventura, que talvez seja ignorada, pois não vem contada nas suas *Viagens*. Vale a pena ser conhecida. Trata-se de um duello.

Descansem: não houve mulher na questão. E' um duello branco. A narração, feita com um bom humor delicioso, é esta *charge* literaria:

Ainda que nos falte
qualquer meio de influir
na marcha dos negocios,
em acontecimentos
muito nos preocupamos
e entretecemos; pois a
conservação da integridade
do Brazil é' nosso maior
dezejo

Leiteiro de Leite

"A unica distracção que até agora tive foi esta: Encontrei no trem um rapaz francez que disse-me ter sido official do exercito e estar hoje estabelecido na California. Travamos conhecimento, embora o homem me parecesse de maneiras pouco delicadas. Hontem veiu visitar-me com um companheiro. A conversação cahiu sobre as escolas francezas e o tal official diz-me de repente falando da Escola Polytechnica de Paris — *Celle-là n'est pas pour des Brésiliens, il faut avoir une tête pour y entrer* —

Respondi-lhe: *Bah! les officiers prussiens s'en sont bien moqués!* e deixei sós na sala os meus dous francezes. Esta manhan apresenta-se aqui um outro francez, pedindo-me explicações e satisfações em nome de M. Roger. Respondi ao sujeito, de dentro de uma banheira, por detraz de um biombo (o que já tirou muito da solennidade do acto) que não dava explicação alguma a M. Roger, um desconhecido para mim, nem me bateria antes delle provar-me que não era desertor do exercito como eu suspeitava.

Terminei o meu banho e o francez foi-se embora. E até agora está o caso nesse ponto que, creio, será o ponto final."

E foi, de facto, o ponto final. Cartas posteriores mostram que o francez não deu mais signal de vida. Este episodio define bem o homem. Por traz do ironista despreoccupado mostra-nos inesperadamente o cavalheiro altivo que, sem apagar dos labios o sorriso perpetuo, sabia, quando necessario, pôr no lume vivo dos olhos acolhedores a faisca que mantem á distancia o adversario ousado.

De outra carta, que é a ultima escripta de S. Francisco, copio um trecho que se encontra nas *Viagens*. Parece-me muito mais expressivo que o que vem no livro. E' o seguinte:

"Uma das causas mais curiosas de San Francisco é o lugar d'onde pude trazer as duas algas. Chama-se Clipp House ou Seal Rock. E' uma ponta da costa junto a dous ilhotes de rochedos. Estes rochedos estam continuamente cobertos por uma multidão de uma especie de phocas ou de leões marinhos que fazem uma algazarra extravagante, pois o grito delles é um meio entre o latido do cão e a voz humana. A pelle dessas phocas emquanto humida parece negra e lustrosa; secca é fulva como a de um leão verdadeiro.

E' muito curioso o espectáculo daquelle rochedo *grouillant* de phocas e de *pingouins*. Quasi que não se vê a pedra; parece uma ilha animal".

Dez annos depois, escrevendo do Brejão a um rapazelho a que muito se affeiçoára, e que é o mesmo amigo a quem devemos



esta leitura, ainda é o mesmo homem simples e encantador que se comprazia em disfarçar a seriedade dos assumptos e a solennidade dos conselhos na graça ligeira de uma linguagem correntia e familiar a que um grãosinho de malicia nunca deixava de comunicar um gosto especial. Vejam lá:

“Meu Edmundo,

Estou muito arrependido de tel-o feito partir na segunda-feira porque tenho de ter aqui uma demora maior do que esperava e estes dias podia eu ter a V. aqui, no Brojão, onde, para mim, V. já faz muita falta.

Espero que tenha chegado bem a S. Paulo, com muito juizinho, bem comportado, bem lembrado dos meus conselhos e com um pouco de saudades minhas.

Somos conhecidos de ha tão pouco, mas penso que a novidade para as creanças, como V., dá a tudo uma certa graça.

Tenho pensado muito no quo se pode fazer de V. Creio que se poderá fazer alguma cousa menos má. Tudo depende de si mesmo. Em todo o caso, como meu projecto é do seu agrado, estou sempre convencido de que dove ir para uma carreira que lhe garanta uma vida no campo: ao ar livre, com muitas arvores, muito gado manso e verdura. Nada de literatices de cidade, que dão em deitar-se ás 5 horas da manhan, com muito máo estomago.

O curso da escola de Gembloux é de 3 annos. O preparo para a entrada poderá exigir um anno, pois V. está muito atrasado. Sendo assim, lá por 1899 poderá V. estar por aqui de volta, doutor em batatas, cousa que é muito mais interessante do que isto de leis, medicina ou engenharia. Se Deus quizer e V. não contrarial-o, creio que terei esse prazer então: o de receber o alumno de Gembloux muito entendido em queijos, forragons, manteigas, gado, etc., etc. Está claro que eu amo muito os meus bichos para sujeital-os aos tratos de calouro que V. lhes quererá dar. Servirá porém a sua sciencia agronomica para os cafés e para os bichos dos outros com proveito para si e com um pouco de alegria de que bem precisa o coração deste seu padrinho affectuoso,

Ed. Prado.”

Quem conhece o destinatario desta carta não pode deixar de admirar a segurança da visão psychologica de Eduardo Prado. E' admiravel tambem o senso pratico da vida em um homem que parecia tão afastado das coisas vulgares e a quem, filho mimoso da sorte, o problema da escolha de uma carreira devia ser alheio ou, pelo menos, indifferente.

Tenho ainda sobre a mesa, deante de mim, varias outras cartas do mesmo punho. Não vale a pena transcrevel-as ou commental-as. Nada adeantam, para o estudo do escriptor, ás que já foram transcriptas e commentadas.

IV

Devo agora, para encerrar esta breve inspecção ás cartas inéditas escriptas por Eduardo ou dirigidas a elle por outras pessoas e que constituem a riqueza da collecção de Edmundo Navarro, escolher dentre as que lhe foram endereçadas, algumas interessantes e significativas.

Seja a primeira, uma do proprio punho do conde d'Eu, enviada de Versailles em 20 de Novembro de 1891.

Essa carta tem um preço duplo: revela que o destinatario scube merecer a confiança do principe e denota da parte do principe uma nobre affeição pelo paiz, que, depois de o adoptar como filho, o exilou.

“Sr. Eduardo Prado,

Accuso o recebimento da carta que me escreveu a 16 do corrente e agradeço-lhe a expressão das esperanças que nutre em relação ao futuro do Brasil.

As noticias continuão com effeito muito confusas. Creio que a posição do Marechal Deodoro deve ser muito critica, uma vez que o levou a suspender a publicação da imprensa periodica, a prohibir a correspondencia telegraphica e até postal. Mas o que seguir-se-lhe-á?

Receio que o movimento que triumphou no Rio Grande do Sul, prolongando-se, venha a tomar feição separatista, apezar da opposição que os chefes militares devem, creio eu, fazer a esta idéa anti-patriotica. — Já se fala hoje de terem substituido a bandeira nacional, por outra, branca com globo encarnado! Ainda que nos falleça qualquer meio de influir na marcha dos negocios, esses acontecimentos muito nos preoccupam e entristecem; pois a conservação da integridade do Brasil é nosso maior desejo. — *Gastão de Orleans.*”

Seja a segunda, uma de Guerra Junqueiro. Simples e curiosa, ella trae a inteira camaradagem que entre ambos se estabeleceu e revela no poeta que escreveu os versos mais sonoros e

coruscantes da lingua portugueza e que a gente imagina pomposo como os seus poemas um homem singelo, affectuoso e chão.

“Caro amigo:

Chegou a receber ha mezes uma carta em que eu lhe pedia que me assignasse varios jornaes e que me remetteste variadas drogas homeopaticas? Duvido, porque não tive resposta.

As drogas felizmente dispenso-as, porque vou melhor. Assigne-me apenas o *Intransigent* por meio anno. E diga-me quanto lhe devo.

Suppõe talvez que me esqueci da sua afidalgação em Christo Senhor Nosso? Engana-se.

Escrevi ha dias ao Ramos Gomes a saber disso. Ahi vae a resposta. Verá por ella que pôde desde já ir preparando o borrãosinho redondo e vermelho do sangue do Redemptor, com que dentro de semanas marcará a roupa — estragando-a.

Estou aqui ha dois mezes quasi, tratando da viscera. Vae melhor. No entanto não irei antes de 15 dias para a piolheira babilonica do Terreiro do Paço.

Lembranças ao Barão d’Arinos, idem da Estrella e Paranhos. — Seu, G. Junqueiro. — Porto, Hotel de Paris, 31”.

Seja a ultima, de Eça de Queiroz. E’ a mais interessante de todas. O grande escriptor envia-lhe, em provas, o conhecido estudo que lhe consagrou na *Revista Moderna*, do sr. Martinho Botelho, e pede-lhe que o examine e que o emende.

Não é só a estreita, a doce, a terna amizade que um ao outro prendeu, até á morte, os dois escriptores que se reflecte nessa carta. E’ tambem, e sobretudo, a maneira de Eça comprehender e exercer o seu officio de artista. Sabe-se geralmente que, desgostoso sempre do que escrevia, não lhe era raro, nas provas dos seus trabalhos, refazel-os por inteiro. A carta é um testemunho disso. E’ testemunho tambem de que não differia muito, na correspondencia particular e no livro, o feitio do escriptor ou, por outra, de que se encontram nas suas cartas intimas os mesmos toques de fantasia e de bom humor, a mesma riqueza de côres e de vida que lhe deram ás obras o pittoresco e a força que as tornaram sem igual, em nossa lingua, como suggestão de idéas ou como representação do mundo exterior.

“Paris, 15 de Agosto 1898 — Querido Prado. — Antes de tudo o assumpto “Viagem”. Não posso ir, infelizmente! Tenho vinte e duas razões — mas só lhe dou as duas primeiras: o negocio da Serra, que não está decidido, não está adiado, e justamente neste momento reclama mais attenção e esforço; o negocio do *Ramires*, que os meus editores, muito prejudicados com as pavorosas demoras da *Cidade e Serras* e *Fradique*, me supplicam de findar, e rever, e ter preparado para livro, antes de elle passar todo na *Revista*. Se estes dous negocios, além dos outros vinte, tivessem uma leve tangente por onde eu me pudesse escapar, iria, amanha, já esta tarde, porque com o abafamento de Paris, e a solidão da casa e a extranha melancolia que se apoderou de mim, eu estava bem precisando de movimento, companhia d’amigo, e grande ar de montanha!

Mas quê! A libertação dos servos não se entendeu aos que trabalham nos chamados “campos da intellectualidade”; e de resto por todo o mundo cada vez ha mais escravos...

Agora, em quanto ao artigo. Foi uma derrota. Graças á indecente bosculagem do principio, e da qual Você *magna pars fuit*, eu metti á pressa por um caminho que trilhei, a gemer e a suar atravez da sua aridez, durante dez dias: e só ao fim é que descobri a fresca, risonha, assombreada vereda por onde devia ter vindo. Quer isto dizer em estylo menos asiatico que, em vez de fazer sobre Você um luminoso e agradável *tableau de genre*, fiz uma immensa, e tristonha e monotona *grisaille*, que inspira um incomparavel tedio. Ao ver nas provas a obra horrenda (porque não me deixaram sequer reler o original) decidi refazer o *trabalho todo* nas desgraçadas provas. E agora tinha largueza de tempo, porque depois da vertiginosa pressa, ou antes no meio della (!) o Botelho desapareceu, não sei para que vaga Suissa, e nunca mais tugio nem mugio. *Revista parada* — eu portanto com vagares... Refundi pois todo o monstro nas provas, mas debalde! Por mais desbastado e limado, e disfarçado, e ajanotado e *moucheté* de pequeninas e affectadas graças, o monstrengo ficou monstrengo. E’ o peor artigo de todos os meus artigos maus... E pensar que, se se tratasse d’um indifferente, talvez eu tivesse sido sublime!

Emfim ahi devem ir agora as segundas provas. Leia com resignação. E ao lado, a tinta azul, faça ao desvalido e indigente artigo, a esmola de alguma idéa, e até mesmo de algum adjectivo. Eu, depois, cá passarei esse hom metal para o meu cunho particular. Repare bem nas passagens que dizem respeito ao Brasil, Politica, etc.

E escreva. A Emilia e pequenos na Bourboule, onde estão bem, graças a Deus, e para onde tenho mandado os seus gritos de cima dos montes. Apresente os meus affectuosos respeitos á sra. D. Carolina, minha senhora, e para Você fraternal abraço ao seu do C. — *Queiros*”.

Estas cartas completam o estudo que se pôde fazer de Eduardo Prado com o fragmento de correspondencia que tivemos

á nossa disposição. Se as de Eduardo confirmam a impressão lisonjeira que já tínhamos do escriptor e do homem, as dos seus correspondentes ratificam essa impressão, mostrando, pelo carinhoso abandono das expansões, pelo tom geral de camaradagem e franqueza, que o escriptor era dignamente apreciado pelos seus mais illustres confrades e que o homem sabia conquistar a confiança e o coração dos amigos.

Isto basta para justificar a divulgação dessa correspondencia.

PLINIO BARRETO.



RESENHA DO MEZ

MONOLOGOS

Os necrologios... Vive uma pessoa, toda a sua vida, rodeada de adversarios sem conta, tintos dos varios matizes imaginaveis do odio. Ha as antipathias gratuitas, que são as mais communs e as mais temiveis. Ha os rancores provenientes de aggravos verdadeiros ou suppositos, directos ou indirectos. Ha as birras oriundas de diversidades do ideias e do incompatibilidades de temperamento. Ha as rivalidades asanhadas, as invejas vêsgas, os despeitos surdos, as ingratições mordedoras, as malevolencias mais absurdas, mais inexplicaveis, mais extranhas o mais disparatadas entre si pelas razões em que pretendem fundar-se, mas todas harmonizando-se á maravilha na mesma campanha de destruição. Ai! do nosso homem, se não consigo manter-se de pé! Ai! delle, se é apanhado de chôfre numa attitude falsa ou descuidosa, ahi por uma encruzilhada difficil da vida! E assim lhe correm os dias, sob uma atmospherá oppressora, entre ameaças, choques, aggressões, e hostilidades dissimuladas e fugitivas. A cada passo um obsta-

culo, a cada volta do caminho um assalto. A todo momento, como entre as brenhas habitadas do bugres, o sussurro distante dos inimigos invisiveis que o seguem, os olhos tórvos, a setta hervada na mão, torcendo-se por traz das arvores, ras-tejando no solo. E a propria agua que bebe e as flores que aspira contém insidias laboriosamente enge-nhadas... A principio o infeliz tenta lutar: mas reconhece que tem um objectivo a attender e que seria cruelmente estúpido não occupar a sua vida senão em defender-se e ag-gredir... Segue o seu caminho, compo-ndo uma mascara de serenidade e do resignação. E ás vezes, seja por predisposição natural, seja por esse offeito de auto-suggestão que faz que os sentimentos simulados tendam a tornar-se reaes, a essa mascara corresponde a realidade interior que ella visa exprimir. Mas, abaixo della, abaixo da resignação e da serenidade, mesmo reaes, mesmo profundamente reaes, abaixo da região illuminada dos sentimentos nitidamente divulgados pela consciencia, lá na zona obscura onde se agitam vagamente as forças do instinto e as operações da vida mysti-

ca, vai-se depositando a pouco e pouco, ultimo residuo de toda experiencia, uma sangrenta ironia absoluta, conjugada a um desejo nirvanico de absoluto anniquilamento. Um dia, enfim, o lutador cae. Então todos os adversarios que até á vespera procuravam á compita vêr qual delles seria mais feroz no ataque ou mais requintado na perfidia, dopõem os trabucos, escondem as navalhas, affixam um grande ar de melancolica superioridade, e vão depôr enormes ramalhetes e colossaes corôas do saudades sobre o corpo hirto e amarello onde já não arde a alma que envenenaram em vida. Então o morto resplandece de virtudes e qualidades que ao vivo se não quiz reconhecer para desconto dos seus defeitos e contrapeso á acção das odiosidades visceralmente calumniadoras. Oh! os necrologios... Esse bom e probo José Verissimo, que acaba de seguir para o primeiro e unico descanso, teve de certo algumas falhas, como critico, e praticou *necessariamente* algumas injustiças involuntarias. Em compensação, que nobre espirito! que honestidade intellectual e moral! e que correecção heroica na vida! Era o critico que, tendo embora a franqueza rude e o gracejo acidulado, nunca se preocupou com pessoas, nem quiz erigir os seus despeitos pessoases em assumptos dignos de prender a attenção do publico; que sempre disse, custasse o que custasse, o que lhe parecia a verdade, quando julgava util e conveniente que olla se dissesse. E era o homem particular que nunca soube tirar partido da sua illustração, do seu

talento nem do seu prestigio para se firmar solidamente na vida, e sempre se resignou, melhor, teimou em ser pobre, pobre como qualquer burocrata do segunda ou terceira ordem, pobre como todos os que não têm herança e não sabem preparal-a aos filhos com sacrificio da sua independencia e com a domesticação da sua altivez. Em summa: um character. Só agora lh'o reconhecem... Mas será certo que lh'o reconhecem?
— YORIK.

JOSÉ VERISSIMO

A *Revista do Brasil* teve a infelicidade, logo no inicio de sua carreira, de perder um dos seus colaboradores mais eminentes e um de seus amigos mais uteis: José Verissimo.



O illustre escriptor, que foi talvez o mais completo e mais equilibrado critico literario que o **Brasil** possuiu até hoje, devia honrar todos os numeros desta Revista com um estudo no genero daquelles que figuram nos seus volumes de *Homens e Coisas Brasileiras*. A perda desses trabalhos, grande para nós e para todos, vae ser irreparavel.

Ninguém exercia com maior autoridade, com mais competência e com tanta nobreza, entre nós, o duro mister de crítico do que José Verissimo. Profundamente ilustrado e integralmente honesto, a sua crítica era sempre uma sementeira de idéas, uma fonte de informações e uma obra de boa fé. A maledicência fútil das esquinas e dos cafés tentou descobrir intenções nequias e deficiências de espirito nas reservas com que, não raro, acolhia certas glorias que o nosso entusiasmo tropical frequentemente improvisa; mas o tempo encarregou-se de mostrar que onde apontavam debilidades de caracter e fraquezas intellectuaes só havia independência de juizo e segurança de criterio.

Afinal, passou de moda dizer mal do crítico e, hoje, poucos seriam os que lhe não acatassem a autoridade literaria e não lhe respeitassem a força moral.

A sua obra, que não é só de critica, pois abrange, além de outras coisas, o conto e a pedagogia, não pôde, porém, nem deve ser analysada nesta secção e neste momento. Sel-o-á, mais tarde e no logar apropriado, com a meditação que provoca e o carinho que merece. Aliás, Mario Alencar, já lhe consagra, neste mesmo numero da *Revista do Brasil*, um esplendido estudo.

Estas linhas, mais de noticia que de analyse, visam unicamente assinalar o conceito em que tinhamos o nosso eminente collaborador, accentuar a importancia que davamos aos seus conselhos e exprimir a dôr que a sua perda nos causa.

A biographia de José Verissimo foi por elle proprio traçada no *Dic-*

cionario Biographico da sra. Viscondessa de Cavalcante, em 25 de Julho de 1897. E' a seguinte:

"José Verissimo Dias de Mattos nasceu na colonia militar de Obidos, á margem esquerda do Amazonas, na antiga provincia, hoje Estado, do Pará, aos 8 de Abril de 1857.

Filho legitimo do dr. José Verissimo de Mattos, medico, e de d. Flora Dias de Mattos.

Iniciou os estudos primarios em Manaus, capital do Amazonas, completando-os em Belém, capital de Pará, em 1868. Em 69, seguiu para o Rio de Janeiro, onde estudou os preparatorios no internato do Collegio Pedro II, e no Collegio Victoria, matriculando-se na antiga Escola Central, nesse anno transformada em Escola Polytechnica.

Atacado de molestia grave, foi forçado a abandonar os estudos, e voltou ao Pará, em meados de 1876. Em 77, entrou para a redacção do "*Liberal do Pará*", onde escreveu folhetins, artigos de fundo e outros trabalhos.

Em 78, depois de ter sido, por alguns mezes, empregado de escriptorio da Companhia de Navegação do Amazonas, foi nomeado, mediante concurso, official da secretaria do governo do Pará, onde serviu até 83, tendo sido, nesse intervallo, promovido a chefe de secção.

Em 79 fundou a "*Gazeta do Norte*", jornal trimensal, liberal adeantado, que pouco durou.

Com a saúde de novo muito alterada, foi em 1880, á Europa, tratar-se.

Achando-se em Lisboa, por occasião do Congresso Literario Internacional, que alli se reuniu, naquelle anno, nelle tomou parte, tendo en-sejo de, por duas vezes, defender o Brasil.

E, principalmente os literatos bra-alleiros, de fazerem "a pirataria literaria", como alli se disse, apresentando uma memoria succinta, sobre o movimento literario no seu paiz, a qual foi publicada, com nu-

merosas incorrecções, no "compte rendu" do Congresso. Foi após o Congresso, condecorado com a comenda da Ordem de Christo.

Voltando ao Pará, fez parte, de 80 a 84, da redacção do "Diario do Grão-Pará", escrevendo artigos de fundo e occupando-se de questões de instrucção publica e de critica litteraria.

Fundou, em 1883, a "Revista Amazonica", que apenas durou um anno; promoveu a criação da Sociedade Parãense Promotora da Instrucção; fundou em 84 e dirigiu até 90 o Collegio Americano, onde, além de outras melhoras, estabeleceu, systematicamente, a educação physica, um curso completo de instrucção primaria integral, tentando, sem successo, e pela primeira vez na Provincia, a criação de um jardim de infancia, segundo o methodo de Froebel.

Convidado pela commissão organisadora do Congresso Anthropologico em Paris, e nomeado seu correspondente no Brasil, foi a Paris, em 1889, e lá tomou parte no 10.º Congresso de Anthropologia e Archeologia Pre-historica, no qual fez uma communicacão sobre o "Homem de Marajó e a antiga civilisacão amazonica". Na imprensa do Pará collaborou ainda na "Provincia do Pará", no "Commercio do Pará" e na "Republica".

Em 1890 foi nomeado director da Instrucção Publica do Estado do Pará, o encarregado pelo respectivo governador, dr. Justo Chermont, de organizar a reforma de todo esse ramo de serviço publico, o que fez.

Em 1891, veio para o Rio de Janeiro, onde em 1892, foi nomeado director do Externato do Gymnasio Nacional.

No Rio fez parte da redacção do "Jornal do Brasil" e collaborou na "Noticia", tendo em 1895 fundado a "Revista Brasileira" (13.ª deste nome), publicacão quinzenal no genero das grandes revistas europeas.

Tinha a comenda de Christo, de Portugal, pelo motivo declarado e era socio do Instituto Historico e

Geographico Brasileiro, da Sociedade de Ethnologia e Anthropologia de Florença e pertencia á Academia Brasileira de Letras.

Publicou as seguintes obras: "Primeiras Paginas", 1878, 1 vol.; "Emilio Littré", 1880, folheto; "Carlos Gomes", discurso, Pará, 1882, 1 folheto; "Scenas da Vida Amazonica", Lisboa, 1886, 1 vol.; "Estudos Brasileiros", 6 vols.; "A Educação Nacional", 1891, 1 vol.; "A Instrucção Publica no Estado do Pará", 1890, 1 vol.; "A Amazonia", 1892, 1 vol.; "A Pesca no Amazonas", 1895.

PORTUGAL-BRASIL O MENSARIO ATLANTIDA

Para defender e representar as aspirações e os interesses communs do Brasil e de Portugal iniciou-se em Lisboa, sob a direcção de João do Rio e João de Barros, a publicacão de um mensario artistico, litterario e social, sob o titulo de *Atlantida*.

São já publicados tres fasciculos em uma edição do mais distincto aspecto, cuja collaboracão define com evidencia o programma e garante o seu brilhante successo, no intuito de manifestar, em accordam da mais perfeita harmonia, a expansão intellectual dos dois povos.

Foi adrede escolhido o titulo desta revista, designacão grega que representa um dos mais antigos mythos geographicos, expressão lendaria de uma crença vaga, de povos e tempos protohistoricos, nesse famoso hemispherio occidental que se estendia para além do monte *Atlas*, onde era então o cabo do velho mundo, e onde repousava a abobada immensa do céu, com a infinidade deslumbrante dos seus astros.

Das glaucas profundezas do oceano resurge essa terra de mysterio, cuja lembrança apenas ficou na tradição oral dos egypcios e chaldeus, mas que a arte grega encarnou nas linhas esculpturaes dos seus mythos olympicos.

E resurge mais uma vez para unir ao novo o velho mundo, reunindo todo esse occidente da terra, por onde se expandiram as aspirações de uma raça forte, tão velha quanto a humanidade.

Houve quem localizasse nos archipelagos ibericos do Atlantico os ultimos vestigios desse paiz submergido. Será ainda ficção e méra hypothese geologica; não é, porém, duvidosa a sua realidade como marcos actuaes do periplo seguido pela epopeia argonautica dos iberos, em demanda do eldorádo occidental.

Os iberos teriam sido os atlantes da lenda e são os povoadores do novissimo continente da America latina.

A nova revista pretende ser organ dos atlantes de hoje, daquelles que são portuguezes e brasileiros, sem os separar ou distinguir nas manifestações da sua intellectualidade, como se ainda hoje povosassem em commum uma unica patria, essa *Atlantida* submersa, que não foi o eden da fabula egypcia, mas de verdade fluctuou sobre a superficie ondeante do oceano, por onde vaguearam os seus destinos.

Ao passo que em Lisboa se iniciava a *Atlantida*, organisava-se em S. Paulo a *Revista do Brasil*, que no mesmo pensamento de harmonia nacional convoca a collaboração de portuguezes como aquella de publicistas brasileiros.

Não pode haver mais completa concordancia no synchronismo destas iniciativas, que é impulsionado pela determinante das condições ethnicas e historicas em que se geraram as duas actuaes nações.

Qualquer das duas revistas tem nesta orientação culminante do seu programma a mesma visão final. Por vario que seja o plano literario ou artistico, a gloria do seu successo é commum e representa um esforço, uma energia potencial, que provém da recondita genése do povo, é expressão original da alma da raça; não ha systema social ou politico, dissensões ou luctas de interesses, que por completo a destruam.

Reapparecem de quando em vez na historia dos povos, como na historia da terra, movimentos de resurgimento das camadas inferiores que são o substracto da nacionalidade; modernamente reproduz-se este phenomeno, que é de concentração e defesa, de renascimnto das unidas ethnicas que compõem as nações. Em um artigo do 2.º fasciculo da *Atlantida* o sr. Victor Vianna define com singeleza e precisão esta tendencia actual, que cumpre acompanhar, para integração dos povos da mesma estirpe que falam a lingua portugueza. Não podia ter mais clara e expressiva apresentação a revista de Portugal-Brasil!

E cumprirá a observancia deste methodo tradicionalista não só em relação ás produções literarias e artisticas como tambem á constituição e gestão politica das republicas. E', pois, o auspicioso resurgimento da *Atlantida* que cordialmente saudamos; se porventura for um mytho ou illusão, que seja tambem crença e ideal. — R. S.

NACIONALISAÇÃO DA ARTE

A déa de nacionalismo anda agora em todos os espiritos. Esta mesma rovista, na sua pacifica missão civilizadora, é um fructo dessa idéa. Um dos aspectos mais interessantes que ella apresenta é o que diz respeito á literatura. Até que ponto será licito a um escriptor ou um artista, sem cahir em imitação ou perder o cunho nacional, até que ponto lhe será licito nutrir-se das idéas, da fórma, do estylo que lhe fornecem as artes e literaturas estrangeiras? Eis ahi uma difficil questão a que o sr. Affonso Arinos, occultando-se sob o velado pseudonymo de Gil Cassio, deu, ha annos, uma resposta brilhante.

Um jornal do Rio, a "Gazeta de Noticias", abriu um concurso literario. O sr. Affonso Arinos, ainda quasi desconhecido como escriptor, enviou-lhe um dos seus contos — a "Esteireira". O conto foi premiado. Mas alguém, que adoptou o supposto nome de Joaquim Alves, extranhou, entre outras cousas, em artigo publicado na "Gazeta", o character demasiado violento de certas scenas do conto, reputando-as incompatíveis com a índole do nosso povo. O sr. Arinos retrucou-lhe. E é desse artigo, verdadeira monographia sobre o assumpto, hoje completamente esquecido, que fazemos esto apanhado.

"Uma scena do sertão, diz o sr. Arinos, não é por certo uma partida de *cotillon*, delicada, comedida, escurreita, onde as casacas elegantes realçam a immaculada brancura dos peitilhos, e os seios tumidos das damas, barbaramente enjaulados nos corpetes de ruidoso setim, anciaam por um pouco de liberdade, na perseverante ondulação; nem aproveitou aos sertanejos o ensinamento da civilização de Roma, cuja lingua quasi desconhecem ainda nas rixas do poviléu e nas desenvolturas dos lupanares, os termos grosseiros, obscenos.

"Demais, quanta scena violenta ou inverosimil para muitos se en-

contra em obras immortaes? Que se dirá do final do "Hamlet"? Não será tambem inverosimil a paixão egoistica e despotica de Western por sua filha no glorioso "Tom Jones", do Henry Fielding? Por outro lado, quanta verdade não ha na inverosimilhança do anthropomorphismo da India, na alliança de Roma com o rei dos macacos, com o tetrarcha dos voadores, e mais este e aquelle bruto, para se fazer a conquista de Ceylão?

Quo diremos hoje das façanhas de Siegfredo, dos amores de Gunther nos Niebelungen, das proezas de Gaul nos *Poemas Gaelicos*? Se não houvesse verdade no meio desse vertice de idéas e de factos, não seriam obras literarias, não seriam monumentos da civilização de cada povo, porque quando a obra literaria não traduz um estado de alma, não reflecte um cyclo da vida de um povo ou não toma a natureza no facto, jamais será obra de arte, mas uma impostura de burlão.

"Quem sabo sentir e sabe dizer o quô sente, é escriptor, é artista. Assim, pois, a critica deve syndicar dessa harmonia, dessa concordancia no dizer com o sentir, ou, quando a obra literaria é antes objectiva, deve analysar se o facto observado o foi finalmente, por uma de suas faces, conforme a feição do temperamento ou a individualidade do artista.

"Fingir sentimentos ou não os ter vibrantes, energicos e originaes, leva o escriptor a imitar, haurindo seiva em fonte extranha, affeigoando-se a fórmas peregrinas, servindo-se dellas como "filhos ingratos ao primeiro leite", no expressivo dizer de Jacintho Freire".

Essa é, continua o sr. Arinos, a balda antiga de muitos dos nossos talentos. Fazem obra perfeita, não ha duvida. Mas simplesmente perfeita. Porque nellas, não só a fórma como o sentimento é extranho ao nosso meio. Um conto de Goncourt ou do Mendès, ainda que escripto em portuguez e publicado no Rio, será bello, mas não será literatura

nossa. E, como planta exótica, fugiria á missão social da arte. Isto não importa negação da influencia da literatura estrangeira. Fôra absurdo pretender a sua supressão. Mas admittindo-a, não quer dizer que se deva admittir uma fórmula litteraria não correspondente a nosso estado de civilização, a nosso genio, que seria uma fórmula postíça e portanto falsa. O escriptor é livre de tomar por objecto qualquer thema extranho. O essencial é que receba, sem perder o cunho nacional, as impressões do paiz extranho. E' o caso de Loti. Por acaso é turco o seu modo de sentir a vida turca? Quem não reconheco nas paginas de *Stamboul* a requintada sensibilidade gaulleza, como seu cunho proprio? Eguamente, Gustavo Flaubert, em *Salambô*, applicou seu sentimento á antiquissima Carthago e sentiu a vida carthagineza de outr'ora. Mas o fez como um francez moderno. Assim, Goethe, em sua *Iphigenia na Taurida*, batida sobre o molde da celebre tragedia grega do Euripedes, sentiu a poesia dos hellenos como filho do seculo XVIII. Foi, por isso, comprehendido. O mesmo não succedeu a Gessner que, sendo allemão, não "fez mais do que mentir á sua terra, mentir ao seu meio, mentir á natureza de seu clima, pintando a Allemanha, segundo nota um critico, como uma terra encantada, um jardim de flores, uma Grecia com suas eglogas e cujas planicies branquejadas de rebanhos eram palmilhadas por outras Chloés, buscadas de longe pelos annos tenros e baladoras ovelhas. Essa natureza de convenção, e o estylo galante, e as flores da poesia pastoril, como tudo quanto é irreal e ficticio, tinham de tombar ao advento da verdade na arte, com Goethe".

A influencia estrangeira, pois, devo existir, e existe, em nossa litteratura. O que é condemnavel, o que se não deve admittir, é o modo de sentir ou a fórmula estrangeira. Porque, desde que uma obra litteraria não seja um "simples brinco de imaginação nem o capricho isolado de

uma cabeça encandescida", mas um meio de se conhecer a maneira de sentir e de pensar dos povos, deve, a não passar de pura convenção, corresponder ao estado de civilização de cada povo.

A imitação revela ou a inferioridade de um povo, no ponto de vista da capacidade criadora, ou sua decadencia. Como exemplo do primeiro caso, temos os phenicios, "cuja arte, segundo os apoucados exemplos que nos legaram em Creta, era pura imitação da arte egypcia e chaldaica, e, no segundo caso, os hellenos de Alexandria, que, apesar da multiplicação das cadeiras de ensino, das collecções de manuscritos, e dos materiaes diversos da sciencia, não tiveram genios creadores nem originalidade artistica ou litteraria. Puderam ter curiosos, delicados, eruditos, sabios e criticos notaveis; constituiram o *kanon*; seus poetas e artistas tiveram porventura elegancia e pureza de estylo, mas essa geração só produziu para a arte commentadores, scholiastes, espiritos judiciosos, porém impotentes como o celebre Aristarecho de Samothracia".

Nós não somos um povo inferior, nem decadente. Apenas não attingimos ainda á maturidade de nação, no sentido scientifico do vocabulo, isto é, de agremiação politica e social, tendo um pensamento, um sentir, uma acção, que sejam verdadeiramente a synthese da energia collectiva. E assim não devemos consentir que a arte brasileira, recém-nascida á cohesão do sentimento autonomico, se sirva de fórmulas peregrinas, quando lhe devemos imprimir o sainete propriamente nacional.

A arte tem, de resto, uma missão social, que precisamos encaminhar ao seu fim para não trahirmos o nosso papel de membros intelligentes de uma communhão. Em taes circumstancias, é bem de vêr que as obras calcadas sobre moldes estrangeiros, quando estes exprimam um estado de civilização differente, perdem o caracter de documentos para o estudo da psychologia de

um povo e trahem, portanto, a missão social da arte.

"Imaginemos Verlaine ou Mallarmé, diz o sr. Arinos, dominando a poesia no Brasil, Goncourt o romance; Wagner a musica; imaginemos mais o socialismo em politica, o pessimismo de Schopenhauer ou de Hartmann em philosophia, — tudo isso serão puras ficções, fórmulas convencionaes que mentem ao periodo actual do nosso desenvolvimento social e politico.

"E' a mesma coisa que dar á Inglaterra de sir Thomas Burton, á Inglaterra puritana, em que John Stranger era chamado "tres vezes santos e senhor Deus", recebendo as mysticas adorações de Sarah Blackbury entre as palavras cheias de piedade e unção religiosa — "levanta-te, meu amor, pomba divina, belleza minha!" — dar a essa fervente Albion daquelle tempo a satyra, a livro critica, o scepticismo de Voltaire no seculo XVIII, ou de Max Nordau nos tempos que correm."

Depois do que fica dito, conclue o sr. Arinos, "compreende-se que exigir delicadeza no estudo de temperamentos sanguinarios e ferozes do sertão, embora lá tenhamos tambem idyllios e branduras, é exigir da valentia de Ribera ou extremo vigor do D. Diego da Silva (Velasquez), em seu *Cuadro de las Lanzas*, a doçura divina de Murillo; exigir de Goya, o pintor de sangue, da guerra, o autor brutal e violento de scenas violentas e brutaes, como o espingardeamento dos patriotas hespanhóes, no fresco improvisado sobre um muro, — a delicadeza inigualavel de Fortuny, ao traçar estas figuras *harto hidalgos de Caballeros* que, depois de terem passado pela *Puerta del Sol*, vêm escolher modelo, tendo nos olhos, mas só nos olhos, em fugaz lampejo, temulentas expansões de volupia.

"Além de que, mesmo nos grandes salões de tectos altos, com finissimas obras de talha e pinturas a fresco, quantas vezes os bronzes de Merceier, as estatuas de Saxe, os

bustos de Thorivald e os tapetes Aubusson têm testemunhado o desnudamento da polidez no animal humano, vendo-o immergir, fóra das roupagens da cortezia do seculo, como o *homo hominis lupus*, igual ao mestiço bravo e indomito dos sertões?" — R.

BELLAS ARTES

PINTURA



Dentre os pintores estrangeiros que deram ao Brasil a sua preciosa collaboração artistica, o nome de Thomaz Driendl deverá ser lembrado com carinho. O sympathico pintor allemão que acaba de fallecer, aos 68 annos, no seu retiro da Boa Viagem, em Nietheroy, passou no Brasil grande parte da sua vida, aqui constituiu familia e produziu a maior parte da sua obra artistica.

Nasceu em Munich em Abril de 1849 e foi educado pelos jesuitas de Lauterach, na Baviera, para seguir a carreira commercial. Mas, a sua vocação para a pintura era irresistivel; a pinacotheca de Munich era a sua maior attracção e alli passava a

copiar quadros e desenhos, até que entrou para a Academia.

Veio para o Brasil em 1879 e logo depois expoz no Rio o seu quadro — “Scena de familia na Baviera” — que foi vendido na antiga Galeria Wilde, a Ferreira de Araujo, por 1:800\$000, e hoje pertence á galleria da viuva do Conde de Pinho.

De Munich tambem trouxe outro quadro de genero — “Uma Dama do tempo de Luiz XV, lendo uma carta”, que está com o sr. João Pinto Vieira.

No Rio, Thomaz Driendl em pintura deixou os seguintes trabalhos: restauração do tecto da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia; restauração da antiga Capella Imperial; dous retratos do fallecido Conselheiro Ferreira Vianna, um no consistorio da igreja da Candelaria (que talvez esteja estragado) e outro, corpo inteiro, na Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia; nma Nossa Senhora, que pertenceu ao Conselheiro Ferreira Vianna; outro retrato do Dr. Ferreira Vianna, que pertence ao Dr. Pires Brandão; retrato do Dr. Joaquim Murтинho, corpo inteiro, que pertence á familia desse fallecido estadista; retrato da Senhora D. Isabel, Condessa d’Eu, que se achava com o Conselheiro José Bento de Araujo; retrato do sr. Conselheiro Rodrigues Alves, no Palacio do Governo, na cidade de Fortaleza; retrato do fallecido Commendador Laranja; retrato de uma filha do Conde de Pinho; retrato do Sr. Dr. Nilo Peçanha, no edificio do Thesouro, e retrato do Sr. Conselheiro Dr. José Carlos Rodrigues. Além destes, deixou mais os seguintes quadros de

genero: “O ourives”, que fazia parte da collecção do fallecido Visconde de Antunes Braga; “Depois dá Procissão”, pertencente ao sr. Gomes Brandão; “Caçador infeliz”, que foi adquirido quando exposto pelo fallecido Sr. Augusto Weguelin, sem contar diversas cabeças de expressão.

Era muito apreciado como retratista, pela sua facultade de reproduzir a feição espiritual dos seus modelos.

Driendl ora tambem architecto, e deixa alguns predios no Rio, construidos sob sua direcção. Não lhe era extranha a esculptura, tendo trabalhado por algum tempo na Faculdade de Medicina como modelador de cera em peças anatomicas.

Thomaz Driendl, pintor notavel, era um artista de grande sinceridade não só na sua obra, como nas relações com os outros artistas, aos quaes não regateava elogios, quando elles os mereciam. Assim procedeu com Belmiro de Almeida, com Henrique Bernardelli, Elyseu Visconti, João Baptista da Costa, Latour e Raul Pederneiras, cuja feição caracteristicamente nacional lhe era muito sympathica. — N.

MUSICA

A sociedade paulista teve ensejo, no dia 31 de Janeiro proximo passado, de manifestar á distincta pianista brasileira, sra. Antonietta Rudge Miller a grande sympathia que lhe vota, concorrendo ao “recital” especial que a nossa apreciada artista realisou, nesse dia, no salão do Conservatorio.

Admirada e festejada desde muito nova ainda pelas manifestações

precoces do seu privilegiado talento, não tivera a sra. Rudge Miller, todavia, ocasião de receber em São Paulo, num concerto exclusivamente seu, as homenagens que lhe são devidas, hoje, que ella se pode considerar uma artista com a sua individualidade bem firmada, e possuidora de uma independencia que lhe permite interpretar com plena consciencia, atravez do seu temperamento, as obras que fazem parte do seu notavel repertorio.



O numerozo e selecto auditorio bem o comprehendeu assim e espontaneamente lhe manifestou, de modo inconfundivel, todo o seu sincero e vibrante entusiasmo.

Para nós, que de ha muito esperavamos a ocasião que nos permitisse a expansão franca da nossa opinião a respeito da distincta pianista, esse concerto foi de toda oportunidade, e nas columnas do "Estado de S. Paulo" deixámos consignada a nossa opinião no dia seguinte ao seu "recital".

Honrados, agora, com o convite para transmittir aos leitores desta novel Revista as nossas impressões sobre o movimento musical que se opera neste meio, só podemos com

relação ao concerto da sra. Rudge Miller repetir em traços geraes os conceitos que a seu respeito já fizemos no considerado jornal matutino.

Somos dos que sentem que o temperamento da nossa presada patricia, caracterizado pela mais encantadora suavidade e a mais extrema meiguice, melhor se revela nas obras de doce e lyrica expressão, do que nas de accentuação intensamente apaixonada, e de impetuoso vigor, ainda que a sua technica portentosa lhe permitta vencer os mais escabrosos problemas da execução do seu instrumento.

Estamos certos que a distincta artista é capaz de comprehender a feição dramatica e possante de que se revestem taes obras, mas, a sua natureza tão avessa aos sentimentos violentos ou impulsivos, impede-lhe naturalmente a perfeita realização do tão energicas expressões.

E do que ahi affirmamos tivemos a prova na sonata de Beethoven, op. 57. Justamente nas partes lateraes dessa sonata, nas quaes, segundo Wasielewsky, as paixões se manifestam sem peias em toda a sua potencia, faltou á nossa pianista a facultade de nos transmittir o vigor masculino, a intensa dramaticidade nellas contidas; assim tambem, na essencia da "Mephisto-Valse" de Liszt, cujos contornos caprichosos de caracter satanico carecem para sua exteriorisação de uma expressão masculina e vigorosa, não nos agradou inteiramente a distincta interprete.

E' que o temperamento deliciosamente feminino da sra. Rudge Miller consegue vantajosamente dar largas á sua expansão no genero que requer para sua justa execução os

atributos de delicadeza e affabilidade.

Com o seu precioso colorido de meias tintas que, atravez artisticas "nuances", se esfuma nos mais subtitis "smorzandi", consegue a nossa pianista dar o maximo realce á execução de peças como a "Berceuse", os nocturnos, de Chopin, o "Jeu d'eau", de Ravel, a "Rigaudon", de Rameau, entre outros, e ahi ella attinge á grande superioridade de expressão.

E' possivel que o nosso modo de apreciar a distincta pianista, d. Antonietta Rudge Miller, desagrade aos que têm por norma louval-a incondicionalmente, e que pretendem não ser possivel prestar-lhe a devida homenagem, desde que se acceitem com certas reservas as suas interpretações de algumas obras.

Nós pensamos, porém, que a uma artista do quilate da sra. Rudge Miller se podem fazer taes reparos, sem que, por isso o seu incontestavel merecimento soffra o menor desprestigio.

Grandes mestres, como Rubinstein, Hans von Bülow, entre outros, soffreram e soffrem igualmente da critica analyses nem sempre favoraveis ás suas interpretações; ninguém pretende com isso, porém, menoscabar o valor altissimo de suas personalidades artisticas. — F.

BIBLIOGRAPHIA

"O MAR DA NOITE"

GOFFREDO T. DA SILVA TELLES — "O Mar da noite" (acto em verso) — Francisco Alves & C.^a — Rio de Janeiro e S. Paulo — 1915.

Este livro é uma revelação: a revelação de um talento. Talento que nos parece indiscutivel: não é como tantos outros que deixam no espi-

rito do leitor duvidas, restricções, reticencias. Impõe-se.

Não quer isto dizer que este acto em verso seja para ahi uma perfeição e um assombro. Em primeiro lugar, trae demasiado a influencia de Rostand, e até do Rostand da *Princesse Loitaine*; essa se manifesta nos proprios dizeres em prosa, que abrem as scenas, e vai ainda mais longe — mostra-se na propria côr e disposição da capa, azul com letras azues, como as primeiras edições das peças do poeta francez... Em segundo lugar, ha talvez um pouco de monotomia na expressão, muito repetida, da idéa central do poema — a idéa de que o sonho é tanto melhor quanto mais remoto, de que o sonho alcançado se esvae como fumo. Acresce que esta idéa tem sido explorada ultimamente por numerosos poetas, inclusive pelo proprio Rostand. Em terceiro lugar, o poema tem defeitos de technica e de linguagem, — alguns versos frouxos, ou duros, alguns periodos pouco claros, alguns rebuscamentos, e alguns deslises de vernaculidade. Mas, nada disto tem grande importancia. O que se nos afigura muito mais importante, e o que sobretudo nos interessa, e nos alegra, é que o poema é a revelação de um forte talento. Bem architectado, bem conduzido em suas linhas geraes, cheio de emoção e de vigor, tem trechos francamente bellos, que não parecem de um estreatante, e deixa, no fim, uma viva impressão de conjuncto. De quantos livros que por ahi apparecem se poderá dizer o mesmo, com a sincoridade que pomos nestas palavras?

Seria justo que documentassemos esta rapida apreciação. E ser-nos-ia um prazer podermos fazel-o, transcrevendo alguns trechos. Mas isso não se compadece com o espaço de que dispomos nesta resenha, que deve ser muito rapida. Os leitores, entretanto, poderão fazer melhor: procurem o livro e leiam-no. A critica, a seu tempo, ha de render justiça a este joven autor (suppomol-o joven) que tão galhardamente se apresenta. — A.

O BRASIL E O JESUITAS

DR. NELSON DE SENNA — *A contribuição ethnographica dos Padres da Companhia de Jesus e dos chronicistas leigos dos primeiros seculos.* — O dr. Nelson de Senna, conhecido publicista mineiro, distribuiu em folheto a these, com o titulo acima, que apresentou ao Primeiro Congresso de Historia Nacional.

O seu trabalho, feito com muito cuidado, resume optimamente os actos principaes dos Jesuitas no Brasil, apontando os serviços inestimaveis que nos prestaram e, embora não esconda as vivas sympathias do Autor pela ordem a que tanto deve a nossa civilização, é obra de justiça e de imparcialidade.

Depois de agir, o jesuita escreveu e o que elle escreveu é um rico manual de estudos patrios. São estas, segundo o sr. Nelson de Senna, as escriptas principaes em que o jesuita deixou as melhores noticias da nossa gente e da nossa terra: *Historia Societatis Jesu*, do classico chronicista geral da Companhia, padre Nicolau Orlandinus (Antuerpia, 1620; a obra do padre J. P. Maffei sobre as *Chronicas da Companhia de Jesus*, do padre Sacchini; a *Historia das Missões Jesuíticas*, do padre Luiz de Gusmão; a *Historia das missões jesuíticas na India, Africa, Brasil e Japão* (16 livros no original latino, impresso em Bergamo, anno de 1590); as *Cartas do Japão, Peru' e Brasil, enviadas ao Reverendissimo Padre Geral da Sociedade de Jesus pelos da dita Sociedade, que se empregam nessas regiões á conversão dos gentios* (collecção editada em francoz, 1578, por Theod. Brunnes, havendo um resumo dos pontos nellas referentes ao Brasil, publicado por A. L. Garraux, Paris, 1898, na sua *Bibliographie Brésilienne*; a *Vida dos Varões illustres da Companhia* do padro Euzebio Nieremberg; as duas *Relações*, editadas ambas em italiano (Lisboa, 1757, Siena, 1758) sobre quanto praticaram os religiosos jesuitas das

provincias de Portugal — Hespanha, nos dominios ultramarinos das duas monarchias (isto é, no Brasil, Paraguay, Uruguay, etc.); a *Chronica de Portugal da Companhia de Jesus*, pelo padro Balthazar Telles (ed. de Coimbra, 1645-47); o *Theouro Indico*, por Pedro Jarich; os estudos sobre a vida e feitos de Josepha d'Anchieta pelos padres Simão de Vasconcellos, Pedro Rodrigues, Estevam de Pateruma e Antonio Franco, dr. Teixeira de Mello e cavalheiro Charles e Sante Fey.

Na *Bibliotheca Scriptorum Societatis Jesu*, obra começada em 1602 pelo celebre theologo padre Pedro Ribadomeira, continuada até o anno de 1642 pelo padro Philippe Alegarnhe e publicada, em 1676, em Roma, sob os cuidados do jesuita Nathanael Sotwol, que a completou até o anno anterior (1675) e na monumental edição franco-belga da *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus* (Bruxellas-Paris, 1898) do padre Carlos Sommervogl encontram-se tambem os mais completos esclaecimentos biographicos sobre tudo quanto praticaram os jesuitas, no Brasil colonial, durante os seculos 16, 17 e 18.

Em relação ás explorações geographicas as contribuições ethnologicas da região amazonica, durante o seculo 17, ninguem pode olvidar a obra do jesuita Christoval d'Acenra, companheiro dos capitães Pedro Teixeira e Pedro Favella na exploração do rio Amazonas, desde a fronteira peruana até as costas brasileiras, na embocadura do Rio. Dessa obra ha uma edição franceza de 1682 feita por Claude Barbier. A primeira edição, feita em Madrid, em 1641, é em lingua hespanhola o traz este titulo: *Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas. Por el padre Christoval de Acuña, religioso de la Companhia de Jesus, y calificador de la Suprema General Inquisicion. Al cual fué, y se hizo por ordem de su magestad, el año de 1639, por la provincia de Quito en los Reynos del Perú*".

Em 1891 a edição castelhana dessa obra foi reimpressa e é hoje encontrada na livraria do sr. Karl W. Riersemann, em Leipzig.

Na traducção franceza o que ha de interessante são, em appenso, os jornacs da viagem dos jesuitas francezes, J. Grillet e F. Bechamel, feita em 1674, na Guyana. Encontram-se nelles curiosos detalhes das relações commerciaes do Brasil septentrional com a Guyana. A estas indicações bibliographicas, cuja importancia é patente, o sr. Nelson de Senna accrescenta muitas outras. Tudo sommado fica o seu folheto um trabalho de grande preço para o estudioso da nossa historia. Poupa-lhe uma série de investigações difficeis e dispendiosas. — P.

HOMENS E COISAS NACIONAES

O BARÃO DE PARANAPIACABA

João Cardoso de Menezes e Souza, barão de Paranapiacaba, professor, magistrado, literato e financeiro, era paulista. D. Pedro II e os maiores estadistas do Imperio deram-lhe sempre as maiores amostras de apreço.

Homem de echaracter, um facto re-trata-o de corpo inteiro.

Cardoso de Menezes desempenhava o cargo de director do contencioso do Thesouro e exercia as funções de fiscal do governo junto á *Perseverança Brasileira*, associação abolicionista, presidida por João Fernandes Clapp.

Por maonbras politicas, forgicou-se contra a directoria da sociedade uma accusação de desvio de dinheiro e o seu presidente foi intimado a comparecer na policia. Cardoso de Menezes desgostou-se com um acto da policia e manifestou publicamente, pelo *Jornal do Commercio*, o seu desgosto. O chefe de policia agastou-se, por seu turno, e abriu contra elle uma tremenda campanha de diffamação. A politica mettou-se no

meio o o então ministro da Fazenda, Francisco Belisario Soares de Souza, deixando-se dominar pela paixão partidaria, procurou obter do Imperador a demissão de Cardoso de Menezes do cargo que ha 2 annos occupava no Thesouro.

A Imperador, que estimava muito Cardoso e lhe conhecia o valor, não accedeu ao desejo do seu ministro. Belisario mudou, então, de proposito e de tactica e conseguiu que o Imperador aposentasse o velho funcionario.

Cardoso, informado do facto, correu logo ao paço, a interpellar o soberano. D. Pedro explicou-se:

— O ministro não viu o despacho; mandara o decreto pelo presidente do conselho, com a declaração que, se não fosse assignado, retirava-se. De nada valeu haver eu opinado que não me parecia justa a medida. O ministro da Fazenda está negociando um emprestimo. Não podia eu preferir o funcionario, por mais graduado que seja, ao membro do governo, que tem prudentes providencias de alto alcance. Seria alterar o systema seguido, inalteravelmente, até hoje. Continúe a frequentar-me e fique na certeza que lhe darei, em toda a parte, mais do que hoje, demonstrações de consideração e estima. Paciencia e moderação!

Cardoso de Menezes não se foi satisfeito e no dia seguinte publicava no *Jornal do Commercio* um artigo em que, além de outras coisas, se lia o seguinte:

“Conscio de que não mereci o estigma com o qual me tentou desairar o sr. ministro da Fazenda, cujo concoito individual, por mais autoridade, não é o da consciencia publica, é-me impossivel resignar-me á aposentação, que me foi imposta como castigo.

Demissão é que S. Exa. devia ter conseguido do Imperador, uma vez que na concha da balança da justiça fez a autoridade de sua palavra para affirmar como real e verdadeiro o motivo (não sabido por mim) da punição, que me infligiu.

Os vencimentos que me deixou como *condescendência á idade e ao longo exercicio do cargo*, constituem uma esmola, que não posso aceitar, sem offensa á dignidade.

Destas faculdades, que ha dezenas de annos têm sido explicadas á causa publica, ainda sinto vigor bastante para trabalho aturado, que me proporcione os meios de completar a educação de meus filhos, acostumados a venerar seu pae e a quem me vejo embaraçado de responder, quando me pedem explicação desta aposentadoria.

Constrangido, aos 59 annos, a começar nova carreira, atirando-me ás incertezas da advocacia, espero que me sobrarão algumas horas de lazer para dedicar-me ao estudo dos negocios desta minha patria, a quem tanto e com tanto entranhado amor hei servido, e que não é responsavel pela injustiça e ingratição de alguns de seus filhos."

Cardoso não só recusou os vencimentos da aposentadoria como se demittiu de todos outros cargos que exercia.

Outra prova da firmeza do seu caracter. Quando José do Alencar criticou severamente a *Confederação dos Tamoyos*, de Gonçalves Magalhães, D. Pedro II pediu a Cardoso que entrasse na polemica em defesa do poeta — Cardoso recusou. Entre o desejo de agradar o imperador o o dever de fidelidade á amizade que o ligava a José de Alencar venceu este ultimo.

Se o homem foi grande pelo caracter, o literato não foi tambem dos menores. Poeta distincto, se não so elevou em vãos demasiados altos, deixou entretanto produções de um valor incontestavel, já pelas suas qualidades de emoção e sensação, já pelas duas exigencias de vernaculidade, pela variação do metro, pela riqueza dos rhythmos.

A parte de sua obra que mais avulta é a que se compõe de traducções, mas nem, por isso, é inferior ás outras partes.

Algumas de suas traducções, como o do *Jocelyn*, de Lamartine, valem os originaes. Só lhe faltou uma cousa — geração da Academia de Letras. (Antão de Moraes, *Revista de Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas*).

VICTORIANO DOS ANJOS

Em 1853 as obras da Matriz-Nova de Campinas, iniciadas quarenta e seis annos antes, ficaram paralyzadas. Faltava sobretudo um entalhador profissional que trabalhasse as madeiras. Resolveu-se trazer um de fóra e o escolhido foi um bahiano já edoso, de nome Victoriano dos Anjos. Era um artista notavel e deixou nas obras que dão preço áquelle templo um attestado perenne da sua rara capacidade. Emilo Zaluar, examinando-as em 1862, escreveu: "Tonho visto poucos trabalhos tão peregrinos executados em madeira. E' um poema de flores, arrendados, columnatas, arabescos, grinaldas, flôrões enlaçados com profusão e symetria, belleza e unidade, traduzindo as idéas de uma alma de poeta, sob as formas mais puras, graciosas e sublimes que se podem reproduzir pelo cinzel do esculptor".

Julia Lopes, por seu turno, dizia em 1883: "Nunca me extasiei pela architectura da matriz, que o meu acanhado espirito não define; mas tonho reflectido scriamente em frente ao caprichoso lavor de seus altares, desses festões de flores trabalhados com mimoso desvello e elevada arte, Victoriano foi o primeiro ontalhador, o grande fantasista, o habil recortador daquelles rendilhados thronos, um poeta na esculptura, um lyrico sonhador de imaginação fugaz".

Concluida a obra, o artista, caiu na miseria. Certa vez encontraramo em uma das ruas estendido no chão, prostrado pelo cansaço e pela fome.

Um outro artista, Francisco de Paula Marques, condoido da sua sorte, lançou em Campinas a idéa

da fundação de uma sociedade que fosse amparo e auxilio aos artistas desvalidos. A idéa medrou rapida e a 19 de Setembro de 1869 surgia em Campinas a *Sociedade Artistica Beneficente*, hoje bem decahida, em cujo seio Victoriano dos Anjos encontrou agasalho para os dois ultimos annos de vida que ainda lhe restavam.

O pobre artista falleceu em 30 de Julho de 1871, com 106 annos de idade. (B. Octavio, *Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas*).

QUESTÃO ORTHOGRAPHICA

A questão orthographica, surgindo de vez em quando á tona da polemica pelas folhas diarias, denuncia algumas tendencias morbidas contra as quaes é preciso que de sobre-aviso se ponha a opinião das pessoas sensatas.

A reforma portugueza não tem, como dizem os proprios reformadores, a intenção de criar uma orthographia phonetica. Inutil advertencia, pois que, para tanto, mister lhes fôra proceder mais radicalmente e começar pela reforma do alphabeto, ou talvez pela criação de outro, como em 1854 fizeram os philologos dirigidos pelo cavalheiro Bunsen.

Não sendo phonetica, a reforma portugueza fica apenas reduzida a um processo simplificativo. Mas ainda assim é condemnavel por se oppor á tradição, procurando substitui-la por decretos academicos, ou mesmo politico-administrativos.

Se ha cousa em que omnipotente so mostre a força do uso, é certamente essa linguagem. A reforma portugueza contraria de frente o uso estabelecido e acceito e não obedece a nenhum principio philosophico. As palavras vivem não sómente como sons, mas como grapias. Tudo nellas nos fala ao espirito sob essa dupla apparencia. Uma carta cheia de bellos pensamentos, mas irrisoriamente cacographada, jamais produziria o effeito que della fôra de esperar, se correctamente escri-

pta. Alterar, portanto, a graphia de um vocabulo não é menos grave do que lho perturbar a pronuncia. Se esta, sob o influxo mesologico, tende a modificar-se, e finalmente remedio não ha sonão accceptar a modificação, o mesmo prudente systema temos de observar no tocante á graphia. Dir-se-á que na linguagem falada ha uma resolução a que cumpre attender e que na orthographia portugueza tudo é um cháos, sem razão de ser. Basta o enunciado deste pensar para logo se lhe reconhecer a inanidade. Não ha nada neste mundo sem razão de ser. A historia da orthographia portugueza ainda não se escreveu; mas della já sabemos bastante para explicar algumas graphias, que erradamente se apontam como oriundas do meros caprichos, quando em verdade obedeciam a influencias dignas de nota. A suppressão, por exemplo, de certas notações etymologicas proveio da assidua leitura do italiano, no decimo sexto, o do hespanhol no seguinte seculo; ao passo que pela influencia dos livros francezes foi que no decimo oitavo entrara a restauração das graphias etymologicas.

— Sinto muito, disse-me uma vez o Joaquim Nabuco, a impossibilidade em que me acho de ler certas brochuras positivistas, pelo horror que me inspiram suas esquipatices graphicas...

Quanto ao pseudo-argumento dos que, para invalidar a orthographia etymologica, se apegam aos deslises de umas falsas derivações, já de sobra corrigidas nas escolas e que é pedantesco ainda censurar em artigos não exclusivamente destinados a ignorantes, muito não será preciso para demonstrar o illogismo do processo. Raciocinando *a pari*, deveriam esses confrades, se medicos fossem, esfolar os seus clientes, quando lhes descobrissem algumas verrugas. Lá porque ha sujeitos que escrevem *licção* com dous *cc*, sem attender á evolução do vocabulo, ou porque a outros sorri o emprego do *h* em palavras como *teor* e como inicial em *um* e no vorbo *é*,

razão não vejo para malsinar as legítimas graphias etymologicas, isto é, as que porfiosas mantêm os vestígios historicos da lingua.

Na França, de que tiramos tantos exemplos, pareceria insensato quem se revoltasse contra o uso corrente de graphar e *motu proprio* organisasse umas regras simplificativas e pseudo-phoneticas. Sabe-se que alli só para a mudança da graphia *oi* em *ai* nas terminações dos verbos (*je devais* e não *je devois*) houve uma verdadeira campanha. Com que cuidado, nas mais pequenas minucias, mantêm os inglezes as suas tradições orthographicas! Portugal, infelizmente, agora sapateia sobre o seu passado... Não vejo por que nisso o tenhamos de acompanhar. — (Carlos de Laet — *Jornal do Brasil*).

A EMBAIXADA BRASILEIRA EM PORTUGAL

Não foi ainda bem comprehendido o alcance da criação da embaixada brasileira em Portugal e da portu-gueza no Brasil. Não se tratou apenas do um acto de cortezia internacional. O gesto dos dois paizes foi antes uma conquista da nossa reciproca evolução intellectual e politica — mais intellectual que politica.

Do desenvolvimento das nossas relações no terreno superior do intellectualismo puro, nasceu, sem duvida, a necessidade de melhor entendimento politico entre as duas nações. E isso, forçoso é confessal-o, foi, pelo menos quanto a nós, uma das benemerencias da Republica, que nos libertou de certos laços humilhantes, apagando em nosso espirito a marca secular da metropole. Só depois que nos libertámos pela intelligencia, é que começámos a dar o devido apreço ás nossas relações de povos independentes. Porque a verdade é que, apesar da enorme samma do interesses economicos, das affinidades ethnicas o moraes, de lingua e de cultura, existentes entre os dois paizes, afastava-nos de Portugal uma desconfiança reciproca.

Nós não nos respeitavamos o bastante para nos amarmos com firmeza. Para Portugal, vivendo ainda na contemplação do seu passado de conquististas maritimas, alheio ao movimento da civilização contemporanea, numa embriaguez lyrica de quem havia attingido á perfeição na historia da humanidade — o Brasil, pelo menos nos dominios da intellectualidade, continuava a ser a colonia submissa, para onde, quando muito, se mandavam idéas estranhas, traduzidas, ás pressas, em vornaculo de fancaria. E no Brasil, mau grado as tentativas romanticas de alguns escriptores nativistas, continuava-se a pensar, encantadoramente, com Damião de Góes... Conquistaramos a independencia politica, o que, como se sabe, não foi difficil; mas permaneciamos colonos intellectuaes, o que, com sor deprimente, era ridiculo.

Eramos ainda, aos olhos sonhadores dos nossos irmãos de além-mar, uma simples, bem que vasta, expressão geographica, com rios caudalosos, montanhas asperas, riquezas insondaveis, negros e botocudos, calores eternos. Para exprimir todas as inferioridades da nossa vida incipiente inventára-se um termo extremamente pittoresco e impressivo: *macaqueação*. O que, porventura, daqui partisso com velleidades de esforço proprio, de expressão nacional, não lograria transpor as aguas atlanticas sem recober, fulminantemente, o remoquo indefectivel. Teriamos de resignar-nos á condição de admiradores passivos: recbessemos a luz da metropole e não tentassemos com ella offuscar o sol generoso que nolla prodigalizava. As chronicas estão ahi para quo se me não reclamem illustrações. Quando se cantou, pela primeira vez, o *Guarany* em Lisboa, o desdem do Chiado mal se disfarçou nestas palavras de espanto: "Pois não é quo o raio do *macaco* tem geito para a coisa?" Na literatura portugueza do seculo XIX, o Brasil é a victima pacifica de um achincalhe permanente. Para so lombrar as figuras mais relevantes, Ca-

millo Castello. Branco vergastou-o com uma furia incansavel, acabando por affirmar, deliciosamente, quo brasileiro só tem no cerebro raiz de pau; e no proprio Eça de Queiroz, mau grado todo o bem que nos queria e de que deixou provas immortaes, mau grado ainda a grande admiração que lhe votamos e a que ello fôra sempre tão sensível, nota-se, através dos seus primeiros livros, repondo, a nosso respeito, a velha satyra vingadora.

Esse descaso da intelligencia brasileira, na arte, na literatura, gera-va o nutria evidente mal-estar, com explosões periodicas, embora de character familiar, nas relações dos dois povos. E o peor era que nos cabia nisso a maior culpa, visto como, para regalo da nossa indole submissa e contente, continuavamos, no mundo das idéas, a pensar com Bernardes, e nas relações sociaes, a gemer com Soares de Passos. De subito, porém, o Brasil rompe com o seu passado, abandona a fórmula politica e a cultura classica transplantadas da metropole, o Brasil, numa palavra, começa a affirmar-se, com uma ancía e um vigor tremendos, entre os mais adiantados povos modernos. Hoje, livres da tutela intellectual de Portugal, nos estreitamos mais confiantemente com o nosso paiz de origem, que, por sua vez, sahio do seu extase historico, abriu os olhos ao movimento incessante da luz vital, concebeu outra idéa da sociedade e do universo. Portugal, agora, acclama os nossos artistas, os editores portuguezes divulgam os escriptores brasileiros, e a lingua, mais que os productos agricolas das duas patrias, é o traço principal que as vincula na marcha dos seus destinos. Amamo-nos mais, porque nos conhecemos melhor. E' uma conquista da intelligencia, e para corôal-a, o que as duas Monarchias extinctas não fizeram nem tentaram, acabaram por fazel-o as duas Republicas criando as embaixadas no Rio de Janeiro e em Lisboa. E, na verdade, essas embaixadas só nos podem dar contentamento. So moti-

vo ha aqui para estranheza, é de só ha pouco terem sido criadas. Nem os nossos reciprocos zelos democraticos, invocados em seu desfavor, perdem em pureza ou simplicidade com a sua criação, nem a disparidade das nossas relações economicas justificaria o seu retardamento. Temos com Portugal affinidades profundas, a mais profunda das quaes é, sem duvida, a lingua, lingua de futuro, que devemos cultivar carinhosamente, para que ella venha a dominar, um dia, entre as mais cultas, em toda a sua maravilhosa grandeza. Só isto bastaria para manter duas embaixadas, se é que não queremos limitar os nossos destinos ao commercio do café e das batatas.

De resto, mesmo pelo seu aspecto puramente decorativo, não é de crêr que ellas venham perturbar os nossos habitos modestos. As embaixadas na America nunca serão inconvenientes. O clima, a educação pratica do povo, a tendencia para a simplificação de todas as acções humanas, o immediatismo das coisas americanas, não comportam os rigores protocolares das grandes côrtes, como Vienna, Petrogrado ou Madrid, onde os agentes diplomaticos são ainda representantes pessoases de reis e imperadores. Nunca ficará mal a um embaixador americano, ao envez do fazer conferencias literarias, promover a venda do trigo ou do cacáo. Nabuco foi a excepção: não deve servir de modelo aos nossos futuros embaixadores... — *Mathews de Albuquerque — Imparcial — Rio).*

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

AS ORIGENS E O PRINCIPIO DA
CARREIRA DE LLOYD GEORGE

Para bem comprehender uma personalidade é preciso estudal-a no meio em que surgiu o em que se formou, examinando as influencias que soffreu no periodo em que se desenvolviam sua sensibilidade e sua intelligencia. Os dons naturaes de





Lloyd George desde sua infância tiveram o influxo do meio ambiente e certas faces de seu temperamento se accentuaram e reforçaram pelas circunstancias de sua vida.

A familia de Lloyd George era originaria do paiz de Galles. O acaso fel-o naseer em Manchester (1863), onde seu pae tendo ido dirigir uma escola confessional, morreu prematuramente. A viuva voltou então á sua aldeia natal, no paiz de Galles.

Lloyd George pelas suas origens é, pois, um aldeão: seu pao era mestre escola de aldeia; o tio que o adoptou e o oducou era sapateiro de aldeia; todos os seus ascendentes eram homons de aldeia; sua educação, a formação de seus sentimentos e do suas primeiras idéas foram determinadas pelas melhores influencias do meio aldeão; sua instrução religiosa foi feita por puritanos de aldeia na mais humilde das capellas aldeans; na sua infancia, embora nascido em Manchester, voltou a tomar raizes no solo natal; poz-se em contacto com as suas origens directas e foi do humilde casebre do sapateiro de Llanystumdwy que elle partiu directamente para so tornar um dos mais eminentes estadistas de um grande Imperio.

O educador politico de Lloyd George foi o director do Collegio independente de theologia, de Bala, Michael D. Jones, um militante de zelo incansavel, que defendia com calor e coragem intrepidos suas convicções democraticas e nacionalistas ao mesmo tempo.

Em consequencia das incapacidades que feriam os que não commun-gavam na Egreja estabelecida, o jovem David Lloyd George não podia pretender a matricula em uma universidade. O ensino secundario era inacessivel a quem quer que não pertencesse á burguozia rica; teve elle, assim, de contentar-se com a pequena escola de aldeia para adquirir os rudimentos de uma instrução primaria que foi incomparavelmente completada pelos ensina-

mentos que recebeu na tenia do sapateiro-pastor de Llanystumdwy.

"Pessoalmente, diz Lloyd George, eu faltaria á gratidão si não reconhecesse que nada devo á Universidade. Nada devo tambem ás escolas secundarias. Tudo o que eu sei, devo-o á "pequena Bethel".

Por esse termo os methodistas, baptistas o outros não-conformistas designam suas capollas e lugares do reunião. A expressão "pequena Bethel" é empregada por ironia para designar os lugares de culto que não dependem da Egreja estabelecida.

Assim se formou o espirito de Lloyd George nessas classes para adultos annexas ás capellas, classes quo abordam assumptos além dos simples commentarios biblicos. E' um ensino oral, em que cada um levanta questões, propõe objecções, provoca discussões nas quaes todos os assistentes tomam parte. Cada capella dissidente tem a sua "Literary and Dobating Society", associação activa, cujo conjuncto contribue poderosamente, ha já meio seculo, para elevar o nivel intellectual da população.

Os obstaculos da religião e da lingua, que impediram a expansão intellectual dos naturaes do paiz de Galles, parecem, ao contrario, ter favorecido o jovem David. Sem duvida ello não seguiu a estrada batida que, pola escola publica, leva á conquista dos grãos, com os quaes, como pobre, elle poderia cursar a Universidade. Elle perdeu com isso as disciplinas intellectuaes, as direcções dos professores, os methodos que desenvolvem o espirito, que inculcam a ordem no trabalho, o equilibrio e a perseverança nas idéas. Mas, por outro lado, guardou intacto seu ardor generoso o suas disposições impulsivas: dahi a promptidão de suas resoluções, o excesso por vezes de sua energia, a facilidade de seus movimentos e a necessidade do actividade sempre novas, em detrimento da tarefa ainda não terminada.

Fazendo-se advogado, Lloyd George ganhou uma rapida reputação,

iniciando-se tambem com ardor apaixonado nas luctas politicas locais.

Foi elle um dos directores mais activos da agitação agraria. Os discursos que pronunciou nesse periodo já contêm os germens de todas as reformas sociaes que mais tarde preconizou elle no Parlamento. Eleito para a Camara dos Communs em 1890, sua entrada foi um escandalo. Como? Um homem "criado num casebre" pretender um logar num Parlamento?

Nos debates parlamentares elle trouxe uma virulencia desconhecida até então; usou da obstrucção mais do que o proprio Parnell no auge do seu prestigio; affrontou a autoridade do presidente e arrostou a do whip e do chefe da opposição a que pertencia. Tornou-se assim um elemento indomavel tão temido de seus amigos como dos adversarios.

Recusando-se a soffrer qualquer jugo e a submeter-se a qualquer disciplina de partido, Lloyd George via augmentar em cada pejeia a sua importancia e a sua influencia. Da mesma forma que a sua tactica na Camara dos Communs era dirigida com extraordinaria habilidade e um senso maravilhoso da politica parlamentar, assim tambem elle chegou a impôr aos seus compatriotas suas idéas, seu programma e sua personalidade. Por occasião das suas primeiras eleições, elle era ameaçado de morte e sua propria esposa não escapava senão difficilmente ao furor da multidão: agora, basta que elle appareça para suscitar um enthusiasmo phrenetico. — (Henry D. Davray, *Mercure de France*).

GUERRINI-STECCHETTI

Quem apenas conhece Olindo Guerrini através da sua obra poetica, não pôde fazer uma idéa exacta do homem. Ha nelle duas personalidades distinctas. Lorenzo Stecchetti mortuo, desalentado, nauosoado do mundo e das suas creaturas: Guerrini é entusiasta da vida, um pai que adora os seus filhinhos; Stec-

chetti chora, desespera-se: Guerrini ri num grande riso jovial, zombando do animal que se chama homem com infinitas e pungentes burlas, das quaes se gaba como das obras mais serias; Stecchetti faz o *Canto do Odio* Guerrini é o homem cheio de affecto e de generosidade para os amigos.

Extraordinaria a ductilidade do seu espirito. Fez-se o poeta da melancolia e da morte, e os seus versos tão sinceramente tristes lhe sahem, que toda a Italia se commove com o tirste destino do misero cantor. O illustre civilista Regnoli, em cujo escriptorio Guerrini praticou, lamentava que elle tivesse abandonado a advocacia, pois fizera cousas que eram obras primas na especialidade. Cavallotti confessava que, se Guerrini se tivesse dedicado ao jornalismo, obscureceria a fama dos polemistas nacionaes e estrangeiros. Monsenhor Breveliere, falando da auto-defesa de Guerrini na questão do soneto contra o qual deu queixa o bispo de Faenza, dizia que pouquissimos doutores em theologia poderiam exhibir provas de tanta erudição. Paleographo, emprehendeu o catalogo illustrado dos codices e manuscritos da bibliotheca da universidade de Bolonha. Escreve uma quantidade de estudos historicos, criticos, philologicos. E ainda collabora em muitas revistas e jornaes. Collabora mesmo em leves jornaezinhos de rapazes, sem autoridade e sem muitos leitores, para ajudal-os, para attender a pedidos...

Guerrini gosta de se envolver por momentos nas personalidades mais disparatadas, rubricadas cada uma com um pseudonymo — Stecchetti, Mercurio, Argia, Sbolenfi, Bepi. Quasi sempre violento, desdenhoso, feroz — mas por *pose*. Só quando deixa falar o coração é que Guerrini é sincero. E', na verdade, um bonissimo homem. Ha ainda quem o acredite um anticlerical vermelho, um comedor de padres. Engano: nunca fez mal a uma mosca. De uma feita, havendo uma eleição de prior na parochia de Guerrini, este

adoptou a candidatura de um humilde sacerdote combatido, e encheu-se de entusiasmo e de febre, trabalhou e falou quanto ponde pelo seu candidato; o no dia da eleição, que devia ser feita pelos paes de familia, o poeta lá esteve de pé firme na igreja, durante quatro horas, tendo na mão os grandes feijões, preto e branco, que serviriam de *cedulas*. E' verdade que ninguem garante que elle não tenha feito tudo isso por brincadeira, por espirito de "troça". — (Alfredo Testoni, *Gli Avvenimenti*).

RECORDAÇÕES DE VERLAINE

Em Novembro de 1893, na esperança de conseguir para o poeta um pouco de dinheiro, alguns dos amigos de Paul Verlaine em Londres, chamaram-n'o para fazer, alli, uma leitura dos seus versos. Marcou-se a festa para 21 de Novembro no Hotel Barnard. Verlaine devia chegar no barco do dia 19, indo hospedar-se em casa do autor. Mas, este, conhecendo bem a indolencia do poeta, escreveu, alguns dias antes a outro amigo, um jornalista norte-americano que morava em Paris, pedindo-lhe que fizesse Verlaine partir a tempo. O norte-americano, embora não conhecesse Verlaine, accitou a incumbencia. E eis como elle depois narrou, em carta, o encontro: "A primeira coisa que elle me disse, depois dos cumprimentos, foi isto: — Mas não posso partir sem deixar trinta francos á minha mulher. — A mulher, que lhe abotoava o jaleco, beijou-a, confirmando: Preciso mesmo de trinta francos... O quarto não era maior do que um gabinete de banho. Um unico pedaço de lenha ardia na chaminé, provavelmente em minha honra. Dei os trinta francos. Um momento depois tomavamos um fiacre. Eu estava preocupadissimo, temendo que alguma coisa transtornasse a viagem do poeta. Espero que elle tenha chegado são e salvo ás vossas mãos... Não podia admittir que esse homem

pudesse atravessar a Mancha sózinho, sem ao menos a companhia daquella feissima mulher, que parece amal-o ternamente."

Ora, uma furiosa tempestade esperava Verlaine na Mancha. O barco não chegou na noite de 19, mas na seguinte, e bem tarde. O autor, avisado tardiamente, não se achava no ponto de desembarque. E, emquanto se desesperava com a idéa de que Verlaine estivesse já perdido de noite na immensa metropole, o vê surgir das trevas, com uma "valise" na mão, e apoiado numa bengala grossa.

Das duas e meia ás cinco da madrugada, os dois amigos deixaram-se ficar conversando, com uma caixa de biscoitos ao lado. A palestra tornou-se logo intima e pessoal: parecia que Verlaine quizesse fazer alli a confissão de toda a sua vida. Lamentava a perda da mulher que o havia deixado (mas era "estupida", ajuntava logo, entre parentheses), e do filho que não queria mais revel-o.

"Meu filho permite-se julgar-me", observava com uma tristeza grave. E depois resumiu toda a sua existencia numa phrase: "Tenho vivido enormemente".

A leitura no Hotel Barnard não será jamais esquecida pelos que lá estiveram. Foi, não uma simples leitura, mas uma verdadeira conversação sobre a sua poesia e sobre a dos seus amigos.

Nos tres annos seguintes, o autor teve frequentes noticias de Verlaine, e o viu mais de uma vez em Paris. O poeta mandava-lhe exemplares dos seus livros, com dedicatoria, manuscritos de poesia e artigos para publicar nas revistas inglezas, e neste ultimo caso, as cartas que as acompanhavam pediam sempre o "pagamento immediato", com a explicação confidencial: "porque tenho tanta necessidade do dinheiro!" As suas condições de saude não eram boas: "Sempre de cama, escreve elle numa carta, e repete mais ou menos nas outras, sempre de cama, embora me ache um pouco melhor. O medico promette fazer-me levantar dentro

de um mez... ou dois. Basta! seja o que Deus quizer". Numa outra carta encontra-se esta phrase significativa: "Estou em grave embaraço, porque paguei as minhas dividas".

Quasi todas as cartas dão um endereço novo ou annunciam uma rusga ou uma reconciliação. "Rompi com Mme. Verlaine e não moro mais na rua Broca, mas na rua S. Jacques, 187" — escreve elle, pouco depois da sua viagem a Londres, em Janeiro de 1894. Mas a 16 de Maio, sabendo que o autor se achava em Paris communicar-lhe, em segredo, que estava no hospital São Luiz, na rua Bichat, convidando-o a visitá-lo, sem dizer a ninguém. "Oficialmente estou em Versalhes". Depois, a 10 de Julho, informa ter sahido do hospital, indo morar á rua Cardinal Lemoine, 48, e manda, na carta, as saudações de Mlle. Krantz. Quatro dias depois faz escrever ao autor, pela mão de um amigo, dizendo-lhe que se acha mal, morando á rua de Vaugirard, e pedindo-lhe que, por motivo nenhum, mande qualquer coisa para o antigo endereço da rua Cardinal Lemoine. A 27 de Outubro acha-se de novo no hospital. A 8 de Novembro mora, "sempre com mlle. K., á rua S. Victor, 16". A 24 de Janeiro o seu endereço é rua Monsieur le Prince, 21, e já está separado de mlle. K. A 5 de Março voltou á rua S. Victor, com mlle. K., que envia ao amigo um cordial aperto de mão. Emfim, a ultima carta, com a data de 21 de Novembro, annuncia: "Mudámos de casa. O nosso endereço novo é rua Descartes, 39. Mlle. Krantz manda-lhe as suas melhores saudações". Depois disso, nenhuma outra carta chegou ao autor — até que, a 9 de Janeiro de 1896 um telegramma levou-lhe a triste noticia: "Verlaine morreu hontem á tarde".

Eugenia Krantz escreveu mais tarde ao autor uma ou duas cartas, quasi illegiveis, pedindo-lhe auxilio: "Em nome de Paul Verlaine, vosso grande amigo, vinde em meu auxilio". De pouco lho valeram os auxilios pedidos, porque a pobre mu-

lier já se achava á beira da sepultura. "E' uma boa criatura, dissera ao A. certa vez, Verlaine; — amo-a, ama-me. Brigamos muito, algumas vezes me bate. Trata-me como uma criança, faz-me chorar — e isso me dá prazer". E sorria do uma maneira estranha. "Não sou bello, observou, de outra vez, — e ella não é propriamente a Venus de Milo. Não me ama pela minha literatura, mas sabe que sou "alguem". — Philomena, Esther, todas as outras o A. as conhecera; mas foi para Eugenia, especialmente, que, na sua opinião, Verlaine escreveu as suas ultimas poesias. — (Arthur Symons—*North American Review*).

RÉMY DE GOURMONT

Este escriptor, fallecido em Setembro p. p., "era um dos que mais honravam a literatura franceza contemporanea pela extensão e variedade dos seus conhecimentos, pela subtilidade e força do seu espirito philosophico, pela perfeição e encanto do seu estylo, emfim pela alta dignidade da sua vida, modelo raro de trabalho e de independencia."

Dessa vida ha pouco a dizer. Foi toda dedicada, no isolamento, aos labores da idéa. Apenas alguns intimos se approximaram desse homem reservado, pachorronto, que nunca fez confidencias. A solidão foi talvez a amiga mais cara de Rémy. Vivia no meio dos seus livros, velho casulo de papel de um insecto laborioso. Falava pouco. Era tímido. Quando sahia, era para ir aos *quais* a busca de alfarrabios ou ao *Mercure de France*, do qual foi um dos fundadores. Muitos divergiam das suas idéas; todos admiravam a sua maneira de expol-as. Tal era o respeito inspirado pela proibidade, que não tinha inimigos, nem mesmo entre as victimas da sua verve. E' que só percebia logo que elle era indifferente ás pessoas, só combatia ou defendia idéas.

Tem-se falado, veladamente, de uma terrivel molestia que o retinha em casa, isolado da communhão hu-

mana. E' justo que se não fale nisso. O que nós sabemos acerca das relações entre o physico e o moral é ainda demasiado incerto para que pretendamos lançar mão de um factor psychophysiologico no julgamento de uma obra tão pouco subjectiva, tão pouco confidencial, apesar da sua sensibilidade violenta e da sua sinceridade ingenua. Devemos contentar-nos do notar que, reduzindo ao minimo os accidentes, os factos publicos da sua existencia, elle redobrou, de um modo excepcional, a intensidade da sua vida interior. Elle limitou-se a *pensar* a comedia do mundo, sem se intrometter nella: poucos elementos lhe bastavam; tirava delles um partido surprehendente.

E' difficil definil-o. Pensador, era-o de certo, mas esse nome, ao que parece, está hoje monopolizado pelos prophetas do futuro social. Philosopho? Elle recusava toda metaphysica. Poeta? sim, mas apenas pelo dom das imagens, pois, pudico, não tinha effusões, restringia-se a simples exercicios de amator de rythmos. Romancista? Sujeitou-se tão pouco ás regras do genero! Elle não era nada disso, e tinha um pouco de tudo, e mais ainda. Os nomes de humanista ou ensaista lhe conviriam melhor, sob a condição de se despojarem desse perfume de abstracção, desse odor livresco que exhalam. Ninguém, entre os autores dados a especulações intellectuaes, foi tão vivo e concreto. No fundo, foi um homem prodigiosamente dotado da facultade do estylo e que amou e sentiu a vida de uma maneira profunda e total. — (Francis de Miomandre, *La Revue de Paris*).

SCIENCIAS SOCIAES E POLITICAS

ORIENTAÇÃO SOCIAL DOS ESTUDOS UNIVERSITARIOS

As antigas Universidades têm sido, nestes ultimos tempos, objecto de rudes ataques. Accusam-n'as de haver espalhado theorias abstractas e inuteis, embaraçando, sem razão

plausivel, o desenvolvimento das aptidões praticas, a quem se devem as transformações do mundo moderno.

Tenho para mim que um tal julgamento é, pelo menos, excessivo. As universidades eram, effectivamente, antes de tudo destinadas a servir a uma só classe social: a mais alta e ao mesmo tempo menos numerosa. Não tinham tambem, em conta, as necessidades collectivas. Ao diplomarem medicos viam os enfermos a curar, porém não as preocupavam os doentes das classes infimas, nem as reformas hygienicas que lhes melhorariam as precarias condições de saude. Quando diplomavam advogados e legistas, olharam com mais carinho para o pomposo do titulo que para as necessidades da administração publica e distribuição equitativa da justiça. Ademais, não vão muito longe os tempos em que para matricular-se ou frequentar as aulas de uma universidade era preciso provar a qualidade do sangue que corria nas veias do aspirante a tamanha honra.

Transmittir alguns conhecimentos superiores ás massas da burguezia, *levar a universidade aos que não podem vir a ella*, não sob a forma de escassas e mal alinhadas conferencias, mas de verdadeiros cursos summarios, criteriosamente esboçados e sinceramente feitos, tal a tarefa que se impuzeram alguns espiritos selectos da Inglaterra. Os resultados até agora colhidos são animadores e tudo faz crêr no pleno successo final da obra.

E' mister que as universidades *despertem* e fortaleçam todas as aptidões praticas especiaes, que as orientem do accordo com o desenvolvimento actual dos povos, assim no que respeita á vida industrial e intellectual, como no que se refere á formação de um character são e forte.

Orientar em tal sentido os estudos universitarios, combatendo energicamente a tendencia excessiva para o doutorado e para as carreiras ditas liberaes, que os novos graduados en-

encontram dia a dia mais repletas e menos productivas; favorecer os estudos economicos e industriaes de character accentuadamente pratico, sem descuidar, entretanto, das altas investigações scientificas de onde brotam novos ramos da fortuna moderna, eis o que deve constituir actualmente o programma de todos os governos e de todos quantos, nas universidades e no jornalismo, dispõem de uma parcella de prestigio para falar á geração nova.

Independentemente dessas novas escolas, que mais tarde ou mais cedo havemos de fundar, é egualmente necessario modificar a maneira por que hoje se ensinam as velhas disciplinas que constituem os cursos referentes ás profissões liberaes. Em todas ellas é preciso que a noção do interesse social governe a direcção que se deve dar a taes estudos, pondo os respectivos alumnos em contacto com as necessidades e aspirações sociaes, mostrando-lhes as relações dia a dia mais estreitas entre o individuo e a sociedade.

Nos dominios da engenharia, por exemplo, ha um vasto campo para intensificar o estudo das grandes questões: a salubridade das cidades, o saneamento das industrias urbanas e rurales, o aproveitamento das quédas d'agua, a drenagem de terrenos inaproveitados, as habitações populares, hygienicas e ao alcance da bolsa do pobre, os meios de transportes rapidos e accessiveis e uma outra multidão de problemas cada qual exprimindo uma fremente necessidade em beneficio do povo que trabalha.

Com relação á medicina, sem falar directamente na hygiene, de dominios hoje tão amplos, muita cousa ha reclamando reformas, tanto assim que esta profissão se liga intimamente em nossos dias á engenharia sanitaria, á bacteriologia, á sociologia.

De minha parte ha annos que vivo a dizer aos jovens que se destinam ao curso medico que além da sua tarefa de jurar e alliviar a dôr, tem

o medico uma missão social, missão de progresso, de justiça, de elevação moral, missão que lhes é assignalada naturalmente pela contemplação constante do horroroso espectáculo do soffrimento, da miseria e da injustiça, e pela convicção de que um grande numero dessas dores e dessas miserias são o producto de causas sociaes que é possivel remover.

E' firme certeza minha que os solidos estudos unversitarios, a observação da natureza, o conhecimento do mundo animado e notadamente do homem, muito contribuirão para criar o nobre espirito de solidariedade nas sociedades humanas.

O homem de sciencia que estuda com isenção de animo a organização social e moral de um povo, que desce aos antros tenebrosos do crime e da miseria para esentar suas causas e seus moveis, não pôde deixar de inundar-se de um forte espirito de tolerancia, de um sentimento de intima commiseração que mais dia menos dia o levará a trabalhar, não pelo reinado da egualdade, que é absurdo e anti-natural, mas pelo de justiça e da equidade.

E mais não era preciso para encher de alegria muitos lares de onde a doce paz desertou talvez para sempre. — (*Dr. Gregorio Alfaro* — da Universidade de Buenos Aires, *Revista de Filosofia*).

O DIREITO E A PSYCHOLOGIA

Para orientar o ensino de uma disciplina em estabelecimento de ensino superior, é necessario o mais claro conceito da sua finalidade. Si o objecto de uma universidade fosse simplesmente formar profissionaes sem esforço, ás tontas, seria indubitavelmente facil a orientação do ensino. Entretanto, com relação á nossa casa, (a Universidades de Santa Fé), ainda nos soam aos ouvidos as palavras elevadas e nobres do decano da Faculdade de Direito e Sciencias Sociaes, dr. Martinez, quando nos advertia que ella não

era e nunca foi uma fabrica de advogados.

Effectivamente, em synthese, o ensino universitario tem por fim formar homens, que pensem por si mesmos, com a autonomia adquirida pelo habito do estudo, e tambem das experiencias scientificas.

Qualquer que seja o estabelecimento de ensino superior, e muito principalmente tratando-se de uma Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, não pôde hoje em dia prescindir de um curso regular e methodico de philosophia em geral, e de um modo particular a psychologia, sciencia de um grande e promissor futuro e que deve ser estudada como introdução e preparação scientifica por quantos queiram ter do Direito e das Sciencias Sociaes um forte e solido cabedal.

Não é, pois, difficil comprehender a efficacia que pôde ter o ensino da psychologia. Esta sciencia, annexada ao curso de Direito, lhe dará uma alma nova, fornecerá á justiça um novo elemento de vida.

A sciencia do Direito, como as demais, para merecer tal nome precisa fazer-se humana, ser sciencia para a vida. Ella, como sciencia de um processo, de uma forma, de uma função psycho-social, não pôde contentar-se com documentos historicos e classicos. O estudo scientifico do Direito deve ser precedido pelo da genesis da psychologia do sentimento, das idéas, da actividade, da vontade, por que tudo isto nada mais é que a sua expressão, e attendendo-se ainda ao facto de não poder ninguem negar de boa fé que o Direito é um phenomeno psychico. Não é possivel, pois, fazer um conceito completo o perfeito do Direito sem os postulados da psychologia.

Acreditamos que não ha sciencia completa sem philosophia, e menos ainda Sciencia do Direito sem philosophia e sem philosophia psychologica.

Estamos com Ingenieros quando affirma que os especialistas sem idéas geraos são tão infecundos como os encyclopedistas superficiaes.

A curiosidade do scientista sem philosophia produz uma ridicula limitação do horizonte, assim como a curiosidade sem rumo do philosopho sem sciencia produz uma verdadeira caricatura da sabedoria.

A psychologia com sua philosophia propria tem o poder de clarear tudo em que penetra, constituindo assim um guia seguro para as mais altas investigações. Ao entrar nos dominios das sciencias juridicas, abre horizontes até então desconhecidos.

Todas as ramificações do Direito tem necessidade da psychologia. Porém, no tocante ao Direito Penal, esta necessidade se impõe de maneira irrefutavel. Isto não quer dizer que devamos parar aqui. Quem é capaz de negar as vantagens de um solido preparo psychologico aos juizes, aos advogados, aos legisladores?

Não se divorciou da verdade o doutor Bunge quando disse que as sciencias juridicas estão intimamente ligadas aos conhecimentos scientificos da psychologia. E tanto assim é, que esse mesmo eminente pensador nos ensina que as bases scientificas da lei são os seus fundamentos biologicos o psychologicos, porque toda lei humana deve tel-os e toda obra humana de facto os tem.

Logo, cremos que a psychologia tem em si mesma todas as bases scientificas do Direito; e, portanto, o ensino desse ramo importantissimo do saber, o Direito, deve ser precedido de um curso escrupuloso e completo de psychologia. — (Dr. José Oliva — *Revista de Filosofia*—Buenos Aires).

SCIENCIA E ARTES

OS PROGRESSOS DA ELECTRIFICAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO

A electrificação das estradas de ferro prosegue, nos Estados Unidos, com uma actividade, que as vantagens do novo modo de tracção justificam plenamente. A locomotiva a vapor, apesar do enorme peso da

caldeira, tem uma adherencia muitas vezes insufficiente, sobretudo na sahida; os choques imprimidos ás rodas pelo vae-vem dos puxavantes, predispõem-na á patinagem, e este defeito limita a velocidade, que só se augmenta com o accrescimento do diametro dado ás rodas motrizes. O tractor electrico, pelo contrario, deve a sua regularidade ao momento de rotação, que traz consigo a supressão dos choques e do movimento de lacete. Adquire facilmente uma grande velocidade, sem que seja necessario o emprego de grandes rodas pelo contrario, na maioria dos casos, é necessaria a redução da velocidade por meio de engrenagens. Contudo, nas locomotivas da *New-York Central Railroad*, os induzidos dos motores são montados directamente sobre os eixos. A vantagem mais apreciada da tracção electrica é a possibilidade da sahida do trem com a maxima acceleração compativel com o equilibrio estatico dos viajantes. Os trens, com paragens frequentes podem portanto attingir uma velocidade bastante elevada para que a velocidade média conserve um valor sufficiente, apezar da frequencia das paragens. A tracção electrica é portanto indicada, nas linhas metropolitanas e dos suburbios.

Nas linhas de grande extensão, é necessario modificar o modo de distribuição de energia. Se a alimentação dos motores fosse feita por correntes a 600 ou 700 volts, seria necessario multiplicar as estações transformadoras, e dar além disso aos conductores grandes diametros: do que resultaria grande despeza. Foi, portanto, necessario tolerar grandes voltagens, 3.000 volts por exemplo, como o faz a *Chicago, Milwaukee and Saint Paul Railroad*.

Esta solução parece á primeira vista incompativel com a corrente continua. Nas rédes em que se emprega este genero de corrente, a tensão de alimentação fica comprehendida entre 500 e 750 volts. Quando a differença de potencial attinge 1.500 ou 3.000 volts, a tracção é as-

segurada por quatro ou oito motores ligados em série, na sahida, e dois a dois ou quatro a quatro em paralelo, em plena marcha, de forma a não exceder 700 ou 750 volts nos terminaes de cada motor.

Na maioria dos casos, a energia é fornecida sob a forma de correntes alternativas. Se bem que os motores de campo girante sejam muito superiores aos alternomotores simples, a distribuição é raramente feita por correntes triphasicas, porque exigiria dois fios, no minimo, ou dois trilhos isolados, o terceiro conductor sendo constituido pela via ferrea ordinaria: além da despeza de installação, resultaria uma grande complicação nos cruzamentos, as duas linhas devendo ficar completamente isoladas uma da outra. Em compensação, este systema é o melhor para recuperar a energia, particularmente nas descidas; por isso, encontram-se alguns exemplos de installações na Italia e na Suissa sobretudo.

A corrente monophasica exigindo um unico conductor, é geralmente sob esta forma que a corrente é fornecida ao trem. Contudo, como a triphasica é mais vantajosa para a transmissão da energia a grande distancia, a combinação seguinte é a mais empregada: a energia produzida na proximidade de uma mina de carvão ou tirada de uma queda de agua é trazida por correntes triphasicas a grande tensão até uma sub-estação, onde convertedores rotativos transformam-na em corrente alternativa simples a tensão menos elevada. Foi assim que a *General Electric C.º* de Schenectady installou 182 kilometros de linha principal entre Thre Tork e Deer Lodge. E' o primeiro passo para a electrificação de uma distancia total de 710 kilometros. As locomotivas têm uma potencia normal de 3.000 cavallos; são accionadas por oito motores e pesam 263 toneladas. A linha é dividida em secções, alimentada cada uma por uma sub-estação, cuja distancia média é de 56 kilometros.

A corrente alternativa destinada á força motriz é vantajosamente produzida a baixa frequencia, contrariamente á solução adoptada para iluminação: foi reconhecida como a mais pratica a frequencia de 16 períodos por segundo, por permittir utilizar motores asynchronos, construídos mais ou menos como os motores de corrente continua. A tensão nos terminaes do collector não excede 800 volts, e, como a tensão na alavanca de tomada de corrente é geralmente de alguns milhares de volts, faz-se baixar o potencial por meio de transformadores estaticos, transportados pelo trem. Os motores de collectores funcionam bem, menos bem, contudo, com a corrente alternativa do que com a corrente continua. O motor de corrente continua é o motor de tracção por excellencia; mas, pelo contrario, é sob a forma alternativa que a electricidade se presta da forma mais simples e economica ás distribuições a longa distancia. O ideal seria, pois, trazer ás locomotivas a corrente alternativa e transformal-a na propria machina, em corrente continua. O convertedor de mercurio de Cooper Hervite está naturalmente indicado para esta funcção, pois não comporta nenhum orgão movel, e os modelos completamente metallicos, que se constroem hoje são sufficientemente robustos para esta applicação. A *Pensylvania Railroad Co.*, a *New-York-New Haven and Hartford* e a *Westinghouse Electric and Manufacturing Co.* associaram-se em 1913 para construir e experimentar uma locomotiva de quatro motores de 225 cavallos munida de convertedores de mercurio. Está actualmente em serviço nas linhas da *New-Haven Co.*, e os resultados das experiencias são satisfactorios. Apesar da sua superioridade sobre a locomotiva a vapor, a locomotiva electrica representa apenas uma solução provisoria, mas necessaria, do problema da electrificação das estradas de ferro. O tractor collocado na frente do trem absorve na sua propria tracção um terço, mais ou menos, da

energia empregada, e, para assegurar as rodas motoras a adherencia indispensavel, foi necessario concentrar em um pequeno espaço um peso enorme, que produz a rapida fadiga da linha. O emprego das locomotivas a vapor do typo *Pacifico*, obrigou as companhias a reforçar as pontes, e as locomotivas electricas exigem as mesmas precauções, quando as exigencias obrigam-nas a ser tão pesadas. A electricidade offerece um meio bem simples de supprimir o peso inutil do tractor, compondo o trem de vagões munidos de eixos motores; dividindo assim o esforço, distribue-se o peso necessario á adherencia sobre uma extensão maior de trilhos, e cada ponto da linha só tem uma carga muito mais moderada a supportar.

Por mais vantajosa que seja esta combinação, comprehende-se que não seja immediatamente realisavel sobre todas as linhas, pois não se pode pensar em substituir de um dia para outro, nem mesmo de um anno para outro, todo o material rodante actual. As companhias procedem, pois, por transformações parciaes. A primeira phase é a da substituição progressiva das locomotivas, em primeiro logar nas linhas dos subúrbios, em seguida em percursos cada vez mais extensos. A segunda é o estabelecimento de trens de *unidades multiplas*. Este programma está em via de realisação sobre numerosas redes ferroviarias.

Na França tambem já são empregadas as locomotivas electricas. Nas estradas de ferro do Estado, os novos vagões automotores, com 22 metros do comprido, podem conter 200 viajantes e comportam, além disso, um compartimento para bagagens, bem como um posto de conducção em cada extremidade.

Cada um destes carros isoladamente reúne todos os elementos de um trem completo e pode assim assegurar por si só o serviço nas horas de pequeno trafego. Se ha mais de 200 viajantes, atrela-se ao vagão automotor, seja um outro carro se-

melhante, sejam alguns vagões ordinarios. Se a affluencia o exige, forma-se assim um trem tão longo quanto fôr preciso, com vagões ordinarios, intercalando um numero conveniente de vagões motores. Estes ultimos são ligados entre si por conexões e electro-imans dispostos de tal maneira, que todos os motores e todos os freios são governados simultaneamente pelo guarda-freio collocado na frente do trem. Por mais extenso, que seja o comboio, a direcção não fica assim mais complicada, do que a de um bonde, e um unico empregado é sufficiente. Chegado á estação terminal, o guarda-freio tem apenas de se transportar para o compartimento collocado atrás do último carro, que se transforma portanto na frente do trem; e este pôde immediatamente regressar sem nenhuma das manobras, que exigem os deslocamentos das locomotivas. — L.

VARIÉDADES

AS PROPRIÉDADES THERAPEUTICAS DO SAPO

O sapo tem uma historia singular. Desde as edades mais antigas tem sido considerado animal venenoso. E varias raças têm feito uso da sua pelle em medicina. Ainda hoje, os chinezes adoptam, como remedio para a hydropsia, um preparado extraido da pelle do sapo. No Occidente, um remedio semelhante tem sido sempre usado pelos camponeses. E, até a introdução da digitalis (1775), tal remedio era mesmo receitado pelos medicos mais doutos. Os primeiros colonos da Nova Inglaterra usavam um unguento de sapo para as deslocções e para as dôres rheumaticas, cuja receita era esta: Quatro sapos vivos de tamanho regular. Postos na agua fervente, deixa-se cozer de vagar. Em seguida, retiram-se os sapos, e faz-se ferver a agua até ser reduzida a meio pint (um pint equivale a cerca

de meio litro). Junta-se-lhe uma libra de manteiga sem sal, e faz-se ferver muito devagar. Por fim, juntar duas onças de tintura de arnica.”

Pois bem, Hoje está demonstrado scientificamente que algumas familias de sapos segregam uma substancia venenosa, composta de dois elementos principaes, um dos quaes é a adrenalina, remedio bem conhecido pelas suas propriedades hemostaticas e usado sobretudo nas operações da garganta e do nariz. O prof. John Abel escreve na *Science*, de Nova York um antigo referindo que examinou um sapo dos chamados *Bufo Agua*, dos quaes os indigenas se servem para envenenar as flechas, banhando-as nas secreções gordurosas que produzem as suas glandulas, quando é irritado ou excessivamente aquecido. Esse veneno é tão poderoso, que mata em poucos minutos grandes animaes como o veado ou o jaguar.

Ha dois annos, estudando um exemplar desse sapo gigantesco, o professor Abel observou que a sua secreção gordurosa produzia nos ferros cirurgicos uma mancha verde azulada. Recordou-se então de haver visto uma mancha semelhante num ferro usado para cortar uma glandula sub-renal. E isso o auxiliou nas suas indagações, conseguindo, dentro de algum tempo, isolar a “adrenalina” nas glandulas do sapo. Poude mesmo isolar sob a forma de bellos crystaes, outro elemento, justamente aquelle a que o sapo deve as suas qualidades curativas da hydropsia — e a que foi dado o nome de “bufagina”.

A bufagina e a bufotalina, extrahida do sapo *commun* europeu, demonstram que a antiga crença, ridicularizada pelos doutores de ha um seculo, tem um fundamento de verdade. Está-se estudando agora a constituição chimica da substancia, esperando-se conseguir dessa forma alguma luz sobre as propriedades chimicas fundamentaes dos estimulantes cardiacos. A secreção da pelle do *Bufo Agua* pôde, com effeito,

servir como veneno para as fléchas, justamente porque estas duas drogas gordurosas, a adrenalina e a bufagina, em doses muito fortes, exercem acção mortal sobre o coração e sobre os vasos sanguíneos.

COMO SE DEVE ESTUDAR

Não são muitos os estudantes que sabem haver varios modos de estudar: bons, maus, rarissimos e absurdos. E' que elles não notam os processos mentaes e psychologicos, por meio dos quaes o intellecto aprende, e o resultado é que muitos se fatigam demais sem conseguir o effeito desejado.

Não se aprende apenas com força de vontade e tenacidade, embora estas qualidades sejam utilissimas: é preciso ainda saber estudar.

Antes de tudo, o rapaz deve ter amor pela materia a que se dedica. Quando elle se interessa realmente por ella, aprende sem esforço, pois, o estudo se torna um prazer. A melhor maneira de ter amor por uma materia é ter, ter muito os assumptos mais ou menos affins com ella; depois, reflectir nas relações que existem entre elles e conversar com pessoas que gostem de falar da materia escolhida. E' sempre de boa vontade que se faz qualquer coisa pela qual se tomou interesse. Muita gente pensa no trabalho como numa coisa necessaria, mas summamente desagradavel, e no emtanto o trabalho é a mais segura e duradoura alegria da vida. E nenhum trabalho util e grave tem sido jamais realizado sem amor.

Ha dois methodos para estudar: o consciente e o subconsciente. O estudo consciente é um processo necessariamente fatigante; precisamos, durante elle, combater o cansaço, a excitação dos sentidos, a inclinação a distrair-se, o desejo de mudança, numa palavra "constranger" o espirito a proceder de certa maneira. Nesse caso, é preciso que o estudante tenha o cuidado de evitar o "falso estudo", durante o qual os olhos

estão abertos, mas o cerebro fechado. E nunca, salvo raras excepções, deve o estudante procurar aprender de memoria.

A attenção não pode ser concentrada longamente sobre um livro sem uma pausa: para que o estudo seja proficuo, é necessario que a attenção seja muito intensa, o que não pode succeder senão em periodos breves. De cada vinte minutos, mais ou menos, o estudante precisa levantar-se e andar pelo aposento, durante um minuto ou dois: o movimento attráe ás pernas um pouco do sangue do cerebro e a interrupção repousa os olhos. Não é possível permanecer uma hora ou uma hora e meia sentado, sem mudar de posição, senão com um notavel dispendio de força nervosa: e nestas condições é naturalmente difficil evitar o somno completo ou parcial.

As escolas secundarias e superiores ainda não conseguiram ensinar os estudantes a pensar. E, comtudo, é essa a coisa mais importante. Uma idéa momentanea pode equivaler a uma semana de estudo mecanico. E os rapazes devem se lembrar sempre que não se consegue uma boa doutrina senão pelo pensamento.

Quanto ao estudo subconsciente, ha muita gente que ainda se não habituou nem mesmo a consideralo estudo. E' um exemplo frisante desse estudo, entretanto, a creança que aprende a falar. A principio, ella não faz esforço algum para aprender a arte da palavra, e todavia a adquire rapidamente, em grande parte por imitação. Não ha estudo em que não tenha papel importante o subconsciente. Detalhes numerosos são recolhidos pelo subconsciente, graças á continua percepção e observação dos sentidos. O subconsciente dirige muitas vezes a nova conducta e resolve os mais graves problemas da nossa vida. Nelle é que está a séde dos nossos impulsos, elle é que desenvolve os novos habitos e associa as nossas idéas, formando com ellas conhecimentos uteis.

Quando um estudante applica de maneira racional e seria os dois methodos de estudo, os seus exames cessam de ser-lhe um espantinho. E os exames, longe de lhe metterem pavor, passam a ser, muito naturalmente, um meio de saber-se o que elle conhece, ou melhor, o que não conhece.

A maneira mais economica de preparar-se é ter sempre em ordem os apontamentos nos cadernos e no cerebro, dia a dia. Assim elles se associam espontaneamente, e o estudante aprende muito sem percebê-lo, por effeito das faculdades subconscientes. — (George Van Ness — *Scientific American Supplement*).

A RECONSTITUIÇÃO DAS FLORESTAS

As florestas preenchem uma função importante e capital na existência dos povos. Essa função é não só utilitaria como esthetica. A belleza e a poesia mysteriosa das florestas são evidentes e não é possível enumerar as obras d'arte todas, em pintura, em literatura, em musica, que têm a sua inspiração nas florestas.

Entretanto não se tem dado o merecido apreço á belleza e aos beneficios das mattas.

A utilidade dellas se manifesta segundo principios eternos, que devem ser repisados, pois a sua applicação é sempre despresada, defeituosa ou nulla.

A floresta é tão vivificante como o mar, com relação ao qual offerece a vantagem do que se poderia chamar "a egualdade de humor", cujo effeito salutar se faz sentir nas pessoas nervosas ou irritaveis. Para quem quer que queira experimental-o a floresta é um medico gratuito, dispensador de effluvios balsamicos poderosamente fortificantes. E' nella que ha mister procurar e que se encontra sempre o equilibrio vital e cerebral que falta a tanta gente que parece gozar de saude, que parece indemne de molestia caracterizada,

que não tem lesões apparentes, mas enervada e esgotada pelas condições da vida moderna.

Não é preciso insistir sobre os phenomenos chimicos especiaes á cuja observação deu lugar o reino vegetal, notadamente a absorpção e reabsorpção do acido carbonico pelas folhas, — phenomenos particularmente beneficos.

As arvores pelas suas enormes e profundas raizes dão consistencia ao terreno em que haurem a sua seiva, impedindo-o de defender-se. As fohagens amortecem a queda das aguas pluvias de que guardam boa parte. As grandes florestas contribuem senão a conjurar ao menos a attenuar as inundações.

Uma outra importante utilidade das florestas — é a protecção. A existencia de florestas de protecção se liga estreitamente á restauração das montanhas e das dunas. As florestas de protecção são mattas existentes que é mister conservar em condições de segurança mais completas que as de outras partes do territorio, porque servem para prevenir um perigo imminente contra o qual ellas garantem os vizinhos: fendas ou rompimentos de terrenos, quedas de rochedos ou avalanches, invasão lenta e gradativa das areias.

A influencia consideravel das mattas sobre as condições climatericas já está exuberantemente demonstrada. A matta intervem como moderadora das temperaturas extremas. No inverno faz menos frio e no verão menos calor dentro da matta que fóra da matta. A experiencia prova ainda que a floresta regularisa o regimen das chuvas, assegura, por meio das fontes, a alimentação de agua potavel dos lugares habitados, constitue uma garantia contra a contaminação dessas aguas e, emfim, sob o ponto de vista das inundações, desempenha um papel preventivo de importancia capital, retardando-as e diminuindo-lhes a intensidade.

Em seu conjuncto, a floresta produz "o effeito de uma vasta esponja que retém energicamente a agua

do céu e não a deixa em seguida escorrer senão muito lentamente”.

Esta influencia da floresta sobre as inundações tem sido tão bem estudada e reconhecida que se chegou a considerar o reflorestamento, nos paizes montanhosos, como o melhor meio de supprimir as torrentes; da mesma forma que a conservação ou o restabelecimento das mattas impede a accumulção da areia ou a invasão dos rios e correços.

A reconstituição das mattas tambem precisa ser considerada sob o ponto de vista das madeiras mais necessarias para os differentes fins industriaes e commerciaes. Em 1912 importaram-se na França 192.000.000 de francos em madeiras de toda natureza. A penuria das madeiras para fins industriaes não se observa só na França: trata-se de uma verdadeira crise mundial. As reservas de madeiras se têm esgotado com uma grande rapidez. A fabricaçção do papel devorou florestas inteiras. — (Louis Marin, *La Science et la Vie*).

ODORES HUMANOS

E' facto sabido que as modificações interorganicas produzem, sejam em quem fôr, um odor especial, bem sensível, tanto que permite ao cão reconhecer por elle o proprio dono. Não causa admiração, pois, que cada raça humana, ou cada povo, tenha o seu odor particular, odor que pode ser variado, pelo clima, pelos habitos de vida, pelos vestuarios e, sobretudo, pelo genero de alimentação.

Num estudo sobre a cozinha na Abissinia, affirma o capitão italiano Tancredi, que a manteiga é usada largamente naquelle paiz, misturada com varias drogas, manipulada de varios modos, e em todas as casas conservada dentro de vasos de barro. Dahi provém o odor desagradavel e penetrante que desprendem todas as coisas na Abissinia, dando a ellas e ás pessoas o caracteristico odor local africano que se chama: “o odor indefinivel do sul”.

E' de notar que, emquanto aos outros sentidos os homens estão

mais ou menos de accordo, relativamente aos odores não é facil encontrar egual unanimidade e, por vezes, o que é para uns insupportavel exhalção, para outros é perfume. Affirma Plinio que o odor do incenso, de que gostavam tanto os arabes sabeus não era tolerado em Babilonia, de onde, entretanto, o perfume do almiscar fôra banido por ser considerado como veneno. Não ha quem ignore que até os perfumes mais suaves, como o da gardenia ou do lyrio, encontram pessoas que os não supportam. Pietro Servio Spoletino, numa dissertaçção — *De Odoribus*, publicada em 1691, recorda varios personagens, taes como Uladislau, rei da Polonia, e Francisco I, rei da França, que não podiam tolerar taes odores. Outro escriptor desse tempo, Le Vayer, refere que uma senhora, de muito boa saude, achava o odor da maçan tão desagradavel, que cahia sem sentidos quando se lhe punha uma dessas fructas sob o nariz. Nesse facto quiz um theologo vêr... a herança de Eva.

Em geral pôde-se affirmar que os odores muito agudos mesmo que sejam perfumes, não são facilmente supportaveis por todos. Aristoteles assegura que os perfumes depõem contra as pessoas, tornando mais perceptíveis os odores desagradaveis que se desprendem dellas: *homines qui hirciunt, foedis olent cum odoribus*. E Suetonio narra que o imperador Vespasiano retirou uma nomeaçção de prefeito, com quo distinguira um joven patricio romano, só porque este lhe apparecera todo coberto de perfumes. Vespasiano mandou-o embora, dizendo-lhe que lhe causaria menos aborrecimento se tivesse apparecido cheirando a alho: *Mahissem alio suboluisse!* Vespasiano pensava, certamente, que o melhor odor de um ser humano é justamente aquelle que, segundo Plauto, constitue o mais puro, o mais exquisito, o mais perfeito odor da mulher: o de não ter nenhum — *Mulier tum bene olet, ubi nihil olet*.

Um autor mostrou ha tempos que existem subteis odores individuaes

capazes de estabelecer correntes de sympathia ou de antipathia entre as pessoas que os possuem. E fundava essa opinião no facto de que quasi todas as mais celebres bellezas tiveram um perfume pessoal, citando particularmente Diana de Poitiers, Ignez Sorel, e madame de Maintenon, as quaes, segundo os seus biographos, emanavam um suave odor de violetas. Esse facto poderia ter alguma relação com o chamado "odor de santidade", que, segundo as lendas sagradas, emanavam os corpos das santas, odor comparado quasi sempre ao das violetas.

A sciencia, que procura explicar tudo, confirmou a existencia deste "odor de santidade" constatando que as pessoas histericas, especialmente se são mulheres, durante as crises nervosas, durante um odor de violeta, devido a uma acção até agora inexplicada, do systema nervoso sobre as glandulas sudoriparas.

Em compensação, ha casos de pessoas que apresentavam maus odores. Cicero, por exemplo, narra que um certo Apronio exhalava um odor horrendo, desagradabilissimo até aos animaes, e que, no entanto, era, para o pro-consul Verre, um perfume muito suave...

Nas suas memorias, madame de Verneuil deixou escripto que Henrique IV, o popularissimo rei da França — *puoit comme charogne*, inconveniente que ao rei não desagradava, pois era, no seu entender, documento indiscutivel da sua paternidade, visto como seu pai tivera o mesmo defeito... Tambem o Rei Sol, Luiz XIV, era obrigado a fazer uso de perfumes agudos para neutralisar o odor desagradavel que herdara de seus ascendentes.

As raças têm odores particulares. Os antigos habitantes do Egypto reconheciam como seus irmãos sómente os estrangeiros que reuniam em si certas condições entre os quaes a de exhalar o mesmo odor dos Egyptios.

Contam viajantes que os "pelles-vermelhas" têm um acre odor de fumo, por causa do fumo em meio do

qual vivem nas suas cabanas. Os habitantes da Groenlandia têm um odor horrivel de oleo de baleia. E todos sabem que os negros têm um odor caracteristico muito desagradavel para os homens de raça branca, nos quaes, em compensação, os negros sentem um odor de... cadaver.

O cientista japonex dr. Buntaro Adachi, dotado certamente de um olphato muito apurado, conseguiu levantar uma carta geographica da Europa sob o aspecto olfactivo, attribuindo os odores desagradaveis dos europeus, em primeiro logar ao regimen carneo, depois aos vestuarios e aos sapatos apertados, que favorecem a fermentação das secreções cutaneas, e, afinal, ao pouco uso que se faz na Europa... do banho completo. — (Americo Scarlati — *Minerva*).

REVISTA DO BRASIL

Já estava a entrar para o prelo esta Revista, quando nos veio de Barcelona a triste nova do fallecimento, alli, de Affonso Arinos.

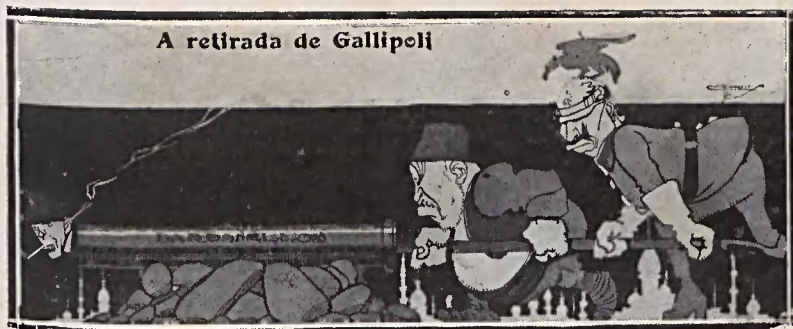
A impossibilidade material do nos occuparmos neste numero da personalidade do illustre extinto força-nos a registrar-lhe apenas o desapparecimento — o que fazemos sensibilizados á grande perda que semelhante successo constitue para as letras nacionaes.

*

Devido ao grande atrazo com que nos chegou, não podemos dar, no presente numero a continuação das interessantissimas lições do sr. Alberto de Oliveira, sobre a rima e o rythmo. Esse e outros estudos que já recebemos, serão publicados no proximo numero, a sair no dia 25 de Março.

O segundo fasciculo da *Revista do Brasil* sae com maior numero de paginas do que estatue o nosso programma. É um numero excepcional, que compensa fartamente a relativa exiguidade do primeiro.

AS CARICATURAS DO MEZ



O INGLEZ (monologando): Isso não é derrota. A Inglaterra não é a rainha dos estreitos.
("Caretá" - J. Carlos)

UMA TAREFA DIFFICIL



WENCESLÃO — Não é só de uma revisão que ella carêce. E' preciso fazer uma **reconstituição**.
("Caretá" - J. Carlos)

A GUERRA EUROPÉA:
A INTERVENÇÃO DO DIABO



SATANAZ (intervindo com o seu jogo):
Vamos! Acabemos com isto! Apaguemos o incendio...

("Malbo" - Kallixto)

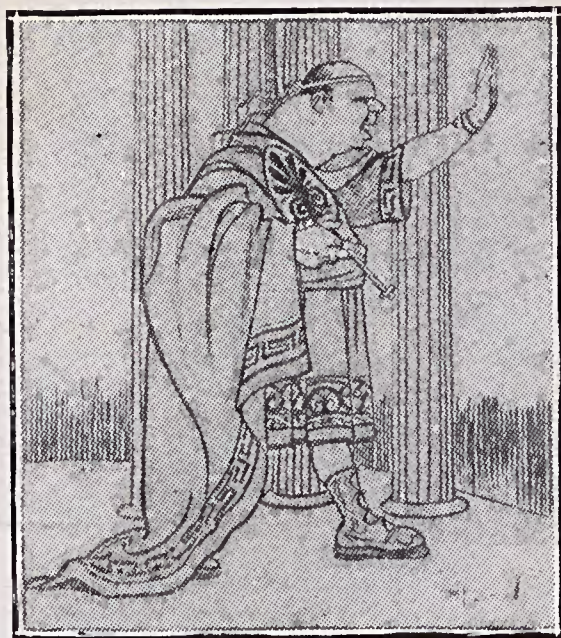
MORRERÁ DA CURA?

(TODOS QUEREM ERGUER O THEATRO)



O THEATRO—Céos! Tantos doutores a aviar drogas e eu sem uma "receita" que me salve!
(“Zazeta de Notícias” — Kálixto)

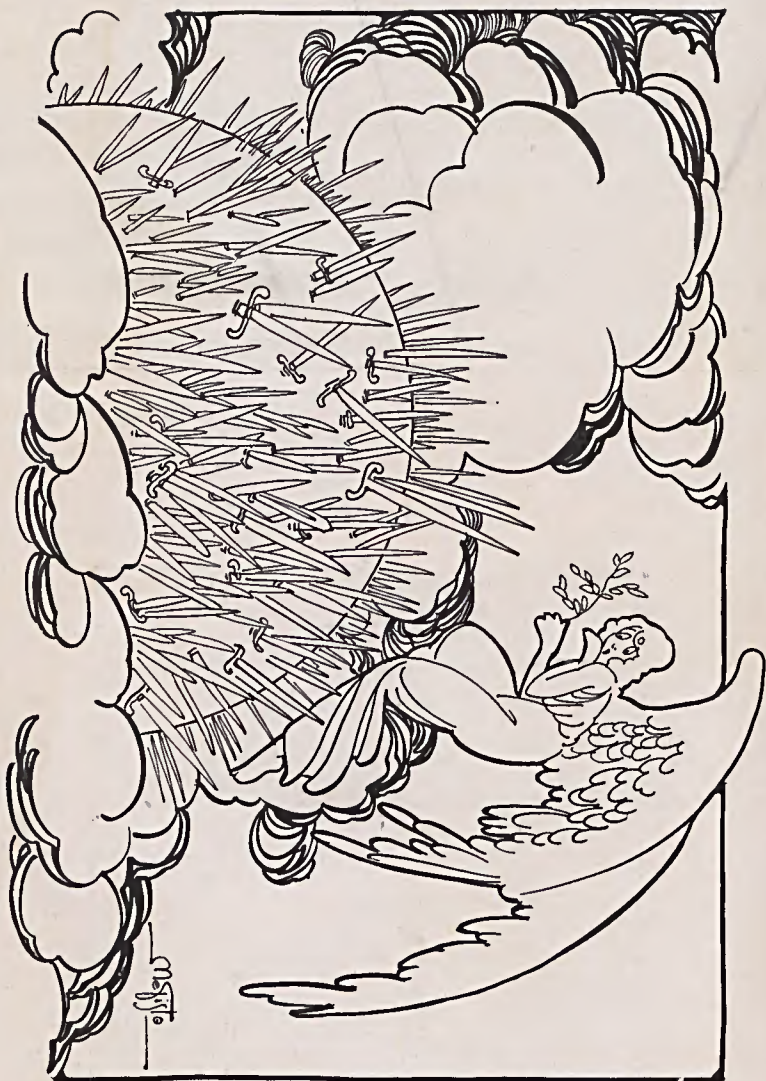
THEATRO NACIONAL?



— EUREKA!...

(“O Paiz” — Julião Machado)

A TERRA ERIÇADA



A PAZ - MAS... ONDE QUEREM QUE EU POUSE ?

(Gigarras" - Mefisto)

COMP. NACIONAL

DE TECIDOS DE JUTA

Fiação e Tecelagem

Fabrica SANT'ANNA

Aniagens - Saccaria - Lona branca - Tapetes

Lona de cores para colchão etc.

Fios de Juta simples ou torcidos

de qualquer grossura ■ ■

Escriptorio :

RUA ALVARES PENTEADO N. 24

TELEPHONE N. 872

CAIXA POSTAL N. 342

Telegrammas: JUTA S. Paulo

CODIGOS

Particular

Ribeiro

A. B. C. 4.^a e 5.^a edição

A. I.

■ ■ **SÃO PAULO** ■ ■



CALÇADO

Villaca

O MELHOR
REMÉDIO
CONTRA
os CALLOS
É O

Esta verdade attestada

por innumeradas pessoas, é corroborada pelo *exmo. sr. C.º Paulo Orozimbo de Azevedo*, *ex-administrador dos Correios de S. Paulo*

Declaro que desde que uso o Calçado Villaca tenho gozado de grande alívio no soffrimento proveniente dos callos, pelo que tenho aconselhado ás pessoas de minhas relações para que experimentem esse excellente calçado.

Paulo Orozimbo de Azevedo.

Deposito no triangulo

Companhia Calçados VILLAÇA

Rua Direita N 6-A = S. PAULO

“REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA”

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil

A MAIS COMPLETA, A MAIS UTIL, A MAIS INTERESSANTE

Assignatura Annual: 10\$000

PUBLICA ARTIGOS SOBRE Sciencia do Commercio, Technica do Commercio e da Industria, Contabilidade, Escripção, Politica Commercial, Geographia Commercial, Finanças, Sciencias Economicas, Estatistica Commercial, Industrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS SOBRE Legislação commercial, Jurisprudencia commercial, Alfandegas, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Commercial, Movimento Bancario, Movimento Marítimo, Movimento dos Mercados, Fretes, Transportes, etc.

Verdadeira e completa encyclopedia commercial - Única no Genero

Assignaturas e venda avulsa: Livrarias ALVES e GARRAUX

Editores: OLEGARIO RIBEIRO & Co.

Redacção: RUA DIREITA, 27 (1.º andar) -- S. PAULO -- Officinas: RUA DR. ABRANCHES, 43

CAIXA, 1172 - TELEPHONE, 1908

==== EDIÇÃO DA NOITE DO
"ESTADO DE S. PAULO"



Jornal moderno, de formato commodo,
publicando oito paginas diariamente
Inserer telegrammas de ultima hora

ASSIGNATURAS - anno 15\$000
6 mezes. . . 8\$000

Para annuncios:

Pedro Didier

RUA S. BENTO N. 61 (sala n. 5)

Valentim A. Harris & C.

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 45



Inteiramente gratis - Viagens de recreio ás Republicas do Uruguay e Argentina

Extraordinario Concurso ao alcance de todos!!!
INEQUALVEL — "TODOS" OS SRS. CONCORRENTES PREMIADOS

1.º PREMIO — 1 passagem de turismo (2 semanas INTEIRAMENTE GRATIS, com direito a tomar parte na conhecida «Excursão Brasileira» (4.ª viagem) a sahir de SANTOS em 4 de Abril de 1916. (Do Rio em 3 de Abril de 1916) pelo grandioso vapor holandez «TUBANTIA» e dando direito ás passagens maritimas de ida e volta em 1.ª classe, hoteis de PRIMEIRA ORDEM e a todas as regalias e vantagens offercidas aos srs. turistas no «programma itinerario» que está sendo distribuido gratuitamente pelas Agencias no Brasil, do Lloyd Real Hollandez, e pelas Casas «Palais Royal», Rua S. Bento, 72 «Nova America», Libero Badaró, 74 «FARIA», rua 15 de Novembro, 6-A. S. Paulo Sociedade Anonyma Brasil Mercantil, rua da Candelaria n. 2 Rio de Janeiro. L. Bertran, rua Frei Gaspar, 88 Santos.

OUTROS PREMIOS — A todos os srs. concorrentes sem excepção e que não conseguiram ganhar o primeiro premio, será enviado sem despesas UM EXEMPAR da «GUIA SUL-AMERICANA DO TOURISMO» (ed. Brasileira).

COUPON CONCURSO: "Excursão Brasileira" Viagens internacionaes

CONDIÇÕES GERAES: Podem concorrer pessoas residentes em qualquer localidade ou cidade do Brasil.

- Escrevam com pennas usaes o maior numero de vezes que lhes fôr possível, a palavra **TUBANTIA**, num pedaço de papel de qualquer qualidade e de um só lado, do tamanho 9 por 12 centimetros.
- Colloquem juntamente com este coupon o papel escripto, dentro de um envelope, mencionando nome, sobrenome ou pseudonymo, residencia, (por extenso).
- Remettam juntamente com réis, dois mil, a E. M. GRAU, organisador e director da «Excursão Brasileira» viagens internacionaes, rua Libero Badaró, 74 São Paulo.

IMPORTANTE: — O «concurso» será encerrado imprerivelmente em 25 de Março de 1916 e a apuração será feita no dia seguinte, 26 de Março ás 10 horas da manhan, fiscalizada pelos interessados ou seus representantes e pelos dd. representantes da imprensa.

Em caso de empate no **PRIMEIRO PREMIO**, será entre os vencedores pelos dd. representantes da imprensa sorteados o premio.

Todos os envelopes serão registados log? a sua chegada em **LIVRO ESPECIAL**.

A's pessoas que o solicitarem ás Casas «Au Palais Royal», rua S. Bento, 72, «Faria», rua 15 de Novembro 6-A «Nova America», Libero Badaró, 74, S. Paulo. — Sociedade Anonyma «BRASIL MERCANTIL» da Candelaria, 2, Rio de Janeiro, e todas as agencias do **LLOYD REAL HOLLANDEZ** no **BRASIL**, será remittido, gratuitamente o programma-itinerario desta encantadora viagem ás nossas Republicas Irmãs do Uruguay e Argentina.

Acceptam-se agentes idoneos para a propaganda.

Revista do Brasil

Summario do primeiro numero (25 de Janeiro de 1916)

REDACÇÃO

PEDRO LESSA
da Academia Brasileira

ADOLPHO PINTO

L. P. BARRETTO

ALBERTO DE OLIVEIRA
da Academia Brasileira
AMADEU AMARAL

VALDOMIRO SILVEIRA
JOSÉ VERISSIMO
da Academia Brasileira
VICTOR DA SILVA FREIRE

REVISTA DO BRASIL

O PRECONCEITO DAS REFORMAS CONSTITUCIONALES

O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

O ULTIMO PASSO DA CIRURGIA

A RIMA E O RYTHMO

O ELOGIO DA MEDIOCRIDADE

DESESPERO DE AMOR

O MODERNISMO

FACTOS E IDÉAS

RESENHA DO MEZ:

O codigo Civil Brasileiro — P. B. — *Movimento Literario*: — Lendas e tradições — Machado de Assis. — *Bellas Artes*: — Pintura e esculptura — P. — *Revistas e Jornaes*: — As Revistas no Brasil; (A Semana) a nossa situação internacional. — As Revistas nos Estados Unidos. — S Ildariedade commercial e de instituições das republicas do hemispherio occidental. — A alimentação das crianças nas escolas — Guerra ao alcool. — Os literatos italianos e a guerra. — O organisador da "triplice-entente" — As mulheres japonezas e a politica. — Aphorismos. — As mentiras da "réclame" (*Collaboradores da Revista do Brasil*). — *Sciencias e Artes*: — O telephone sem fios. — Automovels amphibios. — A acustica das salas. — As cidades-jardins. — X.

AS CARICATURAS DO MEZ (*Seis caricaturas reproduzidas*)

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua,

Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

*GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado
e pertences*

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua Alvares Penteado N. 14

SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

AUGUSTO DE LIMA <i>da Academia Brasileira</i>	Afonso Arinos	233
AURELIO PIRES.	Recordando	240
PAULO R. PESTANA.	A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo <i>(com ilustrações)</i>	245
MARIO PINTO SERVA.	A organização do meio circulante	258
ALBERTO DE OLIVEIRA. <i>da Academia Brasileira</i>	A rima e o rythmo. . .	272
AMADEU AMARAL	A palmeira e o raio. .	277
MONTEIRO LOBATO.	A vingança da peroba.	281
OCTAVIO AUGUSTO.	Nos dominios de Bee- thoven	296
VICTOR DA SILVA FREIRE.	1815-1915.	301
COLLABORADORES.	Resenha do mez.	324

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 3 - ANNO I

VOL. I

MARÇO, 1916

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — Affonso Arinos, *Redacção* — Affonso Arinos (soneto), *Arduino Bolivar* — As Academias de Portugal, *R. S.* — Eduardo Prado, *P.* — Pintura, *N.* — Musica, *F.* — Visconde de Porto Seguro — Cidades mortas — Aspectos do norte — Carmen Sylva — A mestiçagem das raças na America — As mutuas escolares na Italia — Consequencias da guerra — Selvagens e civilizados — As explosões e o systema nervoso — Os me-
taes da guerra — Os diarios de Tolstoi — Goethe nas trin-
cheiras.

As caricaturas do mez (tres caricaturas reproduzidas).

Retratos: Affonso Arinos e Lucilio de Albuquerque, por Wasth Rodrigues.

Gravuras fóra do texto: “Mãe preta”, quadro de Lucilio de Albuquerque — Fazendas do Estado de S. Paulo (oito gra-
vuras).

A “REVISTA DO BRASIL” só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO
DIRECTORES: JULIO MESQUITA
ALFREDO PUJOL

REDACTOR CHEFE: PLINIO BARRETO

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
EXTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO.

RUA DA BOA VISTA, 52
CAIXA POSTAL, 1373 - TELEPHONE, 4210

S. PAULO

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BIYNGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



CASA MENDES

Vidros para vidraças
Quadros-oleographias
Espelhos e papéis pintados

A. MENDES

Telephone, 2389 - Rua de São Bento, 28-B
————— **SÃO PAULO** —————

JOÃO DIERBERGER
————— **FLORICULTURA**

|||
SÃO PAULO
|||

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511

ESTABELECIMENTO DE 1.^A ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - **CHACARA:** Alameda Casa Branca,
Filial: **CAMPINAS- GUANABARA** **AVENIDA PAULISTA**

CASA CABRAL

FUNDADA EM 1894

Rua de S. Bento, 35-B

TELEPHONE, 756

CAIXA DO CORREIO, 666

CUNHA CABRAL & C.

Vidros para vidraças, Papéis pintados para forrar casas, Espelhos,
Molduras, Transparentes, Telhas de vidro, Papelão, Diamantes para
cortar vidros e Crystaes para vitrines.

————— **SÃO PAULO**

Tinturaria Parisiense

Casa Especial em Roupas de Homens, Senhoras e Creanças.
Limpeza perfeita em Fianelias e Luvas de pelica

Concertos em roupas de homem

Limpeza a secco, tiram-se nodoas

Promptidão e Exaqtidão - TINTURARIA PERFEITA

DETACHAGE

FELICIANO LOPES

Telephone, 2378

Rua Barão de Itapetininga, 38 - **SÃO PAULO**

Companhia Mechanica e Importadora

de S. Paulo

IMPORTAÇÃO, COMMISSÕES,
CONSIGNAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Endereço Telegraphico "MECHANICA"

Caixa Postal, 51 **SÃO PAULO**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 36

SANTOS

Rua de Santo Antonio, 108 e 110

RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 25

IMPORTAÇÃO em geral e fabricação de artigos e machinismos para Industrias e Lavoura. Materiaes para Estradas de Ferro e Construcções. Fabrica de material de barro vidrado. **Agentes geraes para o Brasil dos afamados automovels "FIAT"**. Agentes exclusivos para a venda dos productos das Companhias SILEX e PAULISTA de louça esmaltada. Representantes da afamada fabrica de vapores "ROBEY".

LONDRES: Broad Street House-New Broad Street, London E. C.

Officinas Mechanicas, Garage, Fundição e Depósitos:
Ruas Mons. Andrade e Americo Brasiliense (Braz) : S. PAULO

FIAÇÃO de ALGODÃO da SAUDE

Pereira,
Estefno & C.

Praça Antonio Prado
N. 8
SOBRADO

SÃO PAULO



Fabrico especial de
fios de numeros 2 a

70, crús, tintos (de
qualquer côr), torci-
dos ou mercerizados
para malharia, ordu-
me e mais
aplicações
industriales.



Companhia Commercio e Navegação

(CAPITAL REALISADO: 10.000:000\$000)

Séde: RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 37

CAIXA POSTAL, 482

Fillal: SÃO PAULO

Rua de São Bento, 45-A

CAIXA POSTAL, 218

Agencia: SANTOS

Praça da Republica, 3

CAIXA POSTAL, 448

Serviço de cabotagem entre os portos de todos os Estados
do Brasil e Navegação de Longo Curso

Dique "Commercio": 550' X 74' X 30'

LIMPESA E REPAROS DE VAPORES

Sal de Macau e Mossoró, das suas salinas no Rio Grande
do Norte, as mais importantes do Brasil





O MELHOR
 REMEDIO
 CONTRA
 os
 CALLOS
 E' O

Esta verdade attestada

por inumeras pessoas, é corroborada pelo exmo. sr. C.º Paulo Orozimbo de Azevedo, ex-administrador dos Correios de S. Paulo

Declaro que desde que uso o Calçado Villaca tenho gozado de grande allivio no soffrimento proveniente dos callos, pelo que tenho aconselhado ás pessoas de minhas relações para que experimentem esse excellente calçado.

Paulo Orozimbo de Azevedo.

Deposito no triangulo

Companhia Calçados VILLAÇA

Rua Direita N 6-A = S. PAULO

“REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA”

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil

A MAIS COMPLETA, A MAIS UTIL, A MAIS INTERESSANTE

Assignatura Annual: 10\$000

PUBLICA ARTIGOS SOBRE Sciencia do Commercio, Technica do Commercio e da Industria, Contabilidade, Escripturação, Política Commercial, Geographia Commercial, Finanças, Sciencias Economicas, Estatistica Commercial, Industrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS SOBRE Legislação commercial, Jurisprudencia commercial, Alfandegas, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Commercial, Movimento Bancario, Movimento Maritimo, Movimento dos Mercados, Fretes, Transportes, etc.

Verdadeira e completa encyclopedia commercial - Única no Genero

Assignaturas e venda avulsa: Livrarias ALVES e GARRAUX

Editores: OLEGARIO RIBEIRO & Co.

Redacção: RUA DIREITA, 27 (1.º andar) -- S. PAULO -- Officinas: RUA DR. ABRANCHES, 43

CAIXA, 1172 - TELEPHONE, 1908

GRANDE HOTEL DA PAZ

Estabelecimento de primeira ordem. Ponto Central com oito linhas de bondes á porta, visinho ao Theatro Municipal e á cidade. O hotel é dirigido pelo proprio proprietario e sua senhora, que residem no estabelecimento. Predio novo e confortavel, um dos mais bellos edificios da cidade, com elevador, estando mobilado com muito gosto e luxo. Diarias em excellentes quartos lindamente mobiliados: **8\$000 réis.** As familias, fazem-se grandes abatimentos.

A cosinha é dirigida por um reputado profissional

PROPRIETARIO:

F. KUSUTA

Rua Barão de Itapetininga N. 60

Telephone N. 177 - SÃO PAULO

Endeço Telegraphico: (HOTELPAZ)

.....

Fabrica de Moveis
Espectaes de - - -

João M. Llaverias



SÃO PAULO

Telephone N. 10-23

Rua Barão de
Itapetininga, 58

.....

AOS "TRES ABRUZZOS"

Fabrica de macarrão, bolachas, biscoitos diversos e padaria. Especialidade em macarrão de semolino e com ovos.

ESTABELECIMENTO PREMIADO NAS SEQUIN-
TES EXPOSIÇÕES:

Exposição Internacional Agrícola e Industrial de Roma - 1912 - "Gran Croce" e Medalha de Ouro.

Exposição Internacional do Trabalho de Florença - 1911 - 1912 - "Gran Premio" e Medalha de Ouro

Exposição da Indústria - Alimentação e Hygiene de Genova - "Membro d'Onore della Giuria" e Medalha de Ouro

Francisco Lanci

Fabrica, Escriptorio e Armazem
RUA AMAZONAS N. 10 E 12
Telephone n. 63 (Secção Bom Retiro)

Casa Filial
(para onde podem ser enviadas quaequer encomendas)

RUA LIBERO BADARÓ N. 11
Telephone n. 1551



O sabonete **AMIRYS** acha-se á venda em todas
 as boas casas e nos depositarios:

CASA LEBRE

BANQUE FRANÇAISE POUR LE BRÉSIL

SUCCURSAL DE SÃO PAULO, 34-A, RUA DE SÃO BENTO

O Banco aceita depositos em conta corrente a taxas vantajosas; emite cheques ou saques sobre as principaes cidades do mundo e cartas de credito para viajantes, pagaveis no mundo inteiro.

Compra e vende notas de banco e moedas estrangeiras.

Encarrega-se da compra e venda de acções e obrigações e recebe em custodia titulos de toda a natureza.

Faz descontos e cobranças de titulos, chèques, facturas, recibos, mandatos e demais operações bancarias a condições vantajosas.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO BRASIL E DO ESTRAN-
 GEIRO - AGENTES DO BANCO DE ROMA - VALES POSTAES SOBRE ITALIA

Emittem-se vales postaes sobre todas as localidades da Italia.

CONTAS CORRENTES LIMITADAS

O Banco recebe depositos em Conta Corrente Limitada com a primeira entrada a partir de Rs. 50\$000 e o limite maximo de Rs. 10:000\$000, abonando juros de 4% ao anno capitalizados semestralmente, em 30 de Junho e 31 de Dezembro de cada anno.

As entradas subsequentes e as retiradas não poderão ser inferiores a Rs. 20\$000 excepto para liquidação da conta.

Esta Secção acha-se á disposição do publico todos os dias uteis, das 9 ás 17 horas exceptuando-se os Sabbados em que o Banco se fecha ás 13 horas.

Este horario facilita assim grandemente ás pessoas que não puderem occupar-se destas transacções durante a hora official da abertura e fechamento dos Bancos.

AFFONSO ARINOS

Ao traçar estas primeiras linhas sobre Affonso Arinos, tremulas ainda da emoção de sua morte, cáem-me da penna as palavras com que, um dia, na Academia Brasileira, recebendo o Almirante Jaceguay, definiu o aneio do regresso á Patria:

“E’, de certo, por força do symbolo, que, nas travessias do Atlantico, quando a quilha vem rasgando serenamente as ondas em demanda das terras do sul, tantas vezes, na aproximação da Linha, nós, Brasileiros, abandonamos os serões de musica e nos precipitamos sobre a amurada para contemplarmos, ao longe, erguida sobre a massa escura do oceano, a constellação do Cruzeiro”. (Rev. da Academia Brasileira, n. 5, pag. 133).

Este trecho me suggere, inteira, a alma de Affonso Arinos. No alto mar, “estrada sempre livre e sempre grande”, no momento da aproximação da linha equatorial, com os olhos voltados para a Patria remota, que o Cruzeiro representa, como uma condensação estellar das innumerables cruces da terra de Santa Cruz, palpitava, com effeito, o seu coração apaixonado pelas viagens, mas ao mesmo tempo vinculado á terra do berço por fundas e constante recordação das suas paizagens, das suas lendas, das suas affeições carissimas.

E essa psychologia terá o seu complemento, juntando-se ao trecho precedente as palavras finais desse discurso, nas quaes Arinos revela a sua frequente attitude, fitando o Cruzeiro, não já no alto oceano, mas “no coração deste continente, quando em rancho aberto, estirado num couro, repousava das fadigas da jornada, noite a dentro vagando os olhos insomnes pelo espaço”.

Eil-o ahi — sempre peregrino, sempre patriota. Errando pelo mar, ou errando pelo sertão, só um ponto fixo lhe attrahia



os olhos: o Cruzeiro do Sul, symbolo da Patria e do Lar. O patriotismo de Affonso Arinos revestia, como se vê, dois aspectos; o da nação, no seu longo contorno maritimo e terrestre, visto pela memoria através das distancias exteriores, e o da terra natal, mais intimo, desdobrando-se pelas montanhas, valles e planicies do sertão, longe do borborinho das cidades.

Natureza profundamente musical, rica na sua complexidade rara, de todas as percepções da esthesia da côr, do som e do aroma, o escriptor ordenava o seu maravilhoso rythmo de artista no contraste, aparentemente paradoxal, do amor ao sertão e da paixão pelo mar. Elle mesmo procurou justificar esta conciliação de coisas tão extremadas para o vulgo, affirmando, conviamente, que a mysteriosa nostalgia do mar se sente mais vehemente no longinquo habitador do sertão, na mais remota cafuá de caipira ou de matuto. Elle mesmo, que naseera a 1.200 kilometros da costa, numa terra, onde o ponto mais proximo da estrada de ferro ficava a mais de tresentos kilometros aquem, elle mesmo ouviu dos patricios sertanejos o desejo nostalgico de attingir o mar longinquo.

Certo, alguma razão natural ha para este facto, e, sem ser preciso remontar á origem de todos os seres vivos nas aguas maternaes do oceano, não é fóra de proposito conjecturar que o simples aspecto dos rios, imagem das coisas que se vão para além, e com que vivem sempre em contacto os sertanejos, é sufficiente para gerar nas suas almas simples e impressionaveis o desejo de ver um rio maior, um rio cujas margens desapareçam na visão soberana do céu e do mar, confundidos na curva do horizonte. Os canoeiros do S. Francisco e do Parnahyba mandam, cantando nas suas melancolicas tyrannas, ás aguas que vão descendo, saudades do mar distante.

O mar para Affonso Arinos era mais do que isso: era o symbolo da Patria, quando embalava a marinha brasileira; mas era, sobretudo, "a mais larga e potente expressão da eterna e incessante aspiração humana para a liberdade". E ainda: "condemnado pela natureza a uma neutralidade perpetua, o mar concretisa a idéa de logradouro commum de todas as raças, o ideal nunca attingido, mas sempre desejado, de solidariedade humana". Atravessando-o muitas vezes, desde 1895, o sonhador itinerante via tambem nelle a estrada franca por onde o seu espirito, avido de saber, sedento de arte, curioso de bellezas, ia reeber de perto



os influxos da civilização do velho mundo, dos seus monumentos, das suas obras primas, e, no proprio theatro recordar as seenas da historia que elle aprendera nos livros e ensinara algum tempo no Gymnasio.

O que se apprehende, á primeira vista, no estudo desta curiosa e peregrina organização, é o seu grande pendor para as viagens, o seu genio de forasteiro por mares e sertões. Dir-se-ia que uma poderosa impressão de viagem lhe ficou na alma desde a primeira infancia. Filho de antigo magistrado, talvez participasse, nos verdes annos da vida, das peregrinações paternas por mais de uma comarca do sertão. De uma dellas se sabe ter nascido a laureada *Memoria* que abriu as portas do Instituto Historico Brasileiro ao seu venerando Pai, senador Virgilio de Mello Franco, grande e culto espirito, que podia, por si só, pela lei da herança, explicar o alto valor intellectual do filho, e, particularmente, a sua indole inclinada á observação das scenas da vida sertaneja. Chego a presumir que seria elle, o autor do *Pelo Sertão*, um sertanista intrepido, um batedor de florestas como Roosevelt ou Rondon, devassador de regiões inéditas na geographia, pacificador de tribus selvagens, como Marlière, ethnographo e chronista das selvas si, de um lado, factores do seu meio social, que nelle actuaram bem cedo, e, de outro, a sua imaginação e congeneres fauldades de impulsão transcendente, não o fizessem, antes de tudo, um homem de letras, um estheta, um criador de arte. Em Affonso Arinos, o homem, o patriota, o profissional, sem que perdesse a melhor essencia cada um destes aspectos, tinham o revestimento do Artista, na significação mais delicada que esse termo comporta. Os seus sentimentos intimos, a sua moral superior, as suas crenças religiosas, que as tinha do mais orthodoxo catholicismo, transformavam-se em criações literarias, contos e scenas, cujos protagonistas e comparsas, primam por grandes qualidades, por acções heroicas e, devido a um phenomeno de psychologia reflexa, a sua bondade natural adorna quasi sempre a alma dos simples. Espontaneamente virtuoso, elle espalhou um grande clarão de virtudes por todos os seus trabalhos, onde se respira um ambiente saudavel e a propria cultura da força physica se exerce para a reivindicação do bem, para as renuncias exemplares, para as dedicações abnegadas.

Paira sobre todas as suas criações um grande nimbo de piedade humana, que é o proprio fundo da natureza de Arinos.

E é por um retrahimento instinctivo de modestia e ao mesmo tempo por uma expansão consciente de generosidade; que as boas qualidades, que eram delle, se acham aureolando individuos de condição inferior, elevados desta sorte, como os miseraveis de Victor Hugo, á altura de heróes, super-homens ou santos. Em *Joaquim Mironga* vemos, com emoção crescente, o amor desinteressado do capataz rude pelo *sinhô môço*, chorando pranto copioso, quando, ferido, este expirava nos seus braços, e, sem palavras para narrar mais tarde aos seus companheiros esse desfecho tragico, apenas pôde balbuciar com ternura:

“Lá naquelle campo azul, junto com os anjos, pastorando o gado miúdo...”

Quem não se recordará da empolgante narrativa — *Pedro Barqueiro*, em cujo desenlace, o invencivel creoulo fugido se transfigura num heróe magnanimo, para perdoar ao algoz da sua liberdade, por ter este revelado intrepidez e valor? E' o genio da cavallaria na natureza inculta do sertão, nobilitado pelo punho generoso do romancista.

Como estes, podiamos enumerar outros episodios e passagens, em que se desenvolve a preocupação do escriptor — de elevar a indole, exaltar a virtude selvagem e o valor physico dos homens do interior. As proprias paizagens, que, na realidade, são quasi sempre asperas e hostis nestas regiões, através da fantasia de Affonso Arinos avelludam-se em aspectos de bondade hospitaleira e acolhedora: o que não admira, porque elle proprio, habituado aos frouxeis do leito em habitações confortaveis, achava prazer em passar, contemplativamente, uma noite estirado, em rancho aberto, sobre um couro de boi!

Antes de os escrever, vivia, por assim dizer, os seus contos, impregnando-se dos influxos do meio em que ia fazer agitar as figuras das suas narrativas, dos seus dramas e desse curioso e original romance colonial — *O Mestre de Campo*, cujos fragmentos publicados excitaram os mais vivos applausos da imprensa e dos leitores. Em excursões longinquoas, a pé, a cavallo, ou voando pela corrente dos rios, embrenhava-se pelos sertões, onde passava muitos dias, e comprazia-se na convivencia dos homens rusticos desses logares, ou, proseguindo na sua jornada aventureosa, ia contemplar no chapadão longinquo, triste sentinella do

deserto brasileiro, o *burity perdido*, de pé, imagem da resistencia organica ás intemperies mortiferas, imagem tambem do ea-raeter perseverante e vivaz do peregrino evocador do deserto.

Quanto á sua feição patriotica, manifestou-a durante a sua brilhantissima carreira de professor de historia, de jornalista, de prelector, de ensaista, sempre com a mesma preocupação de elevar e engrandecer a natureza e os filhos do interior do Brasil. A sua conferencia sobre a *Unidade da Patria*, realisada em Bello Horizonte, ha mezes, e logo incorporada, por voto unanime da Camara Federal aos seus *Annaes*, é um grito de protesto contra os máus processos politicos em que se tem agitado o paiz, e, ao mesmo tempo, um hymno de fé á eapacidade do povo brasileiro. Mezes antes já em S. Paulo, numa serie memoravel de palestras, evocara o genio popular da nossa terra, cujo *folk-lore* desvendou com extraordinaria riqueza de observações pessoaes, eolhidas nas suas longas excursões pelo interior. Conhecedor profundo da historia nacional, não ligava eomtudo á historia uma importancia capital, no seu aspecto de echronica documentada e erudita, que, no seu conceito, é apenas "privilegio de um nueleo de eleitos". Para o povo, propriamente, a historia real não é a que succede, mas a que se eria, e no fim dos tempos é a definitiva, "porque paira sobre o formigueiro humano como uma poeira de astros". Vale bem reler e reproduzir com as proprias palavras, o famoso trecho do *Discurso*, acima eitado: "E' ella, a lenda, que se infiltra nas massas, repassa os corações, germina, desabrocha, folga nos folguedos, canta nos cantares e ehora na dôr e no luto; irmana-se com os homens e os outros seres, irradia, etherisa-se, brilha no astro, reseende na flôr; é, finalmente, a historia pela poesia, a unica historia capaz de vulgarisar-se e de ser possuida pelo povo. São os poetas os que sabem exprimir o ideal que a imaginação do povo aearicia; heroes os que podem realisar esse ideal".

Foi assim praticando que á authenticidade do testamento do irmão Lourenço de Nossa Senhora apontando-o como um humilde eamponio portuguez, emigrado, e, em virtude de um voto piedoso, tornado ermitão, preferiu a lenda, muito eorrente ainda entre os habitantes da zona convizinha, que advinhava nesse assecta mysterioso o disfarce de um fidalgo da familia Tavora, proscripto e perseguido atrozmente pelo Marquez de Pombal.

Fale o proprio coração desse grande poeta da bondade: "sem a lenda, como poderíamos evocar a angustia do misero ou perpetuar o heroismo do pequenino?"

Sem embargo dessa preferencia confessada, foi Affonso Arinos um dos mais avidos investigadores de documentos que tenho conhecido. Commigo, algumas vezes, no Archivo Publico Mineiro, passou horas incontaveis revolvendo papeis, manuseando cimelios, registando datas, tomando notas de nomes em sesmarias, cartas e ordens regias e outros actos. O seu grande busto senhoril inclinava-se sobre o papel carcomido da pcelilha e dos seculos, os olhos apertados pelo esforço muscular da visão attenta, e desta posição só se erguia, depois de satisfeita a sua curiosidade, ou se era surpreendido pela hora regulamentar do fechamento da repartição.

Quando se lhe deparava algum episodio denunciador de curiosos costumes, de um rasgo de força, de energia ou de generosidade na chronica do paiz, não continha um gesto de satisfação, e com aquelle sorriso, que lhe era tão caracteristico á bondade do semblante, repetia a passagem e commentava-a de modo favoravel á nossa nacionalidade e aos usos e costumes antepassados. De outras vezes, não lhe satisfazendo á pesquisa a versão deparada nos documentos, punha-se a meditar, voltada a cabeça para a janella do gabinete, olhos fitos na serrania, que dahi se descortina, os dedos da mão esquerda acariciando a barba do mento; e assim, longos minutos ficava nessa apparente abstracção, mas verdadeira e profunda meditação, de que não raro despertava com a solução historica almcejada.

Este deficiente esboço mais lacunoso ainda seria, se eu não accentuasse aqui que Arinos amava, depois da sua patria, a Portugal, como o principal factor da nossa raça; admirava na tradição lusitana o genesis da nossa formação mental e do nosso character, e nas suas diligeneias de investigador, partilhava o seu carinho com o brasileiro e o portuguez de antanho.

Bem quizera mostrar, em minuciosa analyse litteraria, o grande valor do *Pelo Sertão*, das *Notas do Dia*, dos *Jagunços*, do *Mestre de Campo*, do *Contractador de Diamantes*, e de muitos outros trabalhos esparsos, uns ineditos, outros já consagrados pela publicidade. Façam-no os criticos, como o merece o alto valor dessa obra que fieou de um dos maiores escriptores da nossa lingua.

O momento actual é confuso e tumultuoso, para que se possa discernir no seio das letras o lugar que definitivamente cabe á produção de Affonso Arinos. A sua individualidade, porém, prima, sem competição de qualquer outra, no aspecto literario que assumiu.

Os seus quadros são inconfundiveis pelo forte colorido. As paizagens vivem, os personagens são animados de expressões, nas quacs palpita, em cada um, a paixão caracteristica do papel que representa no drama ou no conto. Ha alli vibração, movimento, alma, e ainda mais: a *actualidade* sempre flagrante das obras de arte que não perecem.

Nem perecerá o grande Artista, enquanto, sob o Cruzeiro do Sul, que elle tanto amou, si entenderem os corações e as intelligencias no idioma dos *Lusíadas*.

* * *

Fui amigo de Affonso Arinos. Conheci-o em Agosto de 1891, na velha Capital de Minas. E' decorrido um quarto de seculo. Nesse espaço de tempo só lhe descobri virtudes na grandeza do coração e na limpidez da alma. Generoso, abnegado, ás vezes sublimemente esquecido de si, para acudir aos outros, não teve tempo para ser mau. Abençoado o leite materno, que enfibrou este forte, que foi um santo.

Saudosissimo Affonso!

A ultima vez que gozei da sua querida companhia foi abraçando-o ha mezes, no Rio, á porta do Syllogeu, depois de uma das sessões semanaes da Academia.

Separando-nos, então, mal podíamos pensar, elle e eu, que essa linha ideal do Equador, tão anciosamente desejada pelos que regressam do velho mundo á Patria, elle a ia, desta vez, transpor somente na ida!

AUGUSTO DE LIMA.

RECORDANDO ...

A amizade affectuosa que sempre me ligou a Affonso Arinos data do remoto anno de 1894.

Leccionavamos ambos no *Externato do Gymnasio Mineiro*, em Ouro Preto, e, como um dos rebentos abençoados da sementeira que, semeadores do ensino, lançavamos no mesmo sulco, brotou nossa camaradagem que, dahi em diante, cresceu, bracejou, floriu e fructificou, mergulhando raizes vivazes nesse passado longinquo e pompeando a pujança de sua fronde nas alturas onde moram os idéaes.

Dessa amistosa convivencia dos tempos de moço, nasceu, para mim, maior do que minha grande admiração por seu privilegiado talento, meu culto ardente pela bondade excelsa que lhe enchia o coração magnanimo e amplo.

Essa bondade que o extremava, soberano, era o reflexo fiel da alegria serena e communicativa que lhe illuminava a larga face sincera e franca, a que os olhos vivos e finamente ironicos imprimiam um encanto irresistivel. Dir-se-ia que Arinos tomára para si, como divisa, o conselho dado por São Bento a um noviço impaciente: "*Labora et noli contristari*".

A alegria, essa grande força da alma que Michelet considerava a quarta virtude divina, sem a qual a humanidade não comprehende a sympathia, nem o amor, — era, em Arinos, um dom tão natural, tão espontaneo e tão poderoso, que bastava a gente pôr-se, durante alguns momentos, em contacto com o seu superior espirito, para sahir dessa convivencia como dos festins de Platão, com a alma nutrida e fortificada.

Possuia sua presença um attractivo tão prendedor que se poderia applicar á mesma, o verso de Carlos de Orléans a Bonne d'Armagnac: "*Dieu! qu'il fait bon la regarder!*"

Na verdade, olhal-o fazia bem á gente, não havendo exagêro em affirmar-se que era salubre aquelle riso claro e acolhedor, que, como vistosa flôr de sympathy, se debruçava, perenne, de sua bocca amplamente rasgada em traços fortes, de uma franqueza energica e nobre.

Um homem assim, tão magnificamente dotado, que possuia e que cultivava, com tanta graça, o *dom divino de rir*, era, certo, uma preciosidade rara, numa época, como esta nossa pobre e triste época, em que sentimos murchar a alegria *san-que era a mãe da bondade nacional*, e na qual, como escreveu um publicista contemporaneo, depois de termos arrasado tudo, na philosophia, na religião, na politica, na moral, sentimos que ha um desabrigo geral e que nos chove no coração.

Com que funda saudade revejo, agora, através das nevoas do passado, aquelle tempo ditoso em que, no antigo *Gymnasio Mineiro*, com Arinos e com Affonso Brito, examinavamos a lingua patria a candidatos á matricula nos cursos superiores! Quanta ironia esfusiante, quanto commentario jocoso, quanta observação elevada, quanta pilheria, quanta sciencia, não ouviam as grossas paredes do velho casarão, partidas dos labios daquelle professor tão joven ainda e já tão sabedor! Com que encanto, com que finura, com que prodigalidade, derramava elle a poeira de ouro de sua graça alada!

Como tão presto te esvaiste, ó tempo jocundo! Como o sublime panegyrista do visconde de Taunay, eu direi tambem que, filha do tempo e fundação do pó, a mocidade passou; e a poesia das coisas, que era a nossa propria alma transfundida nellas, lá se foi, como um raio divino da vida universal circular de novo nas veias da primavera, eternar os esponsaes da natureza joven. Como é que nos havemos de consolar, ó doce musa da vida, de te não poder mais sentir, nem adorar?

* * *

Nessa época, fazia eu parte da redacção d'“O Estado de Minas”, jornal meio-politico, meio-literario, que se publicava em Ouro Preto, sob a direcção de meu irmão Antonio Olyntho.

Sabendo, pelo proprio Arinos, que elle possuia, inéditas, algumas paginas literarias, pedi-lhe que me fornecesse algumas dellas, para o nosso jornal.

Tendo elle me promettido uma das mesmas, de nome — “Rôla encantada” — no dia seguinte, dirigiu-me uma carta, que ainda conservo entre meus velhos papeis e que reli hoje, com os olhos empannados pela saudade. E’ a seguinte:

“Ouro Preto, 39 de Dezembro de 1895.

Caro amigo.

Ao chegar á casa, tive a decepção de verificar que a “Rôla encantada” — havia ficado entre as garatujas confiadas ao Laemmert.

Querendo, entretanto, provar-lhe meu desejo de corresponder a seu pedido, remetto-lhe uma variedade, coisa antiga, de meu tempo de estudante, que, por acaso, achei entre os papeis.

Não quero, entretanto, assignal-a, porque, como se vê logo, são ardores do periodo que já vae longe, dos dezoito aos vinte annos. Peço corrigir com o costumado esmero essa pagina daquelle tempo inolvidando e dispôr sempre do amigo muito affectuoso

Affonso Arinos.”

Quanta modestia e quanto desprendimento!

Essa pagina, que sahi publicada no “Estado de Minas”, n. 433, de 5 de Janeiro de 1896, sob a assignatura de G. C. (iniciaes de *Gil Cassio*, pseudonymo com que Arinos firmou, posteriormente, outros escriptos), é a seguinte:

COLOMBINA

FOLHA SOLTA

A’ beira da estrada, na casinha rustica sombreada por duas laranjeiras que espargiam então perfume freseo e suave pelos quartos pequeninos, ahl, á beira da estrada, vieste pousar um instante, mimososa Colombina. Livre dos olhares indiseretos, livre do preconceito que te constringe a expansão do genio irrequieto e folgazão, deixas ao corpo teu delicado o entusiasmo dos movlmentos livres, a elasticidade que te dão estes museulos de vinte annos, fóra das laçarlas, das pregas mil, dos apuros da “tollette” moderna. Com o busto coberto por uma blusa ampla, que deixa apparecer na manga arregaçada a braneura velludosa do antebraço, na golla baixa o contorno arredondado do pescoço, és mil vezes mais graeciosa. Colombina, do que á luz das serpen-

tinhas e buglas de mil côres, atravessando entre um farfalhar de sedas e um borborinho de vozes admirativas a vastidão ruidosa dos salões. Pela manhã, na pobre casinha rustica que te abriga hoje, encantadora Colombina, tens a graça petulante das marrecas de pennugem azul-dourada retoçando na lagôa quando atravessas a vereda estreita que desce ao corrego, com tua opulenta coma negra ao ar, encaracolando-se sobre a espadua, abrindo-se aos carinhos meio estovados da viração. E, quando voltas do corrego com a cabelleira aljofrada, ao longe cuida-se vêr circundando teu rosto oval uma extranha aureola de onyx com incrustações de perolas. Depois, ao sol, costumavas correr pela areia dos caminhos, de faces afogueadas e olhos brilhantes, até que a fadiga te faça desejar pensativa sobre a grande pedreira que fica á margem da torrente. E então, com o corpo em abandono e os olhares perdidos em acompanhar o vôo incerto de uma ave imaguarla, bem semelhas uma orcade dos tempos classicos da Grecia artistica, quando ao caçador que a sêde impelle ao riacho se depara a tua figura louçalinha.

G. C.

Não é de admirar que, aquelle que, aos dezoito annos, já escrevia com essa graça e com esse colorido, — trinta annos depois nos desse aquella inteiriça peça oratoria, a *Unidade da Patria*, a qual (ai de nós!) foi o canto de cysne com que o glorioso filho de Minas, ha cinco mezes, se despediu da terra de seu amor e de seu orgulho.

Naquella magistral conferencia, cujos êstos grandiloquos e arrebatadores ainda nos resoam aos ouvidos, com a magestade épica dos eventos magnos, a nossa maravilhosa lingua portugueza, tão superiormente manejada por Arinos, adquiriu, passando por sua bocca, a nobreza e a perfeição dos velhos moldes classicos, a rijeza de um bronze da Samothracia, a pompa estonteadora de uma floresta dos tropicos e as fulgurações de uma aurora boreal.

* * *

E' tempo, porém, de terminar este pallido esboço de uma das multiplas faces da figura egregia do incomparavel amigo, que perdi, que perdemos, naquella manhã fatidica de 19 do corrente.

Meu intuito, nesta pagina de saudade, foi evocar, por um momento, a personalidade de Arinos ainda joven e estreiante na carreira das letras, onde, mais tarde, culminou, como figura primordial e representativa.

Vejo, porém, que o não consegui, como tanto desejava. Depo-
nho, pois, entristecido, a penna inhabil aerescentando apenas a
seguinte consideração:

Escrevendo sobre Anthero de Quental, disse Eça de Queiroz
que tão fortes qualidades moraes, fundidas numa graça tão capti-
vante, modos tão suaves e amoraveis servindo uma tal energia
pensante, faziam do primeiro uma personalidade magnificamente
consoladora.

A mesma coisa poder-se-á dizer de Arinos, applicando-se
egualmente a elle o que Eça esereveu de seu biographado, isto é,
que, no meio da medioeridade espiritual, e da inconsiderada ru-
deza dos costumes, e do materialismo argentario, os espiritos de-
lieados eneontravam na sua intimidade, e mesmo na sua fugidia
convivencia, um repouso semelhante ao que o corpo cansado e pi-
sado do calor, do pó, dos eneontrões de uma feira de gado, re-
eebe ao penetrar na freseura e na elevação de um templo.

Bello Horizonte, 27 de Fevereiro de 1916.

AURELIO PIRES



A EXPANSÃO DA LAVOURA CAFEEIRA EM S. PAULO

A EXTENSÃO DAS PLANTAÇÕES NOS
ULTIMOS 25 ANOS. — INFLUENCIA DA
IMMIGRAÇÃO E DO PAPEL-MOEDA. —
OS MUNICIPIOS QUE MAIS PRODUZEM.
— A SITUAÇÃO ACTUAL E O FUTURO.

Teve o primeiro quinquennio republicano uma decisiva influencia na vida economica do Estado de S. Paulo. De improviso, num surto maravilhoso, expandiu-se a riqueza paulista, ao influxo de multiplas causas, todas convergindo para o mesmo fim.

Abolida a escravidão em 1888, veio a forçosa necessidade de augmentar a corrente immigratoria para o trabalho agricola. Sob o regimen das subvenções, largamente empregado pelo Governo Federal, a immigração européa tomou extraordinario vulto. De modo que, de 1890 a 1896, o Estado recebeu mais de 600 mil immigrants, — quasi a metade da sua população nessa época.

Capital abundante forneceram-no, ao mesmo tempo, as emissões de papel-moeda, levadas ao abuso. A circulação fiduciaria do paiz, de 198.815 contos em 1889, já havia subido a 336.730 contos um anno depois, em 1890. Em 1895 montava ainda a 787.464 contos e desencadeava todas as suas poderosas consequencias de ordem economica.

Assim, conjugaram-se sobre a terra fértil, abundantes e faceis, os dois principaes elementos da producção — o homem e o capital. Da harmonia dos tres brotou um verde oceano de cafezaes, que subverteu florestas virgens, recobriu vastas regiões e derramou pelas vias-ferreas a torrente periodica das volumosas colheitas de café. E, a espaços, nas ondulações desse mar esme-



raldino, fluctuou a brancura de cidades prosperas, enriquecidas pela preciosa rubiacea: Ribeirão Preto, S. Simão, Sertãozinho, Cravinhos, etc., formando o mais rico centro cafeeiro de todo o mundo.

Os altos preços do café, nesse periodo, asseguraram o incremento das plantações. Em Santos as cotações por dez kilos chegaram a variar entre 11\$100 e 18\$000 em 1894, depois de terem estado a 5\$400 e 6\$130 em 1889.

Plantar café em S. Paulo foi uma irresistivel especulação como explorar ouro na California, em meados do seculo decimonono. Toda a gente quiz tentar fortuna comprando uma fazenda, frequentemente a credito, por preços excessivos. Ninguem se preocupava com o dia de amanha, que havia de ser das mais crueis desillusões.

Do progresso realisado pela nossa lavoura cafeeira, desde esse periodo até ao presente, dá idéa o seguinte quadro, mostrando, no fim de cada quinquennio, o total de alqueires occupados pelas plantações velhas e novas, o numero de cafeeiros produzindo e a producção em arrobas:

Annos	Area Alqueires	Cafeeiros produzindo	Produção Arrobas
1890—91	105.300	200.000.000	13.429.830
1894—95	157.894	300.000.000	16.429.944
1900—01	310.378	659.960.000	35.734.000
1904—05	361.572	688.845.410	36.355.828
1910—11	371.947	696.701.425	33.833.504
1914—15	422.372	735.444.350	36.826.030

Os algarismos relativos aos annos agricolas de 1890-91 e 1894-95 são simples avaliações porque a desorganização administrativa desse periodo não permittia a elaboração de estatisticas. Mas os de 1900-01 em deante são dados officiaes colligidos pela Secretaria da Agricultura

Por esses esclarecimentos, percebe-se que o total de cafeeiros em producção triplicou no decennio de 1890 a 1900. As colheitas, naturalmente, cresceram na mesma proporção, gerando no decennio seguinte a formidavel crise, que se procurou conjurar com a arriscada aventura da "valorisação", em 1906.

A depressão nas cotações, que em 1907-08 baixou ao mínimo de 2\$550 por dez kilos em Santos, determinou a paralysação das plantações até 1910. Neste anno, porém, melhorando nossas condições economicas pela entrada de capitaes estrangeiros e pela alta nos preços do café, recomeçou o plantio, auxiliado pelas emissões da Caixa de Conversão. Desse anno até agora, os 400 mil contos de notas conversiveis acharam sua principal applicação na lavoura cafeeira.

Calcula-se que, de 1910 a 1915, plantaram-se no Estado cerca de 120 milhões de cafeeiros novos. Não devem, porém, exercer grande influencia nas safras, porque temos nada menos de 150 milhões de pés velhos, em plena decadencia, com mais de 25 annos de idade.

* * *

Actualmente os municipios que mais produzem café são os mencionados no quadro abaixo. Ahi só figuram os que possuem mais de doze milhões de pés, com as respectivas produções nos annos mais recentes:

<i>Municipios</i>	<i>Cafeeiros</i>	<i>Produção</i>	
		1913—14	1914—15
Ribeirão Preto	31.394.365 pés	2.542.950 @	2.467.400 @
Campinas	28.518.100 "	1.226.280 @	1.264.200 @
S. Carlos	25.049.200 "	1.036.457 @	1.665,180 @
Amparo	18.763.800 "	1.088.884 @	1.138.500 @
Araraquara	18.212.000 "	995.000 @	896.000 @
Jahu'	18.520.000 "	1.597.730 @	1.253.300 @
Jaboticabal	17.422.800 "	1.159.246 @	778.400 @
S. Manuel	16.800.000 "	1.552.840 @	920.800 @
Sertãozinho	14.750.000 "	1.123.160 @	832.120 @
S. Simão	14.520.000 "	867.800 @	842.170 @
Rio Claro	13.391.000 "	489.540 @	513.720 @
Botucatu'	12.328.500 "	739.690 @	560.150 @

Os dados acima indicam a capacidade productora dos municipios citados, numa safra grande e noutra pequena. Em regra, a produção de 1913-14 foi grande, salvo em S. Carlos, onde a

geada causou prejuizos sensiveis. A seguinte, de 1914-15, revelou-se fraca na maioria dos municipios e forte em S. Carlos e suas vizinhanças, porque a geada traz safra poderosa um anno depois da prejudicada.

Como se viu, Ribeirão Preto é, hoje, o principal municipio productor, sempre eom mais de 2 milhões de arrobas. Já em 1901, eom 22.611.286 cafeeiros formados e 4.666.394 novos, proporcionava 2.523.100 arrobas. Em 1904-05, elevados a 29.094.365 os cafeeiros, a colheita rendeu 2.040.036 arrobas, com a fraea média de 70 arrobas por mil pés. Em 1910-11 foram apuradas 2.316.154 arrobas. Em 1914-15, um pouco mais: 2.467.400 arrobas, colhidas de 31.394.365 cafeeiros.

A maior colheita de Ribeirão Preto, como no Estado inteiro, foi a de 1900-07. Então attingiu a 3.261.500 arrobas, ou mais de 112 arrobas por mil pés. E' provavel, porém, nunca mais produza tanto, porque os seus cafezaes, na maioria na qualidade Bourbon, estão enfraquecendo com a idade: já existem 6 milhões de pés em deeadencia. A média dos seis ultimos annos varia de 84 a 77 arrobas por mil pés.

Pelo numero de cafeeiros, Campinas, a antiga "Princeza do Oeste", ainda é o segundo municipio. A produção, porém, variando pouco, fiea inferior á de S. Carlos e Jahu, em razão do envelhecimento dos cafezaes e do esgotamento das terras. Ha vinte annos, em 1895, andava por 988.230 arrobas, quando se eontavam 25.708.600 cafeeiros. Em 1900, taes arbustos, já em numero de 26.480.382, entregavam aos fazendeiros 1.245.266 arrobas. Em 1904-05 colheram-se 1.227.460 arrobas em 28.518.000 pés. Em 1910-11, sem mudança na quantidade de eafeeiros, 1.151.960 arrobas. Emfim, na safra mais recente, a de 1914-15, obtiveram-se 1.264.200 arrobas.

A produção maxima dos cafezaes de Campinas montou a 1.879.800 arrobas no anno de 1906-07, famoso em nossa historia economica: registrou-se então a média de 65 arrobas por mil pés. Depois disso, a media do municipio oseillou entre 40 e 45 arrobas por milheiro de arbustos, em virtude da velhice das plantações e do enfraquecimento do solo.

Possuindo lavouras excellentes e novas, Jahu era, ha quatro annos, o nosso segundo municipio cafeeiro. Suceessivos desmembramentos de seu territorio, porém, para a constituição de dois

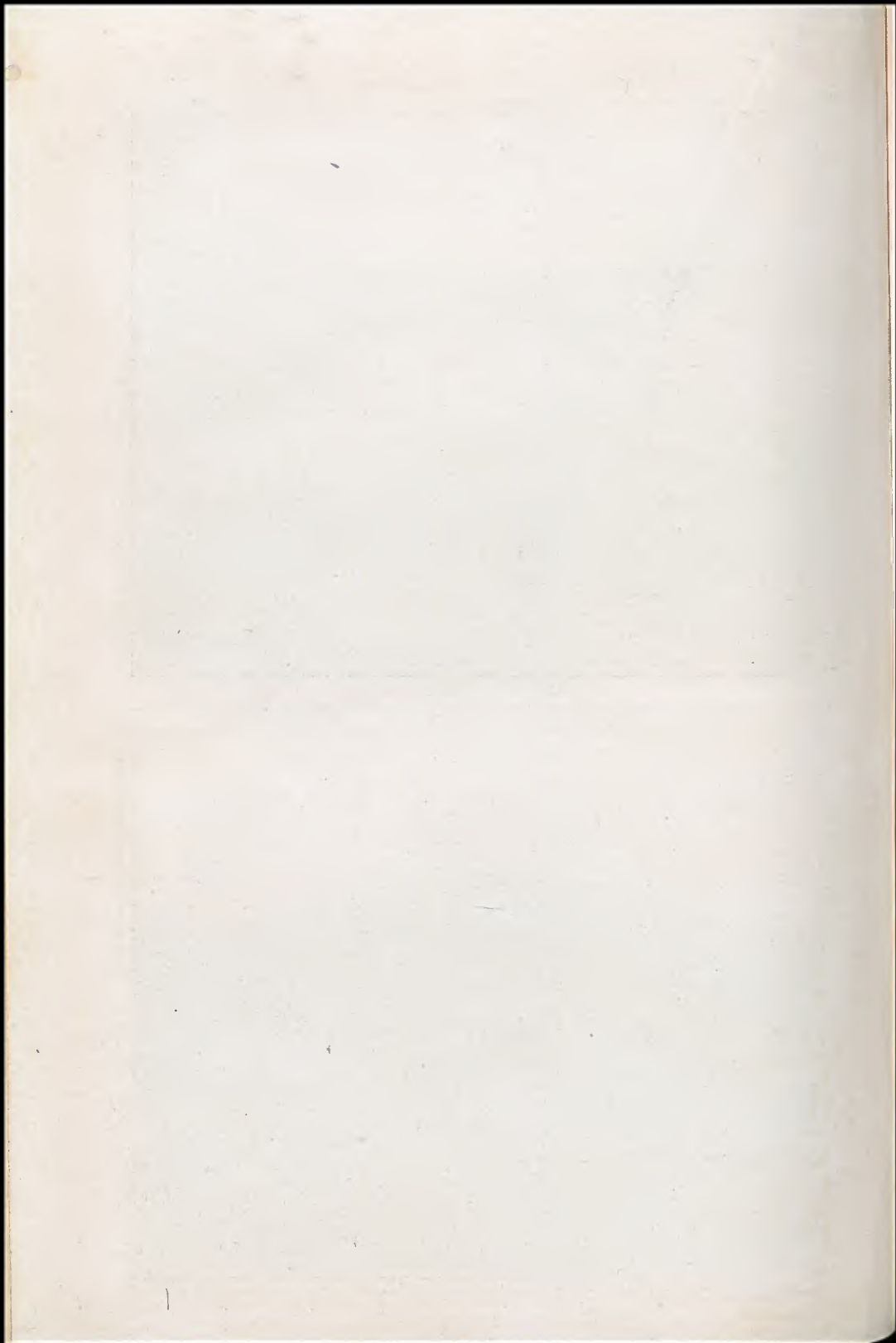




FAZENDA DE CAFÉ EM JAHÚ



CASA DE MORADIA E TERREIROS NUMA FAZENDA DE CAFÉ EM JAHÚ

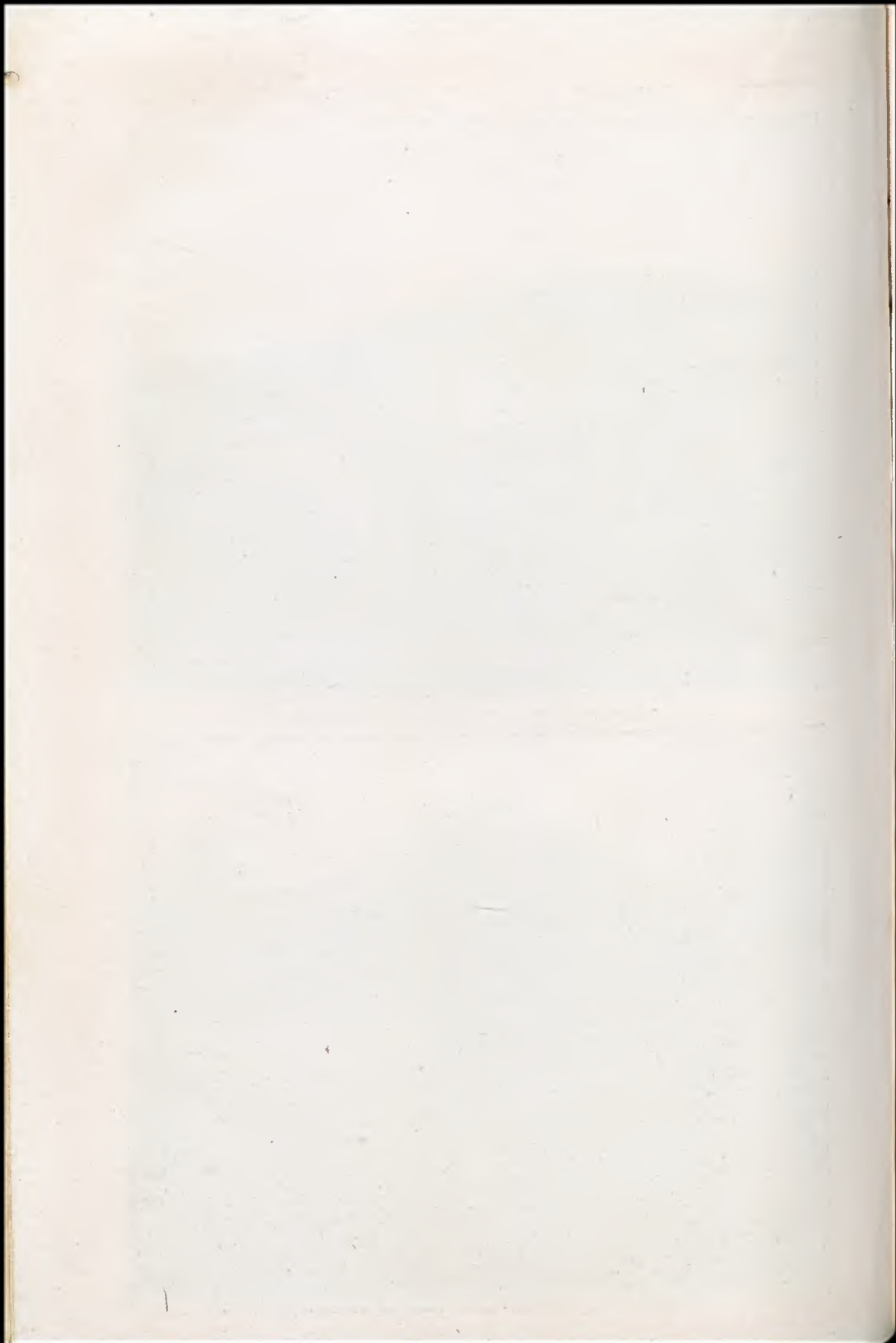




FAZENDA DE CAFÉ EM S. JOÃO DA BOA VISTA



COLONA LIMPANDO UM CAFEZAL

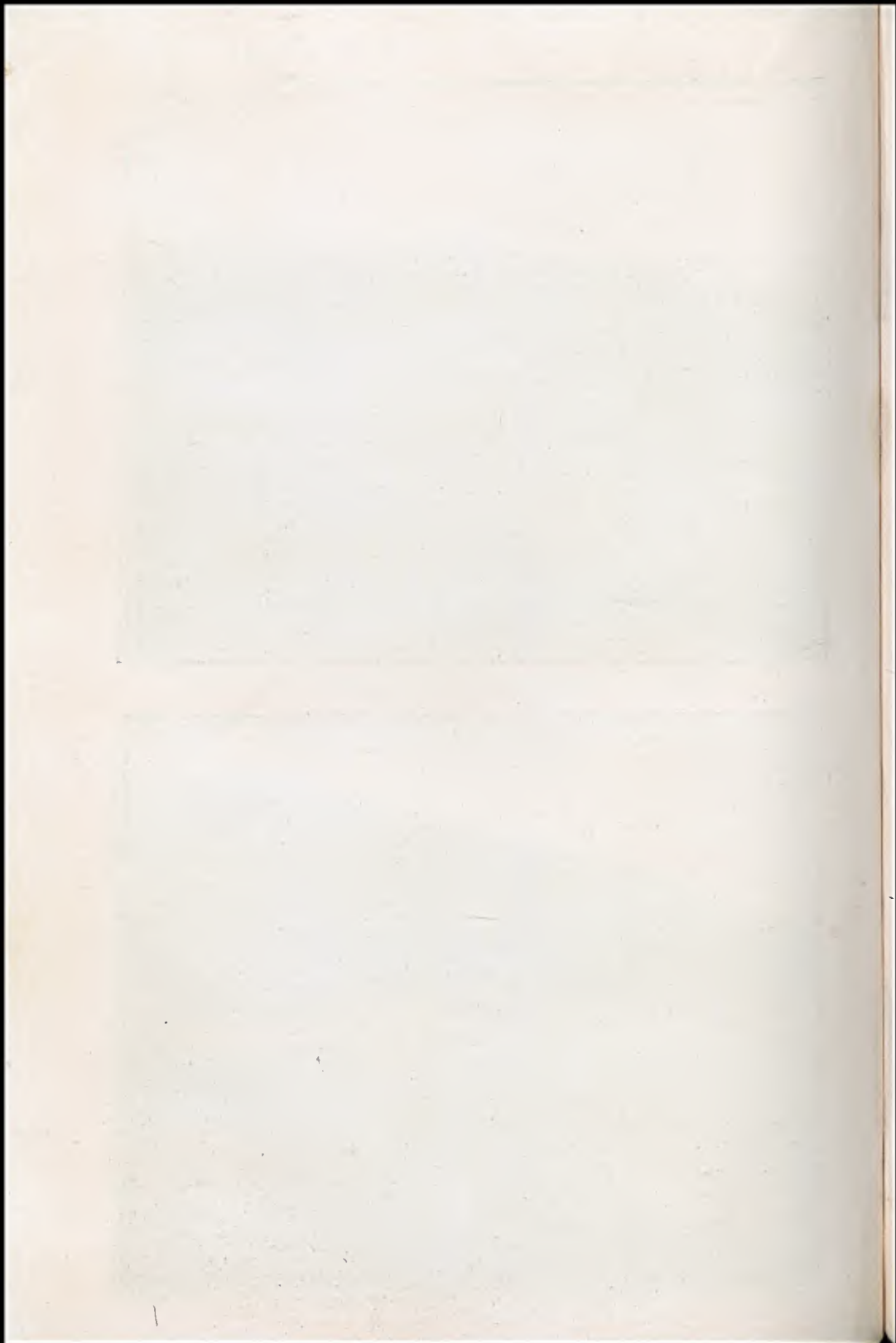


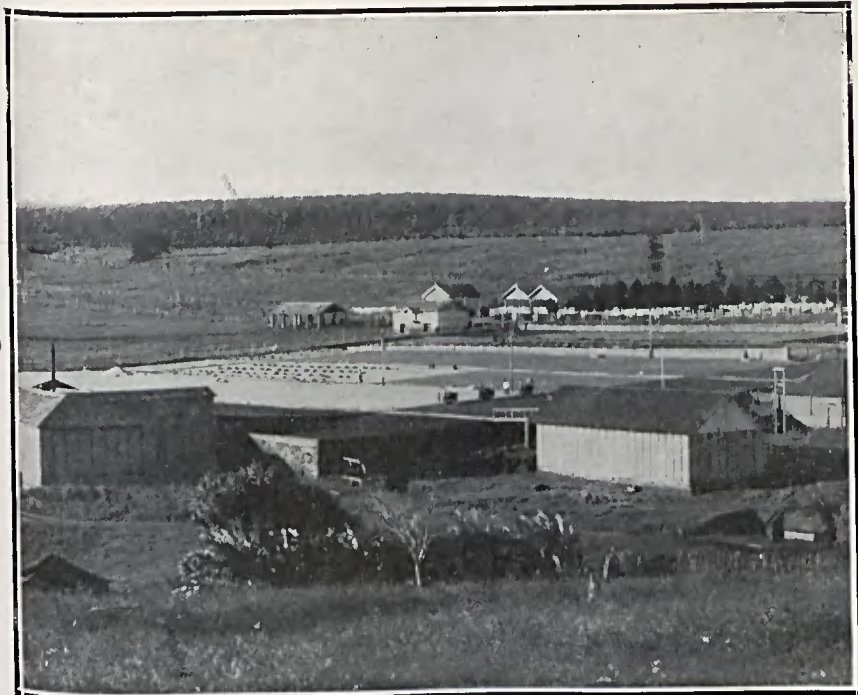


SECCAGEM DO CAFÉ NUMA FAZENDA DE ARRAIAL DOS SOUZAS
(MUNICÍPIO DE CAMPINAS)

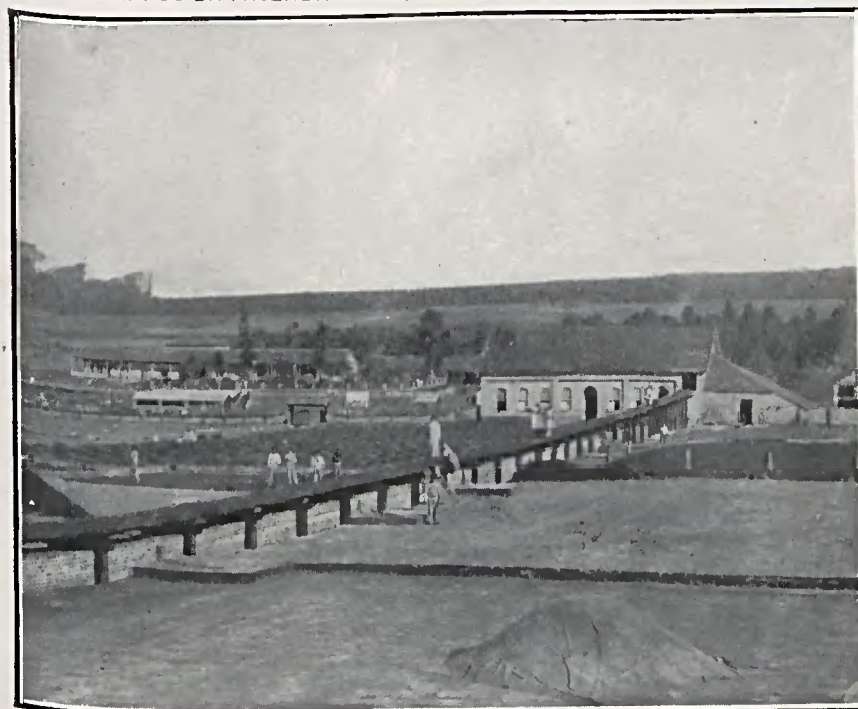


FAZENDA DE CAFÉ EM S. JOÃO DA BOA VISTA

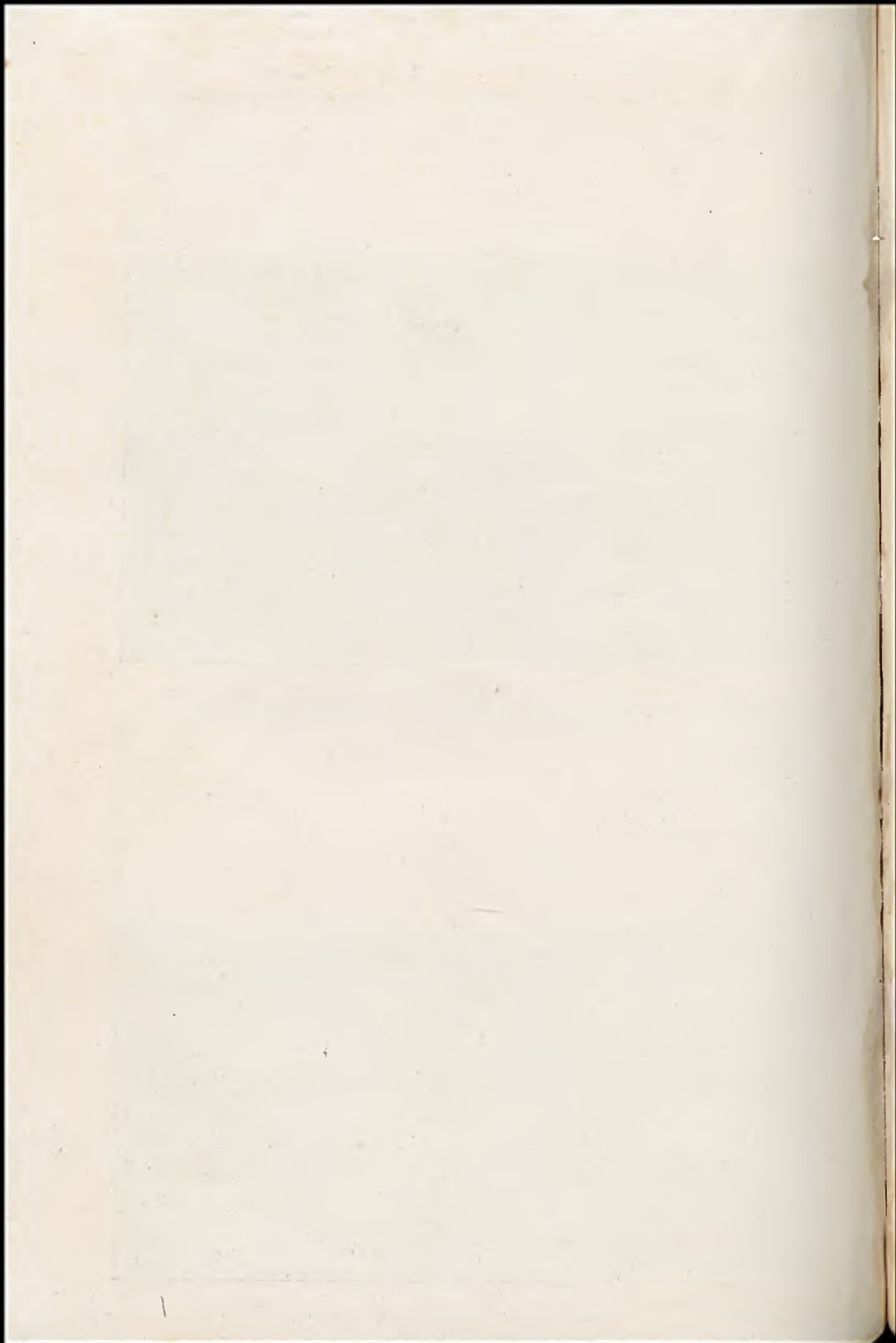




TERREIROS DA FAZENDA DO SR. LUPERCIO CAMARGO EM S. MANOEL



VISTA GERAL DE UMA FAZENDA EM SANTA SILVERIA (PALMEIRAS)



novos municipios, fizeram com que sua produção total se conserve ao redor de milhão e meio de arrobas nas safras fortes.

No ultimo quinquennio, a lavoura cafeeira se estendeu para a zona aberta á civilização com o prolongamento das estradas de ferro Paulista, Sorocabana e Norceste do Brasil. Bebedouro, Barretos, Bauru' e outros municipios de largos trechos de terras incultas povoaram-se de milhões de cafeeiros, que agora começam a produzir.

Neste ponto, levanta-se um grave problema para o povo paulista. Devemos continuar a cobrir nosso territorio com a preciosa rubiacea que fez a nossa fortuna em meio seculo? Seria arriscado opinar pela affirmativa. O augmento das safras desequilibraria nossa economia. Porque o consumo provavelmente não crescerá no proximo quinquennio, tendo de recahir sobre o café boa parte do peso dos onerosos compromissos trazidos á Europa pelo formidavel conflicto que a devasta de extremo a extremo.

Descobrir esta face da questão é o sufficiente para despertar nossa prudencia. Que ella não durma despreocupada, sem cogitar das fataes consequencias da crise maxima da Humanidade.

PAULO R. PESTANA



A ORGANIZAÇÃO DO MEIO CIRCULANTE

A solução racional e integral do problema da circulação fiduciaria nunca foi objecto entre nós senão de medidas esporádicas e transitorias, nunca foi alvo de uma politica constante e permanente, através dos governos successivos. Ha mistér organizar a nossa moeda e o nosso systema bancario segundo os principios deduzidos da experiencia das nações civilisadas.

O conhecimento das leis inflexiveis que condemnam a nota não conversivel a uma baixa certa e a uma oscillação constante, os males proteiformes provenientes do papel moeda, que se manifestam com uma regularidade permanente em toda a historia, fizeram com que os povos modernos, instruidos pelas repetidas experiencias, procurassem em outros meios, que não na multiplicação desse papel, os recursos necessarios.

Graças ao desenvolvimento dos systemas de pagamento por meio de cheques, contas e compensações de banco, cheques postaes e outros, cada vez a moeda metallica entra em mais fraca proporção nas transacções commerciaes.

Com relação ao papel moeda um paiz civilisado tem a escolher entre os dois extremos — ou o bilhete do Banco da Inglaterra, reembolsavel em ouro a todo tempo, ou o bilhete da Republica da Colombia, que chega a perder 99 centesimos do seu valor nominal, em relação ao metal, não existindo probabilidade alguma de que venha jámais a ser reembolsado ao par do seu valor, variando a sua cotação diariamente em proporções inverosimeis.

Si pretendemos, pois, inscrevermo-nos no rol das nações civilisadas, é essencial e basico que organizemos um conjuncto de medidas, uma série de providencias que, em prazo mais ou menos



dilatado, constituam a reserva ouro indispensavel á conversão de todo o papel moeda existente.

Todos os passos da nossa vida economica estão subordinados a esse problema da conversibilidade do papel moeda.

Não ha paiz culto euja politica não tenha constantemente em vista o tornar uma realidade monetaria o papel eireulante, porque todos vêm nisso a aneora segura de todo o seu desenvolvimento.

O aparelho do fundo de resgate e fundo de garantia instituido entre nós e entregue á gestão administrativa fracassou completamente espatifado pela delapidação.

Aliás a experiencia de todos os velhos paizes prova superabundantemente que a solução de tal problema não pode ser entregue aos Governos.

A conclusão a tirar-se da historia de todos os paizes é sempre essa — que se resume na phrase do Presidente Grover Cleveland proclamando a neecessidade de divoreio entre o Thesouro Publico e o Baneo. Effectivamente si nos Estados Unidos as notas eireulantes são fornecidas pelo Thesouro, este só lhes dá a garantia do Governo, mas não as lança em eirculação por conta propria.

O Thesouro americano não faz senão attender as neecessidades provadas das differentes regiões do paiz, fornecendo-lhes as quantidades de meio eireulante que só os Baneos distribuem e mobilisam.

Não compete ao Estado a funeção de distribuir o credito nem regular a moeda fidueiaria. Compete-lhe sim o fisealisar os estabelecimentos incumbidos dessa funeção. Compete-lhe determinar as normas a que se deva subordinar a eirculação fidueiaria. Mas nenhum paiz civilisado o tem constituido guarda do stoek ouro neecessario ao funeionamento conveniente de seu sistema de emissão fidueiaria.

O estabelecimento da eirculação metallica, a constituição do stoek ouro neecessario e a organização dos bilhetes conversiveis são, pois, questões que, através de todas as crises, precisam ser objecto de medidas permanentes e estaveis.

Nas tremendas erises monetarias dos Estados Unidos ficou provada a superioridade das organizações puramente commerciaes sobre as instituições administrativas, que em taes conjunc-

ponsavel encarregado de guardar uma reserva sufficiente para responder por todos os reembolsos que possam ser solicitados. Disseminando esta responsabilidade, accrescenta Stuart Mill, sobre outros bancos, chega-se a este resultado que nenhum se considera responsavel ou que si os efeitos da responsabilidade se fazem sentir em relação a um desses bancos, as reservas dos outros ficam constituindo um capital dormente, guardado em pura perda, inconveniente que se pode evitar dando a estes bancos a faculdade de pagar em bilhetes do Banco da Inglaterra.

A experiencia da Austria tambem conduz a egual conclusão. O desaparecimento total das notas de curso forçado marcou para esse paiz uma era nova. Mas para attingir a esse resultado foi indispensavel a organização bancaria, a que se refere Bilinski, quando dizia em 1907: "No curso dos ultimos oito annos uma transformação profunda se realisou na situação monetaria do paiz. Graças ao facto de que o Banco da Austria retirou os bilhetes do Estado e assegura hoje o serviço do reembolso em especie, elle se tornou o centro de todo o movimento monetario da monarchia. O Conselho do Banco acredita poder afirmar que os acontecimentos que se vêm de produzir nos mercados financeiros internacionaes produziram a mais completa demonstração de que só um grande instituto de emissão, poderoso no interior e acreditado no estrangeiro, é capaz de fornecer á Nação o apoio economico de que ella necessita".

Para isso não foi preciso que cada papel bancario tivesse o correspondente em metal no Banco, pois na Austria o encaixe deve representar dois quintos da circulação, proporção que na Allemanha é apenas de um terço.

Na Italia egualmente cada estabelecimento emissor tem um capital ou um patrimonio egual ao terço da circulação autorizada. A circulação pode exceder o limite legal sob a condição de ser coberto integralmente o excesso por moedas de força liberatoria ou metal não amoeado. Os encaixes metallicos na Italia deverão consistir na proporção de dois quintos dos bilhetes e 33 por cento ao menos em moeda italiana de força liberatoria ou em moedas de ouro estrangeiras admittidas a circular no Reino.

Os portadores de bilhetes do Banco da Italia têm mais um direito de preferencia: a) sobre os bonus do Thesouro e outros titulos italianos; b) sobre as especies metallicas; c) sobre os ef-

feitos estrangeiros não applicados á reserva metallica; d) sobre os creditos que resultam dos emprestimos sobre titulos; e) sobre os effectos italianos não immobilizados.

A proposito da reserva metallica observa Victor Bonnet que não se pode fixar um limite á relação da reserva metallica com os bilhetes, como não se pôde fixal-o ao proprio credito: tal relação é susceptivel de variar segundo os paizes ou no proprio paiz, segundo as circumstancias. Hoje de 3|4, accrescenta elle, amanhã da metade, depois d'amanhã do terço e mesmo mais baixo o pode ser si o estado geral do credito o comporta. Não é a proporção mais ou menos forte da reserva metallica que constitue propriamente a garantia da circulação fiduciaria, mas a quasi certeza que se tem de que da quantidade fluctuante dos bilhetes ao portador, aquella que pode apresentar-se para reembolso não ultrapassará tal proporção e que uma reserva metallica egual a tal proporção é completamente sufficiente. Esta é a regra fundamental e não ha outras.

De accôrdo com esses principios de observação universal se conclue que a reserva metallica necessaria para a conversibilidade total do papel entre nós seria inferior á necessaria nos outros paizes, dada a extensão territorial do Brasil e a disseminação do seu papel moeda por todo o interior e, por essa forma, seguramente 30 % da reserva metallica seriam sufficientes para garantir a conversibilidade total do meio circulante.

Esses trinta por cento seriam facilmente alcançaveis em poucos annos de gestão financeira sem deficits, alienando o Governo os bens do patrimonio nacional que forem mistér. Esse patrimonio nacional tem bens que, por si sós, garantiriam a conversibilidade total do papel moeda, opportunamente alienados, com a vantagem de cessar o Governo de dar um pessimo exemplo de administração economica, supprimindo factores constantes de desequilibrio orçamentario, não sendo concebivel que os interesses individuaes se possam contrapôr aos mais relevantes interesses nacionaes.

A prova de que nunca comprehendemos na sua essencia o mecanismo do bilhete bancario conversivel, de que nunca apprehendemos a efficacia de uma instituição de credito solidamente firmada para esse fim, está em que o proprio Murinho, quando não tinhamos senão 600.000 contos de papel moeda em

circulação, acreditava que para decretarmos a conversibilidade de todo o meio circulante eram precisos 50 milhões de libras ao cambio de 18 e 40 milhões ao cambio de 16, isto é, julgava que para cada bilhete em circulação precisava existir em deposito o valor correspondente em ouro.

A nossa Caixa de Conversão, si não fosse esgotada como foi pelos desperdícios e surpreendida pela conflagração, nos conduziria á accumulção de um stock de ouro sufficiente para garantia de todo o papel moeda. Mas ella nunca nos premuniria contra as catastrophes occasionadas pelas crises que são periodicas e necessarias na vida economica.

Benefica como estabilisadora do cambio e por permittir a vinda de capitaes estrangeiros, entretanto, só um grande banco emissor nacional, solido, estavel e acreditado, pode, em periodos de panico, supprir o paiz com o meio circulante preciso, de elasticidade desejavel.

Si predispuzermos em lei todos os elementos precisos, com todas as garantias contra as facilidades do nosso temperamento, em dez annos, digamos, mediante uma organização bancaria bem concatenada, poderiamos estar com todo o nosso papel moeda reembolsavel em ouro e ampliavel e restringivel de accôrdo com as necessidades da vida economica, isto si nos resolvemos afinal a acabar com o regimen dos deficits normaes, e si, outrosim, nos deliberarmos a sacrificar os bens do patrimonio nacional necessarios á consecução da mais relevante providencia da vida economica.

O paiz onde o meio circulante varia diariamente de valor, não tem moeda, quer dizer vive a vida primitiva da barbarie em que se soffria exactamente da falta de um instrumento estavel, de permutas, porquanto da moeda como bitola de valores não se requer senão fixidez.

A instabilidade do valor da moeda é a defraudação permanente, constante, em todos os negocios, de uma por outra parte, devida a esse elemento aleatorio a perturbar todos os calculos, todos os negocios, toda a vida social e economica.

Os Governos precisam entre nós abandonar a politica da intervenção a todo transe na vida industrial, sob o pretexto de fomento economico, pois que assim agindo elles nos têm sacrificado da maneira mais clamorosa. E' preciso, pois, que optem pe-

la função de assegurar a expansão natural da riqueza, garantindo-nos a actividade mediante a organização de uma sabia lei bancaria onde se coneretisem as lições experimentaes do velho mundo, assim como mediante a eliminação dos entraves varios com que a administração vai obstando o desenvolvimento da producção.

E' o que nos impõe a necessidade de uma evolução estavel e segura, não perturbada pelas demasias de uma politica que querendo tudo abarear tudo compromette.

O preconceito de que o Governo precisa ser o factor do desenvolvimento de todas as industrias, de que tudo a elle devemos pedir para o nosso progresso economico apoderou-se completamente da mentalidade brasileira e tem sido o causador das peores calamidades da nossa historia.

Quando, ao contrario, nos possuirmos da verdade de que o progresso todo do paiz deve ser o producto da intelligencia, da actividade de cada um de nós ou das corporações particulares, então o paiz iniciará a phase de seu desenvolvimento definitivo.

Nós tudo pedimos ao Governo e quando este por nos attender se desmanda em uma actividade proteiforme, anarchica e calamitosa, então passamos a culpá-lo de todas as desgraças provocadas a nossas instancias. E' um eterno circulo vicioso.

Mas si, entretanto, em todas as nações civilizadas, o bilhete bancario é o titulo por excellencia que se substitue á moeda e lhe poupa o uso, si elle supera á moeda com vantagens evidentes, si só elle, em momentos de crise, tem o sufficiente elasterio para impedil-a de alastrar-se, já é tempo, entre nós, de iniciarmos os passos necessarios á organização da instituição bancaria nacional capaz de funcionar em tempo como o regulador do meio circulante.

Organizar a nossa instituição emissora nacional e constituir-lhe o fundo metallico para a conversão de todo o papel moeda existente deve ser agora um dos intuitos primordiacs da politica constructiva, abstendo-se o Estado da politica de expansão economica para confial-a á actividade privada ou das administrações regionaes.

Realizando a conversibilidade do papel moeda nacional, a administração federal terá cumprido o seu primeiro dever, terá prestado o mais relevante serviço que della se pode esperar. En-

tretanto, é preciso prefixar em lei toda essa série de medidas que conduzam ao fim almejado.

Todos os paizes assim o fizeram. Para sahir do papelismo todos elles fixaram as normas precisas, determinaram os recursos, instituiram a organização precisa. Nós nos deixamos ir ao accaso, decretando para todas as nossas difficuldades expedientes provisórios, incapazes de legislarmos definitivamente para toda a vida nacional.

A superioridade e a necessidade de um instituto de credito e emissor, demonstra-o na situação actual de guerra o Banco da França assim como o Banco da Inglaterra, da Allemanha e da Italia.

E' incontestavel, pois, o dever de cogitarmos desse instituto por meio do qual possamos daqui a tempos retirar os bilhetes inconvertiveis existentes, substituindo-os por uma circulação bancaria san.

A necessidade da unidade nesse assumpto parece já ter sido reconhecida por todos os paizes. Essa tendencia produziu a criação do Banco da França, imprimiu uma nova orientação á circulação fiduciaria ingleza, fez substituir na Belgica a Sociedade Geral e o Banco da Belgica pelo Banco Nacional, fez prorogar por um novo periodo o privilegio do Banco da Hollanda, dictou as disposições da lei austriaca e poz fim na Allemanha á fragmentação das soberanias em materia de bancos de emissão, como tambem nesse paiz eliminou a concorrência dos Bancos. A regularidade e a segurança da circulação não podem ser convenientemente asseguradas senão conferindo a um estabelecimento unico a faculdade de resgatar e emittir o papel moeda, regulando a sua quantidade de accôrdo com as necessidades do mercado nacional.

Essa instituição devêra ser, como nas melhores organizações conhecidas, um Banco em que o Governo tivesse a interferência que o interesse publico exige, mas, por outro lado, contrabalança pela participação de interesses commerciaes, financeiros que não permittam os costumados abusos nas instituições subordinadas exclusivamente á administração publica, abusos que entre nós alcançam maior gráu.

Ao começar a funcionar o novo Banco Nacional Suisso, destinado a regular o meio circulante, dizia o Chefe do Departamento

mento das Finanças: "Nós esperamos que o nosso povo o cercará com a sua confiança, na certeza de que a posse de uma tal organização bem dirigida terá sobre a fortuna, sobre o credito, sobre os destinos da nossa patria, uma acção profunda e que ella será, com os seus recursos, com o seu encaixe metallico, com todo o seu mecanismo, o mais poderoso instrumento de defesa de nosso credito, de nossa segurança commum e o recurso supremo do nosso paiz nos tempos de crise e de perigo".

Na organização do Banco Nacional Suisso buscou-se assegurar a plena autonomia da instituição, subserendo os canhões e os differentes bancos tres quintos do capital e entregando-se os dois quintos restantes á subscrição publica, ao mesmo tempo que, na gestão interna se assegurava o controle indispensavel do interesse publico, mediante a participação de directores nomeados pelo Governo.

Mesmo a guerra actual veio demonstrar a necessidade para todos os paizes de possuirem uma organização autonoma dessa natureza. Sem o Banco da França, o Governo Francez não poderia financeiramente resistir ao desequilibrio resultante da situação. Hoje pode-se repetir a phrase de Thiers: "La Banque nous a sauvé, parece qu'elle n'était pas une Banque d'Etat".

Em Novembro de 1914 dizia uma circular do Banco da França: "O credito do Banco superou a crise terrível que a declaração da guerra e a mobilisação geral deviam provocar. A nossa emissão continua indiscutivel e plenamente garantida, é bem sabido, por uma reserva metallica intacta e por operações de credito sinceras e medidas".

Assim o Banco da França no primeiro periodo da guerra já tinha feito adiantamentos ao Estado no valor de 4.600 milhões de francos, podendo eleva-los posteriormente á somma de 6.000 milhões. O encaixe em ouro era na vespera da guerra de frs. 4.141.341.000 e servia de garantia a uma circulação de bilhetes no valor de 6.683.175.000. Em consequencia da guerra a lei bancaria foi suspensa, cessando transitoriamente a convertibilidade das notas e ampliando-se a emissão além do limite anteriormente fixado. Até Março de 1915 tinha sido elevada a circulação a frs. 11.109.468.000 ou quasi o dobro do encaixe, que por seu lado tinha augmentado de frs. 103.000.000, ficando elevado ao total de frs. 4.244.350.000.

Apezar de uma circulação superior em quasi o dobro do encaixe, os bilhetes do Banco da França, em vez de se deprecia-rem, chegaram a ganhar agio. Por isso dizia o Governador do Banco: "O que constitue a força desse credito é que todo mundo sabe que o Banco da França não está nas mãos do Estado".

Não ha paiz civilizado, não se concebe uma nação organizada sem uma instituição dessa natureza.

No nosso paiz infelizmente só temos legislado para o momento, ao sabor das circunstancias fortuitas, sob a pressão de factores urgentes. De 1808 a 1829 tivemos a unidade de emissão, fundando-se o primeiro Banco do Brasil. De 1829 a 1836 o papel moeda passou a ser emitido pelo Governo, que reembolsou o do Banco. De 1836 a 1853 tivemos a emissão simultanea pelo Thesouro e 10 Bancos, entre os quaes um novo Banco do Brasil. De 1853 a 1857 tivemos o monopolio conferido a um terceiro Banco do Brasil e suas succursaes. De 1857 a 1866 voltamos á pluralidade. De 1866 a 1889 novo systema de emissão pelo Thesouro, cujas notas substituiram as dos Bancos. De 1889 a 1892 novamente reaparece a pluralidade das emissões, outorgada a concessão a differentes Bancos, mediante garantia em parte metallica em parte de titulos. Em 1892 a emissão é restituída ao Banco da Republica. Finalmente em 1898 o Thesouro reivindica a função emissora. Não ha paiz que em assumpto de tão fundamental importancia tenha agido tão anarchicamente, chaoticamente.

A Caixa de Conversão não satisfaz a necessidade de regular e distribuir o meio circulante — é um apparelho automatico. Por outro lado não devemos insistir na experiencia original que fizemos de eriar o fundo de resgate e de conversão do papel moeda, entregando-o ao Governo.

Já é tempo, pois, de iniciarmos o estudo, de lançarmos as bases da organização que virá substituir o papel fiduciario do Estado por um papel bancario estavel, garantido e honesto, capaz de gerar o credito e de permittir a ampla expansão da actividade nacional, evitando-lhe os cyclones que successivamente vêm destruindo o trabalho de tantas gerações. Nada edificaremos de estavel no dominio economico sem essa base indispensavel, embora leve annos a ser lançada.



Em varios paizes, como na Dinamarca, o Banco Nacional foi eriado exactamente para retirar o papel moeda emittido pelo Governo. No paiz referido a lei de 12 de Julho de 1907, que renovou ao Banco o monopolio da emissão, por trinta annos, elevou ao mesmo tempo a proporção minima do encaixe á metade da circulação, estabelecendo como regra da emissão que a parte do papel moeda que não é representada pelo ouro ou por creditos em ouro enumerados na lei, deve ser coberta, á razão de 125 % , por um activo facilmente realisavel, devendo tres quintos do encaixe consistir em moedas de ouro ou em ouro em barras.

Na Belgica o Banco Nacional foi fundado graças á energica vontade de Frère Orban, com o intuito, como declarava elle, de "separar dos negocios industriaes o desconto e a emissão, estabelecer a unidade na circulação do papel moeda e *atingir o mais cedo possivel a conversibilidade do papel moeda*".

Assim a faculdade de emittir o papel moeda, que vem em parte substituir o numerario metallico e augmentar a circulação, foi entregue só ao Banco Nacional.

Na Belgica foram bem comprehendidas na organização do Banco Nacional as intervenções respectivas do Governo e do interesse particular. Dizia um dos relatores do projecto convertido em lei: "E' preciso subtrahir o credito privado, tanto quanto possivel, aos abalos que soffrem os governos; não se pode contar muito com a sabedoria dos homens de Estado para acreditar que, nos momentos de difficuldade, elles não disporão de recursos que estariam á sua completa discrição. E' preciso reconhecer, como condições de uma solução completa do problema não só a necessidade da intervenção do Estado como a necessidade da intervenção do interesse privado. O Estado intervem para eriar a instituição, impôr-lhe condições de solidez acima de qualquer perigo; confia-lhe seu serviço financeiro, entrega-lhe seus fundos disponiveis e determina as regras da emissão da moeda fiduciaria, de maneira a dar uma segurança completa aos que a aceitam, segurança de que elle dá o exemplo recebendo essa moeda em seus guichets. A autoridade privada intervem sob a forma de uma sociedade de que um capital sufficiente garante as operações; esta sociedade assume o serviço financeiro do Estado e se incumbem, nos limites que lhe são traçados, concomitantemente com o emprego do seu capital e outros fundos que lhe

são confiados, da collocação tanto dos fundos disponiveis do Estado como dos que resultam da emissão fidueiaria”.

Os resultados obtidos com a organização do Baneo Nacional da Belgica são os mais notaveis, tanto nas suas relações com o Thesouro como na mobilisação da riqueza publica.

Não obstante tem sido criticada a fraqueza do eneaixe metallico do Baneo Nacional da Belgica. Assim em 1910, por exemplo, era consideravel a differença da cobertura dos bilhetes belgas em relação aos dos outros grandes institutos de emissão. Ao passo que na Inglaterra o metal representava 145 % da circulação, na França 82 %, na Austria 79 %, na Italia, na Hespanha, na Allemanha 69 %, na Suissa 66 %, na Rumania e na Hollanda 50 %, entretanto, na Belgica, o numerario em especie se limitava a um quinto dos bilhetes. Addicionando-se-lhe, porém, os valores em titulos estrangeiros, a garantia do papel moeda se elevava a 38 %. Assim como esse, os outros elementos do activo do Baneo Belga eram tão solidos, que não offereciam perigo algum. Eis como a perfeição da circulação bancaria demonstra que os bilhetes podem deixar de ser simples titulos de deposito, para representarem tambem valores de carteira commercial, dada a solidez e o credito da instituição.

No nosso paiz já é sufficiente a experiencia feita entregando a realisação da conversibilidade do papel moeda ao Governo.

Da demonstração da conta dos fundos de garantia e de resgate no Thesouro, segundo a mensagem de 1911, consta que a receita do de garantia, de 1900 a 1911, acusa um activo de.... 111.214:372\$000, equivalente a L. 12.511.616-17-47, e de resgate um activo de 47.567:997\$543. Addicionado isso aos depositos da Caixa de Conversão era o bastante para já termos a circulação conversivel integralmente no paiz.

Entretanto, tudo isso foi espatifado. Deduzindo-se 30.000 contos applicados em ineineração, todo o restante e o mais que tem sido arrecadado da renda com applicação especial, desapareceu no vortice dos desperdícios, só tendo representação na escripturação do Thesouro.

Ora, com semelhante mechanismo assim funcionando á disposição dos desmandos politicos nunca realizaremos na vida nacional a conversibilidade do papel moeda, conhecida através de toda a historia do nosso paiz, a influencia deleteria do partida-

rismo militante, a facilidade com que se desvia e falsêa a applicação das leis mais bem concebidas.

O Congresso Federal bem andaria nomeando uma Comissão especial para estudar o assumpto que, mesmo através das peores crises, não pode deixar de ser elucidado e encaminhado.

MARIO PINTO SERVA



A RIMA E O RYTHMO

LIÇÕES PROFESSADAS
NA ESCOLA DRAMATICA

(Conclusão)

O rythmo, sim, é que é indispensavel ao verso, e é quasi todo o verso. Sem rima ou sôltos, nossa lingua admite versos, e ás vezes excellentes, como nos passos citados; sem rythmo os que se imaginarem, não passarão de prosa e mal ordenada e chilra. Assim que os do exordio do *Uruguay*:

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tepidos e impuros,
Em que ondêam cadaveres despídos,
Pasto de corvos. Dura ainda nos valles
O rouco som da irada artilharia,

nem versos serão nem soffrivel prosa se lhes alterarmos o rythmo ou deslocarmos as pausas ou accentos musicaes, dizendo:

Nas praias desertas fumam ainda
Lagos tepidos e impuros de sangue,
Em que ondêam despídos cadaveres,

e nesta ordem, ou desordem, os mais que se seguem.

Mas que é o rythmo?

Aristides Quintiliano define-o "um systema ou reunião de tempos, dispostos de accôrdo com certa ordem", o que em mecnica ou em acustica se pôde traduzir, segundo R. de Souza, como "a regularisação mais ou menos absoluta do movimento."

Para André Bello, em sentido geral é “uma symetria de tempos, assignalada por aecidentes perceptíveis ao nosso ouvido”.

O autor dos *Problemas de Esthetica Contemporanea* fal-o originar-se da emoção, e apoiado em Tyndall e Spencer, busca explical-o, lembrando a lei da *diffusão nervosa*, devido á qual, a excitação produzida no cerebro se propaga aos membros, como a agitação em aguas onde cahiu um projectil.

“Nos casos de simples impaciencia ou inquietação, diz M. Guyau, ou vamos e vimos andando compassadamente, ou se estamos sentados, bambaleamos a perna em cadencia, ou com os dedos tamborilamos numa superficie.

No soffrimento physico, e não raro no moral, o corpo inteiro se agita, e se a dôr ou a emoção não é assaz violenta, adquire um balanço regular, procurando regularizar a propria agitação. Grandes jubilos impellem-nos a saltar e dansar.”

Observa o mesmo auctor que iguaes phenomenos occorrem nos orgãos da palavra. Esta, em virtude da excitação nervosa, adquire suas melhores qualidades de força e rythmo. E’ o que se nota desde as praticas simples ou a simples conversação até aos discursos ou sermões proferidos na tribuna ou no pulpito. Na especie ou ponto especial que nos occupa, a noção de rythmo é inseparavel da de accentuação. O accento é elemento essencial ao vocabulo. A syllaba accentuada em relação ás atonicas exerce uma especie de suserania; entre estas — o simile é de Mendez Bejarano — ella resalta como o castello feudal em meio ás vivendas pobres dos vassallos. Por via de regra duas syllabas igualmente accentuadas representam dois vocabulos distinctos. Se ao pronunciar a palavra *enormidade*, acentuarmos igualmente a segunda e a penultima syllabas, resultarão dois vocabulos distinctos: *enorme* e *idade*.

Para que sôe como uma só palavra, é indispensavel que uma das syllabas se accentue mais do que as outras. E’ mais ou menos o conceito de Coll y Vehi, que exemplifica no hespanhol com vocabulo semelhante. Se ao tocar um tambor, diz o auctor dos *Dialogos Literarios*, eu dou igual intensidade a todos os sons, cada um destes sons constitue uma unidade independente; mas se dou um golpe forte e outro fraco, e assim successivamente, os sons se agruparão de dois em dois; se dou um golpe forte e dois fracos, agrupar-se-ão de tres em tres; se um forte e tres

fracos, o agrupamento será de quatro em quatro. Se em vez dos sons inarticulados do tambor, tratar-se de sons articulados ou syllabas, no primeiro caso as palavras serão monosyllabas, no segundo disyllabas, no terceiro trisyllabas, no quarto tetrasyllabas. E' caso elementar de prosodia. Duas ou mais letras se fundem em um unico som e constituem uma syllaba, e duas ou mais syllabas, ligadas pelo accento prosodico, constituem um vocabulo. Com os vocabulos se formam expressões, phrases, clausulas; com as clausulas grupos maiores, e com estes outros maiores ainda. Mas para que dois ou mais vocabulos formem um todo, expressão ou phrase; para que duas ou mais phrases formem um todo superior ou clausula; para que duas ou mais clausulas formem um grupo, e dois ou mais grupos outros grupos superiores, — na phrase, na clausula, no grupo inferior, no grupo superior, e finalmente no discurso ou poema deve haver unidade que enlace as diversas partes, e essa unidade deve manifestar-se exteriormente. Do mesmo modo como estão encadeados os sons de uma syllaba ou vocabulo, devem estar os da phrase, os da clausula e os do discurso ou poema. Os aneis mysteriosos que em uma composição musical entrelaçam as myriades de sons, são, além das proporções melódicas e harmonicas, os *rythmos de tempo* e *de accento*. Estes mesmos rythmos formam a trama da linguagem."

Não obstante terem todas as palavras um accento prosodico, succede que ao agrupar-se formando expressões ou phrases, alguns desses accentos sobrelevam e adquirem maior valor, outros se attenuam, desmaiam, senão mesmo desaparecem. Em cada uma destas expressões:

a luz magnifica do sol,
o continuo estrépito das vagas,

nota-se um accento predominante, o qual na primeira está em *sol*, e na segunda em *estrépito*. E' de imprescindivel necessidade este accento, que prende os vocabulos ou phrases, ou a *unidade*, a que se refere Vehi, manifestada por meio de um som que prevaleça a todos os mais. E' este o accento ehamado rythmico, tanto mais sensível quanto maior a emoção que anima as palavras.

O rythmo da prosa e o da linguagem versificada se designam por nomes differentes: o da prosa, vago, livre e irregular, ehamam-se simplesmente *numero* ou *numero oratorio*. (Seu estu-

do é o objecto da arte ou nova sciencia designada por P. Pier-son *metrica natural*). Ao da linguagem versificada, regular e preciso, sem que entretanto atinja as rigorosas proporções a que está sujeito no canto, dá-se o nome de *numero poetico*, *metro* ou *medida*.

Varia o rythmo com variarem as especies de versos, e ainda dentro da mesma medida, se se dêr deslocamento de accentuação.

Exemplos de versos do mesmo rythmo:

Ah! roseira desgraçada,
Dedicada aos meus amôres,
Tuas flôres mal se abriram,
E cahiram de pesar!

(Silva Alvarenga)

Eu soffro, ó anjo, na cruel vigilia
O pensamento ainda redobra a dôr,
E passa louca de meu sonho a filha,
Soltas as tranças, a morrer de amor.

(C. de Abreu)

Exemplo de rythmo variavel, variando a medida dos versos:

Pela vasta noite indolente
Voga um perfume estranho.
Eu sonho... E aspiro o vago aroma ausente
Do teu cabello castanho.

(Vicente de Carvalho)

Outro exemplo e de maior variedade de rythmos:

A primavera amplo tapete
Luxuriante estende
Pela planura, em torno; e do arvoredo a copa
De corymbos, festões e luz se esmalta...
Tudo percorre, a voar, o indomito ginete;
Como rija rajada, os ares fende;
Barrancos salta
Veloz, e ligeiro
Das savanas através,
Sem freio, escumando, nitrindo, galopa...
Pára! — exelamam em vão — Cavalleiro,
Vê que abysmo se rasga a teus pés!

(Raymundo Corrêa)

Nos seguintes trechos de prosa, o *rythmo* desta, ou *numero oratorio*, é auxiliado por elementos de *numero poetico*, cujos principaes vão em normando:

Não tardou muito que, estando eu assim cuidando, sobre um verde ramo que por cima da agua se estendia, se veio pousar um rouxinol; e começou a cantar tão docemente, que de todo me levou após si o meu sentido de ouvir. E elle cada vez crescia mais em seus queixumes, que parecia que, como cansado, queria acabar, senão quando tornava como que começava então. Triste da avesinha que, estando-se assim queixando, não sei como se cahiu morta sobre aquella agua.

Cahindo por entre as ramas, muitas folhas cahiram tambem com ella.

(Bernardim Ribeiro).

Eu não voltarei mais, sertaneja!

Novos amores me chamam e me chamam novas terras! Pede ao céu, que ampara o jambeiro murcho e dá força á correnteza da agua, um pouco de consolação, minha vida! A gente é como a neblina, anda sempre e some-se depressa com a viuda da primeira chuva.

Não te esqueças de mim, porque se minha bocca está cantando, meu bem, este coração desmaia ralado de saudades!

(Luiz Guimarães Junior).

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnauba; verdes mares que brilhaes como liquida esmeralda, aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros: serenaes, verdes mares, e deixae que o barco aventureiro manso resvale á flôr das aguas!

(José de Alencar).

.....

ALBERTO DE OLIVEIRA.

A PALMEIRA E O RAIOS

A Alberto de Oliveira

*A Palmeira, entre a plebe hirsuta dos arbustos,
das arvores anãs, moitas de um verde baço,
ásperos taquaraes que o vento encurva e anima,
lá está, calma e feliz, sem temores nem sustos,
— um só traço direito a fender o alto espaço,
com um largo leque aberto a balouçar-se em cima.*

*Da planura, em redor, vê-se-lhe o vulto esguio
sobre a crespa collina, unico descoberto,
remirando-se airoso em solidão tamanha.
Abrindo o scio azul, em baixo, espelha-o o rio.
Voam-lhe á volta, em ronda, as aves do deserto.
E debruça-se além, contemplando-o, a montanha.*

*Só ella põe no horror do quadro, — hispidos montes,
agrestes barrocaes, plainos áridos, valle
sombrio, mato ralo e poento, — só ella
põe no bocejo atroz que enche estes horizontes
o encanto de um sorriso, um sorriso que vale
por tudo, e a graça real de uma ondulante umbella.*

*Quando a manhã repona, á aura leve, que adeja
em torno, o sol disputa a gloria de beijal-a.
Sobre a névoa do valle, onde a agua dorme oeculta,
sobre os moitaes que a sombra ainda empasta e negreja,
ella só se desvenda, e inerusta em fluida opala
o verde capitel que o isolamento avulta.*

*Quando o dia esmorece e o occaso se esbrazeia
e uma cinza azul-negra enche as quebradas calmas,
sobre o outeiro o perfil, tinto de sol, se enxerga,
solitario na turba immensa que o rodeia,
erguendo para o céu, no doce arfar das palmas,
o anccio asceneional de uma fé que não verga.*

*Um dia, o sol queimava, em torrentes de chamma.
Tudo prostrado. O rio é uma placa de chumbo:
nem um frémto de ar na agua pregada á borda.
Como vasada em bronze, immota a curva rama,
a Palmeira morreu, talvez... Mas um retumbo,
subito, estruge ao longe e o eco pesado acorda.*

*Uma nuvem se arranca, além, á serra; assoma,
e engrossa. O azul do céu, metálico, se turva.
Um vento bruseco açoita o matagal, bulhento.
O caule da Palmeira, emfim, se abala; a côma
dansa e zune, e a oscillar, traça tão larga curva,
que parece fugir, livre e jovial, com o vento.*

*Estala um raio. A escuridão cresce. A tormental!
Outro raio, a raivar, percute o serro bronco,
retalhando-o, talvez, com o inflammado cutello.
Outro mais. Outro ainda... Este, agora, rebenta
sobre o leque esvoaçante, e fere e lasca o tronco
da Palmeira gentil. Dobra-se o amplo flabello.*

Então resôa a voz da alta Palmeira:

— “Basta!

*Acertaste, afinal, Raio ardente. Inimigo,
a haste encontras, emfim, tantas vezes buscada
em vão. Aahas, emfim, a fronte erguida e casta,
que jámais se curvou, que se enfrentou contigo
cem vezes, sem terror. E veneeste. Obrigada...*

*E' uma gloria morrer na tormenta desfeita,
sob o vento, o granizo e o trovão; morrer quando
sobre mim se despenha o universal assalto;
resistir a cantar, sustentar-me direita
na divina embriaguez do perigo, e, cantando,
cair varada assim de um golpe que vem do alto.*

*E's o inimigo audaz e recto. Deseonheees
o gelado rancor que teme a luta e o risco,
o odio atroz que sorri, e sorrindo assassina.
Deseonheees a bava e a peçonha, os refeces
ardis, o aculeo surdo, o olhar do basilisco...
Tens o orgulho que explode e a raiva que fulmina.*

*Tu me viste aqui erecta, a rir á luz ridente,
dominando a soidão com a graça do meu vulto,
com o som do meu cantar, com a altivez do meu porte.
Por eu ser assim grande, e por te olhar de frente,
quizeste-me prostrar. E poupaste-me o insulto
da tua compaixão desdenhosa de forte.*

*Vieste, de frente e de alto, e rábido cahiste
cem vezes sobre mim. E cem vezes erraste
os golpes. E tambem cem vezes, sibilante,
o meu riso resou no espaço eseuero e triste.
Mas agora veneeste. Eis rôta a umbella; eis a haste,
sempre de pé, mas rôta. Eis-te, emfim, triumphante.*

*Obrigada... O teu odio audaz foi força minha.
Certa da ameaça leal e do assalto galhardo,
vivi no sentimento heroieo do meu termo.
Armaste-me guerreira. Ungiste-me rainha.
Desprezei o que é torpe, — o plangente moseardo,
a lesma fria, o eipó frouxo, o scapo enfermo.*

*Que seria de mim sem o teu odio franco?
Teria que empregar minha colera augusta
contra o insecto roaz, contra o batracio, contra
os parasitas vis; e olharia o barranco,
em vez de olhar o céu, e a restinga combusta,
em vez da serra azul que além com o céu se encontra.*

*E teria o inimigo atroz que irrita e enoja,
o que coaxa, o que trila, o que zumba ou cicia...
E a lenta podridão..."*

Emmudece a Palmeira.

*O vento, uivando, avança, e estorce, e envolve, e arroja
a fronde que, a morrer, ainda o desafia...
— O raio estronda, além, rasgando a cordilheira.*

AMADEU AMARAL

Fevereiro, 1916.



A VINGANÇA DA PEROBA

“Onde devo ir. Nas cidades é que já não ha sentimento de originalidade nenhuma. As paixões de lá boas e más, têm tal analogia, que parece haver uma só manivela para todos os corações. Esta identidade é grande parte na monotonia dos meus romances. Ha duas ou tres situações que, mais ou menos, resaeem no enredo de vinte dos meus volumes, cogitados, estudados, e escriptos nas eidades. Quando quero retemperar a imaginação gasta vou caldeal-a á incude do viver campesino. Avoo lembranças da minha infancia e adolescencia, passadas na aldeia, e até a linguagem me sae de outro feitio, singeia sem affectação, casquilha sem os quebrados volteios, que lhe dão os invezados estilistas-bucolicos. Assim que deaeio em dispor as scenas da vida culta, ahi vem a verbosidade estrondosa, o tom declamatorio, as hufiadas objurgatorias ao vicio, ou panegyricos, tirados á força da violentada consciencia, a umas innocencias e virtudes, que me tem grangeado desereditos de romancista da lua. Conta-me, pois, uma historia sentimental, meu amigo.

C. C. Branco — “Vinte horas de liteira”.

A cidade duvidará do caso. Não obstante, aquelle monjolo do Dito Nunes, no Varjão, foi durante mezes o palhaço da zona. No bairro da Porungada, sobretudo, onde assistia Pedro Porungá, mestre monjoleiro de bem soada fama, fungavam-se á conta das trapalhices do engenho risos sem fim.

Ambos sitiantes em terras proprias, convizinhavam separados pelo espigão do Nheco, e por uma certa malquerença provinda de uma certa caçada.

Nunes corria uma paca, num domingo, e a bicha, dobrando o morro, dá de frente com um filho do Porunga casualmente a lenhar por alli. Zás! uma foçada na volta da pá deu com ella em terra. Até ahí nada. Mas comeu-a, sem ao menos mandar de presente um quarto ao legitimo dono. Isto foi agravo. Porque afinal era uma paca de nomeada. Sabida como um vigario, dizia o Nunes, nem cachorro mestre, nem mundéo podiam com a vida della. Escapulia sempre. A gente do outro lado não ignorava isto. Paca velha e matreira tem sempre pedaços da biographia na bocca dos caçadores. Ora, justamente no dia em que por uma batida feliz apanhavam-n'a desprevenida, fazer aquillo o Porunguinha? Mas é uma criança. Sim, mas o pae não approvou? Não disse, entre risadas, o Nunes que se afomente? Haviam de pagar.

Veiu dahi a malquerença. O espigão vinha do periodo um pouco mais remoto em que a crosta da terra encoscorou.

Aggravava a dissensão uma rivalidade quasi de casta.

Nunes pertencia á classe dos que decaem por força de muita cachaça na cabeça e muita saia em casa.

“Filho homem” só tinha o José Benedicto, que chamavam o Pernambi, um passarico desta alturinha apesar de bem entrado nos sete annos. O resto era uma “recula” de “filhas mulheres”, Maria Benedicta, Maria da Conceição, Maria da Graça, Maria da Gloria, um rosario de oito Mariquinhas de saia comprida.

Tanta mulher em casa amargava o animo de Nunes, que nos dias de cachaça ameaçava afogal-as todas na lagoa, como a ninhada de gatos.

Consolava-se amimando Pernambi, que aquelle ao menos logo estaria a ajudal-o, no cabo da enxada, emquanto o mulherio inutil palermaria por alli a espiolhar-se ao sol.

Pegava então do menino e dava-lhe pinga. A principio com caretas, que muito divertiam o pae, o engrimango pegou lesto no vicio. Bebia e fumava, muito sôrno, com ares de quem não é deste mundo. Tambem usava faca de ponta á cinta.

— Homem que não bebe, não pita, não tem faca de ponta, não é homem, dizia Nunes.

E o pequirá, conseio de que era homem, já batia nas irmãs, cuspihava de esguicho, dizia nomes á mãe, além de muitas outras coisas próprias de homem.

Uma serigaita americana, em viagem de descoberta ao Brasil, notou em livro de impressões que os meninos na roça pitavam e usavam grandes facas na cintura. E tinham ares de pequenos faenoras, o que a arripiava toda de medo.

Exeellente senhora! A observação não passou sem rebate. Um padre hespanhol, muito amigo do paiz, publicou no Rio um folheto desaggravando a dignidade nacional, a honra da patria e mais coisas, dos aleives da americana.

Exeellente amigo! Eu, de mim, fico neutro; não juro pela "Miss", nem pelo reverendo. Só affirmo que Pernambi eom sete annos pitava, usava "lampana", e bebia caehaça, invencioneice a que se não atreveu a ealumniosa detractora.

Do outro lado tudo ia pelo inverso. Commedido na pinga, Pedro Porunga se casára eom mulher sensata que lhe deu seis "familias", tudo homem.

Era natural que prosperasse, eom tanto gente no eito. Porisso semeava eada anno tres alqueires de milho, tinha dois monjolos, moenda, sua mandioquinha, sua canna, além duma egua eheia e duas porcas de eria.

Caçava eom espingarda de dois canos, "imitação de Laporte", boa de ehumbo como não se apontava melhor.

Morava em casa nova, bem eolmada de sapé de boa lua, aparado a linha, com mestria no beiral; os esteios e portaes eram de madeira lavrada, e as paredes, reboeadas a mão, por dentro eoisá muito fina.

Nunes, pobre do Nunes! não punha na terra nem alqueire de semente.

Teve egua, mas barganhou-a por um capadete e uma espingarda velha. Comido o cevado restou da egua o caeo da picapau, dum eano só e manhosa de tardar fogo.

A sua easa, de esteios roliços e portas de embau'ba raehada, muito eneardida de picumam, prenuneiaava tapera proxima.

As parcedes, de tão raehadinho o barro, dir-se-iam praguejadas duma legião de lagartixas immoveis.

Poreo nenhum. Gallinhada escassa. Ao cachorro Brinquinho não lhe valia ser mestre paqueiro de nomeada, andava de bar-

riga ás costas, com bernes no toitço. O pobresinho caminhava dez passos e, mordido, parava, punha-se aos rodopios sobre os quartos trazeiros, tentando inutilmente aboeear o parasita inattin-gível. Que preasse. Caehorro é bicho ladino e o matto anda cheio de preás atolambadas. Nem osso enxergava, depois que penetrou na easa o ferro velho da tarda-fogo.

Tudo mais no Varjão afinava pela mesma corda.

Foi quando contaram ao Nunes que Pedro Porunga andava em negocio duma besta arreada.

Besta arreada! o Porunga! Aquillo doeu-lhe no fundo d'alma. Era atrepar demais.

— Que?! já roneam assim?! bravateou. Pois hei de mostrar á Porungada quem é João Nunes Eusebio dos Santos, da Ponte-Alta!

E entrou-se, desd'ahi, de grandes atarefamentos.

A mulher pasmava da subitanea reviravolta, duvidando e esperando.

— Durará esse fogo? Quem sabe?!

Nunes planeava grandes coisas, roça de tres alqueires, con-certo de easa monjolo... E a mulher, dubitativa, com muxoxos:

— Até monjolo? Ché, qu'esperança!

O marido, mettido em brios, roneava:

— Bóto, mulher, bóto monjolo, bóto moenda, bóto até moi-nho! Hei de fazer a Porungada morder a munheca de inveja. Vac ver.

Com assombro geral não ficou em palavra fiada a promessa. Nunes remendou, mal e mal, a easa, derrubou um eapoeirão des-cançado de oito annos, e, num esforço de mouro, metten na terra nove quartas de milho.

Pedro soube logo da bravata.

— Eh! eh! aquillo é jacá velho em eima de fogueirinha. Ora quem! o pingüço!...

O anno corria bem. Vieram ehuvas a tempo, de modo que em Janeiro o milho desembrulhava pendão, muito medrado de espigas. Nunes não cabia em si. Corria as roças, contente da vida, unhando os caules polpudos em pleno arreganhamento da dentuça vermelha — isso que a botanica despoetisa chamando raizes adventieias ao axophyto superior. Palpava as bonecas ten-rinhas a madeixarem-se duma cabellugem louro-translueida. Se

gurava então a barbica do mento e sonhava as grandezas futuras, balanceando prós e contras. Os contras já estavam de fóra. Só havia prós. E concluía, entrando em casa, para a mulher:

— Este anno quebro um milhão desgramado!

Carecia, pois, de armar monjolo. Desdobrado em farinha o milho, vinham dobrados os lucros. Não foi o que empolou o Porunga, a farinha? Entretanto, uma resolução de tal vulto não se toma assim do pé para a mão: Era preciso meditar, calcular. E Nunes, 'maginava, 'maginava...

O "chóó-pan" do futuro engenho soava-lhe na cabeça qual um ritornello de musica do céu.

— Hei de mostrar ao Porunga, dizia, que não é elle o unico monjoleiro do mundo. Empreito o serviço com o compadre Teixeira, da Ponte-Alta.

A mulher botou as mãos na cabeça.

— Nossa Virgem! E' coisa de louco! pois o compadre nem braço tem...

— Bééé! urrou Nunes estomagado, cale essa bocca! Mulher não entende das coisas!

E ella, nas encolhas:

— 'stá bom. Depois não se queixe...

— Bééé! rematou o marido

Esta troada era o argumento decisivo de Nunes nas relações familiares.

Em roncando o "bééé", mulher, filhas, Pernambi, Brinquinho, tudo se escoava em silencio.

Sabiam por experiencia pessoal que o ponto acima era o porretinho de sapuca. E preferiam ficar no ponto abaixo.

Se a mulher emmudecia, emmudecia com ella a razão, porque o Teixeira Maneta era um carapina ruim inteirado, que vivia de biscates e remendos. Só a nun bebedo eono o Nunes bacorejaria a idéa de mettel-o a monjoleiro, um taramela daquelles, maneta, e inda cego duma vista, por cima. Mas era compadre e acabou-se.

Nunes passou mais uma semana em trabalhos de 'maginação. Coçava lentamente a cabeça, pitava enormes cigarrões, absorto, o olho no milharal e o sentido em coisas futuras. Por fim, decidiu-se.

Rumou á Ponte-Alta, trazendo de lá o velho co' a ferramenta.

Restava solver o problema da madeira. Nas suas terras não havia senão pau de foice. Pau de machado, e capaz de monjolo, só a peroba da divisa, velha arvore morta que servia de marco entre os dois sitios, tacitamente respeitada de lá e de cá. Nunes viu nella o sonhado despique. Deital-a-ia por terra sem dar com tas ao outro lado, como lhe fizeram á sua paca. Boa peça! E gozava-se da picuinha, planeando derrubar-a de noite, a modo que pela madrugada, quando os Porungas dessem pela coisa, nem S. Antonio remediaria o mal.

Dito e feito. Dois machados roncaram no pau alta noite, e inda não arraiava a manhan quando a peroba estrondeou no chão, tombada em terras do Nunes.

A Porungada advertida pela ronqueira, mal lusco-fuscoou o dia já andava a sondar o que foi, o que não foi.

Deram com a marosca. Pedro á frente do bando bradou:

— Com ordem de quem, seu...?

Nunes revida, provocativo:

— Com ordem da paca, ouviu?

— Mas paca é paca e essa peroba é o marco do rumo, meia minha, meia sua.

— Pois eu quero gastar a minha parte, deixo a sua pr'ahi, os cavacos...

Pedro continha-se a custo.

— Ah! cachorro, não sei onde estou, que...

— Pois eu sei que estou na minha casa e que bato fogo na primeira cuiá que passar o rumo.

O bate-bocca esquentou. Houve nome feio a valer. O mulherio interveiu com grande descabellamento de palavrões.

E Nunes, radiante, de espingardinha na mão, berrava para o Maneta:

— Vá lavrando, compadre, que eu sosinho escoro o guampudo.

A Porungada, afinal, abandonou o campo — para não haver sangue.

— Você fica com o pau, cachaceiro — concluiu Pedro — mas deixa estar que ha de chorar muita lagrima p'r'amor disso.

— Bééé! estrugiu Nunes em tom triumphal.

A Porungada desceu, resmoncando, em conciliabulos, seguida do olhar victorioso de Nunes, que a acompanhou té sumirse numa volta.

— Então, compadre? Viu que cuiada atôa? E' só chá de lingua, pé, pé, pé, mas chegar mesmo? quando!

E assombrou o velho com muitos lances heroicos, quebramentos de cara, escóras de tres e quatro, o diabo. E concluiu:

— O dia está ganho, largue disso e vamos molhar a garganta.

A molhadela da garganta excedeu a quanta bebedeira tinham na memoria.

Nunes, Maneta, e Pernambi, confraternisaram num bolo acachaçado, commemorativo da victoria, babujantes, até que uma somneira lethargica os derreou como postas de carne inerte espalhadas pelo chão.

A mulher, com a derradeira Maria pendurada ao seio magro, olhava para aquillo, sacudindo a cabeça, scismativa:

— Que monjolo sairá disto, mãe do céu!

Evaporados os fumos do alcool tornaram á peroba, muito acamaradados.

A cachaçada cimentara o compadresco antigo. E a feitura do monjolo foi iniciada com grande quebreira de corpo.

Nunes passava os dias na obra, vendo o compadre desbastar a madeira com um braço só. Pasmava daquillo, e do adjutorio que ao braço perfeito dava o toco do aleijado. Entrementes debulhavam historias. O velho sabia coisas, e Nunes respondia com outras, tendenciadas a patentear a ruindade dos Porungas.

Falquejado o toro, correram a linha, empapada num mingáu de carvão. Pegue nesta ponta, compadre, dizia o velho, agora estique; isso. E tomando na ponta do dedo o cordel pelo meio, *plaf*, chicoteava a madeira, riscando um traço negro. Nunes revelou grande vocação para esfria-verruma.

Esfria-verrumas são os empalhadores do carapina. Sentam-se com uma nadega na beira da banca e pasmam-se, durante horas, do cepilho correr na taboa encaracolando fitas, ou do formão ir lentamente abrindo uma fura. Ora pegam da enxó, examinam com muita attenção o cabo, a lamina, e passam o dedo pelo fio. Ou tomam d'um goivo e perguntam: é Grive (Greaves)? Quanto custou? E quando sae a verruma da madeira, quen-

te da frieção, agarram-n'a e se poem a sopral-a, muito serios, até que esfriem.

E' gente que no geral dá optimos empregados publicos.

Emquanto isso, Maneta, desageitadamente, ia escavando o cocho, a machado e enxó. Depois, rasgou as furas da haste, e afeiçãoou a munheca. Promptas estas peças, ataeou o pilão. Escava que escava, em tres dias pol-o de lado, concluso. Restava sómente apparelhar a virgem.

— O compadre sabe a historia de pau de feitiço? Nunes não sabia. Nunes não sabia coisa nenhuma desta vida, tirante emborrear o gargalo e detrahir Porungas.

Maneta, sem interromper o esquadrejamento da virgem, foi narrando.

Ouvira a lenda ao pae, o Teixeiraõ Serrador, madeireiro afamado.

Em cada eito de matto, dizia elle, — ha um pau vingativo que pune a malfeitoria dos homens. Vivi no matto toda a vida, li-dei toda a easta de arvore, desdobrei desde embaúva velha e embirussú, até balsamo, que é raro por aqui. Dormi no estaleiro quantas noites! Homem, fui um bieho do matto. E de tanto lidar com paus fiquei na supposição de que as arvores tem alma, como gente.

— Tesconjuro! espirrou Nunes.

— Isto dizia o meu velho, eu por mim não dou opinião. E tem alma, dizia, porque sentem a dor e choram.

Não vê como gemem certos paus ao cair? E outros como choram tanta lagrima vermelha, que escorre, e com o sol arrezina? Apois tem alma, porque neste mundo tudo é criatura de Deus.

— Lá isso...

— Então, dizia elle, ha em cada matto um pau, que ninguem sabe qual é, a modo que peitado para a desforra dos mais. E' o pau de feitiço.

O desgraçado que acerta metter o machado no eerne delle, pode encommendar a alma, que está perdido.

Ou estrepado, ou de cabeça rachada por um galho secco que despenca de cima ou mais tarde por artes da obra feita com a madeira delle, de todo o geito, não escapa. Não 'dianta se precatar, a desgraça peala mesmo, mais hoje, mais amenhá, a criatura marcada.

Isto dizia o velho e eu por mim tenho visto muita cousa. Na derrubada do Figueirão lembra-se? morreu o filho do Chico Pires. Estava cortando um guamerim quando de repente soltou um grito. Acode que acode, o moço estava com o peito varado até as costas. Como foi? como não foi? Ninguém entendeu aquillo. Meu pae disse: é feitiço de pau.

Como este, quantos casos? O mundo está cheio. O Sebastião-sinho da Ponte-Alta; fez uma easa, o pau da eumieira elle mesmo derrubou.

Pois não é que a cumieira arreia e estronda a cabeça do rapaz?

Porisso o velho, sabido que era, antes de pegar um serviço especulava se por alli perto não tinha havido desgraça. Era para ver se o feitiço estava solto ou preso, e se precatar.

Com estas e outras ia Maneta florejando de lerias as horas de trabalho, enquanto dava os derradeiros retoques na virgem. Estava prompto o monjolo. Nunes, jubiloso, via o primeiro sonho das futuras grandezas quasi realizado. Faltava o assentamento, que é nada. Batia palmadas amigas na perola vermelha.

— Ahi minha velha, mansinha, hein? Ha de se ehamar o Tira-prosa — tira-prosa de Porungas, Cabaças e Cuias, eh! eh!

Recolheram cedo, nesse dia, para solennisar o feito, a custa d'um ancorote de cachaca, que esvasiaram a meio.

Dias depois, bem fincado, bem soccado, o monjolo recebeu agua. Destapada a bica um gorgolão d'enxurro escachou no cocho, encheu-o, desbordou para o "inferno". A engenhoa gemeu na virgem e alçou o pescoço. *Chóóó*, o cocho despejou a aguaceira, *pan*, a munheca bateu firme no pilão.

Nunes pulava d'alegria, e berrava:

— Conheceu Porungada chóca, quem é João Nunes Eusebio, da Ponte Alta? Mas não lhe bastava aquelle barulho nem a grita da meninada a palmear, nem os ladridos do Brinquinho que, espantado da maluqueira, latia no alto d'um comoro, a salvo d'algum ponta-pé. Nunes queria mais. Correu á espingarda, espoletou-a, e erguendo-a para o "outro lado" desfechou. Mas o caco não compartilhava da alegria geral, rebentou a espoleta e calou-se. Nunes inda a manteve uns segundos alçada, esperando o tiro. Como o fogo tardasse demais, remessou com ella p'ra longe, embrulhada em um nome feissimo.

Nisto lembrou-se de tres foguetes sobrados de uma reza. Atacou-os em direcção á Porungada.

— Cheira essa polvora, cuiada! Infelizmente as bombas, mofadas, tambem negaram fogo.

— Tudo nega, compadre, vamos ver se o ancorote nega tambem.

Não negou.

E a prova foi que logo roneavam pr'ali, no chão, como dois gambás.

No outro dia Maneta partiu para a Ponte-Alta, com muito sentimento de Nunes, que perdia um companheirão!

Como não houvesse milho ficou a estréa do monjolo para quando se quebrasse a roça.

Cessaram as chuvas do verão. Entrou o estio, refrescado, limpido. As folhas do milharal amarellaram, as espigas foram pendendo, maduras. Começou a quebra. Nunes, impaciente, debulhou o primeiro jacá recolhido, e atuchou o pilão.

Ai! não ha felicidade completa no mundo. O engenho provou mal. Não rendia a cangiea, a haste, desproporecionada ao cocho, não dava o jogo da regra. A mão por muito leve e por defeito na esquadria da virgem, ao bater guinava a esquerda, espierrando milho para fóra.

Por mal de peccados, á primeira chuvinha, o pilão entrou a rever agua. Fôra eseavado em madeira ventada. Não prestava.

Nunes, de má sombra, represando a colera, mettu-se a reparar tantas torturas. Diminuiu o peso ao macaco, engrossou as aguas, amarrou d'alli, especou d'acólá, calafetou as fendas com saibro. Consumiu dias em luta surda contra as manhas do mal engonçado. E o monstrengo respondia a cada remendo com uma reinidencia de desalentos.

Então o pobre homem explodiu. Da bocca espirravam injurias sem fim contra o patife do Maneta.

— Excommungado do diabo de mal de lazento do inferno de maneta do...

Impossivel metter no papel todas as contas do rosario; as de caiápiá inda cabem, mas as graúdas não podem sair do Varjão.

Além de injurias, ameaças. Que iria á Ponte-Alta, que rachava o compadre a foice, que lhe vasava a outra vista, que...

Num desses desabafos a tola da mulher metteu a colher torta pelo meio.

Eu bem disse, eu bem avisei. Mas o queixo duro...

Ai! Não pode concluir a phrase. Nunes passando a mão da sapuca incarnou na esposa o odiado Maneta, e deslombou-a n'uma sova digna d'um descante de Homero.

— Toma, cachorro! Toma excommungado do inferno! Aprende a fazer monjolo, porco sujo! e malhava.

A mulher, urrando, sumiu-se aos pinotes matto a dentro, seguida do mulherio miudo da casa, transidos de pavor, e por oito dias andou em esfregações, salmoura pela polpa avergoada. Nunes é que melhorou consideravelmente com o derivativo. Mundificou-se da bilis, e socegou. Diga-se tudo: o ancorote collaborou per metade naquelle despique de ricochete.

A nova d'aquelles successos chegou á Porungada. Pedro, exultante, não tinha mão de si; queria ver com os olhos a carangueijola, que o vingava tão a pique. Meditou um plano, e um dia transpoz o espigão, com rumo á casa do Nunes. A familia em ancias o esperou alvorotada. Mal o velho repontou de volta, na divisa, correram todos ao seu encontro. Pedro vinha espremendo risos fungados.

— Eh! eh! minha gente! Vocês nem calculam. Quando quebrei o serrote já ouvi o barulho, *chóó-pan*, uma ronqueira dos diabos. Disse cá commigo:

Roncar, elle ronca, eh! eh! Fui chegando. O Nunes jururu', estava debulhando milho na porta. Quando me viu entreparou, a modo que assombrado. E' de paz, eu disse, e me plantei diante d'elle, dois chefes de familia, inda mais vizinhos, não podem viver assim toda a vida, de focinho torcido um p'ra o outro. O que foi, foi. Acabou-se. Toque!

Elle relanceou os olhos p'ra o lado da ronqueira, eh! eh! e muito deseonchavado espichou a mão, sem abrir o bico. Traga um café, gritou p'ra dentro. Enfiei os olhos pela casa: estava assiu de saias na cozinha! E peguei de prosa. Elle foi respondendo. Uma conversa sem graça, amarrada. Por fim especulei: e o monjolo, vizinho? ficou na ordem? Nunes amarellou como esta folha!

E' bomzinho, disse, rende muito...

Quero ver, eu disse, se não é curiosidade... Pois vá, responda, sem se mexer do lugar.

Eu fui. Nossa Virgem! aquillo nunca foi monjolo nem na casa do diabo!

Só se vê cipó amarrando p'r'aqui, p'r'alli, e espeque, e macaco. A haste tem nove palmos e o cocho a modo que tem dez!

— Quia! quia! quia! cacarejou a roda que em materia de monjolo era muito entendida.

— A mão não pesa, homem não pesa nem arroba e meia! A virgem está errada, e fóra do prumo. Milho está, que está alvejando o chão, A mão pincha duma banda. Nossa Senhora! que mundéo!

Os Porunguinhas babavam.

— Então roncar, ronca?

— Nossa! Ronca que nem uma "trumenta". Mas soccar? o boi socca! Nem tres litros rende por noite. Homem, gentes, aquillo só vendo!

A cara dos Porungas annueada desd'o incidente da peroba, refloriu d'alli por diante nos saudaveis sorrisos escarninhos do despique. As nuvens foram escurentar os ceus do Varjão.

Foi um nunca se acabar de troças e pilherias. Inventavam novos traços comicos, exaggeravam as trapalhices do mundéo.

Enfeitavam-n'o como se faz ao mastro de S. João. Já viram? O "pintador", mestre pedreiro ou "curioso", sempre um negro chega e cáia o pau nos encruzes. Depois, sob o olhar pasmado, da assistencia, mergulha um firabolos engenhoso no urucu' e, de beijo pendurado pela alta concentração de espirito, vac roleteando o mastro de circulos vermelhos; depois, entre os circulos desenha a dedo uma ordem de XX muito igualados; depois, uma de OO verdes com pinta azul ao centro; depois, uma de triangulos roxos; depois nma linha, de "fulores" cor de rosa. Acabada a obra, inda está o mestre enxugando o dedo nos fundilhos, e vem chegando os enfeitadores. Um amarra no tópe uma pence de laranjas, outro um mólhinho de manacás, o terceiro uma fita velha... E o mastro quando sóbe, está lindo, lindo de commover!

Assim, sobre as linhas geraes debuxadas pelo pae os filhos de Pedro Porunga foram atando cada um seu buqué, de modo a tornar o pobre monjolo uma coisa prodigiosamente comica. A palavra Ronqueira entrou em giro pelos bairros vizinhos, sagrada

como termo comparativo de tudo quanto é risível e não tem pé nem cabeça.

Aos ouvidos de Nunes chegavam taes rumores. O orgulho, muito medrado no periodo dos sonhos megalomanicos, murchára-lhe, como fructa verde colhida antes do tempo. Deu de criar um rancor surdo contra a Ronqueira, que, tropega, lá ia malhando, dia e noite, *chóó-pan*, muito lerda, muito parca de rendimento. Nunes, para acalmar a bilis, dobrou as doses de cachaca. A mulher amanhava a casa n'um grande desconsolo da vida, esmulambada, sem mais esperanças d'arranjo p'r'aquelle homem. Pernambi, sempre rentando o pae, sorrissimo, parecia um velhinho idiotisado. Não tirava da bocca o pitinho de barro e cada vez batia mais rijo no mulherio miudo. Brinquinho olhava para um, para outro, sem saber que pensar de tudo aquillo. E assim iam indo.

Afinal deu-se a desgraça. Fosse feitiço de pau ou não, o caso é que o innocente pagou o crime do peccador, como é da justiça biblica. Pernambi foi o eleito da vingança.

N'esse dia Nunes soube que o José Cuitelo, da Pedra Branca, seu compadre, puzera nome n'uma egua lazarenta de Ronqueira.

Era demais.

— Até o cachorro do Cuitelo! gemeu o misero passando a mão na garrafa.

Gargalçou um gole, e:

— Pernambisinho, vem cá, bebe com teu pae, filho.

O menino não esperou novo convite, bebeu um, e dois, e tres goles, estalando a lingua. O resto da garrafa soverteu-se no bucho do caboclo. Pernambi, mal tonteado pelos effluvios do alcool, hanzou um bocado pr'alli, e saiu para fóra. Nunes estirou-se ao sol, para dormir.

Era um dia calmo d'Agosto. Ceu toldado de fumarada. Sol vermelho, sem brilho, a modorrar em declinio. Folhinhas carbonisadas desciam do alto, lentamente, a girar.

Transcorreu uma hora. O bebedo acordou, e relanceando os olhos mortos em derredor:

— Que é do Pernambi? perguntou a uma filha, acorçada á soleira. A menina não sabia.

— Chame Pernambi, ordenou o bebado recahindo em cochilo. A pequena sahiu no encalço do irmão. Os olhos de Nunes a custo se abriam, a cabeça oscillava de um lado para outro, como se lhe houvessem desossado o pescoço. Da bocca escorria baba e, molhadas nella, palavras vagas, mal atadas.

Subito um grito, longe, alvorotou a casa.

— Mamãe, corra.

A mulher estrouvinhada acóde de dentro, orienta-se, e corre para onde a voz. As filhas, assustadas, dispararam, atraz, rumo ao monjolo.

Nunes apruma a cabeça, apura o ouvido.

Redobram os gritos, de dor, de desespero.

— Coitadinho do meu filho! uiva alanceada a mãe.

Nunes soergue-se, tonteando, amparado ao portal.

— Que é isso?

Deu de cara com a mulher, que voltava, estorcegando-se, descabellada, a falar sósinha.

— Que é que foi, mulher?

A pobre mãe, arrostando com o marido, afuzilou nos olhos um raio de cólera incoercível.

— O que é? E' a tua obra, cachaceiro do inferno! E' a tua pinga, homem atôa, esterco immundo! Vá ver! vá ver! vá ver! desgraçado!

Nunes, cambaleante, rumou para lá.

E topou um quadro horrendo.

No meio das filhas em lagrimas, deplorativas, de mãos postas, o corpinho magro de Pernambi emboreado a meio no pilão. Para fóra pendiam duas perninhas franzinas. E o monjolo, indifferente, subia e descia, *chóó-pan*, pilando uma pasta vermelha de farinha, miolos e pellanca...

Esvairam-se-lhe os vapores do alcool e Nunes, em semi-demencia, correu ao machado ringindo os dentes, aos uivos:

— Chegou o dia, desgraçado!

Foi uma scena lugubre aquillo.

O louco remessava, entre rugidos de cólera, golpes tremendos contra o monjolo impassível. Uma pancada na mão — toma Barzabu'! outra na haste — rebenta demonio! outra no pilão — estoura feiticeiro do diabo!

E pan, pan, pan, dez, vinte, cem machadadas como nunca as desferiu derrubador nenhum com tal rijeza de pulso.

Cavacos saltavam para longe, roseos cavacos de peroba assassina. E lascas. E achas.

Durou muito tempo o duello tragico da demencia contra a inercia da materia bruta.

Por fim, do monjolo maldito, só restava uma tranqueira escavada de peças em dismantelo. O caboclo exausto, caiu ao lado della, a arquejar, abraçado ao corpo de Pernambi. E a sua mãe, tremula, remexia o fundo do pilão tentando apanhar a cabecinha que faltava.

MONTEIRO LOBATO



NOS DOMINIOS DE BEETHOVEN

Toda arte é um artifício. Nenhum artifício é arte, se nelle não palpita e se impõe um trecho vivo de humanidade, ou por elle não perpassa um sopro singular de vida superior.

Pouco importa, para a emoção nobilitante dos homens, para os altos fins da universal esthética, que essa arte tenha sido na origem um ingenuo artifício, ou haja apparecido na terra sob uma forma irrisoria. Que o digam as concepções singulares e opulentas de rara emoção poetica de uma Isadora Duncan ou uma Verbist, vasando, no que foi outr'ora um simples artifício decorativo e inexpressivo, uma agitada multidão de symbolos estheticos, beirando nos seus passos de sylphide e nos contornos curvos das suas bellas attitudes pagãs o templo magestoso da arte verdadeira, a elevar o grosseiro tresloucamento da dança á altura deslumbrante de uma philosophia mimica da esthetica, — especie de commentario plastico pelo gesto das nossas mais profundas visões artisticas.

Que philosopho poderia prophetizar no rythmo elementar e rude dos gregos a origem divina de um Beethoven, a genese da polyphonia wagneriana? Que sopro humano transformou o singelo cadenciamento das bacchanaes e dos hymnos dyonisiaeos na orchastração maravilhosa da musica moderna, — a rainha das artes emotivas, a unica em que a suggestão se opera com ar de milagre e encantamento!

Foi, sem duvida, esse sopro a grande religiosidade mystica da idade-média. Foram o vasto sentimento impetuoso de grandeza espiritual e a fé na transcendencia illimitada da alma humana que criaram, no ambito sumptuoso das cathedrac gothi-



cas, a turgidez de rythmos, a tumefacção plethorica de profundas sonoridades hieraticas, unindo-se sagradamente, na arremetida do homem contra o seu destino, para a expressão perturbadora e balsamica da sua presciencia do infinito.

Ahi se conjugaram, — n'um aparente paradoxo religioso, mas no fundo com a tendencia á unidade philosophica tão sonhada e tão fugidia — o espirito da magestade humana, imaginando o dominio sobre o universo de uma unitaria vontade divina, e a nossa consciencia angustiosa da nossa congenita miseria.

Desse alto consorcio espiritual, dessa ancia nunca satisfeita por solucionar o dualismo irreductivel entre os mundos exterior e interior, nasceu, num jacto de fervor reconcentrado, a maior criação do aparelhamento musical, — o organ —, grave e religioso instrumento, mystico á maneira de uma preece, profundo como a desesperança, voluntarioso e forte como a fé, mas evocador e triste como um longo gemido.

Pontifice de todos os instrumentos musicaes, delle se derivaram as vozes multiplas, que por sopro ou por corda compuzeram a riqueza e a amplitude da orchestra moderna. O mais religioso dos aparelhos de sonoridade e harmonia marcou bem e nitidamente o character e a evolução da arte de Mozart e de Beethoven.

Bem que todas as artes hajam revestido, ou na origem ou no percurso, esse caracteristico eomum e unificador de religiosidade, nenhuma jámais poude apresentar o profundo aspecto de mysticismo, recolhimento e ascenção para o mundo interior, com que a musica, a mais tardia e surpreendente das artes, comoveu e fecundou magnificamente o sentimento contemporaneo.

O grego, extatico na contemplação da linha harmoniosa e perfeita, do gesto hieratico e magestoso, não podia criar, com o seu maravilhoso poder de synthese objectiva, a mais subjectiva e emotiva das artes: faltava-lhe não tanto o genio inventivo e o conhecimento scientifico da acustica, quanto a complexidade e a plethóra de indefinidos e delicadissimos sentimentos, aspirações meditativas de unidade interior e exterior, ideaes de regeneração collectiva, ancia de resolver as antinomias sociaes e as difficuldades oriundas do advento de novos elementos na existencia humana: — tudo repassado da humildade semeada pelo

ehristianismo, e da larga effusão social desabroehada no catholicismo.

Sem a edade-média, com todas as suas intimas complexidades e as suas apparencias de simplismo social e esthético, seria impossivel eoneebermos a musiea, tal qual a ouvimos e nos emociona no presente.

O genio que presidiu ao arabeseo fervoroso da cathedral gothiea, o espirito que evoluiu, espiralando para o céo, a ponto de conceber e exeeutar esse prodigio de arte imponderavel, esse ápice do "*flammejante*" (que já é o extremo evoluir do "*gothico*") representado na igreja de São Maelou de Ruão, antithese quasi de "*Nossa Senhora de Paris*", — esse mesmo genio e esse mesmo espirito, combinados, redistillados, depurados e sublimados, no melhor e mais puro da sua sensibilidade, engendraram, no mesmo impeto de effusão humana e divina, a musiea como arte autonoma, especie de sciencia da harmonia da alma pela harmonia externa, arte que participa, na sua singular e audaciosa unidade incomparavel, das duas naturezas antinomias e irreductiveis que se partilharam o mundo, — a de Deus e a de Satan.

Naturezas antes incompativeis, a musica e a poesia modernas synthetizando-as fundiram-nas na humanidade, com uma sentimentalidade mais complexa e opulenta em valores affectivos. Nada perderam as duas concepções, no avatar inesperado, da sua feitura mystica e da sua profunda e larga religiosidade.

Eneontrareis na musiea a magestade e a eorreeção harmonica de eontornos que vos dá a contemplação da "*Notre Dame*". Encontrareis a seieneia minuciosa e o labyrintho unitario de pormenores artisticos e sublinhantes da Cathedral de Reims.

E tambem, como em Mozart, — cujo genio parece repousar sobre nada, cuja aérea inspiração parece um Ariel da harmonia, vereis na musiea o vaporoso e o rendilhado com que contemplamos a sonhar e a vacillar a inerivel architectura flammejante da Igreja de S. Maclou.

Dir-se-ia nesta eonstrueção, prodigio de ironia mystica contra as regras despoticas da estabilidade, que tudo plana no ar e se sustenta a si mesmo, sem tocar na terra e aspirando ao eeu, como azas de um bando de passaros enormes, entrelaçando-se,

emmaranhando-se, desvenenando-se para o alto, fugindo do sólo, aéroplanando no espaço.

Na arte superhumana de Beethoven fundiram-se todas as artes: — a poesia ali se diluiu, e saturou-lhe a harmonia eurythmica com a harmonia intrinseca de um grande sonho, universal e suavissimo, a tal ponto que não sabemos bem, quando os seus poemas symphonieos nos alheiam de nós mesmos, que magia é essa: — se rythmos sobrenaturaes ou a poesia que sentimos phosphoreseer dentro de nós.

Na paizagem, embora fatalmente subjectiva e vaga, nunca lhe faltam os estremeamentos e os coloridos dos grandes pintores, e na amplitude e no hieraticio da orehestração ha como a indefinivel saudade da estatua grega, a reminiseencia da linha perfeita e imperiosa, para sempre perdida, a evocação de fórmas palpitantes e magestosas, que tornou inatingiveis o nosso pereurso dessa para outra civilisação.

O grego absolutamente não poude prevêr a pujança e a magia da musiea moderna. O polytheismo era demais objectivo e demasiado plastieo para engendrar e tornar perfeita a transcendente subjectividade divina da arte de Beethoven.

Attingiu ao apogeu da estatuaria, e n'esse apice da perfeição do contorno, da linha e da fórma, poz todo o seu pensamento, toda a sua philosophia, toda a sua concepção social e humana. O que estava para além da forma perfeita, o que transeendia a magestade objectiva da belleza visivel, o que se prolongava além da alegria dyonisiaea da vida, estava reservado para avançamentos moraes da especie: — ou para a concentração espirital da idade-média, subjectiva em excesso, ou para a aneia dolorosa da época moderna, unificadora de ideaes até agora antagonieos, saerdotisa de fés que sempre se hostilizaram, ampla nos seus affectos, torturada nos seus sonhos complexos, generosa e perplexa no preparo de idéas novas que ainda se não desagregaram de todo das nebulosas do espirito humano.

Com Beethoven, a humanidade entrou na posse do seu grande instrumento moderno de emoção e de aneia affectiva, de grandeza universal e de belleza moral. Foi essa talvez a sua maior conquista artistiea, o seu grande achado philosophieo affirmativo no meio das negações arrebatadoras da época. D'ahi sahio Wagner, e d'ahi sahirá o influxo mais potente que domi-

nará a arte futura, na qual os Byrons, os Goethes, os Baudelaires, os Shelleys ficarão sendo como pallidas reticencias, interrupções dubitativas de uma grande affirmação humana, que se vem confirmando e avultando através das nacionalidades e dos seculos.

OCTAVIO AUGUSTO



FACTOS E IDEAS

1815 - 1915

DA DEPENDENCIA DA TERRA
Á SUPREMACIA DO ESFORÇO.

E' sempre um acontecimento, mórmente para os engenheiros, a abertura da sessão ordinaria dos trabalhos do Instituto dos Engenheiros Civis, de Londres. Na primeira terça-feira de Novembro, dia em que ha quasi um seculo — em 1818 — o grande Thomas Telford, o competidor de Mac Adam na construcção das estradas de rodagem, assumia a presidencia de um grupo de profissionaes cuja associação devia posteriormente representar tão grande influencia na época de progresso pacifico que se lhe seguiu, é de tradição que um dos luminares da classe, ao sentar-se pela primeira vez na mesma cadeira até o anno seguinte, profira o seu sermão. Distribuido impresso aos socios presentes durante a *conversazione* que tem logar logo depois, nunea deixaram de lê-lo no dia immediato os clientes do "Times" e outros grandes órgãos da imprensa metropolitana. Não ha fôlha norte-americana que se respeite que lhe não publique um transumpto telegraphico. Tornou-se, em summa, um dos pratos obrigados do succulento cardapio annual da grande familia Anglo-Saxonica, o que quasi equivale a representar a importancia de uma falla do throno de qualquer potencia de segunda grandeza.

Coube a sorte desta vez a Alexander Ross, sem mais, quer dizer sem o acompanhamento daquellas numerosas maiuseulas a que se refere Dickens no seu "Pickwick Papers" e que são o contrapeso, nas nevoentas ilhas, do "petit ruban rouge" e dos "von", "rath" e não sei que mais vaidosos penduricalhos dos

subditos das grandes nações ora engalfinhadas. Pouco importa. O simples facto de o vermos no mesmo posto que foi certamente julgado a maior distincção dos que em vida se chamaram Stephenson, Hawkshaw, Vignoles, Barlow, Lord Armstrong, Bramwell ou Douglas Fox, e dos que hoje são Wolfe Barry, Matthews, Elliott-Cooper ou Unwin, empresta grande valor ás suas palavras. Maior em todo o caso do que o que lhes provem de ter, a famosa aggremação a que preside quem as proferiu, riseado o "kaiser" da já tão diminuida lista dos seus membros honorarios onde, de facto, mal á vontade se deveria encontrar na companhia de pareiros que, como Kitehener, Cromer ou Andrew Noble, o actual director dos celebres estaleiros de Elswick, envidam o melhor dos seus esforços para em momento opportuno lhe passarem a *rasteira* final.

Estabeleceu o novo Presidente um interessante paralelo entre a época em que, na ultima "memoravel" oecasião, as tropas britannicas se haviam batido no continente, e o actual momento. Por maior que fosse a batalha, e por mais consideraveis que se apresentassem seus resultados, parecem-lhe mesquinhas as proporções de Waterloo com não importa qual dos combates de todos os dias de que o presente nos faz testemunhas, estupefactos. O contrario é que seria de admirar, tendo em vista os progressos da sciencia industrial de cem annos a esta parte. Em 1815 estava na infancia o conhecimento da energia latente do vapor e a sua applicação á producção do trabalho meeânico. Não havia estradas de ferro e pouco se sabia de electricidade. Não existiam motores de combustão interna, automoveis, velocipedes; nem navegação aerea, nem submarinos, nem arame farpado, nem metralhadoras, nem projecteis de alto poder explosivo. As espingardas usadas contra Napoleão eram de alma lisa, carregavam pela boeca e tinham cão de pederneira. O canhão mais pesado — e tambem não era raiado — mal podia atirar uma bala espherica de ferro, de 8 a 9 arrateis de peso á distancia de poucos centos de braças, ao passo que a artilharia de grande calibre da nossa época vomita projecteis de quasi uma tonelada a mais de quinze milhas.

Claro está que nesse terreno veio cahir direitinho no campo da engenharia, não encontrando difficuldade em mostrar quanto era certa a denominação, hoje corrente, de "guerra dos engenheiros" á tremenda conflagração. E, depois de enumerar todos



os serviços por estes prestados desde as officinas de armas e munições até á trineheira da frente, passando pelas estradas, de ferro e de rodagem, pelos portos de embarque e de ehegada, entrou a eonsiderar os que, na rectaguarda, pela edade ou pela especialisação, soffriam das consequeneias de uma inactividade forçada. Mereceu-lhe o faeto, eomo a toda a alma normalmente formada, commentarios de sympathia e solidariedade. Não serão sem utilidade, podemos estar seguros, taes manifestações. Tomando a serio, eomo sabem tomal-o quando é preciso, os seus deveres de associação entre homens livres e conseientes taes eomo se julgam os individuos de formação "partieularista", a publicação do "benevolent's fund" do Instituto mostrará infallivelmente que as palavras do Presidente não eahiram em saeco rôto. Mereceu-lhe ainda, porém, outras considerações, destinadas essas a ter mais ampla repercussão eá fóra e a influir, por sua justeza, para minorar egualmente uma situação angustiosa... e absurda.

Para que, pergunta Alexander Ross, qual a explicação eapaz de justificar essa suppressão de actividade que, finda a guerra militar propriamente dita, teremos que reassumir, mais viva e energica do que nunca?... Não será obvio, não será evidente que uma segunda guerra, muito mais importante do que a primeira, vae então travar-se?... Não será o eumulo da imprevideneia deixar desde já de preparal-a ponderada, reflectidamente, do que soffrer daqui a poueo, duplamente, pelo sacrificio inutil imposto e pelo aqodamento de soluções preeipitadas?... E não fóra elle bom Inglez se não puzera deante dos seus leitores alguns algarismos suggestivos. Tomemos a produção do minereo de ferro em duas époeas não muito distantes:

Paizes productores	1894	1912
	Toneladas	Toneladas
Gran-Bretanha	12.367.000	18.790.000
Allemanha	12.193.000	32.190.000
França	3.711.000	18.744.000
Belgica	306.000	165.000
Estados Unidos	11.880.000	55.150.000

Passemos agora á "guza", o pão da industria siderurgica, o metal em cuja producção a Inglaterra culminava em 1896 e em que passou a apresentar o seguinte contraste:

Paizes productores	1896	1912
	Toneladas	Toneladas
Gran-Bretanha	8.660.000	8.751.000
Allemanha	6.270.000	17.582.000
França	2.301.000	4.870.000
Belgiea	944.000	2.264.000
Estados Unidos	8.623.000	29.727.000

O que, porém, maior alarma lhe provoca é este outro quadro em que se acha representada a producção, por habitante, em quintaes inglezes de 50 kilos, de producto final, acabado:

Paizes productores	1889-93	1894-98	1899-03	1904-08	1911	1912
Gran-Bretanha ..	1.8	2.0	2.4	2.7	2.9	3.0
Canadá	—	0.1	0.3	1.5	2.2	2.3
Russia	0.1	0.2	0.3	0.3	0.5	0.5
Suecia	0.7	0.9	1.1	1.4	1.7	1.8
Allemanha	—	—	—	3.4	4.5	5.1
Belgiea	0.8	1.7	2.2	3.6	5.7	6.5
França	0.4	0.6	0.8	1.2	1.9	2.2
Austria-Hungria ..	0.2	0.4	0.4	0.7	0.9	1.1
Estados Unidos ..	1.3	1.8	3.3	4.4	5.1	6.6

"Resumindo a situação, não temos realizado o mesmo rapido progresso do que os nossos rivaes, e torna-se necessario que por meio de extremados esforços e pela adopção dos mais aperfeigoados methodos reassumamos a posição que d'antes occupávamos e, sobretudo, acabemos com a necessidade de importar ferro, o que fizemos, só em 1913, no valor de 15 milhões esterlinos. O easo é de desapontar e espero que seja tomado em consideração por todos a quem elle affecta.

"E' exacto que os nossos fabricantes se acham expostos á concorrencia estrangeira a mais severa, achando-se á mereç do que se denomina "dumping" (venda abaixo do preço de producção, para a exportação, á custa de alta nos productos de consumo interno); é evi-

dente que devem ser collocados ao abrigo de tão desleal processo de ataque.

“Se nos conforta o poder verificar que o ferro e o aço inglezes occupam o primeiro lugar quanto á qualidade e que lhes pertence ainda a supremacia universal no que toca ás marcas superiores, é não obstante indispensavel que augmentemos a nossa fabricação e, para conseguil-o, o primeiro passo é obter que a materla prima nos chegue barata. O que nos falta no territorio patrio abunda em outras regiões do Imperlo; esforceemo-nos para diminuir-lhe as despesas de transporte.

“A prosperidade da industria siderurgica é a medida da prosperidade do paiz. Dahi se infere o que nos resta fazer.”

Ora, não é sómente em Westminster, sob o tecto da bellissima construeção de Great George Street, ainda hoje occupada provisoriamente por algumas das repartições do Ministerio da Guerra fronteiro, que se ouvem taes palavras. De toda a parte os écos nos vão repetindo a mesma toada, traz-nos o vento sons semelhantes. “Pourvu que nous soyons préparés pour la paix...” escrevia com felicidade um humorista francez. Fez carreira a phrase e temos provas de que já começou a frutificar. De um amigo, engenheiro distincto que se bate na Argonne desde o segundo mez de guerra e que é muito conhecido entre nós, recebemos uma carta de negocio, como em tempo de paz, escripta durante a convalescença do typho que, mais sorrateiro que as balas, lhe minára a saúde. “Nossos collegas, officiaes de artilharia na linha de frente, empregam os lazêres da campanha de inverno calculando projectos. Prevemos actividade consideravel logo depois da guerra.” E, em Inglaterra, o movimento irrompeu e alastrou, diffunde e propaga-se com uma continuidade e caracter que nos não podem deixar indifferentes. Abramos um parentese á “address” de Alexander Ross e deitemos os olhos para outro campo.

*
* *

Quem primeiro se mexeu foi a “Royal Society”, não a mais antiga mas a mais respeitavel e de maior pezo das academias da nação. As duas famosas maiuseculas *R. S.* imprimem, ao nome que acompanham, cunho inconfundivel no espirito de qualquer subdito de sua Graciosa Magestade.

“Representantes da sciencia deste paiz, diz o memorial apresentado ao Governo, insistimos em mostrar que as principais causas que produziram uma situação relativamente má para muitos industriaes, são as seguintes:

1.^a — a falta da sua organização na base da investigação scientifica, a qual é indubitavelmente condição necessaria de prosperidade;

2.^a — a falta de associação intima entre o fabricante e o obreiro de laboratorio.

“Convidou o ministerio do commercio, é verdade, os fabricantes, os commerciantes e os consumidores a reunirem-se; tambem é certo que o Thesouro estatuiu uma secção de commercio militar para alguns ramos especiaes da industria. Mas é essencial, se quizermos que a nação prospere de futuro e que as industrias que nella se houverem implantado por motivo da guerra continuem vivendo, que se erie uma organização central permanente. E'-nos grato esperar que sejam dados os passos para isso; se submettemos o caso ao exame do Governo é porque se trata de assumpto urgente e porque sabemos, nós que trabalhamos no campo scientifico, que o momento exige coisa differente de commissões temporarias.

“A causa das industrias estrangeiras terem passado adiante das nossas, e de que estas se achem ameaçadas por rivaes poderosos, é geralmente admittida não ser outra senão o principio por elles seguido durante meio seculo: “a base do exito da usina é a pesquisa scientifica”. Esse axioma foi por nós negligenciado; a crise actual está indicando entretanto a sua veracidade; temos confiança que se ali nos inspirarmos para nova orientação, exerceremos a mais assignaiada influencia no desenvolvimento industrial.”

Não quiz esse memorial, onde entretanto é considerado desenvolvidamente o aspecto de muitas das faces da questão, formular projecto que consubstanciasse praticamente a solução pedida. Fel-o, porém a “Chemical Society” cuja autoridade não é muito menor. Em longo estudo que representa exposição completa desse ramo da industria, sem recio de proferir verdades que nada têm de assucaradas, conclúe o memorial que tambem apresentou ao governo por pôr em destaque os tres pontos seguintes:

- a) necessidade de subvencionar amplamente os laboratorios de pesquisa scientifica;
- b) constituição de um comité nacional, composto de professores e de industriaes;
- c) rapidez de acção.

E, a respeito deste ultimo, faz ver a representação que seria impossivel assegurar um fabrico completo de materias có-

rantes, de productos pharmaceuticos e outros productos chimicos, que sahiam até agora principalmente da Allemanha, emquanto não se achasse adeantado um trabalho preparatorio consideravel a respeito dos methodos manufactureiros, não só dos productos acabados, como dos intermediarios exigidos pelos processos escolhidos. Representa isso grande dispendio de tempo, donde a premencia de se pôr em campo quanto antes, tanto mais que ao lado dos serviços dos mais eminentes especialistas e seus assistentes, se torna necesario recorrer aos de numerosos alumnos das universidades que, partindo sem cessar para a linha de frente, vêm desfalcado o quadro dos auxiliares indispensaveis.

Convocou o Governo os Presidentes e os membros de maior nomeada de ambas as corporações. Em reunião que teve lugar a 6 de Maio expozeram as suas idéas proprias William Crookes, Perkin, Tilden, Pope e Forster. Guardamos para o fim Percy Frankland que não ha quem não conheça, e que, com a sua lucidez habitual, apontou de relance o aspecto do terreno em que é tão grande autoridade.

Disse este em resumo que a chimica não excitava interesse na Inglaterra; que a profissão de chimico nem mesmo até se achava perfeitamente estabelecida. Veiu a guerra desvendar os olhos de todos.

“Não poderíamos ter passado por humilhação comparavel á de vêr o maior imperio do mundo lutar com falta de materias primas as mais communs e mais importantes, não ser possivel tingir os uniformes dos nossos valorosos soldados de modo conveniente, quasi ter de parar com o trabalho dos laboratorios por falta de reagentes e materias, e o fabrico dos explosivos debatendo-se no meio das maiores difficuldades á mingua tambem de materia prima. Perdemos certas industrias não só por causa do pouco caso que demos á chimica, mas porque os nossos industriaes abandonaram as pesquisas nesse ramo da sciencia. Não tomámos parte nos graudes progressos taes como a fixação do azote athmospherico, a synthese do ammoniaco e dos nitratos, progressos recentes talhados para revolueonar a economia do planeta.

“E esse declinio das nossas industrias chimicas é profundamente lastimavel sob outro ponto de vista ainda, porque se algumas das nossas industrias se acham sempre prosperas, é por dependerem do que se pôde denominar a chimica em grande, a qual exige menores couhecimentos de que outros fabricos mais recentes que exigem operadores particularmente habéis. Não possuirmos esses

fabricos é pois para nós fonte de enfraquecimento, não só por nos tornar tributarios do estrangeiro em numerosos productos, mas tambem pela diminuição de chimicos de valor a cuja sciencia possamos recorrer em qualquer momento."

Uma semana depois, a 13 de Maio, expunha o governo a questão ao Parlamento. Mostrára a guerra que se estava na dependencia do estrangeiro para numerosas fabricações e materias. Para manter a posição da Inglaterra no mundo, era essencial utilizar melhor os que possuiam instrução scientifica. Era preciso augmentar o seu numero; dever-se-ia tentar realizar a sua associação intima com os industriaes; era indispensavel egualmente sustentar por meio de subsidios e recompensas as pesquisas, sobretudo nas universidades. Falhára-se por não se ter pensado até então em abrir carreira aos homens de sciencia; haviam falhado as universidades por não terem mostrado sufficientemente a importancia da sciencia applicada e não se conservarem em contacto intimo com a industria; esta, por sua vez, não reconhecera a influencia que isso poderia ter para os seus interesses. Finalmente, os contribuintes haviam dado provas de avareza perante os institutos e collegios technicos.

Proporcionou o secretario da instrução nesse momento, aos seus collegas alguns dados para lhes mostrar como "quantias relativamente modicas podem produzir consequencias surprehendedentes". E começará a encontrar o leitor n'alguns delles, tambem, os motivos da demora no preparo militar dos alliados.

"Eramos tributarlos da Allemanha para os tubos em porcelana dura dos pyrometros empregados na medida das temperaturas altas; são utilizados esses pyrometros, entre outras applicações, na confecção das agulhas necessarias á costura do calçado dos soldados. Posso com satisfação communicar que, graças a trabalhos recentes, estamos aptos agora a fornecer esses tubos tão bons como os allemães, e, por consequencia, poderemos nós mesmos obter as agulhas de que precisamos. Talvez seja surpresa para a casa o saber que ao passo que quatro firmas allemans empregam, só essas, mil chimicos, a totalidade dos nossos industriaes não se servem de mais de quinhentos. Mesmo nas actuaes circumstancias, podem contar-se all mais de 3.000 estudantes que proseguem em investigações de laboratorio simultaneamente com os seus estudos unversitarios; diffielemente se alcançaria m Inglaterra o numero de 350.

"Outro exemplo, este, dos resultados que podem ser alcançados em mecanica pelos mesmos meios. As victorias dos Ingлезes sobre o

inimigo em materia de aviação são devidas em grande parte aos estudos de um moço sobre a estabilisação automatica. Sahido de uma escola elementar, conseguiu entrar no Collegio Imperial e finalmente no Laboratorio Nacional de Physica onde inventou o biplano B. E.

“Veja-se agora o lado pecuniario. No principio da guerra, a lydite era fabricada partindo do phenol; subiu o seu preço rapidamente de 6 pence a 5 shillings. Graças a experiencias de laboratorio dirigidas pelo professor Green, de Leeds, o preço cahiu de novo até um shilling, extrahindo-se esse explosivo do benzol. Ora, se taes resultados podem ser alcançados em tempo de guerra, que não será licito esperar durante a paz, de um numero sufficiente de investigadores e sabios dedicando seus conhecimentos á pratica industrial?”.

Votou a assembléa por unanimidade os creditos pedidos, não sem ter tido occasião de ouvir citar mais factos interessantes como o da fabricação do vidro para optica, estabelecida em Iena graças aos trabalhos do physico Abbe e ao apoio que o governo allemão acabou por lhe dar para a construcção das officinas. Referiu-o o deputado Lynch que terminou fazendo notar que, nas fabricas allemans de productos chimicos, podia encontrar-se, em cada quinze operarios um especialista ou um verdadeiro chimico. “Todas as industrias se acham mobilisadas para fabricar munições de guerra. Criemos egualmente uma machina que permitta mobilisar os cerebros e a sciencia, pondo-os ao serviço da industria e do desenvolvimento da nação”.

O plano do governo para a constituição de tal machina comporta :

1.º — O estabelecimento de um imposto sobre os differentes ramos da industria com o intuito de custear os estudos necessarios ao seu progresso;

2.º — Organisação de uma repartição de informações para os industriaes;

3.º — Creação de uma commissão encarregada de provocar pesquisas scientificas referentes á industria, dispondo das dotações correspondentes a esse programma.

As funcções dessa commissão são proximamente as indicadas no memorial da “Chemical Society”. Por esse motivo as não indicámos quando a elle nos referimos. E’ chegado o momento de assignalarmos as principaes. Competir-lhe-á abrir inqueritos systematicos sobre as industrias e suas relações reciprocas, parti-

cularmente com as que dependerem entre si directamente, averiguar a proveniencia das materias primas empregadas, verificar se essa proveniencia não é monopolizada — bem como a dos outros productos necessarios—por estrangeiros. Por outro lado pertence-lhe o provocar os estudos e pesquisas sobre todas as faces do trabalho industrial—materias primas, processos, substancias ou machinismos auxiliares — que possam ser consideradas de interesse nacional, de modo a collocar os poderes publicos ao corrente dos meios mais adequados para levar o paiz a supprir as suas proprias necessidades.

Trata-se, como se vê, de um subito e coordenado movimento que — já o dissemos — a ninguem pode deixar indifferente. A Inglaterra, paiz essencialmente particularista, “organisa-se”. Segue o exemplo da Allemanha; é a doutrina alleman que regista mais um triumpho, não deixarão de dizer alguns que se impressionam apenas com a apparencia das coisas. Porque será, então, que tantos dos homens, e até os que melhor conhecem a evolução da Confederação Imperial, se encontram hoje do lado de cá do Atlantico, no intuito confessado de se inspirarem nos methodos norte-americanos?...

*
* *

Acha-se entre elles Victor Cambon, o autor da “Allemagne d’aujourd’hui”, dos “Derniers Progrès de l’Allemagne”, o insigne patriota que um anno antes de rebentar a guerra levava aos mais importantes orgams de Paris o aviso documentado da proxima aggressão, inevitavel, e que delles recebia, como acolhimento, o pedido de doze francos por linha... “Essas leituras não interessavam o publico”, foi-lhe então respondido, conforme referiu mais tarde, depois da invasão, em plenario da Sociedade dos Engenheiros Civis de França, em conferencia que foi, ella, por todos esses mesmos jornaes reproduzida... com excepção do incidente citado que ficou, aliás, sem contestação. Foi mesmo um dos primeiros a seguir para a America do Norte, segundo affirmou recentemente Besson, o joven e já eminente radiographista que a Academia das Sciencias — o Instituto — ainda não ha muito laureava.

Esta illustre corporação repetiu, por sua vez, logo depois dos primeiros dias de guerra, o que já fizera um seculo antes, iniciando o precioso concurso á defesa dos interesses patrios a que se acham para sempre ligados os nomes de Monge, Carnot e Berthollet. E sir William Ramsay, no celebre discurso a respeito da organização nacional da sciencia, em que pedia ao governo a declaração do algodão como contrabando de guerra, depois de haver bosquejado o papel dos sabios da nação alliada, quer para a solução do conflicto armado, quer na obra de reconstituição e de concorrência que se lhe prepara a seguir e de antemão, não se esqueceu tambem de apontar para o modo pratico como nos Estados Unidos tal concurso foi sempre aproveitado.

Fazendo correr o risco de diminuir, no conceito de alguns dos leitores, a apregoada philantropia de certos — não todos — millionarios norte-americanos, permittimo-nos transcrever nas linhas que seguem um bom modelo para “generosidades” dessa natureza, na autorizada opinião do professor Kennedy Duncan:

“Contracto de associação industrial — Com o intuito de favorecer o desenvolvimento dos conhecimentos uteis, aceita a Universidade de Kansas do Sr. . . a fundação de uma collaboração para . . .

“Fica mutuamente entendido e convenenado que as eondições serão as seguintes:

“O objecto exclusivo dessa collaboração é...; o seu ou seus beneficiarios deverão consagrar a esses estudos todo o seu tempo e attenção, com excepção de... horas por semana que serão destinadas ao ensino da Universidade.

“O collaborador será nomeado pelo Reitor da Universidade e pelo director dos estudos industriaes. Será posto á sua disposição um laboratorio com todos os recursos, reagentes, etc., que correspondam ao material corrente de um grande estabelecimento de ensino. As lições que elle dêr na Universidade serão a remuneração de tacs despezas. O doador, por seu lado, compromette-se a cooperar com a Universidade nas investigações a realisar, concedendo ao collaborador o seu auxilio, e a permissão de effectuar uma experiencia em grande escala na sua fabrica. O collaborador trabalhará de accôrdo com os conselhos e sob a direcção do director dos estudos industriaes e deve entregar periodicamente ao doador, por intermedio do mesmo director, relatorios ácerca do progresso dos trabalhos.

“Para as despezas desta fundação que se estenderá durante um periodo de... annos, o doador compromette-se a pagar por anno á Universidade a quantia de..., de uma só vez e adeantadamente, e

a Universidade entregará ao collaborador os respectivos honorarios mensaes.

“Todas as descobertas realisadas pelo collaborador durante o prazo do contracto ficarão sendo propriedade do doador, sob reserva da remuneração devida ao collaborador. Dependerá essa remuneração dos serviços prestados e não será superior a... (numerario, gratificações, acções). As épocas de pagamento serão determinadas por um conselho de arbitragem constituido para esse fim. Em qualquer época durante a vigencia do contracto poderá o collaborador, de accôrdo com o doador, requerer privilegios á custa deste, sob a condição de serem a este reservados todos os direitos.

“A’ expiração do contracto ou mesmo antes, será licito ao doador contractar os serviços do collaborador durante um periodo de tres annos, devendo as respectivas condições serem acertadas pelas partes interessadas. Em caso de divergencia, será esta resolvida por meio de um conselho de arbitragem, comprehendendo um representante da Universidade, outro do doador e um terceiro escolhido pelos dois primeiros. As decisões desse conselho são obrigatorias para qualquer das partes.

“Fica egualmente entendido que durante o prazo do contracto, o collaborador pode publicar os resultados das suas pesquisas desde que o doador julgue que tal publicação não lhe lésa os interesses; findo o contracto, redigirá o collaborador uma monographia completa a respeito do assumpto das suas investigações, contendo tudo quanto descobriu e aprendeu. Um exemplar dessa monographia fica pertencendo ao doador; outro será assignado e archivado na propria Universidade. Ao cabo de tres annos fica esta com direito a publica-la para uso e proveito do publico. Se o doador é de opinião que essa publicação, ao cabo de tres annos, é de natureza a prejudical-o, póde appellar para prorogação de prazo a um conselho de arbitragem, podendo este decidir qual o periodo a observar para conelllar todos os interesses em presença.”

Durante quatro annos foram assignados 18 contractos desta natureza na Universidade de Kansas; a de Pittsburg está em negociações para vinte, dos quaes cerca de quarta parte se refere a assumptos interessando a agricultura. E Pittsburg é um centro de industria metallurgica... Na Universidade de Kansas a maior parte das doações existentes tem sido renovada. Algumas exigem multiplos collaboradores para o mesmo fim.

Essa estreita cooperação entre o industrial e o obreiro scientifico, essa maneira de comprehender o exercicio das profissões ditas “liberaes” foi um dos factores mais importantes, seuão o do-

minante, no progresso que patenteiam os Estados Unidos. Alli se seguiu processo não differente do da Allemanha. No quadro que atraz publicámos referente á producção do aço, um dos factos que mais se destaca é a alta brusca da tonelagem de ambas essas potencias industriaes. Pois bem, em estudo publicado em 1912 na "Revista Economica", o grande industrial Thyssen, cujo nome vem constantemente á baila depois de irromper a guerra, mostra em diagramma bem significativo que esse surto foi devido á descoberta fundamental, franceza, de Pierre Martin. Facto analogo regista Iweins na America. E' mesmo de impressionar que os paizes que mais se distinguem modernamente no progresso industrial não apresentem manifestações excepçoes de qualidades inventivas; a razão do seu exito está nesta muito mais modesta mas constante conjunção de esforços, que se auxiliam e dão a mão.

Bem razão têm, pois, os inglezes em procurarem agora refazer-se das faltas passadas partindo do ensino. E' o primeiro passo para chegar a semelhante resultado. Na Sociedade de Chimica Industrial de Londres alguem accentuou a tendencia da instrucção alleman, dizendo que dentro em pouco talvez não se encontrasse mais quem alli se occupasse de chimica pura. E' evidentemente uma maneira de fazer espirito. Mas o fundo exprime bem o principal da idéa. E' o contrapeso do que se póde dizer do ensino francez. A certa lacuna deste ultimo attribuem as suas primeiras mentalidades a falha que hoje se procura supprir. A influencia preponderante da Escola Polytechnica abriu ás mathematicas e ás sciencias abstractas logar exaggerado. Cada vez mais e mais a physica e até a chimica tenderam a reduzir-se a meros exercicios de calculo. "O ensino na pedra da aula é o unico considerado entre nós; o ensino do laboratorio, muito desenvolvido pelo contrario nas universidades allemans, é-nos por assim dizer desconhecido".

As repercussões a que dá logar esta outra maneira de vêr constituem um verdadeiro reverso da medalha em cuja frente fosse esculpido um "térmo de *industrial fellowship*" norte-americano como o que ha pouco vimos. Foram os casos que vão ser narrados, citados por Le Chatellier perante a "Societé d'Encouragement" ha um anno mais ou menos. Podemos, pois, tel-os como exactos. Conversava elle com um grande industrial do seu paiz, fabricante, nas horas vagas, tambem, de massa para as fabricas de

porcelana. "Tenho agora um novo concorrente, bem incommodo, recentemente installado em Limoges. E' um eharlatão de nome F... Conseguiu convencer os louceiros a pagarem-lhe 2 francos mais por cem kilos de massa, só porque ella é analysada chimicamente. Não vêm os imbecis que a massa conserva sempre as suas propriedades, seja ou não seja analysada." Ignorancia ou esquecimento de que, em uma sobre cinco vezes, os outros fabricantes — entre os quaes o critico — forneciam materia prima imprestavel por motivo de composição irregular. Outro caso: uma fabrica de productos refractarios, situada em B... desconhecia a utilidade das analyses. Um bello dia, confundiu, no barreiro, um banco de marga calcarea com a argila. Resultado: um lago de vidro solidificado no lugar em que d'antes existia um forno; os tijolos haviam fundido... Terceiro e ultimo: uma fabrica de cimento forneccra material para a escada de honra de um edificio publico em C... O cimento empolou e a escada estava em ruína ao cabo de poucos mezes.

Não julgue o leitor que isso se daria com todas as grandes marcas inglezas ou francezas, de reputação universal, que nos exportam materiaes refractarios ou cimento. Possui a maioria dessas os seus laboratorios proprios perfeitamente aparelhados e sob as vistas de pessoal apto, zeloso e competente. A differença entre essas duas nações, hoje alliadas, e as que lhe desenvolvem tão aspera concorrência está em que, nas primeiras, os industriaes nessas condições são excepção, e nas segundas constituem a regra.

Na Allemanha e nos Estados Unidos, além disso, o papel desses laboratorios vae mais longe dos serviços communs de expediente que garantem a boa qualidade dos productos; constituem um verdadeiro emprego de capital á *fonds-perdu* destinado a ser fonte de futuros progressos; os resultados obtidos provam que se trata de facto de excellente operação financeira.

Nem todos têm porém a capacidade, em capital e sciencia, para se saberem munir desses meios de aperfeiçoamento e pesquisa, que requisitam de facto conhecimentos acima do vulgar. E' o caso dos pequenos fabricantes. Que fizeram esses? Syndicaram-se e constituiram laboratorios communs na Allemanha; seguiram a tendencia communitaria do typo social a que se filiam e que por todas as partes do mundo constitue os seus "vereine". O norteamericano, por caminho diverso, por diverso ser o seu typo especial, procurou chegar ao mesmo resultado. A universidade e o

consultor em materia industrial permittiram-lh'o eom egual pro-
veito. Já vimos como a respeito da primeira; outra vez consagra-
remos algumas reflexões ao segundo. De momento, o que interessa
accentuar é que uns e outros devem o exito, que os retardatarios
procuram por sua vez alcançar, seguindo-lhes o exemplo: 1.º —
associando o methodo scientifico á orientação dos seus negocios;
2.º — conjugando os esforços de todos, onde o de cada um era
impotente para chegar ao fim desejado. Mas, porque será que
falam todos em organização alleman e ninguem na norte-america-
na que não deixa, entretanto, de ser uma realidade? Acreditamos
encontrar a explicação no facto desta ultima começar agora, ape-
nas, a entrever a serio a conquista dos mercados estrangeiros.

* * *

Dedica Alexander Ross a ultima parte das suas reflexões á
agricultura ingleza, servindo-lhe de ponte entre a construeção
mecanica e o emprego do arado o descuido a que a falta de pre-
videncia deixou levar a riqueza florestal do seu paiz. Como seria
de esperar, não aprofunda o assumpto. “Não tenho a intengão de
discutir questões de lavoura perante os membros do Instituto —
comquanto essa materia releve em importancia a qualquer outra
das nossas industrias.” Palavras essas a que não pode ficar in-
differente ninguem que entre nós pense um pouco na situação do
Brasil, maxime cahindo dos labios do filho de um paiz essencia-
mente traficante e manufactureiro. Dirigem-se as suas locubra-
ções para a questão “transportes” que não menos bolem connos-
co. Mas, não é para o aspecto tarifario, como não era para o da
reconstituição das mattas que desejaríamos chamar hoje a atten-
ção. Bem conhecido é o primeiro; está o segundo intimamente li-
gado ao nosso futuro. Para alcançar esse futuro, porém, faz-se
mercê pensar no presente, para começar.

“Enterremos portanto os mortos, cuidemos dos vivos”, como
dizia o grande Marquez em 1755. São outras as expressões de
Ross, de interesse immediato, que aqui vamos por em relevo.

“Com respeito ao amanho das terras é singularmente anomala a
situação que occupamos. E' nos dado apresentar o que ha de melhor
em qualidade, e nesse particular a nossa superioridade em geral é
incontestada, mas em volume temos declinado em vez de ir para a
frente. Vejam-se as nossas colheitas. Em muitos casos obtemos ma-
gnificos rendimentos, mas os numeros medios não representam mais
de dois terços do maximo, e no total conservamo-nos abaixo da maior

parte das outras nações. O que está claramente indicando que, se contamos com um grupo de lavradores de primeira ordem, deve existir entre os outros quantidade muito mais consideravel obedecendo a orientação fóra de tempo."

Depois de percorrer as consequencias" de toda a especie nesse estado de coisas, e sobretudo na emigração — interna para as cidades, e para o exterior, mostra a sua falta de excusa em uma época essencialmente caracterizada pela celebre phrase do Professor Long: "não ha romance ou lenda que alcance em maravilhoso ao que se obtem com o emprego dos adubos adequados de um lado, ou pela selecção das sementes e methods de cultura do outro; está sempre nas mãos do homem vestir hoje de rica vegetação o mais arido rochedo, a mais safara das terras"

Pena foi que não descesse a exemplos ou parallelos. Nenhuns encontraria que mais impressionassem seus ouvintes do que os forneidos pela Allemanha, una vez mais ainda. Quando se examinam as condições desfavoraveis das dunas de arcia, interrompidas de pantanos, que cobrem a Prussia norte-oriental, do immenso e sombrio manto de turfa de vae do Rheno ao Elba, mesmo tendo em linha de conta os ferteis valles dos rios e as ricas planicies do centro, não é possivel deixar de admirar os resultados arrancados, á força de trabalhos perseverantes, sob a direcção dos chefes das estações agronomicas, de tão ingrato sólo. Se compararmos a producção media alleman de 1883-87 á de 1908-12 com relação ás principaes colheitas da grande eultura, deparamosenos numeros que subiram: para o centeio, de 59 milhões de quintaes metricos a 110 milhões; para o grão, de 25 milhões 800 mil a 40 milhões; para as forragens de 168 milhões a 250; para a batata, de 255 milhões a 442! E o rendimento por hectare, que é o indicador da melhoria realisada, passa, para o centeio, de 10 a 18 quintaes metricos; para o grão, de 13,4 a 20,7; para as forragens, de 28,5 a 42,1; e para a batata, de 87,4 a 133! Comparemol-o com os dos outros paizes productores. Que vemos?

PAIZES	Grão	Centeio	Batata
Allemanha	22,6	18,5	150,3
Austria-Hungria	13,8	13,0	92,3
Argentina	9,3	—	—
Canadá	13,7	12,0	115,8
Estados Unidos	10,7	10,6	76,2
França	13,8	14,3	74,2
Russia	6,9	8,7	81,7

Nas industrias agricolas, os progressos são talvez mais surprehendedentes. Caso semelhante ao da producção de ferro e aço é o que nos offerrece a industria assucareira, a qual se apresenta, convem notar, mais que qualquer outra, do maior alcance para uma nação. Dá não somente a beterraba enormes receitas ao fisco, como todos os seus residuos e sub-productos, taes o melão, os saes de potassa, as aguas de lavagem, constituem elementos preciosos de fertilisação. Foi esse conjuneto de circunstancias que lhe deu na Europa o primeiro logar nas culturas industriaes. Franceza de origem, já pela descoberta do assuear na planta, effectuada por Olivier de Serres, já pelo primeiro industrial que emprehendeu a fabricação — Aehard, que com o auxilio de Napoleão montava em 1812 a primeira usina nas visinhanças de Paris — a industria da extracção do assuear confere hoje ao Imperio Germanico a supremacia, quer como rendimento, de 15,5 a 16 por cento, proporção de que os outros mal se approximam, quer como volume. Quanto a este, tinhamos em 1912

Allemanha	2.750.000 toneladas
Austria-Hungria	1.900.000 "
Russia	1.380.000 "
França	963.000 "
Estados Unidos	624.000 "

Não se trata, porém, o que é mais serio, de caso isolado. Todos os generos de cultura tomaram na Allemanha desenvolvimento analogo. Os methodos, as experiencias, os resultados são registados em uma alluvião de obras seientificas ou praticas, de revistas e jornaes. Sabem todos que o kaiser é um dos mais activos propagandistas da agricultura. Assiste todos os annos á reunião solenne dos agricultores do paiz e toma a palavra, expondo os resultados obtidos nas suas propriedades e estimulando vigorosamente o caminho para a frente. Esses progressos são imitados e acompanhados com ininterrupta attenção pelos paizes vizinhos taes como a Dinamarca, a Suissa, a Hollanda, a Escandinavia. Seria illusão mesmo não vêr nessa influencia a genese da germanophilia latente que nelles não tem sido difficil descortinar no decorrer do conflicto actual. Nenhum outro paiz os segue, porém, com maior zelo do que os Estados Unidos.



Estabeleceram-se as mais intimas relações entre as grandes associações agricolas dos dois paizes. As revistas americanas dão resenhas regulares dos esforços da agronomia alleman, ali considerados como o modelo a ser applicado ás gigantescas "farms" do Far-West. E se a Europa é em grande parte tributaria da grande Republica para o maquinario rural, reciprocamente as grandes industrias agricolas dos Estados Unidos são aparelhadas quasi que exclusivamente por firmas allemans.

"Estamos bem longe em França, commenta Cambon na obra que atraz eitámos e donde extrahimos os numeros aelma, de seguir esses bons exemplos. A população agricola quasi ignora entre nós os novos methodos allemães de cultura. Não se acham traduzidas as obras mais fundamentaes; fica-se surprehendido de topar a cada passo com importantes proprietarios que ignoram até a existencia de processos modernos que são corriqueiros no paiz vizinho. Quando foi publicæado, na minha "Allemagne au travail", que existiam alli 155 installações para dissecação de batatas (são hoje mais de 300) fui assaltado por todos os lados com cartas que me pediam informações acerca dessa operação desconhecida. Quanto é profundamente para lamentar essa ignorancia da evolução das novas trilhas da agricultura, inutil é mostral-o, pois que seria igualmente ocioso dissimular quão numerosas são as nossas industrias ameaçadas de morte perante a irresistivel concorrencia alleman".

E, depois de estudar as condições particulares á França, condições que só esperam o esforço de direcção que a época actual reclama, assim conclue: "eis porque é de importancia capital ensinar aos nossos cultivadores os processos que empregaram os agricultores allemães para ficarem sendo os primeiros do mundo".

Não são differentes as conclusões do lado inglez. Annos atraz Nugent Harris, secretario da Agricultural Organisation Society, em publicação que provocou amplo debate, sustentava exactamente a mesma these. Batia mais insistentemente em outra tecla, mas a afinação e a melodia eram as mesmas. Insistia esse autor na nefasta influencia do isolamento em que se encontrava o homem do campo no Reino Unido para se pôr ao corrente dos novos methodos, e, uma vez aprendidos, poder pôl-os em execução. Mal tinha quem o assistisse, por seus conselhos e auxilios, na compra das materias primas — plantas e correctivos do solo — não possuia

senão meios restrictos para beneficiar do aluguel das machinas de custo acima dos proprios recursos, encontrava-se abandonado no mercado dos productos, frente a frente com os açambarcadores e intermediarios. Citava a esse proposito numeros de impressionar. Ao passo que o Reino Unido não attingia a mil associações de agricultores syndicados, com pouco mais de 120.000 membros, os paizes visinhos mais pequenos, mas mais adeantados, punham-n'o no chinello. Assim, sómente a Dinamarca consignava na mesma época a seguinte estatistica:

1.057 leiterias cooperativas	com	150.000	soeios
30 matadouros cooperativos	"	67.000	"
17 sociedades de compra	"	35.000	"
<hr/>			
exportação de ovos	"	65.000	"
<hr/>			
Total		317.000	

O commercio de exportação de ovos attingia a importancia de 3.400.000 duzias, o de suinos abatidos 928.850 cabeças, representando — graças á associação entre os interessados — um valor superior a tres milhões esterlinos, mais de cincoenta mil contos...

Melhor não será fallar nas estatisticas allemans. Houve, entretanto, época, lembrava esse autor, que quem dava sentenças na materia eramos "nós".

"Entre 1798 e 1804, Albrecht Thaer publicava a sua celebre *Introdução ao Estudo da Agricultura Inglesa*, em tres volumes, e fazia-o seguir de outra obra em quatro, *Principios Fundamentaes da Agricultura*, que era tambem baseado na observação das nossas industrias rurales. Tornaram-se esses livros os Evangelhos dos Agricultores Allemães; Thaer foi cumulado de distincções em vida e podem ver-se ainda hoje as estatuas em marmore e bronze que foram erigidas em Celle, Leipzig e Berlim ao homem que propagou na Allemanha os methodos da lavoura inglesa. Mais tarde mesmo, até 1845, época em que sahio do prelo o livro de Wilhelm Hamme *Processos e machinas agricolas da Inglaterra*, a nossa influenela pode ser encontrada em todas as phases do amanho dado ás suas terras"!... pelos hoje adversarios irreconciliaveis.

Esquecc-se Nugent Harris que tambem nesse tempo pontificava M. de Gasparin em França e que suas obras se acham traduzidas em quasi todas as linguas...



* * *

Tempora mutantur... — Em começos de 1815 ainda reinava Napoleão; em 1915 era Guilherme Imperador da Allemanha... Bem pouco influuiu isso, porém, nos destinos do mundo. A outra porta teremos de ir bater. Dois annos depois de Waterloo, em 1817, vinha a lume a obra principal de David Ricardo, o celebre judeu, sobre os “principios de economia politica e taxação”. Era ahi esboçada a famosa theoria a que emprestou o seu nome, a da “renda da terra”, classificada por um dos luminares contemporaneos como o mais acabado “quebra-cabeças” da sciencia dos valores. Nascia essa “renda”, segundo elle, pelo que via passar-se sob seus olhos. A influencia do inicio da applicação das propriedades mecanicas do vapor de que, no começo deste artigo, nos falou Ross, tivera como consequencia um surto de população operaria urbana que era causa das peores apprehensões. O numero de boccas a alimentar crescia, por toda a parte, mais depressa do que os vagarosos progressos da agricultura e o encarecimento constante dos productos de alimentação a todos se affigurava dever ser a regra perpetua. Havia mesmo quem se apavorasse á idéa de ver a especie humana, em proximo futuro, mal podendo arrancar á terra com labor penosamente crescente a quantidade de fructos necessarios; de maneira que o trabalho e o capital, reduzidos a empregar-se em condições cada vez menos vantajosas, seja para cultivar as regiões mais ingratas do solo, quer para elevar o rendimento das terras cansadas a maximos difficeis de realisar, não conseguiriam por fim senão irrisoria remuneração.

A contrapor-se a essa dolorosa perspectiva, divisava-se a do proprietario da “terra”, melhorando sem interrupção, crescendo-lhe os rendimentos á medida que subiam os preços, pelo jogo unico do augmento das necessidades, e da impossibilidade de satisfazer-as a não ser passando pelas forcas caudinas dos sacrificios os mais pezados. A impressão era de que o unico privilegiado no mundo economico era elle; elle o unico beneficiario do esforço colossal que tão prodigiosamente dilatava a capacidade de produção da sociedade. Privilegiado, sim; privilegiado como, entre os privilegiados, aquelle cuja terra produzia cinco por sua fertilidade natural ficava acima dos que possuiam leiras que não da-

vam mais de dois ou tres, e que, portanto mais privilegiado era ainda. E como, egualmente, aquelle que em duas horas collocava no mercado o seu producto, gozava de privilegio sobre o que necessitava de um dia. E' a época dos privilegios naturaes; vemos então, de nação a nação, a mesma distincção que entre individuos relativamente a certos productos, a determinados mercados. Natural é então que aquelle que tem em suas mãos um desses privilegios naturaes, delle tire o maior proveito na quietação do futuro tranquillo que lhe garante o celeste maná depositado pela Providencia em suas mãos... E, em torno dessa concepção, nascida da observação dos proprios factos, estabelece-se uma formula de equilibrio á qual se adaptam os paizes que, pelas condições do seu solo ou da sua situação geographica, assumem o primeiro plano. Está nesse caso a Inglaterra com o seu carvão, o seu ferro. Está-o egualmente, com outros productos, a França.

E' a dependencia da terra no seu apogeu.

A meio do seculo, começa a ruptura de equilibrio. Discutindo o trabalho de Harris a que antes nos reportámos, alguém dizia: "Ha uns cincoenta annos atraz pensava a nação ingleza, e talvez tivesse razão, que o grande e unico objectivo a ser alcançado era o de baratear a alimentação para o seu proprio povo. Tinha naquelle tempo o "farmer" Britannico o seu quinhão mais que rondando das boas coizas da vida terrena, e dispunha como queria do seu mercado. Foi então que mudou o scenario; a abertura das colonias, o abaixamento dos fretes e a importação consequente de comestiveis baratos vindos de fóra veiu alterar por completo o sistema". Entra em scena em primeiro lugar o barateamento de transporte. O Oceano, de obstaculo e protecção natural que constituia nas condições anteriores, passa a ser meio de penetração e junecção. Faz o resto o progresso mecanico, associando á helice a locomotiva. Em 1860, o frete de um hectolitro de grão custava, de Chicago a Nova-York — 4,50 frs., e 2,30 frs. de Nova-York a Liverpool ou cerca de 4\$000 do logar de produção ao mercado de venda. Paga-se hoje, quando muito, \$400 de Chicago a Nova-York e \$600 deste porto a Liverpool. Os preços de venda de todos os productos agricolas passaram a ter, em consequencia dessa redução nos transportes, tendencia cada vez mais accentuada a nivelar-se em toda a superficie do globo. E, contra a baixa que



acompanhou esse movimento, grande difficuldade tiveram em sua lueta os obstaeulos aduaneiros que lhe foram oppostos.

A seguir entrou o factor seientifíco cujo papel transpira por toda a parte nas paginas preeedentes, da primeira á ultima. Como era natural, na lueta e empenho destaearam-se os que primitivamente se achavam em eondições inferiores, quer pela defieiencia em volume ou qualidade dos recursos naturaes, quer pela falta de mereados proprios. A Allemanha, a America do Norte, encontraram-se nessas eondições. E o quadro que neste momento tão nitido se nos desenha, nada mais é do que a consequencia natural e logica dos esforços tentados por esses dois paizes em frente á inercia, perfeitamente humana e explieavel, tão certa e positiva em meeânica como em sociologia, dos que anteriormente beneficiavam das vantagens de uma situação differente.

E' a supremacia do esforço eselareido, relegando para segundo plano a superioridade das eondições naturaes pela melhora do rendimento.

Teremos por sua vez de contar, de hoje em deante, como resultado e reaeção, com a appareição de um novo estado de equilibrio cuja formação bosquejámos. Em que sentido?.. Não é difficil prevel-o. Claramente o encontramos expresso no final do disurso de Alexander Ross ao Instituto dos Engenheiros Civis: "Comeemos o mais cedo possivel a corrigir as muitas faltas que praticéamos e a favoreeremo-nos mutuamente "no mercado interno", ainda que sejam necessarios annos e annos para que possamos colher o fructo maduro. Parecee-nos, porém, ser fóra de duvida que mais tarde ou mais cedo o Reino Unido estará em situação de provêr ás suas mais urgentes neecessidades; se, em vez do Reino, dissermos o Imperio, proveremos seguramente a todas as nossas neecessidades." Quaes os meios?... Tambem é faeil deseobril-os depois do que mostrámos. George Langridge, o presidente da "Surveyor's Institution", teve o merecimento de definil-os eom concisão: "A lição que nos está sendo dada é que devemos olhar para a "cooperação" e para a "edueação" afim de chegar-mos ao nosso fim."

Para os que, eomo nós, nos achamos de fóra, se assim é possível dizel-o eom rigor e que tanto nos abandonamos á confiança nos nossos reursos naturaes não haverá egualmente ali uma advertencia e um programma a nunca perder de vista e a desenvol-



ver? Parece que sim. A menos que, deliberadamente, nos decidamos ao suicídio ou á vassalagem. Que, se fossemos capazes de querer, o conseguiríamos, não padece a menor duvida. Mas, á primeira vista, os symptomas não são dos mais animadores, devemos confessal-o. Onde iremos buscar os liames para uma união intima entre os elementos que constituem a communi-
dade?... Cada vez se nol-os apresentam elles mais frouxos e precarios. A diffusão da instrueção technica em todos os graus, com earacter de applicação immediata aos recursos peculiares da terra, poderia contribuir para uma mais perfeita comprehensão do problema; a solução, eoroadá pelo exito, de uma qualquer das suas multiplas faees dar-nos-ia a confiança ponderada em nós mesmos, que de facto nos falta. Será, porém, com a leviandade e pouca sisudez que eonsagramos ás questões de ensino, que lá chegaremos?... E' duvidoso, é mesmo certo que não. Seja como fôr, a obrigação de cada um neste momento grave é a de, cumprindo o seu dever qualquer que seja a funeção social que exerce, desenvolver o maximo esforço com os meios de que dispõe, pela imprensa ou na esphera da sua intimidade, ehamando a attenção de todos para questões mais serias do que as que em geral constituem o fundo dos nossos debates, o thema das nossas conversas. E' o processo de alcançar a educação civica, sem cujo alicerce nada será realizado.

Março, 1916.

VICTOR DA SILVA FREIRE.

RESENHA DO MEZ

MONOLOGOS

A produção literaria feminina vai crescendo notavelmente, no Brasil. Este é mesmo um dos phenomenos mais interessantes da nossa evolução intellectual, nos ultimos tempos. O que não impede que ainda não tenha merecido a minima attenção á critica indigena, mais preocupada sempre com repetir idéas francezas chegadas pelo ultimo paquete, ou com levantar improficuos debates sobre questiuunculas sem alcance, do que com olhar desprevenidamente, e simplesmente, o que se passa em redor de si. Ha menos de vinte annos, apontavam-se a dedo, como criaturas vagamente teratologicas, as mulheres literatas. Teria o Brasil inteiro, quando muito, meia duzia de nomes femininos conhecidos, e, desses mesmos, nem todos talvez merecessem devéras ser conhecidos: exceptuando-se dd. Julia Lopes, Francisca Julia e Julia Cortines, as outras damas literatas, — ainda quo fossem Julias, já que esse nome parecia privilegiado, — talvez fossem excellentes mães de familia. Hoje, ha pelo paiz todo uma floreseencia de espiritos femininos dignos do attenção. Não faremos aqui a respectiva estatistica, e uma das razões disso é

acreditarmol-a dispensavel, tão evidente ó o facto, e tão flagrante o contraste. Só no Rio, actualmente, e quasi ao mesmo tempo, tres ou quatro senhoras apparecem ao grande publico, ao publico brasileiro, por meio de livros: entre ellas, d. Albertina Bertha, com um romance — *Exaltação*; d. Gilka Costa Machado, com um volume de versos. O facto é bem significativo. E o quo lho augmenta a significação e o interesse, e o torna inquietante para a nossa curiosidade, é que esses livros são ambos relativamente fortes — relativamente á média apreciavel da produção masculina actual: têm mais relevo, mais individualidade, mais alma, mais força do que a maior parte do que por ali tem apparecido. O romance de d. Albertina Bertha é uma obra audaciosa — audaciosa como concepção e como execução, sobretudo no estylo; e acerescentando-so quo essa concepção, o essa execução, o esse estylo, por muito discutivcis que sejam, trazem as innumeraveis marcas de um talento literario cheio do um viço novo, transbordante de um ardor dyonisiaco de vida e do criação, temos dito que talvez nada de melhor, nem de mais energico, com certeza, tem sahido dos prelos desta terra nos ultimos

cinco annos. No livro do versos de d. Gilka, é forçoso notar, não só talento, como naquelle, mas tambem, como naquelle, a mesma independencia corajosa, a mesma affirmação intrepida da individualidade. Baste citar um traço, bem expressivo: a audacia com que exprime as emoções mais ligadas ao instinto e á vida physiologica, uma audacia innocente, uma especie de cynismo original de nymphá núa... não, antes o despudor heroico de lady Godiva pascendo o esplendor do seu corpo ao dorso do um asno, pelas ruas do burgo, — em qualquer caso uma temeridade, uma forte marea de independencia espiritual, sem a qual, aliás não ha grandes poetas, nem grandes artistas. Mas ó preciso notar como tudo isto é altamente interessante! Interessantissima esta abundancia e esta força das letras femininas, irrompendo, como por uma revolução, sem que nada, ha poucos annos, pareceesse annuncial-as. Interessantissimas, sobretudo, as caracteristicas geraes que nessa produção seprehendem, e que a differenciam da produção maseulina pelo que ha, numa e noutra, de mais interior: é ella a que tende ou parece tender a maior originalidade, a maior vida, a aspirações mais ousadas, a revoltas mais energicas. Não ha, talvez ahi um simples fracasso de louças agitadas por senhoras nervosas, nem se trata apenas, talvez, de expansões oxaggeradas mas passageiras do quem sac do repente da prisão, conquistando uma liberdade longamento sonhada, e so entrega a todas as solicitações dos sentidos soffregos do ar, de luz, de ruido, de perspectivas e de céus. E' possivel mesmo que esse vigor nos impressione mais, não porque

seja em si muito forto, mas porque a tonalidade da produção maseulina tenha baixado, e vá baixando. E' possivel que, por uma concorrência do causas sociaes, difficéis de deslindar satisfactoriamente, esteja passando para as mulheres, como já so observou na America do Norte, a preponderancia nas funções desinteressadas e superiores da literatura e da arto. E' possivel que os homens, cada vez menos capazes de coragem e de independencia, mais aecommodaticios, mais interesseiros, e por tudo isso menos originaes, vão abandonando o campo da actividade criadora ao outro sexo — para lá tornar daqui a tres ou quatro decadas, quando estiver economicamente utilisavel. — *Yorik.*

AFFONSO ARINOS

Em Barcelona, num quarto do hotel Colon, ás 8 horas do dia 19 de Fevereiro ultimo, falleceu Affonso Arinos, quo poucos dias antes deixara o Brasil em demanda do Paris, onde residia. Nestas curtas linhas, que o telegrapho rapidamente espallhou por todo o paiz com a sua fria e habitual impassibilidade, está condensada a noticia de uma verdadeira catastrophe, cuja dolorosa extensão só pode ser devidamente apreciada por quem teve a ventura de conhecer o morto illustre e de se familiarisar com as bellezas da sua obra.

Nós tivemos essa dita invejavel. Conhecemos Affonso Arinos. Ouvimos-lhe a palavra chá e persuasiva, illuminada, não raro, pelos lampejos de uma ingenua e espontanea eloquencia, e aspiramos todo o discreto o delicioso perfume que dos seus oscriptos se desprendo. Pudemos admi-

rar no homem o *gentleman* perfeito, de finas maneiras o captivante trato, eujos nativos dons de soeabilidade as longas e constantes viagens alargaram e aprimoraram, e no escriptor o artista de eleição, de grande emotividade patriótica, possuidor de um estylo elaro, simples, original, como outro egual não ha na literatura brasileira.

Affonso Arinos nasceu em Paracatú, cidade mineira, no primeiro de



Maio de 1868. Feitas as suas humanidades, que estudara com um elerigo, na sua terra natal, veiu para São Paulo cursar a Faculdade de Direito, pela qual se bacharelou em 1889. Nessa época, era já um escriptor. Nelle madrugou a voeação artistica. Muitos dos contos de *Pelo Sertão*, a sua obra principal, das publicadas, que conquistaram a admiração de homens como Taunay e Joaquim Na-

bucó, quando appareceram na *Revista Brasileira*, foram escriptos aos dezoito annos de idade. Pouco escrevia, porém. Espectador constrictado, pois era monarchista, do inesperado golpe que deu eom o throno em terra, não tinha então a tranquillidade de espirito que requer a composição artistica. De modo que, de posse do seu diploma, abalou para o Estado natal, onde se fez professor.

Professor de historia. O passado era o seu culto. Vivia nelle, esquecido, como um monge na sua cella, sem dar pelas tristes realidades do presente, que tanto o amarguravam. Nesses annos de Ouro Preto, em que preleccionou aos alumnos do gymnasio dessa cidade, adquiriu a sua grande erudição sobre as tradições historicas da nossa terra e do mundo, erudição que dia a dia se robustecia, pois Arinos, embora nos ultimos annos de vida, não fosse excessivamente dado á leitura, era todavia dotado de um tão extraordinario poder de assimilação e possuia uma tão forte retentiva, que por pouco que lesse sempre recolhia copiosa messo de saber ao celleiro inoxgotavel da sua memoria fidelissima.

De Ouro Preto tira-o Eduardo Prado, que lho confia, sem o conhecer pessoalmente, a direcção do *Commercio de S. Paulo*. Eil-o entre nós, de novo, mas agora numa posição de combate, que ello sustenta com intrepidez e galhardia, desferindo as setas de ouro do seu estylo contra os flancos da republica adolescente. Assim se passam alguns annos. Nesse periodo dá o seu livro *Pelo Sertão* e esereve, sob o pseudonymo de Olivio Barros, a narrativa *Os Jagunços*, que o *Commercio* publicon

em folhetins e foi depois estampada em livro. Escreve tambem parte dos seus romances *Ouro! Ouro!* e *O Mestre de Campo*, ambos ineditos, bem como varios contos e ensaios, que andam esparsos por jornaes e revistas.

Morto Eduardo Prado, em 1901, a quem succede na Academia Brasileira, deixa o *Commercio* e se retira para o Rio, onde abre escriptorio de advocacia. Pouco se demora no Rio.

para visitar o Brasil. A imagem da patria não o deixava. A cada passo lhe extendia os braços através do oceano e o attrahia ao seu regaço. Arinos acudia pressuroso, pois nelle o patriotismo era um sentimento real e vivo, que a todo instante se expandia com ternura e abundancia. As visitas á terra natal, porém, duravam pouco. A maior foi a ultima, que permittiu a Arinos retomar

AFFONSO ARINOS (1)

A Afranio de Mello Franco

Affonso Arinos já não vive!... Jorre o pranto
Pela vasta extensão da Patria Brasileira.
Como Elle quiz, não ha ninguem que tanto queira
A' nossa Terra o á nossa gente e a exalce tanto.

Minas! Do teu sertão no esmeraldino manto
Dá-lhe o leito final á sombra alma e fagueira
Do "burity perdido", a rustica palmeira
Quo Elle fez immortal num lapidario canto.

E no leito final, emquanto durma e emquanto
Sonhe, como sonhou contigo a vida inteira,
Povôa-lhe a sóidão foral do Campo Santo.

E, ao prantivo clamor de uma viola tropeira,
Das cantigas nataes ao morbido quebranto,
Embalem-no o "Barqueiro", o "Mironga" e a "Esteireira"...

ARDUINO BOLIVAR.

Parte logo para Paris, que o retém definitivamente, pois Arinos ahi se fixa, á frente de um grande escriptorio bancario. Antes de deixar o Brasil, dá ainda um volume: *Notas do Dia*. São alguns dos seus artigos e ensaios publicados no *Commercio de S. Paulo* e alhures.

Residente em Paris, Arinos frequentemente abandona a Cidade Luz para viajar pelo mundo e, sobretudo,

a penna com quo escrevera o seu então verdadeiro trabalho, *O Contractador dos Diamantes*, um bello drama historico, tambem ainda inedito, para traçar essas magnificas conferencias sobre *Lendas e tradições*

(1) Esta poesia chegou-nos um pouco tarde. Sae por isso, em logar diverso daquelle em que devia sair.

brasileiras, professadas na Sociedade de Cultura Artistica desta cidade.

Eis ahi, em rapido escorço, a biographia desse grande brasileiro que se chamou Affonso Arinos de Mello Franco. A sua vida é simples como a sua obra e a sua alma. Nella existe a suprema belleza da harmonia entre as idéas e os actos, entre o sentimento e a producção. Arinos ficará pela sinceridade da sua arte, pela pureza do seu coração, que o seu estylo fielmente retrata, pela elegancia, limpidez da sua fórmula e pelo fundo brasileiro da sua imaginação. Elle conheceu o Brasil, comprehendeu-o, amou-o. Soube, por isso, descrevel-o com verdade e perfeição, com tanta perfeição e com tanta verdade que não ha brasileiro que o leia, sem sentir um aperto no coração... — E. M.

AS ACADEMIAS DE PORTUGAL

Devendo interessar ao meio intellectual do Brasil o que se passa nas academias de Portugal que são o expoente da intellectualidade deste paiz, faremos para os leitores da *Revista do Brasil* uma resenha das suas manifestações contemporaneas.

Da *Academia de Sciencias de Lisboa* — E' a classica academia fundada no reinado de D. Maria I pelo 2.º duque de Lafões e o Padre Corréa da Serra, em 1779, e destinada a uma vasta acção social "consagrada á gloria e felicidade publica, para adiantamento da Instrucção Nacional, perfeição das Sciencias o das Artes e augmento da Industria". Foi constituida pelos homens mais emi-

nentes nas Letras, Artes e Sciencias em Portugal durante todo o seculo XIX. Para demonstrar publicamente a quantidade e valia dos seus trabalhos realisou no mez de Janeiro passado uma exposição bibliographica que abrange os 137 annos de sua existencia.

Começando pelos primitivos *Estadutos* (1779) seguem-se as seguintes principaes publicações: *O Dictionario da lingua* (1793); *As Memorias Economicas*, 5 vols; *Memorias da Literatura Portugueza*, 9 vols; *Historia e Memorias da Academia*, 33 vols.; *Livros Ineditos de Historia Portugueza*, 5 vols.; *Collecção de principaes auctores da Historia Portugueza*, 8 vols.; *O precioso Almanaque de Lisboa* (1782-1826), 29 volumes; *Efemerides Nauticas* (1788-1862), 54 vols.; *Opusculos reimpressos relativos a historias da Navegação, viagem e conquistas dos portuguezes* (1844-1878); *O corpo diplomatico, Dissertações chronologicas*, de J. Pedro Ribeiro, 31 vols. de annaes das classes de sciencias *Mathematicas, Physicas e Naturaes, Moraes, Politicas e Bellas-Lettras*. Muitas outras publicações que importariam em demasiado longa citação, e a obra monumental iniciada por Herculano, *Portugalia Monumenta Historica*, que é um verdadeiro tombo dos primordios historicos da nacionalidade portugueza. Esta exposição teve em Lisboa o merecido successo e manifestou a importancia social da velha academia ulyssiponense.

Das suas sessões ordinarias do anno corrente temos a destacar uma communicacão de Candido do Figueiredo sobre a orthographia a adoptar no Dictionario da Academia, que se pretendia pôr de accordo com a com-

missão da Academia Brasileira. Esta deliberou eliminar as divergências entre as duas graphias officias em sua sessão de 11 de Novembro, tendo apenas um voto contrario, sendo identificada com a orthographia official portugueza a da Academia Brasileira; este instituto está elaborando as instruções para serem distribuidas aos estabelecimentos publicos de ensino do Brasil.

Tem realizado varias reuniões a Comissão do Centenario de Ceuta e de Albuquerque, contando com varios trabalhos de investigação historica e geographica sobre esta grande epocha da historia dos descobrimentos portuguezes.

Em outra sessão da Academia, Candido de Figueiredo discute e censura a formação da tecnologia scientifica moderna, no maior numero de vezes erronea. Consoante sentença Cicero "é licito criar nomes novos para explicar coisas novas", mas cumpre combater o hybridismo da formação de muitos vocabulos, compostos de fragmentos de idiomas diversos, sem observancia do character da lingua e dos processos morphologicos. Commenta os termos *bigamia*, *sociologia*, *monóculo*, *heliogravura*, *apidologia*, etc. Cumprirá tomar em conta estes erros na organização da necessaria tecnologia das sciencias, artes e industrias.

Na ultima sessão da 2. classo foi levantada a interessante questão historica de reivindicção, iniciada pelo Conde Villas Boas a favor do seu antepassado Fernão do Magalhães quanto á gloria da primeira viagem de circumnavegação. Em Hespanha tenta-se sobrepôr a Magalhães o navegador Sebastião dol

Cano. O academice Antonio Baião requer e patrocínio da Academia para esta causa. Sabido é que Fernão de Magalhães era bom portuguez assim como a maioria da equipagem da sua frota; por um desvairo se offereceu ao serviço do rei de Hespanha, tendo sido pela traiçoeira acção bastante castigado; foi destruido o seu brazão no solar de Trazos-Montes, e os parentes foram alvo de insultuoso desprezo; só quatro seculos passados a historia nacional recompoz esta figura de heróe que pertence á epopéia maritima dos portuguezes.

Da Academia de Sciencias de Portugal — E' uma associação de literatos e cientistas portuguezes do recente criação, constituindo um grupo do dissidencia em relação á velha Acadomia de Lisboa; é presidida por Theophilo Braga. Tem já produzido trabalhos de valor, e vê acrescrido successivamente o seu prestigio entre nacionaes e estrangeiros.

Na sua sessão de 13 do Janeiro, Theophilo Braga fez uma curiosa communicação sobre um poema horoi-comico que foi motivo de escandalo no seculo XVIII. Fei o caso que após a queda do Marquez de Pombal a reacção clerical começou a manifestar-se atacando a obra politica e social do grande reformador; a Universidade de Coimbra não resistiu á insidiosa influencia dos escolasticos, e ahi foram perseguidos os talentosos cultores das sciencias modernas tidos como pombalistas. Neste momento surge um poema satirico em quatro canticos: "O Reino da Estupidez", valente troça ao boçal reaccionarismo de que era instrumento o reitor Mendonça. Em vir-

tude do escandalo inquiriu-se do incognito autor. Atribuiu-se ao poeta Antonio Ribeiro dos Santos, a Ricardo Raimun e Nogueira, ao poeta brasileiro Antonio Pereira e Souza Caldas que por enciclopedista estivera na inquisição de Coimbra, a um dos dois poetas Malhães ou ao medico Almeida. Enquanto proseguia a devassa, o autor escreveu o quinto canto sobre este mysterio, que ficou inedito. O auctor foi o celebre hygienista Franceseo de Mello Franco, brasileiro, que esteve encarcerado na inquisição em 1730, e que escreveu o poema de collaboração com José Bonifacio de Andrada e Silva. O poema foi publicado em Paris de 1819 a 21 e em Lisboa de 1822 a 23. Espera-se uma edição critica do trabalho, publicado na integra, o que deve alegrar os bibliophilos da litteratura portugueza e brasileira. Esta academia occupa-se com elogio dos apparelhos inventados por A. Schiappa de Carvalho que, pela acção das ondas electro-magneticas permitem a perfeita direcção a distancia dos torpedos, e cujas experiencias foram de resultado decisivo.

Toma conhecimento do relatorio apresentado por Oscar de Pratt dos trabalhos realisados sobre a investigação vocabular promovida pela Academia, do qual se conclue que o inquerito á linguagem de todo o continente e ilhas adjacentes prosegue com effieacia, obtendo uma vantajada contribuição de novos vocabulos para o léxico da nossa lingua.

Theophilo Braga communica tambem que descobriu o filão historico quo D. Francisco Manuel de Mello aproveitou para termo da sua obra "o fidalgo aprendiz", assumpto que

Molière tratou posteriormente no "Gentilhomme bourgeois", e que envolve Beatriz, filha do conde de Villa-Nova e da criada Helena da Cunha, e Francisco Cardoso, o criado feito mordomo.

O dr. Antonio Ferrão tratou das lutas liberaes e do movimento setembrista em 1846 e referindo-se á intervenção armada solieitada pela rainha D. Maria II ás potencias que assignaram o protocollo da quadrupla alliança, de 1834, para subjugar o movimento setembrista, levado a effeito pela Junta do Porto, cita as principaes obras e peças diplomaticas sobre o assumpto e mostra diversas passagens do *Livro Azul* sobre taes negociações, onde figura a correspondencia trocada entre Palmerston, Seymons e Conthers. Fala da acção politica e diplomatica dos empenhada pelo ministro de Portugal em Londres, o barão da Torre de Moneorvo, junto de Palmerston, lendo a esse respeito alguns trechos interessantissimos dos relatorios desse diplomata aos ministros portuguezes, conde do Lavradio e Manuel de Portugal e Castro. Mostra como esses relatorios esclarecom, em absoluto, as negociações com a Inglaterra, Hespanha e França sobre a intervenção armada de 1847, e, comparando os pontos de vista de Canning, Aberdeen e Palmerston ácerca da politica de Portugal, salienta quanto as ideias deste ultimo, por liberaes o anti-intervencionistas, contrastavam grandemente com os intuitos anti-patrioticos e os planos do traição levados a effeito por D. Maria II e as camarilhas dominantes. Terminando, mostra quanto conviria que esses documentos fossem em breve publicados, fazendo-os acompa-



nhar dos convenientes prefaeios e notas explicativas.

São estes e similares factos que fizeram perder á monarchia em Portugal o seu prestigio historico e permittiram que se manifestasse o fundo tradicional da demoeracia popular hoje victoriosa. — *R. S.*

EDUARDO PRADO

A publicação de algumas eartas de Eduardo Prado, feita no fascieulo anterior desta Revista, trouxe, além da utilidade de tornar conhecidas varias produções euriasas daquelle espirito, a vantagem de abrir para o publico eserinios intimos onde se guardam outras joias do mesmo quilate.

E' assim que o conhecido homem de letras, sr. José Vicente Sobrinho, com a gentileza disereta que põe sempre nos seus actos, se apressou em nos offerecer duas cartas que lhe dirigiu Eduardo Prado e que são devéras interessantes.

Publicando-as com o maior prazer, esperamos que o exemplo do sr. José Vicente Sobrinho seja imitado. Quanta riqueza literaria não haverá por ahi, em arehivos particulares, perdida para o publico e para os que a produziram!

São estas as eartas:

"Fazenda do Bregão — 6 de Janeiro de 1899. — Desejava que esta carta fosse para lhes dar as boas festas, mas como pôde alguém dar o quo não tem? E se alguém ficou sem boas festas foi decerto este seu ereado que passou o Natal e o Anno Bom com muita febre de que só a chuva sedativa e calmanto do Bregão me tem eurado nestes ultimos dias.

Em todo o easo ahi vão os nossos

bons desejos de prosperidade com os nossos agradecimentos pelos amáveis cartões que reeebemos.

Estou ha muitos dias mergulhado em theologia, estudando o Jansenismo. Não imagina como fazem bem ao espirito estas digressões para tão longe do meio habitual. Se é verdade que as viagens são uteis estas viagens que todos podemos fazer sem as massádas dos hotéis e dos caminhos de ferro, são decerto as melhores. Abre-se um livro e muda a gente de seculo, tornando-se contemporaneo de quem se quer ser, ao menos por algumas horas. Estou, por exemplo, agora a assistir atravez de Sainte-Beuve as peripecias do Abbé de St. Cyran, ao assumir a direção espiritual de Port-Royal e asseguro que vou seguindo essa historia com mais interesse do que me inspiram o C. S. e os seus ministros.

Estou tão firmemente convencido de que o interesse pelas eousas intellectuaes é o maior goso da vida, que vendo alguém dotado pela Natureza com tudo quanto é preciso para ser alguém no mundo da Intelligencia, e se esse homem é moço, tremo pensando que é talvez capaz de por circumstaneias de meio, por preguiça quem sabe? de dissipar esse patrimonio que nada pôde substituir. Se vir nestas palavras uma indirecta a si, affirmo que está enganado. Não é uma indirecta, mas sim uma directa.

Quem tem o dom de pensar com independencia, de dizer com elegancia, quem tem o amor dos livros e da arte e sobretudo o dom de artista de externar tudo isto, pela escripta, não tem pelo que deve a si proprio, o direito de se esterilisar. E por isso meu caro amigo, os meus desejos de

prosperidade para estes ultimos 365 dias que vae acabar de pingar um seculo, não são mais do que desejos de o ver trabalhar e produzir. Lembre-se que é muito triste dizer alguém da gente, aos quarenta annos:

— Fulano! teve muito talento e promettia...

Sei que a maior difficuldade do trabalho intellectual está em vencer a gente os primeiros dias de solidão. A humanidade das cidades vive, em grande parte, atormentada por esse terrivel problema: Onde passar a noite? — Aqui na roça o problema está resolvido por si mesmo. Mas mesmo fóra da roça ha a possibilidade de ficar em casa e de lêr e de trabalhar. A difficuldade primeira está nos primeiros tempos; vencidos os primeiros dias tudo entra na normalidade da vida.

Dirá que a chuva e a convalescença tornaram-me massador e terá talvez razão. E como não quero que essa minha exhortação não seja completa, peço-lhe que a transmitta, na parte que lhe possa tocar, á exma. sra. D. Christina. Quem teve a desgraça de casar com um homem de talento deve ter resignação e não é sem espinhos a missão de *Femme d'Artiste* que Mme. Alphonse Daudet tão bem descreveu. Mas a parte n'os triumphos, essa tambem é preciso não esquecer e essa é muitas vezes muito grande para a mulher e muito merecida porque ella pôde tudo quando quer que o talento do marido cresça e fructifique.

* * *

Creio que ha annos que não escrevo uma carta tão longa. Vejo porém que ha ainda papel para nelle lhe pedir que apresento as minhas ho-

menagens a Madame e dizer-lhe meu caro amigo quão sincera e affectuosamente sou seu amigo — EDUARDO PRADO."

"Fazenda do Brejão, 4 de Julho de 1899. — Pelo portador será entregue em sua casa, meu caro amigo, um joven e inexperiente cão, filho legitimo de Cavar e de Cora, ambos naturaes de Toeplitz-Scho-nau (Bohemia — Imperio Austro-Hungaro) e nascido no Brejão (Sta. Cruz das Palmeiras) a 25 de Dezembro de 1898, imperando C. S. e sendo consul G. P. Tem o nome de Brejão.

Brejão é arriseo, ainda feio, mas crescendo ha de ser formoso, como os pacs. Precisa ser bem tratado e acariciado, dormir em lugar bem sêcco, sobre palha secca. Come de tudo que lhe derem ou que puder furtar. Não lhe devem dar outra carne além da pouca que fôr adherente aos ossos da cozinha cujos restos serão a sua melhor alimentação, sobretudo se lhe addicionarem algum fubá cosido com algum sal. Toma banho duas vezes por semana, mas não deve entrar n'agua. E' primeiro lavado com sabão preto e depois com agua limpa addicionada de um pouquinho de creolina, producto que se acha no Baruel ou em qualquer drogaria. Depois de enxuto, passa-se-lhe uma escova e deixa-so para enxugar, num terraço ou sobre a gramma, ao sol, em lugar em que não se possa sujar de novo, espojando-se na poeira, exercicio este inconveniente e pelo qual tem especial predilecção.

Faço votos para que, ao entrar na vida pratica, Brejão se compenetro dos seus deveres, seja docil e terno para a sua dona, obediente o suave

para o seu dono, não ataquem os amigos e as visitas agradáveis ou que querem bem á casa e não se esqueçam do tirar o seu tributo das pernas dos gatunos.

Com estes conselhos paternaes confio-o, de todo o coração, á bondade e ás almas generosas de Mr. e do Mme. José Vicente. — EDUARDO PRADO." — P.

BELLAS ARTES

PINTURA

Entre o actual numero da *Revista do Brasil* e o quo o precedeu, nada menos do que cinco pintores se apresentaram ao publico de S. Paulo, simultaneamente, em tres exposições: Lucilio e Georgina do Albuquerque, Dario e Mario Barbosa e Levino Franzeres.

Lucilio de Albuquerque, professor da Escola Nacional de Bellas Artes, é um dos mais reputados pintores brasileiros. Antigo alumno e premio de viagem daquella Escola, ao regressar da Europa ha cerca de dez annos, fez em S. Paulo uma bella exposição, em que figurava o seu grande quadro "O despertar de Icaro", hoje pertencente á Galeria Nacional. Depois compareceu tambem ás nossas Exposições de Bellas-Artes, infelizmente interrompidas pela má situação economico-financeira do paiz. O seu reaparecimento foi um brilhante triumpho artistico. Lucilio, de então para cá, progrediu bastante o chegou a um apuro tal de technica, que o pincel é, nas suas mãos, um instrumento geralmente docil e obediente ao seu pensamento. Por isso, os seus ultimos trabalhos reflectem admiravelmente todas as

nuanças da sua fina sensibilidade artistica; assim, as suas mais recentes paizagens accusam uma factura de mestre e possuem um forte poder emotivo, graças á variedade e riqueza dos meios de expressão do artista, que consegue transmittir-lhes toda a intensidade do seu temperamento poetico. Têm, em geral, uma feição melancolica, porque as tendencias do pintor levam-no a escolher assumptos



dessa natureza, sitios isolados e tranquillos, trechos da matta silenciosa e cheia de mysterio, cantos de rio de aguas espelhantes, curvas de caminhos pouco frequentados, etc.; mas, ás vezes, como no "Parthenon" (paisagem do Rio Grande) o sol brilha forte sobre o casario da cidade, o céu é luminoso e uma viva nota de alegria envolve toda a paisagem. Estes aspectos não são communs na sua

obra; em toda ella, porém, as mesmas qualidades apparecem denunciando o artista no corte da paisagem, na escolha da hora, na intensa côr local e na expressão geral do quadro. Tanto na paisagem como na figura, a obra deste talentoso artista tem a solidez das construcções bem alicerçadas, porque Lucilio desenha magistralmente. Não fosse elle o autor do "Perfil" e "Ternura", os dois excellentes desenhos da exposição de que tratamos, reveladores ambos da ductilidade do seu traço. O primeiro, em que a elegancia do modelo rivalisa com a da factura, agil, de uma gracilidade aristocratica e senhoril na simplicidade das suas linhas nervosas e finas, mas vigorosas. O outro, uma joven mãe que aconchega ao seio o filho adormecido, tem nos traços flexuosos, envolventes e largos, toda a ternura de uma caricia materna.

Dois trabalhos desta exposição conquistaram, porém, para Lucilio de Albuquerque a grande admiração dos amadores do S. Paulo: "Scismares" e "Mãe Preta". Em "Scismares" uma bella figura de mulher, reclinada numa rêde, ao canto de um jardim, apoia a cabeça no braço direito em flexão, emquanto o braço esquerdo estendido se balouça com o movimento da rêde; o corpo da mulher, no abandono de quem projecta muito longe o pensamento que os olhos procuram acompanhar, verga a rêde fortemente esticada nos ganchos. Deste assumpto tão simples fez Lucilio um quadro encantador pelo sentimento, pela harmonia das linhas e das côres, numa factura excellente em que a atmospheria do ar livre está perfeitamente caracterizada. "Mãe Preta", de que estampamos em outro logar

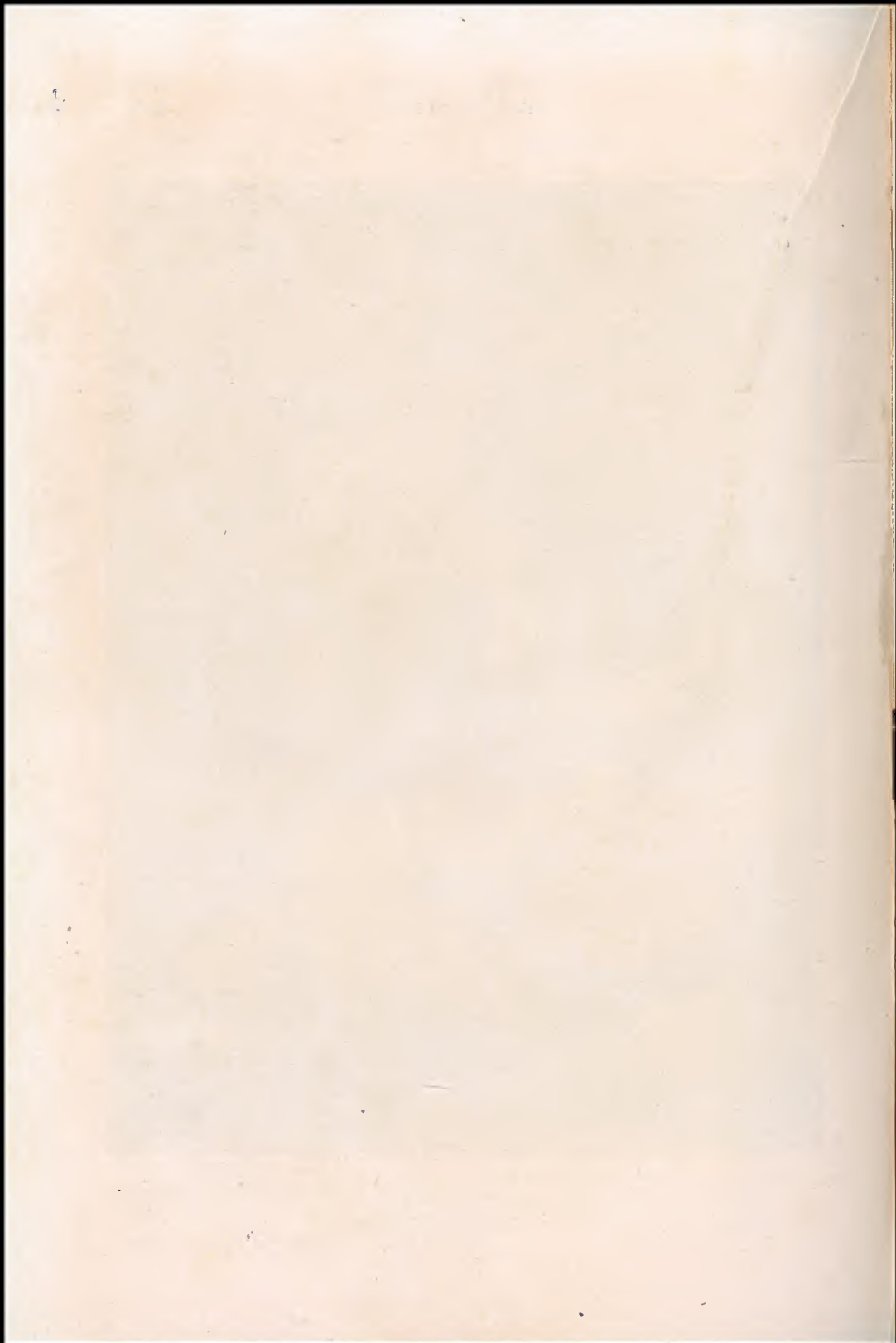
uma reproducção, é um quadro do museu. Uma preta, assentada ao chão, amamenta uma creança branca, e enquanto esta lhe suga o seio tumido, o filho está ao lado, deitado, e recebe da mãe um olhar prolongado e compassivo. Nesta scena, perfeitamente natural, quasi um aspecto trivial da nossa vida, soubo Lucilio pôr uma tal simplicidade de execução, uma tão intensa expressão de pensamento, e um tão forte espirito de synthese, que a transformou num quadro symbolico da dedicação da raça negra, na feliz evocação do tocante sacrificio das nossas "mamans-pretas", cujo affecto materno conseguia dividir-se entre o filho do branco e a sua criatura. Para isso muito contribuiu a sobriedade quasi austera que distingue a sua maneira, sobriedade que vamos encontrar ainda no excellentre retrato de senhora, mas aqui temperada por uma nota de elegancia e vivacidade exigidas pelo genero e que o artista conseguiu dar-lhe, revelando assim a malleabilidade do seu talento e da sua technica.

D. Georgina de Albuquerque expoz, conjunctamente com seu illustre esposo, diversos trabalhos do sua lavra. E' uma pintora que progride sempre e embora convivendo com um mestre, mantem a sua individualidade. Nesta exposição apresenta algumas cabeças de estudo muito felizes, um excellentre estudo de ar livre, um "interior" muito interessante, quer como composição, quer como factura, e uma soberba paisagem "Canto de rio", que lhe dá o direito de figurar entre os nossos melhores paisagistas.

Dario e Mario Barbosa, dois moços paulistas, apresentaram cerca de trescentas telas. Muitas podiam ser excluidas da exposição com vanta-



"MÃE PRETA"
QUADRO DE LUCILIO DE ALBUQUERQUE



gem para os artistas. Nas que ficam sem reconhecer-se-iam, sem favor, qualidades muito apreciáveis de technica — segurança, largueza—dignas do servir a concepções menos banaes e de transmittir as vibrações de temperamentos mais emotivos. E' do esperar que os dois pintores, tão dedicados á sua arte, nos dêem ainda e em breve, alguns trabalhos em que o sentimento esteja ao par da technica. Talvez o contacto com a terra da Patria, de que andam ha tanto tempo arredados, lhes desperte a faculdade emotiva e lhes afine a sensibilidade, dando á obra de ambos uma expressão mais vigorosa da individualidade de cada um. O conhecimento que ambos demonstram do "métier", já foi consagrado pelo "Salon des Artistes Français", que lhes abriu as portas a alguns trabalhos, e nesta mesma exposição está amplamente documentado em varias telas originaes e nas magnificas copias de Murillo e Troyon.

O quinto expositor é um premio de viagem da Escola Nacional do Bellas Artes — Levino Fanzeres, com um anno de estagio em Paris. Temperamento incontestavelmente artistico, dotado de uma grande riqueza de côr, não attingiu, porém, a completa libertação da influencia da escola.

Os seus melhores trabalhos participam ainda da natureza de estudos e os que procuram cescapar a essa categoria, apresentam deficiencias de factura e de composição. Classificados por aquella forma, merecem louvores e animação. Aliás, outra classificação não lhes deu o jury do nosso "salon" quando conferiu ao autor o "premio de viagem", que é evidentemente um premio de animação e aperfeiçoamento. — N.

MUSICA

A Sociedade de Cultura Artistica, que tão nobremente se vem esforçando por despertar no nosso meio o real interesse pelas coisas de arte, offereceu aos seus associados neste mez mais um magnifico concerto em que tomaram parte dois artistas de merecimento — a sra. Botelho e o sr. Figueras.

A distincta e applaudida pianista deu de novo provas inconcussas do seu brilhante e variado talento.

Ao lado de trechos da literatura, para piano, romantica e moderna, executou a concertista a grandiosa obra classica de Bach, a "Fantasia chromatica".

Si á primeira parte — a fantasia — faltou a precisa serenidade, e a amplitude do estylo, tivemos, em compensação, na "Fuga" motivos para admirar-lhe a precisão rythmica, a plasticidade polyphonica dos themas, a fineza da execução.

Notaremos, do passagem, que não comprehendemos qual o motivo que levou a distincta artista a executar, immediatamente em seguida á obra de Bach, como se della fizesse parte integrante, a sonata de Scarlatti.

A grandiosidade da "Flautina" é tal que não permite se lhe ponha ao lado para execução immediata, qualquer outra peça, muito embora seja ella da autoria de um Scarlatti.

Foi nas peças de Rubenstein, de Chopin e de Liszt, porém, em que melhor se evidenciaram as fulgurantes qualidades de temperamento e de execução da sra. Botelho e o auditorio, que enchia litteralmente o vasto salão do Club Germania, tambem assim o comprehendeu, ap-

plaudindo a excellente pianista com enthusiasmo após as mazurkas de Chopin, a Mephisto Valse, de Liszt, e o nocturno, de Rubenstein.

Figueras, o festejado violonecellista que já tão gratas recordações havia deixado entre nós da ultima vez que aqui esteve, deu-nos, entre outras, uma bella execução da sonata de Valentini (1690-1758), a que soube realçar com brilho e ardor os attributos tão caracteristicos do estylo da época em que foi composta, a graça, o espirito fino, a elegancia de rara distincção, encantou-nos na deliciosa "romanza" de Henrique Oswald, e brilhou com os seus recursos de sonoridade e de technica no concerto de Saint-Saens o na peça de acrobacia mechanica, — a tarantella de Fiseher.

O numeroso auditorio manifestou-se em francos e prolongados applausos aos dois excellentes artistas.

* * *

Tivemos ainda neste mez, tres dias após o concerto da Sociedade de Cultura Artistica, um bello "recital", o do violinista russo, Mischa Violin.

Quando, ha mezes, aqui se fez ouvir, pela primeira vez, obteve o joven virtuose o mais absoluto successo artistico, tal o enthusiasmo que os seus concertos despertaram na assistencia e, agora, que elle nos volta da sua excursão pelas republicas do Prata, pudemos de novo constatar no seu concerto, realisado a 16 do corrente, que a sua acção fascinadora sobre o auditorio é sempre a mesma.

Não nos lembramos de nenhum concertista haver provocado aqui no nosso meio, geralmente tão parcimonioso nas suas expansões de agrado, manifestações tão espontaneas,

ruidosas mesmo, como as que consegue Mischa Violin. E' que o temperamento extraordinariamente vibratil e ardente do joven virtuose fascina e arrasta o seu auditorio.

Imagine-se o que será Mischa quando, com a idade, tiver attingido ao completo desabrochar das suas faculdades artisticas. Cremos firmemente que, então, será cotado entre os primeiros mestres do violino, pois que já hoje elle leva vantagem a varios dos concertistas applaudidos nos grandes centros musicas.

Haja vista como elle executou o bello concerto de Beethoven, essa obra prima da litteratura do violino, e que não muitos artistas conseguem interpretar com tal vigor de expressão e tal simplicidade de effeitos como elle o faz.

Observando rigorosamente a linha classica da obra em questão, Mischa sabe, todavia, comunicar-lhe o calor do seu exuberante temperamento e colloca-se assim ao lado dos que comprehendem não ser a obra classica apenas admiravel pela oxtorioridade das suas linhas correctas, mas sim e, muito, pela intensa expressão do profundo sentimento que a vivifeca. — F.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

VISCONDE DE PORTO SEGURO

Graças aos amigos e facilidades que lhe proporcionava a carreira diplomatica para a qual entrou cedo, Varnhagen poude consagrar-se desde muito moço aos estudos necessarios á realisacão da sua tarefa de historiador. Especialmente em Lisboa, Madrid, Haya, Amsterdam, Vienna

e Londres dispoz de lugares para frequentar bibliothecas, archivos e museus, consultando livros, mappas, autographos, inscripções, medalhas, moedas, gravuras, pinturas e toda especie de documentos.

Do seu longo e trabalhoso preparo para a missão que se impoz dão-nos noticias, além dos seus raros biographos, os numerosissimos estudos que deixou. Não são estudos do grande tomo mas seria um contrasenso exigir estudos dessa natureza de quem tomou sobre os hombros o arduo empreendimento de ser o primeiro a escrever a historia do seu paiz, mais de tres seculos depois de haver começado o tecido dos factos que ella devia reflectir.

Esses estudos abrangem trabalhos assim de character estriktamente historico como de character literario. Publicou, por exemplo, o *Florilegio da Poesia Brasileira*, a que reuniu sob a forma de introdução o *Ensaio Historico sobre as letras no Brazil*, primordio da historia da nossa litteratura que ainda hoje provoca enthu-siasticos encomios de homens como o nosso grande poeta Alberto de Oliveira.

Varnhagen tentou tambem o drama, o a poesia, mas foi infeliz. A sua peça, *Amador Bueno*, e o seu poemeto, *Caramurú*, servem unicamente para attestar que ao seu grande amor ás letras não se casava a menor aptidão litteraria ou artistica. O poema, então, é uma falta que não é possível sequer attenuar, dizendo que foi um peccadilho da mocidade. Trata-se de um crime horrondo, perpetrado aos quarenta e tres annos de idade, e para o qual todas as penas divinas e humanas seriam lovissimas. O preparo do historiador não se podia fazer, na época e no ambiente que o cercaram, com uma regular observancia dos preceitos da historiographia. Mas é força reconhecer que, por uma necessidade logica do seu espirito, feito de exactidão e soberidade, de amor á verdade e á justiça, elle se esforçou por observar os ca-

nonas da heuristica, procurando penetrar o sentido dos livros e de todos os documentos relativos ao nosso passado, conhecer os idiomas sem os quaes não podia estudar as fontes da nossa historia, adquirir idéas exactas a respeito da nossa arte rudimentar e de todas as nossas antiguidades e estudar a nossa geographia e a nossa ethnographia. Nas polemicas, sobretudo com João Francisco Lisboa e com José Ignacio de Abreu e Lima, ó que melhor se externaram as boas e as más qualidades do seu espirito: o constante amor á verdade e á justiça, a aspera franqueza, uma evidente ingenuidade e um temperamento violento, de envolta com um escrupuloso cuidado, o não raro meticolosa minuciosidade, no expor os factos e no manifestar os seus juizos. Os proprios descuidos de forma, que algumas vezes o tornaram monotono e pesado, ali bem se reflectem e patenteiam.

E' facil imaginar as desaffeições que devia provocar com a sua aspera combatividade, com as suas immarcesciveis tendencias aggressivas, com o seu espirito feito unieamento para a rudo luta da vida, este descendente de saxão, orgulhoso, bruto, duro, irritante.

Ao metter hombros á sua empreza, não tinha Varnhagen no Brasil nenhum modelo, nenhum antecessor, nenhum guia. Nenhum brasileiro ou portuguez escrevera antes um só livro a que quadrasse o titulo de historia do Brasil. A unica historia do Brasil que havia antes de Varnhagen escrever a sua, fôra composta por um estrangeiro: era a historia de Robert Southey, poeta lakista inglez.

Mas Southey não poderia escrever com exactidão e segurança a historia geral do Brasil. Na vordade, se exceptuarmos a forma, a arte de exposição de Southey, é uma injustiça tirar do Varnhagen para conferir ao poeta inglez o titulo de primeiro historiador do Brasil.

Não só mais ou tanto do quo da nossa se occupou Southey da histo-

ria das nações vizinhas como a quem lê certos capitulos do seu livro as noções que ficam da geographia do Brasil são tão exactas como as adquiridas por quem converse com um francez contemporaneo ácerca do mesmo assumpto.

Ha quem censure Varnhagen por não ter seguido os conselhos de Martius sobre o modo como se deva escrever a *Historia do Brasil*. Ora, Varnhagen seguiu-os no que elles tinham de razoavel e acceitavel. Para que os seguisse á risca necessario fôra que se provasse a exactidão, a incontestavel verdade de todas as asserções e advertencias do naturalista bavaro. O mais curioso, porém, é que os maiores accusadores de Varnhagen, como, por exemplo, Eduardo Prado, são os que mais se afastam, e com indiscutíveis razões, do roteiro do von Martius.

Em 1858, quando publicou a sua historia do Brasil não era possivel a um espirito serio e instruido conceber a historia do paiz como um poema heroico qual o aconselhava von Martius. A primeira qualidade do historiador é a fidelidade nas descrições, a verdade, a exactidão. O epos que recommenda von Martius só se comprehende em livros destinados á instrução da infancia e da juventude e em que unicamente se exhibem aquelles quadros e factos historicos aptos e proprios para gerar o amor da patria e suggerir a aspiração de a bem servir e concorrer para a sua felicidade e engrandecimento. O que acima de tudo nos impressiona, quando lemos a *Historia Geral do Brasil* é a verdade, a exactidão, a fidelidade na descripção dos factos. Capistrano de Abreu, que tem passado a sua vida a frequentar bibliothecas e archivos, a ler chronicas, memorias e documentos historicos de toda a especie e que nunca peccou pela benevolencia de sua critica, nem pelo desamor ás particularidades e ás minucias, editou vinte e tres capitulos dos cincoenta e quatro em que se divide a obra para o fim de

corrigir e explicar-lhe o texto. Pois bem: se exceptuarmos as explicações e desenvolvimentos, que não escasseiam na referida edição, raros escolios se hão de deparar-nos em que se emende um erro, ou um equivooco, ou uma apreciação inaceitavel...

O segundo notavel predicado da obra de Varnhagen é o desenvolvimento por elle dado á reconstrução historica dos seculos 16 a 18. E' preciso confrontar a *Historia Geral do Brasil* com a obra de Southey, tendo em attenção os factos passados nesses dois seculos, para bem se ver a deficiencia do trabalho do eminente literato, poeta e historiador inglez, e o precioso, o grande concurso que devemos ao nosso compatriota na reconstituição do nosso passado. Das varias increpações que se fazem a Varnhagen algumas precisam ser analysadas.

Eduardo Prado, por exemplo, affirmou que elle é "o homem que em nossa historia menosca de todas as heroicidades, da de Anchieta a da de Tiradentes e diz que os jesuitas foram outros orpheus que souberam humanisar as novas feras humanas."

A increpação não tem base. Varnhagen, tratando de Anchieta, foi laconico, mas não foi depreciador. Aliás um espirito de tão solida cultura, e tão fundamentalmente severo e grave, como Varnhagen, nunca poderia reproduzir, sem de qualquer modo as refutar, as infantis obsessões celebradas pelo padre Simão de Vasconcellos na *Chronica da Companhia de Jesus* e especialmente na *Vida do Veneravel Joseph de Anchieta da Companhia de Jesus, Thaumaturgo do Novo Mundo na Provincia do Brasil* e por outros membros da mesma companhia.

Quanto ás paginas ácerca de Tiradentes ainda mais duro, para não dizer injusto, é o conceito de Eduardo Prado sobre Varnhagen.

Confrontando-se o que elle escreveu a respeito da *Inconfidencia* com o que escreveu Southey este, e não elle, é que pôde ser increpado de me-

noseabar a heroicidade de Tiradentes.

Outro critico severo, mas tambem injusto, de Varnhagen, é o sr. barão Homem de Mello, que o acceusou de haver amesquinhado Colombo e lhe arrancado da frente os louros immarcesciveis.

Mas o que Varnhagen disse de Colombo é um resumo do que está nos historiadores que se occupam dos descobrimentos do celebre genovoz.

Não é essa, porém, a unica censura que lhe fez o sr. Homem de Mello. Nega-lhe tambem o titulo de historiador, rebaixando-o á categoria de "um mediocre chronista".

Chronica de mais de tres seculos da vida de uma nação, feita methodicamente, com a reconstrução motieulosa, e tão documentada quanto possivel, de todos os factos de ordem historica: chronica escripta depois de muitos annos de ininterruptas pesquisas e da aequisição de abundantes conhecimentos das sciencias — auxiliares da historia, e com o intento, confessado, de prestar subsidios "ao estadista, ao juriconsulto, ao publicista, ao administrador, ao diplomata, ao estrategico, ao naturalista, ao financeiro e aos varios artistas", e "tambem para fortificar os vinculos da unidade nacional, e orientar e exaltar o patriotismo, e ennobrecer o espirito publico, augmentando a fé no futuro e na gloria das letras", não é chronica; é historia.

Pelas paginas dessa historia nunca perpassou um grande sopro philosophico e nellas não predomina uma elevada tonalidade literaria. Bem facil fóra redarguir que não são historiadores unicamente os Buekles, os Momsen, os Taine, o primeiro inspirado no conceito fundamental da historia de Kant, e os outros dois eriadores de uma doutrina filiada á idéa primordial da concepção historica do Hegel. Na galeria dos historiadores não ha lugar sómente para espiritos de egual envergadura, nem estes se engendraram jámais em pai-

zes de cultura incipiente, o sem os muitos seculos de evolução que têm atraz de si a França, a Alemanha e a Inglaterra.

Tremenda carga ainda faz o sr. Homem de Mello a Varnhagen por ter escripto a proposito do invento do padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão uma pagina ácrea da navegação aerea que é verdadeiramente prophetica e em que a Varnhagen nem cseapou o papel, ainda hoje para nós estupendo, que devia ter na guerra, como verificamos actualmentemente, o invento que realisou a navegação aerea, de accordo com a concepção geral que della formava o nosso historiador.

O delicto maximo que imputam a Varnhagen é, porém, o seu juizo sobre a eseravisação dos indios e o tratamento a estes ministrado. João Franeisco Lisboa articulou o libello que pôde ser resumido nestes dois periodos: "a mesma humanidade para com os indios, nossos irmãos, nos está aconselhando que recorramos aos meios fortes, franca e nobremente sem tergiversações, para aeudiv-lhes e salvar-os, enquanto elles de todo se não destroem uns aos outros. Os seus quilombos devem ser assaltados e rendidos, e elles arrancados do centro dos bosques para as nossas cidades, distribuidos no serviço domestico, postos a bordo dos navios, ou aldeados, quando menos, junto ás grandes povoações".

Para responder a esta asserção é necessario que remontemos á época em que Varnhagen estudou e escreveu a sua historia.

A respeito dos nossos indigonas duas correntes de idéas, profundamente oppostas, se espalharam entre nós. De um lado, Gonçalves Dias "confundindo a historia com a poesia" e a sciencia dos factos e os juizos severos da razão com os devaneios da imaginação, quiz identificar a actual nação brasileira com as tribus ferozes, e pôr a nossa prosperidade dependente da sua completa rehabilitação. Do outro lado havia os que pensavam como von Martius o qual, muito embora tivesse acon-

melhado que se tratassem bem os nossos aborígenes, lhes deferira a já conhecida sentença condemnatoria declarando-os uma raça infima, destinada a muito proximo desaparecimento.

Contra os nossos autóctones ainda não se haviam enfileirado os argumentos que mais tarde forneceram a anthropologia, o a ethnologia, e a anthropo-sociologia. Ainda não tinham os Gobineau e os Lapouge composto, com uma precipitada e extranha mescla de phantasia e de maravilhas e retalhos scientificos, essa theoria da desigualdade das raças, com a supremacia incontestavel da que revela certos caracteres e a irremediavel inferioridade de todas as outras, tão saboreada e aproveitada pelos allemães, e tão repellida pela historia e pela mesologia. Mas, predominava então na grande maioria dos brasileiros a convicção meramente empirica e grosseira da irremessivel inferioridade dos indios e dos africanos, natural revivescencia de idéas ancestraes desse periodo a que allude Lisboa, e no qual "os selvagens eram havidos em conta de brutos, extranhos ao grenio da humanidade e effectivamente tratados como taes, sendo mister para rebater estas odiosas pretensões que por bulla do Papa fossem elles declarados verdadeiramente descendentes de Adão e Eva, e com igual direito aos fóros dos mais homens".

Eis o ambiente em que se deram os factos narrados por Varnhagen, e que ainda influu no espirito deste ao escrever a primeira edição da *Historia Geral do Brasil*. Na segunda edição Varnhagen modificou um pouco os seus conceitos, o que aliás se dá também com Lisboa, tão severo para com o nosso historiador neste assumpto.

As idéas definitivas do nosso historiador a respeito dos indigenas constam da última edição da *Historia Geral* e do folheto — *Os indios bravos* e o dr. Lisboa. Em primeiro logar, nota-se que elle não era extranho á preocupação da vida, da saude e do proprio bem estar dos indios. Nota-se depois a sua revolta

contra a desigualdade de tratamento que para si pretendiam os jesuitas. Também o seu espirito justo não podia soffrer esta outra desigualdade consistente em condemnar a escravisação dos indios, e justificar ou attenuar a dos africanos.

Neste ponto, notoria e incontestavel é a superioridade de Varnhagen relativamente a todos os seus criticos; porquanto, estes só viram a injustiça menor, a menos grave crueldade, e não tiveram intelligencia para ver, ou sensibilidade para condemnar com a mesma indignação o crime mais hediondo, que foi a escravisação dos africanos.

As idéas de Varnhagen acerca dos nossos autóctones não oram de... Varnhagen. Faziam parte integrante do ambiente da época. A necessidade do recurso á força e a inutilidade em muitos casos da catechese e dos meios suasorios eram affirmadas em documentos officiaes, em que Varnhagen se apoia para justificar as suas asserções.

Varnhagen podia ser algumas vezes arrastado por suas convicções profundas e sinceras a alguma exaggeração nos juizos criticos. Mas, nos seus conceitos havia sempre um fundo de verdade e do justiça, o era justamente a sua constante preocupação com a verdade e a justiça que o fazia exaltar-se em certas apreciações.

Dois senões se nos deparam na obra do historiador brasileiro, uma de pensamento o outra de expressão.

O primeiro era quasi inevitavel, e consiste num peccado venial, tão commum entre os historiadores, que descabida é a severidade com que alguns o julgam e condemnam. Quando Varnhagen começou a preparar-se esforçosamente para compôr a historia do Brasil, sem um só modelo, sem um só guia dentro no paiz, que apenas podia offerecer-lhe algumas memorias, chronicas parciaes, notas genealogicas, materiaes para a historia, muito deficiente e desordenadamente accumulados fóra do Brasil, e em meio da nação que em assumptos scientificos e litterarios, como em tudo o mais, ditava despoti-

amente aos povos latinos as leis da moda, na França, a maxima e quasi exclusiva preocupação dos historiadores era a "caçada aos documentos". De tal arte se absorviam os espiritos na investigação da verdade historica pela pesquisa e estudo meticoloso das fontes, que Victor Hugo, como membro da *comissão de litteratura*, uma das incumbidas de preparar os elementos de uma completa historia da França, propunha insistentemente, e com uma exaggeração só deseulpavel num poeta, que se consultassem "todos os livros de contas e todos os registos de despesas". Em meio dessa absorvente preocupação, a que um ministro do Estado, que era tambem um historiador, Guizot, imprimiu o cunho official, não havia logar para as cogitações philosophicas, para a formação das generalizações assentadas nos factos historicos, para as concepções superiores da historia, que appareceram mais tarde com Renan, com Taine, com Fustel de Coulanges; pois, as bellas syntheses de Michelet foram antes productos de uma fulgurante imaginação do que de uma intelligencia servida por methodos severos o proveitosos no dominio da sciencia.

Não é acreditavel, como alguém já imaginou, que tivemos um historiador de maior envergadura, e que superior teria sido a historia do Brasil, se, em vez de Varnhagen, a tivesse escripto João Francisco Lisboa.

Varios capitulos esparsos da nossa historia nos legou Lisboa. Em qual delles se revelou jámais um conceito mais profundo da historia, um criterio philosophico superior ao de Varnhagen?

No que Varnhagen era inferior a Lisboa, e aqui está o defeito capital do nosso historiador, era na forma, na arte da composição, na exposição. Não é essencial que ao estylo do historiador se imprima aquillo que a singular concepção da historia de Martius denominou, o fogo poetico proprio da juventude". Mas, excluidos inuteis atavios, não é permittido — tambem eliminar a precisão, a simplicidade, a nitidez,

a transparencia e a firmeza da phrase, e não se pôde ser indulgente com Varnhagen; neste ponto é impossivel esconder o desgosto que causa a leitura do tantos periodos descuidados, frouxos, pesados e monotonos, sem nervos e sem lustre. A *Historia Geral do Brasil* bem merecia um pouco mais de cuidado na exposição.

O que attenua as faltas de Varnhagen, é a lembrança do peso immenso da tarefa do criador da nossa historia, tarefa que nem sequer podia cifrar-se no trabalho continuo e tranquillo num só logar, mas que teve de ser desempenhada do modo mais penoso em épocas diversas o em muitos logares differentes, da America e da Europa.

"Quando estudamos no conjuncto essa obra difficil e fecunda, sobretudo — quando syntheticamente reflectimos nos resultados de tão longo e ingente esforço, não podemos reprimir um justo impulso de patriotismo, que nos leva ao sentimento da mais pura gratidão diante da construcção monumental, que, examinada sob faees diversas, ó um destructivel monolitho, que constituirá para sempre o suppedaneo, sobre o qual ha de repousar toda a historia do Brasil, e um grande fôco de luz, a illuminar simultaneamente o nosso passado e o nosso futuro vinculados com fuzis indissolueis: o passado, porquanto mostra com segurança e exactidão a longa esteira de progresso lento e firme, desde a mais humilde origem da colonia, iniciada com graves erros, maculas e estygmas, através de todos os obstaculos creados pelo meio physico, e pela insufficiencia de uma direcção politica que só a espaços tem estado na altura dos seus deveres, para culminar em admiraveis periodos de bem-estar, de progresso, de liberdade politica e de moralidade administrativa; o futuro, porquanto o conhecimento verdadeiro do passado e a consequente convicção de que os factos sociaes so reproduzem com uma evidente constancia e uniformidade, ou estão sujeitos a leis, nos infundem confiança e coragem, para atravessarmos os momentos anor-

maes de perturbações, de depressões e de recuos passageiros e moderação e prudencia para nos re-frearmos e contermos nos instantes de extraordinaria prosperidade, que tambem sabemos serem transitorios.

Por vezes, chega a parecer-me que, para melhor fixar a nossa attenção nos factos e no succo ideal que delles reguma, o que mais quadra ao nosso espirito, tão facilmente desviavel — pelas diversões estheticas — dos esforços de uma detida observação, ou de um prolongado raciocinio, é exactamente essa historia arida e secca, com os seus já conhecidos defeitos da exposição. Sim: talvez por abstrair um pouco de taes imperfeições, vou até me convencer de que essa historia, verdadeira e severa, despida de ornatos mais singelos, que sómente dos factos expostos em toda a sua núdez faz uma eloquente e fecunda lição moral, social ou politica, é a historia que nos convém, a que nos ministra os mais uteis ensinamentos. Cumpre lè-la e medital-a. Por ella fieamos sabendo que a nossa raça e o nosso meio physico não são obstaculos ás nações de maior valor, e aos feitos que demandam longa perseverança, espirito de sequencia e demorada submissão a provações. A guerra hollandeza, em que durante trinta annos combatemos um inimigo valoroso e perviceaz, vencendo-o afinal e expulsando-o definitivamente do paiz, pôz em evidencia o valor das raças que concorreram para a formação da sociedade brasileira, e patenteou que o nosso meio cosmico e o cruzamento desses varios factores ethnicos não produziram uma nacionalidade de somenos energia.

Voltado o espirito para essa ordem de pensamentos, iniciada essa série de inducções, quantas verdades consoladoras se nos descortinam! Quantas lições proveitosas! Quantos ensinamentos decisivos!

Dois seculos mais tarde, a longa e penosa eampanha que pelejámos com o Paraguay (e que aos successores de Varnhagen coube descrever), serviu para revelar que o de-

curso do tempo e a continuação da obra de caldeamento das raças não nos haviam enfraquecido.

Outra bella experiencia, e esta sob uma paz duradoura e por uma boa parte do reinado de Pedro II, tornou bem manifesta, e acina de qual-quer duvida, a nossa capacidade para organizar e manter um governo que á maior liberdade politica reuna uma exemplar moralidade administrativa. Por muitos annos não tivemos que invejar a politica e administração das mais cultas nações do globo.

Ahi estão provas da nossa potencialidade ethnica, que anniquilam todas as objecções do pessimismo, absentadas nos argumentos anthropologicos e na influencia do ambiente material.

Que é que nos falta neste momento de prementes difficuldades, em que o desanimo e a consequente inercia avassallam tantos espiritos? Não temos que lutar com uma só das tremendas calamidades que a guerra asoprou entre as nações da Europa. Não nos affligem factos superiores á vontade de homens regularmente educados e medianamente energeticos.

Do que precisamos para vencer a presente crise (e ainda é o conhecimento da historia, a comparação do presente com o passado, que nol-o revela), é de predicados que já tivemos, e facilmente podemos readquirir, de qualidades que se formam com algum esforço de comprehensão e um pouco de boa vontade, de trabalhar com tenacidade, de economisar intelligentemente, de viver com a coragem de todo homem digno, de respeitar as leis e as autoridades, de eleger autoridades e representantes que se imponham ao respeito do povo por seu procedimento escorreito e exemplar, de disciplina e cohesão, de libertar-nos das ambições criminosas, illegitimas ou excessivas, de um pouco de patriotismo e de alguns pequenos sacrificios.

Reflectindo-se, vê-se bem claramente que o remedio para os nossos males está na observancia dos preceitos rudimentares da moral, que desde os tempos mais remotos até



hoje têm sido aconselhados pelos sacerdotes, pelos apóstolos, pelos educadores, pelos philosophos e pelos estadistas. Não é necessario fazer nenhum milagre, nem revelar nenhum heroismo raro, nem descobrir nenhuma original solução, nem emprender nenhuma acção extraordinaria. Basta praticar aquellas virtudes triviaes e cumprir aquelles deveres corriqueiros, que nos velhos paizes, de velhas tradições, foram sempre ensinados á infancia e á adolescencia pelos espiritos affectuosos e amaveis de um Epicteto, de um Seneca, de uma Sevigné, de uma Maintenon, de um Fénelon, de um Silvio Pellico, de um Julio Simons de um Legouvé, de um Samuel Smiles.

Muito facil nos é o remedio. Nada justificaria, o nosso perecimento, que fôra o mais vil de todos os crimes que pôde cometer uma nação.

Em periodos como este, que ora atravessamos, mais claramente se patenteia a incontestavel utilidade do conhecimento exacto do passado. A medicação para as nossas enfermidades sociaes ha de vir forçosamente das indicações engendradas no estudo da sciencia social fundamental e das sciencias espciaes, a economia politica, a moral social, o direito e a politica, e todas essas sciencias só nos podem ministrar verdades que sirvam de base a preceitos uteis e efficazes, que se tornem idéas — forças capazes de impulsionar proveitosamente o mecanismo da nossa vontade, quando fundadas na observação e na comparação meticulosa dos factos narrados com exactidão o segurança pelo historiador. Hoje só ha nações prosperas e fortes com o amparo da sciencia.

Varnhagen, mais de uma vez, e especialmente no prefacio da primeira edição da *Historia Geral do Brasil*, revelou uma intuição dessa verdade, e, portanto, do bem que nos legou com seu exemplo memoravel e com sua obra impercível, o que não nos deve maravilhar; pois, já muitos annos antes, o "genio religioso e melancolico do Vico" tinha lançado na *Scienza Nuova*, em meio dos preconceitos e dos erros do seu tem-

po, de que os mais altos espiritos nem sempre se libertam, o grande aphorismo, que está no fundo de todas as concepções sérias e elevadas da historia, e que sobretudo hoje deve ser adoptado como nosso lema cardeal: em grande parte o homem se faz a si proprio e as nações são obras de si mesmas. — (Pedro Lessa — Conferencia no Instituto Historico Brasileiro—*Jornal do Commercio, Rio.*)

CIDADES MORTAS

O progresso entre nós — attestam-no certas zonas, vivas outr'ora, hoje mortas, ou em via disso — é nomade e sujeito a paralyrias subitas. E' um progresso de cigano — vive acampado. Quando emigra, deixa atraz de si um rastilho de taperas.

Um dos factores que o arrastam consigo é a uberidade nativa do solo. A nossa gente não vinga prosperar senão onde depara uma vitalidade prodigiosa do humus negro da terra virgem como o funegar quente de uma rez carneada de freseo.

Exemplo perfeito ha disso, em nosso Estado, na depressão profunda que aperreia o muito bom lesto chamado norte. Alli tudo foi, nada é.

Um grupo de cidades moribundas arrasta um viver decrepito, gasto em chorar na mesquinhez actual as saudosas grandezas de outr'ora.

Pelas ruas ermas, onde o transeunte é raro, não matracoleja sequer uma carroça; de ha muito em materia de rodas se voltou ao rodizio macisso desse rechinanto symbolo do ronceirismo colonial, o carro de boi. Erguem-se nellas soberbos casarões apalaçados, de um e dois andares, solidos como mosteiros, tudo pedra, cal e cabiuna, figurando desconformes ossaturas de megaterios, de onde as carnes, o sangue, a vida hão desertado.

Vivem dentro, mesquinamente, vergonteadas de familias fidalgas, de boa prosapia entronca-

da na nobiliarchia lusitana. Pelos salões vazios, cujos frisos dourados se recobrem de patina, e cujo estuque, lagarteado de fendas, esboroa a força de goteiras, erra o bafio da morte. Ha nas paredes velhos quadros, "crayons", moldurando effigies de capitães-móres de barba em collar; ha candelabros de dezoito velas, esverdecidos de azinavro; mas nem se accendem as velas, nem se guardam mais os nomes dos enquadros.

E por tudo se agruma o bolor rancido da velhice. São palacios mortos, da cidade morta.

Avultam em numero casas sem janellas, só portas, tres e quatro: antigos armazens de commercio, fechados, que o commercio desertou tambem.

Numa praça vazia, vestigios vagos de um edificio de vulto. Que é? O antigo theatro... um theatro onde já resoou a voz do Tamagno, da Rosina Stoltz, da Candiani...

Não ha na cidade morta nem pedreiros nem carapinas; fizeram-se estes remendões, aquelles meros demolidores, tanto vae da ultima construcção. A tarefa se lhes resume em especar muros que deitam ventres, escorar paredes rachadas, remendal-as mal e mal. Um dia mettem abaixo as telhas: sempre vale trinta mil réis o milheiro — e fica á in-clemencia do tempo o encargo de aluir o casarão.

Os ricos são dois ou tres Eusebios Macarios aposentados, com cem apolices a render no Rio; e os sinecuristas *apenduricalhados* ao orçamento.

O resto é a "mob"; velhos negros de miseravel descendencia roida de preguiça e alcool; familias decahidas, a viver mysteriosamente umas, outras á custa de parco auxilio enviado de fóra por um filho mais audacioso que emigrou; mestiços ataraxicos, "boa gente" que vivem de aparas.

Da geração nova os rapazes emigram cedo, aos 16 annos; a próle feminina fica, fincada de cotovollos

á janella, negaceando um marido, que é um mytho, numa terra donde os casadouros fogem.

Pescam as vezes as mais geitosas, um promotor, um delegado — e é o caso um acontecimento historico e criador de lendas.

Toda a ligação com o mundo se resume no cordão umbelical do correio — magro estafeta bifurcado — em ponteagudas eguas pisadas, em eterno ir e vir com duas malas postaes na garupa, murchas como figos seccos.

Até o ar é proprio; não vibram nelle sereias de auto, nem cornetas de bicycletas, nem campainhas de carroça, nem pregões de italianos, nem ten-tens de sorveteiros, nem plá-plás de bufarinheiro turco. Só o estremecem os velhos sons coloniaes, o sino, o chilreio das andorinhas que moram na igreja, o rechino dos carros de boi, o sincerro de tropas raras, o taralhar das baitacas que em bando rumoroso cruzam e reeruzam a cidade, bem alto.

Terá poesia — mas os annos são de prosa, hoje em dia.

Nos campos não é menor a desolação.

Raro é o casebre de palha que fuma e entremostra em redor a rocinha de mandioca, o quartel de canna. Na maioria, os raros existentes, descolmados polas ventanias, esburraquentos, afestoam-se do melão de S. Caetano — a hera rustica das nossas ruinas.

As fazendas são conventos, de soberbo aspecto vistas de longe, entristecedoras quando se lhes chega ao pé. Rodeiam a morada senhorial extensas senzalas vazias, terreiros de pedra com vigosas guanxumas nos intersticios. O dono está ausente. Mora no Rio, no Oeste. Os cafezaes, extinctos. Os aggregados, dispersos. Subsiste, como largatixa na pedra, um pugilo do caboclos amarells, ictericos, de esclerotica biliosa, inermes, incapazes de fecundar a terra, incapazes de abandonar a querencia, verdadeiros vegetaes de carne, que não florescem nem fructificam; fauna cadaverica de ultima phase, roem

os derradeiros capões de café escondidos nas grotas.

— Aqui foi o Breves; colhia oitenta mil arrobas...

A gente olha assombrada na direcção que aponta o dedo cicerone: nada mais! a mesma morraria nua, a mesma saúva, o mesmo sapé de sempre; de banda a banda o deserto, o tremendo deserto, por onde Attila passou.

Outras vezes o viajante loriga ao longe marginal á estrada, uma ave branca pousada no topo dum espeque.

Approxima-se lentamente, ao chouto rythmico do cavallo; a ave ex-tranha não dá signaes de vida, permanece immovel.

Chega-se ainda mais, franze a testa, apura a vista: não é ave, é um objecto de louça... O progresso cigano, quando um dia levantou acampamento dalli, rumo do Oeste, esqueceu de levar consigo aquelle isolador de fios telephonicos...

E ello, immovel, lá ficará, attestando mudamente uma grandeza morta, até quo decorram os muitos decennios necessarios para que o lento consuma o rijo poste de "candeia", ao qual o amarraram um dia, no tempo feliz em que Ribeirão Preto era lá... — (Monteiro Lobato, *O Estado de S. Paulo*).

ASPECTOS DO NORTE

No Norte os Estados se reduzem ás capitães. O Espirito Santo é apenas Victoria, aliás pouco attrahento. Desapparece Sergipe na sua modesta Aracaju', enquanto a Bahia, a despeito do sua ancianidade, so resume ao peso colonial de S. Salvador. Maceió com os seus bustos e estatuas é o quo Alagoas tem de melhor. Vasta, rica, mal construida, mal calçada, suja, mas extraordinariamente movimentada e com disposições para ser uma linda cidade, constituo Recife a expressão maxima de Pernambuco. Tambem a Parahyba, o Rio Grande do Norte, o Ceará, o Mara-

nhão, o Pará e o Amazonas, não têm senão as suas capitães.

De resto, confrontando-so o Sul e o Norte do paiz, não so pode deixar de chegar á conclusão de que do Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro está o Brasil do progresso e dali por deante o Brasil historico, depositario do typo autóchtono mais definido na zona septentrional, e de que o homem do Sul differe bastante, sobretudo nas camadas populares.

A zona meridional do Brasil foi muito favorecida pelo trabalho intelligente de uma immigração mais ou menos adeantada, que para alli se encaminhou sequiosa de fortuna. As cidades do Sul apresentam muitas vezes verdadeiros saltos na realisação dos melhoramentos.

No Norte uma atmospha pesada, de estacionamento e dureza, envolve e entenebrece as suas capitães. Dir-se-ia, encarando o Norte de um modo geral, que todas as suas cidades tiveram outr'ora algum desenvolvimento, e depois se deixaram ficar paradas na soturnidade das suas velharias, incapazes de acção, vivendo do limo dos casarões vetustos, mortas para a gloria da luz e do bello.

No Norte, a breve distancia das estradas de ferro, milhares e milhares de brasileiros, feitos de simplicidade e capazes para todas as actividades, vivem atirados para o fundo do deserto que começa na orla das éidades e dos povoados, inteiramente inuteis, mettidos em ranchos de palha, numa horripilante confusão de negros e caboclos, molles, immoraes, seceos, anti-hygienicos, entregues á cachaça, aos descantes da vida e nos dengues luxuriosos da cafua desgredinhada. Um horror. Uma enorme vergonha nacional.

Nas margens do Parahyba, no Alagoas, por exemplo, os cereaes vicejam com o simples trabalho do jogar a semente á terra e por todo o valle Itapicuru', no Maranhão, o tabaco so desenvolve de uma maneira espantosa. Os moradores desses sitios vivem, porém, na maior indi-

gencia. Não serão fundamentalmente refractarios ao trabalho, mas como ninguem os ensinou sobretudo a trabalhar por conta propria permanecem inteiramente ociosos fóra do mando do feitor.

A intuição da economia e da previdencia no Norte é rarissima. A primeira lembrança da quem disponha de algum dinheiro é adquirir brilhantes. Os proprios pretos os ostentam, sempre que podem, nos grandes dedos de azeviche. Mas a nota dominante é a incuria na sua mais dilatada da manifestação.

O comboio que faz o percurso de Maceió a Natal, com passagem pelo Recife, Parahyba e muitas cidades e villas intermediarias, é assaltado, em cada estação, por mendigos horrendos. Uns são tubereulosos, outros paralyticos, outros trazem caneros na bocca, nos olhos, nas faeces. Ha os que são dos pés á cabeça uma chaga nauseabunda. Ha os que tremem, os que se sacodem interminavelmente, atirando a cabeça para um e para outro lado, batendo os maxilares, gaguejando, acotovelando-se, grunhindo, gemendo, implorando, estendendo o chapéo esfrangalhado pela portinhola do vagão. Um impressionante, um doloroso cortejo de victimas da syphilis, da tuberculose e do alcool.

Felizmente esses tremendos aspectos do Norte não diminuem o merecimento das notaveis qualidades dos seus filhos, em geral intelligentissimos, hospitaleiros, insinuantes e destemidos. A familia nortista é a simplicidade, a união e a alegria. Ha sempre alli, para o forasteiro, a mesa posta e a cama feita. São generosos á moda antiga. O sulista é diferente. E' menos unido e mais mercantilizado. E' tambem mais formalistico e menos audacioso.

Em todo o Brasil ha a realizar com coragem e perseverança, ininterruptamente, batendo, martelando, uma grande campanha a favor do trabalho, eriando individuos uteis, disciplinando vontades, fazendo de cada homem um valor efficiente no desenvolvimentó da patria. E' pelo

Norte, porém, que é preciso iniciar essa cruzada redemptora, conquistando-a para o immenso prestigio economico que poderá ter no total da produção nacional. E essa missão tem que caber especialmente á solidude dos seus governos.

E' preciso que a parte operosa, distincta e polida, que não é pequena, tome a si a gloriosa tarefa de aproveitar e orientar as grandes energias armazenadas nesse Norte cheio de sol e de riquezas. — (Christim Mira — *Jornal do Commercio*).

HOMENS E COISAS EXTRANGEIRAS

CARMEN SYLVA

A rainha da Rumania, comquanto simples, tinha uma figura grande mente decorativa.

Mais do que o corte pomposo das vestes de largas mangas e bordaduras sumptuosas, dava-lhe uma admiravel e bella expressão de realeza e de poesia o longo véo branco que lhe cahia ao longo das costas, pendendo de um pequeno toucado-diadema, que misturava o brilho das gemmas aos reflexos dourados da sua linda cabelleira fina e ondeada.

Si o seu nome de rainha auxiliou a gloria do seu pseudonymo de escriptora, ficou depois supplantado por este, como dentro de uma sepultura á qual o de Carmen Sylva serve e servirá de luminoso epitaphio.

Além de ter publicado mais de cincoenta volumes, entre versos, contos, romances e pensamentos, multiplicou na Rumania escolas e instituições de beneficencia, instituiu para as moças de todas as classes cursos especiaes de desenho, pintura, musica, artes manuaes, fazendo ella propria confereneias aos alumnos da Escola Normal e procurando desenvolver, apezar de muito dedicada á sua nacionalidade de origem, a cultura franceza, mais adaptavel ao genio das populações rumenias, oriundas de sangue latino.

Carmen Sylva reuniu nos seus "Pensamentos de uma rainha", escriptos em francez, com um prefacio de Louis Ulbach, a quintessencia das suas observações.

"A felicidade, escreve ella com pesar, é como o éco: responde, mas não vem". "A esperança é uma fadiga que conduz a uma decepção". "A mocidade julga; a velhice absolve".

E' por vezes espirituosa e diz com agradável graciosidade: "O jejum faz apóstolos; a boa mesa faz diplomatas". Outros: "Uma mulher incomprehensível é uma mulher que não comprehende os outros". "Os homens estudam a mulher como estudam o barometro; mas nunca o comprehendem senão no dia seguinte". "Os grandes da terra são destinados a divertir sempre a multidão, mesmo quando vão ser enterrados.

"A mulher deve supportar o amor, soffrer para dar a luz, compartilhar os vossos cuidados, dirigir a vossa casa, educar a vossa familia e ainda além disso ser bonita e amavel. Quo dizieis vós da sua fraqueza inda agora?"

"Uma mulher é lapidada por uma acção que pode praticar um perfeito homem de bem". "Desconfiae de um homem que mostre duvidar da vossa felicidade domestica".

"Ha, diz ella, (e aqui não se teria involuntariamente pintado a si mesma?) mulheres majestosamente adereçadas como cysnes. Irritadas: vereis as suas plumas eriçarem-se durante um segundo; depois desviam-se silenciosamente para se refugiarem no meio das ondas".

Varias distincções academicas recompensaram os seus trabalhos. Em 1882 foi eleita membro da Academia da Rumania. Em 1885, a Academia do Jogos Floraes de Toulouse conferiu-lho o titulo de "Maitre des Arts". Em 1888, a Academia Franceza, sob um relatorio de Camille Douza, concedeu uma das mais altas recompensas aos seus "Pensamentos do uma Rainha". — (Julia Lopes de Almeida — *Correio Paulistano*).

SCIENCIAS SOCIAES E POLITICAS

A MISTIÇAGEM DAS RAÇAS NA AMERICA

A composição ethnica da população é de uma importancia transcendente para o futuro social-politico do paiz.

No meio ethnico da Argentina, especialmente em certa categoria de gente, a mescla de raças diversas constitue condições de hereditariedade muito complexas e muito especiaes. O estudo dos typos que vão resultando dessa mistura e de outras circunstancias é de um alto interesse sociologico.

O problema anthropologico abrange quasi todos os problemas collectivos. Não se pôde conciliar e consolidar a capacidade economica, moral, politica ou social sem transformar fundamentalmente a base que sustenta aquellas condições, que é o homem. Nas nações da America, sobretudo, o progresso e a estabilidade politica não são em definitiva senão uma questão ethnica.

A formula empirica *governar é povoar* fez que na Argentina se esquecessem de que um factor social, o immigrante, devia ser analysado com cautela. Abriram-se açodadamente as portas do paiz a todos os residuos de raças velhas e extenuadas que, unindo-se á população indigena e mestiça, foram constituindo elementos ethnicos verdadeiramente deploraveis.

Governar é povoar bem, isto é, é povoar distribuindo methodicamente nas regiões mais favoraveis do paiz uma população bem constituida, derivada de boas origens, que tenha por progenitores, senão typos de raças brancas homogeneas, ao menos indigenas, mestiças ou europeas sem estigmas — e isto pôde cumprir-se em parte mediante escrupulosa selecção.

Pelo geral, o mestiço primario é inferior ao progenitor europeu, mas ao mesmo tempo, é superior ao pro-

genitor indigena. E' preciso que o cruzamento se effectue através varias gerações e com alguns progenitores europeos de boa raça para corrigir as deficiencias que como typos debois mentaes com tendencias degenerativas, costumam os hybridos apresentar na primeira etapa da selecção. Desenvolvidos em meios saudios os hybridos de europeos com indigenas ou negros afastam-se pouco a pouco do indigena o do negro para se approximarem do branco. Esta regra é certa, embora uma vez ou outra surjam inesperadamente typos regressivos que desconcertam as familias já refinadas.

Quanto aos filhos de europeos com indios, em mesclas successivas, são pelo commum inferiores aos pacs, tanto em mentalidade como em resistencia physica.

Até agora a Argentina tem sido povoada de um modo empirico; é preciso que comeco a sel-o debaixo de um ponto de vista scientifico.

A maior parte dos degenerados que povoam as cidades e os asylos o são de origem ethnica; resultam da mestiçagem. Mais do que qualquer outro, o mestiço é sujeito á epilepsia, á debilidade mental, á idiotia, ao alcoolismo e revela tendencias criminosas e immoraes. A preguiça, que é um symptoma de degenerescencia mental e de abulia, é um dos vicios mais correntes entre os mestiços argentinos. Transmittre-se com frequencia por herança e caracteriza-se perfeitamente na indolencia creoula, especie de fatalismo passivo que se agravou pela reunião dos factores ethnicos com que collaboraram andaluzes e argentinos e das condições de vida e de clima, aquella facil e esto humido e quente.

A deficiencia mental do mestiço traduz-se especialmente pela incapacidade de penetrar inteiramente no sentido da civilisação. Desta elle só apanha as formas exteriores. Só depois de varias seleções successivas com pae ou mãe brancos é que ello se colloca em condições de assimilar a civilisação e poder ser um factor economico, social o politico efficiente.

Ora, são os mestiços inferiores o que ainda constituem a grande parte da população sul-americana. Vêm dahi os avanços e recuos que se notam na vida material e moral das nossas republicas e as grandes inconsistencias da sua historia e da sua politica.

Na Argentina o cruzamento das raças pôde ser dividido em tres periodos: O primeiro, o da conquista hespanhola, caracteriza-se pela união de europeos com indigenas; o segundo, revela-se pela introdução do negro e o terceiro, finalmente, distingue-se pela entrada em grande massa de immigrants europeos.

Coincidiram com este ultimo acontecimento a invasão do deserto e a expansão das cidades para as terras incultas. Dessa expansão advieram a sujeição do indigena e a formação de numerosos povos, com essa exclusiva base ethnica, sobre a qual se depositaram os elementos europeos, mestiços e hybridos de centros urbanos e ruraes das vizinhanças.

As estratificações successivas de que se forma a população actual são constituídas, portanto, de varios elementos principaes: os *chinos* (mestiços de indios com hespanhoes o europeos em geral); os mulatos o *zambos*, resultado do cruzamento de negros e brancos, ou negros e indios ou de seus derivados; e, finalmente, os resultados multiplices em que se podem verificar todos os matizes do hybridismo, nascido do cruzamento das categorias anteriores com os europeos aportados ao paiz nestas ultimas decadas.

Essa mescla de sangue tem facilitado a degenerescencia mas esta varia conforme os elementos ethnicos que entram em combinação. Quanto mais consideravel é a divergencia entre as raças do paiz mais accentuada é nos primeiros descendentes a tendencia degenerativa. Quando a procriação se faz entre individuos pouco differentes do ponto de vista ethnico e já harmonisados por cruzamentos anteriores attenua-se a tendencia degenerativa o a descendencia melhora.

isto mostra a importancia ethnica e social de uma immigração composta de elementos sadios, vigorosos e normaes que vivam e procriem em meios economicos, hygienicos e moraes convenientes.

Repousa nisto a solução de todos os grandes problemas argentinos.

A immigração deve ser seleccionada por uma policia preventiva e por uma legislação previdente.

Um povo não é forte só pela sua população numerosa. E' preferivel uma população pouco numerosa, mas bem seleccionada, physiologicamente san, estheticamente homogenea, bem distribuida e bem alimentada, com habitações hygienicas e com boas disciplinas intellectuaes e moraes capazes de fazel-a attingir a um nivel superior do cultura.

O fundo degenerativo de certos elementos da população pôde ser modificado pelo augmento da corrente immigratoria e pela melhoria das condições hygienicas. O problema do aperfeiçoamento physico e mental do povo argentino está contido nestes dois elementos. — (Lucas Ayaragaray. — *Revista de Filosofia*).

AS MUTUAS ESCOLARES NA ITALIA

As mutuas escolares na Italia, representam uma das mais recentes e sympathicas applicações do principio do auxilio mutuo. Trata-se, com effeito, de sociedades constituídas entre os alumnos das escolas primarias, os quaes, com uma pequenissima contribuição semanal, tem assim garantido um auxilio para e caso de doença e formam um fundo para a pensão da velhice. Quando saem da escola, os meninos podem continuar a contribuir até a idade em que possam ser admittidos nas sociedades dos adultos.

A' vantagem economica directa que se colhe, junta-se a da propaganda efficaç a favor da previdencia. Na idade em que as idéas se acham ainda em formação, e mais facilmente se adquirem os bons como os maus

habitos, consegue-se com esse mutualismo, instillar nas crianças a virtude da economia e da previdencia, e indirectamente essa propaganda tem acção sobre os progenitores, pois elles é que na realidade pagam a contribuição.

Ideada na França por J. C. Cavé, que em 1881 foi autorizado a fazer a primeira experiencia, a mutualidade escolar diffundi-se rapidamente na Belgica, e na Suissa, e surgiu na Italia em 1903, quando foi instituida nas cidades de Ancona e Milão. Foi só depois do Congresso Nacional de Piacenza, em 1908, que se intensificou na Italia a propaganda e a acção a favor da mutualidade escolar.

E em 17 de Julho de 1910 promulgou-se a lei Rainieri, que reconheceu e disciplinou a instituição da mutualidade escolar.

E' simplicissimo o mecanismo dessa lei. Por ella, as sociedades de auxilio mutuo constituídas entre os alumnos e ex-alumnos das escolas primarias publicas e privadas têm a possibilidade de ser reconhecida pelo Estado, visto como se propõem a assegurar aos socios uma pensão da velhice por meio da Caixa Nacional de Previdencia para a invalidez e a velhice dos operarios. Essa Caixa é autorisada por lei a aceitar, com as contribuições vinculadas á accumulção mutua, os socios das sociedades escolares, desde a idade de seis annos até 12.

Chegados aos 12 annos, os inscriptos na serie da mutualidade escolar, que forem de condição operaria, serão transferidos com o seu credito, para as series operarias da Caixa Nacional.

Os que não forem da mesma condição serão transferidos para a serie dos peculios populares vitalicios, mantidos pela mesma Caixa.

As mutuas escolares recolhem todas as semanas, de cada alumno, dez centesimos; 5 liras e 20 centesimos por anno, de cada alumno. Tres liras são depositadas na Caixa Nacional de Previdencia e o resto é destinado a formar o auxilio mu-

tuo em caso de doença. Cada aluno que cáe doente recebe da sua Mutua um auxilio diario de cincoenta centesimos durante um certo periodo de tempo.

Não ha ainda uma estatistica geral das mutuas escolares italianas, mas sabe-se que em Junho do anno passado eram em numero de 53. Cada uma dellas comprehende varias secções, espalhadas pelo paiz. A mais forte das mutuas escolares é a "Mutualidade Escolar Italiana", com séde em Milão, a qual possui 650 secções em todas as regiões da Italia.

Fundada em 1907 essa mutua contava em 31 de Julho de 1914 nada menos de 94.000 inscripções, tendo recolhido dos seus associados até setembro de 1914, 547.109 liras, e tendo-lhes pago, como auxilio em caso de doença um total de 167.973 liras. —(Minerva).

CONSEQUENCIAS DA GUERRA

A tremenda guerra actual está destinada a supprimir grande parte da symbiose internacional que formava uma das mais bellas conquistas da humanidade moderna e o segredo dos seus maiores triumphos. D'ora avante, não haverá mais o livre e facil accesso em todos os paizes do globo, pelos cidadãos de outras patrias, que levavam consigo a contribuição preciosa da sua tradição diversa, de diversos costumes ou formações intellectuaes differentes. Graças a isso, tinham já duas; desaparecido os preconceitos locais e nacionaes, e nós nos consideramos cidadãos do mundo. Agora, voltaremos ao circulo antigo, tornaremos á limitação dos recintos medievaes, e cada um de nós so sentirá prisioneiro do estreito horizonte nativo. Pelo menos, estará, por muito tempo, senão para sempre, truncada a circulação dos homens e dos espiritos do grupo quadruplicado "entente" e do grupo austro-germanico, e nem se precisa falar do thesouro perdido que isso representa. E' verdade que permanecerão intactas, e mesmo intensificadas pela recente

fraternidade militar, as permutas, e a mutua circulação entre os paizes de cada grupo.

Pode desde já prevêê-se além disso que a guerra dará logar a um augmento notavel da emigração italiana para a França, onde os claros occasionados pela morte nessa população já exigua e infecunda, terão que ser preenchidos. Assim, a emigração italiana além oceano, decrescerá, augmentando a emigração para a França. Isso, porém, não trará grandes beneficios para a Italia, porque a França se mostrou sempre hostil á emigração italiana, e porquo a affinidade de italianos e francezes fará com que alguns percam a sua nacionalidade em favor desta e em detrimento da Italia. E' de notar que varios estadistas francezes têm manifestado o desejo de que se impuzesse já aos immigrants a mudança de nacionalidade, e usar a adopção de um nome francez.

A emigração transatlantica abre aos trabalhadores italianos novos e mais vastos horizontes, e, so é certo que os inicia na depravação, antes ignorada, não o ó menos que os educa dando-lhes novas virtudes, enriquecendo-o de um peculio com que tornam á patria, onde se fixam definitivamente, pregustando a prosperidade territorial. Ora, nada disso acontecerá se houver emigração italiana para a França...

Outra consequencia da guerra: a transformação do socialismo. O socialismo não morrerá, mas terá necessidade de se transformar, voltando ás suas origens, que não tinham nada de parlamentares, e á sua qualidade puramente economica que formam toda a sua razão e toda a sua essencia. — (Achille Loria—"Scientia").

SELVAGENS E CIVILISADOS

Entre os selvagens e o homem civilizado não ha uma differença de capacidade intellectual, mas uma differença dos objectos sobre os quaes essa capacidade se exerce.

Os habitantes das Ilhas Fidji representam, aos nossos olhos, o que ha do mais baixo, de mais eruel, de mais repulsiuo, na escala humana. Entretanto, elles são mais sobrios e morigerados do que muitos povos civilisados; e o estrangeiro, mesmo ha 15 annos podia sentir-se mais seguro em qualquer parte das ilhas (onde entretanto, se conhece o sabor da earne humana...), do que nas grandes cidades da Europa ou da America. Os homens mais abjectos não são procurados nas florestas da Africa, da Australia ou da Nova Guiné, mas nas cidades populosas. E não ha earacteristico do homem selvagem que se não encontre, em maior ou menor gráo, nos mais cultos dentre nós. Uma differença existe, todavia, entre os selvagens e nós, civilisados: é que, emquanto o civilisado muda continuamente o systema do pensamento e da vida, avançando sempre, o selvagem prefere ficar preso á cultura da sua idade ha muito tempo transcorrida, vivendo assim num mundo de superstições e de prodigios, de que é um eseravo.

Com tudo isso, não é menos intelligente do que nós nem tem um intellecto menos culto. E' certo que elle não conhece os nossos classieos, nem o que chamamos a sciencia. Mas, ide com elle á floresta, e ficareis profundamente maravilhados do seu conhecimento sobre todas as particularidades de cada planta e de cada pedra, e sobre os habitos de todos os animaes que enecontrades. Em outras palavras: o seu conhecimento differe do nosso menos pela quantidade do que pela qualidade das noções. O selvagem instrue acuradamente os filhos nas artes da guerra e da caça o sobretudo no complicado ceremonial da tribu. Poucos dentre nós, homens civilisados, poderão rivalisar com a memoria daquelles sacerdotes da antiga Samoa, que contavam a historia dos antepassados da Malietoa sem esquecer um só nome, entre centenas, pelos quaes se sabia até o deus Savea, de quo so originara a referida familia real.

Tanto é prova da intelligencia procurar um kangurú no matto como procurar a solução de um problema algebrico. Nós envolvemos na classificação de inferiores todos os povos que não comprehendemos. E geralmente não os comprehendemos porque não nos damos ao trabalho de estudar-lhes as tradições e os habitos. Dizemos tambem que o selvagem é cruel, e sempre que o imaginamos é furibundo, deante do homem civilisado calmo e equilibrado. E' verdade que o selvagem commette crueldades, e muitas vezes injustificadamente: mas serão ellas mais atrozes do que muitas que se commettem tão frequentemente entre os civilisados?

Evidentemente, para vergonha das nossas bellas instituições liberaes, do nosso aperfeiçoadissimo systema de instrucção, da devoção que milhares de nós professamos pelos ideaes da mais alta cultura — para vergonha disso tudo ainda ha na nossa sociedade, selvagens. E não é só: dentro de cada um de nós se alaparda, prompto a surdir, o obscuro instinto do bruto, o espirito hereditario do gorilla e do selvagem. Em toda a nossa grande e esplondida cultura ainda ha traços de barbarie. E' inutil pois, esperar que algumas decadas de contacto com a nossa raça, bastem a civilisar o selvagem. Para attingir a civilisação, uma raça devo primeiro conquistar-se a si mesmo: cada individuo precisa dominar o bruto que traz dentro de si. Sob a nossa dominação, ou esso selvagem move ou se torna então um eseravo. — (Dr. A. G. Mayer — *Popular Science Monthly*).

SCIENCIAS E ARTES

AS EXPLOSÕES E O SYSTEMA NERVOSO

Os phenomenos nervosos a quo dão logar os explosivos modernos attingiram a tal gráo de intensidade que se assenelham, por vezes, aos

produzidos pelas violentas convulsões naturaes, como o terremoto o o furacão, e são phenomenos de que se não conhecem ainda a natureza e a causa physica.

Por isso, os numerosos casos de doença do systema nervoso, devidos á explosão de bombas carregadas de liddite ou melinite têm despertado fortes discussões no mundo medico.

Na Academia de Medicina de Paris, o dr. Raul Ravaut sustentou que semelhantes effeitos pathologicos devem ser produzidos pela violenta deslocação do ar.

Para confirmar a sua theoria, citou varios casos. Em Novembro do 1914 chega á ambulancia um homem que havia sido atacado de paralytia com anestesia, logo depois que lhe rebentára perto uma grande bomba.

O seu corpo não apresentava nenhuma ferida. Em outros casos, houve convulsões, surdez, perturbações mentaes.

As condições do liquido cerebro-espinal demonstravam, em todos esses casos, a presença de lesões organicas do systema nervoso. O sangue e a albumina persistiam durante um tempo mais ou menos longo, segundo a maior ou menor intensidade da lesão, e uma relação directa se notava sempre entre a evolução dos symptomas e as condições do ferido.

Seria absurdo, com effeito, pensar que o organismo humano não devesse sentir nenhuma perturbação por motivo das explosões, que causam effeitos violentos sobre todos os objectos vizinhos, animados e inanimados.

Segundo o dr. Paul Ravaut, a mudança brusca de pressão produz hemorragias no systema nervoso. Houve por exemplo, um caso, em que, com a morte do homem, se verificou que houvera ruptura dos pulmões e hemorragia.

E em outro caso encontraram-se traços sanguineos no systema nervoso e urinario, o que era signal do hemorragia.

Essas "feridas internas", nota o dr. Ravaut, são mais frequentes nas

linhas de combate do que as simples manifestações hystericas.

OS METAES DA GUERRA

Desde o tempo em que o ferro começou a armar mãos de combatentes, isto é, desde tempos prehistoricos, pôde-se dizer que a guerra existe sómente graças á chimica. Com effeito, a metallurgia se baseia inteiramente sobre operações chemicas.

Entre os metaes de guerra, ha a citar primeiro o ferro, que forma a ossatura dos canhões e das espingardas, que forma as baionettas, as placas de cobertura e as couraças. Todas as varias qualidades de aço que constituem as modernas machinas de guerra são carburetos de ferro mais ou menos complexos.

Diz-se que o ouro é o nervo da guerra. Isso não passa de uma figura de rhetorica. Mais exacto seria dizel-o do ferro.

Outro metal, o cromo, serve para formar, com o ferro, uma liga com que se fazem aços especiaes, os aços cromaticos das placas de cobertura, de alguns projecteis e de varias partes das machinas.

O manganez é necessario sobretudo para a fabricação do aço das granadas explosivas. Sob a forma de ferro-manganez, elle serve para desoxydar o aço fundido, dando ao producto qualidades especiaes.

O nickel é outro metal importante á metallurgia guerreira. E' elemento indispensavel do aço dos canhões, das placas das coberturas e de certos projecteis.

Depois do ferro, porém, o mais importante de todos os metaes de guerra é o cobre. E' esse o elemento essencial á liga de cobre e zinco com que se fazem os cartuchos e os envolveros externos das balas de fusil e das granadas, e que entra na fabricação das espoletas de explosão, essas pequenas maravilhas de mechanica chimica, que formam e partem mais delicada do projectil de artilharia. O cobre serve, além disso, para os fios telephonicos e telegra-

phicos, e, nisso não pôde ser substituído por nenhum outro metal. E, além disso, — sem falar nas numerosas applicações que tem na marinha e nas balas de fusil Lebel — o cobre serve para fabricar a cintura das granadas, que é uma parte importantíssima da artilharia moderna.

Do chumbo pouco ha a dizer. Com o antimónio, serve para formar as balas dos *shrapnels*.

O antimónio entra na composição de alguns metaes para canhões.

O zinco serve, com o cobre, para fazer cartuchos, os envolveros das granadas e as espoletas de explosão. Serve, além disso, para revestir os fios de ferro afim de impedir a sua oxydação.

O alumínio encontrou, na guerra, uma extraordinaria importancia militar.

Pela sua leveza acha uteis applicações nas machinas aereas. Serve para a armadura e as partes essenciaes dos aeroplanos, e encontra ainda applicação como explosivo.

Entre os metaes de guerra não deve ser esquecido o hydrogenio: e não admira vêr o hydrogenio entre os metaes, em vez de ser entre os metalloides, onde ha muito tempo estamos habituados a vê-lo. Todo chimico conhece as numerosas razões pelas quaes o hydrogenio não pôde ser senão um metal, apesar do seu estado gazozo, assim como o mercúrio, apesar do seu estado liquido, é tambem um metal. O hydrogenio é absolutamente necessario na guerra, para os balões de diversos systemas que se usam hoje. A sua produção é feita em grande quantidade por meio de reacções em que entram o carbureto de calcio, ou a soda e a agua, ou ontão o *coke* e o alcatráo.

russo fazia nelles verdadeiras confissões revelando as suas aspirações e as suas desillusões mais secretas. Os originaes desses diarios são conservados no Museu de Historia de Moscow, e o editor actual teve que contentar-se com uma copia manuscrita. Esse editor é um joven discipulo de Tolstoi, o sr. Chertof, contra o qual se levantou uma grande campanha, attribuindo-se-lhe a infidelidade dos diarios. Elle, porém, defendeu-se bem, mostrando que havia, nas confissões de Tolstoi, muita coisa impublicavel, pelo menos agora. Quem tem um diario, tem sempre a esperança de vêr nelle, mais livre e franca, a alma do escriptor: com o de Tolstoi, agora, essa esperança não é desenganada. Muito interessantes, por exemplo, são certos trechos philosophicos quo Tolstoi traça nas paginas do seu diario.

Aqui está um: “Eu tenho para mim que a vida que vemos em torno de nós é o movimento da materia, obedecendo a leis sabidas e invariaveis — ao passo que dentro de nós mesmos sentimentos existir uma lei que não tem afinidade alguma com aquellas. Pôde-se dizer que a esta lei interior é que nós devemos o conhecimento das leis exteriores. E’ a lei interior que forma o nosso verdadeiro *eu*. Nós somos invencivelmente levados a observar, cedo ou tarde, essa lei, e cumpril-a; precisamente nisso é que está a liberdade da nossa vontade, que consiste em realisar a profunda lei interior que é o nosso verdadeiro *eu* e que nós chamamos razão, consciencia, Deus... No conflicto entre estas leis, e na gradual victoria da mais elevada sobre as mais baixas, é quo está a vida da humanidade...”

Noutra pagina, encontramos este pensamento sobre o christianismo:

“A opinião mais geral sobre o christianismo, especialmente entre os novos sequazes de Nietzsche, é que elle implica a renuncia á dignidade individual e significa escravidão. Justamente o contrario. Em primei-

VARIÉDADES

OS DIARIOS DE TOLSTOI

Começaram a ser publicados em Moscow os diarios de Tolstoi, muito interessantes porque o escriptor

ro lugar, o verdadeiro christianismo exige a mais alta consciencia da dignidade propria: uma tremenda força e resolução. E' pois, precisamente o contrario. Os adoradores da força devem inclinar-se deante da propria força."

Sobre a tão discutida questão da não resistencia ao mal: "A não resistencia ao mal é importante não só porque o homem deve agir assim para realizar a perfeição do amor, como tambem porque só a não resistencia pôde pôr fim ao mal, absorvendo-o, neutralizando-o, exaurindo-o. A christianidade não consiste em crear activamente a christianidade, mas em absorver o mal."

Outro pensamento, desta vez sobre a mulher: "A mulher — e dizem-n'o tambem todas as lendas — é um instrumento do diabo. Em geral, ella é estúpida, mas, quando trabalha para o diabo, este lhe empresta a sua intelligencia. Observa-a: é maravilhosa de astucia e de tenacidade quando quer fazer qualquer abominação. Mas quando não se trata de abominação, ella não chega a comprehender a mais simples das coisas, não consegue vêr além do momento presente, nem tem paciencia nem resistencia — a menos que não se trate de crear e nutrir os filhos."

Tolstoi é cruel com as mulheres. Não o sigamos nessas paginas. Melhor é tornar ás philosophicas: "Sob os meus pés, a terra está gelada. Em torno, vejo arvores gigantescas. Sobre mim, o céu escuro. Sinto doer-me o cerebro. Penso em "Ressurreição". Conheço e comprehendo com todo o meu sêr, que a terra gelada, as arvores, o céu, o meu corpo, os meus pnesamentos, tudo isso é sómente um producto dos meus cinco sentidos, uma representação minha, um mundo construido por mim... Apenas screi morto, tudo isso não desaparecerá, mas mudará de aspecto como succede nas mutações da scena, num theatro.

A morte é alguma coisa como uma transformação scenica..."

GOETHE NAS TRINCHEIRAS

O sr. conselheiro de legação Goethe, que, sem ser jornalista, escrevia nos jornaes, teve certamente, durante o bombardeio de Verdun (1792) a primicia de uma visita ás trincheiras. No assedio de Moguncia, um anno mais tarde, elle renovou essas experiencias. Mas parecia, pela sua "Campanha de França", onde se não encontra referencia nenhuma a isso, — que elle tivesse ficado bem pouco impressionado. Entretanto, naquellas duas occasiões, a sua passagem entre os artilheiros prussianos foi assignalada por incidentes que o poeta não podia esquecer tão promptamente.

A primeira vez, sob Verdun, Goethe foi visitar uma das baterias occupadas em bombardear a cidade, acompanhado de um tenente de artilharia, addido como elle, á pessoa de Carlos Augusto Weimar. Esse joven official, pouco versado em litteratura, mas bom conhecedor do seu mister, tinha-se mostrado de certa forma contrariado ao receber a ordem de acompanhar o conselheiro de legação e dar-lhe todas as explicações que elle pedisse. Desde o dia do seu primeiro encontro em Treves, o tenente experimentára por Goethe uma antipathia instinctiva. "Dotado de um bello physico, escreve elle nas "Velhas notas diarias", publicadas em 1864, de estatura imponente, vestido com suprema elegancia, o sr. conselheiro tem o aspecto de um principe e não o de um simples burguez. Os seus modos são pretenciosos: quando abre a bocca, as palavras fluem dos seus labios tão bellas e tão bem torneadas que o auditorio tem a impressão de assistir a uma leitura.

Incontestavelmente, elle está convencido dos seus meritos.

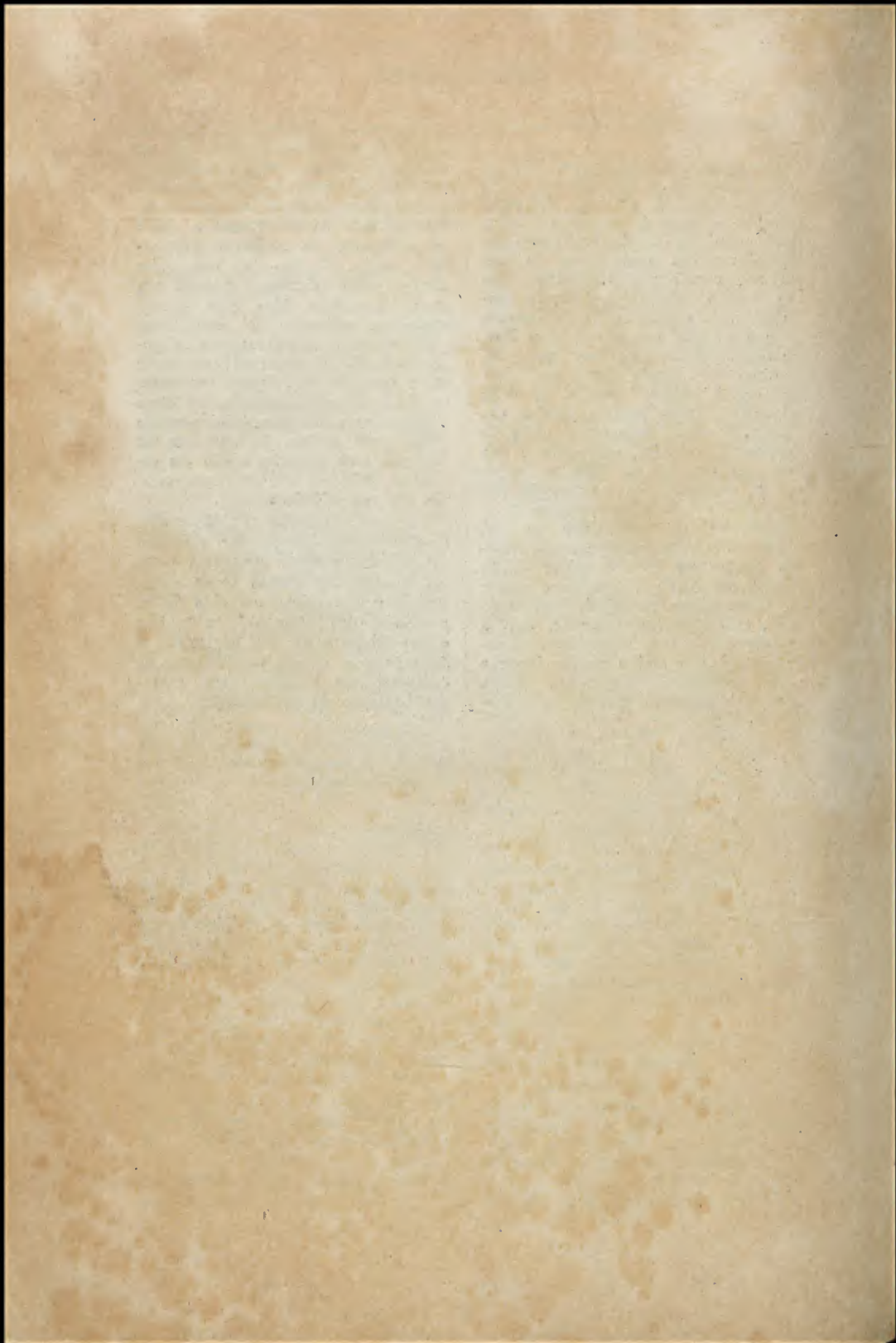
A' primeira vista, nota-se que elle foi estragado pelas homenagens e adulações. Elle escuta-se falar com visivel satisfacção, faz discursos a proposito de tudo, e apresenta argumentos sobre o que nada entende". Eis ahi o que pensava de Goethe o

tenente encarregado de acompanhá-lo.

Chegados deante de uma bateria, elle põem-se a conversar com o artilheiro que allí estava. O espectáculo do logar é horrível, ha lama, transportam-se alguns artilheiros feridos, um dos quaes geme de maneira a cortar a alma. Goethe tapa os ouvidos, tem a physionomia contrahida, mas examina com interesse o que succede em torno delle. Permanecem assim uma hora nas trincheiras e depois retomam o caminho. A' noite, depois da ceia, quando o duque reentra para a sua tenda, o poeta, voltando-se para as pessoas do sequito, narra-lhes o que viu nas trincheiras. Fala do serviço da artilharia, da construção das baterias e critica severamente tudo quanto viu. O companheiro que está ouvindo tambem, não hesita, em certo ponto, em interrompelo: "Não me queira mal por isto, caro senhor e illustrissimo conselheiro de legação, mas permitta dizer-lhe, com a franqueza caracteristica dos pomeranos, que o amigo parece ignorar este proverbio: "Sapateiro, cuida dos teus sapatos! Quando os senho-

res falam de theatro, de poesia, ou de outras questões literarias, nós os escutamos com o mais vivo prazer, sabendo que estão no seu elemento e que podem ensinar muitas coisas. Mas quando se aventuram a falar de artilharia, os senhores não sabem nada..." Isto fez com que Goethe empallidecesse, ficando um pouco interdito. Mas logo tornou, com certo espirito: "E' certo, disse elle ao seu contradictor, que os pomeranos são de uma franqueza temivel e que não se poderia accrescentar nada á sua grosseria: tive disso a prova, mas não guardarei nenhum rancor pelo senhor. A lição que me deu não será perdida, e não me occuparei mais em ensinar o seu officio aos srs. officiaes."

Durante o assedio de Moguncia, Goethe tornou a encontrar o mesmo official que commandava uma bateria e quiz, por varias vezes, penetrar nas trincheiras em dias diferentes, sempre occupando-se do tiro e das trajectorias dos projecteis, e fazendo ver ao seu contradictor de outr'ora, que, embora poeta, entendia bastante de mathematica...



AS CARICATURAS DO MEZ

MOMO RECLAMA



Momo — Oh!... senhores!... que zé pereira barulhento!

(“Caretá” — J. Carlos)

ESTHETICOS



- E' preciso mudar de aperitivo. O ether gelado com essencia de eucalyptus não me dá mais as sensações vibratorias que fazem trepidar a alma.
— Toma chá de sabugueiro com casquinhas de limão...

(“Correio Paulistano” — Raul)



“O vencedor” ou “O Principe dos Dollars”

(“Careta” — J. Carlos)

INDICADOR

DA

“REVISTA DO BRASIL”

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escripatorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', ALFREDO BAUER e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6. Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE. — Escripatorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escripatorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. *Condes*.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escripatorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR. — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Escrip.: Rua da Boa Vista n. 52—Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angelica, 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra o Munich. Ex-chefe de clinica cirurgica na Universidade de Genebra, assistente dos Hospitales de Berna e Genebra. Medico do Sanatorio de Tuberculosos de Leysin. Alta e pequena cirurgia. — Rua Libero Badaró, 181; Telephone 3.492, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Consult.: Rua Quintino Bocayuva, 4 (esq. R. Direita). Resid.: Rua Albuquerque Lins, 92. Telephone 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA. — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica *especialmente das crianças*. Resid.: Rua da Consolação, 62. Consultorio Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. Tratamento das urethrites chronicas, pelos methodos mais aperfeçoados. Urethroscopia interior e posterior. Cystecopia, catheise dos ureterios. electrolyse. Applicação do 606 e 914. Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA — *Donato Placino* — Emprega só fazendas estrangeiras — Rua do Tesouro, 3 — 1.º andar — S. Paulo.

CORRETORES:

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corrector Official—Escript.: Travessa do Commercio, 5 — Teleph. 323 — Resid.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL — JAYME PINTO NOVAES — R. S. Bento, 57. Caixa, 783 — Telephone 2738 — Compra e venda de apolices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc., etc. Rua S. Bento, 57 (baixos.

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Correctores officiaes — Escript.: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP.—Despachos nas alfandegas do Rio e Santos — Consignatarios e agentes de vapores e veleiros — Estivadores — Representações e commissões em geral. Agentes de companhias de seguros — Santos: Praça da Republica, 23. Tel. 258. Caixa, 107. — Rio: Rua Candelaria, 69. Tel. 3629. Caixa, 881.—S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. Tel. 381. Caixa, 135. Telegrammas: *Belli*.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO—Engenheiro-architecto—Rua 15 de Novembro, 36-A.

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Telegr. "DOSMAN"
Rua Boa Vista, 44 ————— SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

COSTA, CAMPOS & MALTA

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Installações Electricas, de Força e Luz, Telephonica, Telegraphia, Usinas Hydro-Electricas. Material do alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores, Motores, Transformadores, Medidores, Telephones. Fios e Cabos, isoladores, o Accessorios. Grande Deposito de Lampadas o material Electrico.

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os juizes, promotores e delogados de policia, 25\$000 por anno

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

CASA DE SAUDE

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,
Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director—Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e charino sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Calxa do Correlo, 12

S. PAULO

Telephone, 560



DEWAR'S WHISKY
"WHITE LABEL"

O melhor que a Escossia produz

"PERRIER"



A Champagne das Aguas de mesa

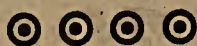


O INIMIGO DO ACIDO URICO

AS A BEVERAGE

"White Label" and **"Perrier"**

MAKE AN IDEAL COMBINATION



SOLE AGENTS: H. E. BOTT & Co.

WILSON, SONS & Co. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Electr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE etc.; FERRO
GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANI-
ZADO; FOLHAS DE FLANDRÊS E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E
TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS;
BARRO E TIJOLOS RÉFRACTARIOS, BARRILHA, etc.

AGENTES

da **Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIAN-
ÇA"** de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The
Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B.
White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd.
de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de
Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras mar-
cas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CA-
CHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val
de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de
Johnson Clapham & Morris - Manchester.

TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES

Para fallar com pronunciaçãõ perfeita, as linguas vivas — Inglez, Francez, Italiano, Hespanhol, Russo etc.

Tachygraphia — Pitman's system (Inglez) — em 3 mezes, escreve 100 palavras por minuto. Matricula, aberto dia e noite.

REGULAMENTOS GRATIS

RUA DIREITA, 8^A - 2.^º ANDAR

REVISTA JURÍDICA

PERIODICO MENSAL DE DOCTRINA - JURISPRUDENCIA - LEGISLAÇÃO

SOB A DIRECÇÃO DOS DRS. RODRIGO OCTAVIO

(ADVOGADO E CONSULTOR GERAL DA REPUBLICA)

— E —

PAULO DOMINGUES VIANNA

(ADVOGADO E MEMBRO DO INSTITUTO DOS ADVOGADOS)

Fasciculo 4\$000 - Assignatura annual 35\$000

FRANCISCO ALVES & C. - LIVREIROS EDITORES - RUA S. BENTO N. 65

CASA SANTOS

DEPOSITO DE VIDROS PARA VIORAÇAS E CLARABOIAS como Vidros de côres, Espelhos, Molduras, Papéis pintados, Oleographias, etc.

Encarrega-se da collocação de vidros tanto na Capital como no Interior do Estado

Antonio dos Santos & Comp.

TELEPHONE 2548

RUA LIBERO BADARÓ, 68 - S. PAULO



Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a Lavoura.**

Fabricamos: Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carriço "IDEAL" para movimento do café nos terciros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegalavel valor para o aperfeicoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietos, encerados e lonas, e tudo emfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:

Rua Lopes de Oliveira, 2

CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"

SÃO PAULO

Escritorio:

Rua da Boa Vista, 46

TELEPHONE N. 1180



ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

SUMMARIO do 1.º numero da "REVISTA DO BRASIL"

(25 de Janeiro de 1916)

REDACÇÃO	Revista do Brasil.
PEDRO LESSA, da Academia Brasileira	O preconceito das reformas constitu- cionais.
ADOLPHO PINTO.	O centenário da Independência.
L. P. BARRETTO	O último passo da cirurgia.
ALBERTO DE OLIVEIRA, da Academia Brasileira	A rima e o rythmo.
AMADEU AMARAL	O clogio da mediocridade.
VALDOMIRO SILVEIRA	Desespero de amor.
JOSÉ VERISSIMO, da Academia Brasi- leira	O modernismo.
VICTOR DA SILVA FREIRE	Factos e Idéas.

RESENHA DO MEZ — O código Civil Brasileiro, P. B. — *Movimento Literario*: — Lendas e tradições — Machado de Assis. — *Bellas Artes*: — Pintura e escultura, P. — *Revistas e Jornaes*: — As Revistas no Brasil; (A Semana) a nossa situação internacional. — As Revistas nos Estados Unidos. — Solidariedade commercial e de instituições das republicas do hemispherio occidental. — A alimentação das crianças nas escolas — Guerra ao alcool. — Os literatos italianos e a guerra. — O organisador da «triple-entente». — As mulheres japonezas e a politica. — Aphorismos. — As mentiras da «réclame», *Collaboradores da Revista do Brasil*. — *Sciencias e Artes*: — O telephone sem fios. — Automoveis amphibios. — A acustica das salas. — As cidades-jardins, X. — **As caricaturas do mez** (seis caricaturas reproduzidas).

SUMMARIO do 2.º numero

(25 de fevereiro de 1916)

MARIO DE ALENCAR, da Academia Brasileira	José Verissimo.
CARLOS DE CARVALHO.	Economia e fiança de S. Paulo.
PAULO R. PESTANA	A expansão da lavoura cafeleira de S. Paulo.
AMADEU AMARAL	O Brasil, terra de poetas.
VEIGA MIRANDA.	O Margarida (novella).
ARMANDO PRADO	Francisco Adolpho de Varnhagen.
E. ROQUETTE PINTO, do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro	Um Informante do Imperador Pedro II.
FLORIVALDO LINHARES	O "aprlori" na theoria criticista.
PLINIO BARRETO	Eduardo Prado e seus amigos (cartas ineditas).

RESENHA DO MEZ — Monologo, *Yorick* — José Verissimo — A «Atlantida», R. S. — Nacionalisação da arte, R. — Pintura, N. — Musica, F. — *Bibliographia*: — O Barão de Paranapiacaba — Victoriano dos Anjos — Questão orthographica — A embaixada brasileira em Portugal — As origens e o principio da carreira de Lloyd George — Guerrini-Stecchetti — Recordações de Verlaine — Rémy de Gourmont — Orientação social dos estudos universitarios — O direito e a psychologia — Os progressos da electrificação dos caminhos de ferro, L. — As propriedades therapeuticas do sapo — Como se deve estudar — A reconstituição das florestas — Odores humanos — **As caricaturas do mez** (seis caricaturas reproduzidas).

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor. Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua Alvares Penteado N. 14

SÃO PAULO

OFFICINAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

ANTONIO PRADO.	O "stock" bovino e a exportação de carne . . . 361
CARLOS DE CARVALHO.	Operações de cambio . . 367
HELIO LOBO. <small>do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro</small>	Sós na America. 379
JACOMINO DEFINE.	Lendas e mythos 386
MEDEIROS E ALBUQUERQUE. <small>da Academia Brasileira</small>	O meu amigo D. Juan . 393
JULIO CESAR DA SILVA.	Poesias 407
A. CARNEIRO LEÃO	Litterature brésilienne. . 412
VICTOR DA SILVA FREIRE	Factos e idéas 422
COLLABORADORES.	Resenha do mez. 442 <i>(Continúa na pagina seguinte)</i>

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 4 - ANNO I

VOL. I

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — As promessas do escotismo, *R. M.* — Arthur Orlando — Padre Julio Maria — Francisco Glycerio — Caricatura e pintura, *N.* — Musica, *F.* — Varnhagen e a sua obra — Brasil Historico — Credito agricola — Transformações do captiverio — O «tumulo da natureza» — O fim do mundo — Os microbios e a temperatura — Como se tem julgado a dança. — **As caricaturas do mez** (quatro caricaturas reproduzidas). — **Retratos:** Voltolino, Arthur Orlando, padre Julio Maria e Francisco Glycerio, por *Wasth Rodrigues*.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA

REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

ALFREDO PUJOL

SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 - TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



GRANDE HOTEL DA PAZ

Estabelecimento de primeira ordem. Ponto Central com oito linhas de bondes á porta, visinho ao Theatro Municipal e á cidade. O hotel é dirigido pelo proprio proprietario e sua senhora, que residem no estabelecimento. Predio novo e confortavel, um dos mais bellos edificios da cidade, com elevador, estando mobiliado com muito gosto e luxo. Diarias em excellentes quartos lindamente mobiliados: **88000 réls.** A's familias, fazem-se grandes abatimentos.

A cosinha é dirigida por um reputado profissional

PROPRIETARIO:

F. KOSUTA

Rua Barão de Itapetininga N. 60

Telephone N. 177 - SAO PAULO

Endereço Telegraphico: (HOTELPAZ)

.....
Fabrica de Moveis
Especiaes de - - -

João M. Llaverias



SÃO PAULO

Telephone N. 16-23

Rua Barão de

Itapetininga N. 58
.....

Casa fundada em 1895

PRAZO DEZ MEZES
JUROS MODICOS



Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8

Telephone N. 1195

End. Teleg.: EMISEL

SÃO PAULO

CASA EDITORA ITALIANA

Dr. Francisco Vallardi

MILANO

Filial de S. PAULO - Rua José Bonifacio, 34

Caixa, 582 - Telephone, 3679

OBRAS DE MEDICINA - DIREITO - VETERINARIA - ENGENHARIA
LITERATURA, ETC.

REVISTAS DE DIREITO - MEDICINA - LITERATURA

PREPARATORIOS

CORPO DOCENTE:

Professor LUIZ BASILE

Professor A. FERREIRA DAS NEVES

Professor J. CURCIO PALMIERI

Dr. J. C. FAIRBANKS, Engenheiro Civil

RUA DO SEMINARIO, 13

SÃO PAULO

Para admissão á Faculdade de Medicina, á Academia de Direito, á Escola Polytechnica, de Pharmacia, de Odontologia, de Obstetricia, de Commercio, á Escola Normal Primaria e Secundaria.

Sportsman Salão de Engraxates e Tabacaria

TRAVESSA DO COMMERCIO. 12.

Presentemente é o melhor Salão de engraxates que existe em S. Paulo

Casa de primeira ordem onde os dignissimos freguezes encontram: ordem, limpeza, hygiene e conforto e está em condições de servir bem o freguez por mais exigente que seja e para isto tem pessoal competente na arte, e emprega material de primeira ordem no serviço.

O mesmo salão tem Tabacaria onde se encontra uma exposição permanente de CHARUTOS e CIGARROS das melhores marcas. — O proprietario toma a liberdade de convidar-vos para uma visita ao mesmo para verificarem a verdade.

Desde já muito agradece.

ALVARO F. BURGOS

ALFAIATARIA

CASA ESPECIAL EM ROUPAS SOB MEDIDA
IMPORTAÇÃO DIRECTA de Fazendas Estrangeiras

Salvador Magliano

RUA BOA VISTA N. 24 - Sobr.

(Em frente ao HOTEL BELLA VISTA)

SÃO PAULO



Tinoco Machado & C.

Unicos vendedores, neste Estado, das superiores velas:

**Brasileira,
Ypiranga,
Paulista,
Colombo,
Bicho, Pequenas**

e demais productos da

"Companhia Luz

Stearica"

DO RIO DE JANEIRO

■ ■
■
R. Libero Badaró

N. 52

• **(1.º Andar)**



TELEPHONE

N. 3558



São Paulo

FIAÇÃO de ALGODÃO da SAUDE

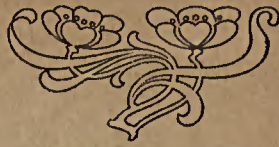
Pereira,
Esteino & C.

Praça Antonio Prado

N. 8

SOBRADO

SÃO PAULO



Fabrico especial de
fios de numeros 2 a

70, crús, tintos (de
qualquer côr), torci-
dos ou mercerizados
para malharia, ordu-
me e mais
aplicações
industriaes.



Joallerie ♦♦ Horlogerie ♦♦ Bijouterie
MAISON D'IMPORTATION
Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Mar-
bres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à PARIS — 50, RUE DROUOT, 30

CASA CONHECIDA
— DE —
Ramiro Tabacow & Cia.

☺ Vendem-se em prestações: MOVEIS e FAZENDAS, TAPEÇARIA, ☺

☺☺☺☺ ROUPAS FEITAS e ROUPAS BRANCAS ☺☺☺☺

Teleph., 65 - RUA IMMIGRANTES, 39 - S. PAULO

Secção: BOM RETIRO — Filial em TAUBATÉ

ALFAIATARIA SÁ PEREIRA

— de —

 **A. R. Bastos** 

MODAS E CONFEÇÕES PARA HOMENS

Telephone, 4295

RUA DE S. BENTO, 12-B (sobrado) - SÃO PAULO

(Proximo aos Quatro Cantos)

■■■ Agencia
de Bilhetes
de Loteria

TELEPHONE N. 4590

A PREFERIDA

Lopes & Fernandes

"BILHETES PELO CUSTO REAL"

Rua 15 de Novembro N. 50 ■ ■ SÃO PAULO

WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Telegr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO
GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANI-
ZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E
TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS;
BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

AGENTES

da **Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIAN-
ÇA"** de LONDRES (**Alliance Assurance Co. Ltd.**)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The
Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B.
White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd.
de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de
Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras mar-
cas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marea "CABEÇA DE CA-
CHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val
de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de
Johnson Clapham & Morris - Manchester.



O sabonete **AMYRIS** acha-se á venda em todas as boas casas e nos depositarios:

CASA LEBRE

BANQUE FRANÇAISE POUR LE BRÉSIL

SUCCURSAL DE SÃO PAULO, 34-A, RUA DE SÃO BENTO

O Banco accita depositos em conta corrente a taxas vantajosas; emite cheques ou saques sobre as principaes cidades do mundo e cartas de credito para viajantes, pagaveis no mundo inteiro.

Compra e vende notas de banco e moedas estrangeiras.

Encarrega-se da compra e venda de acções e obrigações e recebe em custodia titulos de toda a natureza.

Faz descontos e cobranças de titulos, cheques, facturas, recibos, mandatos e demais operações bancarias a condições vantajosas.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO - AGENTES DO BANCO DE ROMA - VALES POSTAES SOBRE ITALIA

Emittin-se vales postaes sobre todas as localidades da Italia.

CONTAS CORRENTES LIMITADAS

O Banco recebe depositos em Conta Corrente Limitada com a primeira entrada a partir de Rs. 50\$000 e o limite maximo de Rs. 10:000\$000, abonando juros de 4% ao anno capitalizados semestralmente, em 30 de Junho e 31 de Dezembro de cada anno.

As entradas subsequentes e as retiradas não poderão ser inferiores a Rs. 20\$000 excepto para liquidação da conta.

Esta Secção acha-se á disposição do publico todos os dins uteis, das 9 ás 17 horas exceptuando-se os Sabbados em que o Banco se fecha ás 13 horas.

Este horario facilita assim grandemente ás pessoas que não puderem occupar-se destas transacções durante a hora official da abertura e fechamento dos Bancos.

O "STOCK" BOVINO E A EXPORTAÇÃO DE CARNE

É questão de toda actualidade verificar se o *stock* bovino existente no paiz póde fornecer carne para exportação, na medida da procura do genero, sem prejuizo do desenvolvimento da pecuaria.

A exportação está sendo feita sómente pelos portos do Rio de Janeiro e de Santos e a carne provém de gado procedente dos campos de Matto Grosso, Goyaz e Paraná e das invernadas de Minas Geraes e de S. Paulo.

A quanto póde elevar-se a matança de bois dessa procedencia, feita pelos matadouros frigorificos e empresas que exploram a exportação do *stock* existente nestes Estados?

Para responder satisfactoriamente a esta interrogação seria preciso saber de quantas cabeças se compõe esse *stock* e qual é o consumo da carne.

Acceita-se, geralmente, como certo, que o rebanho bovino do Brasil conta mais de 30 milhões de cabeças, numero este que se diz resultar de uma estatistica mandada fazer pelo Ministerio da Agricultura. Consultando, porém, o relatorio dessa repartição, de 1913, ahi encontra-se apenas, a respeito, um quadro estatistico, publicado pelo Instituto Internacional de Roma, no qual o Brasil figura como possuidor de um *stock* bovino de 25 milhões de cabeças, com esta annotação:

"Na interessante monographia *Industria Pastoril* que o sr. Henrique Silva publicou em 1903, *O Brasil, suas riquezas naturaes, suas industrias*, o autor avalia a população bovina do nosso paiz, no minimo, em cerca de 30 milhões de cabeças, não sendo, deste modo, exaggerada a estimativa do Instituto de Roma."

Esta estimativa está hoje elevada, em documentos officiaes, a 30.750.000 cabeças.

O sr. Henrique Silva, no seu trabalho, avaliou o *stock*, em falta de dados estatísticos, pelo consumo geral da carne; tomando para base do seu calculo o consumo da cidade do Rio de Janeiro, por habitante e por anno, computou em 200 kilos o peso medio do gado existente, e, calculando que o consumo representa 20 % da criação, concluiu que o *stock* era de 17.500.000 cabeças, o qual podia ser elevado a mais de 30 milhões incluindo-se no seu calculo o augmento deduzido do consumo do xarque e de outros preparados da carne.

Este calculo, no qual se baseia a avaliação official do Ministerio da Agricultura, não é aceitavel, por varias razões: o consumo geral da carne, por habitante e por anno não pôde ser igualado ao consumo da cidade do Rio de Janeiro; o mesmo se dá com relação ao peso medio do animal, o qual, no Matadouro de Santa Cruz, que abastece a cidade do Rio de Janeiro, é de 230 kilos; em S. Paulo, é de 210 kilos, e não deve exceder de 150 kilos para todo o rebanho, inclusive vaccas e animaes de menos de dois annos de idade; a porcentagem de 20 % da criação para representar o consumo é arbitraria, não resulta de nenhum dado relativo ao consumo da carne no Brasil; finalmente do consumo do xarque e dos outros preparados de carne, não se pode absolutamente deduzir a elevação do *stock*, de 17.500.000 cabeças a mais de 30 milhões, porque grande parte desse consumo é de genero importado.

No Matadouro de Santa Cruz são abatidos annualmente cerca de 200.000 bois, com o peso medio de 230 kilos. O consumo de carne, portanto, é de 46 kilos, por habitante e por anno, computada a população em 1 milhão de habitantes. Assim, adoptando-se o processo de avaliação do sr. Henrique Silva, isto é, igualando ao consumo da capital o consumo geral da carne e aceitando como certo que o consumo representa 20 % da criação existente, obtem-se para o *stock* o numero de 22 milhões de cabeças, em vez de 17.500.000, numero esse que se elevaria a 34.500.000 cabeças, incluindo-se no calculo o consumo do xarque e dos outros preparados de carne, na mesma proporção com que esse elemento foi contemplado na avaliação do sr. Silva.

O *stock* clevar-se-ia ajuda a 46.230.000 cabeças dando-se ao rebanho o peso medio de 150 kilos por animal.

E' claro, portanto, que a avaliação do nosso *stock* bovino em 30.750.000 cabeças, resulta de um processo muito pouco accetivel para deduzir-se da sua conclusão a nossa capacidade exportadora de carne, sem prejuizo do desenvolvimento da pecuaria.

Para a investigação que fazemos, porém, o que interessa é verificar se a exportação que se está fazendo e pretende-se fazer pelos portos do Rio de Janeiro e de Santos desfalca ou não o *stock* bovino existente nos cinco Estados, a que nos temos referido, unicos fornecedores de gado para a actual exportação de carne.

* * *

Em falta de dados estatísticos, é preciso recorrer a processos de avaliação.

Segundo o processo adoptado pelo sr. Silva, e é o geralmente seguido, deve servir de base para o calculo a fazer, o consumo da carne, por habitante e por anno. Este consumo, na cidade de S. Paulo, cuja população é computada em 480.000 almas, é de 37 kilos. Dado o mesmo consumo para a população dos cinco Estados, 8 milhões de habitantes; considerando que este consumo deve corresponder a 20 % da criação existente e dando ao gado o peso medio de 210 kilos, que é o verificado no gado abatido na cidade de S. Paulo, acha-se para o consumo geral dos cinco Estados o numero de 1.480.000 cabeças e para o *stock* o de 7.500.000.

Ora, sabe-se que o numero de vaccas nos rebanhos é de cerca de metade, ou, para o nosso caso, de 3.700.000, das quaes sómente metade é de reproductoras, e, sendo a producção destas, segundo lei zootecnica, 60 % do seu numero, ou 1.080.000, segue-se, que, segundo o processo de avaliação do sr. Henrique Silva, sómente pela acção do consumo, o *stock* bovino nos cinco Estados soffre um desfalque de 400.000 cabeças por anno.

Calculando o consumo geral em 20 kilos, por habitante e por anno, e dando-se ao rebanho o peso medio de 150 kilos, o desfalque seria de 265.000 cabeças.

O consumo geral de 20 kilos, por habitante e por anno, não é exaggerado, attendendo-se a que nelle entra o consumo da cidade de S. Paulo, que é de 37 kilos, o da cidade de Santos, approximadamente o mesmo, e o das cidades paulistas e mineiras. Não é igualmente inaceitavel a porcentagem de 20 % da criação para o consumo, porque mais de 300.000 cabeças do *stock* existente em Matto Grosso são abatidas para consumo da cidade do Rio de Janeiro e nas xarqueadas daquelle Estado, situadas á margem do rio Paraguay preparadoras desse producto para exportação.

Se todos estes calculos para avaliação do nosso *stock* bovino não são aceitaveis, elles servem todavia para mostrar quanto é vaga a opinião que geralmente se faz a respeito da nossa capacidade exportadora de carne, tomando-se para base dessa opinião a avaliação de 30.750.000 cabeças.

Disto não se deve concluir que faltará gado aos Matadouros Frigorificos e empresas que exploram esse commercio.

Emquanto o preço do boi não tiver subido proporcionalmente ao crescimento do desfalque do *stock* e ao despovoamento dos campos de criação e das invernadas, as boiadas affluirão a esses estabelecimentos, porque os criadores e invernistas, de ordinario, se deixam influenciar mais pelos lucros de occasião do que pelas preocupações do futuro.

O que é certo, porém, é que a exportação de carne está exigindo uma nova orientação da parte dos poderes publicos com o fim de acautelar o futuro da nossa criação bovina, animando e protegendo a iniciativa particular dos criadores.

Infelizmente tudo quanto se tem feito a esse respeito, e é bem pouca coisa, sómente mesquinhos resultados tem produzido. Postos zootechnicos, estações de monta, policia sanitaria, são medidas complementares de um vasto plano de organização de serviço que precisa ser executado, custe o que custar.

A maior necessidade a attender actualmente é o augmento do *stock*, ameaçado de desfalque pelo crescimento do consumo interno, em desproporção com o augmento da producção e pelo desenvolvimento da exportação da carne.

Seria erro imperdoavel pensar na applicação de medidas restrictivas dessa exportação.



Qualquer providencia nesse sentido serviria sómente para attestar a nossa incapacidade para o aproveitamento das excepcionaes condições do nosso clima e da fertilidade das nossas terras para o desenvolvimento de uma industria que está prosperando em outros paizes menos favorecidos pela natureza.

Para animar o desenvolvimento da criação e evitar o perigo da diminuição do nosso rebanho, aggravado pela exportação da carne, a medida mais aconselhada é a importação de reproductores.

Mas, para que essa medida seja proveitosa é preciso executal-a com animo resolutivo, sem a preocupação de garantir o emprego do dinheiro.

O illustre secretario da Agricultura de S. Paulo abriu uma concorrência entre particulares para pedidos de importação de reproductores por intermedio do governo, mediante previo deposito no Thesouro do valor arbitrado para os reproductores, e de outras exigencias burocraticas. O illustre secretario, pondo em pratica a medida nessas condições, parece ter-se preocupado mais com a garantia do erario do que com o risco do mallogro da sua medida.

Se a centesima parte do colossal *deficit* orçamentario do Estado tivesse sido dispendida com a importação de reproductores, o grave problema do melhoramento e desenvolvimento da pecuaria paulista estaria resolvido ainda quando 50 % desses reproductores tivessem sido sacrificados pela tristeza.

Ha falta absoluta de reproductores creoulos e os que existem são, em geral, improprios para o fim a que se destinam.

Não quero renovar discussões passadas a respeito da preferencia que se deve dar ao processo do cruzamento sobre o da selecção para o melhoramento da nossa pecuaria bovina.

O momento não é de discutir, mas de agir. Se o governo julga conveniente empregar a selecção para obter esse melhoramento, procede muito bem; mas, se a sua acção limitar-se a isso, age desacertadamente, porque os resultados da selecção são lentos e de difficil obtenção.

Porque não seguir o exemplo de todos os paizes que têm procurado melhorar os seus rebanhos e que hoje occupam os primeiros lugares no quadro dos paizes fornecedores de carne ao consumo europeu?

Oxalá possa a dissonancia deste nosso grito de alarma chamar a attenção dos dirigentes da administração publica e dos criadores e invernistas para os perigos que o desenvolvimento da exportação de carne póde trazer para o futuro da nossa pecuaria bovina, se serias medidas não forem postas em pratica, com urgencia, para impedir o desfalque do nosso rebanho.

S. Paulo, 16 de Abril de 1916.

ANTONIO PRADO.



OPERAÇÕES DE CAMBIO

As pessoas que realisam compras ou vendas no exterior, ou ahi collocam fundos, pôdem, num dado momento, ser devedoras ou credoras de uma certa somma de moeda estrangeira. Para pagar o que devem ou receber o que lhes é devido têm essas pessoas de converter moeda do seu paiz em moeda de outro paiz ou moeda de outro paiz em moeda do seu. Tal é o objecto do cambio.

De um modo geral pôde-se dizer que a materia do cambio é o commercio dos effeitos estrangeiros, isto é, a compra e venda de titulos pagaveis em praças do exterior. HARTLEY nos dá a seguinte definição:

— Cambio quer dizer a compra e venda do dinheiro de outros paizes — operação que se realisa do mesmo modo que a compra e venda da maior parte das outras cousas.

Na technica bancaria e commercial tambem se designa pelo vocabulo cambio a taxa ou preço estabelecido para a compra e venda do dinheiro de outros paizes. Dahi as expressões: “o cambio subiu”, “o cambio desceu”, “o cambio está ao par”.

Vejamos como se fazem as operações de cambio.

I

CERTO E INCERTO

Todas as praças commerciaes affixam diariamente os preços dos effeitos pagaveis no estrangeiro, isto é, o preço ou taxa de conversão do dinheiro do paiz em moeda estrangeira e vice-versa. Diz-se que uma praça dá o “certo” quando a taxa de conversão é expressa em moeda de outro paiz. O que varia,

neste caso, é a quantidade de moeda estrangeira que se dá ou se recebe. As praças do Brasil, por exemplo, dão o certo, em suas operações de cambio sobre a Inglaterra, e recebem o incerto. Dão sempre, invariavelmente, 1\$000 por mais ou menos pence. Todas ellas affixam, portanto, em moeda ingleza a taxa de conversão. Quando as taxas de conversão são expressas em moeda estrangeira ellas são tanto mais favoraveis ao paiz quanto mais altas estejam — porque, dando o paiz uma quantidade certa do seu dinheiro, é claro que tem vantagem em receber a maior somma possivel de moedas de outro paiz. O cambio sobre a Inglaterra é, pois, tanto mais favoravel ao Brasil quanto mais alta esteja a taxa de conversão. Quando uma praça affixa o preço ou taxa de conversão em sua moeda, então se diz que ella dá o “incerto”. O que varia, neste caso, é a quantidade de moeda nacional que se dá ou se recebe. A quantidade de moeda estrangeira é sempre a mesma. As praças do Brasil dão o incerto á França, por exemplo. Dão mais ou menos réis por um franco. Para as praças que dão o incerto o cambio lhes é tanto mais favoravel quanto mais baixo estiver elle — porque, recebendo sempre uma quantidade fixa de moeda estrangeira, a operação lhes é tanto mais vantajosa quanto menos dinheiro seu fôr dado por ella. Daqui os seguintes principios:

Para o comprador de effeitos estrangeiros, nas praças que dão o certo, convem cambio alto. Para o vendedor convem cambio baixo.

Nas praças que dão o incerto, ao contrario, convem cambio baixo ao comprador e cambio alto ao vendedor.

II

VALOR AO PAR

O valor ao par de uma dada moeda é o seu valor expresso em moeda de um outro paiz — tendo-se em vista a quantidade de metal puro ou fino que cada uma dellas contém legalmente.

O valor ao par vem a ser, portanto, uma relação de peso, — e, pois, só ha paridade entre moedas feitas do mesmo metal. Para se determinar o valor ao par das moedas é preciso que nos lembremos sempre deste facto: só podemos comparar entre



si moedas de ouro, ou moedas de prata. Só ha relação entre pesos do ouro ou só entre pesos de prata — por exemplo. Não se póde estabelecer relação de peso entre o ouro, de um lado, e a prata de outro. O mundo commercial tem adoptado, nas suas transacções, o ouro por padrão monetario.

Para acharmos o valor ao par das moedas de ouro de que se serve o mundo commercial precisamos conhecer a quantidade de de ouro fino ou puro contido em cada moeda ou numa certa quantidade de moedas.

Vejamos, pois, a quantidade de moedas cunhadas em cada um dos paizes abaixo mencionados com um kilogrammo de ouro puro:

Inglaterra =	136,5675 £ est.
França =	3.444,444 francos
Hollanda =	1.653,44 florins
Allemanha =	2.790,00 marcos
Austria-Hungria =	3.280,00 coróas
Suecia, Noruegua e Dinamarca =	2.480,00 coróas
Russia =	1.291,60 rublos
Estados Unidos =	664,6144 dollars

Todas estas quantidades são eguaes entre si, pois que todas ellas são equivalentes a um kilogrammo de ouro puro. Si quizermos, portanto, achar o valor ao par de uma libra esterlina expresso em francos, devemos estabelecer as seguintes egualdades:

$$\begin{array}{r}
 136,5675 \text{ £ est.} \dots\dots\dots = 3.444,444 \text{ francos} \\
 \\
 1 \text{ £ est.} \dots\dots\dots = \frac{3.444,444}{136,5675} = 25,221
 \end{array}$$

Uma libra esterlina é, pois, exactamente igual a francos 25,221.

O quociente encontrado é o valor ao par do soberano ou libra esterlina em francos, tendo-se em vista a quantidade de ouro fino que contém legalmente o franco e a libra esterlina.

Podemos, agora, — comprehendido este ponto, — adduzir as principaes paridades monetarias:



I — INGLATERRA

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 136,5675 libras esterlinas.

1 £ est.	=	4,8666	dollars
" "	=	20,43	marcos
" "	=	25,22	francos
" "	=	12,107	florins
" "	=	9,4575	rublos
" "	=	24,02	corôas austriacas
" "	=	18,16	corôas escandinavas
" "	=	15,00	rupias
" "	=	9,765	yens

II — ESTADOS UNIDOS

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 664,6144 dollars.

1 dollar	=	49,316	pence
"	=	4,1979	marcos
"	=	5,1826	francos
"	=	2,4878	florins
"	=	1,9434	rublo
"	=	4,9351	corôas austriacas
"	=	3,7314	corôas escandinavas
"	=	3,0822	rupias
"	=	2,006	yens

III — ALLEMANHA

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 2.790 marcos.

1 marco	=	11,75	pence
"	=	0,2382	dollar
"	=	1,2345	franco
"	=	0,5926	florim
"	=	0,463	rublo
"	=	1,1756	corôa austriaca
"	=	0,888	corôa escandinava
"	=	0,7342	rupia
"	=	0,4778	yen

IV — FRANÇA

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 3.444,44 francos.

1 franco	=	9,516 pence
"	=	0,19295 dollar
"	=	0,81 marco
"	=	0,48 florim
"	=	0,3749 rublo
"	=	0,9522 corôa austriaca
"	=	0,72 corôa escandinava
"	=	0,5947 rupia
"	=	0,38706 yen

Como é sabido, a França, a Suissa, a Italia, a Belgica e a Grecia formam a união latina — e, pois, têm os seus systemas monetarios identicos. Applicam-se, portanto, tambem aos ultimos quatro paizes os algarismos que acabam de ser mencionados.

V — HOLLANDA

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 1.653,44 florins.

1 florin	=	19,82 pence
"	=	0,40195 dollar
"	=	1,6874 marco
"	=	2,0831 francos
"	=	0,7811 rublo
"	=	1,9837 corôa austriaca
"	=	1,499 corôa escandinava
"	=	1,2387 rupia
"	=	0,80639 yen

VI — RUSSIA

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 1.291,6 rublos.



1 rublo	=	25,37 pence
"	=	0,5145 dollar
"	=	2,1598 marcos
"	=	2,666 francos
"	=	1,28 florim
"	=	2,5391 corôas austriacas
"	=	1,9199 corôa escandinava
"	=	1,5856 rupia
"	=	1,032177 yen

VII — AUSTRIA-HUNGRIA

Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 3.280 corôas

1 corôa	=	10 pence
"	=	0,2026 dollar
"	=	0,8506 marco
"	=	1,05 franco
"	=	0,5041 florim
"	=	0,3938 rublo
"	=	0,75609 corôa escandinava
"	=	0,622 rupia
"	=	0,4065 yen

VIII — UNIÃO ESCANDINAVA

Formada pela Suecia, Noruega e Dinamarca. Com um kilogrammo de ouro puro cunham-se 2.480 corôas.

1 corôa	=	13,212 pence
"	=	0,2680 dollar
"	=	1,125 marco
"	=	1,388 franco
"	=	0,666 florim
"	=	0,5208 rublo
"	=	1,3225 corôa austriaca
"	=	0,8257 rupia
"	=	0,5376 yen



IX — INDIA INGLEZA

Com um kilogrammo de ouro puro emham-se 2.048,512 rupias.

1 rupia =	16 pence
" =	0,32443 dollar
" =	1,362 marco
" =	1,6813 franco
" =	0,8071 florim
" =	0,6305 rublo
" =	1,6013 corôa austriaca
" =	1,211 corôa escandinava
" =	0,651 yen

X — JAPÃO

Com um kilogrammo de ouro puro emham-se 1.333,333 yens.

1 yen =	24,576 pence
" =	0,4985 dollar
" =	2,0925 marcos
" =	2,5833 francos
" =	1,23959 florim
" =	0,9687 rublo
" =	2,46 corôas austriacas
" =	1,86 corôa escandinava
" =	1,536 rupia

III

GOLD-POINTS

Entre dois paizes de circulação normal as fluctuações do cambio têm um limite certo. A taxa de conversão nunca está ao par — mas afasta-se delle de modo insignificante. Quer dizer — os effeitos de commercio são negociados do seguinte modo:

Os bancos servem de intermediarios entre os que offerecem e os que procuram effeitos de commercio ou saques em moeda estrangeira.

Os vendedores de effeitos recebem pelos seus titulos o seu valor ao par menos as despezas de importação do ouro, — ao passo que os compradores pagam pelos effeitos de que necessitam o mesmo valor ao par mais as despezas da exportação do ouro. Os extremos a que pode descer ou subir o preço da moeda estrangeira são marcados pelas despezas da importação ou da exportação do ouro e chamam-se *gold-points*. Si a especulação tenta fazer sahir desses extremos o preço da moeda estrangeira, — nas operações entre dois paizes de circulação normal, effectivamente representada pelo ouro, — os effeitos deixam de ser negociados, substituindo-se as negociações pela importação ou pela exportação do ouro. Alguns exemplos farão comprehender melhor este ponto, aliás desconhecido de rarissimo leitor desta Revista.

Um negociante de Paris deve em Londres uma certa quantidade de libras esterlinas.

Ora, a libra esterlina, ao par, vale.....	25,221 fr.
As despezas de exportação de Paris para Londres são representadas por 1 1/2 por mil, ou sejam, em cada 25,221 fr.	0,037
	25,258

Quando o cambio estiver, pois, acima de 25,258 francos por £ esterlina, o negociante tem o recurso de remetter libras esterlinas. Dá-se, então, a effectiva remessa de numerario. Póde, porém, acontecer que o negociante não encontre libras esterlinas para remetter, — e, sim, ouro em barra.

O ouro em barra é comprado pelo Banco de Inglaterra á razão de 136,3485 libras esterlinas por 1 kilogrammo de metal puro ou fino, ao passo que em Paris é elle vendido, ordinariamente, pelo preço de 3.444,44 francos por kilogrammo de metal puro, o que dá a seguinte egualdade:

$$1 \text{ £ est. } \dots\dots\dots = \frac{3.444,44}{136,3485} = 25,262 \text{ fr.}$$



Mais as despesas da exportação do ouro á razão de 1 1|2 por mil 0,038
 1 £ est. = 25,30

Si o cambio subir além de 25,30 fr. por £ est. o negociante exportará para Londres ouro em barra, — mas, si não encontrar ouro em barra, — e desde que a França tenha a sua circulação normal, — ha ainda o recurso da remessa effectiva de moeda franceza.

O Banco de Inglaterra compra moedas de 20 francos á razão de 122,7755 libras esterlinas por kilogrammo de moedas. Para fazer um kilogrammo são necessarias 155 moedas ou sejam $155 \times 20 = 2.100$ francos, — o que dá as seguintes egualdades:

$$122,7755 \text{ £ est.} = 3.100 \text{ francos}$$

$$1 \text{ £ est.} = \frac{3.100}{122,7755} = 25,249 \text{ francos}$$

Mais as despesas de exportação a 1 1|2 por mil 0,038
 1 £ est. = 25,287 francos

Si o cambio subir além de 25,287 fr. por £ est. o negociante fará remessa de moedas francezas de 20 francos e deixará de comprar ao banqueiro o effecto sobre Londres.

Estes exemplos, apresentados e discutidos por ARNAU-NE', tornam perfeitamente comprehensivel o enunciado:

O cambio varia dentro de um determinado limite, — muito insignificante, — entre dois paizes de circulação normal — isto é, entre dois paizes em que o ouro circula effectivamente.

Podemos discutir o caso contrario, isto é, o caso do negociante de Paris ser credor de Londres — caso em que terá elle de vender saques sobre aquella praça. Si o cambio de Paris sobre Londres descer abaixo de um certo ponto, deixará o negociante francez de vender o seu credito e dará ordem a Londres que lhe remetta libras esterlinas ou ouro em barra — o qual será immediatamente comprado pelo Banco de França ou pela Casa da Moeda — em condições taes que o valor entre



a libra esterlina e o franco será o valor ao par menos as despesas da importação do ouro.

Entre paizes que não têm circulação normal, ou entre um paiz de circulação normal e outro sem essa circulação — não ha *gold-points*. O cambio torna-se erratico. As suas altas e as suas baixas não têm limite e são imprevistas. O ouro, nos paizes em que circula papel-moeda, o qual não pôde ser immediatamente e indiscutivelmente convertido naquelle metal, fica sujeito ás leis da offerta e da procura. O seu valor, expresso em papel, varia constantemente, sem nenhum limite, ora subindo, ora descendo, tornando impossivel, por este modo, o conhecimento exacto de uma taxa certa de liquidação futura. O commercio é dominado pela incerteza.

Quando ha muita procura de ouro, o preço dos effeitos pagaveis no estrangeiro sobe, — e quando ha muita offerta — esse preço desce. A procura e a offerta de ouro são, de ordinario, motivadas por transacções legitimas, — mas tambem a especulação dá origem, muitas vezes, a uma grande offerta ou uma grande procura. E então a baixa e a alta do cambio se subordinam ao jogo, á especulação.

Quando o preço dos effeitos estrangeiros, num dado paiz, sae fóra dos *gold-points*, pôde-se affirmar, immediatamente, que deixou de ser normal a circulação desse paiz. O papel, que nelle circula, não pôde ser imediatamente e indiscutivelmente convertido em ouro — e, por isso, os compradores e vendedores de effeitos são obrigados a receber ou pagar em papel o preço que os banqueiros quizerem estabelecer.

IV

AGIO DO OURO - DEPRECIAÇÃO DO PAPEL

A Inglaterra, com o seu admiravel systema bancario, é o unico paiz do mundo onde o portador de uma nota pôde convertel-a immediatamente, indiscutivelmente, em ouro. O papel francez, por exemplo, emittido pelo Banco de França, pôde ser convertido em ouro ou em prata, á opção do banco, — e, sempre que é preciso, o grande estabelecimento se utiliza desta faculdade resgatando a sua emissão por meio de moedas de prata de cinco francos — cuja cunhagem está suspen-



sa ha muito, é verdade, mas cujo poder liberatorio, segundo a lei monetaria franceza, é illimitado para as que se acham em circulação. A França é um paiz bimetallista. A Allemanha, theoreticamente, tem uma excellente circulação. As cedulas ou notas do Reichsbank devem ser pagas em ouro. A verdade, porém, é que na pratica a conversão não se faz com facilidade — immediatamente e indiscutivelmente. O Reichsbank sabe defender o metal precioso — e a prova disto é que a taxa do cambio sobe ás vezes em Berlim acima do extremo marcado pela despeza da exportação do ouro. O mesmo se dá em quasi todos os demais paizes europeus. Nos Estados Unidos ha muito dinheiro conversivel — mas nem todo o papel que alli circula pôde ser immediatamente e indiscutivelmente convertido em ouro. Ha tambem muito papel inconversivel e, além disso, o dollar de prata, como a moeda de cinco francos na França, tem poder liberatorio illimitado. Nos Estados Unidos circulam certificados de ouro — mas estes certificados, como se comprehende, são cuidadosamente guardados pelos banqueiros. De modo que o dinheiro americano pôde-se dizer que é conversivel á vontade dos banqueiros — os quaes, quando julgam necessario, defendem o ouro, impedindo-lhe a sahida. Ha outros paizes que têm o systema monometallico ouro só no papel em que a lei foi impressa... O Brasil está nesta categoria.

A praça de Londres, — porque alli o papel e a prata podem ser immediatamente e indiscutivelmente convertidos em ouro, á vontade do portador, — é o grande mercado monetario regulador do preço do ouro. Quando se quer comparar o valor do dinheiro de uma nação qualquer é necessario estudar a sua taxa de cambio sobre Londres. E' por meio deste estudo que se chega a saber si o papel de um paiz está ou não desvalorizado.

No Brasil o peso de metal puro de 10\$000 em ouro são 8,2177917 gr. A libra esterlina tem de ouro fino ou puro 7,3223828 gr. Estes algarismos fazem com que:

$$1\$000 \text{ ouro} = 26,935 \text{ pence}$$

Na pratica esta egualdade foi modificada para:

$$1\$000 \text{ ouro} = 27 \text{ pence}$$

O cambio ao par, entre o Brasil e a Inglaterra, é marcado, portanto, pela taxa de 27 pence.

Como o ouro só existe no papel em que a lei monetaria foi impressa — a taxa cambial aqui salta continuamente de um ponto a outro — para cima ou para baixo. Deste modo — o papel ora vale mais, ora vale menos, comparado com o padrão ouro — cujo valor, em relação á libra esterlina, é sempre o mesmo: 1\$000 = 27 pence.

Quando o cambio está a 16, por exemplo — quer dizer que o nosso 1\$000 papel vale 16 pence. Em cada 27, que devia receber, o Brasil perde, portanto, 11 pence. A desvalorisação do papel é encontrada, neste caso, por meio do seguinte problema:

— Si em cada 27 se perdem 11, quantos por cento se perdem?

$$\text{Desvalorisação} = \frac{11 \times 100}{27} = 40,70 \text{ \%}$$

Ao cambio de 16, cada 100\$000 em papel valem apenas 59\$300 do padrão ouro. O valor destes 59\$300, em ouro, será sempre o mesmo relativamente á libra esterlina. Cada 1\$000 ouro dará invariavelmente 27 pence. O que variou foi o valor do papel — que ficou reduzido de 40,70 %.

O ouro está valendo mais do que o papel. Está com agio. O agio se encontra por meio do seguinte problema:

— Si em cada 16 ha o agio de 11, de quanto por cento é o agio do ouro?

$$\text{Agio} = \frac{11 \times 100}{16} = 68,75 \text{ \%}$$

Quer dizer: cada 100\$000 ouro valem 168\$750 em papel.

Veremos no proximo numero como se acha o agio do ouro e a desvalorisação do papel dos outros paizes.

CARLOS DE CARVALHO.



SÓS NA AMERICA

(EXCERPTO)

Tudo concorria, naquelle anno de 1864, para deixar o Imperio do Brasil só na America.

A desconfiança vinha de longe, quando portuguezes e hespanhóes, prolongando as rivalidades da peninsula, aqui testilhavam de suas posses territoriaes.

Relembra-l-o seria escrever a historia mesma da colonia. E' uma perpetua defensiva a de nossa vida, seja contra o avango do lindeiro cobiçoso, seja para aparar a surpresa do oceano.

Se no Pacifico ella se resumiu, feita nossa independencia, em continuada desconfiança, para os lados do sul tornou-se disputa permanente.

Varias causas concorriam para isso.

“Por sua organização monarchica unica no continente, escreveu-se, pela ligação da familia real á casa d'Austria (inspiradora com Metternich da Santa Alliança), sobretudo pelas rivalidades de raça que isolaram no novo mundo a “variante portugueza”, ainda mais suspeita se fazia a politica brasileira em meio de uma dezena de republicas inexperientes, vencidas de dissensões, em lucta permanente com o caudilhismo e as pretensões territoriaes dos visinhos.” (1).

A abstenção brasileira no movimento pan-americano constituiu uma das primeiras razões do libello.

E' sabido como, atropeladas pelo receio da reconquista, idearam as jovens republicas da America o laço commum que

(1) Vêr Helio Lobo, “De Monroe a Rio Branco”, Rio de Janeiro, 1912, pag. 148.



as poria a salvo de qualquer aggressão externa. Panamá, Mexico, Lima, são tentativas que falham, deixando evidente má vontade contra a abstenção imperial.

Esta, entretanto, se justificava da melhor maneira. "Tanto quanto visaram o estabelecimento de ligas e confederações, já foi dito, conservou-se retrahido o Brasil; e apenas inauguraram uma phase de aproveitamento continental prestou seu concurso efficaz."

A historia de taes congressos o prova hoje de modo inequivoco. Dos planos de Simão Bolivar, que tencionava trazer ao coração do Brasil suas hostes victoriosas para d'elle extirpar a "planta exotica", aos impulsos do Pacifico culminando no protesto solenne que nos mandou em favor do Paraguay, ha uma longa successão de factos, que não fôra de relembrar. (2)

Na lucta de interesses em que se debatiam os novos paizes cumpria ter cautela para achar rota segura. Ao conceito exclusivamente americano devia oppor-se outro, para o qual não podia constituir objecto de desprezo, senão de sympathia, a ajuda européa. Della é que nos advinha tudo: Preciso era combinar os elementos, o novo, representado no desenvolvimento das colonias emancipadas, e o velho trazido para nós dos portos de além mar.

Se, mesmo, entre nós, constituiu o retrahimento brasileiro motivo de censura, que se diria da palavra conterrauea, sempre disposta a achar razões de queixa?

"O grande erro de nosso Governo em relação á politica externa, dirá na Camara, a 16 de Agosto de 1867, o deputado Macedo, tem sido até hoje o sacrificio da America á Europa... E' só na America que podemos e devemos ter politica externa propriamente dita." A palavra de Felicio dos Santos vai tocar o mesmo assumpto (25 de Junho de 1868): "Todo nosso systema de politica internacional consiste em afastamento obstinado da America e imitação servil da Europa."

A *imitação servil* é que, entretanto, nos daria, sem contestação, uma linha segura de procedimento internacional. Longos annos vão proval-o. A's palavras do ministro Aureliano Couti-

(2) Consultar para pormenores Helio Lobo, "Brasil, Terra Chara...", Rio de Janeiro, 1913, pag. 7.



nho, em 5 de Outubro de 1840, oppondo-se ao systema de “vedar commercio ás nações européas fortes” não podia caber melhor commentario que esta profissão de fé panamericana, depurada de exaggeros que sobrelevou afinal nesta parte do mundo. “A politica internacional, escreveu com admiravel concisão o Presidente Saenz Peña, a 12 de Outubro de 1910, assumindo o poder em seu paiz, vós a conheceis... Será de amizade para a Europa e de fraternidade para a America. Participo do conceito panamericano enquanto elle significar o respeito inatacavel das soberanias, a concordia e amizade entre todos os Estados do continente, sem excluir os reciprocos concursos que consultem nosso desenvolvimento economico.”

De outro lado, não supportava este continente de democracias a existencia de uma cabeça real em seu seio.

Podia a pratica provar que na nossa eram maiores as franquias da liberdade que nas terras vizinhas. Democracia coroada vai ser seu nome. Mas isso é nada em relação á força do preconceito, que nos isolava. Preciso era conter os vãos da aguia imperial, segundo a linguagem official do tempo. “Todas as grandes autoridades do dogma americano, — Bolivar, Sucre, Rivadavia, Alvear, — escreveu-se, viram a mais completa incompatibilidade entre os destinos republicanos e democraticos da revolução americana, e a presença de um throno no Brasil...” (3) “Tema o Brasil, imperio circundado de republicas com as quaes vive em pleito por causa de limites, (disse *A Republica* num periodo agudo de nossa politica no Sul), que as questões platinas não se convertam em questões americanas, e que um movimento geral nesta parte do continente realise a feição delineada por Bolivar e cale no coração do Imperio para proclamar os direitos da Republica, repellindo para o outro lado do Atlantico a corôa dos Braganças e proscrevendo, para todo o sempre, do solo da America livre a realza que alli se levanta qual atalaia da vetusta Europa e que se estende aos nossos dominios á semelhança do braço comminante da con-

(3) Oneto y Viana, “La diplomácia del Brasil en el Rio de la Plata”, Montevideo, 1913, pag. 271.

quista estrangeira.” (4) “Nação americana que tão essencialmente differe em suas formas politicas das demais nações deste continente (escreveu do Imperio a Confederação Argentina, ao tempo da missão Pedro Ferreira no Paraguay), circumstancia que, unida a outras muitas, sublevam temores e inquietações na opinião, que nenhum governo sério e representativo deve desatender...” (5)

Formou o terceiro motivo de queixa a navegação fluvial, que o Brasil, como ribeirinho, fez sempre depender de amuência sua.

Se a questão, sobretudo com respeito ao Amazonas, chegou até nossos dias, que seria áquellas épocas recuadas, em que por todos os meios se buscava romper a tradição imperial? A voz accusadora entrava mesmo pelas nossas raias a dentro, insistindo por medidas que felizmente jámais se executaram.

(4) Vêr Helio Lobo, “Antes da Guerra” (A missão Saraiva ou os preliminares do conflicto com o Paraguay), Rio de Janeiro, 1914, pag. 20.

(5) Pereira Pinto, “Collecção completa de tratados”, Rio de Janeiro, 1866, III, pag. 447, Nota. — Em 23 de Julho de 1870 dirá no Senado o Barão de Cotegipe, ministro dos negocios estrangeiros: “O Senado não ignora que, em consequencia das constantes guerras, do antagonismo secular da nação hespanhola com a nação portugueza, suas colonias, o Brasil e a America Hespanhola, participaram sempre na America, assim como as questões da America repercutiam na Europa, de sorte que as guerras se reproduziam, quer oriundas da America, quer oriundas da Europa. Por mais de dois seculos as colonias portuguezas e as colonias hespanholas viveram em continua lucta. Quando a lucta não era patente e formal, era a lucta dos exploradores por esses sertões do Amazonas, do Madeira, e de outras fronteiras. Era a lucta do paulista que se ia encontrar com o boliviano. Era a lucta do que subia o Amazonas que se ia encontrar com o peruano... E’ pois esse o motivo essencial da antipathia que não podia desaparecer de momento. Este motivo tem actuado mais nas republicas visinhas do que sobre nós porque, seja dito em abono da verdade, no Brasil não ha semelhante antipathia contra a raça hespanhola, hoje dominante na America. Mas, ao inverso, em algumas dessas republicas, ou por menos civilisadas, ou mesmo por causa de suas instituições republicanas, é um meio de ganhar popularidade mostrar-se receloso do Imperio e ameaçar-nos sempre com a propaganda republicana.”

“O direito de navegar por transito como ribeirinho, orava na Camara o Deputado Tavares Bastos (17 de Maio de 1862), é anterior a qualquer tractado, é pleno e direito”. A escola conservadora pôz, no rebater a these perigosa, uma linha de impecavel continuidade. E se os interesses permanentes do Imperio ll’á agradeceram, nem por isso amorteceu lá fóra a palavra cada vez mais descontente.

Aggravava ainda mais a situação o caso da escravaria, que o Brasil mantinha em contraste com as irmans contiinentaes. “Imperio escravocrata” é o que se depara a cada passo no livro de propaganda, na voz da gazeta enraivecida. “Cada dia mais me convenço, orou a 14 de Julho de 1870 na camara o Visconde do Rio Brnco, presidente do Conselho, que uma das principaes causas, senão a mais influente das antipathias, odios, prevenções e algumas vezes até desdem com que somos vistos nos estados sul-americanos, nasce de uma falsa apreciação sobre o Brasil em consequencia do elemento servil.” Na Sala dos Representantes, ao estalar a ira portenha de Rosas contra o Imperio, se ouviu que chegado fóra “o momento de arrancar de uma vez do Brasil a monarchia que constituía uma planta exotica repellida pela terra da America, e de promover no Imperio a democracia e a sublevação dos escravos”. E a isso mesmo quer referir-se a *Nación Argentina* quando, em seu numero de 28 de Maio de 1865, vai commentar o projecto Jequitinhonha: “Os que se têm empenhado em corromper as idéas no Rio da Prata, anathematisando a politica do Brasil por causa da chaga dos seus costumes, terão agora oportunidade de persuadir-se de que naquelle paiz se inicia o estabelecimento da logica entre ambos, cuja separação não podia ser eterna quando os povos têm vida e tendencias progressistas.”

Por ultimo, a questão limitrophe, suscitando dúvidas, punha de resguardo as administrações visinhas. Tinhamos pendencias com quasi todas, e nossa norma era uma só. Se mais tarde se nos vai fazer justiça, negando-se ao Brasil quaesquer intuitos ambiciosos, áquelle tempo a queixa estava em todos os labios, attribuindo-nos os mais desmarcados intuitos de avanço territorial. Base de nossa acção foi o *uti possidetis* ao tempo da emancipação, e o mantivemos sempre, para nossa maior garantia territorial.

Folhetos de propaganda, vozes sentimentaes, palavras de governos interessados, nada nos desviou, embora aqui dentro uma ou outra voz autorisada se fizesse éco do côro panamericano. Celebre ficou o debate a que assistiu o Senado a 12 de Julho de 1870, em que Nabuco de Araujo e o Barão de Cotegipe representam as duas correntes. Nabuco de Araujo passando em revista os movimentos do Pacifico contra nós, de que certa memoria official na Colombia não escondia as arestas mais asperas, appellou para o paiz, sem vêr que só a admiravel linha de procedimento que vinha mantendo era capaz de assegurar a integridade do seu magnifico territorio.

“Eu vejo na memoria de que vos fallei, disse então, como synthese das queixas contra o Brasil, esta que vou dizer-vos: essas republicas querem para base dos seus tractados o *uti possidetis* que ellas chamam legal, isto é, fundado nos tractados da corôa de Portugal com a corôa de Hespanha, e o Brasil quer para base essencial dos seus tractados o *uti possidetis* fundado na occupação. Não se pôde nessa materia seguir absolutamente um principio, porque qualquer principio deve variar, conforme as circumstancias individuas de cada um dos Estados. E, sem duvida, se queremos um principio absoluto devemos reconsiderar a nossa politica, porque será inutil querer tractados... A minha opinião, pois, se resume em que não tenhamos um principio absoluto para os tractados com os nossos visinhos. O que desejo é uma politica larga sem principios absolutos, com o animo de transacção. Temos uma superficie tão vasta, que podemos sem duvida fazer a concessão de terrenos desertos, alagadiços, incultos, que não nos servem, mas que podem servir muito aos nossos visinhos.”

Assim versada no interior, bem pôde calcular-se como andaria na bocca limitrophe a determinação fronteiriça. Mais tarde, em 1872, ella assume character ameaçador. E' quando vamos liquidar com a Argentina os limites paraguayos. “Além disso, escreve o Ministro Tejedor, a 27 de Abril, mantém o Brasil com todas as republicas hespanholas, que o cercam como uma cinta de um extremo a outro do Imperio difficuldades sobre limites que não conseguiu até aqui aplanar, e se as ha aplanado em alguma parte, tem sido sublevando os odios das republicas interessadas.”

“Nossas fronteiras, redarguiu o Ministro Correia a 20 de Junho seguinte, já estão em geral assignaladas por tractados obtidos pela discussão e pela força do direito. Se as discussões dessa natureza são difficeis de estudar, e por isso encontram entre todos os povos preocupações e duvidas, nem por isso é exacto que nossos ajustes de limites sublevassem os odios das republicas interessadas. O tempo tem revelado e vai revelando de dia em dia que os Estados que cercam o Brasil não têm outro visinho mais pacifico nem melhor visinho”.

Só o tempo, na sua eloquencia tranquilla, ia em verdade demonstrar os extremos de nossa indole pacifica e bôa. Mas podia-se acaso argumentar assim quando a força do preconceito se expandia tão livremente contra os intuitos do governo Imperial?

HELIO LOBO.



LENDAS E MYTHOS

Desde a mais remota antiguidade as lendas e os mythos foram colleccionados e transmittidos aos posteros nos grandes poemas da humanidade, e a poesia da Grecia e de Roma não era sinão o lavar e o afeiçãoar dessa materia-prima rica, varia, immensa, que é como o patrimonio poetico e sagrado de todos os povos. Si por um lado esses symbolos se prendem ao mundo sobrenatural e religioso, por outro elles têm um fundo social, artistico e psychologico, de um valor inestimavel.

Houve, nesse assumpto, desde a éra pre-christã, tentativas de analyse e de synthese, que pouco adiantaram. O estudo seientifico, porém, dessas interessantissimas creações humanas é relativamente recente. A' nova luz das theorias darwinianas e spencerianas, houve um alargar-se e um aprofundar-se na maneira de encarar esses problemas da psychologia collectiva.

Pouco a pouco o methodo e a acuidade dos verdadeiros observadores, o concurso da anthropologia, da ethnographia, da philologia, da psychologia, da mythologia comparada, veio descobrir e aproveitar as maravilhas dessa terra encantadora e mysteriosa.

Mas o penetrar da sciencia nem sempre foi favoravel á justa interpretação dos factos e das causas. As theorias, esses moldes estreitos que querem conter tudo, essa philloxera imponderavel e damninha, que carcome e estraga a estrutura da planta em que se parasita, muita vez tentou estiolar o viço livre e luxuriante da fabula.

Assim veio a theoria solar. Tudo era o sol. Sob os mais differentes nomes e aspectos, nas figurações mais longinquas e antinomicas, via-se a celebração do astro-rei, da força deslumbrante que aquece e illumina, que maravilha e conforta, que



retempera o homem e afugenta as feras, as trevas e as insidias circumstantes. Apollo, Bacho, Christo, Ormuzd, Indra, Hercules, Sansão, o rei Artú, não eram mais do que o symbolo do sol. A Iliada mesma não era mais do que um mytho solar, e o assedio de Troya, uma vingança do sol contra o occidente que lhe rouba o esplendor e a força, ao fim de cada dia.

Um dos "solaristas" chegou mesmo a provar que Napoleão era um mytho solar, e os doze marechaes, os doze signos do zodiaco!

O mytho é um symbolo, uma figuração das forças physicas ou moraes do mundo, uma intuição e uma interpretação da alma humana em face do mysterio das coisas. "E' um symbolo sublime", diz Nietzsche. A's vezes não é sublime, mas é quasi sempre poetico, profundo, revelador da alma que o concebe e elabora.

Lendas e mythos quasi que se confundem.

O mytho é um symbolo fundamental, tem um significado mais alto e religioso, abrange uma verdade mais geral e grandiosa.

A lenda póde ser apenas um floreio, uma derivação do mytho, um episodio á parte de imaginação do homem, mas, pela belleza, verdade e philosophia geral que encerra, pode constituir um verdadeiro mytho.

Como se vê, em certos casos a differença é difficil de dizer ou é nenhuma. Nem mesmo o criterio da época ou do assumpto podem servir de guia.

Indra, Apollo, Baccho, Pan, Prometheu, são mythos. Orpheu, Oedipo, Psyché, Don Juan, o Fausto, o Judeu Errante, a Canção de Rolando, são ao mesmo tempo lendas e mythos. As tradições symbolicas dos selvagens, as suas rudimentares concepções theologicas e cosmogonicas, são chamadas commumente lendas.

Eis o que diz Michaud D'Humiac:

"No dominio da Tradição, poder-se-ia dizer que a Razão tem a seu cargo observar, verificar, registrar os feitos e as descobertas da Humanidade — quer dizer, a sua Historia — emquanto que a Imaginação desempenha o papel da elaboração, da transmissão e da transformação successiva dos Mythos e das Fabulas, agrupadas geralmente sob o nome de Lendas.

De facto, o que se entende por Lendas?

Pode dizer-se que as Lendas são as Ficções creadas pela imaginação collectiva dos homens e que tomaram uma forma bastante seductora, pela sua riqueza de poesia ou pelo seu symbolismo, para serem conservadas pela Tradição.”

O facto é que o mytho, isto é, a idéa contida na representação, o conceito divino ou philosophico envolvido na fabula, que é o que mais nos interessa, acaba absorvendo e dominando as classificações mais ou menos artificiaes, e dando o seu nome e a sua importancia a essas varias elaborações da mente da humanidade, em que elle se manifesta.

A historia do peccado original, por exemplo, é uma lenda e um mytho, e que admiravel mytho!

Muitas explicações se têm dado delle, mas só ha pouco é que se começou a entrever toda a sua esplendida e temerosa verdade:

Eis o homem innocente e puro; tem a divina ignorancia; nada sabe do bem e do mal; — mas o fructo corruptor o envenena; cil-o para sempre infeliz, inquieto, desgraçado; quer saber e nada sabe; e quanto mais sonda e indaga, mais se emmanha e perde no labyrintho de si mesmo e do mundo; os males, a corrupção, vão-se perpetuando de paes a filhos, de geração em geração; a dôr, o trabalho, a miseria, são o seu quinhão certo, a sua herança inevitavel; só a renuncia das pompas, das vaidades, dos bens mentirosos, só a caridade e o amor podem salvá-lo, reconduzindo-o á doce, pura e santa simplicidade e ignorancia antiga.

Embora queiramos negar a revelação celeste, não ha ahi uma revelação interior, uma maravilhosa intuição, uma estu-penda synthese da historia da humanidade e dos destinos do homem sobre a terra?

Mas volvamos os olhos para os albores do mytho. Como nasceu o mytho no homem primitivo?

O medo e a maravilha foram os primeiros companheiros do homem. Diante dos phenomenos naturaes, elle sentiu-se fragil, humilde, deslumbrado. Por um mecanismo natural da sua psyche, emprestou uma vontade e uma vida ao sol, á lua, ás estrellas, ao relampago, ao trovão, personalizou-os, e, temendo-os e admirando-os, divinizou-os.



Foi o começo dos mythos.

E' o que vemos entre os selvagens. A seu modo elles voam, explicam, endeusam a natureza. Pouco a pouco, associando factos e apparencias, julgam descobrir as causas secretas das coisas. Tudo para elles é vivo, dotado de vontade e de paixões como os homens, contém uma psyche elementar e obscura como a delles.

O temporal é uma batalha, o trovão o mugido de um monstro, o relampago uma serpente de fogo.

Nas mythologias mais adiantadas, como a hindú, o sol é o touro magestoso, as nuvens brancas as vaccas celestes, de cujas mammas mana a chuva, o leite bemdito.

Todas estas coisas não eram figuras de rhetorica. Elles, os nossos irmãos desses tempos, não faziam literatura. As suas imagens eram interpretações, exprimiam as coisas ingenuamente, como as sentiam.

Na creança notamos o mesmo estado psychico.

Um relógio, um espelho, um cavallo de pau, são para ella entes animados. Vinga-se das coisas, quando a ferem, maltrata-as ou acaricia-as, conforme os casos, porque lhes empresta o seu pensar e o seu sentir.

Conveni notar tambem que o poeta tem com essas creaturas primitivas e ingenuas muitos pontos de contacto.

A mesma tendencia a personalizar as entidades abstractas e os phenomenos da natureza, a mesma necessidade de imagens, a mesma maravilha nova, o mesmo senso agudo do mysterio diante do espectáculo do universo. Porque essa consemelhança do poeta? E' que neste e naquellas perdura o mesmo estado de alma, a mesma communhão intima com a natureza, a mesma maneira de interpretar e traduzir o mundo através da sua sensibilidade viva, que mal conhece e soffre a interferencia da experiencia e da razão.

Entre as mythologias dos varios povos, mesmo entre as mais rudimentares e as mais elevadas, ha uma affinidade visivel, pontos de contacto que impressionam e illuminam.

E' que o fundo da alma humana é o mesmo por toda a parte, e as producções que partem desse fundo commum devem ter por força alguma semelhança.

Demais, os intercambios, as migrações, os contactos das diversas tribus e raças, muitos dos quaes nos são desconhecidos, devem ter enxertado e influenciado provavelmente as crenças e os mythos uns dos outros.

Assim, essa lenda amazonica que explica as manchas da lua como as marcas deixadas pelo amante incestuoso, tem a sua correspondente numa lenda groenlandeza.

Todas as mythologias abundam em feras e animaes prodigiosos, imagens das forças naturaes que o homem materializou ou representação dos monstros das primeiras edades do mundo, que elle temeu, venceu ou adorou, e a lenda brasilica do minhocão é talvez a tradição desses monstros portentosos que povoaram a época paleolithica e a neolithica.

Que são as sereias, as ondinas, as nixes, as nereidas, as apiaras, as naiades, a Mãe d'agua, sinão irmans de origem, sinão a personificação do mysterio e poesia da agua, da fascinação desse mundo maravilhoso e vedado, o symbolo das insidias que ella occulta e das phantasmagorias que ella crêa?

E' nas mythologias mais elaboradas, sobre tudo na grega e na hindú, que o symbolo chega á sua maior elevação e belleza.

Rama, Krishna, Orpheu, Œdipo, Psyché, Prometheu, são mythos de uma belleza e de uma profundidade incomparaveis, em que se abeberaram os maiores poetas, que projectaram a sua luz sobre todas as literaturas, e que quanto mais se admiram e interrogam, mais bellezas e significados revelam.

E Pan, Dionysos, Apollo, Echo e Narciso, as Pleiades?

Seria um nunca acabar. Vejamos alguns delles.

As Pleiades eram sete irmans, filhas de Atlante, que habitavam a collina de Cyllene. Como Orion as perseguisse em demasia com a sua côrte, obtiveram do céo a graça de serem mudadas em pombas, e depois em estrellas. Orion tambem foi transformado numa constellação visinha e assim, mesmo trocados em astros, estão perto um do outro, ardendo e brilhando, para marcar talvez que o amor não morre, e que lhe basta mesmo a só visinhança e contemplação para ser feliz. Echo e Narciso é ainda mais cheio de encanto e profundeza. Conheceis a fabula, tão bem cantada por Ovidio e Castilho. A' primeira vista o que se deprehende della é o castigo do egoismo,

da vaidade, do egotismo mau que acaba resequindo e envenenando o proprio sêr que o abriga e cultiva.

Mas ha talvez nesse mytho, um significado mais amplo e rico.

E' o engano das apparencias, o enleio dos reflexos mentirosos das coizas que é preciso frustrar e vener, para que não sejamos o juguete do mundo e as vietimas da nossa propria illusão. Por não fazel-o, Narciso não vê o mundo real, o amor sineero de Echo, a belleza e a felicidade que lhe estão tão perto, e que elle despreza a troco de uma miragêm esteril e zombadora.

Œdipo é outro mytho estupendo.

Nas duas faeces que nos deu d'elle, Sophocles, primeiro o esmaga sob o peso das mais atrozes desgraças, e depois o eleva numa especie de sereno resplendor que o santifica, que o torna um nume tutelar de Athenas.

E' o soffrimento que redime e sagra, a innocencia que triumpha da propria fatalidade, a alma nobre que não pôde ser vencida, por mais que se colliguem contra ella os fados e os eventos, em fervente aleateia.

Nietzsche diz que o ultimo e verdadeiro significado do mytho é o castigo do crime de Œdipo — a audacia de ter arrostado e penetrado o enyigma da esphyngue — que é a natureza.

“Sim o mytho parece dizer-nos que a sabedoria, e justamente a sabedoria dionysiaca, é uma abominação anti-natural; que aquelle que, pelo seu saber, precipita a natureza no abysmo do nada, deve experimentar sobre si mesmo os effeitos da dissolução da natureza.

“A ponta da sabedoria se volta contra o sabio; a sabedoria é um crime contra a natureza”, taes são as terriveis palavras que nos clama o mytho”.

Assim, temos nelle a mesma lição, a mesma philosophia do peecado original, do fructo prohibido.

Extranho e suggestivo eneontro!

Mas a conclusão de Nietzsche é falha e fôrçada. A ordem dos factos mostra que Œdipo matou o pae antes de revelar o enyigma, e só depois é que vieram o incesto e as outras catastrophes. Œdipo apparece-nos como um sêr mareado pela fata-

lidade, como uma creatura humana destinada a soffrer tudo o que a sorte póde amontoar contra ella, de horrores e martyrios.

O seu destino é eivado de mal; mesmo quando repellia o rei insolente, decifrava o enygma, ia para o poder e para a gloria, elle trabalhava para o seu infortunio e para a sua ruina.

A não ser o episodio da esphyngue, que me parece secundario, nenhuma videncia transparece nelle. Elle é o homem cego que se move descuidoso entre os mysterios terriveis, que marcha alegre e satisfeito sobre o abysmo coberto de flores e de pompas.

Depois, a poesia de Sophocles vestiu-o de luz redemptora, cercou-o do sereno esplendor dos martyres e dos heróes.

Essas e outras interpretações são ainda possiveis e plausiveis, sobre o mytho. Nem ha exaurir-lhe o significado e o alcance. Synthese da alma humana e da natureza, elle é como um circulo em que o homem e o universo se penetram e confundem. Primeiras creações espirituaes, elaborações da alma collectiva, reacções flagrantes do sentir humano em contacto com o mundo, os mythos encerram assustadoras verdades, embaladores sonhos, profundos ensinamentos. Religião, sciencia, moral, poesia, tudo existe nelles em germen, numa vida mysteriosa e perenne, prestes a frondejar e florir.

Si, por vezes, as suas verdades são temerosas, tambem a sciencia e a philosophia não nos offerecem certezaas melhores ou conclusões mais consoladoras. Os mythos, ao menos, nol-as dão sob outra forma. Nelles é a alma humana que nos falla, na sua ingenuidade nascente, simples e presciente como a da creança.

E é por isso que não podemos deixar de amal-os e de revermo-nos nelles, nem furtarmo-nos ao encanto da sua belleza e mocidade eternas.

JACOMINO DEFINE.



O MEU AMIGO DON JUAN

Acompanhei-o ha oito dias ao cemiterio de Montparnasse. Uma congestão pulmonar levou-o em 24 horas.

Não nos conheciamos ha trez mezes atraz. Eramos agora amigos intimos. Sentindo que ia morrer, mandou chamar-me, disse-me que sabia o seu estado e constituiu-me legatario universal de... suas cartas de amor.

Quiz consolal-o; procurei suggerir-lhe esperanças de melhora.

— Não perca tempo, meu amigo, disse-me elle. Eu sei bem que o meu caso é sem remedio. Agora mesmo o padre, que sahio daqui, deu-me a extrema-uncção.

Eu franzi a testa, admirado, porque o conhecia como um perfeito atheu. Elle viu a mudança da minha physionomia e explicou-me o caso:

— Que mal faz? Eu tinha promettido converter-me a uma infinidade de minhas amigas, que desejavam muito a salvação da minha alma. Quando souberam que eu morri, como diz a formula habitual dos convites de enterro, "*muni de tous les sacrements de l'Église*", cada uma se attribuirá o merito da conversão e terá com isso grande prazer.

Pouco mais poude dizer. Eu o olhava com assombro, vendo que, mesmo alli no leito de morte, elle não esquecia a grande preocupação de sua vida: o amor, as mulheres.

O que me disse alem disso não passou de pequenas disposições a tomar apoz o seu enterro, por causa de certas complicações sentimentaes em que andava envolvido. Por fim, o ultimo gesto que fez, quando já quasi não podia falar, foi para apontar-me a fila de *dossiers*, que eu devia levar. *Dossiers* de

cartas de amor, ordenadas, classificadas, arranjadas com um methodo burocratico perfeito.

No dia do enterro, houve nada menos de nove corôas anonymas. Não se sabia quem as tinha mandado. Uma outra foi trazida por uma senhora alta, esbelta, de cabellos louros, mas velada com véus tão espessos, que ninguem a poudo distinguir. Chegou, estendeu a corôa ao criado e saiu sem ter dito uma palavra. Apenas um momento ajoelhou-se junto á eça, persignou-se e balbuciou, de certo, uma curta oração. Foi uma visão de graça, mysteriosa e elegante.

Uma tia do meu amigo, velha senhora hespanhola, rígida e austera, que censurava fortemente a vida do sobrinho, levantou contra a visitante olhos duros e reprovadores, que a acompanharam até á porta. Olhos tão máus, que pareciam enxotal-a.

Tinhamo-nos conhecido, por acaso, em um theatro. Noite de enchente. Elle entrou com uma formosa mulher. Como já não haviam achado nem um *fauteuil* vasio, ficaram os dois, ella e elle, em dois *strapontins* muito incommodos. O delle era a meu lado. Disse-lhe então que teria muito prazer em ceder o meu lugar á senhora que o acompanhava. Elle ficou surprehendido, agradeceu e transmittiu a offerta. A senhora, encantada com a proposta, murmurou:

— Mas o sr. vai ficar tão mal! Não poderá vêr quasi nada...

— Si, porém, eu souber que uma senhora, perto de mim, está tão incommodamente sentada, será um supplicio. Então, sim, não verei nada.

Ella acceitou.

O sacrificio não deixava de ser grande. Realmente minha cadeira era excellente e o *strapontin* detestavel.

No intervallo entre o primeiro e o segundo acto, passeando no *foyer*, viemos a conversar. Convidaram-me para nos encontrarmos d'ahi a dias, em um dos grandes chás elegantes de Paris. Fui. Isso nos approximou, nos fez amigos.

Pouco depois chegámos á intimidade.

Chamava-se João e era hespauhol. Tinha, portanto, a dupla predestinação do nome e da nacionalidade para continuar as façanhas de D. Juan. Mas o que me interessou nelle foi que realisava um typo novo de D. Juan, absolutamente opposto ao que a lenda creou.

Quando os autores dos primeiros D. Juan escreveram as peças que celebrisaram esse nome, não pretendiam fixar um typo literario de homem seductor, de grande conquistador feminino. O que desejavam era pôr em scena um perfeito impio, que acabava, on punido, como D. Juan Tenorio, ou convertido, como D. Juan de Marañá. As conquistas femininas não passavam na peça de uma circumstancia accessoria: eram uma das distrações de um rapaz ocioso, sem religião e sem escrúpulos.

Pouco a pouco, a tradição alterou tudo. O typo que predominou foi o do grande, do irresistivel seductor de mulheres. E acabou sendo um canalha sympathico.

Durante toda essa evolução a imaginação popular o fez sempre muito bonito e muito elegante. Aliás isso era natural. Já houve quem mostrasse que até o seculo 19 todas as heroínas de romance tinham de ser, eram sempre formosissimas. A ideia de fazer amar uma mulher feia não acudira a nenhum escriptor.

Foi só no principio do seculo passado que alguns raros romancistas admittiram certas heroínas, que não eram bonitas. Elles, porém, as faziam tão sympathicas, tão irresistivelmente sympathicas, que afinal, si lhes retiravam a belleza, davam-lhes cousa que valia mais do que isso:

Et la grace, plus belle encor que la beauté...

Era evidente que elles não podiam conceber o amor a uma mulher que fosse de véras feia. Só no fim do seculo 19 alguns autores ousaram esse assombro. Mas ainda assim...

Ainda assim todos dotaram as suas heroínas feias com lindos olhos. Pelo menos isso!

O que se passou com os grandes conquistadores foi exactamente o mesmo: sempre appareceram moços, elegantes e formosos.

D. Juan, heroe de theatro e heroe essencialmente romantico, não podia, portanto, deixar de ser um bello rapaz.

No emtanto, o meu amigo D. Juan não era nem moço, nem bonito. Tambem não era feio. Era neutro. Era apagado. Era

mediocre. Nada que atrahisse; nada que repellisse. Tinha 51 annos, o que não é positivamente a idade classica dos D. Juan literarios. — E, todavia, os seus successos eram diarios, contínuos, constantes.

Um dia, elle me expoz muito lucidamente o seu ponto de vista. Começou por confessar-me que, quando teve os seus primeiros successos, muito depois dos 40 annos, ficou surprehendido. Lembrou-se, porém, de todos os grandes conquistadores, os *hommes à femmes* que conhecera e viu que quasi todos o tinham espantado pela mediocridade. Mais de uma vez perguntara, vendo um e outro:

— Mas afinal que é o que as mulheres acham nelle de apreciavel?

Acabou por convencer-se que a carreira de conquistador é como qualquer outra; o que pede é que se lhe dedique tempo e paciencia. Tem a sua technica.

A maior parte dos homens, mesmo quando são moços e bonitos, quer levar a sua vida normal occupada em outras coisas, — e, de quebra, nas horas vagas, fazer conquistas femininas.

Não é possivel! O don-juanismo exige que a pessoa, que o quer exercer, se especialise. E' absorvente. Embora seja um cargo, em que se trata da procura do amor, não pode ser preenchido por amadores: requer que a pessoa viva para esse officio. O resto do que ella faz na vida é que deve ser accessorio.

Os *dilettanti*, que obtêm alguns successos avulsos, por causa da sua graça natural, augmentam-nos, engrandecem-nos, acham que chegaram a resultados estupendos. Mas, quando se comparam esses resultados aos dos verdadeiros especialistas, modestos, apagados, sorrateiros, é que se vê como estes ultimos são mais importantes.

— Questão de technica, meu amigo! Technica e applicação. Dê-me um homem que não seja repellente, mas perfeitamente mediocre e eu lhe prometto que, si elle se conformar com os meus conselhos, terá dentro em pouco mais successos que os mais formosos *gentlemen*.

E terminava:

— Olhe que em mediocridade é difficil ir mais longe que eu!



Naturalmente, eu contestava. Mas elle era um sceptico. Sabia bem o que valia e, sobretudo — caso raro! — o que não valia. “Eu sou, disse-me muitas vezes, um nihilista optimista.” Não acreditava em nada; mas achava que, diante do nenhum valor de tudo, o mais simples era procurar extrahir da vida todo o prazer que ella póde dar. Fazer isso com moderação para não comprometter o resultado pela soffreguidão.

Não se gabava; não tinha desejo algum de ostentação. O que eu vi — foi porque lhe entrei na intimidade.

Em Paris, não conhecia quasi ninguem. Apenas meia duzia de amigos e conhecidos sérios. Em compensação, mais de uma centena de amores, que elle mesmo qualificava:

— Pouco sérios, eu sei; mas tão gostosos...

Não procurava atirar-se a grandes aventuras.

— Afinal, V. sabe, a anatomia das criadas e das rainhas é exactamente a mesma. Lembre-se que D. Juan — o grande, o bello, o irresistivel D. Juan, não desdenhava as criadas bonitas de suas amantes. A mim, si me déssem a Rainha da Bulgaria, — cujo retrato V. póde vêr no Almanach Hachette, ainda assim muito melhorado — eu preferiria morrer a beijal-a. Seguramente ella ha de ter criadinhas muito mais bonitas...

— Mas a anatomia, objectei eu, não é tudo. Ha tambem a psychologia...

Elle estava de accordo. Asseverava-me, porém, que havia burguezinhas, de condição social mediocre, que eram psychologicamente mais interessantes do que grandes damas. E lia-me cartas deliciosas.

Convém, entretanto, acrescentar bem depressa que elle falava nas criadas bonitas só para estabelecer um contraste literario e não porque, de facto, as perseguisse. Era mais um cerebral que um sensual.

Conta-se de uma dama celebre que, bateudo sobre o coração, dizia: “Aqui tambem o que ha é cérebro!” Amava mais com a cabeça do que com os sentidos.

Elle era da familia intellectual dessa dama. Não podia, portauto, ageitar-se com gente estúpida e destituida de intelligencia parecia-lhe um vaso de ouro cheio de eiseo, um illogismo irritante da natureza, que o desesperava.

De uma vez, elle me disse que, si o D. Juan lendário tinha um escudeiro, o D. Juan moderno precisava, sobretudo, de um secretario. Na ópera de Mozart se conta que D. Juan teve, só na Hespanha, 1.003 amantes. — Era impossivel arranjar-se sem um secretario, mesmo que só tivesse de mandar-lhes pequenos recados para marcar e adiar entrevistas.

Um dia, eu lhe perguntei qual era a famosa technica, a que elle sempre alludia.

— Precisamente, elle me respondeu, ella não é famosa. E' tola e banal. Como, porém, é efficaz, não sinto necessidade de variá-la.

A coisa era, realmente, simplissima. Elle usava um pseudonimo: *Maurice de Alvarado*. Tinha sempre no bolso um ou mais cartões já preparados, em que escrevêra a lapis, sob o nome, uma formula, sempre a mesma: "*ousa solicitar-vos que lhe indiquis um endereço para o qual vos possa escrever.*"

Num theatro, num omnibus, no Metropolitano, em qualquer lugar enfim, onde visse uma mulher bonita, que desejasse, tirava da corrente do relógio sua lapiseira de ouro e fingia escrever qualquer coisa no concavo da mão esquerda, como si ahí tivesse um cartão. Fazia isso com arte, discretamente, de modo a que a pessoa visada reparasse que elle estava escrevendo qualquer coisa; mas que a sua attitudo não attrahisse muito a attenção. Parecia alguém que tomava uma nota. De facto, porém, não escrevia nada. Era uma comédia.

Depois, geitosamente, tirava do bolso o cartõesinho, que já ahí estava prompto, escripto, dobradinho e passava-o á pessoa que cubigava.

Passava como? De varios modos. A's vezes, dava-o de mão a mão, ora offerecendo-o francamente, ora um pouco por surpresa, á força. Outras vezes, retia-o no *manchon*, num objecto qualquer que ella estivesse segurando. Outras ainda deixava cahir sobre o collo da pessoa. — Tudo isso se fazia simples, rapida, discretamente, sem que ninguem visse.

Si a senhora em questão tinha percebido que o recado era para ella e sua attitudo deixava prevêr que o acceitaria, a transmissão se fazia, com uma perfeição admiravel mesmo quando ella estava acompanhada.



Eu o vi, em um theatro, representar a sua pequena comedia e depois, baixando-se para apanhar o lenço, que deixara cahir de proposito, pôr o cartão no collo de uma senhora. A senhora não previa essa audacia. Corou; mas, com um movimento rapido e natural, pôz a mão sobre o bilhete, occultando-o, para evitar um escandalo.

Curiosidade em todas, medo do escandalo em muitas, surpresa em outras — não havia quem recusasse. Quando algumas percebiam do que se tratava, já o meu amigo estava longe.

Várias não respondiam: infima minoria. Outras respondiam; mas não vinham nem mesmo ao primeiro *rendez-vous*, que elle lhes pedia. Por fim, havia as que vinham ao primeiro e... aos outros.

Em Paris, é frequente que, vendo uma mulher, de que se podem apaixonar, mas á qual não podem falar, os homens procurem dar-lhes um cartão de visita. É um convite tácito; mas presumpçoso. No seu silencio, é directo de mais. Chega a ser grosseiro. As que respondem a elle mostram que não são muito difficeis.

O meu amigo D. Juan proclamava a superioridade da sua formula. Dizia o que queria — e o que queria era muito pouco. Pedia apenas um endereço... para escrever. Pedia respeito-samente.

— Pois que era só para receber uma carta, por que não responder? — diziam quasi todas. Não ha perigo.

E davam muitas vezes um endereço na posta-restante.

Mas, quando esse endereço vinha, meu amigo lhes respondia, solicitando-lhes um primeiro *rendez-vous*. Tinha tres formulas de resposta, que serviam sempre. Eram delicadas e apaixonadas. Surprehendiam, aguçavam a curiosidade. Sentia-se que o autor era um homem fino e bem educado — e isso dava vontade de conhecê-lo de perto.

— V. sabe, dizia-me elle, que Victor Hugo, no principio de cada mez, escrevia uma formula de agradecimento, que servia para todos os volumes que o poeta recebia durante o mez. E que elle não lia — é inutil acerescentar. A formula era sufficientemente vaga para adaptar-se a tudo e elle a despachava a todos os autores.

Eu fiz melhor: com tres formulas, respondo a todas as cartas que pela primeira vez me dirigem minhas correspondentes. Conforme a apparencia dellas, conforme o estylo da carta, conforme a propria letra (D. Juan precisa saber um pouco de graphologia), decido-me pela formula *A*, *B*. ou *C*.

O resto é questão de habilidade — e não se precisa muita...

O certo é que elle não tinha mãos a medir. Torno, no entanto, a dizer que o homem era mediocre. Nada nelle exercia uma grande atracção.

— Muitas mulheres, disse-me certa vez, cedem tanto mais facilmente quanto mais ouvem dizer que o homem fez conquistas. Parece absurdo; mas não é.

Em primeiro lugar, as mulheres não se sabem julgar umas ás outras com exactidão. E isso é natural. Um homem, na minha idade, vendo passar uma mulher, despe-a com o olhar, inteira e precisamente. Temos visto tantas, tantas! Pense, porém, que, em regra, as mulheres honestas só se conhecem a si mesmas. A nudez feminina lhes é inteiramente extranha. Na intimidade a mais intima com outras amigas, tambem honestas, vêem apenas partes de corpos. Não têm a sensação de conjunto.

Muitas vezes se ouve appellar para o julgamento de uma mulher sobre outras mulheres, como devendo ser mais competente. E' um erro. Ellas não sabem quasi nada umas das outras. Somos nós que as conhecemos.

Não admira, portanto, que seja, ás vezes, de muito boa fé que algumas se julguem superiores ás rivais e achem natural conquistar e prender o voluvel, que outras não conseguiram fixar. Parece orgulho e vaidade e é ignorancia, é impossibilidade de uma comparação exacta.

Em segundo lugar, ha em todos nós, homens e mulheres, o prazer do jogo, o prazer do risco: vêr si é possível vencêr, onde outros perderam!

— Mas V. não se cansa da vida que leva?

Elle me garantia que não. Ao contrario.

— Eu penso, como Haraucourt, que o prazer do amor é "*le seul bien que la vie accorde à ses damnés*".

A psychologia de D. Juan era, a seu vêr, a de um colleccionador. Ha quem reuna sellos, quem reuna borboletas. Elle colleccionava mulheres.



Assim que alcançava uma, essa deixava de atrahil-o. E' o caso do colleccionador, que, depois de ter obtido tal ou qual borboleta rara, não tem mais admiração alguma por ella, si a vê, livre, na natureza. Uma vez apanhada, classificada, etiquetada, enfiada com o seu alfinete na caixa propria, não inspira mais interesse.

Por outro lado, o amor lhe apparecia tambem como um *sport*.

Vejam o que succede aos amadores de *sports*. Depois que elles conquistam um *record*, não procuram mais repetir essa façanha. Ou tratam de ir além, ou fazem outra coisa.

A ideia de um D. Juan sentimental, amando e esquecendo, hoje apaixonado e amanhã esquecido, deve ser falsa. Paixão ha, ás vezes; mas não é a paixão amorosa. E' a paixão sportiva do jogador, que quer ganhar uma partida difficil.

Não falta quem fale com desdem nos "hommes à femmes". Desdem curioso! Admitte-se que a caça aos animaes inferiores seja um grande prazer: ir para o matto, espreitar aves e quadrupedes, dar-lhes tiros que os matem. Caçar mulheres é muito mais fino! Trata-se da mais bella das caças que ha no mundo!

Eu escrevo um pouco ao acaso o que me lembro de ter ouvido ao meu amigo. Elle emittia suas opiuiões conversando, com graça e naturalidade, sem nenhum dogmatismo. Tinha o caracteristico essencial do conservador bem educado: sabia ouvir. Assim que alguém ia dizer qualquer coisa, parecia interessar-se extraordinariamente por ella: era como si esperasse sempre dos interlocutores revelações ineditas e importantissimas.

Um dia, falou-se da velhice. Alludiu-se ás numerosas mulheres, que preferem amantes não muito moços.

— E têm razão, asseveron elle. Não o digo por mim. Acho, porém, que todo escriptor que desejasse ser verosimil precisava dar a D. Juan pelo menos 40 annos. Antes — é impossivel. Ninguem, quando quer imaginar um clinico abalisado, dá-lhe menos dessa idade. No emtanto, a competencia na clinica se pode adquirir muito mais de pressa que na seducção feminina, que é uma especie de clinica psychologica difficilissima.

Si os autores põem sempre em scena typos de D. Juan moços, isso vem apenas do erro inicial de suppõem que o *don*

juanismo é questão de mocidade e belleza, quando se trata de um officio como qualquer outro, mais difficil do que quasi todos os outros, e, portanto, pedindo tempo para ser aprendido.

Nos cursos praticos de linguas para adultos, é de regra que se variem os professores para que os alumnos ouçam pronuncias diversas e se habituem a todas ellas. Só assim se aprende bem.

D. Juan é o alumno de muitas mestras. Falla com a pronuncia que desejam as suas interlocutoras.

Por isso mesmo, não ha um estylo *don-juanesco* em amor. O verdadeiro conquistador é como um cumberlandista perito: elle toma a orientação, que a sua parceira lhe quer indicar.

Todos conhecem, de facto, a habilidade com que certas pessoas, vendando os olhos e tomando as mãos de alguém que pensa em tal ou qual objecto, seguem a direcção que esse alguém, inconscientemente, lhes vai mostrando. São individuos de grande sensibilidade táctil. Tentam á direita e á esquerda e sentem que a pessoa, cujas mãos seguram e que pensa em um dado rumo, offerece sempre menos resistencia quando se toma esse rumo. E' interpretando movimentos minimos, quasi imperceptiveis, que o cumberlandista acha o bom caminho.

D. Juan, na sua primeira entrevista faz sempre *cumberlandismo psychico*: trata-se de experimentar para que lado a pessoa a conquistar offerece menor resistencia — e seguil-a docilmente, adivinhando-a. Nada de procurar mostrar-lhe originalidades! Deixar-se levar. Offerecer aquella que se quer seduzir aquillo exactamente de que ella gosta.

Muitas têm a sensação de que acharam o seu ideal. A verdade é que se acharam a si mesmas! Não sentem que estão diante de um espelho, que lhes reproduz o proprio character, e ficam encantadas. Descobriram enfim a alma-irmã, a alma-gemea da sua!

— Quantas me disseram e escreveram que eu era o modelo dos amantes — e fizeram-me elogios, que entonteceriam alguém mais moço e mais presumpçoso. Eu sorria, media bem a minha mediocridade e sentia-me deliciosamente dentro della. — E ahí está, meu amigo, porque os amantes de certa idade são, ás vezes, preferidos aos mais jovens — com razão, com toda a razão!

D. Jnan, moço, bonito, elegante, tendo vinte a trinta annos, é um sujeito insuportavel. Quer ser amado por si mesmo, pelos altos méritos da sua belleza. E' sóffrego de prazer.

Entre os quarenta e os cincoenta, si já se tem prática, evita-se essa impaciencia.

A primeira regra em seducção é que o seductor deve parecer que não pensa em si: pensa apenas, exclusivamente, na sua parceira. O seu prazer lhe vem de dar o maximo de prazer que ella pode pedir.

Colleccionador, um pouco saciado, já tendo provado de tudo, elle quer antes de mais nada saber como cada nma vibra. Dahi o enfeitamento de tantas mulheres por esses, que os rapazolas chamam, com desdem, "velhos".

Era a propria apologia que elle estava fazendo — e eu tive a franqueza de lh'o observar. Mas elle replicou que era a apologia de nma technica.

— E, note bem, nma technica, que não pede qualidades elevadas. Pede calma e applicação.

De outra feita, na mesma ordem de ideias, elle me dizia:

— Veja os meus *dossiers* e as minhas fichas. E' um serviço methodico e burocratico. Quando cada uma sáe, eu tomo algumas notas. Penso no que ella me referiu, nas preoccupações que manifestou. Si lhe aconteceu dizer nma plrase interessante, transcrevo-a, mencionando as circumstancias em que a preferin. Tempos depois, quando ella tem de voltar, percorro o *dossier*, leio as fichas, e ella me encontra perfeitamente lembrado de bagatelas e insignificaneias, que parecem provar-lhe que eu passei o tempo a pensar nella.

Isso me toma, no máximo, meia hora por dia.

Repare aliás que eu tenho uma memoria fraquissima e que não poderia estar enchendo a cabeça com todas as futilidades que onço.

— Ha nma nota, que se deve sempre guardar: a dos vestidos. Mencionar a côr, a forma, a fazenda. Descreve-os o melhor que fôr possivel. Não imagina, meu caro, quando, muitos annos depois, a gente lembra a uma mulher um vestido com que a viu, como ella fica enternecida. Isso vale por uma prova de immenso affecto!

Certa vez, uma de minhas amantes passou por aqui com um massinho de papeis. Entre elles havia varias cartas e o retrato de uma ex-amiga, com quem ella brigara.

O retrato figurava em um grupo, tirado á sahida de uma igreja, depois de um casamento. A amiga, uma bella mulher, estava em uma das primeiras filas, de braço dado a um cavalheiro.

Minha amante contou-me então que a amiga era muito fa- ceira e nesse dia sentia-se muito orgulhosa com o seu vestido, mas lhe notava dois pequenos defeitos. Achava que o corpête devia ter nas costas um ou dois milímetros a mais. Esses mi- límetros lhe pareciam fazer uma falta enorme. De mais, havia um grande laço de fita azul-claro, onde ella era de opinião que devia haver um laço de fita azul-marinho. Tambem essa diffe- rença de tons a incommodava muito. E eu li uma carta escripta pela dona do vestido, em que o descrevia com a mais extrema minucia e queixava-se longamente dessas imperfeições.

Sahindo, minha amante esqueceu-se aqui do pequeno paco- te. Quando eu o achei, abri-o, copiei a descripção do vestido e as criticas feitas pela respectiva proprietaria, que aliás eu nunca vira.

Fiz então o proposito de me encontrar com ella para tentar uma experiencia.

Encontrei-a, appliquei-lhe exactamente o mesmo processo que a tantas outras e obtive a minha primeira entrevista no Rumpelmayer. (O Rumpelmayer — aqui se o diz a quem não o saiba — é um dos chás elegantes de Paris).

Affirmei-lhe entre outras cousas que a vira dois annos an- tes, no momento em que entrava em uma igreja. Garanti-lhe que tentára em vão saber quem ella era e só poucos dias an- tes um acaso nos approximára.

Ella sorria, incredula, irónica. Desde, porém, que eu lhe descrevi o vestido (que trabalho eu tivera para decorar essa descripção minuciosissima!), ella mudou inteiramente:

— Mas o sr. nasceu para costureira!

Contestei: Asseverei-lhe que tinha até muito má memoria visual; mas que ella me produzira tal impressão que, si eu sou- hesse pintar, pintal-a-ia de cór fidelissimamente.

E acrescentei:



— A fallar verdade, si eu a pintasse, não pintaria tão fielmente como estou dizendo. Alteraria conscientemente o trabalho da sua modista.

— Como? Por que?

— Porque alongaria atraz o seu corpête um pouquinho mais — um a dois milímetros — e porque faria o grande laço de fita, que estava á sua direita, não azul-claro, mas azul-marinho. Ficaria melhor.

Sens olhos admirados clamavam que eu era um homem de genio, pelo menos um homem de muito talento, — talento e bom gosto. Repetindo as criticas, que ella mesmo havia feito, revelei que era a alma irmã da sua!

Do Rumpelmayer viemos para aqui — “aqui” era o seu pequeno apartamento elegante — e ella não poude resistir a um homem tão finamente artista como eu. Finamente artista, porque tinha o seu modo de pensar!

De pé, diante de mim, o meu amigo D. Juan, baten-me no hombro e concluiu:

— Decore, si poder; mas, si não poder, tome sempre nota dos vestidos de suas amigas. E' importantissimo!

Fez uma pausa e accrescentou:

— Mas, no fim de contas, veja V. que um bom chefe de secção de qualquer secretaria pode alcançar muito mais do que um brilhante literato: método, ordem, *dossiers* e fichas sempre em dia — e sempre escondidos, é inutil dizer.

E, sobretudo, meu caro, tenha medo, tenha horror á originalidade. Nunca a procure. Em amor, é uma calamidade. Pense que o amor é, no fim de contas, a repetição de gestos miliares, tradicionaes, immutaveis...

Si qualquer de nós pudesse vêr desenrolar-se a fita interminavel de sens antepassados, admirar-se-ia da diversidade de gosto, que havia entre elles: Todas as virtudes e todos os vicios, as aspirações e as profissões mais diversas... Só num ponto elles estavam de accordo: o ponto que fez com que a cadeia dos seres vivos não se tenha interrompido e nós dois estejamos aqui conversando: os gestos essenciaes do amor.

Ouvindo-o, em tinha frequentemente a impressão de que elle devia rastejar por pequenas conquistas de *midinettes* sem valor, de burguezinhas insignificantes.

Quando, porém, tomei os seus *dossiers* e vi as suas fichas, quando li as effusões apaixonadas de umas e outras, quando conheci a categoria social de muitas, vi que me enganára. Havia de tudo. E tudo estava classificado, annotadometiculosamente.

Prometti-lhe que, depois de as lêr, queimaria cartas e fichas. Queimei tudo. Fiquei, entretanto, convencido que elle tinha razão.

Evidentemente o meu amigo exaggerava, quando dizia que o don-juanismo estava ao alcance de qualquer chefe de secção. Mas tambem é certo que, com aquella organização methodica e systematica, o que se pede de seducção pessoal é realmente um minimo insignificante.

O don-juanismo é uma questão de technica e de dedicacção. Com tempo disponivel e applicacção de bons processos, com methodo e constancia, qualquer pode ser Don Juan. E' um officio susceptivel de ser aprendido.

— E um officio, dizia o meu amigo, que tem pelo meos duas vantagens.

Em primeiro lugar, é a unica carreira liberal que não está muito entupida de candidatos; poucos sabem que ella existe como uma profissção regular. Não a procuram, porque se enganam, acreditando que é um caso de vocacção, de predestinacção.

Em segundo lugar, nenhuma existe tão deliciosa...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.



POESIAS

ARTE SUPREMA

*Como Pigmalião, a minha idéa
Visto na pedra: talho-a, domo-a, bato-a;
E ante os meus olhos e a raidade fátua
Surge, formosa e nua, Galathéa.*

*Mais um retoque, uns golpes, e remato-a;
Digo-lhe: "Fala!" ao ver em cada veia
Sangue rubro que a córa e aformoscia...
E a estatua não falou, porque era estatua.*

*Bem haja o verso, em cuja enorme escala
Falam todas as vozes do universo,
E ao qual também arte nenhuma eguala.*

*Quer mesquinho e sem cór, quer amplo e térso,
Em vão não é que digo ao verso: "Fala!"
E elle fala-me sempre, porque é verso.*

CARTAS VELHAS

*Abro os maços de cartas, cinta a cinta,
Examino-as, folheio-as, uma a uma;
No papel, que um bolor vago reguma,
Mal forma as letras a apagada tinta.*

*Todas ellas que valem hoje em summa,
Qual dellas o passado evoca e pinta,
Se a luz que as aquecia se acha extincta
E a alma que as perfumava as não perfuma?*

*Perdido todo o seu aroma antigo,
A emoção que as ditou e o forte encanto,
Só por piedade as tenho hoje commigo;*

*Fecho-as de novo e ponho-as no seu canto:
Cada maço de cartas é um jazigo
E a gaveta em que as guardo um campo-santo.*

PHRASES FEITAS

*O "Vi-te e ameite", como, geralmente,
Hoje se diz, a ninguém mais persuade:
Perdeu de vez toda a sinceridade
Porque anda na expressão de toda gente.*

*Com tal ouvir não ha quem se contente,
Nem de tal coisa não se desagrade;
São palavras vãs de verdade
Que a bocca diz e o coração desmente.*

*E pois não digo que teu gesto aceite
Este amor, que arde em mim como uma lava,
Este amor, que é meu mal e meu delcete;*

*Do delicto de crer-me essas mãos lava,
Que te não direi nunca: "Vi-te e ameite",
Porque antes de te ver eu já te amava.*

FLOR E FRUTA

*Serva do meu desejo consideras
Essa carne gentil de que sou donó;
Quanto mais eu por ella me apaixono,
Mais da minha vontade te apoderas.*

*Não cuídes que te fujo e te abandono
Porque já não és mais qual dantes eras;
Não, e nem cuídes que haja primaveras
Que o viço tenham desse lindo outono.*

*E's flôr e fruta numa equal mistura;
Flôr — a que ninguem mais o eheiro toma,
Fruta — a que mais ninguem prova a doçura;*

*Flôr e fruta, não sei se a eheire ou coma;
Fruta de almo sabor, bella e madura,
Flôr aberta e gentil, de extranho aroma!*

LIBERTAÇÃO

*Adeus. Tu, fica. Eu parto. Não conheço
O destino a seguir, mas parto e corro.
Livre quero fíear por qualquer preço,
Ou desta escravidão tornar-me forro.*

*De illusões e de sonhos me abustego;
Não mais que de esperanças me socorro
Para este grande mal de que padeço,
Para a doença incuravel de que morro.*

*Quem escoteiro parte, só precisa
Da esperança e do mais que ella lhe offerta,
Da illusão e do mais que ella improvisa.*

*A alma a exultar, a fronte descoberta,
Saio do teu amor, que me eseravisa,
Corro para outro amor, que me liberta.*

COLHEITA VÃ

*Cuida tu, por exemplo, que a ventura
Tem dessa linda fruta a semelhança:
Tão perto está, que a tua mão a alcança,
Está quasi a cair de tão madura.*

*Nem é quasi mister vergar-lhe a frança
Para a colher a tão pequena altura.
Contém-se nella, á grande e com fartura,
Tudo o que se contém numa esperauça.*

*Seu sabor pelo aroma se revela;
Que cheiro tem! Nada te tolhe e embarga
O gesto de a colher, cheirosa e bella.*

*Colheste-a em vão; larga essa fruta, larga,
Pois só porque pudeste enfim colher-a,
Perdeu todo o sabor e fez-se amarga.*

TORTURAS

*Não sabe, nem eu sei, de que maneira
Diga ella que me quer e eu que lhe quero;
Espera em vão, em vão tambem espero
A confissão penosa e verdadeira.*

*Nada mais natural que ella me queira,
Nada mais certo que lhe sou sincero;
Ella espera entretanto, eu desespero,
E assim passamos nossa vida inteira.*

*Mas porque não fazemos o protesto
De um ao outro dizer que nos amamos,
Se o nosso mutuo amor é manifesto?*

*Não sei, não sabe; e assim nunca deixamos
Que as mãos nol-o confessem pelo gesto,
E a confissão nos labios suffocamos.*



COFRE DE MALES

*Numa hora de exaltado desvario,
O teu cofre, Pandóra, eu, sem receio,
Com minhas proprias mãos, sorrindo, abri-o...
Só de males teu cofre estava cheio.*

*Depois de tel-o aberto é que me veiu
Este remorso inutil e tardio:
E arrependido e tremulo, fechei-o
Para de todo não ficar vasio.*

*Esses males a que hoje me condemnas
Cahiram todos sobre mim, de chófre;
São angustias mortacs e acerbas penas.*

*E em cambio, a quem, como eu, já tanto sofre,
Dás um goso, a illusão de um goso apenas
Encerrada no fundo desse cofre.*

JULIO CESAR DA SILVA.



LITTERATURE BRESILIENNE

Acabo de ler, deliciado, a segunda edição da “Litterature brésilienne” de Victor Orban. Orban é um brasilophilo convicto. Esta não é a primeira vez que o seu entusiasmo neo-latino exalta as nossas minguidas letras sobre Machado de Assis e a sua obra, com prefacio de Anatole France e discurso de Oliveira Lima, deu-nos tambem, ha cinco annos uma valiosa apreciação.

“Litterature brésilienne” é, em lingua franceza, a vulgarisação mais completa do nosso espirito literario de todos os tempos. Talvez não sómente literario, porque o seu livro respira brasileiroismo por todos os póros. Para maior authenticidade elle ainda o offerece á nossa Academia de Letras.

Dir-se-ia que este mixto de selvagem e exotico da nossa flora literaria nos refluio a nós, com perfumes novos e sabores ineditos, pelas mãos do cultor estrangeiro. E’ a nossa literatura emigrada á Europa e vinda de lá, ornada das vestes leves do idioma francez. O que lhe dá apenas um sabor picante de novidade curiosa. Apenas, porque tudo mais é a palpitação da nossa alma, do espirito da nossa literatura. São miniaturas expressivas dos nossos escriptores e artistas, trajados, com elegancia, no idioma de Racine. E’ o que basta para a medida da nossa sensibilidade, das nossas preferencias, do nosso gosto, visualmente, em traducções flagrantes.

E’ o Brasil que pensa e faz sentir sentindo que se vêm nessas paginas. Não unicamente o Brasil moderno, mas de sempre — da Vera-Cruz dos colonos ao Rio das Avenidas, das complicções da “Prosopopéa” á prosa subtil de Bilac.

Orban abre o seu livro com uma illustração duas vezes brasileira. — E’ o frontispicio de Antonio Parreiras, nacional legi-



timo, symbolisando a nossa literatura no perfil evocativo de Iracema, "a virgem dos labios de mel." Nua e sentada, ella tem o aspecto triste de quem já fôra conspuecada pelo amor civilisado.

E' a imagem do nosso paiz virgem violado rudemente pela brutalidade dos primitivos colonos.

As primeiras paginas são sobre a personalidade imprecisa de Gabriel Soares de Sousa e de Bento Teixeira Pinto, o iniciador da poesia não propriamente do Brasil, mas no Brasil, com o gongorismo arrevesado dos seus canticos á Paranambuco:

Em o meyo desta obra alpestre e dura,
Húa boca rompeo o Mar inchado,
Que na lingoa dos barbaros escura,
Paranambuco, de todos he chamado.
De Para, na que he Mar, Puca rotura
Feyta com furia desse Mar salgado,
Que sem no dirivar, commetter mingoa,
Como do Mar se chama em nossa lingoa.

E' o Brasil em pleno seculo XVI.

D'ahi, da nossa literatura no seu inicio, elle mostra carinhosamente, em versões ageis, até os nossos dias, as paginas mais typicas dos nossos escriptores.

Admiravel anthologia — como não existe mesmo no Brasil, em portuguez — dos nossos literatos e pensadores, em lingua franceza, sonóra e bem cuidada. E' certo que lhe escapam alguns artistas, alguns philosophos, alguns juristas, vivos e mortos, que mais valor têm, por ventura, do que varios escolhidos. Mas, nella acompanha-se passo a passo, a evolução da nossa literatura que, sendo nossa, é, ainda assim, pouco mais que um desdobramento das correntes literarias da Europa.

Os traços de brasileiroismo authenticico e os sabores exóticos que repontam, por vezes, não bastam para caracterizar-nos, com propriedade, senhores de uma literatura original. São talvez apenas os toques ineditos que despertam a attenção. No mais se não parece um ramo da literatura franceza (e não prego este panico ás letras francezas) pelo menos passaria, em tão bellas versões, por cousas européas escriptas em francez.

E' curioso e inestimavel o emprehendimento heroico de Victor Orban. Curioso para o artista francez que, a par com as litteraturas mais valiosas, conhece tambem o escriptor brasileiro, algumas vezes tão illustre e tão habil quanto desconhecido e insulado na estreiteza da nossa lingua; e inestimavel para nós, os do Brasil, que nos vemos vulgarizados no que possuimos de mais assignalavel no pensamento e na arte.

O seu livro, e é este o seu merito maximo, não se limita a criticar. Longe disto. A' analyse minudente dos nossos valores, ao balanço das nossas virtudes literarias elle prefere mostrar em traducções interessantes o nosso modo de ser authentico.

Os conceitos de um Wolf sobre as nossas letras não deixam de ser grandemente lisonjeiros, entretanto muito mais vulgarisadoras e queridas para nós serão versões como essas. Por mais carinhosos e mais veridicamente imparciaes que sejam os juizos individuaes são sempre individuaes; vêm sempre as cousas debaixo do seu senso proprio, da sua indole pessoal. E isto seria sufficiente para o maior elogio á "Litterature brésilienne". As criticas, as analyses, por muito suggestivas e justas, são sempre menos impressionantes e expressivas do que o facto em si, do que o quadro, a paizagem, a sensação *d'après nature*, viva e animada. Sem duvida preferimos, mil vezes, diante de uma obra de arte, que experimentemos nós mesmos a sensação, a sabermos como outrem a sentiu antes de nós ou suppõe que devamos sentir.

Qual a sensibilidade sufficientemente desnaturada para sobrepôr a descripção da Venus Aeroupie, do Apollo Sauroetono, ainda que no estylo mais vivido, á impressão pessoal, em que a alma vem á flor dos olhos para se impregnar, ella propria, do prodigio da belleza physica do milagre de umas linhas suaves, de umas formas delieadas que despertem, ao lado dos embevecimentos mais religiosos, os desejos mais violentos, os anceios mais profanos!

Não digo que se fique tambem como esse delicioso Boisard que, a força de tanto se saturar do bello, de tanto se penetrar da sua magia instantanea, se gastára em arroubos, se esgotára em sensações; mas é preciso vê-lo com os proprios olhos, proval-o com os proprios sentidos. Obtida a impressão será então illustrativo e commodo perceber a descripção nitida, a evidencia das formas, do pensamento, feita por alguém, transmittida por

outrem. Umas vezes porque apenas sabemos sentir e outras por nos parecer agradável repassar as nossas sensações através as impressões alheias. Sómente, porém, depois de vermos nós mesmos, de sentirmos nós mesmos, para conquistar na visão ou sensação dos outros a prova, senão mathematica, psychologica do nosso bom gosto e da nossa receptividade. Assim a obra nos apparece ao nosso espirito pura e veridica como ella propria.

E, deste successo, tiradas as proporções, nos procura impregnar Victor Orban na sua bella anthologia franceza de escriptores brasileiros. São as paginas, senão sempre as mais formosas pelo menos bem caracteristicas das nossas letras, que elle collecciona no seu livro. E' verdade que, por momentos, sobretudo em poesia e em algumas especialmente, não digo o pensamento, mas a finura, a graça que constitue, enfim, a grandeza, o traço singular do espirito de uns versos, desaparece, quasi inteiramente, na prosa franceza. Isto resulta porém, além da alma do escriptor que se não apanha nunca da physionomia diversa, do espirito proprio, das virtuosidades de uma lingua que se não podem traduzir nem conter noutro idioma.

Quem, por exemplo, pôde comprehender e sentir no portuguez a emoção impetuosa das "Naus" de Luiz Delfino, com bramidos de tempestades, no embate dos vocabulos que se entrecocam e precipitam, harmoniosamente, verá na versão franceza senão a insipidez das calmarias, pelo menos o increspado manso das superficies inquietas.

A traducção é magistral. Mas os versos feitos para serem declamados pelo vozeirão do Gama não poderiam ser expressos, noutra lingua que não a portugueza. E, desde o titulo, rapido, monosylabico e agudo de "Naus", que se traduz por "Navires", certamente sonóro, mas infinitamente menos energico e menos impressivo, até a musicalidade das estrophes, a sensação é da passagem de um Atlantico povoado de Neptunos bellicosos e serreas traçoceiras, para as aguas mansas, onde se banham nymphas languidas e propicias.

Eis a bella traducção franceza:

LES NAVIRES

*Planant sur leurs ailes, les navires entrent dans la marche
lente des oiseaux de mer qui reviennent fatigués, cependant que*



la vague deferle à leur pied et qu'autour d'eux les flôts rythment leur chant joyeux.

On dirait les cathédrales de marbre flanquées de tours, fuyant un vieux monde et fuyant la tourmente, et roulant pesamment leur masse enorme parmi les niches de pierre et les aiguilles lanéolées.

Dromadaires de la mer — cet interminable Sahara, — ó navires, vous affrontez les cyclones, le eri qui monte du fond de l'abîme et les ouragans, face à face.

Vous valez mieux que ces trophées légendaires de granit qui gisent dans leur vaine architecture de Carrare... vous qui pour base avez l'Océan et pour coupole l'infini.

Como este, — *Planant sur leurs ailes, les navires entrent dans la marche lente des oiseaux de mer qui reviennent fatigués*, — na sua harmonia suave, na docilidade do seu rythmo sonóro trahe todo o impeto, todo o sobresalto dessas naus cavalleirescas, que accommodam, no concavo das suas velas heroicas, o espirito dos argonautas, impellido pela furia de Eolos vingativos, naquellas:

— *“Sobre as azas pairando as naus entram na lenta
Marcha de aves do mar que chegam fatigadas.”*

Em todo o soneto, o ruído que ribomba e atordoia, o rubro que offusca, o theatral, mesmo, no sentido mais intimo do vocabulo, onde a exuberancia da emoção é a nota, onde o mysterio é sempre do abysmo tormentoso que traga e nunca do infinito tranquillo que dilata o sonho, só a lingua portugueza, com as suas impetuosidades violentas, a sua brandura de tons, poderá descrever e pintar com precisão. A sonoridade viva, porém suave, os rythmos de uma musicalidade limpida mas serena, as cores discretas, os coloridos violaceos, a delicadeza de sensibilidade do francez não diriam, nunca, sentimentos assim.

Vejamos se não ha qualquer cousa de muito mais emocional e vivo na sensação expressa pelo poeta catharinense:

“AS NAUS”

Sobre as azas pairando as naus entram na lenta
Marcha de aves do mar que chegam fatigadas
E, emquanto a espuma em flôr de uma vaga rebenta,
Outras cantam solaus rindo em torno agrupadas.

Parecem cathedraes marmoreas, torreadas,
Fugindo ao velho mundo e fugindo á tormenta
Que entre nichos de pedra e agulhas lanceoladas
Rolam pesadamente a mole corpulenta.

Dromedarios do mar — intermino Sahara —
O' naus, vós affrontaes os cyclones, o grito
Negro, que vem do abysmo e uracões cara a cara.

Sois mais que esses trophéos lendarios de granito
No seu panejamento enorme de Carrara...
Vós, cuja base é o oceano e cupula o infinito!

Logo na primeira quadra, naquellas "azas... de aves do mar que chegam fatigadas", parece que temos a impressão optica de todo o esforço, de toda a angustia que ruia a alma de Colombo e dos seus companheiros de perigo, quando aportavam ás praias americanas, sob as vistas da indianada inquieta. E não evocam, certo, no seu panejamento branco, essas "Naus" intrepidas, que largam, protectoramente, sobre a terra firme toda aquella gente estranha, outra cousa que aves gigantes batidas das tempestades, corridas das procellas para o seio da ignota America.

Todo o soneto é uma como epopéa angustiosa e alviçareira, com brados de triumpho e gritos lancinantes de dôr, visualmente, tangivelmente revelados aos nossos olhos pelos recursos onomatopaicos e picturaes do nosso idioma.

Entretanto esta differença é naturalissima. E' materialmente impossivel fundir o espirito de uma lingua noutra lingua. O pensamento, porém, a idéa do quadro e do talento do auctor, mais do que isto: traços circumstanciados, poesia, detalhes ficam authenticamente traduzidos, quasi sempre.

Algumas vezes a habilidade de Victor Orban, que é um so-
brio, mas soberbo estylista, contendo no rythmo francez e na sua
sensibilidade serena as exuberancias de escriptores nossos, dá-
nos, não só uma versão expressiva, o que, aliás, acontece conti-
nuamente, porém um apanhado flagrante da feição da forma, do
artista brasileiro.

Isto é virtude rara. Para tal se faz preciso, além do conhecimento perfeito do idioma que se traduz, a apprehensão do estylo, do pensamento e até do temperamento do artista: uma especie de alheimento de si proprio, para a transfusão de uma alma e uma sensibilidade diversa, na sua lingua, plasmada para as singularidades e dissimilitudes mais chocantes e definitivas da outra.

Para exemplo bastam alguns trechos da pagina de Ruy Barbosa sobre Thomaz Carlyle. Ahi parece, o milagre, que com Luiz Delfino fôra impossivel, operára-se evidentemente. Até nos persuadimos, ás vezes, de que foi o proprio Ruy que os escreveu em francez tal e tamanha é a semelhança com os impetos, a desbordancia pomposa e profundamente rythmica da sua maneira de pensar e dizer. A impressão é do nosso Amazonas alluvial, cavando sulcos, tragando terras, criando e fertilizando mundos, para plantios vindoiros e crystallisações esperadas a deslizar por mananciaes francezes, que resoam, milagrosamente, com reminiscencias de rio mar.

— *Carlyle était l'un des grands Anglais dont les écrits m'étaient les moins connus. Les tristes loisirs de l'exil me les rendirent familiers.*

.....

Bientot, comme un passager jeté à la côte par le naufrage, après avoir entendu gémir la mer tempétueuse, les recifs ne m'effrayèrent plus. Ces rives escarpées sont comme les defenses sévères d'un monde jaloux de ses trésors. Si vous en approchiez, vous verrez comme la poésie coule de ces rochers. Ce n'est pas la poésie des abeilles de l'Hymette. On sent davantage en elle l'âpreté des bises lourdes de l'Océan. Ce n'est guère une poésie qui fasse les délices du goût, comme la douceur du miel. C'est plutôt la poésie de la voûte étoilée avec ses espaces sombres où le bleu s'estampe dans les ténèbres, avec ses nébuleuses vagues, ses longues, voies lactées, chemins indécis de l'idéal. Cela ne veut pas dire que la nature de l'oeuvre de Carlyle soit contemplative et rêveuse. Son inflexible sincérité, la violence de ses contrastes, la sauvagerie des images qui peuplent son style, la lutte continuelle de son originalité contre les préjugés et les conventions sociales, son enthousiasme pour les expressions héroïques de l'individualité humaine,

le retentissement de ses apostrophes, les variations indefinissables de son humour, mélancolique et riant austrère et goguenard, éloquent et brutal, la monotonie même de certains courants de sa pensée, itératifs et périodiques comme les vents qui soufflent de certains coins du ciel, font songer, à un panorama de rochers arides au bord des eaux bleues dont le cristal se rompt en vagues frangées d'écume blanche, la houle battant, les promontoires silencieux, les oiseaux faisant planer leur vol solitaire et au-dessus, dans l'apaisement de la tempête, là où les étincelles de la foudre ne jaillissent plus, l'éternel calme du firmament la force, la lutte, la pureté, l'éloquence, l'immortalité.

E' com este carinho e esta nitidez de tintas que se denuncia em lingua franceza, ao mundo, a nossa escassa literatura.

Cada escriptor brasileiro tem a sua pagina magistralmente traduzida. Ahi, só se não realisou o impossivel. Se o verso e especialmente, o verso que exprime um facto caracteristico e uma nervosidade excepeional, como a de Luiz Delfino, Raymundo Corrêa, Bilac, e Alberto de Oliveira, não deram, em prosa rythmada a sensação do original, foi porque certas poesias traduzidas, perdem, não direi, precisamente, mas modificam-se muito, alteram muito a sua feição natural.

Ah! qui exprimera, que impuissante et esclave, ee que la boue ne dit pas, ee que la main n'ecrit pas?

Tu brûles, tu saignes, elouée à ta eroix, et bientôt tu vois se fondre en boue ee que t'éblouissait...

La Pensée bouillonne, e'est un torrent de lave; mais la Forme, épaisse et froide, devient un tombeau de neige... Et le mot lourd etouffe l'idée légère qui lumière et parfum, brillait et voltigeait.

Qui trouvera la forme propre à tout exprimer? Hélas! qui dira les angoisses infinies du Rêve? et le ciel qui recule devant la main qui s'élève?

Et la colère muette? et le degout muet? et le desesper silencieux et les paroles de foi qui n'ont jamais été prononcées? Et les aveux d'amour qui expirent sur les levres?...'

Esta versão das lindas estrophes de Bilac, apesar de traduzir, quasi, palavra por palavra, de transfundir quasi, pensamento

a pensamento, não define, não dá nunca a sensação crua e ainda que fosse em verso não o faria, da

INANIA VERBA

Ah! quem ha-de exprimir, alma impotente e escrava,
O que a bocca não diz, o que a mão não escreve?
— Ardes, sangras; pregada á tua cruz, e, em breve,
Olhas,desfeito em lodo, o que te deslumbrava...

O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava:
A Forma, fria e espessa, é um sepulchro de neve...
E a Palavra pesada abafa a Idéa leve,
Que, perfume e clarão, refulgia e voava.

Quem o molde achará para a expressão de tudo?
Ai! quem ha-de dizer as ancias infinitas?
Do sonho? e o ceu que foge á mão que se levanta?

E a ira muda? e o asco mudo? e o desespero mudo?
E as palavras de fé que nunca foram ditas?
E as confissões de amor que morrem na garganta?!

Em prosa já tenho visto perfis suaves, como dessa mystica Salambô ou palpitantes e quentes, como o da irrequieta e doidivas Mme. Bovary, saltarem, vivos e animados, das vestes *flaubertianas*, pela revelação minudentemente exacta de João Barreira.

No verso porém, nunca vi cousa assim. Nem a admiração prodigiosa, nem o maneirismo artificioso de Baudelaire, nem a sua affinidade, tão intima, com a alma do Pöe, bastaram para produzir o milagre de transfundir flagrantemente, em francez, o poema do grande poeta americano.

Nabuco, numa das suas conferencias sobre Camões, em Universidades americanas, lamenta, sentidamente que não possam apanhar os seus ouvintes, numa percepção integral a grandeza dos Luziadas. E note-se que elle proprio traduzira varios trechos e se referira, não poucas vezes, a versões completas e formosas do grande poema epico.

Nada disto, no entanto faz decrescer de um ceutil o trabalho sem par de Victor Orban.

Dos nossos poetas, em prosa sonóra, elle dá uma idéa perfeita. Dos nossos prosadores, cujas paginas illustra em francez limpido revela as virtudes e os predicados mais valiosos.

O seu livro foi uma empresa intrepida. Mais que isto, uma benemerencia á nossa nacionalidade historicamente apontada á gente que lê francez, e não é pouca, no que ella tem de mais desvanecedor aos nossos fóros de povo culto. E' uma arte senão brasileira, uma literatura senão nacional, ao menos uma literatura e uma arte superiormente praticadas por aqui, que se evidenciam com galhardia e se affixam com estos febris.

Ao lado de versões habilmente feitas, para que cada leitor possa, por si mesmo, ajuizar do merito da nossa literatura, elle antepõe sempre uma nota biographica e, com raras excepções, a photographia do escriptor citado. E' um serviço de reportagem literaria admiravel.

Biographar toda esta multidão de literatos nossos da época colonial até agora, traçando-lhes, invariavelmente, desde a nacionalidade, as características dos seus espiritos, ao numero e á qualidade das produções, é, para estrangeiro, tentamen positivamente heroico.

Um ou outro senão excusavel só servirá para patentear melhor o mundo de difficuldades, em obra deste genero, tão galhardamente vencido pela sua perseverança e carinho. Dentre estes, conta-se, por exemplo, o peccado venial de arvorar o Rio de Janeiro em torrão natal de Felix Pacheco, quando o illustre academico nunca deixou de ser, e fervorosamente, um authentiquissimo e bom piauhyense, e de designar de poema o "Inferno Verde", esta obra impressionista, mas incontestavelmente em prosa, do sr. Alberto Rangel. E, sobretudo, o que é mais curioso, quando nos deve mostrar o estylo animado, colorido e diabolico de Paulo Barreto, a citação de um trecho do "Momento literario", que é nada mais, nada menos que a opinião de Clovis Bevilacqua, sobre a literatura nacional.

Estes factos que são, aliás, os mais notaveis de todo o livro não afeiam, porém, nem desvalorizam a integridade e o valor dessa bella anthologia franceza.

"Litterature brésilienne" é bem a revelação ao mundo culto, do Brasil e dos seus homens representativos.

A. CARNEIRO LEÃO



FACTOS E IDÉAS

IMPREVIDENCIA E PARADOXO

"Londres, 1 — O ministro do Brasil, nesta capital, sr. dr. Fontoura Xavier, proeourou hoje sir Eduardo Grey, secretario de Estado dos Negocios Extrangeiros, com quem teve uma longa conferencia. Nessa entrevista, que foi demorada, o sr. Fontoura Xavier pediu ao sr. Grey permittisse que voltassem ao Brasil com carregamento de carvão os vapores "Royal Sceptre" e "Ouro Preto", já requisitados.

Reclamando essa autorisação o sr. Fontoura Xavier demonstrou ao ministro inglez que o carvão que deve seguir nos dois vapores é de urgente necessidade para a illuminação publica das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde está imminente o perigo da illuminação publica ser interrompida por falta absoluta de carvão.

Demonstrando isso, o sr. Fontoura Xavier declarou que o seu governo fazia sentir muito profundamente a sir Eduardo Grey as consequencias desastrosas que poderiam advir, se o Rio de Janeiro e S. Paulo se vissem forçados a ficar ás escuras.

Parece, segundo corre nas rodas diplomaticas, que o governo inglez vae permittir a sahida do "Royal Sceptre" e do "Ouro Preto", carregados de carvão para o Brasil."

E' exacta a noticia, apesar da data do telegramma — 1.º de Abril, dia dos "santos innocentes". Foi confirmada posteriormente, embora de modo indirecto, por uma nota official, em que se deram a conhecer as negociações entabuladas entre a legação britannica e o nosso ministerio afim de ser garantido um minimo de exportação, pelos portos carvoeiros, correspondente ás necessidades "indispensaveis" do paiz. Safámonos, pois, desta feita á curiosa mas arriscada experiencia de termos a nossa capital e o Rio ás escuras. Poder-se-á ter idéa do que isso representaria pela maxima policial corrente de que "um bico de gaz vale por um rondante"... Ainda bem, portanto.

Até quando, porém, se estenderá a garantia concedida, admitindo que realmente o fosse? Até o fim da guerra? E' mais do que duvidoso, dada a marcha dos acontecimentos. Até quando, então?... Quem poderá responder a semelhante pergunta? O certo e positivo é que estamos na dependência de circumstancias, alheias á nossa vontade, para assegurar o fornecimento de um producto que se tornou tão necessario á vida e segurança da população como a agua e a luz. Dá-nos a ameaça a possibilidade de prelibar as delicias do que nos proporcionar o bloqueio, por uma potencia inimiga, dos nossos dois portos principaes.

Devaucio?... Talvez. Foi a impressão que nos causou, annos atraz, a leitura de uma nota que nos fôra communicada pelo saudoso dr. Alfredo Maia. Referia-se esse documento á conveniencia de adoptar para a Capital Federal um supprimento mixto de gaz illuminante e de gaz "pobre". Era da lavra do mallogrado Frederick Stark Pearson e nas suas primeiras paginas estavam rigorosamente previstos os acontecimentos da hora presente. Dir-se-ia que o autor presentia dever ser uma das primeiras victimas, no monstruoso attentado do *Lusitania*... Não tomámos, então, a coisa a serio. E, a despeito dos calorosos protestos daquelle distincto collega, gracejámos do que suppuhamos não passar de reclamos adequados a quem quèria vender seu peixe...

Encarregou-se o tempo de mudar o prisma atravez o qual, nessa occasião, enxergavamos o mundo e a sociedade do seculo vinte. Fomos mesmo, por esse motivo, um dos poucos que mais voluntariamente contribuiu, na medida das proprias forças, ao chamado intelligente dos organisadores da "Companhia Paulista de Minas de Carvão de Pedra". Poucos não é o termo exacto, mas sim raros. Com tristeza o dizemos, deante da indifferença em meio da qual se arrasta a tenacidade e esforço desses benemeritos; para que tal succeda é mister que no Brasil ande muito esmorecido o sentimento patriotico, ou que a dose de imprevidencia que transpira de todos os nossos actos seja mais grave do que se suppõe, para que uma iniciativa dessa natureza se veja obrigada a gravitar em orbita tão reduzida.

Era de facto essa mesma imprevidencia, de que não ha entre

nós quem não tenha as mais intimas razões de queixa, que dictára a nossa attitude perante a alludida nota, aliás tão sensata e perfeitamente fundamentada, que nos fôra submettida. A guerra?... Quem é que pensava em tal? Adormentados por cerca de quatro decennios de paz pôdre, não era a homens da nossa geração que tal phantasma apavoraria. Havia, é verdade, no contexto do memorial, razões um pouco mais proximas e tangiveis. O perigo de uma grève, por exemplo. Uma installação de gaz "pobre", como era proposto executar, em paralelo com as retortas de gaz commum, confere á usina que a tem á sua disposição, uma elasticidade sem par. E' mesmo o unico anteparo contra as consequencias de uma agitação operaria que paralyse, por alguns dias, o trabalho de uma cidade. Fôra, até, precisamente, a principal razão que levava Pearson, advertido pela experiencia propria dos acontecimentos que haviam perturbado, tempos antes, a vida carioca, a aconsellar o seu emprego. Havia, tambem, figurada a hypothese de um accidente, um attentado em ponto vital da usina...

Que valor tinha, porém, tudo isso perante a inercia, a rotina espiritual que nos é tão difficil contrariar? Não havia, além do mais, uma causa, um motivo superior, uma "razão de estado" em summa que se oppunha a todos os seus argumentos? Os perigos que adviriam á população com o uso constante de um producto perigosissimo, toxico violento e subtil, capaz de produzir accidentes mortaes em pouco tempo, não era, por si só, mais do que sufficiente para se oppor a todas as boas vantagens, evidentes embora, de ordem social, apontadas pela parte interessada? Certamente que sim. Que sacrificasse, pois, ella, com as vantagens enumeradas, os proventos supplementares que quasi sempre auferiria com o emprego do seu apre-goado gaz "pobre". *Salus populi suprema lex...* E assim terminou de nossa parte a palestra-discussão, retrucando-nos Maia ao despedir-se com esta phrase de que só mais tarde comprehendemos o perfeito cabimento: "com a sua logica scientifica salvam nuitos medicos das doenças os clientes; do remedio é que estes nem sempre conseguem escapar."

Era elle quem estava com a boa razão. Deslisaramos nós muito naturalmente e sem disso nos aperceber, para o ponto de vista absoluto, unilateral e, portanto, erroneo — tão



commum nas organizações administrativas em toda a parte, e nas que têm a seu cargo os serviços d'hygiene em particular — no considerar um problema concreto, real, que apresenta, esse, como quasi todos, não um só, mas muitos aspectos, dignos, cada um delles, de serem devidamente ponderados antes da decisão final. Tão commum que o nosso contradictor foi esbarrar no Rio com a mesma, mesmissima muralha, opposta em nome de um “paradoxo scientifico”, puro e simples, no caso um “paradoxo hygienico”, á installação que a empresa do gaz alli estabeleceu e que não pôde nunca funcionar, pondo os fluminenses em apuros muito mais serios e immediatos que os paulistanos e os argentinos em casos semelhantes, de guerra, bloqueio, parede, revolução ou sinistro e ainda, egualmente, em detrimento dos interesses do fornecedor, tão respeitaveis afinal como outros quaesquer.

Como é que se origina, cresce e crystallisa um “paradoxo” desta natureza, levando a consequencias com que todos perdem e collocando o Rio em condições mais precarias que as da nossa Paulicéa ou as de Buenos Aires? Eis o que vamos tentar mostrar.

*
* *

Os combustiveis mineraes apresentam composições muito variaveis. Assim, se puzermos em paralelo um bom carvão de pedra de Newcastle, como os que importam as nossas empresas de gaz, com uma anthracite das que se encontram tão abundantes nos Estados Unidos e lá são empregadas para o mesmo fim, encontraremos as differenças seguintes em cem partes:

	Newcastle	Anthracite
Parte volatil	31.95	} 10.06
Agua	1.35	
Coke	66.70	

Puzemos de parte os corpos accessorios, tal o enxofre, que tambem existem em péquenas proporções, para apenas accentuar as linhas principaes.

Se distillarmos, em vaso fechado, o primeiro desses combustiveis para lhe aproveitar os principios volateis em que, mostra o quadro, é elle tão rico, teremos o gaz de illuminação,



o nosso "gaz", sem outra designação particular. Se, pelo residuo solido dessa distillação, o "coke" que todos conhecem, ou pela anthracite — que o contem, segundo os numeros acima, em tão grande proporção — fizermos passar, depois de se achar incandescente, uma corrente de vapor de agua, teremos o gaz que é conhecido pela denominação de "pobre" ou que ainda, tendo em vista a sua fabricação, é apellidado de "gaz de agua". Essa "pobreza" é apenas relativa. Exprime o ponto de vista das necessidades da illuminação, hoje antiquada, pela chamma ao ar livre ou de bico commum. A do gaz "pobre" é "azul" e não dá, portanto, a luz requerida. Para obter esta, em qualidade e quantidade comparaveis ás do gaz commum, é preciso "enriquecê-lo" artificialmente com a parte volatil em que é tão deficiente, como patenteia a analyse supra. E isso se consegue por meio dos oleos mineraes, do benzol e outros productos de composição analoga.

Nestes factos vamos encontrar a razão de ser da evolução geographica do gaz "pobre" que, embora conhecido desde época longinqua, só veio a tornar-se de emprego pratico depois que um chimico francez, Tessié du Motay, inventou o processo industrial de preparo a que deu o seu nome. Não lhe sendo possível deparar applicação na Europa, transferiu-se para os Estados Unidos, onde de um lado a opulencia das jazidas de anthracite e, de outro, a nimia barateza dos residuos de fabrico do kerozene abriram largo campo á utilisação do methodo. Aperfeiçoado este pelos americanos Strong e Lowe, disseminou-se tão amplamente que mais dos 80 por cento do gaz de illuminação da grande Republica são constituídos de gaz "carburetado" — é assim que é conhecido depois de "enriquecido". Devia a França apresentar o quadro opposto. Os direitos consideraveis que incidiam sobre a importação dos oleos mineraes tornaram prohibitiva ou sem interesse a "carburetação"; sómente depois que a producção industrial do benzol em grande escala se tornou possível é que o problema começou a ter attractivo.

Subiu de grau essa vantagem a partir do dia em que a descoberta de Auer von Welsbach veio tornar dependente, pelo emprego do veu incandescente, a illuminação do calor e da temperatura da chamma, emancipando assim a luz da quanti-

dade de carburetos contidos no gaz distribuido. Desde esse momento, até paizes que, como a Inglaterra, possuíam as mais reputadas jazidas de carvão para gaz, foram invadidos pelo novo producto. A primeira applicação alli registada data de 1891; pois bem, em 1900, dos 4.167 milhões de metros cubicos de gaz fabricados, 283 milhões já pertenciam ao gaz pobre. E a proporção cresceu depois com a maior rapidez. Escusado será dizer que os povos de lingua alleman não ficaram para traz. Pelo contrario. Encontrando-se alli muitas distribuições de gaz geridas directamente pelas autoridades municipaes, estas, com os braços desembaraçados de contractos existentes a respeitar, procederam a extensas e interessantes applicações de nomeada universal, como a de Nuremberg, e deram oportunidade a que surgisse o methodo de melhor rendimento até agora conhecido, o de Dellwik-Fleischer que permite extrahir de equal peso de carvão mais do dobro do gaz que collimava obter o processo anterior.

Apparece a face hygienica da questão com a entrada do producto no velho Mundo. Para bem a apprehendermos, ponham-se em paralelo, como fez um adversario decidido do gaz pobre, a sua composição e a do gaz commum:

	Em cem partes de		
	gaz commum	gaz pobre	
Hydrogenio	50	40	Util (calor, luz)
Méthane	30	15	Util (luz)
Oxydo de carbonio..	9 a 13	30	Inutil (toxico)
Benzol	4 a 6	3 a 5	} Util (calor, luz)
Ethyléne	3 a 4	4 a 8	
Hydrogenio sulfurado	0	3	Inutil (mau cheiro, deteriora os apparatus)
Acido carbonico ...	1 a 2	1 a 2	Inutil (prejudica a combustão)
Oxygenio	0	2	Inutil (deteriora os apparatus)
Azoto	2,8	1 a 2	Inutil

Ponha-se de parte o que diz respeito á economia do systema cujos inconvenientes, no que diz respeito ao estrago dos apparatus, os processos de depuração permittem reduzir a nada ou quasi. Ponhamos igualmente á margem o mau cheiro imputado á presença do sulfydrico; todos sabem que o gaz

commum tão pouco rescende a rosas; a arma é, além do mais, de dois gumes, pois ha quem prefira o mesmo gaz commum, que tambem não é innocente para o organismo, justamente porque o cheiro lhe assignala a presença.

Fica de pé o oxydo de carbonio. Ahi, sim, que existe um perigo real. O gaz pobre contem-no em dobro, ou mais ainda. Está-se em presença de um dos mais violentos venenos que podem pôr em perigo a nossa pobre carcassa. Ha cerca de quinze annos, um homem cujo nome só por esse factu passou á posteridade, Theodoro Scribante, submetteu-se a uma série de experiencias perigosas *in anima vili*, capazes de rivalisar com as de Cleopatra em quadro que a oleographia barata tornou populares. Encerrou-se dentro de uma camara de ferro que existe no Instituto Physiologico de Turim, sem outras aberturas que não sejam um oculo de vidro, uma fresta circular, vedando hermeticamente, e os orificios de penetração dos apparatus de medida; alli permaneceu durante 22 minutos, sem sentir qualquer coisa digna de nota, respirando uma athmosphera artificial que continha tres decimos por cento de oxydo de carbouio.

Repetiu ainda a experiencia, varias vezes e com outras doses. Numa dellas, tendo ficado 35 minutos dentro da caixa, e tendo sido elevada a proporção a 0,35 ‰, sentiu dôr de cabeça e os dois professores Mosso que dirigiam a operação puderam verificar leve diminuição na frequencia da respiração, e diminuta acceleração do pulso. Mas, da ultima vez deu-se por satisfeito o nosso heróe. Scribante deixara de respirar ao cabo de pouco mais de tres quartos de hora de estadia numa athmosphera contendo 0,43 ‰ do malefico gaz. Voltou á vida com facilidade, mas não quiz mais voltar para dentro da caixa. Para lá foram alguns fieis amigos do homem, que corroboraram o algarismo encontrado para o seu predecessor.

Ficou-se sabendo que perante a morte, pelo menos recorrendo ao oxydo de carbonio, homem e cachorro são eguaes. Não resistem a mais de $1/233$ desse composto em diluição no ar respiravel. E Gréhan, autoridade na materia, acceitou o resultado nessas condições, isto é, para as intoxicações agudas, differentes das da maioria dos casos possiveis na vida commum. Para esses, demonstra a observação que proporções menores, tão variaveis segundo as condições que vão de $1/1000$ a



1|7000, são mortíferas quando respiradas por muito tempo. E' o caso das engommadeiras parizienses, permanecendo de manhã á noite, junto a fogões de aquecimento com conibustão defeituosa.

*
* *

Quando se envereda por esse caminho, as conclusões tetricas são inevitaveis. Dêmo-nos ao trabalho de fazer um pequeno calculo. Supponha-se aberto por descuido um bico de incandescencia commum que vasa 15 litros por hora. Teremos, fechando hermeticamente o quarto de cama, 12 litros de oxydo de carbonio no fim da primeira hora, quasi cem ao cabo de 8 horas de somno; num compartimento de 25 metros cubicos, chegamos ao theor de 4|1000. E' a morte pela certa segundo os numeros de Gréhant, tanto mais que á acção do oxydo de carbonio se vem juntar a do acido carbonico e a dos outros corpos que entram na composição do gaz pobre, dos quaes alguns são tambem prejudiciaes.

Foi a França que offereceu o exemplo mais frisante da formação de uma corrente de opinião, adversa a essa phase da evolução da industria gazista, provocada por meios desta ordem. Um grande jornal pariziense, cujo nome Delahaye não cita mas que pelos signaes é o mesmo a que alludimos na nossa chronica anterior, levantou campanha aberta contra o novo producto. "Como, querem envenenar-nos ainda mais?!... Acham ainda pouco o que já temos?!... Mesmo em plena rua somos já hoje envenenados a cada passo com escapamentos de gaz ou, por outra, de oxydo de carbonio. Paris tem mais de mil kilometros de canalisação mestra e, mesmo nos melhores encaunamentos ha 10 e, por vezes, 20 por cento de gaz perdido. Calcula-se, portanto, que em 24 horas se desprendem 8 litros de oxydo de carbonio de cada metro quadrado de via publica desta cidade." O autor d'onde extrahimos a citação limita-se a fazer notar que, no anno de 1904 em que as linhas acima eram impressas, segundo o relatorio da respectiva Companhia, a totalidade de gaz sahida dos gazometros e não paga pelos consumidores era de 16.062.071 metros cubicos; pelo calculo em que se baseiava o famoso organ dos interesses publicos *setecentos milhões ainda não chegariam ...*

Nem por isso deixou a atoarda de produzir seus resultados. Em 1907, o Conselho Municipal, depois de encarnigada lucta entre os partidarios e adversarios da proposta que admittia o uso — e sómente em proporção de 15 % do volume total no gaz distribuido — rejeitava por 37 votos contra 35 a autorisação pedida. E' verdade que alguns annos mais tarde, em virtude da economia alli possivel de realizar mesmo com essa pequena proporção e impressionados os edis pelo exemplo de todos os outros paizes, a medida era finalmente approvada a 29 de Novembro de 1913. Mas não é menos exacto que a opposição se baseára em voto categorico do Conselho de Hygiene e Sa-lubridade do Departamento do Sena, concebido nestes termos textuaes: "Emquanto o gaz de agua contiver uma proporção de oxydo de carbonio superior á do gaz commum, a sua introdução nas canalisações não deverá ser permittida."

Quasi simultaneamente com o veredicto da douda assem- bléa era entretanto publicada a seguinte estatistica, referente ás cidades hollandezas que nesse anno de 1906 *não haviam registado um unico accidente de intoxicação pelo oxydo de carbonio*:

Cidades	População	Produção de gaz		Proporção de gaz pobre no total
		commum metros cubicos	pobre metros cubicos	
Amsterdam	564.194	54.225.040	19.516.830	26,4
Rotterdam	390.364	26.397.865	12.922.681	32,8
Haya	248.959	30.630.714	9.497.802	19,6
Utrecht	114.692	11.135.840	7.289.230	39,5
Haarlem	69.702	9.403.900	294.190	3,0
Arnhem	62.277	8.867.616	1.707.832	16,1
Leiden	57.095	8.599.599	720.263	7,7
Tilburg	43.500	3.821.331	630.680	14,1
Maastricht	36.477	2.927.880	7.870	0,26
Leeuwarden ...	34.789	2.926.060	498.725	14,5
Zwolle	33.000	2.509.412	1.451.940	36,6
Deventer	27.808	2.692.050	623.928	18,8
Alkmaar	20.399	2.509.677	125.403	4,7
Zutphen	18.423	2.404.477	348.943	12,6
Venlo	17.183	1.143.909	244.592	17,6
Bergen-op-Zoom .	14.720	971.744	55.218	3,3
16 cidades ...	1.753.592	171.167.114	53.936.187	23,95

Tinham, pois, as summidades officiaes do Conselho de Hygiene do Sena a contrariar as suas apprehensões e, ao mesmo tempo, a pôr em duvida a procedencia dos calculos theoricos de que demos excmplo, os dados reaes colhidos sobre um numero de individuos quasi equal á população do nosso Estado e nas condições as mais differentes, taes como podem ser offerecidas por dezeseis localidades distinctas. E, note-se, ao percorrer a ultima columna, como nos encontramos distantes da modesta porcentagem fulminada administrativamente, sem appêllo nem agravo. Como os modestos 15 0/0 rejeitados em Paris fazem triste figura ao lado dos 32,8 de Rotterdam ou dos quasi quarenta de Utrecht, sem que as rubicundas maçasinhas do rosto das graciosas subditas de S. M. Guilhermina déssem em empalhidecer...

*
* *

Foram considerações desta natureza que levaram os inglezes a concluir de modo diverso. Agitada a questão perante a opinião publica — algumas linhas mais abaixo encontrará o leitor lapidarmente exposto qual o sentimento de respeito pelo individuo que sempre a norteia — nomeou o Parlamento uma commissão de inquerito deante da qual desfilou a “nata” do que possui aquelle paiz em gazistas e hygienistas. Todos sabem que se a solução da guerra actual dependesse destas duas especialisações, já outra seria a superioridade de posição dos allia-dos. Nellas, como no mar, *rule Britannia*... Pois bem; até hoje não julgou o Parlamento Inglez dever intervir na proporção de gaz pobre a ser introduzida nas canalisações.

Mostraram-se, no decorrer do inquerito, os hygienistas mais exigentes do que quaesquer outros. Não era de esperar outra coisa. Que differença entretanto com o ponto de vista intransigente, rispido, radical do Conselho do Sena. E' difficil furtar-se á tentação de privar, a quem tem a paciencia de nos ler, do sabor de um reflexo. Dar-lh'o-á o illustre Percy Frankland que nesse anno, 1899, presidia a secção de sciencias physicas e biologicas do congresso que em Southampton reunia o Sanitary Institute.

“Um dos grandes factores que entre nós mais contribue para o progresso dos conhecimentos geraes e esclarecimento do espirito pu-



blico é indiscutivelmente o "livro azul" de uma comissão "Real" ou de um comité "Departamental". Todo o inglez deposita no conteúdo desses volumes de capa anil a mesma fé infantil e acima de qualquer discussão com que toma conhecimento das deliberações de um jury de doze homens, cujos nomes, qualificações, temperamento e posição ignora ou lhe são indifferentes. Duvidar da inspiração de um "livro azul" e discutir as conclusões de um corpo de jurados são para elle duas formas de heresia que ferem os proprios alicerees da sociedade britannica e merecem, por consequencia, a condemnação a mais severa, senão o mais exemplar castigo.

"Não ha duvida de que ambas são excellentes instituições, e longe dos meus intuitos está tentar sequer estremecer esses idolos em seus pedestaes, pois que no que diz respeito á hygiene e saude publica o "livro azul" tem quasi invariavelmente produzido beneficos resultados. Se alguma queixa tivesse de emittir seria precisamente a de ver as attribuições dos membros das respectivas comissões limitadas a merecer respeito, ao passo que as suas recommendações soffrem em geral o mesmo destino que todos reservamos aos excellentes conselhos que costuma dar-nos o vizinho do lado.

"No que toca á hygiene e á saude publica foi o ultimo anno em extremo fertil nessa forma de litteratura inspirada e encadernada na côr do ceu, pois que nada menos de tres relatorios separados, emanando de tres comissões distinctas, foram publicados sobre assumptos que são de grande interesse para os membros do presente Congresso.

"Em todos os tres casos os problemas eram da mesma natureza, representando, como representavam, conflictos entre interesses industriaes e interesses da hygiene.

"Encontramos num em conflicto os interesses dos fabricantes de gaz e a segurança do publico; noutro existe um conflicto entre os interesses dos fabricantes de louça e a saude dos seus empregados; representa o terceiro, em opposição, os interesses dos fabricantes de phosphoros e a hygiene dos operarios que para elles trabalham.

"E' evidente que o primeiro é o que patenteia maior importancia, affectando como affecta a totalidade da população. Foi elle provocado pela recente introdução de modificações nos processos de fabrico do gaz, levando a circular nas tubagens de muitas das nossas cidades um novo producto, apreciavelmente mais rico em oxydo de carbonio que, como é bem sabido, é o mais venenoso dos componentes do gaz illuminante commum. E' esse inquerito, por todos os motivos, dos mais notaveis pois allí se admite unanimemente que o riseo real para o individuo com o accrescimento que se dá em oxydo de carbonio é quasi infinitesimal e assim poderá, á primeira vista, causar extranheza que semelhante assumpto constituisse objecto de tão elaborado trabalho. Acredito, comtudo, estou no direito de pensar, que nada ha de mais fundamentalmente repugnante para um inglez do que a idéa de ver sacrificada uma só vida que seja desnecessariamente; seria uma injustiça para

com o individuo, e injustiça com a simples unidade é de tal modo contraria aos nossos instintos e tradições de egualdade e equidade como se se tratasse de toda a communitade ou mesmo da raça. A verdade ainda vae mais longe, visto que sob muitos aspectos a injustiça individual parece de facto mais intoleravel ao sentimento inglez do que a injustiça que affecta a muitos.

“Foi o perigo inherente á mistura de gaz pobre e gaz commum examinado por uma commissão de competencia fóra do commum, eontando entre os seus membros um homem de sciencia — o dr. Haldane — cujos estudos anteriores sobre o assumpto se achavam assignalados de maneira conspicua.

“Demonstrou elle que, dadas as mesmas condições de capacidade de compartimento, ventilação, pressão de gaz e tempo durante o qual uma pessoa se acha exposta ás consequencias de uma fuga, o perigo proveniente de um escapamento é muito maior no caso de um gaz contendo proporção consideravel de gaz pobre do que no caso do gaz commum. De facto, o ponto realmente importante a ter em mente é que o perigo augmenta bem mais rapidamente do que a proporção de oxydo de carbonio; ou, por outras palavras, que um gaz contendo o duplo do oxydo que contem o gaz commum offerece francamente perigo mais que dobrado.

“Na opinião da commissão, o exemplo mais conuiuente dos riscos, que acompanham a distribuição de gaz rico em oxydo de carbonio, encontra-se nas estatisticas de mortalidade do Massachusetts. Mostram os numeros que em Boston

1886	—	nenhum gaz pobre;	em 29.554 consumidores	houve	0	mortes
1890	—	8 % de	" " ; "	46.848	"	6 "
1895	—	90 %	" " " ; "	68.214	"	24 "
1897	—	93 %	" " " ; "	79.893	"	45 "

“Esses algarismos mostram que o desenvolvimento sem peias da industria do gaz pobre deve ser enearado com serias apprehensões. Por felicidade não ha a mesma vantagem commercai entre nós em substituir o gaz pobre ao gaz commum nas proporções que a America regista e torna-se mais facil, portanto, restringir o seu volume na distribuição. Suggesteria a commissão que não fosse permittida a introdução nas canalisções de gaz contendo mais de 20 por cento de oxydo de carbonio, limite que corresponderia approximadamente á mistura de partes eguaes de gaz commum e de gaz pobre.

“ A extensão do perigo effectivo que está ligada á distribuição de gaz pobre complica-se e não pouco por um outro aspecto: numero consideravel das fatalidades que citei como occorridas em Boston foram devidas a suicidios e não a accidentes. Vê-se portanto que as circunstancias põem em relevo ser o risco de accidente menor do que o

indicado pelo numero total de obitos, mas que fica á disposiçãõ de todos um instrumento de morte especialmente seductor.

“A legislação das nações civilisadas intervem na venda dos alcaloides e outros venenos mortaes, solidos e liquidos; talvez fosse de mais, mesmo no fim do seculo dezenove, esperar dos nossos legisladores conhecimentos scientificos bastante desenvolvidos para fazel-os dar com a existencia de um toxico invisivel...”

A subtil ironia do conhecido professor do Mason University College torna bem patente que este não está de accordo com a decisão do Parlamento, recusando-se a intervir na distribuiçãõ de gaz pobre. Foi mesmo por isso que o escolhemos para dar a impressãõ do ponto de vista da parte mais radical da commissãõ, a que opinava, como os seus collegas da “entente cordiale” — a esse tempo ainda não eram alliados — ao sul da Mancha, pela intromissãõ administrativa. Porque, é bom saber-se desde já, houve quem julgasse inutil a intervençãõ no meio dos proprios hygienistas. Mas que abysmo immenso entre os francezes, rematando pela proscripçãõ absoluta, e a maioria da commissãõ ingleza, não achando inconvenientes em uma mistura de partes eguaes dos dois gazes, o pobre e o commum?!...

*
* *

E, afinal, quem tem razãõ?!... Parece, á primeira vista, que se trata de conclusões inconciliaveis. Reflectindo melhor, porém, verifica-se poder bem ser que a tenham uns e outros. Não gracejamos. Senão, veja-se: é o problema o mesmo, porventura, em toda a parte?... De modo algum. Se o fosse, como explicar as seis occorrencias mortaes de Boston em 1890, quando o producto alli distribuido comportava apenas oito por cento de gaz pobre, em paralelo com a ausencia completa de accidentes nas dezeseis cidades da Hollanda em 1906, com porcentagem tres vezes mais elevada e para uma populaçãõ total quatro vezes superior?... Como encontrar explicaçãõ para a innocuidade do mesmo gaz, com 32 por cento do componente perigoso, em Rotterdam, sobre quatrocentos mil habitantes, em presença das nove victimas registadas na capital do Massachusetts que então contava, em 1891, pouco mais gente?...

Isso basta para fazer comprehender como o problema é complexo, não sendo a quantidade do oxydo de carbonio presente senão *um* dos seus varios factores. Este elemento só tem valor, quando em balanço com os outros termos da questão.

Assim é que, muito justamente, houve no seio da commissão ingleza quem quizesse pôr em equação a natureza e o estado de conservação dos encanamentos. Foi até proposta uma tabella especial para esse fim.

Houve egualmente quem se quizesse lembrar dos empregos diurno e nocturno do gaz, permittindo uma porcentagem mais alta no primeiro periodo e reduzida no segundo. E' do celebre physico William Ramsay a idéa. Note-se que, em conclusão, mesmo nas peiores condições de installação, ainda se chegava a trinta por cento, de noite, como não sendo de mais. E os numeros hollandezes bem mostram a possibilidade de se distribuir producto de toxicidade muito superior sem risco "real" de especie alguma.

Serão, por outro lado, indifferentes o cuidado e a attenção com que o consumidor faz uso da sua illuminação, do seu esquentador? E' evidente que não. Uma localidade em que as emprezas nada desprezam para pôr ao corrente o particular das boas condições em que devem ser mantidos os apparatus, onde o nivel da educação popular é mais elevado, não pode absolutamente estar sujeita ás mesmas regras que outra onde tudo ande ao "Deus dará"... Não encontramos aqui, entre nós, familias em que a dona da casa realisa respeitavel economia com a cosinha a gaz, paredes meias com outras em que o despacho do fogão pela porta fóra tem para o patrão o effeito de um despertar de pesadêlo?...

Nada, porém, influe tão directa e consideravelmente como o regimen de vida. O inglez tem um proverbio que o define "as portas foram feitas para ficar fechadas, as janellas para se conservarem abertas". Entra-se numa casa do Reino Unido. Vê-se a janella discreta, mas cuidadosamente entreaberta. Paiz de carvão barato, a velha chaminé, poderoso agente de ventilação, tem offerecido resistencia tenaz ao assalto dos outros systemas de aquecimento. Nas cidades, domina a casa de moradia unica,

para uma só familia, o que ainda mais contribue para a conservação desse engenho *old style*.

Encontramos em França exactamente o contrario. O horror ás correntes de ar dos nossos irmãos latinos é por todos conhecido; é proverbial. Mal chega o inverno, a dona da casa compra uns metros de umas salchichas de serragem e outras substancias más conductoras que se vendem em todas as lojas de quinilharia sob o nome de *bourrelôts* e veda, calafeta cuidadosamente todas as juntas, as mais pequenas frinchas por onde o ar exterior tenha acesso. O calorifero portatil tão pernicioso á saude, em virtude dos gases carbonicos que desprende, os *poële*, *salamandre* e quejandos completam o scenario. Vae fazer dois annos, Kohn-Abrest, director do laboratorio de toxicologia da Prefeitura de Policia, publicava, na "Technique Sanitaire et Municipale" um excellent artigo sobre as "intoxicações pelo oxydo de carbonio". São suggestivos os periodos iniciaes desse estudo: "Desde que apparecem os primeiros frios, começam a dar-se os accidentes devidos ao oxydo de carbonio. Se o seu numero é relativamente pouco elevado comparado á enorme quantidade de apparatus de aquecimento que existe em Paris, a sua frequencia ainda é por demais exagerada, sendo os casos de intoxicação mortal dos mais desoladores (*navrants*) entre os de morte accidental, de tal modo a causa que os produz é a maior parte das vezes banal."

Ora, comprehende-se que num tal meio a opposição ao emprego do gaz pobre apresente o aspecto de intransigencia que, á primeira vista, faz do caso isolado da França no meio dos outros paizes objecto de curiosidade desdenhosa. Explica-se que, com taes habitos de vida, o Conselho de Hygiene e Salubridade do Sena tenha votado a conclusão de Moisson que atraz reproduzimos. E que o dr. Ménétrel tenha levantado, na Sociedade Franceza d'Hygiene, o brado de alarme que foi ouvido a proposito de um accidente sobrevindo em Marselha, a 24 de Janeiro de 1914. Tudo se comprehende e explica.

O que se não explica, nem comprehende, é que entre nós se queira adoptar o mesmo criterio, ou mais rigoroso ainda, para condições de vida visceralmente differentes. E' infelizmente



vêzo antigo, contra o qual a reacção se apresenta cheia de difficuldades. Não temos disso um exemplo, e bem frisante, na absurdissima disposição dos exagerados pés direitos dos predios, ácerca da qual alguém, com outra autoridade que o modesto signatario destas linhas, o dr. Afranio Peixoto, se pronuncia tão viva e sensatamente nos seus "Elementos de Higiene"?...

"No Rio, diz elle, a lei municipal obriga os pés direitos a 4,^m0 no primeiro pavimento, 3,^m8 no segundo e 3,^m6 nos outros; nos edifícios de mais de 8,^m0 de fachada sobre a rua o pé direito mínimo deve ser de 4,^m5, 4,^m2, 4,^m0 respectivamente. O ar das camadas superiores contribue pouco para as trocas respiratorias. Os longos pés direitos desperdiçam espaço e alongam escadas e esforço em vingal-as. Finalmente, é comico, que paizes frios onde se dorme de portas e janelas bem fechadas e com focos de aquecimento violando o ambiente, contentem-se com os cubos modestos de 25 e 30 metros cubicos, emquanto nós, num paiz quente, de janellas escancaradas ou venezianas permeaveis nos aposentos, sem outra violação a não ser a respiração das pessoas, procuramos exceder estes numeros e á custa da dimensão, exactamente mais onerosa e menos util de aumento. Convem dizer que a postura atual realiza um progresso, porque ao tempo do prefeito Barata Ribetro medico e professor da Faculdade, a exigencia era de 5 metros e mais para os pés direitos..."

Com relação aos perigos do gaz pobre, a nossa estatistica de S. Paulo põe bem em evidencia como essas circumstancias do modo de viver nacional reagiram sobre as conclusões theoricas deduzidas da simples presença do oxydo de carbonio em excesso. E em S. Paulo, pela differença de clima, a janella abre-se menos que no Rio, enbora, como lá, a construcção offereça por toda a parte uma permeabilidade á athmosphera exterior de que na Europa nem idéa se tem.

A "S. Paulo Gas Company" tem em uso desde 1907 uma installação de gaz pobre annexa á sua fabrica do Braz; a reparição demographica do Serviço Sanitario apresenta de então para cá os seguintes algarismos:

	SUICÍDIOS		ACCIDENTES	
	Asphyxia	Veneno	Commoção electrica menos raio	Absorpção de gaz deleterio
1907	0	5	3	0
1908	0	4	2	0
1909	0	2	1	0
1910	0	6	3	0
1911	0	10	5	0
1912	1	17	2	0
1913	0	18	6	1
1914	0	21	3	1
1915	0	24	0	0
Totales	1	107	25	2

E' bem acrescentar que o caso registado em 1913 foi devido, segundo fomos informados — não oficialmente, é verdade, mas por alguém digno de todo o credito — a gaz absolutamente extranho á illumination da cidade. Nada sabemos a respeito do de 1914. Admittindo, porém, que se tratasse relativamente a este ultimo de intoxicação pelo gaz da distribuição, vê-se quanto esta se mostrou innocua em comparação com a rêde de energia electrica que carrega com a responsabilidade, no mesmo prazo de nove annos, de vinte e cinco accidentes mortaes.

Não estará indicando, de outro lado, a estatistica dos suicidios, em espantoso crescimento todavia, que esse gaz se não apresentou aos desesperados da vida, que lhe preferiram os venenos, como o agente facil e seductor de que nos fallou Frankland mais atraz?

Seria mesmo difficil, em frente aos dados que acima vimos, justificar entre nós o principio de intervenção da autoridade a que allude o professor inglez no final do trecho transcripto. Mas, se essa autoridade interviesse em nome da segurança publica? Não teria que começar, por maioria de razão, por ordenar a suspensão dos serviços da "Light & Power"?... Pensa alguém, nisso, porventura? Ora, tudo leva a suppor que no Rio, onde o clima ainda é mais propicio ao conjunto de circumstancias favoraveis, a experiencia se não mostrará menos eloquente do que entre nós. Servir-se, na cidade de S. Sebastião, da regra de Pariz, seria ou não o "paradoxo scientifico", ou

“sanitario” a que nos referimos no começo da chronica e cujos elementos temos percorrido?

*
* *

No momento actual já não é, porém, sómente paradoxal o estranho ponto de vista que colloca o Rio em posição inferior a outras cidades do continente. E' simplesmente... inexplicavel.

Em época normal poderiam existir circumstancias de outra ordem. Circumstancias de character economico, por exemplo, como a de constringer a empresa concessionaria a repartir com o publico os beneficios eventuaes que auferisse pelo emprego do gaz pobre, misturado ao que lhe fosse permittido pelo contrato. Isso na hypothese, claro está, de existirem tacs beneficios. Na memoria que o notabilissimo engenheiro suisso Theodoro Turrettini redigiu para a commissão administrativa da cidade de Genebra, da qual fez parte, estudando o assumpto, resalta claramente que outras vantagens que não as de ordem financeira immediata recommendam o emprego da mistura. São ellas: 1.^a) facilidade de regular a producção segundo as horas do dia, trabalhando apenas de noite; 2.^a) facilidade de poder regularisar a cada instante o poder illuminante em caso de má qualidade do gaz commum, por exemplo; 3.^a) utilização mais perfeita do capital fixo e circulante, podendo estabelecer regimens differentes, conforme os preços de compra do carvão e do oleo mineral, e do preço de venda do coke; 4.^a) auxilio effcaz em caso de falta de carvão ou de grêve.

Na situação especial em que está o nosso paiz, ha momentos em que o fabrico do gaz pobre deixa de dar lucro, seja por motivo de convir muito mais vender o coke pelo preço que elle vale no mercado interno, seja que o oleo, necessario á carburetação imposta pelos contratos, suba a cotações elevadas em demasia para a taxa cambial vigente. Não nos parece que estejamos agora muito longe dum destes casos, ou da interferencia dos dois.

Pouco importa, porém; tudo isso seria materia para discussão e negociações em tempo normal.

A época é entretanto, tudo quanto ha de mais anormal. O aspecto que está assumindo a guerra deve-nos encontrar preparados para qualquer emergencia. Faz-nos o panico pensar até em navios de madeira (!!!...) Mandaria a mais elementar prudencia que não permittissemos, que impedissemos até as companhias a não desbaratar e a economisar parcimoniosamente as suas reservas de coke, que estão valendo tão elevado preço, para aproveitar, em caso de necessidade, a ultima das vantagens acima enumeradas.

Ao envéz disso, o paradoxo scientifico que analysámos leva-nos a viver *au jour le jour* com o gaz commum até o dia em que a fabricaçãõ tenha de cessar por falta de materia prima. A cidade às escuras, registrar-se-ão alguns roubos ou assassinatos a mais. O "Quincas da Saúde" ou o "Juca da Gambôa", ao passarem uma "gravata" no burguez que despreoccupado recolhe mais tarde, enganam-se no esforço e apertam de mais. Era uma vez um burguez. Mas não terá morrido intoxicado pelo oxydo de carbonio... "Escapava da molestia, se não morrêsse da cura" insculpir-lhe-ia Tolentino no epitaphio.

Tambem poderá succeder que, em aperturas, nos lembremos de recorrer ao coke que fôr encontrado disponivel. Deitar-se-á mão da installaçãõ que tão paradoxalmente tem sido impedida de funcionar e verificar-se-á com surpresa... aquillo que já era de esperar.

Dar-nos-á nesse caso a guerra uma liçãõ salutar que quasi desejamos, afim de que nos não succeda, em circumstancias mais serias, de parede, revoluçãõ, de guerra que nos interesse directamente ou bloqueio dos nossos portos, o que então terá consequencias difficeis de prevêr, incalculaveis mesmo talvez.

Liçãõ semelhante a uma das que recebeu a França, nesta mesina industria do gaz, com a questãõ do benzol. Este producto serve, como já vimos anteriormente, para augmentar o poder illuminante do gaz quando elle a possui em grãõ deficiente. Tendo esse poder illuminante passado a segundo plano, com a entrada dos novos processos de incandescencia, todos os paizes modificaram as respectivas fabricações, aproveitando o benzol inutil que era contido no gaz para lhe dar applicaçãõ mais proveitosa. Nessa applicaçãõ, encontra-se em primeiro lugar a manufactura dos explosivos de guerra.

Permaneceu a França indifferente ao movimento geral. Um celebre gazista estrangeiro classificou mesmo essa attitude de "erro nacional". Tudo foi debalde. Foi preciso que viesse a guerra para que os francezes acordassem. Só a 29 de Novembro ultimo é que o poder legislativo votou finalmente a lei autorizando a operação que, posta em acção antes de 1914, tantos serviços teria prestado.

"Quantos erros, commenta acertadamente Risler, a proposito de analogos e paradoxaes descuidos da sua terra, dos quaes uns se traduzem em lagrimas e dôres, outros por milhões dispendidos inutilmente, poderiam ter sido poupados com um pouco de previdencia ajuizada..."

Abril, 1916.

VICTOR DA SILVA FREIRE.



RESENHA DO MEZ

MONOLOGOS

A Academia Brasileira pôde gabar-se de ter quebrado o gelo que a separava do paiz. As suas vagas não logravam de ordinario interessar senão a um circulo muito restricto, nos meios mais ou menos literarios do Rio de Janeiro, e só no Rio de Janeiro. Eleições houve que passaram quasi despercebidas: os écos da cabala não chegavam aos ouvidos profanos; os jornaes noticiavam o resultado em meia duzia de linhas; e quando a porção culta do publico se dignava de voltar os olhos para a alta companhia, não ia com elles a attenção, nem o respeito, — era um relance ironico, pouco caso e mofa. Agora, eis tudo isso mudado. Os candidatos affluem, vai uma larga effervescencia pela republica das letras, a contaminar os dominios convizinhos, o jornalismo, a politica, a diplomacia; e o publico, por toda a parte, se não está positivamente entusiasmado, já entretanto lê mais devagar as noticias, comenta-as, guarda os nomes dos candidatos, faz comparações, exprime os seus votos. O contraste é tão vivo e tão bruceo que se torna muito mais facil reconhecê-lo do que explical-o. O mais que se pôde fazer — e isto, em vez de explicar, complica — é attribui-lo ás mesmas causas que produzem as rapidas e successivas transformações dos estados de alma collectivos, no Brasil, a respeito de quaesquer outras or-

dens de assumptos. Somos o povo das surpresas. Vivemos ás reviravoltas. De um dia para outro sahimos de uma apathia politica já considerada irremediavel e travamos uma tremenda batalha campal em torno de duas candidaturas presidenciaes, enchendo o paiz inteiro, de norte a sul, com um fragor de armas jámais igualado. Inesperadamente, o desanimo e a tristeza geraes, como um mar morto que de subito se alteasse em vagas e se rendilhasse de espumas, sem alteração do vento e sem abalo da terra, entram a dar lugar a uma revivescencia patriotica aberta em esperanças e em optimismos, através de cem vozes esparsas. Ha dias, um illustre jurista constatava, pela imprensa do Rio, uma revivescencia semelhante — a do espiritualismo, demonstrada por uma série de factos simultaneos, mas não lhe achou filiação authentica, ou sequer accetavel. E assim é com todas as outras attitudes do espirito publico, seja a respeito das grandes, seja ácerca das pequenas coisas.

Em todos os povos ha uma certa instabilidade de sentimentos e de opiniões, mas as reacções não são tão subitaneas, nem tão inesperadas. Sempre se lobrigam, no travamento dos factos e dos aspectos da vida commum, os antecedentes que as arrastaram, as condições que as favoreceram. Não se vai ao fundo das coisas, mas em fim se reconhece nas manifestações do subjectivismo po-

pular alguma relação com os acontecimentos, alguma concordancia com certos phenomenos sociaes apreciaveis, que lhes são a um tempo causa e effeito: tem-se uma tal ou qual intelligencia das variações dos estados de alma collectivos, e se não se chega a ler correntemente por ellas, como por um livro aberto, sempre se percebe que ha alli um sentido. Aqui, nada disso. Tudo se póde esperar, e não se póde esperar nada. Quando as coisas parecem ir-se encaminhando para o ponto A. como uma conjunção de forças, eis que de brusco, sem causa apparente, com escandalo da mechanica, o feixe de energias se volta para o ponto B, ou se dispersa. Somos uma nação posta em musica por um Debussy neurasthenico: sobressaltos melódicos inconsequentes sobre uma floresta soturna de sons agitados. Da nossa psychologia só nos é dado conhecer as paixões, que explodem; as tendencias ficam cada vez mais occultas...

Emfim, bello assumpto para uma série de dissertações sociologicas, sempre faceis de fazer porque no fim dão certo de qualquer maneira, e têm a vantagem de produzir o effeito de sciencia pura! Sobretudo se se lardeiam de erudições, igualmente faceis porque nunca faltam livros excellentes para se defender qualquer these. Aqui está um trabalho a calhar para um poeta que de-seje rehabilitar-se como capaz de obras de peso e de succo.—YORICK.

AS PROMESSAS DO ESCOTISMO

O sr. Amadeu Amaral, que, á medida que avança em annos alarga notavelmente a sua actividade espirital, produzindo em prosa ou em verso, indifferentemente, — fez, no dia 9 do corrente, nesta capital, uma conferencia sobre *As promessas do escotismo*. Essa conferencia foi a primeira do uma serio que a Associação Brasileira de Escoteiros, sabiamente orientada, resolveu organizar como complemento do seu

vasto e elevado programma de cultura moral e patriótica.

O Brasil, disse o sr. Amadeu Amaral, atravessa de annos para cá uma crise de pessimismo, como outra igual não houve, talvez, na sua historia. Os acontecimentos politicos, as difficuldades economicas e financeiras, a rapida transformação dos costumes, perturbaram de tal maneira os espiritos, lançando-os num tão doloroso abatimento, que já se disse, com razão, que o brasileiro é um povo de desanimados e de tristes. Os interesses collectivos, quando a elles nos referimos, são tratados com amarga melancolia; não nos aquecem mais os enthusiasmos generosos; e todas as illusões amaveis nos deixaram, ao ponto de só medrarem e alastrarem por toda a parte, “numa rusticidade tenacissima e prolifica de tortulho, de escalracho ou de tiririca, os egoismos bravios, as impotencias doloridas e superciliosas, os pessimismos ferozes, as erenças enfermas que só acreditam no mal, as caricaturas de esperanza que só esperam desastros, os enthusiasmos virados do avesso que se confundem com um furor vesânico de destruição, de achincalhe e de morte”.

Trata-se, evidentemente, de uma psychose collectiva, da qual um dos mais assustadores aspectos é a estagnação do patriotismo. Reduzido á sua essencia primeira, o patriotismo “é apenas o amor espontaneo do torrão natal”. E’ o “patriotismo-chrysallida”, proprio dos povos primitivos. Entorpecido o tenro, dorme “nos abysmos da inconsciencia”, emquanto se lhe formam as azas e espera o momento de vibrar-as num vôo frenetico e arrojado. No Brasil, a chrysallida se immobilisou.

O patriotismo não passa aqui, portanto, de vago apego instinctivo á terra e, socialmente, nada vale. Não produz coisa nenhuma. Só por palavras se manifesta, quando se manifesta, emquanto o que vale são os actos. Ora, o patriotismo verdadeiro” é amor, é orgulho, é aspirações, é esperanza”. Vive de desejar, distingue-se pela sua fé e é bello,

porque capaz de sacrificio. O Brasil não o conhece. Aqui, as eleições transcorrem sem eleitores, e o prestigio da autoridade publica vive a oscillar "entre a louvaminha humilhante e a diatriba cnvenenada".

Ha, de resto, uma incapacidade, quasi absoluta, de aggremação, mantendo-se o povo alheio ás questões nacionaes. Vêde a instrução popular. Ninguém trata de organizar-a. Espera-se pela acção do governo que, se algumas vezes chega a ser boa, só é boa, entretanto, pelos esforços de alguns homens publicos.

A literatura reflecte, naturalmente, esse estado de coisas. Queixam-se os escriptores da falta de preço para os livros, o que não se dá na Europa. E' verdade. Mas é tambem verdade que na Europa e até na America do Norte, ao lado da "literatura-mercadoria", existe a producção desinteressada. Ha "os livros de fé, de apostolisação, de controversia, de sinceridade, de piedade, de amor, de revolta, lançados a lume por devoção a uma causa, por enthusiasmo doutrinario, por impulsos de humanitarismo, por confiança no poder das idéas, por descargo de consciencia, por necessidade de gritar convicções". Onde, aqui, os livros dessa natureza? Não os temos. A's vezes, um Euclýdes da Cunha ou um Affonso Arinos lança um volume ou uma pagina "repassada de preocupação, de sentimento, de intencionalidade "brasileira". Mas essa producção brilhante e forto corre ao lado de outra numerosissima, e absolutamente caracteristica, quando não é deliberadamente hostile ao paiz, que procura deprimir, exagerando os seus males physicos ou moraes. Tão pronunciado é em certos escriptores o proposito de amesquinhar a propria nação, na sua composição ethnica ou no seu destino, pela facil e sympathica accettazione de abstrusas theorias sociologicas, não raticadas pela historia, que se diria haver nelles um como orgulho por pertencerm a "uma patria fadada a pcecer na sombra de uma irremediavel miseria..."

Tal é a situação moral do nosso povo. Para muitos, o que ha é uma "crise do caracter". Não sei bem, diz o sr. Amadeu Amaral, o que possa ser essa crise. Talvez não passo de uma simples phrase. Porquo os grandes caracteres, raros em toda a parte, não escasseiam completamente entre nós. Nem nos faltam tambem homens probos e dignos, havendo por aqui muita gente honrada e boa. Onde, pois, a "crise do caracter"? Visível, só uma coisa existe: "a predominancia social dos que sacodem de si os liames incommodos dos escrupulos". Este, porém, é um mal universal. E o que ha nelle de particularmente nosso é que ossa predominancia aqui se exerce sem contraste, não havendo da parte dos bons e dos puros a menor resistencia. Não nos alarmemos, porém. Podemos explicar essa sujeição ás forças corruptoras, "pelo exaggero morbido de certas qualidades fundamentaes do caracter brasileiro: a affectividade, o sentimento, a brandura".

E aqui está, talvez, o nosso maior defeito: a molleza. Falta-nos energia; a nossa alma ó frouxa. Sem perseverança, sem tenacidade, "somos dubios no bem como no mal". Fugimos ás responsabilidades, ás luctas longas e incertas. Tudo isso se espelha na nossa literatura, onde não ha theatro, porque o theatro, nascendo de situações patheticas ou tragicas, requer "conflictos de consciencia e vontades". O lyrismo, sim, um lyrismo repassado de melancolia, pessimismo e desanimo, o lyrismo é o que predomina om toda a nossa literatura. Na politica, que se póde definir para nós numa palavra — transigencia, — a mesma frouxidão. Ella é um tecido de abdicções. E alguem que se levanta, mostrando simplesmente quo possui certa dóse de resolução e de firmeza, sobre passar por thaumaturgo e por bruxo, tem logo a adoração, entre assombrada o obediente, das legiões partidarias e dos poderes do Estado.

Fóra da politica, nas outras espheras, a mesma desorganisação.

Problema que doponda dos esforços solidarios dos interessados, é problema sem solução. O typo commum do brasileiro, mesmo onde se alteou o nivel da sua energia. "pode ser representado por um individuo desconfiado e timido, constantemente preocupado em apagar todas as saliencias da sua pessoa como quem desmancha as rugas de easaco mal agitado, e constantemente mordido pelo desejo de ser considerado "bom rapaz", de não desgostar ninguem, de ser amigo de toda a gente". A sua propria linguagem é molle e hesitante. E nas coisas mais corriqueiras da vida podemos observar identico relaxamento da volição. Um estrangeiro que nos visitou e escreveu um livro sobre o Brasil, o padre Gaffre, notou, com acerto, que aqui os filhos é que governam os paes...

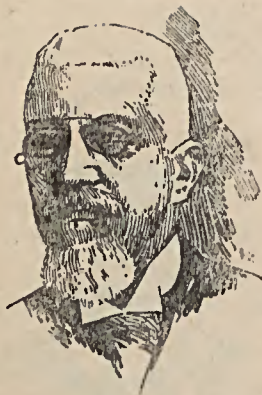
A molleza é, pois, a origem da maior parte dos nossos males. A propria depressão do patriotismo, assignalada de principio, não deriva de outra fonte. Porque o patriotismo, embora seja um sentimento energico e fecundo, não é um erizador, mas um transformador de energias. Elle murcha, se estas desfallecem. Como, porém, combater esse mal? Como evitar o pessimismo e a perversão do patriotismo? Conhecendo a sua origem commum o educando a vontade.

A educação! Eis a nossa questão capital. No Brasil, todos o reconhecem, a educação é cheia de defeitos. O maior desses defeitos está em que, visando formar caracteres, ella esquece a "espinha dorsal" do caracter, isto é, a vontade. Precisa ser corrigida. E para isso nada ha de mais pratico e proficuo que o escotismo. Bem executado, o escotismo completará e coroará a educação do lar e da escola, fazendo que se modifiquem os methodos actuaes daquella educação. Vem a pelo saber, portanto, que é o escotismo.

O escotismo é obra do general inglez Baden-Powell. Na campanha do Transvaal, observou esse militar que os "boers" tinham um modo especial e novo de usar os seus adolescentes nos trabalhos auxiliares da

guerra. Copiou os "boers". E colheu excellentes resultados no cerco do Mafeking com o primeiro pequeno exercito de rapazinhos, que criára. Essas provas lhe evidenciaram "as vantagens de uma educação viril e energica da infancia, pela pratica da vida intensa e aventurosa, pela disciplina e pela acção commum, pela lucta com os obstaculos da natureza, pelo exercicio physico, pelo cultivo da elegria, da serenidade, da paciencia, da coragem..."

De volta á Inglaterra, Baden-Powell, observando alli um tal ou qual afrouxamento na virilidade da nação, exclamou textualmente: "O meio de refazer as nossas energias entibiadas nos é ensinado numa maravilhosa escola, nos postos avançados das nossas colonias: a escola da vida selvagem. Lá, o individuo se vê na contingencia, quer queira quer não, de ser um homem, e não um carneiro; abre o seu caminho palmo a palmo, através da natureza inimiga, e se quer vencer tem de conquistar o cxito em plena lucta". E começou a sua propaganda. Reuniu o primeiro grupo de rapazes. "Arrancou-os á monotouia e á indolencia dos habitos quotidianos, á estufa da cidade, ao contacto dos vivos e jornaes nem sempre salutareas, á atmosphaera viciosa dos cinemas, aos exemplos de baixeza, de egoismo, do brutalidade que por todos os lados se lhe deparavam; levou-os ao campo, fel-os saltar vallos e regatos, caminhar e correr, trepar ás arvores, galgar collinas e escarpas, apanhar muito sol, respirar muito ar puro; ensinou-lhes a nadar, a construir pontes rusticas, a installar aparelhos de signaes, estender linhas telephonicas, a encontrar o caminho perdido, a orientar-se de dia e de noite, a distinguir os animaes e as plantas, a reconhecer no chão os signaes da passagem de pedestres, de vehiculos, de bichos; a armar ton-das, a eonstruir cabanas, a fazer fogo, a cosinhar a comida, a curar os ferimentos o contusões..." Bella obra. Seria, porém, simplesmente bella se uma rigorosa disciplina não viesse coordenar material e espiri-



Poucos politicos terão soffrido ataques tão rudes como elle; poucos homens terão deixado após si, como elle deixou, um renome de bondade e doçura. Um pessimista concluiria daqui que os homens bons são os piores politicos, e talvez não concluísse mal. Nós não concluimos coisa alguma. Assignalamos apenas o facto. Só o futuro poderá dizer se os ataques foram justos e se a bondade pessoal é uma calamidade social... O paradoxo rompe tão arripante que se pôde quasi affirmar, desde já, que os ataques foram exaggerados.

Seja, porém, como fôr, a verdade é que o nome de Francisco Glycerio está gravado na historia da propaganda, da proclamação e dos annos mais agitados da Republica. Não ha força capaz de o arrancar dali ou sequer de o apagar.

Foi um typo inconfundivel em nossa politica e houve um momento em que a dominou completamente como seu chefe supremo.

Não podiamos ver com indifferença a queda final de um lutador da sua força e do seu passado.

BELLAS-ARTES

CÁRICATURA

Abriu-se este mez a exposição de caricaturas de Voltolino, o mais popular dos caricaturistas de S. Pau-

lo. Filho de paes italianos, este artista nasceu em S. Paulo e aqui viveu até aos doze annos; depois seguiu para a Italia, estudou rudimentos de desenho num lyceu profissional de Pisa e tornou á terra natal, onde trabalhou em estabelecimentos graphicos até dedicar-se á caricatura, que era sua verdadeira vocação.



Lemmo Lemmi (assim se chama o nosso artista) é, pois, um auto-didacta, com as qualidades e alguns senões dos que por essa forma se educam. Os senões limitam-se a certas deficiencias de desenho que o artista facilmente corrigirá. Em compensação, quantas e quão bellas qualidades offerecem os seus trabalhos! Voltolino não se fez caricaturista por capricho, e sim por temperamento. De todos os nossos artistas deste genero, é elle, talvez, quem possui a verdadeira expressão caricatural. Não lho sae o traço com a elegancia e o "chic" de J. Carlos, em quem, ás vezes, o illustrador ou o decorador, supera o caricaturista; podem faltar-lhe a segurança e a nitidez do desenho de Calixto; não o inspiram os assumptos literarios que fornecem a Raul uma boa dose dos seus "calembours" illustrados, mas nenhum desses apresenta na execução e na concepção um tão forte espirito de satyra, uma tão funda impressão do ridiculo. O seu desenho, simples e synthetico, tem a espontaneidade de uma "piada" e é incisivo e fustigante como a propria satyra. A's vezes, traz no fundo, uma amargua philosophia a diluir-se numa in-

finita piedade, como no n. 13 (Luta pela vida). Como certos desenhos de Forain, este faz rir a principio e pensar em seguida. Outras vezes apanha exclusivamente o aspecto comico, o ridiculo de certas fraquezas humanas. Destes, um dos melhores, senão o melhor exemplar é — “Il XX Settembre”. Nesta pequena obra-prima do observação, Voltolino estuda admiravelmente o

typo do colono italiano enriquecido no Brasil e é assim o primeiro artista brasileiro que nos forneo a documentação deste novo elemento da nossa sociedade. No desenho a que nos referimos e que lhe resume com rara felicidade a psychologia, esse typy apparece-nos no seu exaggerado amor ás exterioridades berrantes e espalhafatosas. E' o dia 20 de setembro; o amor á “patria lonta-



na” não lhe permite deixar passal-o sem uma commemoração. Qual ha de ser? Pega do seu Pepino, enfarpela-o numa farda de “bersagliere”, em cujas calças as perninhas desaparecem perdidas nas dobras do

panno sobejante, afivela-lhe á cinta uma espada e esmaga-o sob o peso de um capacete, que as pennas farfalhantes de uma cauda do gallo fazom pender para a direita, a esconder-lhe o rosto. Prompto! Agora



um charuto toscano ao canto da boca, o chapéu do lado, o melhor terno e o collete mirabolante, e toca a andar por essas ruas, a acompanhar a banda "Ettore Fieramosca",

arrastando pela mão o pobre Pepino, que nada sabe da Porta Pia e da respectiva brécha... E está comemorada a grande data. Este patriotismo ingenuo e espectacular

(aliás não incompatível com o verdadeiro, a valer), é que mereceu de Voltolino uma satyra admiravel, ao mesmo tempo que é um estudo perspicaz de psychologia e, no fundo, um perfeito quadro de genero. Mas, o humorismo da scena se completa, se dissermos que o Pepino é alumno no grupo escolar do Bom Retiro e nunca falou o italiano... nem o portuguez! Exprime-se nesta algaravia intermedia dos dois idiomas, que é a lingua official de certos bairros da Paulicéa...

Verdadeiro "pendant" deste quadro é a "Solennidade nacional". Em tres typos de officiaes da guarda nacional, que se exhibem em publico, resume o caricaturista a comemoração que costumamos fazer das nossas datas solennes. Tão fieis são os briosos milicianos a esse rito, que o encontro delles é para os transeuntes desprevenidos, signal tão certo de festa nacional, como é presagio de chuva a escuridão do céo para os lados de Santo Amaro. E que typos! Cada um delles traz na expressão physiomica, no todo, nas attitudes, a caracteristica perfeita das classes em que geralmente se recrutam os officiaes da nossa milicia. E', aliás, neste genero que Voltolino revela a superioridade da sua arte. Preferimol-o na reprodução destas personagens populares que elle estudou com um carinho especial. Devemos-lhe, nesse particuilar, a fixação de alguns typos condemnados a desaparecer, como o baleiro preto ou mulato, figura ha annos obrigada á hora de sahida das escolas e hoje quasi rara. Quer no elemento luso-brasileiro, italo-brasileiro ou nos pretos e mulatos, Voltolino elege sempre o seu modelo nos personagens da rua, que se lhe fazem encontradiços na sua incoercível perambulação de bohemio incorrigivel... Admiravel bohemia, que nos fornece alguns exemplares da melhor "arte brasileira", espontanea, caracteristica e pessoal.

Infelizmente este talentoso artista é obrigado a dispersar a sua actividade de tal modo, que a sua produção se resente bastante desse

mal. Esperemos que melhores dias lhe tragam a tranquillidade indispensavel ao labor intellectual e lhe permittam só entregar ao publico aquillo que fôr digno do seu grande valor artistico. — N.

PINTURA

No Rio de Janeiro falleceu Francisco Aurelio de Figueiredo e Mello, distincto pintor brasileiro. A circumstancia de ser irmão de Pedro Americo, conduz toda a gente a um inevitavel e injusto confronto no julgamento deste artista, confronto que não pôde deixar de lhe ser desfavoravel, pois o autor da batalha de Avahy, não só é um dos maiores pintores que o Brasil tem produzido, como tambem um dos grandes artistas do seu tempo.

Se lhe applicarmos, porém, um outro criterio mais justo, o seu nome ficará entre os dos nossos artistas mais esforçados e talentosos.

Aurelio de Figueiredo fez, ha alguns annos, uma pequena exposição em S. Paulo. Ao que parece, já começara a accentuar-se a sua decadencia. Algumas paisagens, correctamente desenhadas, apresentavam um colorido desharmonico a affirmar uma visão já defeituosa. Contudo, a technica era ainda fina, com um certo aspecto decorativo interessante.

Os seus dois trabalhos principaes foram muito discutidos pela critica: "Francesca da Rimini" e "Descoberta do Brasil". A execução deste ultimo coube-lhe por haver conquistado, com o seu esboceto, o premio do concurso aberto pela Comissão do Quarto Centenario da Descoberta do Brasil. Teve do executal-o no Brasil, em prazo relativamente curto, vencendo mil difficuldades. Criticos autorisados reconhecem nessa obra muitas qualidades notaveis.

Deixa Aurelio de Figueiredo na Galeria Nacional do Bellas Artes varios trabalhos, entre os quaes um grande quadro a proposito do fa-

moso baile da Ilha Fiscal, que precedeu de alguns dias a proclamação da Republica.

Era natural do Estado de Alagoas o falleceu aos 62 annos. — N.

MUSICA

Além de mais um dos bellos concertos do violinista virtuoso, Mischa Violino, em que foi executado com brilho e intelligencia o famoso concerto de Tchaikowsky, tivemos, no mez que termina, a estréa de uma companhia lyrica italiana, organizada pelos srs. Rotoli e Billo-ro, para a empresa theatral Loureiro, trabalhando no Theatro São José. Essa companhia apresentou-se modestamente, pondo o preço das localidades do theatro ao alanceo do toda a gente, especialmente dos que nem sempre poderão supportar os encargos de uma temporada official no Theatro Municipal, como já alguns dissemos. O seu elenco, sem contar com nomes celebrados como notabilidades mundiaes, apresenta todavia artistas, em geral bastante aceitaveis, que constituem um conjunto bem equilibrado.

Em principio, sempre fomos in-fensos ás companhias lyricas de organização modesta e a preços baratos, no nosso meio, porque não vemos em que ellas possam contribuir para o nosso progresso no terreno das artes. Bem sabemos as faltas e os senões que apresentam esse espectaculos offerecidos ao publico, conscios das enormes difficuldades com que tem de arcar as empresas que, sem nenhum auxilio official, organisam as companhias lyricas. Claro está que em condições modestas, entenda-se — falhas, as obras de arte não podem ser apresentadas de modo irreprehensivel, como é, de absoluta necessidade, e esse facto de forma alguma vem portanto contribuir para o desenvolvimento artistico do povo. Taes considerações nos levaram já em 1907 a atacar os espectaculos lyricos a preços baratos, nas condições em que nos são offerecidos, o que nos valeu uma série de censuras injustas.

Hoje, como então, pensamos do mesmo modo; desanimado, porém, de ver remediado esse mal, por meio de subvenções e favores officiaes, que ponham as empresas theatraes em estado do contribuir com espectaculos oxeelentes ao alanceo das boíças de toda gente, para o desenvolvimento são da arto elevada no nosso meio, aceitamos, embora contrafeitos, os factos consummados.

Aos que são chamados a emittir o juizo em publico sobre os espectaculos de taes companhias lyricas "baratas" impõe-se a obrigação de usar de uma grande indulgencia, baixando ao minimo as exigencias artisticas.

A critica de arte em taes condições não nos parece, pois, corresponder ao seu verdadeiro fim, nem tampouco, ser de proveito á educação artistica do meio.

Essa é que é a verdade.

Mas, que fazer?...

Logo, com respeito á companhia lyrica, em questão, é justo, reconhecer os esforços com que todos, artistas e empresa, contribuem para dar feição attrahente aos espectaculos que se têm realisado no São José.

Até aqui o repertorio apresentado foi o antiquado, e esse, dados os precisos descontos, tem sido executado de maneira a não desagradar.

Artistas, como as sras. Galeazzi, Rina Agozzino, Clasenti, Baldini e Frabetti, e os srs. Federici, Dolei, Melocchi, si não se elevam a alturas de grande notoriedade, são, todavia, merecedores de attenção e contribuem para bons conjunctos. Os côros são fracos, mas estão diseiplinados; outrotanto se pôde dizer da limitada orhestra, e o todo, sob a direcção experiente do maestro Arthur de Angolis consegue dar espectaculos como o da "Favorita" por exemplo, que a critica benevolente deve, em conjuncto, considerar muito bom.

A empresa promette ainda espectaculos em que serão exhibidas operas novas. Dellas nos occuparemos, então, no proximo numero. — F.

BIBLIOGRAPHIA

VARNHAGEN E A SUA OBRA

O sr. Remigio de Bellido fez a proposito de Varnhagen um trabalho que quizeramos ver imitado em relação a outros grandes vultos das nossas letras e da nossa historia. Esso trabalho é definido pelo proprio autor nas seguintes linhas em que abre o seu folheto:

“Vae consignado nestas paginas tudo quanto o feeundo espirito produziu e publicou, e bem assim o que o paiz conserva religiosamente incdito em manuseriptos adquiridos de seus herdeiros, as traducções feitas de notaveis trabalhos, os prefacios com que enriqueceu obras alheias, collaboração na imprensa nacional e estrangeira e, a seguir uma rolação das homenagens até aqui prestadas ao glorioso patrieio.

Proseguindo na missão que me impuz de vulgarizar a vasta obra dos nossos grandes escriptores, como na “Bibliographia Andradina”, a norma adoptada não destôa: mostro o que esses homens produziram, conceitos que mereceram, e quem com competencia que não eu, lhes escreva a historia, apreciando a obra pelos multiplos aspectos que desvendo nestes trabalhos.”

Esse proposito, que denota no autor uma seriedade de espirito tanto mais forte quanto se mostra alheia ás seducções de gloria que outros estudos menos aridos lho garantiriam, é realizado com methodo e proficiencia. O trabalho saiu um inventario completo e minucioso de tudo quanto Varnhagen eserovou o do principal que em relação a elle se tem escripto.

As investigações do sr. Remigio de Bellido são precedidas de um estudo, largo e entusiasta, do sr. Antonio de Oliveira sobre o nosso maior historiador.

Quem conhece as fadigas que eustam empresas desta ordem e o valor que ellas têm para o estudo dos homens, subsereve sem hesitação este appello com que o sr. Re-

migio de Bellido encerra o seu ligoiro prefacio:

“Oxalá não me reeuso o publico, esse grande publico constituido dos patriotas que auxiliam as boas tentativas, o sou auxilio para que eu leve por deante a minha generosa idéa que se resume em poucas palavras: ter prompta para vir a lume, por occasião da commemoração do centenario da Independencia desta bella e estremeçada Patria (si a minha existencia o permittir) a bibliographia paulista, que as minhas forças e elementos não consentem estendel-a a todo o paiz. Outros, certamente mais apercebidos, seguirão o exemplo o integrarão a obra patriotica.”

BRASIL HISTORICO

O sr. Eugenio Egas vem de annos para cá concentrand o molhor da sua actividade intellectual no estudo da nossa historia. Já nos deu om volume um documentado trabalho sobre Feijó e uma traducção da historia do Brasil de Armitage.

Apparece-nos agora com uma publicação periodica, de grande vulto, em que, além de estudos especiaes, promoverá a impressão e reimpressão de documentos que interessam á nossa historia. Para dar idéa do valor desse trabalho a que ello poz o titulo de “Brasil Historico” basta dizer que no primeiro volume publicado vêm as cartas do d. Pedro I ao pao e todos os outros documentos publicos, representações de camaras, discursos, proclamações, etc., que se relacionam com o movimento da Independencia.

Seguem-se a isto uma oxtensa bibliographia dos Andradas, a reproducção das homenagens que lhes foram prestadas e, por fim, tudo o que se passou no parlamento e no governo quando foi da proclamação da maioridade do D. Pedro II.

O programma dessa publicação verdadeiramente benemerita, está contido nestas palavras do proprio sr. Eugenio Egas:

“Os nossos intuitos são: publicar estudos sobre homens o coizas brasi-

leiras: divulgar, methodicamente, e por assumptos, documentos historicos nacionaes, porventura ainda ineditos, ou que, não o sendo, por ahi circulam esparços, como se fossem leis extravagantes e desconhecidas; reimprimir obras de historia patria, que estejam em pleno dominio publico, mas que, por sua raridade ou preço elevado, não se encontram ao alcance dos estudiosos desfavorecidos da fortuna."

E' preciso agora que o publico não deixe desfallecer uma tentativa tão patriótica. Publicações desta natureza não demandam só paciencia e energia pessoal: demandam, sobretudo, capitães.

Não devem ser tambem uma obra individual mas um producto colectivo. Quem não contribuir com o seu escote intellectual, contribua com a sua quota pecuniaria. De uma ou de outra fórmula, cumprirá o seu dever de patriótica.

REVISTAS E JORNAES HOMENS E COISAS NACIONAES

CREDITO AGRICOLA

A lavoura, asphyxiada dia a dia, por falta de credito bancario, principalmente do credito movel accessivel, — contrariamente ao que succede ás demais classes laboriosas do paiz, — si se vê privada já da pequena população indigena dos centros agricolas, com maior força de razão rão consegue a implantação do trabalhador estrangeiro e de pequenos capitães, sem o auxilio dos quaes hão de permanecer incultos o esteireis, por tempo indefinido, as vastas e ricas zonas da parte central do Brasil, até hoje sem expressão commercial ou industrial organizada.

A porcentagem dos nossos agricultores que precisam do credito a longo prazo é insignificante comparada com a dos que o necessitam sob a forma movel para o custeio das suas propriedades.

Entre nós antigos fazendeiros e seus descendentes, nascidos e habi-

tuados na lavoura já desertaram em quantidade dos seus postos por falta de recursos e muitos até se arremataram com seus filhos no arrematamento dos cafesaes, para a carpa e para a colheita.

E isso por não possuírem o credito, que perfeitamente garantido, lhe seria necessario, para a manutenção do pessoal exigido pelo trabalho agricola não so vincula ao immovel, ás mais das vezes, por fugir-lhe o ponto de apoio, que é o salario normal, isto é, a assistencia que lhe deve garantir o fazendeiro.

A criação do Credito Agricola impõe-se, portanto, por vir abrir novos horizontes a tantas forças capazes, que neste momento estão em disponibilidade.

E' necessario um grande Banco Central que venha fomentar a organização generalizada de outros institutos de iniciativa privada, assim como promover a criação e multiplicação dos bancos regionaes, injectando na vida economica nacional uma seiva nova e cheia de consequências sociaes salutaes e beneficas, modificando por completo os males que torturam e sempre torturaram a lavoura.

E, por assim não termos procedido soffremos hoje as funestas consequências de uma desordem economica irrecusavel e aguda, que se pôde ser minorada momentaneamente por medidas transitorias e de occasião, debellada não o será em definitiva senão á custa de iniciativas outras, applicadas com perseverança, de effeitos lentos, porém, duradouros, concludentes e efficazes.

E' admiravel que a unica actividade que sustenta ainda os cofres publicos e de cuja desenvolução depende o resurgimento dos nossos creditos interno e externo, seja exactamente aquella que não conseguiu amparo efficiente do credito apesar de offerecer as melhores o mais inludiveis garantias.

Só S. Paulo seria sufficiente para justificar e garantir um grande instituto que operasse exclusivamente no terreno do credito agricola. Não ha a menor duvida que offerece so-

bejas garantias uma lavoura que conta propriedades agricolas em numero superior a 56.000, num valor total superior a um milhão de contos, parceladas em áreas de 10 até dezenas de mil alqueires de extensão para cada proprietario, formando uma área total superior a 5.000.000 de alqueires, em terrenos cultivados na extensão de 600.000 alqueires e os restantes em eiras, campos o pastos. E, accrescente-se que um contingente de mais de 500.000 trabalhadores estrangeiros e nacionaes é empregado na cultura do café, da canna, do algodão, do arroz, do milho, do fumo, da vinha, da alfafa, da mandioca, da batata e de tantas outras plantas uteis e rendosas, em que só o café, na cifra de setecentos milhões de arvores, occupa uma área de quatrocentos mil alqueires de terras, com uma produção superior a dez milhões de saecas.

E como complemento de tamanha riqueza consignemos ainda a sua pujante e, no entretanto, apenas incipiente actividade zootechnica já representada por mais de 2.500.000 cabeças de animaes de criação e de trabalho nas especies cavallar, vacum, muar, lanigero, caprino e suino, além de aves domesticas, com as respectivas produções do leite, manteiga, queijo, carne, couros, lã, toucinho, etc.

Apesar de todo esto quadro lisongeiro, apezar do aparelhamento do credito exclusivamente regional, que deu a S. Paulo um papel tão preponderante na nossa vida economica, esta opulenta região se acha na mais embaraçosa situação por não dispor a lavoura do credito necessario, em um periodo excepcional e agudissimo, como o que atravessamos, para defender efficazmente seus productos, sacrificando-os portanto a preço vil.

Si isto acontece em relação a São Paulo, que tem recursos excepcionaes do prosperidade, imagino-se os transes por que está passando o resto da lavoura do paiz, quer do norte quer do sul.

E é de justiça consignar que o que se dá no momento presente é a

consequencia de uma crise de ordem geral, affectando a tudo o a todos cujas responsabilidades não podem ser imputadas á lavoura, que, ao contrario, ha longo tempo clama por medidas que, se não impedissem em absoluto os horrores por que estamos passando, pelo menos attenuariam grandemente as suas consequencias.

A lavoura sem credito não pôde se expandir nem alimentar a fortuna publica ou particular; sua ausencia promove o exodo das populações ruracs para os centros populosos, como todos os seus inconvenientes: os productores transformados em consumidores; a fome de empregos publicos; a miseria das classes proletarias e o augmento dos encargos do governo nos sorviços de assistencia, além das apprehensões inherentes e possiveis perturbações da ordem publica, com o apparecimento de tendencias desorganizadas de que são fertois as grandes agglomerações, quando dellas desaparecem os meios de subsistencia o esperanças de melhoria do sorte.

Urge, custe o que custar, inverter a situação, entregando as populações validas ao nobre trabalho rural e desengorgitando os centros urbanos das agglomerações superabundantes e prejudiciaes, desta forma restabelecendo o equilibrio social, condição indispensavel da ordem e do progresso, que todos nós devemos aspirar.

A experiencia feita entre nós, até aqui, com relação ao credito agricola, habilita-nos ás seguintes conclusões:

1.^a — Que as tentativas feitas têm sido em geral timidias, intermitentes o sem o devido cunho de perseverança;

2.^a — Que balanceados os encargos assumidos pelos Poderes Publicos com o que lhes forneceu em rendas a lavoura, ha um grande saldo a favor desta, até aqui a principal classe ou a unica verdadeiramente productiva no paiz;

3.^a — Quo o insucesso das instituições de credito agricola ontre nós provém de que, em uma questão de

caracter em absoluto concreto, procuramos adstringir-nos a principio economias rigorosamente theoreticas, pretendendo applicar, com exactidão mathematica, ao nosso paiz, axiomas e regras que entre outros pôdem ter toda exequibilidade mas que a nós não se ajustam;

4.ª — Quo aquillo que tem sido emprestado á lavoura propriamente dita ha aproveitado á industria agricola e ao crescimento das fortunas publica e particular, sem prejuizos.

O futuro do Brasil devo resultar incontrastavelmente da sua industria agricola: e assim sendo a nós se nos affigura inqualificavel quo os estadistas patrios não lhe tivessem assegurado meios legaes indispensaveis ao natural descortino, no bom sentido de garantir as riquezas publica e particular contra as adversidades cyclicas a que sempre estão sujeitos, quanto o nosso, os paizes incipientes.

Cabem ao Governo actual e ao Congresso Nacional as responsabilidades o a grande gloria de resolverem tão alevantadas aspirações nacionaes. — (Padua Rezendo — *Jornal do Commercio*, Rio).

TRANSFORMAÇÕES DO CAPTIVEIRO

Tendo abolido a escravidão na ordem juridica — a forma da escravidão iniqua e artificiosa, quo só deriva da lei — os homens bradaram com altivez: Somos todos livres. Na realidade nem somos livres, ao menos, de querer ou deixar de querer, vivendo tyrannizados pelo determinismo do meio cosmico, do meio physiologico, do meio social, cujas influencias nos governam as proprias volições como senhores omnipotentes. Cada sêr humano é absolutamente um automato, indo e vindo, querendo e não querendo, por determinação de forças ineluctaveis.

A fatalidade economica e social do captiveiro não se afigura menos positiva o quando nos falam hoje do escravidão, como de um instituto quo desapareceu no curso da historia, certamente pensamos num aspecto

quo se transforma sob os nossos olhos.

Uma onda do barbaria desfez o mundo antigo, mas a terra implacavel reteve o seu escravo, mudado em servo da gleba, que os barões feudaes, simultaneamente, opprimiam e tutelavam. Posteriormente, emancipado juridicamente o servo da gleba, logo recahiu na servidão operaria por effeito immediato e virtude imperiosa das leis chrematisticas: ao captiveiro americano dos negros, por outro lado, succedera tambem o dos brancos, flagellados pelo tremendo açoite do caudilhismo.

Economicamente, pois, não vereis senão o trabalhador escravo do mais rico e do mais forte na Grecia ou em Roma, nos castellos da idade média, sob a colonisação americana, sob o regimen bellico-oindustrial dos nossos dias. Falaes do captiveiro em Babylonia, o quantos milhões de escravos tem Rockefeller, para ello suando e por elle soffrendo, quo vão acabar triturados, esmoldos na complexa engrenagem dos seus capitaes!

A's transformações do captiveiro economico vem reunir-se a do captiveiro sexual. Em Babylonia as escravas nuas dansavam nos festins para deleite dos convivas; os mercados orientaes de mulheres abasteciam periodicamente os serralhos; a Andaluzia creava as suas filhas, ainda no seculo XIII, para a escravidão nos harens do mouro invasor; e a Venus berbere comprada na ilha de S. Thiago, a peso de ouro, foi a tenebrosa Venus do Brasil colonia.

Ora, o trafico das brancas veiu actualisar essa instituição primitiva, mas permanente, que é o acto da compra o venda da mulher, entro os homens avidos do lucro e do goso na sociedade moderna, como nas feiras em que os vendedores expunham, a preço fixo, georginas e armenias, syrias e nubias entontecedoras.

O captiveiro politico, isso, é o thema forçoso de quantos jornaes independentes circulam no Brasil. Para certos mandatarios dos senhores locaes o mandato significa, exactamente, abolição de todo o querer e

de todo o pensar: na propria liberdade não vêm elles senão o grande mal, inimigo do seu conforto o da sua cadeira. Refreiam a palavra, educam o sorriso, professam o mutismo. Sem o convívio intimo dessa variedade social, não pôde imaginar um homem até onde vae, espontaneamente, a despersonalização humana, a sombria metamorphose animica da pessoa em coisa — essencia juridica do instituto servil, equiparando as almas aos troncos e ás pedras. Em seres inarticulados e acephalos transmuda o captivo politico esses individuos gelatinosos, e os rebeldes lembram apenas escravos fugidos ao eito.

Não menos triste é o captivo dos intellectuaes no Brasil, onde rareiam escribas e leitores emancipados, de modo que vinte citações acompanham, tyrannicamente, a formula de uma verdade elementar, basica, definitiva, em direito ou agromonia, em literatura ou medicina.

Vendo os homens assim escravizados na ordem cosmica e tantos delles na ordem social; vendo quo o primeiro gesto das multidoes, imperfeitos e atordoantes resumos da humanidade, é para buscar um senhor, e obedecer, comprehendi porque o immenso Aristoteles, na sua "Politica", definira a escravidão como facto da natureza.

O orgulho da especie, conforme Aristoteles, é produzir outros homens, que não seriam escravos mo-raes em condição alguma, e ainda sob os ferros do captivo permanecem livres, como Epieteto, ao dizer perante a força brutal: "Podes subjugar-me o corpo, não a alma." — (Celso Vieira — *O País*).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

O "TUMULO DA NATUREZA"

E' este o nome dado pelo famoso explorador polar Wrangel á parte nordeste da Siberia, territorio de fôrma triangular que fica entre o

rio Lena, no occidente, a cadeia dos montes Stanovoi, ao sul, e o Oceano Arctico, ao norte. Nome bem apropriado. Tres rios percorrem esta região, de oeste a leste: o Iana, o Indighirca, e o Lohyma. No inverno todos elles ficam cobertos de uma crosta de gelo da espessura de tres a quatro metros. A região é horri-velmente triste e monotona. Passados os montes Verchoianicos, o viajante encontra-se numa vasta planicio, quo desce para o Oceano Arctico. Primeiro, percorre uma zona ondulada de suaves collinas, cobertas de duas florestas de pinheiros, entre as quaes ha numerosos lagos e paúes. Mais ao norte, os bosques pouco a pouco vão rareando, vendo-se então planicies cortadas do lagos até as margens do Oceano Arctico. Essas planicies são chamadas "tundras". De maio a setembro, cessa todo movimento nessas solidões.

O frio ultrapassa tudo quanto podemos imaginar. A' margem do rio Iana ha uma aldeia — Verchoiansk, que é considerada como o logar mais frio do mundo. No mais forte do inverno, o thermometro desce a sessenta gráus abaixo de zero.

A temperatura media em Janeiro, que é o mez mais frio do anno, é do — 50°. Com essa temperatura, a respiração torna-se difficil. Parece que o frio intenso supprime todo o movimento e toda vida. Um silencio profundo e pavoroso domina a região. As rennas retiram-se para o fundo das florestas, e ahi permanecem immoveis, como privadas do vida...

Nada se pôde imaginar mais con-frangedor do que percorrer essa região no inverno. Envolto em pelles que pesam dez ou doze kilos, o viajante, se está a cavallo, não pôdo quasi mover-se.

Os unicos seres vivos que se encontram, além da renna, são o corvo, a coruja polar e, nas zonas de florestas, o lobo, cujo ulular resôa lugubrememente, á noite, através das florestas densas.

Não é apenas pelo silencio atterrorisador e pela immensa melancolia da região, quo o nordeste da Siberia

merece o nome de "Tumulo da Natureza". E' tambem por ser um cemiterio de enormes animaes prehistoricos: elephantes, mamuths, rhinocerontes, bufalos.

Por toda a parte ao longo dos rios, nas planicies, nas collinas, a poucos metros da superficie do solo, encontram-se crancos, ossos, dentes, desses animaes. Por vezes encontram-se collinas de gelo, em cujo interior ha enorme quantidade de restos de grandes animaes prehistoricos.

Evidentemente, elles foram mortos em bandos numerosos. A mesma coisa se vê tambem nas ilhas ao norte da Siberia.

Os navegantes que se arriscam até aquelles mares desertos, vêm por vezes emergir, no alto de uma montanha de gelo, o esqueleto de algum monstro antidiluviano, que o degelo liberta do seu tumulo secular. Coisa mais estranha ainda é ver-se, com o degelo, apparecer á luz do sol corpos inteiros de mamuths, perfeitamente conservados, com a sua carne e com as suas pelles. O estado de conservação é tão perfeito, que os lobos devoram as carnes daquelles animaes sepultados ha milhares e milhares de annos...

Muita gente pensa que a Siberia tem um bello futuro, graças ás suas riquezas mineraes e á fertilidade do seu solo. Isso, porém, só pôde referir-se á Siberia meridional. Na zona septentrional o homem não pôde penetrar senão pelo inverno, quando o terreno paludoso se cobre de gelo. A neve não desaparece senão em junho, e muitos rios ficam gelados até agosto. E' verdadeiramente a região do gelo. Como disse Wrangel, aqui "a natureza permanece imantada por um inverno quasi eterno. A vida não ó outra coisa senão uma luta continua contra as privações e contra o pavor do frio e da fome. Que é que poderia fazer com quo os seres humanos deixassem terras mais favorecidas, por isso tumulo da Natureza que não contém senão os ossos de um mundo morto?" — (D. Gath Whitley — *Chambers's Journal*).

SCIENCIAS E ARTES

O FIM DO MUNDO

Num interessante trabalho publicado nestes ultimos mezes, o astronomo Puiseaux expõe uma nova theoria do "Futuro dos planetas".

Os geologos e os astronomicos do seculo passado queriam negar a possibilidade de um inesperado fim do mundo. Todavia, as observações realisadas recentemente sobre as estrellas não permittem pôr mais em duvida que se verificam alterações e cataclysmos em alguns corpos celestes. E como o Sol é uma estrella semelhante ás outras, claro é que os mesmos phenomenos observados naquelles astros longinquos poderiam produzir-se tambem no nosso systema.

Varias são as explicações dadas até aqui para o calor e a luz solar. Falou-se de reacções chimicas e movimentos internos da massa; do choque de numerosos meteoritos que cáem sobre o sol; e admittiu-se mesmo a possibilidade de que o proprio sol se contraia, desenvolvendo assim a energia que irradia. Mas, segundo um recente estudo de Innes, a tendencia actual do sol não seria a de contrahir-se, mas a de dilatar-se, e isto não sómente sob a influencia de uma elevadissima temperatura, mas sob a acção de uma pressão oxcossiva. "Esta força que opera no sol, diz o sr. Puiseaux, não produziu ainda todos os seus efeitos e pôdo muito bem reservar-nos ainda qualquer surpresa formidavel."

Em confronto com as estrellas, pouco numerosas, á dizer a verdade, — das quaes se conhecem approximadamente a massa e a densidade, o sol constituo uma especie de excepção, visto como das observações feitas so conclue que uma grande massa e uma grande densidade não são compatíveis entre si. "Por isso, o sol dá a suspeita de se achar em condições instaveis: ser assim como uma pessoa anormal, affectada de um vicio organico, o do um momento para outro pode dar logar a crises menos inoffensivas do que as que

produzem os raios coronas, as protuberancias e as manchas."

E eis-nos de novo deante da visão temivel de um fim violento do mundo: a explosão do sol e talvez tambem dos planetas! Todo o nosso systema planetario poderá, de um momento para outro, ser destruido por essas tremendas explosões, á semelhança do que succede numa estrella que passa bruceamente para o estado de nebulosa.

OS MICROBIOS E A TEMPERATURA

Crê-se geralmente que o abaixamento da temperatura tenha por effeito destruir os microbios ou paralisar a sua actividade normal. E' por isto, segundo a opinião corrente, que as epidemias são menos temiveis no inverno do que no verão.

Mas, se é exacto que uma temperatura elevada é necessaria ao desenvolvimento dos microbios, não o é menos que estes são dotados de uma grande resistencia aos abaixamentos de temperatura. E com effeito, por occasião dos grandes frios, a agua pode conter uma quantidade de micro-organismos superior á que contém no verão.

Essa differença foi estudada pelo cientista francez Ruediger num rio muito sensivel ás mudanças da temperatura. Desse modo foi possível constatar, com analyses bacteriologicas de aguas estraidas a mais de 100 kilometros do ponto em que foi feita a contaminação com aguas de esgotos, que naquellas se encontram cinco ou seis vezes mais de microbios durante o inverno do que durante a estação quente. Foram feitas, depois, constatações semelhantes, ácerca do bacillo do typho, muito mais abundante sob o gelo durante o inverno, do que nas aguas livres durante o verão, no mesmo ponto. Póde-se argumentar que a razão disso se deve á acção microbicida dos raios solares, a qual não se manifesta mais a partir do fim do outomno. Em todo caso, estes factos bastam a explicar as epidemias invernaes do typho, que irrompem ás vezes em regiões

onde as aguas de uso domestico não são filtradas durante os mezes em que a temperatura é mais fria. De tudo isto, a conclusão a tirar-se é esta: que é preciso ser prudente, tanto no inverno, como no verão, com relação ás aguas. — X.

VARIEDADES

COMO SE TEM JULGADO A DANÇA

Regista-se, em nossos dias, uma doença nova. Naturalmente, uma doença da moda e sob a forma de febre: o *tango*. Muitos dos leitores não terão delle idéa mais nitida nem poderão fazer dello juizo differente do expresso pelas duquezas de Norfolk o Bedford e outros modelos do bom-tom inglez, quando sobre o grave problema as inquiriu importante jornal de modas londrino. Não! ellas, essas damas de *austera* elegancia e pesados titulos, não podiam acceitar a dança exotica. A maioria dellas, em verdade, ajuntou á sentença não haver jamais dançado ou visto dançar o tango. Nem lhe desejavam fazer o conhecimento... Não é temeroso suppor que, para muitos, a repugnancia provem mais da expressão do que do facto. Porque tango — de *tango, tetigi, tactum* — tem, na Politica Sexual e na Medicina, significação assaz peculiar. Ante o fracasso da inquirição, julgou-se de conveniencia submitter o *tango* a um tribunal ecclesiastico, composto de quanto possuia o clero de mais elevado. Os bispos de Londres, porém, recusaram-se conhecer do caso, segundo informa o "*B. T.*". Não foram á exhibição, para tal fim promovida, sob pretexto de desinteresse. Então, nasceu a idéa do plebiscito. A sessão se realisou no *Queen Theatre*. Casa excellente. As danças argentinas e brasileiras foram acompanhadas com a mais religiosa attenção. Ao fim do espectáculo, votos. Pro *tango* foram 731 dos espectadores; contra elle, accusando-o de immoral, apenas 21. Do uma segunda votação, nada resultou em desabono do *tango*: 699 votos,

contra 18, affirmaram a compatibilidade delle com a moral ingleza... Na França, foi tambem o tango uma pergunta do dia. O *Wiener Illustr. Extrablatt* de 21 de janeiro de 1914 noticia, a respeito, num artigo intitulado — “Como os tempos mudam”, — haver o Arcebispo de Paris condemnado o tango, emquanto recommendava fervorosamente, aos seus diocesanos, se contentassem com a valsa. O tango e mais danças, que não as figuradas e a valsa, eram, para o prelado de Paris, peccaminosas e immoraes. Como os tempos mudam! Agora mesmo, reproduz um jornal do Paris um artigo da revista “Fleur de Lys”, numero de 4 de Junho de 1824, para mostrar que contra a valsa, foi, em tempo, levantada egual objurgatoria. O artigo reproduzido tinha titulo expressivo — “Lamentavel falta do decencia” — e dizia, textualmente, da valsa:

“Uma dança conhecida pelo nome de “Walzer” ou “Valse”, originaria da Allemanha, conseguiu, não ha duvida, conquistar o favor quasi geral da mais alta sociedade de Paris. Em muitos dos ultimos bailes, sem exceptuar os da aristocracia, não se peçaram damas christãs, o até mães de familia, de dançar a dita valsa, entregues aos braços de cavalheiros que eram, de todo em todo, estranhos. E os maridos tiveram que ver as esposas queridas e respeitadas, em volteios livres, impudicos, com homens desconhecidos dellas. Não nos atrevemos a descrever esta dança; constatamos, apenas, e com tristeza, quo ella tem sido, com especial carinho, acolhida pelos homens e, especialmente, pelas mulheres que deviam ser, para o povo, exemplo de decencia e virtude. Felizmente, já devem os parochos ter recebido a incumbencia de amaldiçoar de seus pulpitos esta “Valse”, quo perturba os espiritos, abala os corações e envolena as almas.”

Ao examinar questão de tanta importancia, é, talvez, de interesse sa-

ber-se como sobre ellas pensaram nossos avós. Nos “*Pensamentos escolhidos sobre varios assumptos de Moral e Politica*” — de J. J. Rousseau, cuja primeira traducção alleman data de 1764, partilha o grande philosopho parecer mais terreno e agradável que os acima citados. Elle não sabe “por que motivo se diz mal da dança e da sociedade que ella occasiona” e extranha mesmo “so considere o dançar peccado mais grave que o canto.” “O aconhego, em presença de tantos, de duas pessoas de sexos diferentes é, forçosamente, um passa tempo innocente, por isso mesmo que publico; a mais piedosa occupação a dois pode ter, entretanto, character mais duvidoso, quando ao abrigo de vistas curiosas.” Além disso, vê o philosopho, da dança, um meio de que se servem a Natureza e a Sociedade para despertar e appropiar sympathias latentes e dispersas. “Será isso um crime?”... Sentença contraria é a de J. H. Gottlob, nos “*Escriptos Satyricos*”, apparecidos em 1760. Todas as suas duvidas se apoiam sempre nesta pergunta: porque é, na dança actual, fundamental o requisito da differença de sexos? qual a razão por que deve ser cada pessoa de sexo differente? Não padece duvida que os meneios e o aconhego desenvolvem, de certo modo, desejos de outra posse, porque o calor do organismo augmenta, a circulaçao se torna celere, são mais vivazes as manifestações de vida. A dança já manifesta, por si só uma inclinação, um desejo reciproco: o de ser agradável ao parceiro. Ha, indubitavelmente, almas que so conservam impassiveis no torvelino de uma dança; mas, para essas, a indifferença é a norma geral de vida... Certo, dançar faz bem ao organismo, dá ás formas aprumo gracioso e, aos movimentos, harmonia. Mas, porque é que se não formam os pares de pessoas do mesmo sexo? — (Dr. Hans Schneickort. — *Sexual Probleme*, Berlim).

SOCIEDADE ANONYMA

“REVISTA DO BRASIL”

Em obediencia ao art. 18 dos Estatutos, foram convocados os srs. accionistas da Sociedade Anonyma *Revista do Brasil* para a primeira assembléa geral, que se realisou no dia 30 de Março ultimo.

Nessa Assembléa foram tomadas varias deliberações como se vê da acta que aqui se reproduz:

“Aos trinta dias do mez de Março do anno de 1916, ás vinte horas, presentes numa das salas do prédio em que funciona a redacção do jornal “O Estado de S. Paulo” accionistas da Sociedade Anonyma *Revista do Brasil*, em numero legal, conforme consta do livro de presença, o Sr. Dr. Ricardo Severo, presidente da Directoria, declara aberta a sessão, convidando em seguida os srs. accionistas a elegerem o presidente effectivo da assembléa.

Por indicação do sr. Nestor Rangel Pestana é eleito por aclamação para presidir a reunião o mesmo Sr. Dr. Ricardo Severo, que convida para secretario o Sr. Dr. Florivaldo Linhares.

Entrando-se na ordem do dia, o sr. Presidente procede á leitura do relatorio e contas apresentados pela Directoria, assim como parecer do Conselho Fiscal, relativo a ditos documentos, concluindo pela approvação das contas e actos praticados pela Directoria. Postos em discussão o relatorio e contas da Directoria,

assim como o parecer do Conselho Fiscal e ninguem pedindo a palavra, procede-se á votação, sendo unanimemente approvados. Abstiveram-se de votar os srs. membros da Directoria e do Conselho Fiscal.

Em seguida o sr. Presidente declara, de accôrdo com o redactor-chefe da *Revista do Brasil*, que para a boa marcha dos negocios da Revista, se torna necessario o preenchimento do cargo de Redactor-Secretario, previsto nos Estatutos, propondo a escolha do Sr. Dr. José Martins Pinheiro Junior, que já vem prestando os melhores serviços á publicação, desde o seu inicio, e que acumulará tambem as funcções de gerente. Submettida a proposta á consideração da casa, é ella unanimemente approvada sem discussão.

Pede a palavra em seguida o Sr. Dr. José Martins Pinheiro Junior e, agradecendo a indicação do seu nome para Secretario-Gerente da *Revista do Brasil*, renuncia por esse motivo o cargo de Director-Thesoureiro da Sociedade Anonyma *Revista do Brasil*, para o qual tinha sido eleito na assembléa constituinte da Sociedade.

O Sr. Presidente, tendo em vista a vaga aberta na Directoria com a renuncia feita pelo Dr. José Martins Pinheiro Junior, declara que vai se proceder á eleição do substituto le-

gal. Pede a palavra o sr. Amadeu Amaral e propõe que seja eleito por aclamação o accionista Dr. Luiz Wanderley. Consultada a casa é a proposta unanimemente approvada, sem debate, sendo o referido Sr. accionista proclamado Director da Sociedade Anonyma *Revista do Brasil*.

O Sr. Dr. Plinio Barreto, redactor-chefe da Revista, expõe em seguida as relações que tem estabelecido com os melhores escriptores do paiz a proposito da collaboração, tendo encontrado até agora da parte de todos a mais franca sympathia e o auxilio mais efficaz. Do ponto de vista da

collaboração S. S. declarou que encara sem receio o futuro da Revista.

Nada mais havendo a tratar e ninguém mais pedindo a palavra, o sr. Presidente da Assembléa suspende a sessão por alguns minutos afim de ser lavrada a presente acta. Reaberta a sessão, foi a acta lida e unanimamente approvada, sem debate, tendo ficado a mesa autorizada a assignal-a, mediante proposta do Dr. Roberto Moreira, unanimemente approvada. O Sr. Presidente, agradecendo aos srs. accionistas a honra de ter sido eleito para presidir a reunião, declarou em seguida encerrada a sessão."



AS CARICATURAS DO MEZ



O EQUILIBRIO DIFÍCIL

A Artista — Si essas ligas continuam a me apertar as pernas, eu vou ao chão.

(“Carefa” — J. Carlos)



A canção desejada na Europa: — “Oublions le passé...”

(“Correio Paulistano” — Raul)



- Creio que se enganou na porta.
 — E' aqui mesmo; é a Academia de Letras que procuro... Como morre um
 immortal por mez...
 ("Correio Paulistano" — Raul)



A CONFERENCIA DE PARIS
 Gullherme (espiando pelo buraco da fechadura) — Agora sim, é que estamos
 fritos !!
 ("Il Pasquino" — Voltolino)

SUMMARIO do 1.º numero

(25 de janeiro de 1916)

REDACÇÃO	Revista do Brasil.
PEDRO LESSA, da Academia Brasileira	O preconceito das reformas constitucioaes.
ADOLPHO PINTO.	O centenário da Iodepedecia.
L. P. BARRETTO	O último passo da cirurgia.
ALBERTO DE OLIVEIRA, da Ac. Bras.	A rima e o rythmo.
AMADEU AMARAL	O elogio da mediocridade.
VALDOMIRO SILVEIRA	Desespero de amor.
JOSÉ VERISSIMO, da Acad. Brasileira.	O modernismo.
VICTOR DA SILVA FREIRE	Factos e idéas.

RESENHA DO MEZ — O código Civil Brasileiro, P. B. — *Movimento Literario*: — Lendas e tradições — Machado de Assis. — *Bellas Artes*: — Pintura e esculptura, P. — *Revistas e Jornaes*: — As Revistas no Brasil; (A Semana) a nossa situação internacional. — As Revistas nos Estados Unidos. — Solidariedade commercial e de instituições das republicas do hemispherio occidental. — A alimentação das crianças nas escolas. — Guerra ao alcool. — Os literatos italianos e a guerra. — O organisador da «striplieententes». — As mulheres japonezas e a politica. — Aphorismos. — As mentiras da «crélame», *Collaboradores da Revista do Brasil*. — *Sciencias e Artes*: — O telephone sem fios. — Automoveis amphibios. — A acustica das salas. — As cidades-jardins, X. — As caricaturas do mez (seis caricaturas reproduzidas).

2.º numero

(25 de fevereiro de 1916)

MARIO DE ALENCAR, da Acad. Bras.	José Verissimo.
CARLOS DE CARVALHO.	Economia e floação de S. Paulo.
PAULO R. PESTANA	A expaensão da lavoura cafeeira de S. Paolo.
AMADEU AMARAL	O Brasil, terra de poetas.
VEIGA MIRANDA.	O Margarida (novella).
ARMANDO PRADO	Fraocisco Adolpho de Varohageo.
E. ROQUETTE PINTO, do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro	Um Informaote do Imperador Pedro II.
FLORIVALDO LINHARES	O "apriori" oa theoría criticista.
PLINIO BARRETO	Eduardo Prado e seus amigos (eartas ineditas).

RESENHA DO MEZ — Monologo, *Yorick*. — José Verissimo. — A «Atlantida», R. S. — Nacionalisação da arte, R. — Pintura, N. — Musica, F. — *Bibliographia*: — O Barão de Paranapiacaba — Victoriano dos Anjos — Questão orthographica — A embaixada brasileira em Portugal — As origens e o principio da carreira de Lloyd George — Guerrini-Steacchetti — Recordações de Verlaine — Rémy de Gourmont — Orientação social dos estudos universitarios — O direito e a psychologia — Os progressos da electrificação dos caminhos de ferro, L. — As propriedades therapeuticas do sapo — Como se deve estudar — A reconstituição das florestas — Odores nmanos — As caricaturas do mez (seis caricaturas reproduzidas).

3.º numero

(25 de março de 1916)

AUGUSTO DE LIMA, da Acad. Brasileira	Affonso Arinos.
AURELIO PIRES	Recordando . . .
PAULO R. PESTANA	A expaensão da lavoura cafeeira de S. Paulo (com illustrações).
MARIO PINTO SERVA.	A orgaolsação do melo circulaote.
ALBERTO DE OLIVEIRA, da Ae. Bras.	A rima e o rythmo.
AMADEU AMARAL	A palmeira e o rato.
MONTEIRO LOBATO	A vlogaoca da peroba.
OCTAVIO AUGUSTO	Nos dominios de Beethoveo.
VICTOR DA SILVA FREIRE	1815-1915.

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorick* — Affonso Arinos, *Redacção* — Affonso Arinos (soneto), *Arduino Bolivar* — As Academias de Portugal, R. S. — Eduardo Prado, P. — Pintura, N. — Musica, F. — Visconde de Porto Seguro — Cidades mortas — Aspectos do Norte — Carmen Sylva — A mestiçagem das raças na America — As mutuas escolares na Italia — Consequencias da guerra — Selvagens e civilisados — As explosões e o systema nervoso — Os metaes da guerra — Os diarios de Tolstoi — Gæthe nas trincheiras. — As caricaturas do mez (tres caricaturas reproduzidas). — Retratos: Affonso Arinos e Lucilio de Albuquerque, por *Wash Rodriques*. — Gravuras fóra do texto: «Mãe preta», quadro de *Lucilio de Albuquerque*. — Fazendas do Estado de S. Paulo (oito gravuras).

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Aítoa da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escritório de advocacia e comercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escritório: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE, ALFREDO BAUER e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travesa da Sé, 6. Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escritório de advocacia e comercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escritório á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escritório: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residência: Av. Angélica, 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. Ex-chefe de clinica cirurgica na Universidade de Genebra, assistente dos Hospitales de Berna e Genebra. — Rua Libero Badaró, 181. Teleph. 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Consult.: Rua Quintino Boayuva, 4 (esq. R. Direita). Resid.: Rua Albuquerque Lins, 92. Telephone 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças. — Resid.: Rua da Consolação, 62. — Consultorio: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. Tratamento das urethrites chronicas, pelos methodos mais aperfeiçoados. Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Teleph. 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officiaes — Escritório: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Comercio, 5 — Teleph. 323 — Resid.: Rua Albuquerque Lins, 58. Telephone 633.

CORRETOR OFFICIAL—JAYME PINTO NOVAES — Rua S. Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738—Compra e venda de aplices do Estado, Ações das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc., etc.—Rua S. Bento, 57 (baixos).

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA—Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Despachos nas alfandegas do Rio e Santos — Consignatarios e agentes de vapores e veleiros — Estivadores — Representações e comissões em geral — Agentes de companhias de seguros.—Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107. — Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, Telegrammas: "Belli".

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architeeto — Rua 13 de Novembro, 36-A.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA—Donato Plastino — Emprega só fazendas estrangeiras — Rua do Thesouro, 3 (1.º andar) — S. Paulo.

INDUSTRIAS E IMPORTADORES:

C. MANDERBACH & COMP. — Papelaria, typographia, encadernação. Artigos para escriptorio, pintura, desenho e engenharia. Utensilios para typographia, encadernação, pautação e este-reotypia. — Telephone 792 — Caixa 545 — Rua S. Bento, 31. — S. Paulo.

A INTERNACIONAL — Grande Fabrica de Malas e Canastras — Variado sortimento de malas de couro, iona e zinco — Malas para cabina, de mão e boisinhas. — Saceos de roupa suja, cadeiras e mais artigos de viagem. — Officina para concertos. — Domingos Macigrande. — Rua São João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, eadtelas de casás de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo — A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

Molho Aromatico Brasileiro

O melhor estimulante da digestão. Aroma delicioso e sabor agradabilissimo. Indispensavel ás pessoas de bom paladar.

Preparado por **J. Thomaz de Aquino**

PREÇO 2\$000 - REZENDE - Estado do RIO

Depositos:

S. Paulo: - I. DIEGO & Co. - Av. Rangel Pestana, 6

Rio: · M. J. CARNEIRO JUNIOR · R. dos Andradas, 19

COMP. NACIONAL

DE TECIDOS DE JUTA

Fiação e Tecelagem

Fabrica SANT'ANNA

Aniagens - Saccaria - Lona branca - Tapetes

Lona de cores para colchão etc.

Fios de Juta simples ou torcidos

de qualquer grossura ■ ■

Escriptorio :

RUA ALVARES PENTEADO N. 24

TELEPHONE N. 872

CAIXA POSTAL N. 342

Telegrammas : JUTA S. Paulo

CODIGOS

Particular

Ribeiro

A. B. C. 4.^a e 5.^a edição

A. I.

■ ■

SÃO PAULO

■ ■

BEBAM

WHISKY DEWAR
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e.

AGUA MINERAL

Perrier

O
INIMIGO DO
ACIDO URICO



A
CHAMPAGNE DAS
AGUAS DE MESA

“WHITE LABEL” and “PERRIER”

AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

Grande Fabrica de Bilhares TACO de OURO :: JANUARIO PIRILLO

Importação e exportação de artigos para bilhares - Tornearia. Tapeçaria e Movels

Pintam-se pannos para todos os jogos, sendo todas as encomendas, tanto da Capital como de Interior executadas com a maior presteza

TORNEIAM-SE BOLAS COM PERFEIÇÃO

Jogos de bolas, tabelas de borracha de diversas qualidades, pannos, solias, marlins, giz branco e azul, tacos de varios feltios, escovas, cãua especial em vidros tintas para tingir bolas, etc., etc., sendo todos os artigos de primeira qualidade.

Artigos para todos os jogos, como sejam : Roletas, tableau de roletas, tableau de baccarat, mesas para jogos carteados, fichas, bolinhas para roletas

Largo General Osorio, 29 :: S. PAULO :: Telephone, 3799

CASA DUCHEN Grandes Armazens
de Alimentação ==

ENORME SORTIMENTO DE VINHOS

Em Quartoias e por dozias. :: Grande Variedade em

LICORES FINISSIMOS

Nacionaes e estrangeiros ::

Não deixem de comprar uma **Lamparina Ideal**

Última novidade; pratica, economica e hygienica :: ::

RUA DE SÃO BENTO, 76

Telephone, 429

SUCCURSAL DA

Premiada Escola Moderna de Corte

Para Alfaiates e Costureiras

DO PROF. **ROCCO ALDI** DE TURIM,

DIRIGIDA PELO PROF. **FRANCISCO BORELLI**

Ensino especial de tirar medida para reconhecer as conformações defeituosas :: Executam-se moldes sob medida :: Estatuto e Regulamento gratis a quem pedir

Rua S. João, 83-A

S. PAULO

Caixa Postal, 1112

Grande Fabrica de COFRES e Officina Mechanica

Premiada com Grand Prix nas Exposições : Nacional, 1908 — Milano, 1912 e 1913, — Gran Premio e Medalhas de Ouro

VITTORIO GARIBALDI

Patente privilegiada N. 5222

Fazem-se chaves difficeis e qualquer trabalho pertencente a esta arte

Travessa do Seminario, 10 - 12 :: Telephone, 2412

SÃO PAULO

F. BULCÃO & C.

CASA MATRIZ:

RIO DE JANEIRO - Avenida Rio Branco N. 20

CASA FILIAL:

S. PAULO - Rua Florencio de Abreu N. 58

OFFICINAS:

Jundiahy

Fabricantes e importadores de Machinas para Industrias e Lavoura

ESPECIALIDADES DA NOSSA FABRICAÇÃO:

Machinas completas para café, canna, mandioca, arroz, milho, madeiras, torradores de café de diversas capacidades

Além das machinas de beneficiar café, fabricamos tambem machinismos para capacidade de 300 até mil arrobas de café beneficiado por dia. -- Tendo os srs. agricultores reconhecido a superioridade de nossas machinas separadas ou conjugadas de beneficiar café e outras sobre as demais combinações que por ahi appareceram, excusado será recommendarmos aos srs. interessados os machinismos de nossos vastos ramos industriaes e commerciaes. :-:

F. Bulcão & C.-Casa Arens

OFFICINA DE CALDEIREIRO

DE

Virgilio Antonio de Brito

CASA FUNDADA HA MAIS DE 100 ANOS

Unica em S. Paulo em condições de satisfazer qualquer encomenda, pois achando-se reorganizada novamente, possui pessoal habilitado e está sua direção a cargo do proprietario, com mais de 35 annos de pratica. — Trabalho garantido por 10 e 15 annos e egnaes aos melhores Importados da Allemanha e da França. — Tem sempre completo sortimento de Obras em Alambiques de qualquer systema. — Rectificadores para adaptar em qualquer Alambique com augmento de 50 oio alem de seu producto de sua propriedade.

PRIVILEGIADO POR PATENTE N. 2612 DE 16 DEZEMBRO DE 1896

Caldeiras para assucar, a fogo nú e a vapor - Ditas para cerveja e para tinturaria
Taxos e taxas de cobre e outros artigos deste ramo de negocio

Compra cobre e metaes velhos

Rua Ribeiro de Lima, 53 - Telephone, 40 - SÃO PAULO

O CELEBRE FITZ GERALDO

Dirige pessoalmente todos os nossos trabalhos artisticos, sendo isso o bastante para ficarem certos de que os nossos trabalhos são todos de primeira classe. - Por isso façam tirar os seus retratos pelo primeiro artista do mundo no atelier da

American Photo-art Co.

Rua 15 de Novembro, 27 e Rua da Quitanda, 2- (3º and.)

Altos da CASA MICHEL

SÃO PAULO



Grand Hôtel de la Rôtisserie Sportsman

R. S. Bento, 16 - Telephone, 2795 - Caixa Postal, 571 - **SÃO PAULO**

CASA MENDES

Vidros para vidraças
Quadros-oleographias
Espelhos e papéis pintados

A. MENDES

Telephone, 2389 - Rua de São Bento, 28-B
— SÃO PAULO —

JOÃO DIERBERGER
— FLORICULTURA

|||
SÃO PAULO
|||

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511

ESTABELECIMENTO DE 1.ª ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

LOTERIA DE S. PAULO

em 11 de Maio

NOVO PLANO ◆◆◆ 100 CONTOS

— Em dois grandes Premios de —

50:000\$000

— cada um —

O bilhete inteiro custa apenas 2\$000 á venda
em toda a parte

≡ Da grande pianista
Guiomar Novaes

ao sr.

Estevam Lucchesi
afinador de pianos:

Ilmo. Sr. Estevam Lucchesi.

Saudações.

Comunicação-lhe que
fiquei muito satisfeita
com a afinação e concerto que
V.^o fez em meu piano,
portanto creio que os seus
trabalhos rivalisem aos
melhores profissionais que
denho conhecido na Europa
onde V.^o esteve se aperfei-
çoando.

Recomendo pois os
trabalhos da sua arte
a todos que desejarem
reformular e afinar seus
pianos.

Assigno-me com
apeto e considerações

Guiomar Novaes
S. Paulo 14. VI. 914

Alfaiataria Guarany

Manufatura especial de
roupas para homens e
meninos

Carlos Camara

importação directa de
Cazemiras Inglezas e
Francezas

RUA DO SEMINARIO N. 17
São Paulo

Pensão Mello Franco

Estabelecimento de primeira ordem. Exclu-
sivamente familiar. Recebe pensionistas
internos, externos e hospeda familias do
interior.

Preços Modicos

Diarias de 5\$ a 7\$

Fornece comida a domicilio

Avenida Luiz Antonio N. 59

Proximo ao Largo S. Francisco
(Centro da Cidade)

Telephone N. 5.240

GRANDE HOTEL



O hotel mais antigo e acreditado do centro da cidade
APOSENTOS VASTOS E LUXUOSOS

Ordem e moralidade absolutas - Serviço irreprehenível ==

Rua de S. Bento N. 49

Caixa Postal N. 49
Telephone N. 834

SÃO PAULO

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO



Vicente Lattuchella
Alfaiate

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Telegr. "DOSMAN"
Rua Boa Vista, 44 **SÃO PAULO**

CASA DODSWORTH

COSTA, CAMPOS & MALTA

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações Electricas, de Força e luz, Telephonica, Telegraphia, Usinas Hydro-Electricas. Material de alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores, Motores, Transformadores, Medidores, Telephones. Fios e Cabos, Isoladores, e Accessorios. Grande Deposito de Lampadas e material Electrico.

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

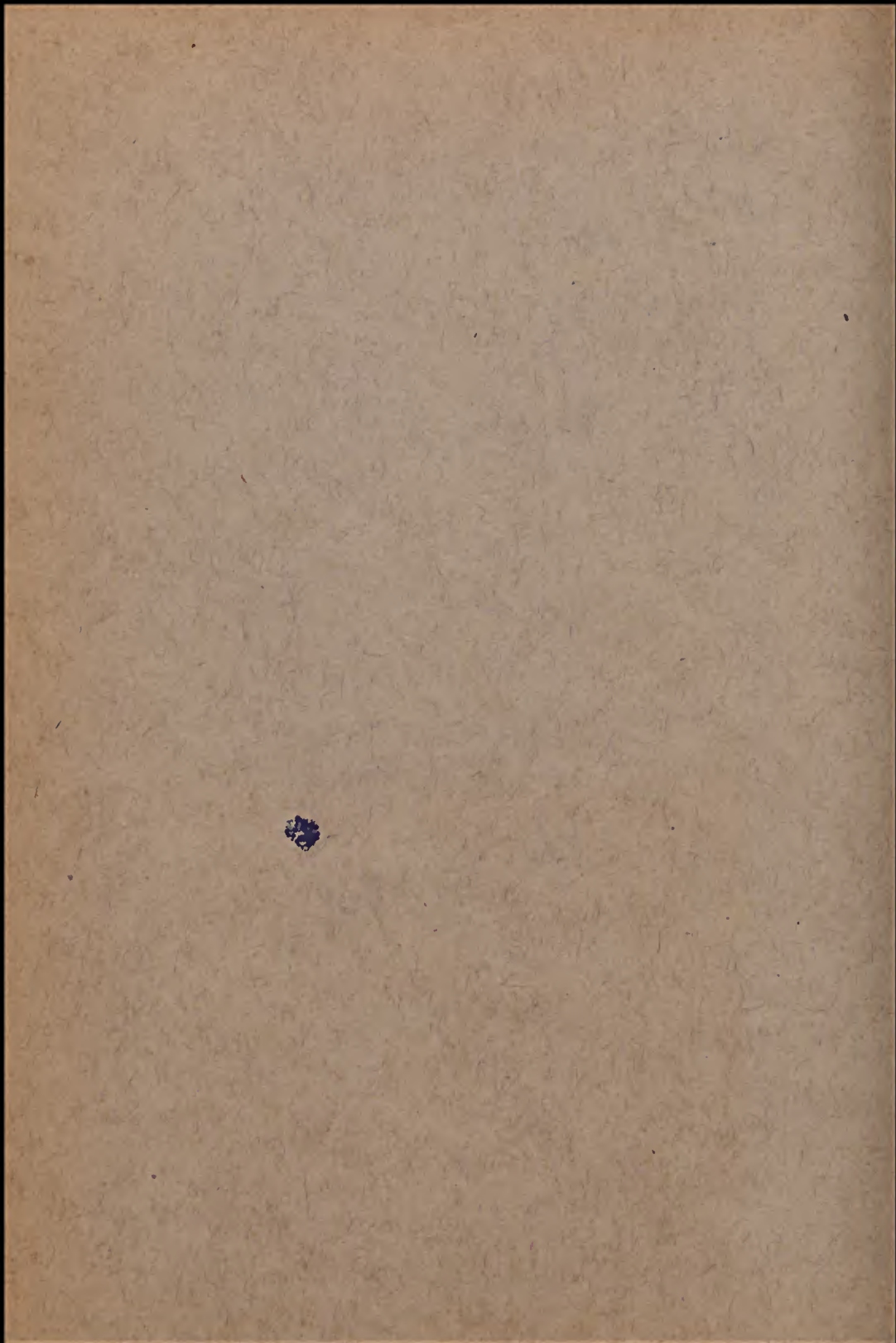
116, Rua da Alfandega

S. PAULO

47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE





Esta publicidade deve ser devolvida na
última data marcada

02 MAI 1989
23 MAI 1989
13 OUT 1989
31 OUT 1989
22 NOV 1989

ASC. **20284**

CURSO ANO	DEVOLUÇÃO	ANO1916	VOL. 1	N.º 1-4	CLASSIF. OR050
P.L.	02 MAI 1989				
P.L.	29-5-85				
P.L.	01-07-87				
P.L.	13-10-87				
P.L.	31-10-87				
P.L.	22-11-87				
P.L.	05 MAI 1990				
	15/07/91				
	30/9				

TOMBO: **20284**

INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA
E PSICOLOGIA DE ASSIS

BIBLIOTECA

PERIÓDICOS

ILHPA - Mod. SBD/62



